Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

FIFTH EDITION

BORN IN BLOOD AND FIRE

A Concise History of Latin America

JOHN CHARLES CHASTEEN

FIFTH EDITION

BORN IN BLOOD AND FIRE

A Concise History of Latin America

JOHN CHARLES CHASTEEN

Aviso do editor

Observe que esta versão do ebook não inclui acesso a quaisquer mídias ou materiais complementares impressos que são vendidos juntamente com o livro impresso.

BORN IN BLOOD & FIRE

Obras adicionais

Livros de John Charles Chasteen:

Depois do Éden: Uma Breve História do Mundo

Ficando chapado: a maconha na história mundial

Americanos: A luta da América Latina pela independência

Heróis a Cavalo: A Vida e a Época dos Últimos Caudilhos Gaúchos

Ritmos Nacionais, Raízes Africanas: A História Profunda da Dança Popular Latino-Americana

Traduções de John Charles Chasteen:

*O Alienista e Outras Histórias do Brasil do Século XIX*Por Joaquim Machado de Assis

*Juan Moreira: o verdadeiro crime na Argentina do século XIX*Por Eduardo Gutiérrez

*A História Contemporânea da América Latina*Por Tulio Halperín Donghi

*A Cidade das Letras*Por Angel Rama

O Mistério do Samba: Música Popular e Identidade Nacional no Brasil por Hermano Vianna

*Papai Noel: Um Romance da Cidade do México*Por Federico Gamboa

*O Vórtice: Um Romance*Por José Eustasio Rivera

BORN IN BLOOD & FIRE

FIFTH EDITION

A CONCISE HISTORY OF LATIN AMERICA

JOHN CHARLES CHASTEEN

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

W. W. NORTON & COMPANY
Celebrating a Century of Independent Publishing

Direitos autorais

A WW Norton & Company é independente desde sua fundação em 1923, quando William Warder Norton e Mary D. Herter Norton publicaram pela primeira vez palestras proferidas no People's Institute, a divisão de educação para adultos da Cooper Union, em Nova York. A empresa logo expandiu seu programa para além do Instituto, publicando livros de acadêmicos renomados dos Estados Unidos e do exterior. Em meados do século, os dois pilares principais do programa editorial da Norton — livros comerciais e livros didáticos universitários — já estavam firmemente estabelecidos. Na década de 1950, a família Norton transferiu o controle da empresa para seus funcionários e, hoje, com uma equipe de quinhentos e quinhentos títulos comerciais, universitários e profissionais publicados anualmente, a WW Norton & Company se destaca como a maior e mais antiga editora totalmente pertencente aos seus funcionários.

Direitos autorais © 2024, 2016, 2011, 2006, 2001 por WW Norton & Company, Inc.

Todos os direitos reservados

Editor: Jon Durbin

Assistente Editorial: Emma Freund

Editor do projeto: Michael Fauver

Gerente Sênior de Produção: Richard Bretan

Editor de mídia: Carson Russell

Assistente Editorial de Mídia: Clara Drimmer

Produtora sênior de e-books: Sophia Purut

Diretora de Design: Jillian Burr

Gerente de Marketing: Sarah England Bartley

Editora de Fotografia: Amla Sanghvi

Gerente de Permissões: Joshua Garvin

Composição: Mundo Gráfico

Mapas: Especialistas em Cartografia

ISBN: 978-1-324-06983-6

WW Norton & Company, Inc., 500 Fifth Avenue, Nova York, NY 10110

www.wwnorton.com

WW Norton & Company Ltd., 15 Carlisle Street, Londres W1D 3BS

Versão em ebook: 1.1-retailer

Dedicação

A Joseph S. Tulchin e Gilbert M. Joseph, que me moldaram como historiador.

CONTEÚDO

- MAPAS ... IX
- AGRADECIMENTOS ... XI
- LINHA DO TEMPO ... XII
- 1 BEM-VINDO À AMÉRICA LATINA ... 1
  - Não é a versão dos seus pais... 4
  - Pensamentos antigos sobre a América
- Latina... 12 2 ENCONTRO... 17
  - Padrões de Vida Indígena ... 18 Origens
  - de uma Mentalidade Cruzada ... 22 O
  - Contraexemplo Brasileiro ... 29 África e o
  - Tráfico de Escravos ... 34
  - A queda dos impérios asteca e inca ... 38 O
  - nascimento da América espanhola ... 43
  - *Contracorrentes:* Frei Bartolomé de Las Casas ... 50 3
- CAdinho COLONIAL ... 55
  - Economia Colonial ... 56
  - Um poder chamado hegemonia ... 63
  - Um processo chamado transculturação ...
  - 69 As margens da colonização ... 76
  - Transformações do final do período colonial ... 83
  - *Contracorrentes:* Rebeliões Coloniais ... 92 4
- INDEPENDÊNCIA ... 97
  - Revolução e Guerra na Europa ... 99
  - As rebeliões hispano-americanas começam, 1810–15 ... 103 A
  - estratégia vencedora dos patriotas: o nativismo ... 109
  - Vitórias patrióticas na América espanhola, 1815–25 ... 114
  - Revoluções inacabadas ... 117
  - *Contracorrentes:* O Olhar dos Forasteiros ... 124 5
- BLUES PÓS-COLONIAIS ... 129
  - Decepção Liberal ... 130
  - Política de clientelismo e liderança caudilha ... 134

    - O Caminho Diferente do Brasil ... 141 Continuidades na
    - Vida Cotidiana ... 145 *Contracorrentes:* O Poder dos
    - Forasteiros ... 158 6 PROGRESSO ... 163
-
    - Reforma Liberal do México ... 167
    - Outros países aderem à tendência liberal ... 173 Os
    - limites do progresso para as mulheres ... 176
    - Modelos de progresso ... 180
    - *Contracorrentes:* Guerras Internacionais ... 191
- UMA VIAGEM PELA AMÉRICA LATINA ... M-2 7
- NEOCOLONIALISMO ... 195
    - O Grande Boom das Exportações ... 196
    - Regime autoritário: oligarquias e ditaduras ... 208
    - Ligações com o mundo exterior ... 216
    - *Contracorrentes:* Nova imigração para a América Latina ... 230 8
- NACIONALISMO ... 237
    - Nacionalistas tomam o poder ... 243
    - ISI e governos ativistas da década de 1930 ... 253
    - *Contracorrentes:* Líderes Populistas do Século XX . . . 267
- 9 REVOLUÇÃO ... 271
    - Populismo pós-Segunda Guerra Mundial ...
    - 273 Início da Guerra Fria ... 280
    - A Revolução Cubana ... 287 *Contracorrentes:*
    - Teologia da Libertação ... 298 10 REAÇÃO ...
- 303
    - Doutrina de Segurança Nacional ... 304
    - Governo Militar ... 309
    - Ditadura quase em todo lugar... 315
    - As últimas batalhas da Guerra Fria: América Central ...
    - 320 *Contracorrentes:* Insurreições pós-Guerra Fria ... 330
- 11 NEOLIBERALISMO E ALÉM ... 337
    - Neoliberalismo ... 338
    - A “Nova Virada à Esquerda” ... 343 A
    - América Latina no Mundo ... 352
- GLOSSÁRIO ... A1

- AGRADECIMENTOS ADICIONAIS ... A25
- CRÉDITOS ... A27
- ÍNDICE ... A29

MAPAS

América Latina moderna... 13

Origem africana e ibérica... 27

Grupos indígenas e invasões ibéricas... 37

Áreas originais de colonização, 1500–1700... 60

Divisões Administrativas Coloniais... 84

Campanhas das Guerras de Independência... 116

Novas Nações da América Latina, 1811–39... 143

México e a fronteira com os EUA antes de 1848... 158

Liberais versus Conservadores em meados do século... 168

Paraguai em duas guerras... 191

Ganhos chilenos na Guerra do Pacífico... 193

Produtos de exportação neocoloniais... 206

Investimentos e intervenções neocoloniais... 220

América Latina na Guerra Fria... 316

América Central na década de 1980... 321

Economias neoliberais... 341

AGRADECIMENTOS

Pelo menos cem dos meus alunos da Universidade da Carolina do Norte leram um rascunho inicial deste livro como cobaias. A eles, meu sincero agradecimento. O entusiasmo deles me incentivou a manter um tom informal, vívido e conciso. "Sinto que este livro quer que eu o entenda", disse um deles.

Quando a primeira edição foi publicada, vários professores e alunos de pós-graduação gentilmente me corrigiram em relação a erros factuais. Muito agradecido! Durante muitos anos, também recebi e-mails de alunos de graduação com perguntas específicas ou, às vezes, apenas para dizer: "Gostei do seu livro". Obrigado por esses e-mails. É realmente muito gratificante.*seu*livro.

E não consigo acreditar que esta seja a quinta edição! O passado recente parece ter desaparecido do meu retrovisor. Agradeço a Phillip Berryman por me ajudar a perceber o quanto as coisas mudaram desde que peguei carona para o México pela primeira vez, há quase cinquenta anos.

Por fim, meu agradecimento especial ao editor da WW Norton, Jon Durbin, cocriador deste livro, que me escolheu para escrevê-lo e o acompanhou ao longo de suas muitas edições, sempre com tato, paciência, otimismo e engajamento intelectual.

LINHA DO TEMPO

	MÉXICO	BRASIL	ARGENTINA
ENCONTRO 1492–1600	O totalmente sedentário Mexicanos, que construíram o Asteca Império, eram conquistado e seu império era assumido por os espanhóis, mas mexicano O sangue ainda corre. em mexicano veias.	O semi-sedentário Povo tupi de o brasileiro florestas eram destruído e seu trabalho substituído por Escravos africanos a quem o Português trazido para crescer cana-de-açúcar.	O não sedentário y, planícies-habitação Pampas as pessoas eram eventualmente aniquilado. Muito tempo depois, europeu imigrantes levaram seus lugar no terra.
COLONIAL CRUCIBLE 1600–1810	Devido ao seu denso indígena população e sua rica prata minas, México (ou grande parte disso) tornou-se um núcleo área da Espanha colonização.	Rentável açúcar plantações fez o nordeste costa um núcleo área de Português colonização, mas grande parte de O Brasil permaneceu uma periferia mais pobre.	A maioria de Argentina permaneceu em a margem de Espanhol colonização até 1776, quando Buenos Aires tornou-se o capital de um novo espanhol vice-reinado.
INDEPENDÊNCIA 1810–1825	O grande camponês	O Português	Sem enorme

	MÉXICO	BRASIL	ARGENTINA
	levantes liderados por Hidalgo e Morelos com medo crioulos mexicanos em um conservador posição sobre independência, que eles abraçado apenas em 1821.	da família real presença mantida Brasil relativamente Silencioso como a guerra enfurecido em outro lugar. Príncipe Pedro declarado Brasileiro independência ele mesmo em 1822.	populações dos oprimidos indígena pessoas ou escravos para medo, Buenos Aires Crioulos de Aires rapidamente abraçado maio Revolução (1810).
PÓS-COLONIAL BLUES 1825–1850	O nacional governo era frequentemente derrubado como liberais e conservadores lutaram por controle. O carreira do caudilho Papai Noel Anna representa a turbulência.	A tempestuosa reinado de Pedro Eu (1822–31) foi seguido pelo par mais tempestuoso Regência (1831–40). Mas o brasileiro Império ganhou estabilidade no década de 1840 exportações de café rosa.	O conservador ditador Rosas dominado Buenos Aires (e portanto, grande parte de Argentina) para a maior parte de estes anos, exilando o liberal oposição.
PROGRESSO 1850–1880	O grande liberal Reforma do A década de 1850 provocou conservadores para apoiar um príncipe estrangeiro,	Pedro II (1840–89) cautelosamente promovido estilo liberal progresso enquanto mantendo um	Os liberais assumiram acabou depois a queda de Rosas (1852), mas só até o A década de 1860 fez

	MÉXICO	BRASIL	ARGENTINA
	Maximiliano. O liberais, liderados por Juárez, emergiu triunfante por final da década de 1860.	fortemente hierárquico sistema. Brasil acabou com a escravidão somente em 1888.	eles gerenciam para unir todos Argentina menos de um nacional governo.
NEOCOLONIALISM 1880–1930	A ditadura de Porfirio Díaz, chamado de Porfiriato (1876–1911), incorporado neocolonialismo no México. Díaz convidado internacional investimento e usou-o para consolidar o Estado mexicano.	Primeiro do Brasil República (1889–1930) foi altamente descentralizado oligarquia construída, acima de tudo, em exportações de café. O líder cultivo de café estado, São Paulo, tornou-se dominante.	Buenos Aires e o circundante áreas passou por um agrícola e imigração explosão de vasto proporções. Vários regional oligarquias governou até a eleição de 1916.
NACIONALISMO 1910–1945	O mexicano Revolução liderada América Latina tendência nacionalista em 1910. O presidência de Lázaro Cárdenas (1934–40) marcou o alto ponto de sua	Getúlio Vargas, presidente 1930–35, definido Brasileiro nacionalismo em neste período. Em 1937, Vargas dissolvido Congresso e formaram o	Argentina Partido Radical foi conduzido por votação caixa. É deslocaram o propriedade de terras oligarquia mas permaneceu atolado em tradicional

	MÉXICO	BRASIL	ARGENTINA
	realização s.	autoritário Estado Novo.	patrocínio política.
REVOLUÇÃO 1945–1960	México revolução tornou-se mais conservador e institucionalizado (no PRI) mesmo sendo radical mudar acelerado em outro lugar.	Populismo e o eleitoral influência de trabalho organizado (liderado primeiro por Vargas, então por seus herdeiros) energizado Brasileiro política depois Segunda Guerra Mundial.	Juan e Evita Perón (1946–55) fez o trabalhando classe a força líder na Argentina política. Perón seguidores permaneceu leal por muito tempo após o seu exílio.
REAÇÃO 1960–1990	De forma geral, o PRI usou seu revolucionário imagens para absorver desafios de a esquerda—exceto quando era usado balas, como no Tlatelolco de 1968 massacre.	O brasileiro militares derrubou o populista presidente Goulart em 1964 e governou por vinte anos em o nome de eficiência e anticomunistas m.	Tirando controle em 1966, o argentino militares venceram seu “sujo” guerra” contra Peronista guerrilheiros, mas saiu em 1983 depois perdendo para Grã-Bretanha no Ilhas Malvinas guerra.

	MÉXICO	BRASIL	ARGENTINA
NEOLIBERALISMO E ALÉM 1990–2023	O pós-frio Galpão PRI de guerra grande parte de sua nacionalista patrimônio para abraçar neoliberalismo, repelindo o novo desafios de ambos à esquerda e certo.	Os Trabalhadores Partido, do esquerda ortodoxa mas também herdeiro indireto Para Vargas, mostrou o mundo que O Brasil é um sério país.	Peronista política e neoliberal economia dominado Argentina em um período de de forma constante declínio vivendo padrões.

1 BEM-VINDO(A) AO AMÉRICA LATINA

A América Latina nasceu em meio a sangue e fogo, conquistas e escravidão. Foi a conquista e sua consequência, a escravidão, que criaram o conflito central da história latino-americana. Portanto, é por aí que qualquer história da região deve começar. Por outro lado, a conquista e a escravidão são notícias antigas e, em parte, bem, são "história". A América Latina de 2023 não é mais a versão dos seus pais.

Ainda assim, a conquista e a colonização formam o ponto de partida unificado de uma única história, contada aqui com exemplos ilustrativos de muitos países. Precisamos de uma narrativa única porque panoramas rápidos de vinte histórias nacionais apenas causariam vertigem. E, antes de começar a história, precisamos preparar o terreno de diversas maneiras. Precisamos perguntar, antes de tudo, se tantos países podem realmente compartilhar uma única história. À primeira vista, pode-se duvidar. Considere tudo o que essa história terá que abranger. Considere os contrastes e paradoxos da América Latina contemporânea.

A América Latina é o “Sul Global”, ainda lutando para alcançar o padrão de vida da Europa ou dos Estados Unidos. Possui raízes profundas nas culturas indígenas. A grande maioria dos indígenas americanos vive ao sul do Rio Grande. No entanto, a América Latina também é o Ocidente, um lugar onde mais de nove em cada dez pessoas falam uma língua europeia e praticam uma religião europeia. A maioria dos católicos romanos do mundo é latino-americana, o que tem muito a ver com o fato de o primeiro papa não europeu, eleito em 2013, ser argentino.

Alguns latino-americanos ainda cultivam milho e feijão em pequenos lotes escondidos entre bananeiras e moram em casas com chão de terra.

com telhados de telha vermelha caindo aos pedaços. Os viajantes internacionais que chegam e partem de jatos particulares das extensas metrópoles latino-americanas raramente os veem. É preciso ir para o interior, com suas estradas horríveis. A maioria dos latino-americanos hoje vive em cidades barulhentas e agitadas, algumas delas megacidades pós-modernas. Buenos Aires, São Paulo e Cidade do México já ultrapassaram a marca dos dez milhões de habitantes. Rio de Janeiro, Lima e Bogotá não estão muito atrás.

Em seguida, consideremos os contrastes entre os países. O Brasil é um gigante, ocupando metade do continente sul-americano, com uma população que ultrapassa os 210 milhões. O México vem em seguida, com cerca de 130 milhões. Graças, em parte, aos seus mercados internos em expansão, as economias de ambos os países deram origem a empresas multinacionais. Colômbia, Argentina, Peru e Venezuela formam um segundo grupo, com populações entre 30 e 50 milhões. A população do Chile, de 20 milhões, tem um peso econômico desproporcional devido ao seu alto padrão de vida. Os restantes, aproximadamente um quarto, dos latino-americanos vivem em uma dúzia de nações soberanas, a maioria com populações inferiores a 10 milhões. Em suma, os principais países latino-americanos são atores globais (embora não se comparem à China ou à Índia), enquanto muitos outros são miniestados com uma única cidade de relevância e duas ou três rodovias principais.

Os climas e paisagens da América Latina variam mais do que você imagina. A maior parte da América Latina está localizada nos trópicos, sem primavera, verão, outono e inverno bem definidos. Muitos leitores do hemisfério norte imaginam praias repletas de palmeiras. As planícies costeiras da América Latina muitas vezes correspondem a essa descrição, mas essa visão turística é, no geral, enganosa.*terras altas*As regiões montanhosas da América Latina, resfriadas pela altitude e frequentemente semiáridas, desempenharam um papel importante na história da América Latina. A Cidade do México está a mais de 2.100 metros de altitude; Bogotá, a mais de 2.400 metros. As montanhas da América Latina são as mais densamente povoadas do mundo por razões históricas. Enquanto isso, o Chile, a Argentina e o Uruguai — às vezes chamados de "Cone Sul" da América do Sul — estão localizados principalmente ou totalmente fora dos trópicos, com climas semelhantes aos da América do Sul.

partes dos Estados Unidos. A ponta sul acidentada do continente é uma terra de geleiras e influências antárticas.

Socialmente, a América Latina é um lugar de desigualdades extremas. Enormes disparidades de riqueza e bem-estar existem dentro dos países e entre eles. Hoje, muitos latino-americanos vivem e trabalham em circunstâncias não tão diferentes daquelas da classe média nos Estados Unidos. Mas muitos, mais do que aqueles que parecem pertencer à classe média segundo os padrões internacionais, ainda habitam casebres e sofrem com uma pobreza e privações raras no mundo desenvolvido. Os países do Cone Sul há muito ocupam posições respeitáveis nos rankings globais de desenvolvimento social, e a maioria dos países latino-americanos agora ocupa uma posição mediana, globalmente, em uma medida combinada de educação, expectativa de vida e poder de compra da população. Os pequenos países da América Central (com notável exceção da Costa Rica) estão em pior situação, assim como aqueles com grandes populações indígenas historicamente oprimidas, como Guatemala e Bolívia.

A América Latina é provavelmente a região do mundo com maior diversidade racial, resultado da mistura genética da Europa, África e povos indígenas. Os três elementos estão presentes em todos os países, e as possíveis configurações variam caleidoscopicamente. Guatemala e Bolívia, juntamente com Peru e Equador, são caracterizadas por grandes populações indígenas que continuam a falar línguas nativas como o quéchua ou o aimará, vivem mais ou menos separadas dos falantes de espanhol e seguem costumes distintos em relação a vestimentas e alimentação. Os genes africanos são um elemento predominante na mistura genética do Brasil e das regiões litorâneas do Caribe. A América Latina foi *o* principal destino dos milhões de pessoas escravizadas e levadas da África entre 1500 e 1850. Enquanto os Estados Unidos receberam cerca de 523.000 imigrantes escravizados, Cuba sozinha recebeu mais, e o Brasil, pelo menos 3,5 milhões. Além disso, existem lugares na América Latina onde as pessoas têm uma aparência notavelmente europeia, particularmente onde um grande número de imigrantes italianos se juntou à população por volta de 1900, como na Argentina e no Uruguai. Provavelmente, a maioria dos latino-americanos considera

eles próprios, em certa medida, “de raça mista”, ou*Mestiço*, um conceito fundamental na história da América Latina.

Voltando à nossa pergunta inicial, então, será que esses vinte países, em sua surpreendente diversidade, realmente compartilham uma única história? Não, no sentido de que uma única narrativa não consegue abarcar toda essa diversidade. Sim, no sentido de que todos têm muito em comum. Eles vivenciaram um processo semelhante de conquista e colonização. Tornaram-se independentes de maneira mais ou menos similar, praticamente ao mesmo tempo. Em seguida, enfrentaram problemas semelhantes de maneiras semelhantes. Olhando para trás, após dois séculos de independência, percebe-se que tendências similares permearam toda a região, conferindo à história da América Latina um fluxo e refluxo bem definido.

PABLO. Pablo era um menino que morava em um internato colombiano em 1978, época em que eu também morava lá. Em um dia quente

Às vezes, Pablo tomava banho no pátio dos fundos da casa à tarde.*pátio de ropas*, onde várias mulheres lavavam as roupas dos hóspedes à mão. Até que eu o interrompesse tão grosseiramente, ele estava cantando naquela tarde em particular, tão feliz quanto qualquer garotinho em qualquer lugar, apesar do caráter modesto de nossa acomodação de um dólar por dia.

NÃO DOS SEUS PAIS VERSÃO

Ultimamente, tem sido mais fluxo do que refluxo. Mudanças enormes ocorreram na América Latina nos cinquenta anos desde que viajei para lá pela primeira vez, durante a Guerra Fria. Sim, jovens, isso foi antes da internet! Telefones e serviços postais funcionavam mal ou simplesmente não funcionavam em muitos países da América Latina. Era impossível manter contato diário com os Estados Unidos. A experiência era de imersão total.

Havia também um toque de atemporalidade — ainda era possível vislumbrar, ocasionalmente, um burro ou uma carroça de bois pela janela de um ônibus intermunicipal. Poucas casas rurais tinham eletricidade ou água encanada. O campo parecia uma zona feudal, dominada por grandes latifundiários que raramente eram vistos em suas propriedades rurais, pois viviam nas cidades. Os pobres que viviam no campo eram incrivelmente isolados, embora relativamente bem alimentados em comparação com os pobres urbanos. Lembro-me de ter passado algumas noites em uma casa que ficava na encosta de uma montanha andina, a dez ou quinze minutos de subida da estrada, intransitável para qualquer tipo de veículo. A família que morava lá calculava a hora pelo sol e pela passagem de dois ou três ônibus por dia, visíveis na estrada que serpenteava um abismo profundo, lá embaixo. Uma variedade inimaginável de frutas crescia ao redor deles, mas qualquer tipo de mercado ficava a meio dia de distância.

A migração rural-urbana já ocorria nas cidades latino-americanas há décadas antes da minha chegada, embora o único boom da construção civil que a acompanhasse fosse o das moradias improvisadas que os próprios migrantes construíam. No auge da Guerra Fria, as paisagens urbanas da América Latina ainda se assemelhavam, em grande parte, às dos anos 1940 ou 1950. Não havia shoppings, ou praticamente nenhum, e poucos grandes projetos de infraestrutura nas cidades. Havia poucas marcas americanas.

Bens de consumo à venda porque as altas tarifas de importação os tornavam inacessíveis para quase todos. A ideia era proteger e incentivar as indústrias locais. Já havia uma crescente onda de importações asiáticas, embora ainda não da China, que se tornou repentinamente um ator importante na América Latina. A China da Guerra Fria era a China de Mao, onde as pessoas vestiam apenas azul, andavam apenas de bicicleta e as fábricas eram coisa do futuro. As altas tarifas protecionistas da América Latina significavam que liquidificadores, televisores e tocadores de fita cassete importados tinham que ser contrabandeados ou vendidos em diversos mercados de "livre comércio" criados por vários governos da região, reconhecendo o inevitável. Antes da era dos produtos manufaturados asiáticos baratos, as roupas dos milhões de pobres da América Latina eram feitas à mão e muitas vezes pareciam prestes a se desfazer nas costuras, como a primeira calça que mandei fazer na Colômbia por um alfaiate que trabalhava sentado na porta de sua loja, do tamanho de um grande armário.

As ruas das cidades não eram repletas de franquias americanas de fast-food, como hoje, nem transbordavam de carros, que eram caros demais para a maioria das pessoas. Portanto, ainda não havia necessidade de criar leis que proibissem a circulação de carros (com placas de número ímpar, por exemplo) em determinados dias ou horários, como muitas cidades latino-americanas fazem hoje por pura falta de espaço nas ruas. Ônibus a diesel, sim, porém — muitos deles. Sistemas inovadores de BRT (Bus Rapid Transit) com faixas exclusivas de alta velocidade, como o criado inicialmente em Curitiba, Brasil (e agora recriado em diversas grandes cidades latino-americanas), ainda estavam em fase de projeto. Havia alguns supermercados nas áreas mais ricas da cidade, mas a maioria das pessoas não comprava comida em supermercados. Em vez disso, existia um complexo de mercados a céu aberto para frutas, verduras e outros produtos, além de mercearias e padarias de bairro para os itens básicos do dia a dia. Em suma, as classes médias da América Latina eram menores e muito menos americanizadas do que hoje. Blocos comerciais fortes como o NAFTA e o Mercosul ainda estavam a décadas de distância.

Ninguém tinha celular até a década de 1990, e muitas pessoas não tinham telefone fixo. Então, o uso de celulares disparou nas cidades latino-americanas, justamente porque as linhas telefônicas fixas sempre foram escassas. Pelo menos na América Latina.

Na Colômbia, onde aluguei meu primeiro imóvel, ou você tinha telefone em casa, ou não tinha, ponto final. Esqueça a ideia de instalar um se não tivesse, porque as companhias telefônicas estatais raramente adicionavam novas linhas. As casas eram alugadas, compradas e vendidas com as linhas telefônicas já instaladas. Uma casa com telefone, obviamente, valia mais. Antes da era dos relógios digitais de plástico, um relógio de pulso, de qualquer tipo, era um item de prestígio na América Latina. Às vezes, as pessoas usavam relógios que não marcavam as horas, só para manter as aparências. Poucas pessoas nas cidades pareciam ter cartão de crédito, usar cinto de segurança, ter plano de saúde ou se preocupar com a alimentação, exceto, no caso das mulheres, com o peso. Ninguém tinha ouvido falar em multiculturalismo ou nas ameaças à floresta tropical. Sociologia era para revolucionários, e psicologia, para loucos. As remessas de pessoas que trabalhavam nos Estados Unidos ainda não eram uma fonte importante de renda na região. A imigração mexicana para os Estados Unidos estava crescendo, mas ainda não era uma avalanche, e a imigração centro-americana mal havia começado. As grandes cidades eram conhecidas por serem pontos críticos, mas, no geral, a criminalidade nas ruas era moderada em comparação com as últimas décadas.

Sim, aqueles eram os bons tempos — pelo menos para mim. Percebi, pelo jeito que as pessoas me tratavam, que eu tinha ficado mais bonito. Ao cumprimentar as pessoas, aprendi a abraçar meus amigos e a apertar a mão das namoradas deles. Os relacionamentos entre homens e mulheres me pareciam muito antiquados e estilizados. Meus primeiros flertes em espanhol foram supervisionados por irmãs mais novas e dedicadas, que tinham a missão de me vigiar constantemente. Felizmente, eu podia suborná-las com dinheiro para ir comprar um picolé ou, melhor ainda, ir ao cinema. No México, pelo menos, as garotas ainda cortejavam muito no passeio noturno, quando as pessoas caminhavam em círculos pela praça da cidade, metade em uma direção e metade na outra, trocando de lugar ocasionalmente, de modo que todos acabavam se vendo. Durante o dia, os bancos dos parques ficavam cheios de adolescentes se beijando porque os jovens não tinham carro. (Espere. Talvez isso não tenha mudado.) O ponto de encontro noturno, por outro lado, era na casa da garota, sob o olhar atento da família dela.*não*dentro, mas na porta, ou mesmo — embora isso já fosse bastante antiquado naquela época — na janela, ele do lado de fora, ela

Por dentro, separados por grades de ferro forjado. O casamento por companheirismo (focado na compatibilidade pessoal do casal) estava longe de ser desconhecido, mas não parecia prosperar. A infidelidade masculina era a regra, e não a exceção. Não tenho tanta certeza de quanto mudou nesse aspecto. Mas é evidente que, hoje em dia, as mulheres de classe média têm muito mais probabilidade de trabalhar fora de casa e os maridos de classe média têm mais probabilidade de aceitar, pelo menos em princípio, que devem compartilhar as tarefas domésticas.

Muitos padrões culturais eram bastante conservadores. As pessoas raramente iam à missa, mas seu catolicismo era automático e inquestionável. Os jovens de famílias respeitáveis...*não*coabitar antes do casamento. A onipresente presença pública da devoção religiosa católica ainda não havia sido desafiada pelo crescente número de cristãos evangélicos. Pessoas comuns da classe média tinham empregadas domésticas que moravam em suas casas, ganhavam uma miséria inacreditável, habitavam cubículos minúsculos e sem janelas à noite e eram tratadas, com crueldade ou gentileza, como uma categoria diferente de ser humano. Muitas vezes, elas vinham do campo, onde se acreditava que as pessoas eram mais honestas e trabalhadoras. Famílias urbanas de classe média com raízes provincianas podiam trazer empregadas domésticas de confiança para a cidade. Moças da cidade, mesmo as muito pobres, dificilmente permaneciam muito tempo como empregadas domésticas, simplesmente porque tinham mais alternativas; então, donas de casa experientes e com recursos preferiam contratar moças do campo que não conheciam a região. Eventualmente, porém, até mesmo as moças do campo encontraram algo menos humilhante para fazer do que ser empregada doméstica. *muchacha*(de qualquer idade) saiu novamente, um problema recorrente para o*ama de casa*!

Apenas uma pequena minoria frequentava universidades, e a maioria dos que o faziam estudavam para serem advogados, médicos, engenheiros ou arquitetos. Como estudantes, não aceitavam trabalhos temporários como garçons, por exemplo, mesmo que precisassem do dinheiro. Consciência de classe. Alguns nasceram para servir, aparentemente, outros para serem servidos. Durante a década de 1980 e posteriormente, aqueles que nasceram para serem servidos mudaram-se cada vez mais para prédios de apartamentos ou condomínios fechados com seguranças armados na portaria, uma realidade desagradável que provavelmente chocará.

Qualquer pessoa que nunca tenha vivenciado isso. Pelo menos, eu gostaria de pensar assim. Este é o aspecto da América Latina que mais me incomodou pessoalmente, e essa sensação não desapareceu. Ainda hoje, as crescentes classes médias da América Latina tentam criar filhos perfeitos em uma postura defensiva. Embora os indicadores de bem-estar social estejam melhorando, a distribuição de riqueza na América Latina permanece entre as mais desiguais do mundo. O que ninguém espera hoje em dia, no entanto, é uma revolução, e é justamente isso que está acontecendo.*era*Era o que eu esperava da América Latina que encontrei na década de 1970.

Organizações revolucionárias pichavam slogans em todas as superfícies urbanas disponíveis, exibindo a foice e o martelo do Partido Comunista, o icônico rosto de Che Guevara e uma sopa de letrinhas de siglas representando federações operárias, exércitos guerrilheiros e organizações estudantis. Muros ostentavam coroas irregulares de cacos de vidro incrustados no concreto, enquanto famílias com algo a defender se fortificavam contra os pobres urbanos. Uma "explosão populacional", como a chamavam, estava em curso quando cheguei à América Latina. As mulheres latino-americanas tinham altas taxas de fertilidade, e as melhorias na saúde pública do século XX estavam aumentando a expectativa de vida. Os demógrafos interpretavam os sinais e previam o desastre. Fome e privação em larga escala pareciam o resultado inevitável. A ameaça de um cataclismo social iminente pairava sobre tudo. Ninguém suspeitava que o interesse das mulheres em ter muitos filhos cairia tão drasticamente à medida que seus horizontes se expandiam nas cidades. Mas isso estava acontecendo na década de 1980, e hoje a população da América Latina está envelhecendo mais rápido do que crescendo. O futuro tem dessas coisas, que às vezes não acontecem como a gente espera.

Durante a Guerra Fria, quando a União Soviética rivalizava militarmente com os Estados Unidos, a América Latina tornou-se uma espécie de campo de batalha ou tabuleiro de xadrez geopolítico. Guerrilheiros marxistas e regimes nacionalistas se enfrentavam em suas próprias forças armadas, que eram aliadas aos militares dos EUA. Essa história será contada em detalhes mais adiante no livro. Basta dizer, por ora, que desde a Guerra Fria a região tem apresentado crescimento econômico sustentado e estabilidade política.

O atual crescimento do livre mercado parece enriquecer ainda mais os ricos, consolidar a classe média e, comparativamente, empobrecer ainda mais os pobres. Na América Latina, onde a ideia de uma maioria de classe média não é uma realidade, mas sim uma aspiração para o futuro, esse tipo de crescimento pode produzir mais perdedores do que vencedores. Vencedores e perdedores. Ricos e pobres. Conquistadores e conquistados. Senhores e escravos. Esse é o antigo conflito central da história latino-americana. Alguns aspectos dele remontam a 1492.

Os europeus já não viajam nas costas de carregadores indígenas, como outrora acontecia na Colômbia, nem em liteiras carregadas por escravos africanos, como no Brasil. Mas em toda a América Latina, os mais ricos ainda têm pele mais clara e os mais pobres, pele mais escura. Os descendentes dos espanhóis, portugueses e, posteriormente, dos imigrantes europeus na América Latina ainda detêm o poder, e os descendentes de escravos e "índios" subjugados ainda os servem. Meio milênio depois, este é claramente o legado duradouro, reverberando através dos séculos, do fato de que os povos africanos, europeus e indígenas não se uniram em termos neutros, como vários pedestres chegando simultaneamente a um ponto de ônibus. Pelo contrário, eles têm uma história. Para entender a América Latina, é preciso entender essa história. É disso que trata este livro.

Em resumo: na década de 1550, os colonizadores espanhóis e portugueses impuseram sua língua, sua religião e suas instituições sociais aos indígenas e africanos escravizados, pessoas que trabalhavam para eles nas minas e nos campos e que também os serviam à mesa e na cama. Após três séculos disso, as coisas começaram a mudar (pelo menos em parte) quando os países latino-americanos conquistaram a independência. A independência criou uma série de repúblicas constitucionais, as primeiras do mundo, na década de 1820. Daí em diante, as nações latino-americanas deveriam se autogovernar. Governo do povo, pelo povo e para o povo. Soa familiar? Esse era o plano, pelo menos. Durante a maior parte de dois séculos, não funcionou muito bem, em parte devido ao peso da história conflituosa da América Latina. Duas ideologias políticas ganharam destaque.

O primeiro foi clássico*liberalismo*Você pode precisar adquirir uma nova compreensão do liberalismo aqui. Observe que na América Latina o liberalismo... *não*Refere-se à preocupação especial com o bem-estar das pessoas desfavorecidas, como ocorre nos Estados Unidos do século XXI. Em vez disso, liberalismo significa governo limitado e livre mercado econômico. Este é um uso mais amplo, histórico e internacional do termo.*liberalismo*Em resumo, refere-se aos princípios fundamentais da Constituição dos EUA — um conjunto complexo de valores e práticas que se desenvolveu nos séculos XVII e XVIII, principalmente na França e na Inglaterra. Esse liberalismo clássico privilegiava o progresso em detrimento da tradição, a razão em detrimento da fé, os valores universais em detrimento dos valores locais e o livre mercado em detrimento do controle governamental. Em princípio, pelo menos, os liberais defendiam a igualdade de cidadania em detrimento dos privilégios arraigados e elogiavam a democracia representativa em detrimento de todas as outras formas de governo. Tanto 1776 quanto 1789 (que marcam as revoluções Americana e Francesa, respectivamente) são datas marcantes no liberalismo mundial. Os liberais latino-americanos geralmente têm sido aliados dos Estados Unidos e do capitalismo internacional.*neo*Os liberais, discutidos no capítulo anterior, são um exemplo disso.

Os neoliberais querem que a América Latina se integre ao programa (de globalização). Os liberais latino-americanos quase sempre se orientaram pelos modelos europeu ou estadunidense, e isso se aplica ainda mais aos neoliberais de hoje. De modo geral, a experiência europeia e estadunidense com o liberalismo gerou prosperidade. O Estado liberal e seu complemento econômico, o capitalismo de livre mercado, constituem atualmente o modelo "universal" de modernidade no Ocidente global. A experiência real da América Latina com o liberalismo e o capitalismo, por outro lado, tem sido mista, como veremos. O laissez-faire econômico irrestrito raramente produziu prosperidade duradoura e equitativa nos países latino-americanos. Em vez disso, tendeu a fortalecer e beneficiar ainda mais as pessoas que já estão no topo dessas sociedades fortemente estratificadas. Às vezes, criou cenários catastróficos.

A segunda ideologia política emergente, a grande desafiadora do liberalismo na América Latina, foi*nacionalismo*Aqui está outra grande ideia histórica.

É preciso refinar seu pensamento, especialmente se você tende a encarar o nacionalismo simplesmente como uma ameaça ao livre comércio. Nos últimos dois séculos, a superfície de todo o planeta foi transformada de reinos e impérios em nações soberanas, uma transformação impressionante. O nacionalismo é, portanto, um tema central na história moderna, às vezes destrutivo, às vezes construtivo. Em resumo, o nacionalismo é a ideia de que todos devem fazer parte de uma nação e que as nações devem se autogovernar. Essa última parte torna o nacionalismo a ideologia básica da descolonização em todo o mundo. A primeira parte, sobre o sentimento de pertencimento de todos, vincula as elites governantes aos povos que governam e também os governados entre si. Quanto mais fortes esses laços, mais forte a nação. Na América Latina, a construção da nação foi um projeto de longo prazo, realizado ao longo do século XIX, em círculos artísticos, ministérios governamentais e, eventualmente, escolas públicas. No século XX, o nacionalismo mobilizou as massas e desafiou valores liberais como o livre comércio.

O nacionalismo não se situa nem à direita nem à esquerda no espectro político. Mais do que uma ideologia propriamente dita, é uma forma de mobilizar as massas. O grande poder do nacionalismo reside no seu apelo à ideia de uma família nacional. Uma família com pais no comando raramente é igualitária, mas, em princípio, uma família é inclusiva e cuida dos seus. As famílias geralmente se unem contra estrangeiros. Portanto, os apelos nacionalistas muitas vezes se concentram nos "inimigos da nação" percebidos, que podem ser internos ou externos. Os nacionalistas opõem-se ao controle externo, razão pela qual muitas vezes resistem ao colonialismo ou ao imperialismo. Eles celebram a sua própria singularidade nacional. Muitos nacionalistas latino-americanos são *extrema-direita*Há conservadores que valorizam as tradições hierárquicas, especialmente as religiosas. Outros são social-democratas que prezam a inclusão proporcionada pelos apelos nacionalistas, a ideia de que uma família nacional protege zelosamente seus membros mais fracos. Esse tipo de nacionalista geralmente se posiciona*Para a esquerda*dos liberais no espectro político. Alguns nacionalistas, por fim, são demagogos que exploram o poder emocional dos apelos nacionalistas numa tentativa de encontrar bodes expiatórios entre inimigos internos e provocar ações militares contra inimigos externos. Para eles, o nacionalismo

É uma distração útil para os defeitos de sua própria governança.

O liberalismo e o nacionalismo têm se alternado em ascensão, de modo geral, ao longo de um século, e sua rivalidade ainda não terminou. A história da América Latina, contudo, envolve muito mais do que política e economia. Ela também abrange uma rica cultura e pessoas fascinantes, sem mencionar o derramamento de sangue e a violência. Antes de começarmos nossa narrativa, porém, há uma última consideração.

VISÕES ANTIGAS SOBRE A AMÉRICA LATINA

A América Latina de hoje exige novas perspectivas, mas muitas ideias antigas ainda persistem. Este breve resumo histórico destina-se a leitores estadunidenses que estão tendo seu primeiro contato com a história da América Latina. Esses leitores precisam familiarizar-se com as antigas concepções sobre a América Latina, pois exemplos delas circulam livremente em nossa cultura popular e continuam a influenciar nossas ideias. Um resumo conciso será suficiente para esse propósito.

Na visão tradicional estadunidense, a história da América Latina tem sido, por muito tempo, uma história de fracasso. Até aproximadamente a década de 1930, os intérpretes da América Latina se concentravam principalmente em raça e cultura, considerando as diversas etnias latino-americanas como mercadorias defeituosas. Os "latinos de sangue quente", com muito "sangue não branco", segundo essa ideia ultrapassada, simplesmente não possuíam a autodisciplina e a inteligência necessárias para construir sociedades estáveis, prósperas e democráticas. Como católicos, careciam de uma "ética protestante do trabalho" (que considerava o trabalho não apenas uma necessidade, mas uma virtude), e seus climas tropicais desestimulavam ainda mais a atividade econômica, com calor debilitante e excesso de prazeres sensuais — como mamão e maracujá — que literalmente cresciam em árvores. Nessa versão, a história da América Latina era racial, cultural e ambientalmente "determinada", e isso era praticamente inescapável.

Entre 1940 e 1960, a Segunda Guerra Mundial e seus impactos intelectuais subsequentes tornaram esse tipo de determinismo obsoleto. Os historiadores estadunidenses da América Latina substituíram os antigos vilões da história da região (aqueles incômodos genes indígenas e africanos) por novos antagonistas: mentalidades retrógradas e estruturas sociais tradicionais que precisariam ser "modernizadas" para que a América Latina pudesse avançar na trilha de desenvolvimento aberta por outros países. Embora a teoria da modernização representasse um avanço em relação ao determinismo racial e ambiental, ela perpetuou estereótipos existentes. Latifundiários gananciosos

E governantes retrógrados substituíram a preguiça congênita e o calor tropical como explicações para os problemas da América Latina. Essas explicações continuaram a concentrar a responsabilidade na própria América Latina.

Durante a década de 1960, no entanto, os historiadores da América Latina convenceram-se de que as interpretações anteriores dos problemas regionais eram uma maneira conveniente de culpar a vítima. O colonialismo europeu, a intervenção externa e a luta dos povos oprimidos contra seus opressores — eis, pensavam eles, as verdadeiras explicações para a turbulência política da época. A triunfante Revolução Cubana ditou o tom das interpretações da América Latina na década de 1960. Os historiadores teorizaram que a posição historicamente subordinada da América Latina na economia global explicava sua incapacidade de se “modernizar”. Os países latino-americanos ocupavam posições periféricas permanentes em relação aos centros industriais e financeiros da Europa e dos Estados Unidos. A solução recomendada, numa época em que o marxismo ainda exercia influência intelectual, era a revolução interna e a retirada do sistema capitalista global. A teoria da dependência, como ficou conhecida, prevaleceu durante as décadas de 1970 e 1980, mas perdeu força após o fim da Guerra Fria.

MODERN LATIN AMERICA
MEXICO
Mexico City
BELIZE
Havana
CUBA
HAITI
DOMINICAN REPUBLIC
PUERTO RICO
Santo Domingo
HONDURAS
GUATEMALA
Guatemala City
JAMAICA
Tegucigalpa
San Salvador
EL SALVADOR
Managua
NICARAGUA
Caracas
GUYANA
SURINAME
FRENCH GUIANA
San José
COSTA RICA
Panama City
PANAMA
VENEZUELA
Bogotá
COLOMBIA
Quito
ECUADOR
Amazon R.
Recife
PERU
BRAZIL
Lima
Cuzco
Salvador (Bahia)
La Paz
Brasília
BOLIVIA
PARAGUAY
Rio de Janeiro
São Paulo
CHILE
Asunción
Santiago
Buenos Aires
URUGUAY
Montevideo
ARGENTINA

Os países e suas respectivas cidades são os seguintes: Cuba com Havana; Haiti; República Dominicana com Santo Domingo; Porto Rico; Jamaica; México com Cidade do México; Guatemala com Cidade da Guatemala; Honduras com Tegucigalpa; El Salvador com San Salvador; Nicarágua com Manágua; Costa Rica com Santa Fé; Panamá com Cidade do Panamá; Venezuela com Caracas; Colômbia com Bogotá; Equador com Quito; Guiana; Suriname; Guiana Francesa; Peru com Lima e Cusco; Bolívia com La Paz; Brasil com Recife, Salvador ou Bahia, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo; Paraguai com Assunção; Chile com Santiago; Argentina com Buenos Aires; Uruguai com Montevidéu. O Rio Amazonas atravessa o norte do Brasil e o leste do Peru.

Hoje, as antigas certezas desapareceram. A teoria da dependência ainda oferece insights válidos, mas parece antiquada. Agora, é a revolução que saiu de moda, já que as economias capitalistas e as democracias liberais da América Latina parecem estar funcionando melhor, no geral, do que nunca. Nos Estados Unidos, o interesse pela América Latina agora se concentra em questões que nos preocupam internamente. No início do século XXI, tanto as humanidades quanto as ciências sociais deram nova importância às maneiras pelas quais raça, classe, gênero e identidades nacionais são "construídas" na mente das pessoas. À medida que os cidadãos estadunidenses exploram novas maneiras de pensar sobre sua própria sociedade, encontram perspectivas comparativas valiosas na América Latina. Portanto, os estudos estadunidenses sobre a história da América Latina frequentemente têm uma ênfase cultural hoje em dia. Nas páginas seguintes, fique atento a novos conceitos. Eles são tão valiosos para sua compreensão quanto os novos fatos.

Agora, vamos voltar quinhentos anos para começar nossa história.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

liberalismo ,pág. 9

nacionalismo ,pág. 10

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Você pode descrever os contrastes entre os diversos países da América Latina?
2. Como é possível combiná-los em uma única narrativa histórica?
3. Que tipos de mudanças caracterizaram a região nas últimas décadas?
4. Como evoluiu o pensamento sobre a América Latina nos Estados Unidos?

Glossário

liberalismo

: um conjunto de ideias políticas, enfatizando *liberdades* de diversas naturezas civis, políticas e econômicas. O liberalismo latino-americano focou-se em modelos europeus e, posteriormente, estadunidenses.

nacionalismo

: Um movimento político (dominante em meados do século XX) que defendia um Estado forte, o orgulho nacional e o desenvolvimento econômico.

Os nacionalistas americanos opõem-se à influência externa "imperialista". Muitas vezes, mas nem sempre, demonstram um compromisso genuíno com a defesa da maioria pobre.

2 ENCONTRO

Os povos indígenas habitavam praticamente cada centímetro das Américas quando os europeus e africanos chegaram. Desertos e florestas eram menos densamente povoados do que vales férteis, mas nenhuma parte do continente carecia de pessoas que viviam da terra e se consideravam parte dela. O encontro entre nativos americanos e europeus constitui um momento decisivo na história mundial. Nem o “Velho Mundo” dos europeus, nem o “Novo Mundo”, como chamavam as Américas, seriam os mesmos depois disso. Para a América Latina, a conquista e a colonização espanhola e portuguesa criaram padrões de dominação social que se tornaram incontestáveis, como as marcas profundas e duradouras de um pecado original.*

Os invasores ibéricos da América não eram, pessoalmente, mais pecadores do que a maioria. Eles vieram para a América em busca de sucesso nos termos ditados por sua sociedade: riquezas, o privilégio de serem servidos por outros e a reivindicação de retidão religiosa. Faz pouco sentido para nós julgarmos sua qualidade moral como seres humanos, pois eles simplesmente viviam de acordo com a lógica do mundo como a entendiam, assim como nós. O pecado original residia na lógica, justificada em termos religiosos, que pressupunha o direito de conquistar e colonizar. De uma forma ou de outra, a lógica europeia de conquista e colonização azedou o Encontro em todos os lugares, do México à Argentina. O cenário básico variava de acordo com o ambiente natural e o modo de vida dos povos indígenas quando os invasores europeus chegaram.

Colombo e Cabral estabeleceram as reivindicações espanholas e portuguesas sobre grande parte do Novo Mundo. Esta gravura antiga de Theodor de Bry mostra como esses encontros marcantes foram retratados na Europa, onde a nudez dos povos indígenas despertou grande interesse, sugerindo comparações com o Jardim do Éden bíblico.

---

década de 1400

Ascensão dos impérios Asteca e Inca

1492–1500

Viagens de Colombo e Cabral

1500–20

Tráfico de escravos em andamento

Décadas de 1520 e 1530

Derrota dos Astecas e Incas

1548

Governo real estabelecido no Brasil

Notas de rodapé

- Nota*: Na crença cristã, Adão e Eva cometeram o pecado original no Jardim do Éden, e todos os seus descendentes herdaram esse pecado.Voltar à referência *

PADRÕES INDÍGENAS VIDA

Os povos indígenas das Américas se adaptaram à terra de muitas maneiras.

Alguns eram*não sedentário*, uma adaptação a ambientes com escassez de alimentos, como os do norte do México. Povos não sedentários levavam uma existência nômade como caçadores e coletores, e o movimento mantinha seus grupos pequenos e sua organização social simples. Frequentemente, vagavam por planícies abertas. O explorador espanhol Cabeza de Vaca descreveu povos não sedentários que viviam no Texas e em todo o norte do México, principalmente em grupos familiares, reunindo-se anualmente para desfrutar de recursos particularmente abundantes, como o amadurecimento de bosques naturais de cactos. As planícies ocupam uma vasta extensão do interior da América do Sul, então habitadas por tribos de caçadores e coletores. Não eram florestas, nem exatamente pastagens na época do Encontro. Em vez disso, eram cobertas por vários tipos de vegetação rasteira que, como na região nordeste do Brasil, era chamada de*sertão*Podem ser espinhosas e perder as folhas na estação seca. Os povos dos pampas, que deram nome aos campos argentinos, também não eram sedentários.

Outros povos indígenas americanos viviam nas florestas. A caça também era importante para eles, mas a abundância de chuvas que caracterizava a maioria dos ambientes florestais permitia que dependessem da agricultura de uma forma que os povos não sedentários não conseguiam, e assim os povos das florestas eram frequentemente...*semi-sedentário*Suas práticas agrícolas foram adaptadas aos solos tropicais rasos. Solos rasos? Sim: a vegetação exuberante das florestas tropicais produz uma impressão enganosa. Os forasteiros pensam nessas florestas como "selvas", uma palavra que sugere fertilidade avassaladora e incontrolável. Assim, um livro de geografia de 1949...* fala da “fecundidade e selvageria implacáveis da selva”. Na verdade, a

A vitalidade estonteante das florestas tropicais reside não no solo, mas nos seres vivos, como insetos, árvores e as diversas epífitas que habitam as árvores e não possuem raízes no solo. Particularmente na grande floresta tropical da bacia amazônica, os solos são de fertilidade marginal. Uma vez desmatados para a agricultura, os solos da floresta tropical produzem rendimentos decepcionantes após apenas alguns anos. Portanto, os povos indígenas que habitavam a floresta praticavam a agricultura itinerante, também chamada de "corte e queima" devido à maneira como limpavam seus terrenos. Os povos semissedentários construíam aldeias, mas as mudavam frequentemente, permitindo que os antigos terrenos fossem reabsorvidos pela floresta e abrindo novas áreas em outros locais. A agricultura itinerante foi, portanto, uma adaptação bem-sucedida a um dos ambientes naturais mais desafiadores do mundo. Sociedades semissedentárias, como os tupis, o povo indígena mais conhecido da história brasileira, organizavam-se em tribos e por papéis de gênero, mas não por classes sociais. Tampouco construíram impérios.

Finalmente, alguns indígenas foram*totalmente sedentário*O assentamento permanente, geralmente em planaltos elevados em vez de florestas, tornou suas sociedades mais complexas, e alguns construíram grandes impérios, especialmente os lendários impérios Asteca, Inca e Maia. Nem todos os povos sedentários, porém, possuíam impérios. O que todos tinham em comum eram formas de agricultura fixas e permanentemente sustentáveis. Por exemplo, a capital do Império Asteca — mais populosa que Madri ou Lisboa — era abastecida por um método bastante engenhoso. Tenochtitlán era cercada por lagos por todos os lados, e nessas águas os habitantes da cidade construíram plataformas de jardim chamadas [nome da plataforma].*chinampas*Os depósitos aluviais renovavam periodicamente sua fertilidade. Os construtores do Império Inca possuíam sua própria forma elaborada de agricultura sustentável, envolvendo terraços, irrigação e o uso de excrementos de aves ricos em nitrato, chamados de silagem.*guano*, para fertilizantes. Uma base agrícola permanente permitiu o crescimento de aglomerações populacionais maiores e mais densas, a construção de cidades, maior especialização do trabalho — todo tipo de coisa. Nem tudo era bom. Enquanto os povos não sedentários ou semissedentários tendiam a sociedades bastante igualitárias, nas quais indivíduos de destaque se tornavam

Graças às suas qualidades pessoais, os grupos totalmente sedentários eram liderados por líderes e fortemente estratificados por classes. Astecas, incas e maias possuíam nobrezas hereditárias especializadas em guerra.

Note que os nomes Asteca e Inca se referem a *impérios* e não, estritamente falando, aos seus habitantes. Os governantes do Império Asteca eram um povo chamado Mexicas, que deu nome ao México. Os guerreiros Mexicas eram recém-chegados ao fértil vale onde construíram sua incrível cidade, Tenochtitlán, à sombra de grandes vulcões, mas herdaram uma civilização que se desenvolveu nas terras altas centrais do México ao longo de mil anos. Por exemplo, a gigantesca Pirâmide do Sol, a maior pirâmide do mundo, foi construída muito antes da chegada dos Mexicas. No início do século XV, os Mexicas eram apenas um entre muitos grupos que falavam náuatle, a língua comum das cidades-estado da região. Mas eles conquistaram grande parte do centro do México durante os cem anos seguintes. Tenochtitlán, a capital imperial, era um vasto e fervilhante complexo de torres, palácios e pirâmides que, segundo os relatos,

O aventureiro espanhol Bernal Díaz ficou estupefato ao ver Tenochtitlán surgir como uma miragem das águas do lago circundante, ligada à margem por uma série de calçadas perfeitamente retas e niveladas. "Ficamos maravilhados e dissemos que aquilo parecia um encantamento saído de um livro de cavalaria", escreveu Díaz, descrevendo a primeira vez que os espanhóis viram Tenochtitlán.

Partindo de uma imponente capital em um alto vale andino, bem ao sul, o ainda maior Império Inca cresceu tão rápida e recentemente quanto o Império Asteca. A capital inca chamava-se Cuzco, que significa “o umbigo do universo”. Hoje, fala-se dos “Incas”, mas o nome Inca, na verdade, referia-se apenas ao imperador e ao seu império. Etnicamente, o povo de Cuzco falava quéchua e também se baseava em uma longa história de evolução cultural nos Andes. As maravilhas arquitetônicas de Cuzco — paredes de alvenaria resistentes a terremotos com pedras interligadas — eram uma técnica antiga entre os construtores andinos. Herdeiros de civilizações antigas, os impérios Asteca e Inca eram mais recentes e mais frágeis do que aparentavam.

Os maias tinham uma inclinação menos imperialista. Muito antes de Tenochtitlán e Cuzco, diversas cidades-estado maias com imponentes centros cerimoniais dominaram a América Central: Tikal, Copán, Tulum, Uxmal. Em conquistas culturais, como arte, arquitetura e astronomia, os maias não ficavam atrás de ninguém na América. Mas os maias não criaram um império que rivalizasse com os impérios inca ou asteca. E como o auge do Império Maia, se é que esse termo realmente se aplica, ocorreu muitos séculos antes da chegada dos europeus, ele desempenha um papel pequeno em nossa história.

O GRANDE TEMPLO DE TENOCHTITLAN.O local de sacrifício humano fazia parte de um complexo cerimonial murado, com 300 metros quadrados, no coração da capital asteca, posteriormente localizado na catedral da Cidade do México.

Na época do Encontro, a maior parte da América Latina era habitada por povos não sedentários ou semissedentários, como os pampas da Argentina e os tupis do Brasil. Hoje, restam poucos de seus descendentes. Em vez disso, as grandes populações indígenas da América Latina descendem dos agricultores sedentários, muitos dos quais viveram sob o domínio asteca, maia ou inca até a chegada dos europeus. Por que eles sobreviveram enquanto os outros pereceram? A resposta é complexa, mas explica muito sobre a América Latina. Requer, primeiramente, um pouco de contexto sobre a Espanha e Portugal, unidos sob o nome geográfico.*Ibéria*.

Notas de rodapé

- Nota*: William Lytle Schurz,*América Latina: um estudo descritivo* (Nova Iorque: EP Dutton, 1949), 28.Voltar à referência *

ORIGENS DE UMA MENTALIDADE DE CRUZADA

Na década de 1490, quando os europeus saíram de seus apertados navios à vela para se depararem com os povos indígenas pela primeira vez, a grande questão era como cada um reagiria ao outro. Tratava-se de um verdadeiro encontro cultural, um choque de valores e atitudes. A perspectiva espanhola e portuguesa, juntamente com sua retórica cruzada, havia sido moldada pela história da Península Ibérica.

CONQUISTAS CULTURAIS MAIASsão incomparáveis nas Américas — incluindo matemática sofisticada, escultura expressiva e arte gráfica, além de uma forma de escrita em evolução, chamada *glifos*, algumas das quais são visíveis no canto superior direito.

A Península Ibérica é uma terra acidentada e montanhosa. Algumas partes são tão verdes quanto a Irlanda (muito verdes, aliás), mas a maior parte é seca. Em fotos tiradas do espaço, o sul da Espanha aparece com a mesma cor do norte da África. Historicamente, a Península Ibérica serviu de ponte entre a Europa e a África, e o estreito de Gibraltar, que separa os dois continentes, foi frequentemente cruzado, em ambas as direções, por migrantes e invasores. No ano de 711, muçulmanos do norte da África, chamados mouros, começaram a atravessá-lo rumo ao norte e tomaram a maior parte da península de seus reis cristãos (cujos antecessores, gerações antes, a haviam tomado dos romanos, que, por sua vez, a haviam tomado dos cartagineses, e assim por diante). Durante a maior parte dos oitocentos anos seguintes, a Península Ibérica abrigou sociedades multiétnicas que se misturavam, mas também lutavam entre si. Ambas as atividades deixaram sua marca.

TRABALHO EM PEDRA INCA. Na antiga capital inca, Cuzco, no Peru, os espanhóis incorporaram essas fundações resistentes a terremotos em seus próprios edifícios.

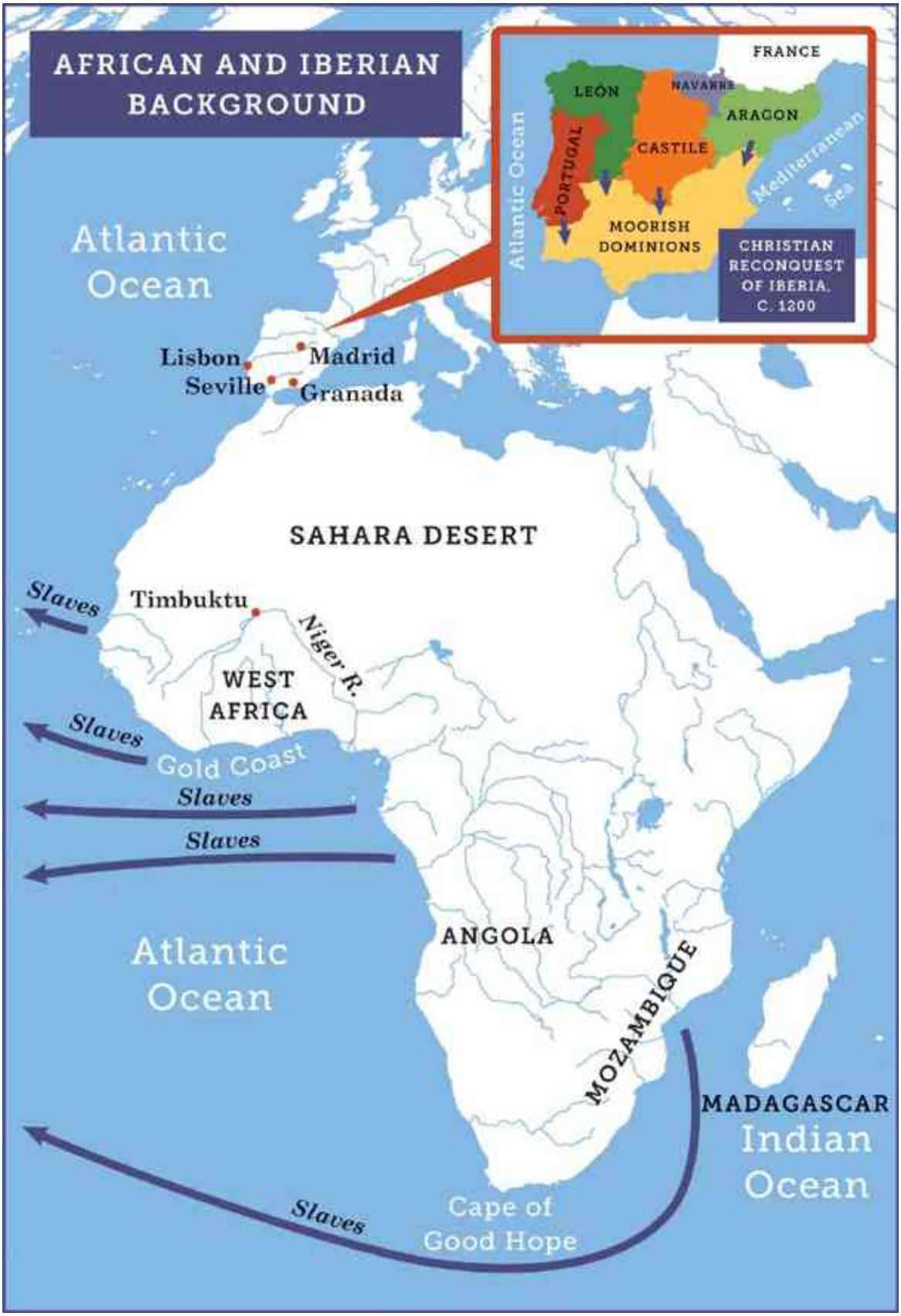
Juntamente com as habilidades práticas do mundo islâmico, os mouros trouxeram consigo o conhecimento dos gregos e romanos, bem preservado no Oriente Médio durante a Idade das Trevas na Europa. Os cristãos que viviam sob o domínio mouro ou que comerciavam com seus vizinhos mouros dos reinos cristãos remanescentes desenvolveram um profundo respeito pelas conquistas culturais do Islã. Os mouros eram melhores médicos, melhores engenheiros e melhores agricultores do que os cristãos ibéricos, cujas línguas foram gradualmente se enriquecendo com palavras árabes para novas culturas (como manjericão, alcachofras e amêndoas), novos processos e substâncias (como destilação e álcool), novos móveis (como tapetes) e novas ciências (como álgebra e química) — chegando a representar cerca de um quarto de todas as palavras modernas em espanhol e português. Embora falassem árabe, os mouros tinham a pele mais escura do que os árabes. Otelo, personagem "negro" de Shakespeare, por exemplo, é mouro. Assim, os cristãos da Península Ibérica tiveram longa exposição a um povo sofisticado e poderoso que não tinha aparência europeia. Além disso, na véspera do Encontro, a Península Ibérica possuía uma das maiores minorias judaicas da Europa, e Lisboa e Sevilha já abrigavam milhares de africanos escravizados. Embora não fossem simpáticos às diferenças culturais e raciais, os ibéricos estavam bem familiarizados com elas. As atitudes espanholas e portuguesas em relação a outros povos variavam do desprezo à admiração relutante, passando pela curiosidade sexual — jovens mouras de pele morena figuram eroticamente em contos populares ibéricos. O reinado de Afonso, o Sábio (1252-1284), um notável legislador, representa um ponto alto neste tenso mundo ibérico multicultural. No fim, porém, os oitocentos anos de experiência multicultural da península dissolveram-se numa busca intolerante pela pureza religiosa.

A reconquista cristã da Península Ibérica influenciou profundamente as instituições e a mentalidade dos espanhóis e portugueses. Cristãos ibéricos

Acreditavam ter encontrado o túmulo de Santiago, São Tiago Apóstolo, no remoto canto noroeste da península jamais conquistada pelos mouros. Santiago, o matador de mouros, retratado como um cavaleiro brandindo uma espada, tornou-se o santo padroeiro da reconquista, e seu túmulo em Santiago de Compostela tornou-se o maior santuário da Europa. A reconquista trouxe consigo os repetidos desafios de anexar novos territórios e subjugar populações infiéis. Ao longo de trinta gerações, enquanto empurravam os mouros para o sul, em direção à África, os cristãos reconquistadores fundaram novos centros urbanos como bastiões de suas reivindicações territoriais, e senhores da guerra individuais assumiram a responsabilidade de cristianizar grupos de mouros derrotados, recebendo tributos e serviços em troca. Os mesmos desafios e os mesmos procedimentos se repetiriam na América. Outro efeito da reconquista foi perpetuar a fama e a influência da nobreza cristã. Por essa razão, os valores dos nobres (destreza em combate, lazer, ostentação de riqueza) perderam terreno apenas gradualmente para os valores da classe média comercial (ganhar dinheiro, indústria, frugalidade). Além disso, as exigências da guerra levaram a uma concentração do poder político para facilitar um comando decisivo e unificado. Dois dos muitos pequenos reinos cristãos da península emergiram gradualmente como líderes da reconquista. O mais importante, de longe, foi Castela, localizada no centro, cujos domínios eventualmente englobaram grande parte da Península Ibérica e, quando unida aos reinos de Aragão, Leão e Navarra, lançaram as bases políticas da Espanha moderna. Na costa atlântica, o rei de Portugal liderou um avanço paralelo para o sul e conseguiu manter a independência da Espanha. Portugal foi o primeiro a completar sua reconquista, alcançando a costa sul da Península Ibérica em meados do século XIII. Do lado espanhol, o reino mouro de Granada resistiu por mais dois séculos antes de finalmente sucumbir ao poder militar castelhano em 1492.

Quando a rainha Isabel de Castela decidiu promover as explorações de Cristóvão Colombo na década de 1490, fê-lo na esperança de enriquecer o seu reino, sem dúvida. Navegando para oeste, Colombo propunha contornar o lucrativo monopólio veneziano-árabe das rotas comerciais para a Ásia. Mas não devemos subestimar o misticismo religioso que envolvia essas viagens.

também cercava os monarcas espanhóis e portugueses. Isabel era, acima de tudo, uma monarca católica. Séculos de reconquista haviam criado uma verdadeira mentalidade de cruzada na Península Ibérica, e as monarquias usaram esse fervor para justificar seu poder cada vez mais absoluto. Mouros que haviam aceitado o domínio cristão, judeus cujas famílias viviam na Península Ibérica há quase mil anos e qualquer pessoa suspeita de infidelidade religiosa tornaram-se alvos de expurgos. Mouros e judeus foram forçados a se converter ou emigrar. De fato, no mesmo ano da rendição de Granada, Isabel expulsou dezenas de milhares de pessoas da Espanha porque se recusavam a renunciar à fé judaica. E mouros e judeus que se converteram permaneceram sujeitos à discriminação como “cristãos-novos”. A famosa Inquisição Espanhola foi estabelecida para impor a pureza religiosa.


AFRICAN AND IBERIAN BACKGROUND
FRANCE
LEÓN
NAVARRE
ARAGON
CASTILE
PORTUGAL
Atlantic Ocean
Mediterranean Sea
MOORISH DOMINIONS
CHRISTIAN RECONQUEST OF IBERIA, C. 1200
Atlantic Ocean
Lisbon
Madrid
Seville
Granada
SAHARA DESERT
Slaves
Timbuktu
Niger R.
WEST AFRICA
Slaves
Gold Coast
Slaves
Slaves
Atlantic Ocean
ANGOLA
MOZAMBIQUE
MADAGASCAR
Indian Ocean
Slaves
Cape of Good Hope

O mapa da África e do que hoje são Espanha e Portugal mostra as cidades de Lisboa, Sevilha, Granada, Madrid e Tombuctu indicadas. Um mapa mais detalhado da Espanha e Portugal também está incluído, mostrando a Reconquista Cristã da Península Ibérica, por volta de 1200. A conquista avançou para o sul a partir das regiões de Navarra, Aragão, Castela, Portugal e Leão, e setas indicam o movimento em direção aos domínios mouros no terço sul do país. Ao sul do Deserto do Saara, setas marcam a exportação de escravos da África Ocidental para o norte de Angola ao longo da costa atlântica. Há também uma seta indicando a exportação de escravos da costa entre Moçambique e Madagascar, que se estende em direção às Américas através do Cabo da Boa Esperança.

Durante o século XVI, católicos e protestantes entraram em conflito acirrado na Europa Ocidental, e os monarcas de uma Espanha unificada lideraram o lado católico, investindo recursos prodigiosos no esforço de guerra. Lembremos que, em 1588, a Armada Espanhola tentou invadir a Inglaterra protestante. A exploração ultramarina também assumiu um significado religioso. A reconquista cristã anterior em Portugal permitiu que os portugueses estendessem suas atividades de cruzada à África antes da Espanha. À medida que os navios portugueses navegavam pela costa africana durante o século XV, trazendo ouro e escravos, encontravam justificativa religiosa em histórias de um reino cristão perdido que supostamente se encontrava além do Saara, aguardando a reunificação com o resto da cristandade. A decisão de Isabel de incentivar as viagens de Colombo foi a tentativa da Espanha de alcançar Portugal. Assim, as duas monarquias ibéricas, fortalecidas politicamente pela reconquista, tornaram-se as primeiras na Europa a patrocinar grandes explorações ultramarinas, chegando ao Hemisfério Ocidental praticamente empatadas.

Embora a expedição de Colombo, patrocinada pela Espanha, tenha chegado primeiro à América, a diferença foi de menos de uma década. Comecemos pelos portugueses, que foram pioneiros nas habilidades de navegação e na tecnologia naval necessárias para chegar lá. A colonização portuguesa do Brasil exemplifica o que aconteceu quando os europeus

encontraram povos indígenas que não eram totalmente sedentários. Uma análise inicial do Brasil nos ajudará a apreciar as qualidades únicas do encontro muito diferente, e bem mais famoso, dos espanhóis com os povos totalmente sedentários do México e do Peru.

O BRASILEIRO CONTRAEXEMPLO

A primeira frota portuguesa chegou ao Brasil em 1500. Tal como Colombo alguns anos antes, o comandante português Pedro Álvares Cabral tinha como destino a Índia, mas, ao contrário de Colombo, de facto chegou lá. Cabral não tinha a intenção de dar a volta ao mundo. Em vez disso, navegava de Portugal pela costa oeste de África, contornando a sua extremidade sul até ao Oceano Índico. Para apanhar os melhores ventos, dirigiu-se para o Atlântico Sul numa viagem para sul — tão longe, aliás, que antes de regressar a leste, se deparou com o Brasil. Tal como Colombo, Cabral não sabia exatamente o que tinha encontrado, mas sabia que não era a Índia. Depois de batizar o Brasil de "Ilha da Vera Cruz", Cabral apressou-se a regressar ao seu destino original.

O Brasil parecia insignificante para os portugueses na época. Apenas alguns anos antes, eles haviam conseguido estabelecer uma rota prática para as lendárias riquezas do sul da Ásia — algo que Colombo não conseguira. Durante o restante do século XVI, os portugueses concentraram-se em explorar sua vantagem inicial no comércio com o Extremo Oriente. Os postos avançados portugueses em outros lugares estendiam-se da África à Arábia, Índia, Indonésia, China e Japão. Os navios portugueses retornavam à Europa perigosamente sobrecarregados com sedas e porcelanas, especiarias preciosas (pimenta, noz-moscada, cravo e canela) e cavalos persas, sem mencionar o ouro e a prata. O acesso privilegiado a essas riquezas fez de Portugal, por um tempo, um ator importante na história mundial. O Brasil não oferecia nada comparável à Índia aos olhos de Cabral ou de seu cronista, Pero Vaz de Caminha. A curiosa descrição de Caminha sobre o que viu nas costas brasileiras apresentava a visão de um novo Jardim do Éden, dando especial atenção ao fato de que os povos indígenas ali não usavam roupas: "Eles andam nus, sem qualquer cobertura".

todas. Elas não se preocupam mais em mostrar suas partes íntimas do que seus rostos.” Os marinheiros portugueses claramente achavam as mulheres indígenas atraentes e convidativas, mas a única coisa que parecia ter potencial de venda na Europa era um corante vermelho feito da árvore “pau-brasil”.

O nome deste produto de exportação rapidamente substituiu o nome original de “Ilha da Verdadeira Cruz”, assim como a economia suplantou a religião, de modo geral, na colonização do Brasil e da América espanhola. Ainda assim, as ideias religiosas não devem ser descartadas. “Padres, rogai a Deus que me torne casto e zeloso o suficiente para expandir nossa fé por todo o mundo”, implorou o jovem príncipe português Sebastião, com inquestionável sinceridade, a seus tutores jesuítas. Os europeus do século XVI acreditavam nos ensinamentos de sua religião como algo natural, e alguns portugueses e espanhóis, especialmente aqueles em ordens religiosas como os jesuítas, empreenderam viagens bastante perigosas ao redor do mundo, principalmente para salvar almas. Em suma, porém, a grande maioria das pessoas tinha uma mistura mundana de motivações, e a atração pelo sucesso mundano era constantemente evidente em suas ações. A ideia de difundir o cristianismo fornecia, acima de tudo, uma justificativa convincente para reivindicar grandes porções do mundo “desconhecido”. Consequentemente, as ideias religiosas tornaram-se particularmente influentes no nível da racionalização formal. Sempre que os invasores da América precisavam explicar e justificar suas ações, invocavam objetivos religiosos por razões nada mais sinistras do que o desejo humano comum de se apresentar da melhor maneira possível.

Além de suas almas imortais, os habitantes da floresta, como os tupis, não possuíam muitos dos bens desejados pelos europeus, sendo, portanto, inicialmente deixados em relativa paz. Ao longo da costa brasileira, desenvolveu-se um comércio mutuamente vantajoso, no qual os tupis se dispunham a derrubar pau-brasil e transportar os troncos até os postos de comércio em troca de itens úteis, como machados de aço. Ocasionalmente, náufragos ou exilados portugueses “se aculturavam”, vivendo entre os povos indígenas, e alcançavam um tipo diferente de sucesso mundano, tornando-se figuras influentes em suas localidades e, de uma maneira prenunciada pelo...

A crônica de Pero Vaz de Caminha, que gerou dezenas e dezenas de filhos, marca o início de um processo de miscigenação que caracterizou a história do Brasil. O rei de Portugal estava muito preocupado com seu império asiático para pensar muito no Brasil até a década de 1530, quando a presença de navios franceses na costa brasileira o fez temer por seus direitos sobre a região. Para assegurá-los, ele finalmente enviou colonos portugueses ao Brasil. De repente, os portugueses queriam algo que os tupis possuíam: suas terras. Agora tudo mudaria.

Para os portugueses, colonizar a terra significava desmatar e plantar, e a cana-de-açúcar era a única cultura com grande potencial de exportação. Podia ser moída e fervida, transformando-se em blocos concentrados e imperecíveis, acondicionados em caixas de madeira que cabiam facilmente nos pequenos navios à vela da época, e alcançava um preço elevado na Europa, onde a cana-de-açúcar não era cultivada. Essas qualidades fizeram da cana-de-açúcar a principal cultura comercial durante séculos, primeiro no Brasil e depois no Caribe e em todas as terras baixas da América tropical – em qualquer lugar onde os proprietários de terras mediam seu sucesso pelo que podiam comprar na Europa. E isso se aplicava, mais ou menos, a todas as colônias ibéricas. O açúcar era uma cultura de plantação, que exigia grande investimento de capital e muita mão de obra, uma cultura em que os lucros do plantador dependiam, em parte, da mão de obra barata. Mas nenhum colono português queria fornecer mão de obra agrícola barata. Aliás, os ibéricos na América geralmente relutavam em fazer qualquer trabalho manual, pois isso contradizia seu modelo de sucesso mundano. Quanto aos homens tupis, eles tradicionalmente caçavam e pescavam e consideravam a agricultura trabalho de mulher. Por que homens e mulheres indígenas deveriam capinar e cortar cana por salários miseráveis sob o sol escaldante, quando a floresta lhes dava tudo o que desejavam? De qualquer forma, seu modo de vida semissedentário envolvia deslocamentos periódicos incompatíveis com a necessidade de uma força de trabalho fixa nas plantações.

Para obter as terras e a mão de obra de povos da floresta como os tupis, os portugueses recorreram à força das armas. Isso significava atacar e escravizar cada grupo tribal de algumas centenas de pessoas, um por um, em batalhas sangrentas.

Escaramuças eram uma atividade bastante desgastante para a mão de obra limitada dos portugueses. Não havia batalhas decisivas que colocassem grandes populações derrotadas à disposição dos vencedores. Outros fatores tornavam a tarefa ainda mais difícil. Os habitantes da floresta americana usavam o arco e a zarabatana com eficácia mortal. Os cavalos dos invasores — em outros lugares, algo como uma arma secreta para os europeus, pois não existiam na América antes do Encontro — mal conseguiam se mover em meio a cipós pendentes, troncos caídos e raízes emaranhadas. Para quem conhece a floresta, ela oferece inúmeras oportunidades para se esconder, escapar e emboscar perseguidores. Mesmo depois de derrotados, os nativos brasileiros se perderiam na imensidão da mata além das plantações, se não fossem constantemente vigiados. Em outras palavras, extrair terras e mão de obra dos habitantes semissedentários da floresta significava destruir completamente sua sociedade e escravizá-los. A maioria provavelmente morreria no processo.

Foi exatamente isso que aconteceu ao longo de toda a costa do Brasil quando os portugueses começaram a estabelecer plantações de cana-de-açúcar. O rei de Portugal, que via os povos indígenas como súditos potencialmente leais, não aprovava esse extermínio em massa, mas seu poder no Brasil era surpreendentemente limitado. Numa tentativa de povoar mais de três mil quilômetros de litoral a baixo custo, o rei distribuiu enormes porções de terra a indivíduos ricos, chamados capitães, que prometeram colonizar e governar em seu nome. Significativamente, os mais bem-sucedidos foram aqueles que minimizaram os conflitos com os povos indígenas. Pernambuco, no extremo nordeste do Brasil, tornou-se o modelo de capitania açucareira, em parte porque a família de seu capitão estabeleceu uma aliança matrimonial com um cacique local. A maioria das capitanias, no entanto, fracassou. Em meados da década de 1540, rebeliões indígenas ameaçavam eclodir ao longo de toda a costa. Na esplêndida Baía de Todos os Santos, os Tupinambá, um subgrupo dos Tupi, haviam destruído um dos assentamentos mais promissores. Assim, em 1548, o rei português intensificou a colonização do Brasil, nomeando um governador real e construindo uma capital, Salvador (também chamada Bahia), naquele local.

Ao longo do meio século seguinte, entre os esforços dos fazendeiros para escravizar o povo Tupinambá e certas tentativas desastrosas de protegê-los, os Tupinambá desapareceram da região das plantações de cana-de-açúcar. Particularmente letais foram as doenças europeias, contra as quais os indígenas não tinham resistência natural; o contágio se alastrou entre os escravos Tupinambá nos espaços confinados das plantações. Qualquer aglomeração de populações nativas facilitava essa “catástrofe demográfica”. O mesmo navio que trouxe o primeiro governador real também trouxe os primeiros missionários jesuítas de batina preta para o Brasil. Famosos por sua inteligência e zelo, os jesuítas agiram rapidamente para estabelecer aldeias especiais onde reuniam seu rebanho indígena para lhes ensinar o cristianismo e defendê-los da escravidão. Apesar de todas as boas intenções, porém, epidemias de doenças europeias dizimaram os habitantes indígenas das aldeias jesuítas. Nas plantações, também, os escravos indígenas desapareciam rapidamente por causa de doenças e desespero. Para substituí-los, os portugueses compraram escravos na África e os amontoaram nos porões dos navios com destino ao Brasil. Por volta de 1600, os africanos estavam rapidamente substituindo os indígenas como mão de obra escravizada nas plantações de cana-de-açúcar brasileiras. Os tupinambás sobreviventes fugiram para o interior ou se miscigenaram, desaparecendo gradualmente como um grupo distinto. Esse padrão se repetiria por todo o Brasil à medida que o cultivo da cana-de-açúcar se expandia.

UM GUERREIRO TUPINAMBÁ.O guerreiro nesta pintura de 1643 pertencia a um subgrupo dos Tupi, um dos povos indígenas semissedentários mais disseminados no que hoje é o Brasil.

ÁFRICA E O TRÁFICO DE ESCRAVOS

Em diversas partes da América Latina, os africanos substituíram completamente os trabalhadores indígenas no século XVII. Como tantas pessoas foram escravizadas e levadas da África? Por que sobreviveram e povoaram o Brasil e o Caribe, enquanto povos como os tupis desapareceram? Agora que os africanos entraram em nossa história — para nunca mais sair —, devemos considerar o papel que desempenharam no Encontro.

O Encontro reuniu pessoas de três continentes para criar novas sociedades, mas, como vimos, os africanos e os ibéricos não eram completos estranhos uns aos outros. De fato, os primeiros escravos a chegar à América foram africanos que já haviam passado um tempo como escravos na própria Península Ibérica. Europeus e africanos tinham mais em comum entre si do que com os povos indígenas americanos. Juntamente com a Europa e a Ásia, a África fazia parte do que os europeus chamavam de Velho Mundo. Por dezenas de milhares de anos, os povos indígenas do Novo Mundo estiveram isolados e, portanto, protegidos das doenças que circulavam no Velho Mundo. Daí sua extrema vulnerabilidade às doenças europeias. Os africanos, por outro lado, não eram tão suscetíveis. As rotas comerciais e as migrações do Velho Mundo já os haviam exposto a esses micróbios. Da mesma forma, os povos indígenas americanos nunca tinham visto os cavalos, o gado, as ovelhas, os porcos, as galinhas e outros animais domésticos trazidos pelos ibéricos, mas os africanos já criavam esses mesmos animais, e alguns africanos eram exímios cavaleiros. Embora os povos indígenas confeccionassem joias elaboradas em ouro e prata, não trabalhavam com ferro. Os africanos, por outro lado, eram ferreiros experientes e até produziam aço de alta qualidade. Além disso, a maioria dos africanos eram agricultores sedentários e, portanto, mais próximos do padrão de vida rural ibérico do que os tupis, que eram semissedentários. Por fim, os povos indígenas, como os tupis, tinham todos os motivos para...

Ao ser capturado e escravizado, o pior era esperado, pois entre os tupis, os escravos eram frequentemente sacrificados e, às vezes, até mesmo comidos. Os africanos, por sua vez, tinham expectativas diferentes em relação à experiência da escravidão.

A escravidão era onipresente nas sociedades africanas, uma instituição social fundamental para a vida econômica. Na África, assim como na Península Ibérica e nas Américas indígenas, os escravos eram, na maioria das vezes, prisioneiros de guerra, mas com uma diferença importante. Na África, os cativos não permaneciam necessariamente servos eternamente degradados, e muitas vezes seus filhos não nasciam escravos. Com o tempo, as formas africanas de escravidão permitiram a plena integração social dos descendentes dos escravos. Em algumas sociedades africanas, os escravos podiam até mesmo alcançar alto status e privilégios de elite como administradores. A compra e venda de escravos em mercados, por outro lado, era uma tradição europeia. O escravo africano*troca*O per se começou a assumir proporções gigantescas apenas após a chegada dos portugueses no século XV.

Ao longo da costa africana, os portugueses estabeleceram entrepostos comerciais abastecidos com sedas, linho, caldeirões de latão e, eventualmente, rum, tabaco, armas e pólvora, mas sobretudo com barras de ferro para metalurgia. Comerciantes africanos traziam longas filas de escravos, acorrentados pelo pescoço, para esses centros de embarque. A maioria havia sido capturada em guerras entre estados africanos, e, com o tempo, os lucros do comércio de prisioneiros de guerra forneceram um novo estímulo à guerra. Navios negreiros também podiam parar em qualquer lugar ao longo da costa para comprar cativos de comerciantes locais. Enquanto isso, os portugueses buscavam justificativa ideológica na noção de que comprar tais cativos para cristianizá-los era, na verdade, fazer-lhes um favor. A Junta de Consciência em Lisboa aprovou o procedimento, desde que os traficantes de escravos portugueses estivessem supostamente "resgatando" os cativos de canibais, ou escravizando praticantes conhecidos de sacrifícios humanos, ou participando de alguma forma de "guerra justa" certificada. Na prática, porém, tais distinções legais pouco importavam para os traficantes de escravos. Eles compravam qualquer pessoa que estivesse à venda, indiscriminadamente, com uma preferência especial por jovens saudáveis, e depois os amontoavam nos porões dos navios negreiros, onde, em média, de 15 a 20% morriam durante a viagem.

Provavelmente, mais de um milhão de pessoas morreram apenas na travessia do Atlântico. A exploração inicial da costa africana levou a cerca de um século de domínio português no tráfico de escravos. Os navios negreiros portugueses forneciam mão de obra humana a compradores hispano-americanos, bem como brasileiros.

Temos poucos relatos em primeira mão sobre como era ser carga humana, embora cerca de doze milhões de pessoas ao longo de quatro séculos tenham tido essa experiência. Uma exceção é o relato de Olaudah Equiano, escrito no século XVIII, depois que o tráfico já estava em curso há mais de dois séculos. Equiano descreve sua confusão e desespero ao chegar a bordo de um navio e se deparar com o horror claustrofóbico dos espaços de carga escuros, fétidos e estreitos. Somente quando encontrou algumas outras pessoas que falavam sua língua, Equiano descobriu que estava sendo levado para trabalhar na terra do homem branco. Os africanos escravizados chegaram à América Latina em diversos grupos, falando muitas línguas diferentes, originários de três regiões da África amplamente separadas.

A primeira região afetada pelo tráfico de escravos foi a África Ocidental, do Senegal à Nigéria. Ali, uma faixa costeira de floresta tropical dá lugar, mais para o interior, à savana (a faixa sudanesa) e, eventualmente, ao início do deserto do Saara. Esta é uma parte especial da África, atravessada em um grande arco pelo rio Níger, berço de muitos desenvolvimentos culturais. Há cerca de cinco mil anos, povos de língua bantu partiram da região da foz do rio Níger em grandes migrações, difundindo sua cultura para o leste e para o sul por grande parte do continente. Ao longo do curso do Níger, há mil anos, surgiram reinos famosos na Europa por sua riqueza em ouro. Uma quantidade suficiente desse ouro havia chegado ao norte através do Saara em caravanas de camelos, despertando o interesse dos europeus medievais, e os portugueses empreenderam sua exploração da costa africana em parte para encontrar a origem desse precioso fluxo. A comunicação através do Saara também levou o Islã à África Ocidental. Antes do tráfico de escravos, os reinos mais poderosos surgiram no interior, no alto Níger, onde se erguia a fabulosa cidade murada de Timbuktu, com seus mercados movimentados e universidade. Em 1324, quando Mansa Musa,

O rei do Mali fez uma peregrinação a Meca (como os muçulmanos devotos tentam fazer pelo menos uma vez na vida), e sua caravana carregava ouro suficiente para causar oscilações nos valores das moedas nas áreas por onde passou. A atração fatal pelos metais preciosos levou os portugueses primeiro à "Costa do Ouro" (atual Gana), mas o valor das cargas humanas dessa região acabou por superar em muito o das cargas de ouro. Os britânicos, os franceses e os holandeses eventualmente estabeleceram seus próprios entrepostos comerciais, finalmente quebrando o monopólio português na costa da África Ocidental.

INDIGENOUS GROUPS
AND IBERIAN INVASIONS
CHICHIMECAS
Cortés
1519–1521
ARAWAKS
SPANISH
INVASION
AZTEC
EMPIRE
former
MAYAN
EMPIRE
CARIBS
CHIBCHAS
MURAS
Amazon R.
SHUAR
TAPAJÓS
TOBAJARAS
Pizarro
1532
CAIAPÓS
TUPI
TUPINAMBÁ
Cabral
1500
BORORÓS
INCA
EMPIRE
PAYAGUÁS
PORTUGUESE
INVASION
GUARANÍES
Pacific
Ocean
CHARRÚAS
PAMPAS
ARAUCANOS
(MAPUCHES)
Atlantic
Ocean

O mapa mostra que a invasão espanhola liderada por Cortés, de 1519 a 1521, partiu do Oceano Atlântico em direção oeste, atravessando o território dos Arawaks no Caribe e o Império Asteca no México. Outra expedição partiu do território dos Chichimecas, no norte do México, passando pelo Império Asteca e pelo antigo Império Maia, até chegar ao atual território de Honduras. Uma expedição chegou diretamente ao território da atual Nicarágua. Outra viagem adentrou o território dos Caribes, próximo à Venezuela. A expedição de Pizarro, em 1532, invadiu o Império Inca, na costa leste da América do Sul, perto do Peru. A invasão portuguesa de Cabral, em 1500, atravessou o território do povo Tupinambá, também na costa leste da América do Sul. Não aparecem no mapa como afetados por invasões os grupos Chibchas, Shuar, Muras, Tobajaras, Tapajós, Caiapós, Tupi, Bororós, Payaguás, Guaraníes, Charrúas, Pampas e Araucanos ou Mapuches.

Outras duas áreas da África permaneceram mais ou menos monopolizadas pelos portugueses: Angola e Moçambique, onde extensas faixas costeiras de terra aberta e gramada permitiram que os portugueses penetrassem profundamente no interior e colonizassem ativamente, em contraste com sua estratégia comercial mais limitada na África Ocidental. Como resultado, o português continua sendo a língua oficial em Angola e Moçambique até hoje. Essas regiões se tornaram as principais fontes do tráfico de escravos somente depois que os portugueses foram expulsos da África Ocidental pela concorrência de outros países europeus. Mas isso nos leva adiante.

Por ora, tendo observado como a exploração portuguesa da costa africana e seu conflito com os tupis, uma sociedade semissedentária, lançaram as bases étnicas e demográficas para um Brasil birracial, voltemos às sociedades sedentárias do México e do Peru, onde os governantes astecas e incas ostentavam tesouros de ouro impressionantes.

A QUEDA DOS IMPÉRIOS ASTECA E INCA

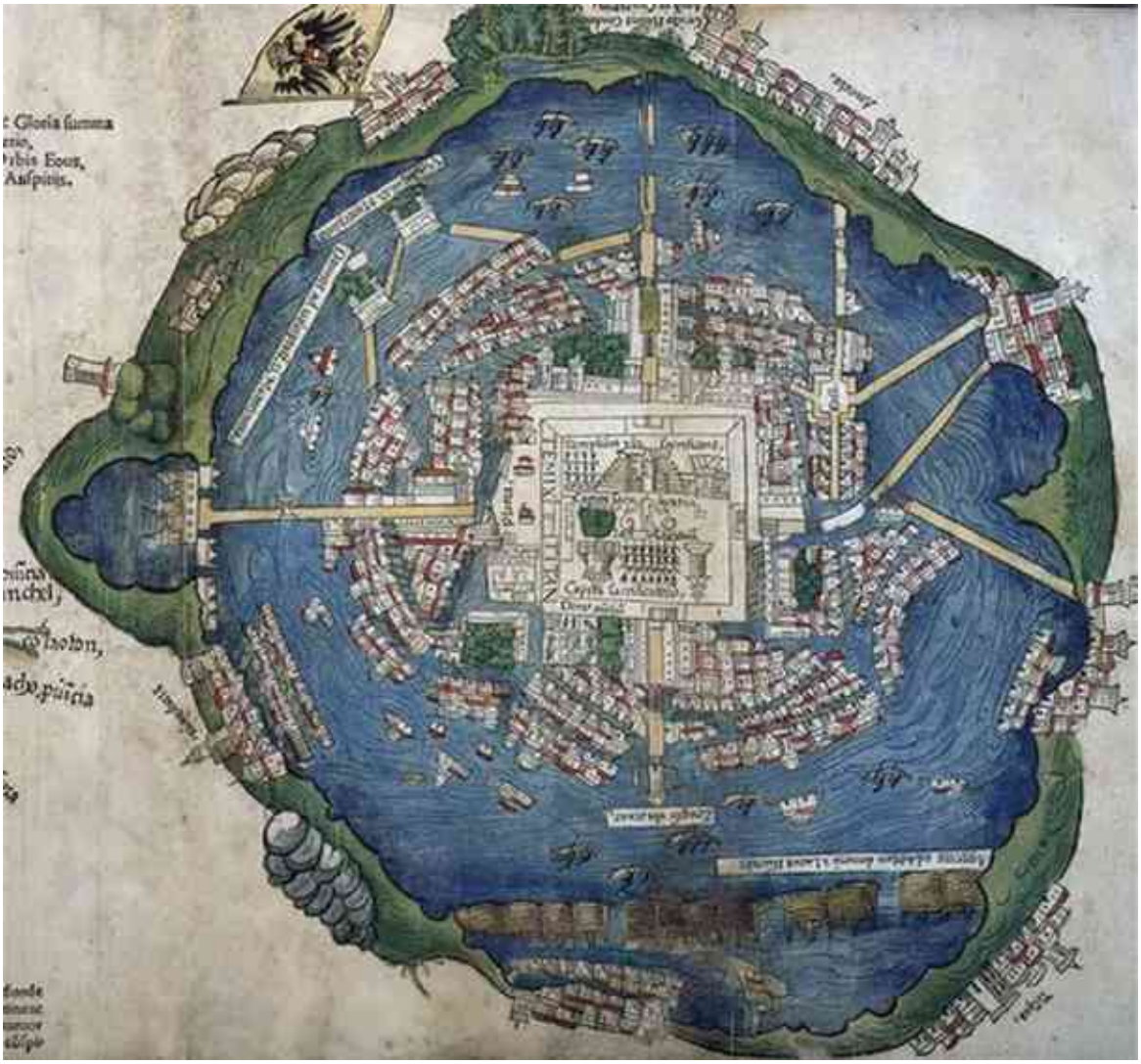
Enquanto o Brasil permanecia um lugar remoto no século XVI, o México e o Peru atraíam os espanhóis como poderosos ímãs, tornando-se os dois grandes polos da colonização espanhola. Por três séculos, o México e o Peru permaneceriam os lugares mais ricos e populosos das Américas, mas primeiro seus governantes indígenas precisavam ser derrotados. Os imperadores astecas e incas comandavam dezenas de milhares de guerreiros e vastos recursos materiais. Sua derrota repentina pelas mãos de algumas centenas de aventureiros espanhóis não tem paralelo na história mundial. Diversas circunstâncias conspiraram para torná-la possível.

Em 1519, quando desembarcaram pela primeira vez no México, os espanhóis já conheciam bastante a América. Afinal, uma geração inteira havia se passado desde que começaram a colonizar as ilhas caribenhas onde Colombo chegou: Hispaniola (hoje dividida entre Haiti e República Dominicana) e Cuba. A experiência inicial dos espanhóis com o povo arawak, de origem semissedentária e não tão diferente dos tupis, começou com o comércio, mas rapidamente degenerou em escravidão. O resultado foi semelhante ao que ocorrera na costa brasileira. Doenças e abusos dizimaram os povos indígenas do Caribe em uma geração. Logo, eles deixariam de existir por completo, sendo substituídos por escravos africanos.

Os invasores espanhóis não eram soldados, mas aventureiros indisciplinados em busca de fortuna pessoal. Os primeiros a chegar reivindicaram os habitantes indígenas e, eventualmente, as terras, deixando pouco para a próxima leva de aventureiros. Estes tiveram que conquistar em outro lugar. Operando a partir de bases no Caribe, os recém-chegados espanhóis começaram a explorar a costa da América Central e do Sul, cruzaram o Panamá e encontraram o Oceano Pacífico, entrando em contato com muitos grupos indígenas diferentes e começando a ouvir rumores de riquezas deslumbrantes.

Impérios misteriosos nas montanhas além do Caribe. Assim, quando descobriu o Império Asteca, o líder espanhol Hernán Cortés já lidava com os povos indígenas havia quinze anos.

Na conquista do México, nenhuma outra vantagem espanhola superou o simples fato de que Cortés sabia mais ou menos o que estava acontecendo, enquanto os líderes mexicas, incluindo Moctezuma, o imperador asteca, não tinham a menor ideia de quem, ou o que, os espanhóis poderiam ser. Durante séculos, circulou a história de que Moctezuma suspeitava que os espanhóis fossem deuses da mitologia asteca, e que o próprio Cortés poderia ser Quetzalcoatl, uma divindade de pele branca cuja vinda fora profetizada. Essa história, porém, parece agora incorreta, pois surgiu várias décadas após a chegada dos espanhóis. Embora repetida inúmeras vezes, deveria ser corrigida. Por outro lado, a lista de coisas nunca antes vistas que os espanhóis trouxeram era longa e intimidante: navios à vela com mastros altos, cães de ataque ferozes, cavalos de tamanho monstruoso, canhões cuspindo fogo e trovões, lâminas de aço e armaduras. Os mexicas nunca tinham visto europeus ou africanos (que estavam sempre presentes entre os conquistadores) e não tinham a menor ideia de que um povo tão estranho sequer existisse. Logicamente, eles consideravam esses invasores exóticos como seres de fora do mundo que conheciam. Procurando um nome para se referir aos espanhóis, os mexicas usaram a palavra náuatle.*teul*, que na época era rotineiramente traduzido para o espanhol como*Deus*ou “Deus”. Já que a palavra*teul*Embora pudesse ser usado para se referir a um espírito ou demônio, não implicava adoração, mas claramente denotava poder sobrenatural. A humanidade, a vulnerabilidade e as intenções hostis dos espanhóis só se tornaram evidentes depois que Cortés e sua expedição foram recebidos em Tenochtitlán, onde fizeram Moctezuma refém. Em meados de 1521, a varíola e a ajuda de aliados indígenas contribuíram para que Cortés aniquilasse Tenochtitlán, e o Império Asteca como um todo entrou em colapso rapidamente.



TENOCHTITLAN E O LAGO QUE O CIRCUNDA.A capital asteca era ligada à margem do lago por calçadas elevadas e cortada, como Veneza, por uma série de canais. Observe o complexo cerimonial quadrado no centro da cidade. Cidades e instalações menores são visíveis ao redor da margem do lago neste mapa de 1524.

Foi preciso mais luta para derrubar o Império Inca. Ainda assim, o triunfo espanhol, surpreendentemente rápido e completo, em ambos os casos, exige uma explicação. Mais uma vez, a experiência estava do lado espanhol. O líder da expedição peruana, Francisco Pizarro, era outro conquistador experiente que, assim como Cortés (seu antecessor distante), era outro conquistador veterano que, assim como Cortés (seu antecessor distante), também era um conquistador experiente.

(parente), empregou uma manobra comprovada, algo que os espanhóis praticavam desde seus primeiros encontros com os povos indígenas no Caribe, quando traiçoeiramente fez o governante inca Atahualpa refém em 1532. Além disso, é preciso lembrar a vantagem espanhola em tecnologia militar. Cavalos, aço e (menos importante) pólvora davam aos invasores uma superioridade devastadora de força, homem a homem, contra guerreiros armados apenas com bravura e armas de pedra. O armamento espanhol causou um número impressionante de mortes. Os guerreiros indígenas, por sua vez, concentravam-se em fazer prisioneiros, se possível, ilesos. Em certo momento, os espanhóis sob o comando de Cortés massacraram dez vezes mais homens em poucas horas na cidade tributária asteca de Cholula. Mais tarde, causaram um massacre espetacular no festival asteca de Toxcátl, para o qual haviam sido convidados. Um relato asteca exemplifica o impacto horripilante das lâminas espanholas:

> *Eles bloquearam as entradas do pátio sagrado, desembainharam suas espadas e avançaram imediatamente entre os dançarinos e os músicos. Um baterista que continuava a tocar perdeu os dois braços com um único golpe de espada. Em seguida, a espada decepou a cabeça do baterista, que caiu longe do corpo. Então, todas as espadas começaram a nos cortar.*

As vantagens militares espanholas provinham de sua herança do Velho Mundo, que incluía pólvora da China e cavalos da Ásia. Os micróbios do Velho Mundo também eram aliados dos espanhóis.

Imagine o horror dos Incas quando Pizarro capturou o imperador Inca, Atahualpa. Atahualpa havia chegado com um exército de dezenas de milhares de homens; Pizarro tinha apenas 168 espanhóis. Atahualpa tinha motivos para estar confiante demais e caiu em uma emboscada. A única esperança de Pizarro era uma vitória psicológica esmagadora, então ele recorreu à mesma tática consagrada que os espanhóis haviam aplicado aos Astecas: o massacre surpresa de nobres indígenas em um espaço fechado. A convite de Pizarro, a multidão de seguidores de Atahualpa entrou em uma praça onde os espanhóis haviam escondido canhões. Sem aviso prévio, os canhões dispararam contra a multidão à queima-roupa.

O alcance dos ataques causou uma carnificina horrenda. Então, espanhóis a cavalo investiram contra a massa de corpos, brandindo suas longas lâminas de aço em arcos sangrentos, decepando cabeças e braços como nenhuma arma indígena americana conseguia fazer. Enquanto isso, o fator surpresa e as armaduras protegiam os homens de Pizarro. Nenhum deles morreu naquele dia, mas conseguiram capturar Atahualpa, matando e mutilando milhares de seus homens no processo. O povo de Atahualpa trouxe montanhas de ouro para resgatá-lo. Pizarro ficou com o ouro e, mesmo assim, mandou executar Atahualpa. Privar os defensores indígenas da liderança fazia parte da estratégia de "dividir para conquistar".

Nem os Incas nem os Astecas teriam sido derrotados sem a ajuda dos aliados indígenas dos espanhóis. No México, os impostos e tributos astecas pesavam muito sobre os ombros de outras cidades-estado de língua náuatle. As cidades-estado tributárias forneciam vítimas sacrificiais para a religião estatal asteca, a ideologia que glorificava a expansão imperial asteca e banhou as pirâmides de Tenochtitlán com o sangue de milhares. Como resultado, Cortés encontrou alianças fáceis, principalmente com a cidade indígena vizinha de Tlaxcala, uma antiga rival de Tenochtitlán. Ansiosas para acabar com o domínio asteca, as cidades rivais enviaram milhares de guerreiros para ajudar Cortés.

Pizarro também usou aliados indígenas para derrubar o Império Inca. Ao contrário dos astecas, os incas haviam imposto um poder centralizado que desmantelou cidades-estado rivais e reassentou suas populações. Enquanto os astecas apenas impunham tributos, os incas administravam, construindo estradas, armazéns e guarnições. Assim como os astecas, e também como os espanhóis e portugueses, os incas tinham uma religião oficial que fornecia uma justificativa ideológica para o império. Infelizmente para os incas, porém, tanto o imperador reinante quanto seu sucessor morreram repentinamente na epidemia que, avançando pelas rotas comerciais à frente de Pizarro, devastou a família real inca, criando uma crise de sucessão pouco antes da chegada dos espanhóis. Desastrosamente, uma guerra civil inca teve início. Atahualpa liderava um lado e seu irmão Huáscar o outro. O astuto Pizarro soube manipular os dois lados, alcançando a vitória final para si. Cada lado na guerra civil inca...

A guerra via o outro como a maior ameaça. Como poderiam saber que a pequena expedição de Pizarro era apenas a ponta do iceberg de vastas forças colonizadoras além do Atlântico?

Os tesouros astecas e incas logo atraíram milhares de espanhóis. A derrota do poder asteca e inca foi apenas o primeiro passo para o estabelecimento do domínio espanhol sobre o continente. Agora, os espanhóis precisavam colonizar, exercer controle efetivo sobre grandes populações e vastos territórios, sobre as civilizações que sustentaram os impérios asteca e inca e que permaneceram após sua destruição. Esse foi um processo gradual, que exigiu várias gerações e contrastou fortemente com o padrão de colonização do litoral brasileiro.

O NASCIMENTO DA AMÉRICA HALÂNICA

Mesmo antes que a poeira do colapso imperial tivesse assentado no México e no Peru, os espanhóis começaram a distribuir os despojos da conquista. Parte era tesouro capturado da realeza indígena, mas a maior parte assumiu a forma de... *encomienda*, em que os conquistadores eram recompensados com pessoas. Nesse sistema, os povos indígenas eram “confiados” (o significado da palavra *encomienda* A cada conquistador eram atribuídas encomiendas, que tinham a responsabilidade de cristianizá-los e o privilégio de fazê-los trabalhar para si. As encomiendas de mouros conquistados haviam sido concedidas em abundância durante a reconquista cristã da Península Ibérica, sendo, portanto, um sistema familiar aos espanhóis. Os conquistadores que recebiam encomiendas tornavam-se muito semelhantes aos nobres europeus, capazes de viver do trabalho de agricultores servos que entregavam parte de suas colheitas como tributo regular. Para os agricultores indígenas acostumados a pagar tributo aos senhores imperiais, a situação também era familiar. Na maioria das vezes, as mesmas cidades-estado, aldeias e clãs que antes pagavam tributo aos astecas ou incas agora o faziam aos novos senhores espanhóis. Epidemias calamitosas e repetidas durante o século XVI, comparáveis em gravidade à Peste Negra da Europa medieval, reduziram as populações nativas a uma fração de seu tamanho anterior. Mas, ao contrário do que ocorreu no Caribe ou ao longo da costa brasileira, as aldeias indígenas não desapareceram do México e do Peru.

Enquanto a sociedade tupi foi dizimada por doenças e substituída pelas plantações de cana-de-açúcar brasileiras, as sociedades agrícolas sedentárias do centro do México e dos Andes sobreviveram, abaladas, mas intactas, para serem conquistadas pelos espanhóis. Os espanhóis normalmente criavam encomiendas a partir de comunidades já existentes com seus próprios nobres indígenas, aos quais os espanhóis chamavam de "nativos". *caciques*.* Os conquistadores espanhóis cultivaram relações com esses nobres, por vezes casando-se com membros de suas famílias.

Gradualmente, porém, a conquista espanhola enfraqueceu a nobreza guerreira derrotada dos tempos astecas e incas, e os povos indígenas adotaram governos de aldeia ao estilo espanhol. No México, os funcionários das aldeias com títulos espanhóis conduziam seus negócios e mantinham registros escritos em náuatle. Centenas de palavras espanholas foram incorporadas ao náuatle, naturalmente, indicando o poderoso impacto da conquista, mas a estrutura básica da língua sobreviveu, preservando uma visão de mundo indígena distinta.

O México tornou-se oficialmente a “Nova Espanha”, mas na realidade tratava-se da fusão de duas sociedades, principalmente por homens espanhóis e mulheres indígenas. As mulheres espanholas, assim como as portuguesas no Brasil, eram poucas. Nos primeiros anos do Encontro, os homens espanhóis na América superavam as mulheres espanholas numa proporção de aproximadamente nove para um. Assim, em poucos anos, mulheres indígenas e homens espanhóis tornaram-se pais de uma legião de crianças mestiças, exatamente como previsto na carta de Pero Vaz de Caminha, vinda do Brasil. Malinche teve o filho de Cortés logo após a queda de Tenochtitlán.

Que figura intrigante é Malinche, uma deformação espanhola de seu nome indígena, Malintzin. Ela foi uma das vinte escravas dadas a Cortés quando ele navegou pela costa mexicana em busca do Império Asteca em 1519. Ela já falava maia e náuatle e aprendeu espanhol em poucos meses. Essa jovem de dezesseis anos, incrivelmente inteligente e segura de si, tornou-se inseparável de Cortés e foi fundamental na captura de Moctezuma. Compreensivelmente, sua vida foi lida como um romance, mas também como uma traição ao México. Não foi nenhuma das duas coisas. Quanto ao romance, Cortés chamou sua esposa espanhola, que o esperava em Cuba, deu a Malinche alguns bens e a dispensou. Quanto à traição ao México, esse país ainda não existia, a menos que se refira ao Império Asteca, e Malinche tinha bons motivos para odiar os astecas. Embora o náuatle fosse sua primeira língua, sua própria família a vendeu como escrava para os maias, e foi assim que ela aprendeu esse idioma. Malinche foi mais traída do que traidora. Cortés a casou com um de seus homens, com

com quem teve um segundo filho. Ela morreu, ainda com menos de vinte e cinco anos, apenas alguns anos depois.

A princesa asteca Techichpotzín, batizada como Isabel, era filha de Moctezuma. Ela se tornou "Isabel Moctezuma", personificando a mulher da nobreza indígena que podia atrair um marido espanhol devido à sua riqueza. Como herdeira legítima da fortuna pessoal de Moctezuma e detentora de uma desejável encomienda, Isabel atraiu mais do que sua cota de maridos. Antes de seus três maridos espanhóis, ela foi casada com dois líderes diferentes da resistência asteca nos últimos dias de Tenochtitlán. Ela sobreviveu a quatro de seus maridos, teve sete filhos mestiços, adaptou-se à sua nova vida e tornou-se um modelo de devoção católica e benfeitora de instituições de caridade religiosas. Ela viveu até a respeitável idade de quarenta anos.

Com o declínio da nobreza asteca e inca e o aumento do número de mulheres espanholas, cada vez menos homens espanhóis se casavam com mulheres indígenas. Embora os homens espanhóis continuassem a gerar inúmeros filhos mestiços, a maioria era ilegítima e herdava pouco ou nada de seus pais espanhóis. Essas crianças eram "pessoas-entre-meios": não eram europeias, africanas ou indígenas. Os filhos mestiços eram considerados de segunda classe no mundo espanhol, parentes pobres, quando sequer eram reconhecidos. O filho de Malinche com Cortés, Martín, tornou-se praticamente um servo de seu meio-irmão, também chamado Martín, filho de Cortés com sua segunda esposa espanhola.

As mulheres espanholas geralmente chegavam depois do fim dos combates, mas nem sempre era assim. Uma mulher chamada Isabel de Guevara ajudou a conquistar a Argentina e o Paraguai nas décadas de 1530 e 1540. Anos depois, numa tentativa de obter uma encomienda por sua participação na conquista, ela escreveu uma carta à Coroa Espanhola, descrevendo como as mulheres da expedição assumiram o comando quando a fome matou dois terços do grupo. Enquanto os homens desmaiavam de fome, escreveu Guevara, as mulheres começaram a “fazer guarda, patrulhar as fogueiras, carregar as bestas... incitar os soldados que ainda podiam lutar, gritar o chamado para a vitória”.

alarme por todo o acampamento, agindo como sargentos e colocando os soldados em ordem.”

A mais famosa conquistadora de todas foi Inés Suárez, uma mulher de trinta anos que chegou à América em 1537, sozinha, à procura do marido. Ela procurou primeiro na Venezuela e depois no Peru, onde o encontrou já morto. Suárez tornou-se então amante do conquistador do Chile, lendária por suas ações durante um ataque indígena. Seu plano era aterrorizar os atacantes atirando-lhes as cabeças de sete chefes capturados, e seu feito mais famoso foi decapitar o primeiro cativo ela mesma. Apesar do que foi considerado seu heroísmo, o conquistador do Chile, que tinha uma esposa na Espanha, deixou Inés Suárez de lado quando se tornou governador do novo território.

Casamentos favoráveis superavam até mesmo habilidades extraordinárias na vida das mulheres. O contrato matrimonial era um pilar da estrutura social espanhola, crucial para a distribuição de bens. O casamento era um sacramento religioso, e a conformidade religiosa era assunto sério no Império Espanhol.

A conquista espanhola representou uma conquista terrena e espiritual, a derrota dos antigos deuses. Clérigos espanhóis chegaram para ensinar a doutrina católica. Eles buscavam insistentemente objetos sagrados que os povos indígenas ainda preservavam, escondidos, de suas antigas religiões — “ídolos”, aos olhos dos católicos. O padre e o detentor da encomienda ficavam lado a lado em muitas áreas, como os únicos dois representantes da autoridade espanhola. Como ocorrera durante a cristianização da Europa séculos antes, a conversão de reis (ou, na América, caciques) trazia comunidades inteiras para a igreja de uma só vez. Em sua pressa para batizar, os missionários aspergiam água benta sobre os indígenas de forma superficial em cerimônias de massa que pouco contribuíam para o seu aprendizado do cristianismo. Ainda assim, os batizados se lembravam da imposição de outras religiões imperiais de Estado, pois esse era um padrão familiar desde antes do Encontro. Entre os povos sedentários, os espanhóis tinham o hábito de erguer igrejas em locais isolados.

já sagrado para as divindades indígenas. O povo de Tenochtitlán não deve ter ficado surpreso ao ver os conquistadores espanhóis arrasarem o Grande Templo Asteca e construírem sua catedral praticamente no mesmo local.

Os povos sedentários do centro do México e do Peru sobreviveram ao Encontro infinitamente melhor do que povos semissedentários como os tupis. Ainda assim, o Encontro teve um impacto devastador também nas sociedades agrícolas sedentárias. Os espanhóis frequentemente exigiam tributos maiores do que os senhores indígenas. Por exemplo, as aldeias andinas forneciam trabalho forçado, chamado de...*mita*aos seus governantes incas, mas após a conquista, os trabalhadores mita foram forçados a fazer algo novo — trabalhar nos poços de minas de prata profundas, às vezes trancados por dias. Além disso, doenças europeias epidêmicas continuaram a dizimar a população indígena.

Ao final do século XVI, os contornos básicos das etnias latino-americanas já estavam estabelecidos. Genes e culturas americanas, europeias e africanas começaram a se misturar, criando um rico potencial para a diversidade humana, mas a natureza violenta e exploradora do Encontro azedaria essa mistura por séculos. No Brasil e na região do Caribe, europeus e africanos ocuparam o lugar das populações indígenas que foram praticamente dizimadas. No México e no Peru, por outro lado, as sociedades de língua náuatle e quéchua sobreviveram e foram gradualmente transformadas. De uma forma ou de outra, o pecado original da história latino-americana — a injustiça social latente em seu âmago — havia causado danos duradouros. Como comunidades mais equitativas e inclusivas poderiam emergir das ruínas fumegantes da conquista? O passo seguinte, a colonização sistemática, a criação de sistemas sociais inteiros voltados para servir aos interesses de senhores distantes na Europa, só piorou a situação.

Notas de rodapé

- Observação *:*Cacique*Na verdade, é uma palavra arawak que os espanhóis adotaram no Caribe e posteriormente aplicaram em outros lugares.Voltar à referência *

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

Encontro ,pág. 17

Cabeza de Vaca ,pág. 18

Pampas ,pág. 18

sedentário ,semi-sedentário ,não sedentário ,pp. 18–19

Tupi, Tupinambá ,pág. 19 , 32

Império Inca ,pág. 20

Império Asteca ,pág. 20

Tenochtitlán ,pág. 20

Maias ,pág. 22

Ibéria, ibéricos ,pág. 22

reconquista da Península Ibérica ,pág. 25

Isabel de Castela ,pág. 26

Hernán Cortés ,pág. 39

Moctezuma ,pág. 39

Francisco Pizarro ,pág. 40

encomienda ,pág. 43

Bartolomé de Las Casas ,pág. 50

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Você pode caracterizar as diversas sociedades indígenas da América? Como seus modos de vida influenciaram o Encontro e criaram a diversidade atual nas populações nacionais?
2. Que experiência histórica formativa os espanhóis e os portugueses partilharam antes do Encontro?
3. Você pode comparar a colonização inicial do Brasil e do México com os grandes projetos imperiais de Portugal e da Espanha?
4. De que forma os africanos passaram a desempenhar um papel importante na colonização da América?
5. De modo geral, como foi possível que pequenos contingentes espanhóis e portugueses reivindicassem efetivamente os impérios americanos no século XVI?

Glossário

Encontro

Anteriormente chamado de "A Descoberta da América", o Encontro marca o momento em que o mundo dos nativos americanos colidiu com o mundo dos europeus, afetando e mudando ambos os mundos para sempre. Cabeza de Vaca

Explorador espanhol do início do século XIX que descreveu povos não sedentários que viviam no Texas e no norte do México.

Pampas

Um povo indígena não sedentário que, antes de desaparecer, deu nome aos campos férteis e bem irrigados da Argentina, ao sul da capital, Buenos Aires.

Império Inca

Império de governantes de língua quéchua no vale andino de Cuzco, que abrangia uma população de 4 a 6 milhões de pessoas. Eles foram conquistados pelo conquistador Francisco Pizarro em 1533.

Império Asteca

Império mesoamericano que se estendia pelo Vale Central do México, unindo numerosos pequenos estados independentes sob um único monarca. No final do século XV, o Império Asteca pode ter governado até 25 milhões de pessoas. Em 1521, foi conquistado pelo conquistador Hernán Cortés.

Tenochtitlán

A capital do Império Asteca. A cidade foi construída em ilhas pantanosas na margem oeste do Lago Texcoco, onde hoje se encontra a Cidade do México.

Maias

Civilização totalmente sedentária que governou grandes extensões da Mesoamérica; o território maia era composto por uma série de reinos, cada um construído em torno de centros rituais em vez de cidades.

Reconquista da Península Ibérica

O processo pelo qual o Rei Fernando e a Rainha Isabel expulsaram os mouros da Espanha, concluído em 1492.

Isabel de Castela

Rainha de Castela, um reino localizado no centro da atual Espanha. Na década de 1490, ela financiou as explorações de Cristóvão Colombo.

Hernán Cortés

O conquistador espanhol que conquistou o Império Asteca e estabeleceu o precedente para outros conquistadores saqueadores. Moctezuma

Líder do Império Asteca que perdeu o poder ao ser feito refém por Cortés durante a invasão de Tenochtitlán em 1521. Francisco Pizarro

Um conquistador espanhol que liderou a expedição que conquistou o Império Inca na década de 1530.

encomienda (Espanha)

uma instituição pela qual grupos de povos indígenas eram legalmente "confiados" a um conquistador espanhol com a obrigação de lhe pagar trabalho e/ou tributo. Em troca, o detentor da encomienda (a *encomendero*) tinha como objetivo fornecer instrução na religião cristã.

Bartolomé de Las Casas

Um missionário católico que renunciou à prática espanhola de conversão coercitiva de indígenas e defendeu um tratamento melhor para eles. Em 1552, ele escreveu *Breve relato da destruição das Índias*, que descrevia o tratamento cruel que a Espanha dispensava aos índios.

sedentário

Padrões de vida indígena que ocorriam com mais frequência em ambientes de altitude. Povos sedentários praticavam agricultura totalmente sustentável, o que permitiu a criação de cidades e grandes e complexas organizações sociais. Em alguns casos — os astecas, incas e maias — esses povos sedentários construíram grandes impérios.

semi-sedentário

Padrões de vida indígena típicos de ambientes florestais. Povos semissedentários praticavam agricultura itinerante e mudavam suas aldeias a cada poucos anos. Organizavam-se em tribos e clãs que raramente ultrapassavam alguns milhares de indivíduos. Exemplo: o povo tupi do Brasil (e também do Paraguai).

não sedentário

Padrões de vida indígena típicos de pradarias, especialmente as áridas. Povos não sedentários dependiam da coleta e da caça para obter alimento. Eles se deslocavam constantemente e, portanto, suas organizações sociais eram simples. Exemplos: os Chichimecas do México e os Pampas da Argentina.

Tupi, Tupinambá

Povo semissedentário, habitante das florestas, que ocupava grande parte do Brasil na época da chegada dos portugueses. Estritamente relacionados ao povo guarani do Paraguai.

Ibéria

A península que define o extremo sudoeste da Europa, separada da França pelos Pirenéus. Tanto os espanhóis quanto os portugueses são *ibéricos*, portanto, esse termo é frequentemente usado para discutir a presença colonial combinada deles na América.

CONTRACORRENTES

FREI BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

BARTOLOMÉ DELCOMOCASAS. (1474–1566)

Como nossa história deixa abundantemente claro, o ímpeto europeu de extrair trabalho e tributos explica muito sobre a colonização da América Latina. Como poderia ser diferente? Em sua essência, a conquista sempre se trata de exploração. Por outro lado, conquistadores e colonizadores raramente admitem isso, mesmo para si mesmos. É aí que entram em cena outros motivos, mais idealistas. A maioria dos espanhóis e portugueses que chegaram às Américas no século XVI acreditava que disseminar a "verdadeira religião", mesmo pela força, era algo bom. Como todos os povos, tendiam a interpretar seus próprios atos da melhor maneira possível. Por outro lado, o idealismo religioso foi de fato a força motriz para alguns; logicamente, estes eram, em sua maioria, membros da Igreja. A Igreja Católica — com a Inquisição e tudo o mais — gerou as mais importantes correntes humanitárias contrárias a essa era de exploração desenfreada.

Por exemplo, alguns membros da ordem franciscana que chegaram ao México já em 1524 demonstraram profundo respeito pelos povos indígenas. Vários franciscanos reuniram e preservaram cuidadosamente informações sobre a história, a religião e o cotidiano dos astecas. O mais notável foi Bernardino de Sahagún, que escreveu que a organização familiar e as práticas de cuidado infantil dos astecas eram superiores às da Espanha. Sahagún colaborou com seus alunos indígenas para reunir um tesouro do pensamento, da literatura e dos costumes astecas em sua língua original, o náuatle. Lindamente ilustrado em autêntico estilo indígena, seu livro, conhecido hoje como o*Códice Florentino*A obra de Toribio de Motolinia permanece essencial para qualquer interpretação da civilização asteca. Outro franciscano, Toribio de Motolinia, denunciou os tributos espanhóis, a tortura e o trabalho forçado como inúmeras "pragas" que afligiam os povos indígenas. Até hoje, Motolinia é lembrado com carinho no México como um defensor dos conquistados.

Os primeiros jesuítas no Brasil também trabalharam para defender os povos indígenas contra as depredações dos colonizadores. Como primeira medida, os jesuítas aprenderam diversas variantes do tupi (que, na verdade, era uma família de línguas relacionadas, tão distintas entre si quanto o francês, o espanhol e o italiano). Em seguida, elaboraram uma versão simplificada do tupi.

gramática e vocabulário padrão para uso nas aldeias missionárias. Isto *Língua Geral*O tupi, ou "língua geral", era facilmente aprendido por falantes de vários dialetos tupi. Isso facilitava o ensino religioso e diferenciava os povos indígenas dos colonizadores que queriam escravizá-los.

Mas, de longe, o maior defensor religioso dos povos indígenas foi Bartolomé de Las Casas, protótipo de uma longa linhagem de padres radicais na América Latina. Las Casas era um jovem cavalheiro com formação universitária e em busca de fortuna — nada radical — quando chegou à América em 1502. Ele próprio recebeu uma encomienda e, por doze anos, viveu como um dos primeiros conquistadores do Caribe, testemunhando a morte de indígenas às dezenas, vítimas da exploração e de doenças. Ele tinha cerca de quarenta anos quando, em 1514, mudou de ideia, influenciado, aparentemente, pelos sermões inflamados de um membro da ordem dominicana que começara a pregar contra a exploração espanhola das encomiendas. Em 1515, Las Casas, agora ele próprio um dominicano, retornou à Espanha e propôs várias maneiras de proteger os indígenas americanos do sistema de encomienda. "A razão para a morte e destruição de tantas almas pelas mãos dos cristãos", segundo Las Casas, era a simples ganância: "ouro e a tentativa de enriquecer rapidamente". Uma de suas sugestões alternativas era recorrer ao trabalho de africanos escravizados, mas então ele teve uma ideia melhor: o recrutamento na Espanha de famílias inteiras de agricultores dispostas a trabalhar por conta própria. Las Casas sonhava que as sociedades espanhola e indígena na América pudessem ser mantidas separadas e que o uso de mão de obra indígena fosse estritamente limitado e supervisionado. Mas seu projeto piloto de colonização na Venezuela nunca decolou.

Durante as décadas de 1520 e 1530, Las Casas escreveu uma série de publicações denunciando os abusos da encomienda e viajou por todo o Caribe e América Central defendendo os povos indígenas. Em 1537, o papa emitiu uma proclamação, em parte inspirada por Las Casas, afirmando que os povos indígenas eram exatamente isso: pessoas, e não seres subumanos, como alguns alegavam. Em 1542, em grande parte graças a Las Casas, a Coroa Espanhola promulgou o Decreto Presidencial sobre a Terra Prometida.

As famosas Novas Leis das Índias para o Bom Tratamento e Preservação dos Índios limitaram imediatamente e eventualmente extinguiram as encomiendas por completo. Os poderosos detentores de encomiendas odiavam e difamavam Las Casas pelas Novas Leis que lhes cortavam as asas, mas o velho cruzado, já com quase setenta anos, não tinha intenção de parar.

Em 1550-51, Las Casas representou a causa dos povos indígenas em um grande debate realizado na cidade espanhola de Valladolid para determinar, de uma vez por todas, o estatuto moral da conquista espanhola na América. Em Valladolid, Las Casas negou veementemente a acusação de que os povos indígenas eram naturalmente inferiores aos europeus e, portanto, mereciam ser escravizados. Embora o resultado oficial do debate de Valladolid tenha sido inconclusivo, Las Casas causou uma forte impressão no governo imperial. Em 1552, ele publicou o mais famoso de seus inúmeros escritos.*Um breve relato da destruição das Índias*, repleto de descrições macabras da crueldade espanhola, exagerando retoricamente um massacre que já era suficientemente horrível na realidade. Poucos panfletos alcançaram um público europeu tão amplo. Entre os leitores mais ávidos deste tratado estavam os inimigos protestantes do catolicismo em uma Europa assolada por guerras religiosas. Ao longo dos dois séculos seguintes,*Um breve relato da destruição das Índias*Foram vistas três edições em latim, três em italiano, quatro em inglês, seis em francês, oito em alemão e dezoito em holandês, sem mencionar as em espanhol.

Bartolomé de Las Casas viveu até os oitenta e nove anos, uma vida fabulosamente longa para o século XVI. Embora seu erro inicial ao defender a escravização de mais africanos permaneça uma mancha em sua trajetória, ele se arrependeu rápida e permanentemente dessa ideia. De modo geral, o espírito e a luta de Las Casas continuam a inspirar religiosos e religiosas idealistas na América Latina mais de quatrocentos anos depois.

3 COLONIAL CADINHO

O domínio da Espanha e de Portugal na América Latina durou três longos séculos. Apesar dos sonhos utópicos dos religiosos e da resistência contínua à exploração, o amargo legado da conquista e da escravidão permanecia forte em 1800, às vésperas da independência. Os latino-americanos lutaram contra a hierarquia racial imposta pela conquista e pela escravidão e se adaptaram a ela. À medida que as sociedades latino-americanas cresciam em torno das duras arestas da dominação, como as raízes de uma árvore que gradualmente abraçam as rochas em sua base, a adaptação tornou a colonização suportável, mas também a enraizou nos hábitos das pessoas. Povos indígenas, africanos e europeus conviviam e se misturavam, lutavam e dormiam juntos. Eles se incompreendiam e aprendiam uns com os outros, se desprezavam e, às vezes, se adoravam. Ao longo de centenas de anos, a maioria dos latino-americanos passou a aceitar sinceramente o catolicismo e o domínio de um rei espanhol ou português. Assim, mais do que um mero domínio estrangeiro, a colonização foi um processo social e cultural, até mesmo psicológico. Os padrões de dominação resultantes — intrincados e onipresentes — constituem o produto mais triste do crisol colonial.

Os contornos das sociedades coloniais latino-americanas revelaram as prioridades dos invasores ibéricos. Uma breve visita às colônias explicará os padrões econômicos básicos e a configuração geográfica. Para começar, apenas metais preciosos e alguns itens de alto valor, como o açúcar (então um artigo de luxo), podiam compensar os enormes custos de transporte através do Oceano Atlântico. Assim, as minas e as plantações de cana-de-açúcar desempenham um papel fundamental na história inicial da América Latina.

Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ. As mulheres também optavam por ingressar em ordens religiosas, e os conventos eram centros vibrantes da vida colonial. Além de proporcionar uma educação protegida e, portanto, honrosa para as jovens, os conventos desempenhavam um papel fundamental no financiamento da produção agrícola. Em alguns casos, os conventos ofereciam oportunidades para as atividades artísticas e intelectuais das mulheres. Não é por acaso que Sor Juana, a mulher mais célebre da América Latina colonial, tenha sido freira.

1600

Início do Período Colonial Pleno

1651

Nasce Sor Juana Inés de la Cruz

década de 1690

Bandeirantes descobrem ouro

1776

Criado o Vice-Reino do Rio da Prata

década de 1790

A Revolução Francesa desencadeia guerra na Europa.

ECONOMIA COLONIAL

A prata e o açúcar moldaram as economias coloniais emergentes. O ouro foi o metal precioso que primeiro fascinou os europeus, porém o ouro dos tesouros astecas e incas, ouro que podia ser facilmente garimpado em leitos de rios arenosos e que se esgotava rapidamente. Uma corrida do ouro no Caribe contribuiu para o extermínio dos arawaks durante a primeira geração da colonização espanhola. Mas a prata, e não o ouro, acabou por estruturar a economia colonial da América espanhola. As principais minas de prata de Zacatecas (México) e Potosí (Peru) foram abertas na década de 1540. Zacatecas, uma área sem habitantes sedentários, atraiu migrantes indígenas do centro do México. Os migrantes também se tornaram mineiros em Potosí, em um planalto montanhoso varrido pelo vento a 3.600 metros de altitude, onde as técnicas espanholas de fundição (com fole) não funcionavam e as técnicas indígenas (canalizando o vento andino) tiveram que ser adotadas. Eram minas de poços profundos que se estendiam por quilômetros sob a terra, vastas empresas quase industriais que atraíram uma diversidade de pessoas. A mineração começou imediatamente a remodelar a sociedade mexicana e peruana.

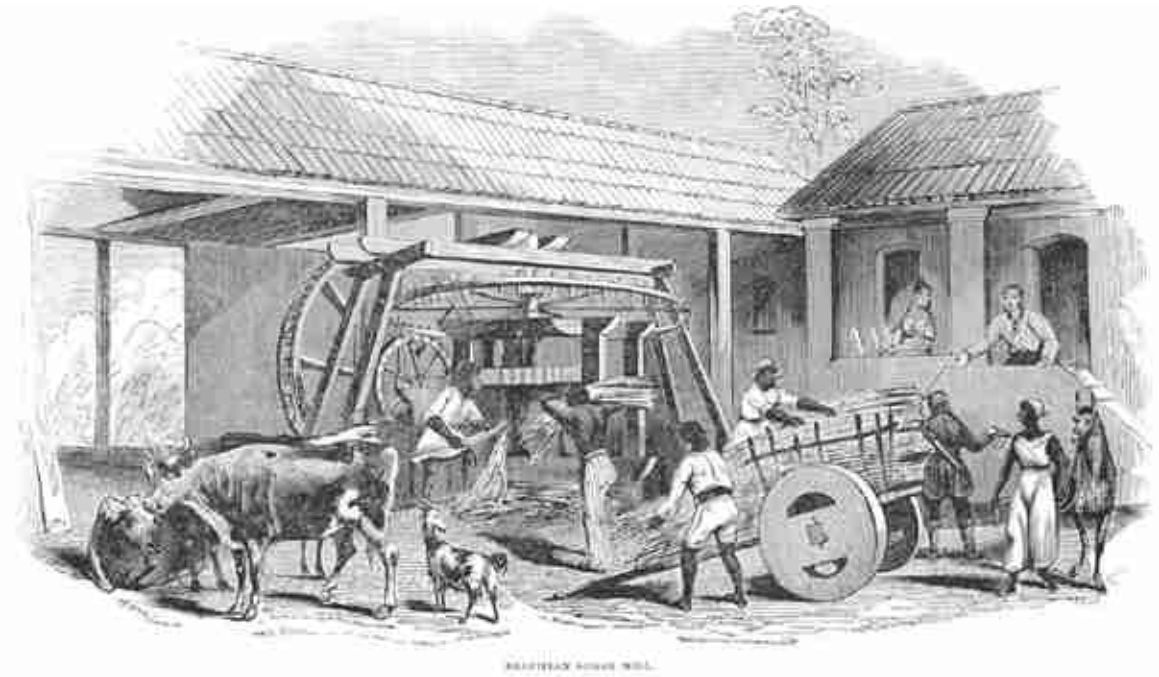
As zonas de mineração tornaram-se o grande foco da atividade espanhola na América, ligando economicamente as colônias à Europa. Durante um período no século XVII, Potosí tornou-se a cidade mais populosa da América. E como Potosí se situava praticamente no topo do mundo, muito alta para a agricultura, quase tudo, exceto a prata, tinha que ser transportado por mulas. Mulas de passo firme, criadas nas planícies da Argentina, subiam em bandos por estreitas trilhas andinas para fornecer transporte. Mulheres indígenas em outras partes dos Andes teciam roupas para vestir os mineiros, e agricultores em altitudes mais baixas enviavam alimentos para alimentá-los. (Para aplicar conceitos econômicos aqui, a produção primária de exportação estimulou as atividades de abastecimento secundário.) Eventualmente, a prata desceu do céu em mulas com destino à costa. Como o alto planalto dos Andes centrais é tão remoto da costa,

A capital peruana foi estabelecida em Lima, perto de um bom porto marítimo. Da mesma forma, a riqueza do México colonial se concentrava ao longo das rotas que ligavam as minas do norte à Cidade do México e ao porto de Veracruz. As zonas de mineração do norte tornaram-se um ponto de encontro para todos os tipos de pessoas, enquanto o sul do México, juntamente com a Guatemala, tinha uma população mais estritamente indígena. As principais etnias nessa região sul eram zapotecas, mixtecas e, especialmente, maias — o povo entre o qual Malinche cresceu. Agora, todo o sul do México, a América Central e o Caribe passaram a fazer parte da rede de abastecimento das minas de prata do norte.

POTOSÍ. Repleta de galerias de minas, a "montanha de prata" se ergue sobre a cidade de Potosí, na atual Bolívia — chamada de Alto Peru na época desta pintura de 1584. Em primeiro plano, o minério de prata é triturado por máquinas movidas a água e misturado com mercúrio para extrair o metal precioso.

As prioridades econômicas da Coroa Espanhola determinaram a organização política da colônia. O "quinto real", um imposto de 20% sobre a mineração, era a principal fonte de receita colonial para o Estado espanhol. Para controlar o quinto real, a Coroa organizou governos coloniais na Nova Espanha (nome colonial para o México, que administrativamente abrangia também a América Central e o Caribe) e no Peru (que então incluía grande parte da América do Sul), no final da década de 1540. Cada uma dessas áreas, chamadas*vice-reinados*por causa do *vice-reis*Enviado da Espanha para governar em nome do rei, também tinha um arcebispo e um tribunal superior. Eventualmente, a Cidade do México e Lima desenvolveram, cada uma, uma guilda de comerciantes atacadistas que concentrou o poder comercial, bem como o poder político, na cidade.*vice-regal* Capitais. Gradualmente, os vice-reinados, tribunais superiores e outras subdivisões administrativas multiplicaram-se de forma guiada pelo princípio da rentabilidade para a Coroa. A Colômbia moderna tornou-se o centro de um terceiro vice-reinado (chamado Nova Granada, 1717), em parte devido ao seu ouro. Eventualmente, outra jurisdição foi criada para impedir que a prata de Potosí escapasse sem impostos pela área da atual Argentina. Este tornou-se o quarto vice-reinado (o Rio da Prata, 1776), com sua capital no porto atlântico de Buenos Aires. Apesar dos dois novos vice-reinados, no entanto, o Peru e o México permaneceram as principais áreas da colonização espanhola.

No Brasil, o açúcar substituiu a prata, e as plantações tomaram o lugar das minas como principais geradoras de produção para exportação. As plantações de cana-de-açúcar aproveitaram os ricos solos vermelhos, excelentes para o cultivo da cana, ao longo da costa nordeste do Brasil. O Nordeste, portanto, tornou-se o núcleo da colônia brasileira, com seus principais centros em Pernambuco e na Baía de Todos os Santos. Para a Coroa Portuguesa, os impostos sobre o açúcar exportado — e sobre as mercadorias importadas com os lucros da produção açucareira — eram as principais fontes de receita colonial no Brasil. Ao longo do século XVII, o açúcar reinou absoluto no Brasil, estruturou a colônia brasileira de maneira semelhante à forma como a mineração de prata estruturou a América espanhola colonial.



Uma usina de açúcar brasileira. Nesta gravura do século XIX, a cana-de-açúcar está sendo descarregada de uma carroça puxada por bois e despejada em um…*engenho's*Mecanismo de moagem, produzindo galões de seiva doce que serão fervidos e transformados em blocos de açúcar para envio.*senhor de engenho*observa.

A cana-de-açúcar precisava ser moída e seu caldo fervido até virar bolota para ser exportada. Os plantadores ricos o suficiente para construir uma usina de açúcar (um *com*, ou “motor” em português) ficaram conhecidos como “senhores dos moinhos”, *senhores de engenho*Os senhores de engenho eram figuras centrais na economia açucareira e desempenham um papel fundamental na história social brasileira. Em cada localidade do litoral açucareiro brasileiro, um punhado de senhores de engenho, cada um possuindo centenas de escravos, dominava seus vizinhos, muitos dos quais cultivavam cana-de-açúcar, mas dependiam dos senhores para a moagem. Como uma mina de prata, um grande engenho era um empreendimento econômico complexo e dispendioso, quase uma cidade em si, com capela, estábulos, armazéns e oficinas, sem mencionar as senzalas, semelhantes a quartéis. Assim como nas primeiras colônias de plantações da Baía de Chesapeake, na América do Norte, as plantações que eram quase cidades em si mesmas tendiam a minar o crescimento dos centros urbanos.

A colônia brasileira, mesmo em sua área central, possuía poucas cidades e vilas em comparação com a América espanhola colonial.

ORIGINAL AREAS OF COLONIZATION, 1500–1700
fringe
Zacatecas
Guanajuato
fringe
Orinoco R.
Amazon R.
Lima
fringe
São Francisco R.
Potosí
Paraná R.
Salta
São Paulo and the roving bandeirantes
fringe
Core areas of colonization
Missions
Sugarcane
Silver

O mapa mostra toda a América do Sul e a maior parte da América do Norte. Ele marca a localização das principais áreas de colonização, missões, cana-de-açúcar e prata. Há duas missões na América, na costa oeste, e mais três logo ao sul da fronteira com o México. Abaixo delas, está a etiqueta "periferia". Logo ao sul, as cidades de Zacatecas e Guanajuato estão marcadas e cercadas por áreas centrais de colonização. Incluída nessa área e diretamente a oeste de Guanajuato, está indicada uma localização onde se podia encontrar prata. Nada na América Central, além desses locais, está marcado. A palavra "periferia" aparece em letras grandes por toda a América Central e na maior parte do Caribe. No que seria a Colômbia, uma missão está marcada na parte leste do país. Um pouco mais a leste está o Rio Orinoco. Na margem oeste deste rio, há mais duas missões. O Rio Amazonas está marcado no Brasil e, onde se divide em dois rios, há duas missões entre eles. Há uma terceira missão logo ao sul do braço sul do rio. Todo o Peru está marcado como área central de colonização, e Lima também está marcada. Dois depósitos de prata estão localizados na área ao norte de Potosí. Ao sul de Potosí fica a cidade de Salta. Existem áreas centrais de colonização e duas grandes plantações de cana-de-açúcar na região mais oriental do Brasil. Onde hoje se encontra a cidade de São Paulo, há uma placa indicando São Paulo e os Bandeirantes itinerantes. Três setas de rota partem desse local. A primeira segue a costa para o sul até o próximo rio. A segunda se estende para oeste até encontrar o Rio Panamá. A última seta segue para o norte entre os rios São Francisco e Panamá, depois corta para leste e volta a seguir para o norte até chegar ao centro do Brasil atual. Há duas missões a oeste do último trecho norte dessa seta.

Fora de sua região central nordeste, a maior parte do Brasil colonial era bastante pouco povoada. O noroeste amazônico, por exemplo, permaneceu uma vasta floresta tropical equatorial habitada principalmente por tribos indígenas semissedentárias, metade de um continente com apenas algumas pequenas cidades portuguesas e algumas missões jesuítas.

ao longo das margens de seus rios, as rodovias fluviais. O sertão, além da costa açucareira, permanecia uma região pecuária extremamente pobre. Outras regiões do interior só podiam ser alcançadas por meio de odisseias de canoa de milhares de quilômetros, envolvendo árduos trechos de transposição de rios, viáveis apenas durante a estação chuvosa. Os portugueses chamavam essas expedições de canoa da estação chuvosa de "monções", palavra que haviam aprendido na Índia. Ao sul de São Paulo, ficavam mais missões jesuítas em florestas perenes fora dos trópicos. E além dessas florestas, campos abertos se estendiam ao sul até o Rio da Prata. Ali, o gado e os cavalos que haviam escapado das missões corriam soltos, se multiplicavam e vagavam livremente em inúmeros rebanhos.

De modo geral, o Brasil colonial não conseguiu competir com a América espanhola colonial. O açúcar nunca foi tão valioso quanto a prata. Apenas gradualmente o Brasil se tornou o principal foco do império marítimo português, com seus ricos postos avançados na África e na Ásia. Assim, a colônia brasileira permaneceu inferior em todos os aspectos: mais pobre, menos populosa (com um décimo da população da América espanhola) e com um governo mais frouxo. A economia difusa de plantações do Brasil limitou a urbanização e dispersou o poder administrativo. Dois vice-reinados foram eventualmente estabelecidos, mas somente em tempos de guerra os vice-reis brasileiros possuíam a autoridade dos vice-reis hispano-americanos. Portugal simplesmente investiu menos em suas colônias do que a Espanha. Por exemplo, havia uma dúzia de universidades na América espanhola após pouco mais de um século de colonização, mas nenhuma foi estabelecida no Brasil colonial. Pode-se questionar como o Brasil permaneceu uma colônia portuguesa por trezentos anos.

A prata e o açúcar moldaram a economia colonial porque ligavam a América Latina ao mundo atlântico. A prata também criou uma ligação com o mundo do Pacífico, mas essa ligação era infinitamente menos importante. Durante o período colonial, o comércio entre a América Latina e a Ásia limitava-se a apenas uma ou duas viagens de ida e volta anuais entre Acapulco e Manila, ligando o México à principal colônia espanhola na Ásia, as Filipinas. As viagens eram feitas pelos "Galeões de Manila", assim chamados devido à rota que percorriam e também, sem dúvida, porque sua construção e tripulação eram predominantemente mexicanas.

Filipino. Na linguagem comum, eram chamados de “Galeões da China”, porque os principais artigos comercializados eram prata mexicana (além de tabaco, chocolate e vários tipos de sementes) em troca de porcelana e seda chinesas (e também pólvora, jade e objetos laqueados). Junto com os produtos manufaturados chineses, os galeões trouxeram um pequeno número de imigrantes asiáticos. Na América Latina, todos eram chamados de “chineses”, embora a maioria fosse filipina. A prata mexicana acabava na China, onde a cunhagem de prata era muito necessária para facilitar as transações na crescente economia interna chinesa. Os produtos chineses eram levados para Manila por comerciantes chineses de Fujian, no Mar da China Oriental, sempre um importante ator no comércio exterior da China.

Uma vez em Acapulco, os comerciantes mexicanos transportavam as mercadorias chinesas para a Cidade do México e além. Parte das mercadorias chinesas permanecia nas colônias espanholas, e o restante era enviado de Veracruz para a Espanha. Outros portos do Pacífico, como Lima, recebiam apenas pequenas quantidades de mercadorias e um número reduzido de passageiros trazidos de Manila nos galeões. Em 1613, Lima já possuía uma pequena comunidade de residentes "chineses", incluindo filipinos, japoneses, malaios e cambojanos. Embora insignificante em volume, esse comércio transpacífico teve um impacto cultural. Cultivares mexicanas, como milho e pimenta, tornaram-se importantes na dieta asiática, e a presença colonial espanhola nas Filipinas demonstrou considerável influência mexicana. No México, a seda tornou-se um elemento fundamental na moda feminina local, como o famoso "vestido poblana" usado por mulheres mestiças na cidade de Puebla.

UM PODER CHAMADO HEGEMONIA

Tanto a Coroa espanhola quanto a portuguesa tinham recursos limitados para a colonização. Nenhuma delas possuía grandes forças militares nas colônias americanas. Os colonizadores ibéricos e seus descendentes nascidos na América eram uma pequena minoria mesmo nas áreas centrais, então como conseguiram manter o controle sobre grande parte do hemisfério por três séculos?

Para responder a essa pergunta, considere a vida de Sor Juana Inés de la Cruz, uma freira mexicana que morreu em 1695. Aos sete anos, Juana fez um anúncio surpreendente. Ela queria frequentar a Universidade do México (que havia aberto suas portas em 1553, um século antes de Harvard). Ela se ofereceu para se vestir de menino, mas foi em vão. Supostamente, uma educação universitária estava além da capacidade de Juana. Não importava que ela lesse desde os três anos de idade ou que aprendesse latim por puro prazer. Esqueça que ela tenha impressionado uma banca de quarenta professores universitários aos dezessete anos, ou que Juana tenha se tornado conhecida em todo o México por sua poesia. Como outras mulheres de sua classe, ela tinha duas alternativas: casar-se e dedicar suas energias ao marido e aos filhos, ou tornar-se freira. Juana escolheu a vida conventual, que lhe oferecia um pouco mais de independência do que o casamento. Ela se tornou Sor Juana, como é conhecida na história. Colecionou e leu centenas de livros, estudou matemática, compôs e apresentou música e até inventou um sistema de notação musical. Seus poemas foram publicados na Europa. Alguns deles criticavam a hipocrisia masculina na condenação da moralidade sexual feminina: “Por que vocês querem que elas façam o bem / Se as incentivam a fazer o mal?”, questionava um poema. E, a respeito do desprezo comum pelas prostitutas, ela se perguntava quem realmente pecava mais: “Aquela que peca por dinheiro / Ou aquele que paga pelo pecado?”. Na cozinha, ela se aventurava na ciência experimental. “Aristóteles teria escrito mais”, dizia ela, “se tivesse cozinhado”. Quando publicou uma resposta brilhante a um de seus...

Os mais célebres estudiosos bíblicos do século, os pais da igreja, ficaram preocupados. Juana recebeu instruções para se comportar mais como uma mulher. Seus interesses científicos, disseram eles — e todos os seus outros interesses também, exceto a devoção religiosa — eram antinaturais em uma mulher. Essa era a sabedoria da época. Ela não podia desafiá-la sozinha e, por fim, concordou. Vendeu sua biblioteca, seus instrumentos, tudo, e dedicou-se a expiar o pecado da curiosidade. Desolada, confessou ser “a pior das mulheres”. Pouco depois, morreu enquanto cuidava de suas irmãs durante uma peste.

Os padres da Igreja jamais usaram força física contra Sor Juana Inés de la Cruz. Não precisavam. Eles personificavam a autoridade religiosa, e ela era uma mulher religiosa. Revolta ou desobediência eram literalmente impensáveis para ela. Da mesma forma, os povos indígenas conquistados da América Latina, assim como os africanos escravizados, gradualmente aceitaram as premissas básicas da vida colonial e os princípios da autoridade ibérica. Caso contrário, Espanha e Portugal jamais teriam conseguido governar vastas extensões da América sem poderosos exércitos de ocupação.

Os historiadores explicam o controle colonial da América Latina como *hegemonia*. A hegemonia é um tipo de dominação que implica um certo grau de consentimento por parte daqueles que estão na base da pirâmide social. Ela se contrapõe ao controle pela força violenta. Trata-se de uma preponderância constante, e não de um domínio absoluto. Embora possa parecer "branda", essa forma de poder político é resiliente e causa danos devastadores às pessoas em situação de vulnerabilidade. Quando elas aceitam o princípio de sua própria inferioridade e, como se diz antigamente, "conhecem o seu lugar", participam da sua própria subjugação.

A religião oferece um dos exemplos mais claros de hegemonia cultural. Quando africanos escravizados e povos indígenas aceitaram a “verdadeira religião” dos europeus, aceitaram, por conseguinte, seu próprio status de recém-chegados à verdade. Afinal, o catolicismo havia nascido e se desenvolvido longe da América indígena. A história da “verdadeira igreja” era uma história europeia, e seu capital terreno, a história da Europa.

Roma era o centro. A maioria dos padres e freiras, sem mencionar os bispos e o restante da hierarquia eclesiástica, eram de ascendência europeia. Os monarcas da Espanha e de Portugal reinavam por direito divino, algo que apenas hereges questionariam, e gozavam de direitos de patronagem real, o que lhes permitia nomear ou destituir padres e bispos quase como se fossem funcionários da Coroa. O governo real decidia onde as igrejas deveriam ser construídas e coletava os fundos.*dízimo*(um imposto eclesiástico de 10%, pago especialmente sobre produtos agrícolas). Pecar contra os ensinamentos católicos era, em muitos casos, um crime.

PINTURAS DE ANJOS ARMADOS Ilustrar a estreita relação entre religião e autoridade nos Andes do século XVIII. Suas vestimentas evocavam posição social; seus mosquetes, poder militar; e suas asas, a aprovação divina.

Todas as instituições de ensino eram religiosas, então, se conhecimento é poder (e é), a Igreja monopolizava esse poder. A Inquisição mantinha uma lista de livros proibidos que as pessoas não podiam ler. A Igreja controlava até mesmo o tempo; o toque dos sinos ditava o ritmo do dia, sinalizando as horas de trabalho, descanso e oração. Domingos consecutivos marcavam a semana de sete dias, algo novo para os povos indígenas. O calendário católico de celebrações e feriados fornecia marcos ao longo do ano: um fluxo e refluxo coletivo e público de emoções, da celebração da Epifania e do Carnaval, por exemplo, ao clima sombrio da Quaresma, da Semana Santa e da Páscoa. Os marcos da vida individual, do batismo ao casamento e à morte, eram validados pelos sacramentos da Igreja e registrados em seus arquivos. Os nomes de lugares também eram frequentemente religiosos. Cada cidade tinha um santo padroeiro oficial, muitas vezes parte do nome completo da cidade — São Sebastião do Rio de Janeiro, São Francisco de Quito, e assim por diante.

Outra força hegemônica, onipresente e inescapável, era *patriarcado*O princípio geral era que os pais governavam. Os pais governavam o céu e a terra, as cidades e as famílias. Os espanhóis e portugueses eram mais rigidamente patriarcais do que muitas sociedades indígenas americanas e africanas, portanto, a hegemonia dos pais deve ser entendida, pelo menos em parte, como um legado do colonialismo. O patriarcado estruturava todas as instituições coloniais, incluindo a hierarquia exclusivamente masculina da Igreja, até o Santo Padre em Roma. O direito ibérico era baseado em princípios patriarcais. Os maridos tinham controle legal sobre suas esposas, assim como sobre seus filhos. As mulheres ricas levavam vidas reclusas, elaboradamente acompanhadas, isoladas de qualquer contato masculino fora da família.*honra*na ética sexual tradicional espanhola e portuguesa.

A honra era uma medida de quão bem homens e mulheres desempenhavam seus papéis sociais prescritos, e muito diferentes entre si. Evitar relações extraconjugais, nessa perspectiva, tornou-se algo como a missão suprema da vida de uma mulher, enquanto a pureza sexual do homem tinha menos valor. Na prática, se um homem pudesse sustentar mais de uma mulher, isso aumentava sua distinção social, e muitos homens mantinham amantes. Por outro lado, esperava-se que os homens defendessem — especificamente por meio de derramamento de sangue — a virgindade de suas filhas e a exclusividade sexual de suas esposas. Essa concepção de honra levou a duelos e à punição violenta de mulheres com espírito independente. Esse padrão cultural tem raízes pré-cristãs no mundo mediterrâneo e uma lógica básica, que vale a pena mencionar para mostrar a lógica por trás dessa aparente loucura, relacionada à propriedade. Os filhos ilegítimos das mulheres, e não dos homens, nasceriam na família e herdariam parte de seu precioso patrimônio: a riqueza familiar distribuída entre os herdeiros após a morte de cada um dos pais. Por outro lado, a infidelidade masculina acontecia em propriedade alheia, por assim dizer. Assim, a infidelidade masculina não implicava em perda, mas sim em uma espécie de ganho territorial para a família.

É claro que as mulheres resistiam a ser tratadas como meios em vez de fins. Com bastante frequência, ao que parece, elas usavam magia — proveniente das tradições populares da Península Ibérica, bem como da África e dos povos indígenas da América — para atrair, manipular, escapar ou punir homens. A Inquisição Espanhola estava em alerta contra elas. Em 1592, a Inquisição puniu uma mulher pobre de Lima por recitar uma oração em voz baixa “para que os homens a desejassem”. Tratava-se de magia popular europeia, destinada a redirecionar os poderes da liturgia católica, recitando uma oração ao contrário, por exemplo. Os arquivos da Inquisição do século XVII também revelam “bruxas” indígenas andinas como Catalina Guacayllano, acusada de derramar sangue de porquinhos-da-índia em rochas sagradas enquanto mascava coca e rezava: “Ó Senhor Pai que foi queimado, que nos dá os canais de irrigação e a água, dá-me alimento”. Sua concepção de Deus parece ter permanecido fortemente indígena, conferindo a ela e ao seu povo uma independência espiritual da religião espanhola. Ao explicar por que mandou açoitar três mulheres, um padre peruano relatou que essas bruxas “não iam à missa nem às aulas de catecismo”. Em vez disso, elas

Eles o desobedeceram publicamente e inspiraram toda a aldeia a fazer o mesmo.

Dois séculos depois, em 1763, e a milhares de quilômetros de distância, em Grão Pará, na foz do rio Amazonas, a Inquisição Portuguesa coletou evidências sobre vários tipos de curas não aprovadas — envolvendo fumaça, encantamentos, poções, talismãs, tremores nas paredes, pacotes de remédios e vozes incorpóreas — que considerava bruxaria. Mas a bruxaria da Inquisição era, em sua maioria, de origem amazônica ou africana. (A medicina europeia da época, lembre-se, focava na sangria do paciente.) Essas bruxas indígenas ou africanas eram chamadas por pessoas brancas respeitáveis, desesperadas por uma cura, e eram pagas por seu trabalho. Em um dos casos, as acusadas de bruxaria eram viúvas brancas que aparentemente haviam aprendido tradições indígenas e também, segundo seu acusador, mantinham relações com homens indígenas.

Sem dúvida, as mulheres obtinham menos satisfação do que os homens com o "sistema de honra" colonial latino-americano, que lançava suspeitas sobre qualquer mulher que não vivesse sob o controle masculino, especialmente as viúvas. Aprendendo a conviver com esses valores, pois não havia outra escolha, as mulheres os absorveram. Somente as mulheres proprietárias conseguiam se destacar, pois as pessoas sem posses careciam de honra quase por definição. Afinal, as mulheres pobres muitas vezes tinham que trabalhar fora de casa, como cozinheiras, lavadeiras ou vendedoras de mercado, circulando sozinhas pelas ruas, como nenhuma dama honrada faria. Nem todos os papéis eram honrosos, por melhor que fossem desempenhados. Os escravos, que também eram propriedade de outrem, não tinham qualquer esperança de honra. Somente o escravo mais extraordinário, como Henrique Dias, um lutador nato que liderou as forças brasileiras contra os invasores holandeses no século XVII, conseguia alcançá-la. As mulheres das comunidades indígenas, cuja vida social mantinha padrões de gênero distintos, viviam menos sob o jugo desse infeliz sistema de honra.

Em suma, a hegemonia cultural fazia com que a dominação parecesse natural e inevitável para os povos dominados. Essa era a sua grandeza.

poder. Os povos indígenas e africanos eventualmente aceitaram os reis ibéricos como seus governantes naturais por direito divino. No entanto, uma situação só passa a parecer o “sentido natural do mundo” após muita negociação. Os menos poderosos aceitam a subjugação contínua somente depois de fazerem o melhor acordo possível com os mais poderosos. Assim, as mulheres aceitaram a subjugação patriarcal, mas exigiram em troca que os homens cumprissem suas responsabilidades como bons provedores e fortes protetores. Da mesma forma, quando os povos indígenas e africanos se tornaram católicos, eles cederam a autoridade religiosa em troca de um status protegido como cristãos. Felizmente, houve outro resultado mais positivo de tudo isso. Juntamente com a dominação hegemônica, a negociação diária criou novas culturas latino-americanas distintas por meio de *transculturação*.

UM PROCESSO CHAMADO
TRANSCULTURAÇÃO

O influente antropólogo cubano Fernando Ortiz foi o primeiro a aplicar o termo “transculturação” às tradições populares de música e dança de Cuba. A transculturação, uma via de mão dupla, contrasta com a aculturação, que é uma via de mão única na qual uma cultura substitui a outra. A ideia de Ortiz era que as culturas dominantes de africanos e indígenas estavam sendo substituídas por outras culturas.*não*Na América Latina, culturas foram varridas para serem substituídas por culturas europeias. Em vez disso, algo novo surgiu dessa troca, algo que não era europeu, nem indígena, nem africano, mas sim algo distintamente cubano, mestiço por definição. Assim como a hegemonia, a transculturação tornou-se um conceito-chave nos Estudos Latino-Americanos. Historiadores agora acreditam que a transculturação está na origem das culturas nacionais da América Latina.

Imagine a troca transcultural como mil pequenos confrontos e negociações tácitas ocorrendo no cotidiano das pessoas, sempre dentro do campo de força da hierarquia e da dominação. A música é necessária para a procissão, por exemplo, ou para celebrar a chegada de um novo vice-rei. Os escravos terão permissão para dançar e tocar seus próprios instrumentos? Isso certamente enriqueceria as festividades, embora com algum custo para a dignidade europeia. O canto de mulheres negras em corais de igreja começou a infundir a música cubana com sensibilidade africana já na década de 1580, mas não sem resistência. Aqui podemos ver que transculturação e hegemonia são duas faces da mesma moeda, uma positiva, a outra negativa. A cultura musical e de dança compartilhada de Cuba tornou-se, notoriamente, uma harmoniosa fusão entre o violão espanhol e o tambor africano. Isso é transculturação em ação. Os descendentes de escravos aceitaram um lugar subordinado na sociedade cubana, destacando-se apenas como músicos e esportistas. Isso é hegemonia cultural em ação. Os descendentes de proprietários de escravos aceitaram a cultura africana.

influências como parte de um pacote que, no geral, os beneficiava. As pessoas no poder, no contexto colonial da América Latina, sempre conseguiam se manter no topo e, geralmente, impunham as linhas gerais e o conteúdo básico das novas formas culturais.

Os povos das camadas mais baixas da sociedade contribuíram com elementos mais sutis de estilo, ritmo, textura e atmosfera. Embora as formas europeias estruturassem os contornos externos da vida coletiva, mesmo entre os povos indígenas e os escravizados, as dimensões internas resistiam à padronização colonial. Os escravizados, que se reuniam e dançavam em dias de festa religiosa, preservavam a religião africana, revestindo-a, por assim dizer, com as vestes dos santos católicos. Frequentemente ocorria uma fusão de atitudes religiosas indígenas, africanas e europeias. Essa fusão podia ser velada, como quando artistas indígenas integraram seus próprios motivos sagrados de plantas e animais (e, nos Andes, arco-íris simbólicos) nas pinturas murais dos mosteiros católicos, mas também podia ser mais evidente. A Virgem de Guadalupe, por exemplo, teria aparecido pela primeira vez em um local já sagrado na época dos astecas. Quando um menino indígena relatou ter visto a aparição milagrosa, as autoridades eclesiásticas espanholas desconfiaram de uma “virgem indígena” de rosto escuro, a quem os mexicanos falantes de náuatle continuavam a chamar de Tonantzin, nome de uma deusa indígena da terra. Gradualmente, porém, eles a aceitaram e a tornaram a padroeira do México. Como resultado, os nahuas puderam ver espanhóis se ajoelhando diante de Tonantzin (vista-a como quisessem), e a religião espanhola ganhou um novo nível de aceitação indígena. Assim, as religiões indígenas e africanas infiltraram-se no catolicismo latino-americano. A profusão de sangue nas figuras de crucificação do México colonial, por exemplo, tinha o propósito de evocar o poder vital do sangue, um elemento proeminente da religião asteca. No Caribe e no Brasil, por outro lado, o catolicismo adquiriu um tom menos austero, mais festivo e africano. Em Salvador, no Dia de Todos os Santos, um espírito religioso africano, incluindo danças ao ritmo de formas muito diferentes das europeias, permeou muitas cerimônias católicas durante o século XVIII.

Aqui, precisamos dizer algumas palavras sobre as cidades coloniais, que proporcionaram um cenário especial para a transculturação. Os espanhóis e portugueses eram minorias ínfimas na América Latina colonial. Rapidamente fundaram e se aglomeraram em uma série de pequenas cidades com populações de apenas alguns milhares de habitantes cada. De muitas maneiras, essas eram pequenas ilhas de vida e arquitetura de estilo europeu pontilhando a vastidão da América indígena. Ainda assim, as cidades eram os centros de organização e comando do projeto colonial.

Uma santa reza com as mãos juntas em oração. Ela veste um manto escuro coberto de estrelas e adornado com fios dourados. Usa um capuz, mas seu rosto permanece visível. Uma coroa adorna o capuz. Um menino alado a sustenta sob seus pés. A santa está envolta por uma aura dourada. Ao redor, um aglomerado de nuvens cobre toda a cena, com partes do céu visíveis nos cantos.

A VIRGEM DE GUADALUPE,A padroeira do México, tem origens tanto europeias quanto indígenas e desempenha um papel unificador no país desde os tempos coloniais.

As instituições hegemônicas da governança colonial existiam apenas nas cidades. Todos os funcionários administrativos, bispos, juízes, notários, comerciantes e agiotas — as pessoas cujos comandos, relatórios e relações entre si conectavam as cidades à Europa — estavam sediados nos centros urbanos. As cidades organizavam os grandes espetáculos públicos que dramatizavam o poder imperial: procissões solenes da Semana Santa (que precedia a Páscoa), recepções cerimoniais para os novos vice-reis, celebrações suntuosas para comemorar os casamentos reais. Igrejas e conventos imensos, vice-reis que podiam literalmente "conceder honrarias" e damas e cavalheiros europeus refinados que forneciam modelos de comportamento "superior" tornavam as cidades impressionantes. Na América espanhola, as cidades eram planejadas de acordo com as diretrizes imperiais que determinavam o agora familiar, mas então inovador, padrão quadriculado de quarteirões e ruas que se cruzavam em ângulos retos. Ao redor da praça central de cada cidade ficavam o palácio do governador, a catedral e as mansões do bispo e das famílias mais ricas, além da sede do conselho municipal, que era a instituição governamental mais importante fora das poucas capitais principais. Os centros urbanos receberam o status legal de vila, cidade ou município, cada um sob a jurisdição de centros de categoria superior nas proximidades, todos subordinados a um pequeno grupo de capitais principais, como Lima, Cidade do México, Bogotá e Buenos Aires. Os portugueses deram menos ênfase à criação de cidades modelo no Brasil, em parte porque seu principal produto de exportação, o açúcar, era agrícola. Ainda assim, as cidades

Eram os únicos lugares na América espanhola ou no Brasil onde os brancos podiam socializar principalmente entre si, lugares onde uma pequena minoria podia manter uma cultura basicamente europeia.

A tentativa de recriar a Espanha ou Portugal nas cidades coloniais acabou fracassando. Muitos indígenas e mestiços, assim como negros, livres e escravizados, tornaram-se habitantes das cidades. Desde o início, o impacto da colonização desvinculou alguns indígenas de suas comunidades nativas e os forçou a migrar. Alguns foram para as minas ou para as propriedades espanholas. Outros construíram moradias simples nos arredores das cidades coloniais — as primeiras favelas suburbanas da América Latina. Arrancados de suas raízes culturais, os migrantes indígenas tiveram que reconstruí-las em novos ambientes, assim como os outros migrantes forçados, os africanos escravizados. Os escravos urbanos desfrutavam de maior liberdade de associação do que os escravos das plantações. Eles podiam encontrar e socializar com pessoas da mesma região da África. Os escravos urbanos também podiam se juntar a negros livres em confrarias leigas católicas, que ofereciam um grupo de apoio social e um senso de pertencimento voluntário. Escravos, e negros livres também, frequentemente trabalhavam como artesãos (padeiros ou carpinteiros, por exemplo), e os artesãos eram de todas as cores. Enquanto mestiços, negros livres e brancos pobres conviviam em uma oficina de sapateiro ou em uma ferraria, eles estavam criando a cultura popular latino-americana.

POBRE DE LOS SIÑS
DESEIS ANIMALES Q CO
me q tomemun. los pobres selos y ns enesta reyno —
correg.r
tigre
amallapallay que
llatanauaychu
por amor de
dios rayo
españoles del tabo
leon
comendero
zorra
p.dela doctrina
gato
escribano
rraton
caciq principal
es tos sños animales q
no temen dios sesuelle
alos pobres selos yns
enesta reyno y no ay
remedio
pobre de jesu cristo
quelos

UM DESENHO DE GUAMAN POMA Denuncia a exploração espanhola no início do século XVII. Aqui, um administrador real, um padre, um tabelião e outros representantes do poder espanhol (retratados como feras selvagens) ameaçam um índio ajoelhado.

Fora das cidades, os descendentes de europeus eram poucos e as instituições coloniais, quase inexistentes. As culturas nativas e africanas dominavam a vida no campo por simples força demográfica. Os brancos do campo eram poucos e dispersos demais para socializarem ou casarem exclusivamente entre si. Os rurais de ascendência espanhola e portuguesa, mesmo quando mantinham uma casa na cidade, adquiriam, portanto, hábitos indígenas e gostos africanos mais cedo do que seus pares urbanos. Se a transculturação ocorria nas lucrativas plantações de cana-de-açúcar brasileiras, onde os lucros da exportação podiam pagar por roupas, vinho e até mesmo alimentos importados, ela acontecia ainda mais nas fazendas, o tipo de grande propriedade menos lucrativa e mais típica da América espanhola. Em vez de investir grandes somas em mão de obra escravizada, as fazendas dependiam de trabalhadores indígenas, que recebiam um pequeno salário ou dividiam a colheita. Em vez de cultivar para exportação para a Europa, as fazendas produziam para consumo local. E, em geral, os proprietários de fazendas que tinham pouco para vender para a Europa podiam comprar poucos produtos europeus importados. Em raras visitas à cidade, sua fala, vestimenta e comportamento pareciam (do ponto de vista de seus primos urbanos) ter um toque rústico, com influências indígenas ou africanas.

Os povos indígenas e afrodescendentes do campo preservaram mais de suas próprias culturas do que seus conterrâneos da cidade. A incorporação de influências culturais indígenas e africanas nas festividades religiosas tornou-se um hábito entre os missionários que buscavam atrair os indígenas para o cristianismo. Os indígenas rurais, em comparação com os da cidade, tinham mais oportunidades de viver isolados, em suas próprias aldeias, falando quéchua, quiché, aimará ou náuatle e seguindo suas próprias tradições. Os escravos das plantações trabalhavam em grupos, convivendo principalmente entre si, e muitas vezes eram mantidos em cárcere privado.

à noite. Os escravos urbanos aprendiam português fluentemente muito mais rápido do que seus primos do campo. É por isso que o interior da América Latina colonial parecia tão exótico para os viajantes europeus. Eles descartavam as cidades como imitações de segunda categoria da Europa, enquanto o campo era um mundo à parte, não espanhol ou português, não indígena ou africano, mas uma fusão de vários elementos, variando de região para região em combinações caleidoscópicas.

Para as maiorias subjugadas da América Latina, a transculturação foi tanto uma bênção quanto uma maldição. Senhores e servos coloniais tornaram-se um pouco mais parecidos uns com os outros, o que aparentemente foi um resultado positivo. Mas, ao remodelarem a cultura espanhola ou portuguesa à sua própria imagem, os subjugados consentiram mais facilmente com a ideologia básica da colonização e, portanto, se submeteram mais firmemente ao controle colonial. El Inca Garcilaso e Guamán Poma, dois porta-vozes dos povos indígenas do Peru, escreveram livros que defendiam algumas perspectivas indígenas, mas o fizeram enquanto endossavam fortemente o cristianismo e o domínio espanhol. O jesuíta António Vieira, que foi chamado de Las Casas do Brasil, exemplifica o mesmo paradoxo. Vieira foi um dos intelectuais mais famosos do século XVII. Aliás, foi uma publicação polêmica de Vieira que Sor Juana cometeu o erro de refutar com brilhantismo demais para o seu próprio bem. Vieira viajava entre o Brasil e Portugal, pregando sermões inflamados. Ele estudou tanto o tupi quanto a língua de Angola. Tentou proteger os povos indígenas contra os colonizadores portugueses. Defendeu a humanidade e o valor dos escravos africanos. Vieira pregava que “o Brasil tem seu corpo na América e sua alma em Angola”, mas também exortava os escravos a suportarem a escravidão com bondade e aguardarem sua recompensa no paraíso cristão. Vieira tinha ascendência africana, por parte de sua avó; os escravos que o ouviam pregar, sem dúvida, o consideravam mais convincente por esse motivo.

AS FRONTEIRAS DE COLONIZAÇÃO

Enquanto os colonizadores concentravam seus esforços na mineração de prata e no cultivo da cana-de-açúcar, vastas áreas da América espanhola e do Brasil permaneceram fora dos núcleos colonizados, na “periferia” da colonização. As periferias eram bastante diferentes dos núcleos, pois tinham pouco a exportar. Não conseguiam gerar tanta riqueza para os colonizadores ibéricos e, portanto, atraíam menos colonizadores. A escassez de açúcar e metais preciosos significava menos incentivo para forçar o trabalho dos povos indígenas, menos capital para investir em escravos africanos e, no geral, menos contrastes marcantes entre luxo e miséria. Uma economia monetária mais fraca significava que a energia das pessoas era direcionada para atividades de subsistência, especialmente o cultivo de seus próprios alimentos. Onde a população é pequena, aqueles na base da hierarquia social tornam-se mais importantes. Assim, pessoas mestiças recebiam um pouco mais de respeito nas áreas periféricas, e até mesmo os escravos recebiam um tratamento melhor ali, porque seu preço de reposição era mais difícil de alcançar.

O Paraguai, uma grande província espanhola no coração do continente sul-americano, era uma das áreas mais periféricas do império em termos sociais. Como muitas regiões periféricas, o Paraguai passou por uma forma de colonização caracterizada por missões, onde ordens religiosas, os jesuítas neste caso, reuniam indígenas para serem instruídos na fé cristã. Distante da economia mineradora e praticamente sem litoral, o Paraguai colonial foi profundamente permeado pela influência indígena guarani. Com o tempo, o guarani tornou-se a língua das conversas íntimas em todos os níveis da sociedade paraguaia, inclusive entre não indígenas. A miscigenação, outra característica das sociedades periféricas, fez do Paraguai um país notavelmente mestiço. Até mesmo a principal exportação do Paraguai era de origem nativa americana: folhas de...

sempre-verde*erva-mate*árvore, que produzia um chá muito consumido na América do Sul.

Mais ao sul, na foz do Rio da Prata, ficavam outros assentamentos hispano-americanos, incluindo os portos de Buenos Aires e Montevidéu, muito menos isolados que o Paraguai, mas ainda assim periféricos. Os grandes rios que alimentam o Rio da Prata juntos constituem uma rede de transporte navegável, a segunda maior da América Latina, perdendo apenas para a Amazônia. A prata de Potosí fluía do continente por ali — daí o nome Rio da Prata. Rebanhos de gado se multiplicavam nas pradarias ao redor do Rio da Prata e, no final do período colonial, a exportação de couro bovino adicionou mais uma fonte lucrativa a essa crescente periferia hispano-americana. Mesmo assim, após se tornar a capital de um novo vice-reinado em 1776, Buenos Aires dificilmente conseguia competir com o esplendor, o requinte e os impressionantes edifícios da Cidade do México ou de Lima. Grupos itinerantes de indígenas ainda atacavam fazendas isoladas e levavam cativos para serem incorporados à vida tribal não muito ao sul da cidade. Por outro lado, a sociedade do Rio da Prata podia ostentar um tipo de abundância diferente da dos antigos centros coloniais. A proporção de gado para pessoas era tão alta que praticamente todos, incluindo os escravos, comiam quanta carne bovina quisessem. Cavalos também abundavam; para espanto dos europeus, os pobres argentinos podiam mendigar a cavalo.

Do outro lado dos Andes, em frente à Argentina, ficava outro assentamento periférico espanhol, o Chile, paradoxalmente isolado apesar de seus mais de três mil quilômetros de costa no Pacífico. Para canalizar recursos para a mineração, a Coroa Espanhola subordinou estritamente o Chile ao vice-reinado do Peru. Além disso, para conter o contrabando e defender a ligação marítima entre a América e a Europa, a Coroa restringiu o comércio transatlântico.
As comunicações do Chile com Madri se limitavam a uma frota anual que se reunia em Havana rumo à Espanha, e outra que fazia a viagem de volta. Consequentemente, a única comunicação do Chile com Madri envolvia primeiro uma viagem a Lima, depois uma segunda etapa até o Panamá, uma jornada árdua em mulas pelas montanhas cobertas de floresta do istmo, e uma terceira viagem através do...

Caribe infestado de piratas, uma escala em Havana e, em seguida, a perigosa travessia do Atlântico. O Chile também não podia oferecer aos colonizadores muitos servos indígenas dispostos a pagar tributos. De fato, a fronteira sul do Chile resistiu à colonização mesmo antes da chegada dos espanhóis. Ali, os exércitos incas encontraram os invencíveis araucanos, cujas cabeças Inés Suárez notoriamente decepou. As lutas entre espanhóis e araucanos continuaram por séculos. No entanto, por volta de 1700, os espanhóis controlavam a maior parte do Chile, com seu extenso vale central situado entre as imponentes cordilheiras andinas e o Pacífico. Esse vale era fértil, mas ficava fora dos trópicos, muito ao sul para o cultivo de cana-de-açúcar. Em vez disso, os proprietários de terras chilenos cultivavam trigo como parte da rede de abastecimento do complexo de mineração peruano.

As áreas periféricas espanholas eram frequentemente fronteiras de gado, terras pouco povoadas de "vaqueiros e índios", pontilhadas por assentamentos missionários isolados. Os vaqueiros do Rio da Prata eram chamados de*gaúchos*, chilenos*guasos*, mexicanos*vaqueiros* e assim por diante. Na verdade, as terras de criação de gado do sudoeste dos Estados Unidos já foram uma área periférica da zona de mineração mexicana. Anos mais tarde, os colonos anglo-saxões aprenderam a ser vaqueiros com os "buckaroos" (*vaqueiros*Ou seja, aqueles que os precederam. As regiões periféricas da América espanhola, em outras palavras, eram um pouco como o Velho Oeste. Essas fronteiras pecuárias permaneceram pobres enquanto a carne bovina só pudesse ser conservada secando-a em forma de charque, que as pessoas na Europa se recusavam a comer.

Grande parte da região do Caribe, onde Colombo desembarcou, era uma área periférica após as primeiras décadas de colonização. Cuba, a maior das Antilhas, compreendendo aproximadamente metade da área total de todas as ilhas do Caribe, era basicamente uma região de criação de gado até o final do século XVIII. As ilhas de Hispaniola e Jamaica permaneceram tão pouco desenvolvidas que franceses e ingleses reivindicaram seus próprios territórios. Da mesma forma, na costa sul do Caribe, a maior parte da Venezuela também era uma fronteira pecuária. A costa caribenha da América Central era outra área periférica pouco colonizada, o que explica como os ingleses conseguiram se estabelecer ali, especialmente o ponto de apoio que se tornou...

Belize — um país de língua inglesa, não latino-americano, situado entre o México, a Guatemala e Honduras.

Nova Granada (atual Colômbia) era, então como agora, um lugar mais complexo do que a maioria. Possuía densas populações de povos indígenas sedentários em seus altiplanos andinos, mas não tinha as grandes minas de prata do Peru. Por outro lado, também tinha muitas áreas periféricas, incluindo grandes florestas tropicais e extensas fronteiras de gado. O Equador, administrativamente parte do vice-reinado de Nova Granada, também tinha populações sedentárias em sua cadeia de altos vales andinos. Essas áreas com habitantes indígenas sedentários, mas sem minas de prata, situavam-se em algum lugar entre o centro e a periferia em termos econômicos. Guatemala e Yucatán também poderiam ser descritas dessa forma.

Algumas áreas periféricas experimentaram um boom econômico no final do período colonial. O Rio da Prata encontrou mercados europeus ávidos para couro bovino. Cuba e Venezuela encontraram culturas de plantação lucrativas. Em Cuba, essas culturas foram o café e, principalmente, a cana-de-açúcar. *Cacau* (que os falantes de inglês transformaram em “cocoa”) acabou se mostrando mais adequado do que a cana-de-açúcar às encostas da costa montanhosa da Venezuela. Em todo o Caribe, a agricultura de plantação trouxe altos lucros, mas, junto com eles, a mesma triste consequência social da agricultura de plantação em todos os lugares — a migração forçada em massa de africanos escravizados.

As áreas periféricas do Brasil assemelhavam-se às áreas periféricas da América espanhola. As missões constituíam a principal expressão da presença ibérica. Poucos representantes da autoridade real, e poucos portugueses de qualquer tipo, aliás, podiam ser encontrados no sertão brasileiro. Os pecuaristas, visando fornecer carne para as plantações e cidades costeiras, espalharam-se do litoral açucareiro para o árido sertão, especialmente ao longo do extenso vale do rio São Francisco. Os oficiais portugueses raramente os acompanhavam. Em sua maior parte, a colonização portuguesa concentrou-se no litoral e deixou o sertão para os pecuaristas, os indígenas sobreviventes, os missionários jesuítas e os notáveis

homens da fronteira chamados *bandeirantes*, cuja base era a cidade missionária de São Paulo.

Hoje, o polo industrial do Brasil, São Paulo era, no século XVII, uma cidade bastante isolada. Uma das poucas cidades brasileiras que não possuía porto marítimo, foi fundada por missionários jesuítas no topo de uma escarpa íngreme que se eleva abruptamente do Atlântico. A sociedade colonial paulistana estava voltada para o interior, para a floresta do sul do Brasil, e a influência indígena era forte nessa região. Os latifundiários paulistanos não conseguiam competir com as plantações da costa açucareira e, sem os lucros das exportações, os colonizadores portugueses não podiam comprar muitos escravos africanos. Portanto, dependiam do trabalho dos indígenas. Também não podiam arcar com os luxos que atrairiam esposas portuguesas, então tendiam a coabitar com mulheres tupis. Assim, a população de São Paulo não seguia o padrão branco-negro da costa açucareira, tendendo, em vez disso, à mestiçagem. Uma situação semelhante se aplicava à região amazônica, ao sertão árido do nordeste brasileiro e a qualquer outro lugar fora do círculo lucrativo da economia açucareira.

Em São Paulo e em outras regiões periféricas do Brasil, a escravização de povos indígenas continuou muito depois de ter cessado na costa açucareira. Para caçar escravos, os bandeirantes paulistas percorriam o vasto interior do subcontinente brasileiro, viajando em canoas e não retornando a São Paulo por meses ou anos. Frequentemente, invadiam missões e capturavam seus habitantes. Ironicamente, esses caçadores de escravos não conversavam em português, mas no tupi genérico, chamado Língua Geral, que os jesuítas haviam usado para ensinar o cristianismo. Por volta de 1600, a Língua Geral havia se tornado o idioma mais falado no interior do Brasil. Gradualmente, desapareceu, persistindo apenas em regiões remotas da Amazônia. Alguns bandeirantes importantes, como Domingos Jorge Velho, não falavam português. Ele precisava de um intérprete para se comunicar com as autoridades portuguesas. Os bandeirantes desobedeciam cronicamente às diretrizes reais sobre a escravidão legal, mas declaravam lealdade ao rei português e se tornavam úteis. Não fundavam assentamentos, mas suas comunidades...

As explorações ampliaram as reivindicações portuguesas para o interior do continente. Os bandeirantes de Velho também conseguiram o que nenhuma outra força portuguesa havia conseguido: destruir Palmares, um assentamento de escravos fugitivos, chamado de*quilombo*No Brasil, onde existiam centenas, Palmares era um dos maiores quilombos e certamente o mais conhecido, um conjunto de aldeias fortificadas que prosperou nas colinas atrás da costa açucareira durante a maior parte do século XVII. Zumbi, o rei guerreiro de Palmares, liderou a última resistência contra os bandeirantes. Quando Zumbi morreu lutando em 1695, sua cabeça foi espetada em uma estaca em uma praça pública para acabar com os rumores de sua imortalidade. Mas os rumores eram verdadeiros: três séculos depois, Zumbi permanece incomparavelmente como o herói afro-brasileiro mais amado, um símbolo de resistência heroica aos horrores da escravidão.

ZUMBI,O rei guerreiro de Palmares, o quilombo mais famoso do Brasil, é o maior herói afro-brasileiro do país.

Pouco antes de 1700, os bandeirantes descobriram ouro no sertão. Pela primeira vez, colonos portugueses invadiram o interior, e logo o metal precioso suplantou o açúcar como fonte de lucros coloniais no Brasil. O rio São Francisco passou a funcionar como uma via de acesso para migrantes do litoral açucareiro aos campos de ouro, que eles chamaram de Minas Gerais. Os bandeirantes consideravam os recém-chegados invasores e zombavam de suas roupas de estilo europeu, chamando-os de...*emboabas*ou "mandona". Com o crescimento da corrida do ouro, porém, os bandeirantes foram deixados de lado. Proprietários de escravos da costa açucareira trouxeram africanos para realizar o trabalho pesado da mineração, funcionários da Coroa começaram a cobrar o quinto real, cidades foram construídas perto das maiores minas e o Brasil adquiriu seus primeiros assentamentos substanciais no interior. Vila Rica de Ouro Preto, a capital de Minas Gerais, tornou-se uma das cidades mais populosas e prósperas do Brasil no século XVIII, com igrejas suntuosas e casas de dois andares aglomeradas em suas ruas sinuosas. Esse ouro financiou a arte sacra de Aleijadinho, um apelido carinhoso que significa "coxo". As mãos de Aleijadinho eram deformadas pela lepra. Às vezes, incapaz de segurar suas ferramentas, ele precisava amarrar seu cinzel à mão debilitada para trabalhar. Mas ele trabalhava, adornando igreja após igreja com suas estátuas vigorosas e expressivas de figuras bíblicas. Hoje, Aleijadinho, um mulato, é reconhecido como o maior escultor latino-americano.

A descoberta de mais ouro, e até mesmo diamantes, em locais remotos do interior brasileiro — graças, mais uma vez, aos bandeirantes errantes — deu início à colonização de Goiás e Mato Grosso, ainda mais para o interior. Os pioneiros paulistas começaram a criar mulas nas planícies do sul e a levá-las para o norte para servir às minas. O Brasil tornou-se mais integrado economicamente. Mas o grande boom do ouro brasileiro logo entrou em colapso. Como geralmente ocorre com as corridas do ouro, os melhores depósitos foram facilmente esgotados. Embora muitos recém-chegados tenham permanecido para criar gado, muitos outros deixaram Minas Gerais. Ainda assim, a colônia brasileira havia mudado de forma, à medida que o ouro impulsionava seu centro demográfico e econômico para o sul. Em 1763, a capital do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, uma cidade portuária mais próxima de

Minas Gerais. Antigas áreas periféricas, Minas Gerais e Rio de Janeiro agora contam como parte do Brasil central.

É claro que a distinção entre núcleo e periferia é apenas um guia aproximado, um modelo conceitual, não uma realidade física precisa. De fato, no final do século XVIII, a variedade e a distribuição das culturas locais da América Latina já eram infinitamente mais complexas do que se pode explicar em alguns parágrafos. Ainda assim, princípios básicos como a distinção entre núcleo e periferia nos ajudam a compreender muitas variações.

TARDE DO PERÍODO COLONIAL

TRANSFORMAÇÕES

Um padrão colonial final ainda precisa ser delineado: a mudança ao longo do tempo. Após o século XVI, o século do Encontro, as populações indígenas se recuperaram gradualmente e os escravos africanos chegaram em números cada vez maiores. Durante o século XVII, os contornos sociais básicos da América espanhola e do Brasil se estabeleceram à medida que os descendentes de conquistadores e conquistados encontraram um*modus vivendi.* O contato com a Europa era bastante limitado, as sociedades do Novo Mundo eram relativamente autônomas e o controle político local era bastante estável. No século XVIII, forças econômicas, como a corrida do ouro no Brasil, expandiram gradualmente as áreas de assentamento ibérico, e novos vice-reinados foram adicionados, como já foi descrito. Por volta de 1750, ocorreu uma transformação ainda maior, que, a longo prazo, representaria um problema para o domínio espanhol e português.

A transformação começou quando os administradores reais da Espanha e de Portugal planejaram reforçar o controle sobre suas possessões no Novo Mundo e extrair mais receitas delas. Essa nova postura estava associada à dinastia Bourbon, que então governava a Espanha, e a um ministro real particularmente poderoso em Portugal, o Marquês de Pombal; por isso, as transformações são chamadas de reformas Bourbon ou Pombalinas, respectivamente. Essas reformas visavam racionalizar e modernizar a governança dos domínios ultramarinos, fazendo com que agissem mais como colônias. Os descendentes dos conquistadores gostavam de pensar que seus antepassados heroicos haviam criado ricos reinos no Novo Mundo para seus monarcas, reinos de igual importância e dignidade aos reinos do Velho Mundo. Mas os reformadores Bourbon e Pombalinas consideravam essa ideia antiquada. As nações europeias modernas, acreditavam eles, deveriam ter *colônias*que serviam aos interesses econômicos das metrópoles. Entre si,

Os reformadores falavam de “colônias” no Novo Mundo, em vez de “reinos”, mas mesmo que evitassem usar o termo ofensivo *colonial*. No discurso público, as reformas que eles implementaram na prática já eram bastante ofensivas.

COLONIAL ADMINISTRATIVE DIVISIONS
VICEROYALTY OF NEW SPAIN (MEXICO)
Mexico City
Veracruz
KINGDOM OF GUATEMALA
Caracas
VICEROYALTY OF NUEVA GRANADA (1717)
Bogotá
Quito
Recife (Pernambuco)
BRAZIL
Salvador (Bahia)
Lima
VICEROYALTY OF PERU
Rio de Janeiro
São Paulo
VICEROYALTY OF THE RÍO DE LA PLATA (1776)
Santiago
Buenos Aires
Spanish America

O mapa mostra que a maior parte do oeste dos Estados Unidos e todo o México estão identificados como Vice-Reino da Nova Espanha ou México. As cidades da Cidade do México e Veracruz estão identificadas. O restante da América Central, acima do atual Panamá, está identificado como Reino da Guatemala. Panamá, Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa, Suriname e Equador formavam o Vice-Reino de Nova Granada em 1717. As cidades de Caracas, Bogotá e Quito estão identificadas. Peru e Chile formavam o Vice-Reino do Peru. As cidades de Lima e Santiago estão identificadas. O Brasil não faz parte da divisão da América Espanhola e tem as cidades de Recife ou Pernambuco, Salvador ou Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo identificadas. O Vice-Reino do Rio da Prata, em 1776, abrangia o restante da América do Sul. Buenos Aires está identificada. Tudo o que está identificado faz parte da América Espanhola, exceto o Brasil e as cidades que o compõem.

A principal preocupação dos reformadores era aumentar a rentabilidade das colônias para a Espanha e Portugal. Portanto, eles elevaram os impostos em todos os setores e introduziram diversas medidas para garantir uma melhor arrecadação dos impostos existentes, especialmente reformulando a estrutura da administração colonial. Uma técnica frequente era a criação de empresas monopolistas controladas pelo Estado para supervisionar o comércio, a produção e a venda de produtos básicos, como tabaco ou álcool, a fim de maximizar a receita gerada para o Estado. A mineração, o setor mais lucrativo da economia colonial, recebeu atenção especial tanto na América espanhola quanto no Brasil, tanto para promover o aprimoramento técnico quanto para coibir o contrabando de ouro e prata não tributados. Para garantir que as economias coloniais servissem melhor à Espanha e a Portugal, os reformadores também endureceram as restrições à produção de certos bens, como tecidos e vinho, nas Américas. Eles queriam que os colonos comprassem tecidos e vinho de produtores espanhóis e portugueses, e não que competissem com eles. Para facilitar a integração econômica transatlântica benéfica para as metrópoles, os reformadores flexibilizaram as restrições à navegação, desde que as colônias comercializassem exclusivamente com a Espanha e Portugal.

Ao reforçar o controle colonial para servir aos interesses europeus, as reformas Bourbon e Pombalina naturalmente prejudicaram os interesses das pessoas que viviam na América espanhola e no Brasil. Os aumentos de impostos recaíram diretamente sobre alguns, como os povos indígenas, que tinham pouca capacidade de pagamento. As limitações a vários tipos de comércio e produção levaram ao desemprego, e as novas empresas monopolistas resultaram na alta dos preços. Não é de se admirar que o período posterior a 1750 tenha testemunhado revoltas e protestos generalizados com motivações econômicas, uma forma relativamente nova de agitação social. As pessoas com mais a perder nessa situação eram as classes dominantes nativas da América espanhola e do Brasil, que perderam influência de diversas maneiras. Os reformadores Bourbon e Pombalina argumentaram, logicamente, que os funcionários coloniais teriam os interesses europeus em mente quando eles próprios fossem europeus, enquanto as elites nativas teriam muito mais probabilidade de defender seus próprios interesses locais. Como os espanhóis e portugueses nascidos na Europa eram considerados agentes superiores do controle imperial, eles recebiam privilégios sistemáticos em todas as estruturas de poder civil e eclesiástica. Os orgulhosos herdeiros dos conquistadores começaram a perder os cargos de juiz e as posições administrativas de que antes desfrutavam, um tremendo golpe para seu orgulho e para suas oportunidades de ascensão social. E as elites nativas também sofreram de outras maneiras com o endurecimento do controle colonial promovido pelos reformadores, particularmente quando estes expulsaram a ordem jesuíta tanto do Brasil (1759) quanto da América espanhola (1767). Os jesuítas ofereciam uma carreira prestigiosa a jovens talentosos do Novo Mundo e proporcionavam raras oportunidades educacionais à classe dominante. Mas os jesuítas tinham o hábito de resistir à autoridade real, algo que os reformadores não tolerariam.

Jovens de famílias da elite altiva esbarravam em um teto de vidro, enquanto jovens ambiciosos de famílias mais humildes os pressionavam por baixo. O final do período colonial testemunhou um aumento significativo na parcela da população que não era branca, nem indígena, nem africana, mas sim cultural e racialmente mestiça. Pessoas mestiças eram pessoas que estavam no meio do caminho. Elas ocupavam os degraus intermediários na hierarquia social.

a hierarquia social, com os brancos acima deles e os africanos e indígenas mais abaixo. Eles eram produtos de séculos de transculturação, falavam uma variedade de línguas, eram capazes de transitar pelos diversos mundos sociais do ambiente colonial e estavam soberbamente adaptados para ter sucesso em seu meio social diversificado.

A transculturação geralmente ocorria juntamente com algum tipo de miscigenação. Obviamente, a transculturação pode acontecer sem qualquer mistura de genes, e vice-versa. No entanto, na história da América Latina, a miscigenação transcultural e a miscigenação racial caminham juntas.

A miscigenação racial poderia significar várias coisas aqui. Poderia significar interação social e experiências compartilhadas — raramente com base na igualdade, é claro, mas ainda assim significativas em termos humanos — como quando aprendizes de artesãos de diferentes etnias trabalhavam e se divertiam juntos, ou quando famílias rurais brancas passavam a vida inteira — a infância, a rotina diária, os momentos de profunda importância pessoal — cercadas por escravos, indígenas ou pessoas livres de raça mista. Por outro lado, a miscigenação racial também costumava significar sexo. Casamentos inter-raciais entre brancos pobres, negros e indígenas eram comuns, assim como uniões consensuais.*não* Os encontros sexuais entre pessoas desiguais socialmente e de raças diferentes, como quando "cavalheiros" contratavam prostitutas ou se impunham a mulheres escravizadas, eram consensuais ou apenas superficialmente observáveis.

A história de Xica da Silva é extrema, não típica; memorável, não anônima. Xica tornou-se célebre, e também notória, nos campos de diamantes do Brasil. Sua mãe era africana e seu pai, português. As riquezas dos campos de diamantes fluíam para os bolsos do fornecedor real de diamantes do rei. Ele podia comprar o que quisesse. O que ele queria era Xica da Silva como amante, mas ela não era barata. Para ela, ele teve que providenciar roupas suntuosas, um lugar de honra na igreja, uma dúzia de damas de companhia, um parque com cachoeiras artificiais e até mesmo um lago artificial com um pequeno barco à vela. (Xica sempre quisera ver o oceano.) Agora, ela usava uma peruca empoada, e as pessoas vinham até ela em busca de acesso a ela.

amante, o negociante de diamantes. Um de seus filhos — não o do negociante de diamantes — estudou em universidades europeias. Sua referência desdenhosa a certos visitantes portugueses ficou gravada na memória das pessoas. “Mordomo”, disse ela, “cuide do *marinheiros*Ao chamar os portugueses de "marinheiros", Xica da Silva, uma brasileira mestiça, ousou menosprezar os homens europeus, desafiando o sistema de castas.

Para exercer controle sobre as sociedades coloniais latino-americanas, as Coroas Ibéricas classificavam as pessoas em categorias fixas chamadas*castas*Assim como na Índia, o sistema de castas era totalmente baseado na linhagem, correspondendo, em linhas gerais, ao que hoje chamamos de "raça". Na prática, o sistema de castas também levava em conta outras características, como educação, vestimenta e, principalmente, riqueza. "Dinheiro embranquece", segundo um ditado famoso que expressa a importância da riqueza no sistema de castas latino-americano. A classificação de casta de uma pessoa era registrada no livro de batismo no momento do batismo, e pessoas de casta baixa eram legalmente impedidas de se tornarem padres, frequentar a universidade, usar seda, possuir armas e muitas outras coisas. Uma pessoa totalmente de ascendência europeia ocupava uma categoria no sistema, e uma pessoa totalmente de ascendência africana ocupava outra. Isso é bastante familiar para quem observa as relações raciais nos EUA. Mas o filho de um europeu e um africano pertencia a uma terceira categoria — meio europeu, meio africano, logicamente. Havia uma quarta categoria para uma criança com pai europeu e mãe indígena, e uma quinta para uma criança cujos pais eram indígenas e africanos. Os povos indígenas tinham uma categoria própria, totalizando seis. E isso foi apenas o começo.

PINTURA EM MOLDE Originária do México do século XVIII, a pintura de castas buscava sistematizar a realidade caótica da miscigenação. A legenda original da obra dizia: "Mestiço mais índio é igual a coiote".

Os membros dessas seis categorias continuaram a ter filhos entre si, apesar das regras oficiais que proibiam isso, criando novas pessoas-intermediárias que confundiam as categorias e sobrecarregavam o sistema. Pelo menos em teoria, as categorias de casta proliferaram geometricamente — para dezesseis ou mais, incluindo algumas com nomes de animais. *Lobo* e *Coiote* — durante o último século do domínio colonial. Esses nomes datam do século XVIII, no México, onde muitas séries de pinturas foram encomendadas para ilustrar o sistema de castas. Tais pinturas sobre castas receberam títulos como, por exemplo, *Um espanhol e uma mulata fazem um mourisco*, com pai, mãe e filho retratados em um ambiente doméstico, cada um com as roupas, o comportamento e a cor da pele apropriados. Pinturas de castas foram enviadas à Espanha, onde os oficiais imperiais as consideraram muito como

Classificações de espécies em história natural. Acima de tudo, essas obras peculiares tinham como objetivo ajudar a impor ordem à realidade caótica da miscigenação. A dúzia ou mais de novos nomes de castas nunca se popularizaram no dia a dia e devem ser vistos principalmente como um sintoma da pressão que a miscigenação progressiva exercia sobre o sistema de castas no final do século XVIII.

Também nesses anos, pessoas bem-sucedidas de castas baixas (como condutores de mulas ou artesãos prósperos, por exemplo) representavam um desafio diferente para o sistema de castas. Constantemente necessitada de dinheiro, a Coroa Espanhola às vezes permitia que essas pessoas comprassem uma isenção oficial que as tornava legalmente brancas e elegíveis para ocupar posições de distinção e autoridade. Essa isenção era chamada de*obrigado ao sacar*Brancos com poucas outras vantagens além do privilégio de casta reclamaram amargamente da venda da brancura legal, dizendo que isso minava todo o sistema de castas. A venda do "gracias al sacar" também exemplificou a tendência latino-americana de pensar na raça como um espectro negociável, uma escada que as famílias poderiam subir. As famílias podiam subir nessa escada, mesmo sem isenções legais, quando filhas e filhos conseguiam se casar "de classe superior" — ou seja, encontrar parceiros de pele mais clara. Observe, no entanto, que ascender "na escala social" casando-se por causa da cor da pele também significava aderir à lógica do sistema de castas, com sua premissa de superioridade branca. Portanto, a miscigenação fornece um indicador de transculturação (e hegemonia cultural) em ação.

Valorizada, abominada ou meramente tolerada, a miscigenação racial era uma realidade da vida colonial na América Latina. Por volta de 1800, perto do fim do período colonial, pessoas mestiças já representavam cerca de um quarto da população latino-americana, e esse grupo intermediário era também o que crescia mais rapidamente. A maioria africana e indígena havia adotado muito dos espanhóis e portugueses, deixando sua própria marca cultural. Ao conviverem, com todos os conflitos que isso acarretava, pessoas de origens diversas criaram identidades compartilhadas e laços de lealdade que as uniam. Por volta de 1800, até mesmo os brancos hispano-americanos e brasileiros, aproximadamente,

Outro quarto da população percebia que muitos de seus hábitos e preferências, como o gosto musical, agora os diferenciavam de seus primos europeus e, de certa forma, os tornavam um pouco semelhantes às pessoas abaixo deles na hierarquia colonial. Ainda assim, poucos colonos atribuíam muita importância a uma identidade americana distinta em 1800.

As guerras de independência mudariam isso.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

Sor Juana Inés de la Cruz ,págs. 54, 63

mineração de prata ,pág. 56

Potosí ,pág. 56

quinto real ,pág. 58

vice-rei, vice-reinado ,pág. 58

plantações de cana-de-açúcar ,pág. 58

hegemonia ,pág. 64

patriarcado ,pág. 66

transculturação ,pág. 69

bandeirantes ,pág. 79

Reformas Bourbon e Pombalina ,pág. 83

sistema de castas ,pág. 87

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Como a América espanhola e o Brasil estavam organizados em termos econômicos? Você pode comparar os papéis desempenhados pela prata na América espanhola e pelo açúcar no Brasil?
2. De que maneira os colonizadores ibéricos exerceram domínio sobre os vastos territórios americanos?
3. O que significa o termo “hegemonia” no estudo da América Latina colonial? Discuta-o em relação ao sistema de castas.
4. Por que a transculturação é um conceito importante na história da América Latina?
5. Você consegue diferenciar as áreas centrais de colonização das áreas periféricas? Quais eram as diferenças entre elas?

Glossário

Sor Juana Inés de la Cruz
: Uma freira mexicana do século XVII que se tornou uma das principais intelectuais de sua época. Ela acabou sendo silenciada por atividades consideradas impróprias para mulheres.

mineração de prata
: A espinha dorsal da economia de exportação colonial hispano-americana, com os principais centros extrativistas no norte do México e no Peru.

Potosí
: Possivelmente a mina de prata mais produtiva da história do mundo, foi inaugurada (no que hoje é a Bolívia) na década de 1540.

quinto real
: um imposto de 20% que a Coroa Espanhola impôs sobre a mineração. plantações de cana-de-açúcar
: A espinha dorsal da economia de exportação do Brasil colonial, análoga ao cultivo da prata na América espanhola.

hegemonia
: Um princípio básico de controle social, no qual uma classe dominante domina outras ideologicamente, com o mínimo de força física, fazendo com que seu domínio pareça natural e inevitável. A hegemonia geralmente envolve algum grau de negociação.

patriarcado

Um princípio geral de superioridade masculina, segundo o qual “os pais mandam”, tanto nos lares quanto na sociedade em geral. Era mais proeminente nas sociedades espanholas e portuguesas do que nas sociedades indígenas antes do Encontro, mas o domínio colonial o implantou fortemente na América Latina.

transculturação

A interação criativa entre duas culturas, resultando em uma nova cultura. A transculturação entre europeus, africanos e indígenas americanos criou culturas latino-americanas distintas.

bandeirantes (Port.)

Os saqueadores nômades da fronteira do Brasil colonial, baseados principalmente em São Paulo, tinham como principal atividade a caça de escravos.

Reformas Bourbon e Pombalina

Reformas iniciadas pela dinastia Bourbon da Espanha e pelo ministro real Marquês de Pombal em Portugal, que buscavam reforçar o controle sobre suas colônias no Novo Mundo no século XVIII.

sistema de castas

Uma hierarquia social codificada em lei e baseada em características herdadas, reais ou imaginárias. O sistema de castas colonial da América Latina correspondia, em maior ou menor grau, ao que chamamos de raça. A casta pode ser utilmente contrastada com a classe, que se baseia mais em fatores socioeconômicos.

vice-reinado

a maior subdivisão administrativa dos impérios espanhol e português na América, governada por um *vice-rei* que atuava no lugar do rei.

CONTRACORRENTES

REBELIÕES COLONIAIS

De um modo geral, o domínio colonial foi surpreendentemente estável na América Latina, mas houve muitas pequenas rebeliões — e algumas notavelmente grandes, especialmente no final. Algumas dessas revoltas foram consequências da tomada do poder pela Península Ibérica. Outras, as mais recentes, podem ser interpretadas como sinais de tensões crescentes e, portanto, precursoras da independência.

A Rebelião de Gonzalo Pizarro, 1544–49. A rebelião mais importante dos primeiros tempos foi liderada pelos conquistadores do Peru. Ocorreu quando as Novas Leis, que limitavam as encomiendas (em 1542), chegaram ao Peru juntamente com o primeiro vice-rei enviado pelo rei espanhol. O líder da revolta foi Gonzalo Pizarro, irmão do conquistador peruano Francisco Pizarro. Os seguidores de Pizarro temiam perder completamente suas encomiendas em consequência das Novas Leis e reagiram violentamente, capturando e matando o vice-rei em 1546. Em três anos, a rebelião chegou ao fim. Gonzalo Pizarro foi decapitado por traição e um novo vice-rei reassumiu o controle real do Peru.

revoltas indígenas, 1500–1800. Os povos indígenas frequentemente se revoltavam assim que o choque inicial da conquista passava. O movimento andino da década de 1560, chamado Taki Onqoy, foi um exemplo particularmente interessante. Nele, os indígenas ouviam seus antigos deuses chamando-os e, como na Dança de São Vito na Europa do século XIV, sofriam convulsões incontroláveis de tremores e danças. No entanto, a maioria das revoltas indígenas, das quais houve centenas, eram pequenas e isoladas, raramente representando uma ameaça ao domínio espanhol ou português. A rebelião Pueblo de 1680, no Novo México, foi uma exceção. Naquele ano, o povo Pueblo se insurgiu e, por mais de uma década,

Expulsaram tudo o que fosse espanhol de suas terras. Yucatán, no outro extremo do México, foi palco de repetidas revoltas. Em 1761, um maia iucateco adotou o nome de Canek (um lendário líder indígena) e liderou uma revolta breve, porém séria. Ele foi capturado ainda naquele ano e executado sendo esquartejado. As punições para revoltas indígenas eram, em geral, verdadeiramente brutais.

Rebeliões contra as medidas de reforma dos Bourbons, décadas de 1740 a 1780. A tentativa dos Bourbon de reforçar o controle real e extrair maiores lucros das colônias americanas provocou resistência em vários lugares. Em 1749, os produtores de cacau venezuelanos se revoltaram contra o monopólio do governo sobre seu produto. Em 1765-66, multidões urbanas organizaram uma revolta para protestar contra o aumento de impostos em Quito (Equador).*Comunero* Na revolta de 1781, habitantes de uma região da atual Colômbia se revoltaram contra o aumento de impostos e as novas restrições monopolistas ao cultivo do tabaco. Frequentemente, essas rebeliões uniam pessoas de diferentes castas por um curto período, mas suas alianças geralmente se desfaziam, justamente nessas mesmas linhas, em poucas semanas. Além disso, essas revoltas tinham como alvo medidas específicas de reforma dos Bourbons e não o domínio espanhol em si. De fato, os rebeldes muitas vezes proclamavam sua lealdade à Coroa no próprio momento da revolta, gritando "Viva o Rei! Morte ao Mau Governo!".

Quilombos e palenques, 1500–1888. Já nos deparamos com o grande quilombo brasileiro (refúgio de escravos fugitivos) chamado Palmares. Refúgios também existiram no Caribe espanhol, onde eram denominados *palenques*(A palavra espanhola descreve a paliçada de troncos de árvores que frequentemente fortificava um acampamento de escravos fugitivos.) Revoltas em que os escravos se vingavam de seus senhores eram muito menos comuns, mas nunca impossíveis.

Conspirações "ao estilo francês" no Brasil, 1789 e 1798. Um ou dois tremores iniciais mostraram essas ideias em ação também no Brasil. Em algumas cidades, círculos de homens ousados começaram a discutir novas filosofias políticas — a saber, a derrubada das monarquias para formar repúblicas.
— emanando então da França e dos Estados Unidos. A cidade de

Ouro Preto, na região mineradora do Brasil, foi um desses lugares. Informantes revelaram a conspiração quase imediatamente, e os participantes foram presos rapidamente. A maioria, por ser branca e abastada, foi apenas exilada. Mas um deles, um oficial mulato do exército (apelidado de Tiradentes, por exercer a odontologia nas horas vagas), foi executado publicamente. Hoje, Tiradentes é o maior mártir patriota do Brasil. Uma conspiração semelhante, ao estilo francês, chamada de Revolta dos Alfaiates porque vários dos conspiradores exerciam essa profissão, foi exposta na Bahia nove anos depois. Lá, a maioria dos conspiradores era negra ou mulata, uma circunstância particularmente assustadora para a elite branca.

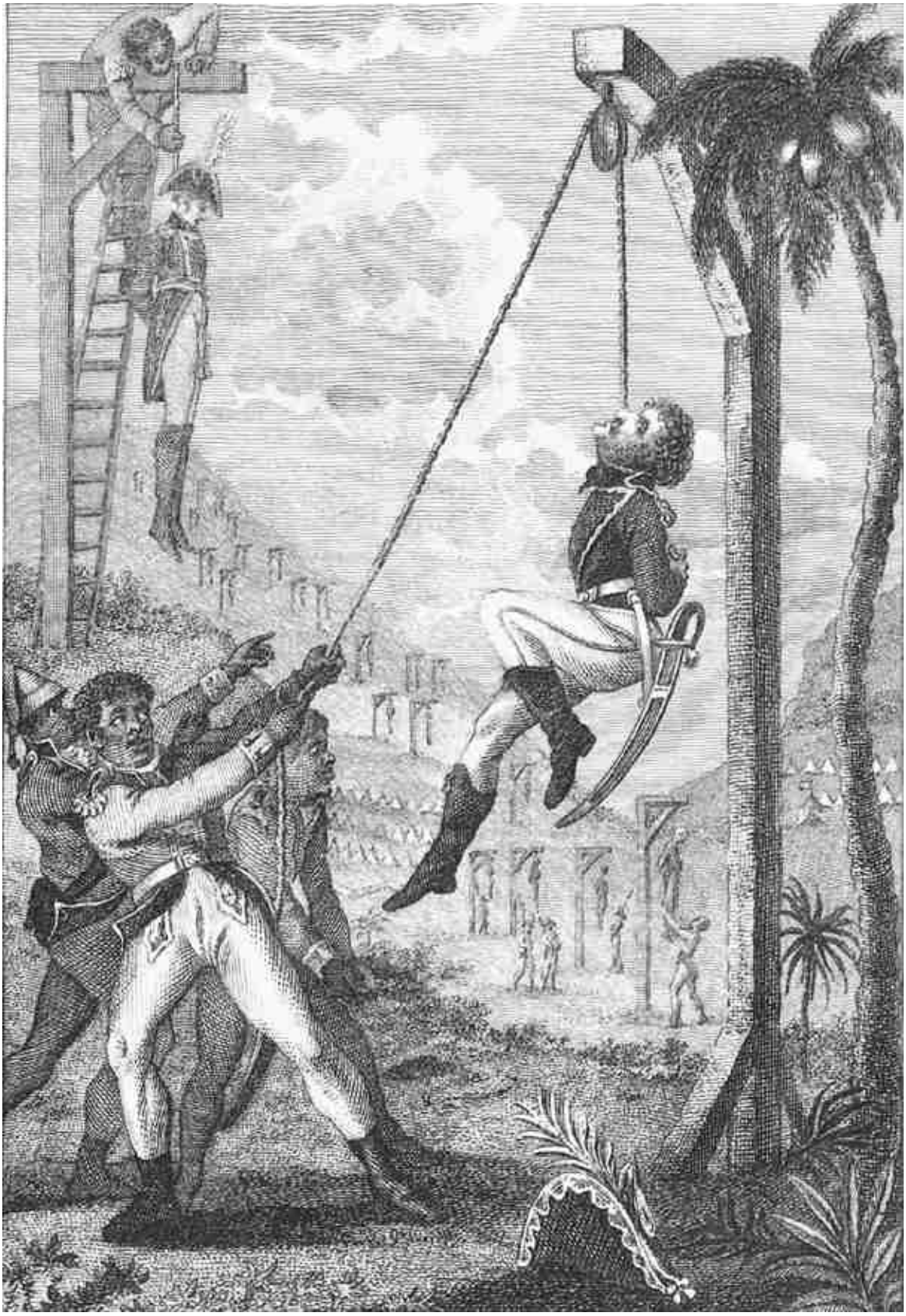
A Rebelião de Tupac Amaru II1780–83. Esta, a mais importante das rebeliões coloniais, abalou os altos Andes e reverberou por toda a América espanhola. O mestiço que se autodenominava Tupac Amaru II alegava descendência real inca, mas, independentemente de a ter ou não, o nome inca em si era o ponto principal. Ele o adotou em memória de Tupac Amaru I, um líder da resistência inca e herói popular que lutou na retaguarda contra a conquista no século XVI. A proclamação inicial da nova rebelião era anti-“peninsular” (nome dado aos espanhóis nascidos na Península Ibérica) e clamava por uma aliança entre brancos nascidos na América, mestiços e indígenas. Uma vez iniciada, porém, a rebelião tornou-se predominantemente indígena e saiu do controle, alastrando-se para o sul através dos altos planaltos de densa população indígena como um incêndio florestal, chegando ao Alto Peru (atual Bolívia), onde desencadeou outra revolta, mais obstinada, liderada por um indivíduo que se autodenominava Tupac Catari. A rebelião, que consumiu talvez cem mil vidas antes de finalmente se extinguir, aterrorizou profundamente a elite peruana e afetou seu comportamento nas futuras guerras de independência.

4 INDEPENDÊNCIA

As lutas pela independência na América Latina irromperam de forma repentina e inesperada. Houve alguns presságios preocupantes antes de 1800, mas o aspecto mais notável do domínio colonial continuou sendo sua estabilidade geral. Portanto, ninguém previu um colapso imperial, e quando ele ocorreu, todos improvisaram. Poder-se-ia esperar que os mais desfavorecidos se levantassem quando o controle europeu começasse a falhar; isso de fato aconteceu em alguns lugares, notadamente no Haiti, onde os escravos literalmente tomaram o poder. Mas o resultado na América espanhola e no Brasil foi mais conservador. Em geral, os brancos no topo da hierarquia social permaneceram lá, enquanto negros e indígenas permaneceram na base. Por outro lado, a independência da América Latina criou uma dúzia das primeiras repúblicas constitucionais do mundo. Os combates desferiram um golpe mortal no sistema de castas e conferiram um novo status a muitas pessoas mestiças.

Os próprios combates transformaram muito a América Latina. Muitos homens negros e pardos se tornaram heróis de guerra honrados por sua bravura em combate. Mas vencer as guerras de independência exigia mais do que sangue; exigia também um senso de pertencimento e um propósito compartilhado. As nações modernas da América Latina ainda não existiam, nem mesmo como um sonho distante, quando as guerras começaram. O que um escravo africano, um aldeão quéchua, um latifundiário de sangue espanhol puro e um artesão mestiço tinham em comum só porque todos haviam nascido (por exemplo) no vice-reinado do Peru? Obviamente, não muito, além de serem súditos da Coroa Espanhola, que os tratava quase como subespécies diferentes de seres humanos. Assim, os líderes patriotas enfrentaram um grande desafio. Eles precisavam imaginar novas nações e fazer com que outras pessoas, com pouco em comum, também as imaginassem. A imagem tinha que ser tão vívida que as pessoas traíssem seu rei, matassem e arriscassem a própria vida.

por isso. A visão patriótica das guerras de independência introduziu elementos das duas grandes ideias, o liberalismo e o nacionalismo, que têm animado a vida política latino-americana desde então.



A REVOLUÇÃO HAITIANA.A grande revolta de escravos que começou na colônia francesa do Haiti em 1791 esmagou a classe dominante, derrotou vários exércitos franceses enviados para reprimi-la e criou um cenário catastrófico vívido para uma geração de proprietários de escravos na América Latina.

Para entender as ações das pessoas durante os anos de crise de 1808-1825, para ver como a independência chegou tão inesperadamente, tão rapidamente, como mudou tanto e, ao mesmo tempo, tão pouco, devemos observar como os eventos violentos na Europa desestabilizaram repentinamente o domínio colonial. Em seguida, veremos como os latino-americanos reagiram — uma história com vários fios condutores. Regiões centrais como o México e o Peru seguiram um padrão, regiões periféricas como a Venezuela e a Argentina, outro. O Brasil trilhou seu próprio caminho bastante peculiar rumo à independência. Esses caminhos sinuosos podem ser um pouco complexos, mas compreendê-los vale a pena, pois as guerras de independência lançaram uma longa sombra sobre a história da América Latina.

O LIBERTADOR SIMÓN BOLÍVAR. Bolívar, que ajudou a criar cinco nações, foi o maior general da independência. Bolívar era de Caracas, filho de uma família de proprietários de plantações que lhe proporcionou uma educação privilegiada — incluindo uma viagem pela Europa com seu brilhante tutor, Simón Rodríguez, um homem repleto de novas ideias. Mas generais brancos da classe alta como Bolívar não conseguiam conquistar a independência sem o apoio da maioria não branca da América Latina.

1807–8

Napoleão invade a Península Ibérica

1810–14

Começam as revoltas hispano-americanas

1815

O Brasil foi elevado à condição de reino.

1820

Revoluções liberais na Espanha e em Portugal

1824

Batalha de Ayacucho

REVOLUÇÃO E GUERRA NA EUROPA

Os hispano-americanos viveram duas décadas difíceis após 1788 sob o governo calamitoso de um rei incompetente, Carlos IV, que se esquivou de suas responsabilidades reais e deixou o governo nas mãos de um ministro odiado, amplamente conhecido por ser amante da rainha. O mau governo, somado a uma série de guerras custosas, levou o Estado espanhol à falência durante o século XVIII. A falência da Coroa resultou em impostos mais altos, bem como em outras práticas irritantes, como a venda de altos cargos, que colocava pessoas incompetentes em posições de comando, e a impopular execução de hipotecas de longo prazo pelo governo. Pior ainda, a guerra com a Inglaterra, iniciada em 1796 e que se estendeu intermitentemente pela década seguinte, significou confrontar a marinha mais poderosa do mundo, pois aqueles eram os anos em que “a Grã-Bretanha dominava os mares”. A marinha espanhola foi subjugada e o número de viagens transatlânticas caiu drasticamente, estrangulando o comércio colonial. Os hispano-americanos observaram tudo isso com consternação, mas sem enxergar como um sinal para se rebelar. Afinal, guerras estrangeiras frequentemente evocam sentimentos de lealdade ao rei e à pátria, e os ingleses eram inimigos históricos que atacavam com frequência navios e portos hispano-americanos. Nem a Espanha nem Portugal escaparam às crescentes repercussões da Revolução Francesa (1789-1799) e das subsequentes Guerras Napoleônicas (1799-1815), que acabaram por envolver toda a Europa. Na prática, a independência hispano-americana começou a existir de facto em 1808, quando o rei espanhol foi aprisionado por Napoleão.

No Brasil, as coisas aconteceram de forma diferente. Portugal mantinha uma relação amistosa com a Inglaterra desde o século XIV, relação descrita no Tratado de Windsor de 1386 como “uma liga de amizade inviolável, eterna, sólida, perpétua e verdadeira” — uma relação dominada pela Inglaterra. A Inglaterra provaria ser uma parceira valiosa, porém exigente.

aliado. Mas, aliado inglês ou não, a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas também iniciaram o processo de independência no Brasil.

Os revolucionários franceses da década de 1790 desafiaram a ideia de monarquia baseada no direito divino, chegando a executar o rei e a rainha da França, Luís XVI e Maria Antonieta. Esses revolucionários se inspiraram no despertar intelectual conhecido como Iluminismo. Eles proclamaram “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, questionaram a autoridade tradicional e reformularam a ordem política. Desdenharam dos reis imbecis que, graças à sua linhagem real, detinham um poder que não mereciam. Em vez disso, os revolucionários lutaram por uma sociedade mais justa e independente.*soberania popular*Isso significa que o povo de cada nação (ainda sem incluir as mulheres) tinha o direito de determinar quem os governaria, de acordo com uma constituição escrita. Os revolucionários franceses se propuseram a derrubar outros reis europeus e estabelecer repúblicas. De forma um tanto perversa, o credo revolucionário tornou-se uma ideologia para justificar a agressão militar, à medida que os exércitos franceses, liderados pelo General, depois Primeiro Cônsul e, finalmente, Imperador Napoleão Bonaparte, começaram a "libertar" outros países, submetendo-os ao controle francês. Espanha e Portugal foram dois desses países.

A nova ideologia política de liberdade e libertação — o liberalismo, em suma — tinha origem quase tão inglesa quanto francesa. A própria guerra civil e revolução da Inglaterra no século XVII consagraram o princípio da soberania popular na constituição inglesa não escrita. A Inglaterra preservou sua monarquia, como faz até hoje, mas trata-se de uma monarquia limitada, subordinada a uma legislatura eleita, a Câmara dos Comuns, que os liberais consideravam a voz do povo. A Inglaterra opôs-se ao radicalismo da Revolução Francesa e liderou a luta contra o expansionismo napoleônico. Isso alinhou a Inglaterra com os patriotas espanhóis e portugueses antinapoleônicos durante o período de independência da América Latina, como veremos. Em suma, o liberalismo, seja originário da França ou da Inglaterra, inspirou todos os lados nas Guerras Napoleônicas. Foi o impacto dessas guerras e suas consequências, por sua vez, que desencadearam a independência da América Latina — tudo sob a bandeira ideológica da soberania popular.

No final de 1807, quando os portugueses se recusaram a fechar os seus portos e a declarar guerra ao seu antigo aliado, a Inglaterra, Napoleão invadiu Portugal. A família real portuguesa fugiu, acompanhada por uma comitiva brilhante de nobres e funcionários do governo, uma multidão de criados e cortesãos — mais de dez mil pessoas, bem como o tesouro real — partindo de Lisboa apenas algumas horas antes da chegada das tropas de Napoleão à capital portuguesa. Navios de guerra britânicos estavam presentes para escoltar a flotilha real e, sobretudo, o Príncipe (mais tarde Rei) João (que exercia o poder em nome da rainha, sua mãe desequilibrada) até ao Brasil. Durante mais de uma década, João estabeleceu a sua corte no Rio de Janeiro, a salvo do alcance de Napoleão. Entretanto, tanto o rei espanhol, Carlos IV, como o seu herdeiro, o Príncipe Fernando, caíram nas mãos de Napoleão e, sob pressão, ambos abdicaram das suas pretensões ao trono espanhol. Napoleão, então, coroou o seu próprio irmão, José, rei de Espanha, uma decisão que a maioria dos espanhóis e hispano-americanos se recusou a aceitar.

Um aspecto da hegemonia colonial foi a aceitação gradual dos monarcas espanhóis e portugueses como governantes legítimos por quase todos nas colônias. A Coroa tinha forte influência.*legitimidade*Autoridade que inspira obediência. Em 1810, existia um contraste surpreendente. A Coroa Portuguesa estava mais próxima do Brasil do que nunca. A Coroa Espanhola, usurpada por um estrangeiro, estava mais distante do que nunca da América Espanhola. A história brasileira mostra quanta diferença a presença do rei podia fazer.

A corte real de João Batista no Rio de Janeiro havia se tornado o centro político do mundo lusófono, e o povo carioca, sempre afeito ao glamour, ficou encantado com a presença da corte. Milhares de ricos cortesãos europeus inundaram a cidade, impulsionando um boom na construção civil e em serviços lucrativos, de cocheiras a salões de cabeleireiro. A presença da corte real também favoreceu a elite brasileira, pois a oportunidade de sussurrar algumas palavras diretamente ao ouvido do rei era de fato valiosa. O fim dos monopólios comerciais coloniais beneficiou o Brasil como um todo. Antes, todo o comércio brasileiro era canalizado para Portugal, mas agora João Batista permitiu que os brasileiros negociassem com todos (principalmente com os britânicos,

que haviam pressionado fortemente por essa abertura comercial), e os produtos importados ficaram mais baratos. João gostava do Rio e desfrutava de cochilos tranquilos em seu jardim botânico enquanto navios da Europa e da América espanhola traziam notícias de uma revolta distante após a outra.

De volta a Portugal, uma revolta patriótica antinapoleônica começou em 1808, logo após a partida de João, e os combates na Península Ibérica se arrastaram por anos, com guerrilheiros portugueses e espanhóis, apoiados por tropas britânicas, travando guerrilhas contra os franceses. Na América espanhola, também eclodiram conflitos crônicos. Declarações de independência foram feitas aqui e ali. Enquanto isso, o Rio de Janeiro fervilhava e o Brasil permanecia em paz. Quaisquer que fossem as pressões sociais e econômicas acumuladas durante o período colonial, quaisquer que fossem as rivalidades existentes entre portugueses e brasileiros, elas não explodiram naquele momento. Tão satisfeito estava João no Rio que, mesmo após a derrota definitiva de Napoleão na batalha de Waterloo (1815), o rei português, curiosamente, não se apressou em retornar a Lisboa.

Os eventos na América espanhola entre 1808 e 1815 contrastavam totalmente com o cenário no Brasil. Os hispano-americanos ficaram chocados com o declínio da monarquia legítima. O governo espanhol não havia desaparecido completamente, pois movimentos de resistência provinciais na Espanha enviavam representantes a um comitê nacional de resistência, chamado Central.*Junta*A Junta Central esperava o apoio dos hispano-americanos, mas estes tinham outros planos. A Junta Central fora escolhida inteiramente na Espanha. Portanto, representava o povo espanhol, mas não os espanhóis.*americano*pessoas, e rejeitaram seus ditames. Após a tomada do poder napoleônica na Espanha, a maioria dos hispano-americanos professou fervorosa lealdade ao seu rei legítimo, Fernando VII, mas, ao fazê-lo, também rejeitou a ideia de que o México, o Peru ou Nova Granada fossem colônias. Em vez disso, reafirmaram a antiga ideia de que o trono do rei espanhol tinha dois pilares de sustentação: seus reinos europeus na Península Ibérica e seus reinos americanos no Novo Mundo. Argumentaram que, embora leais a Fernando, os reinos americanos eram iguais aos europeus e não subordinados a eles. Em outras palavras, paradoxalmente,

A crise napoleônica levou os patriotas hispano-americanos a invocarem o princípio da soberania popular contra a própria Espanha. Logo, começaram a formar suas próprias juntas para governar localmente em nome de Fernando. Essas juntas "provisórias" eram frequentemente criadas em reuniões abertas da câmara municipal.*cabildo aberto*.

Em 1810, a resistência espanhola à ocupação francesa havia sido empurrada para a cidade portuária de Cádiz, no sul do país, onde continuou a funcionar sob a proteção naval britânica. Os liberais espanhóis que lideravam a resistência agora clamavam por uma constituição redigida por representantes eleitos tanto da Espanha quanto da América espanhola. A Constituição de Cádiz era um documento verdadeiramente liberal e, se implementada, teria alterado profundamente o império espanhol. Mas ela nunca foi totalmente implementada. Quando foi concluída, rebeldes patriotas já haviam levantado o clamor da revolta anti-espanhola no México, Venezuela, Argentina e outros lugares.

O ESPANHOL-AMERICANO REBELIÕES COMEÇAM, 1810–15

Mas quem eram esses rebeldes patriotas? Na maioria dos casos, as iniciativas de independência partiram de brancos nativos, chamados crioulos para distingui-los dos espanhóis nascidos na Península Ibérica. Os espanhóis nascidos na Península Ibérica passaram a ser chamados de peninsulares ou, frequentemente, por termos ainda mais desagradáveis que não se traduzem bem. Devemos voltar um pouco atrás para explicar o que os crioulos buscavam.

No final do século XVIII, os crioulos hispano-americanos já nutriam um grande ressentimento em relação aos peninsulares, com quem competiam socialmente. O fato de terem nascido na Espanha fazia dos peninsulares os agentes preferenciais do domínio imperial. Os espanhóis peninsulares geralmente ocupavam os melhores cargos eclesiásticos e governamentais, as posições-chave nas câmaras de comércio e assim por diante, obtendo acesso privilegiado à riqueza e ao poder em detrimento de seus primos crioulos nascidos na América. Mas essa rivalidade existia apenas no topo da sociedade hispano-americana. Os outros três quartos ou quatro quintos da população — pessoas de ascendência indígena, africana ou mista — tinham pouco a perder na disputa entre crioulos e peninsulares, porque o sistema de castas os excluía completamente da competição. Às vezes, eles detestavam os crioulos mais do que os peninsulares, porque os crioulos eram os senhores e dominadores que os incomodavam no dia a dia. Os crioulos geralmente eram donos das terras, e grande parte da população hispano-americana vivia sob o jugo dos latifundiários. Nas cidades, eram os crioulos, e não os peninsulares, que temiam a ascensão social de pessoas prósperas de raça mista e lutavam para mantê-las "em seu lugar". Em outras palavras, a maioria dos hispano-americanos tinha muitos motivos para se revoltar — mas não especificamente contra os peninsulares.

A independência mexicana demonstra essas dinâmicas em ação. O México era, de longe, a joia imperial mais brilhante da Coroa Espanhola no início do século XIX.

Na década de 1800, a Espanha era de longe a colônia mais lucrativa, lar de quatro em cada dez hispano-americanos. Os peninsulares representavam apenas uma fração de 1% da população, mas o ressentimento crioulo contra eles era grande. Assim, o cabildo da Cidade do México, dominado por crioulos, aproveitou a crise de 1808 na Espanha como uma oportunidade para ganhar terreno contra seus primos europeus privilegiados. Afirmando sua lealdade contínua ao prisioneiro Fernando VII, os crioulos convenceram o vice-rei a convocar uma assembleia representativa para legitimar o poder enquanto o rei estivesse ausente. Os poderosos peninsulares da colônia, no entanto, não aceitaram isso. Na verdade, depuseram o vice-rei para impedir a realização da assembleia. A raiva crioula fervilhava.

Então, em 1810, as convulsões políticas na América espanhola começaram de fato. Uma conspiração crioula na região mineira do norte do México desencadeou uma rebelião massiva de camponeses indígenas e mestiços. O homem que libertou o gênio da lâmpada foi um padre crioulo, o padre Miguel Hidalgo. Leitor de livros franceses proibidos, que também estudava línguas indígenas e desafiava a regra católica de abstinência sexual para o clero, Hidalgo era um inconformista impulsivo, e a Inquisição já tinha um dossiê sobre ele. Informado de que as autoridades espanholas logo o prenderiam por sua participação na conspiração, Hidalgo correu para a igreja de sua paróquia e tocou o sino. Em seguida, discursou para a multidão reunida usando uma linguagem religiosa que seu público compreendia bem — não sobre independência, mas sobre a necessidade de defender o México contra os usurpadores peninsulares da autoridade legítima e os inimigos de Fernando VII. Hidalgo apresentou a rivalidade entre crioulos e peninsulares como uma revolta unânime da América espanhola contra a Espanha. Ele falou sobre como os conquistadores espanhóis haviam roubado terras indígenas. Na verdade, foram os crioulos, e não os peninsulares de 1810, que descenderam desses conquistadores. De fato, Hidalgo tinha mais em comum com a maioria dos peninsulares, seus pares sociais, do que com seus paroquianos indígenas. Mas sua retórica construiu uma dicotomia simples: americanos versus europeus. Seu grito de guerra era: “Viva a Virgem de Guadalupe e morte aos espanhóis!”. O apelo funcionou.

Milhares de pessoas pobres do campo se aglomeravam sob a bandeira da Virgem de Guadalupe, agora um poderoso símbolo da identidade mexicana. As multidões incluíam homens, mulheres e crianças, famílias inteiras, burros e gado. Suas armas eram principalmente ferramentas agrícolas, e não armas de fogo. Uma recente fome na zona de mineração havia deixado muitos mexicanos humildes com pouco a perder. Quando os peninsulares aterrorizados, no importante centro de mineração de Guanajuato, viram vinte mil camponeses indígenas enfurecidos vindo em sua direção, barricaram-se às pressas no maior e mais forte edifício da cidade, o enorme celeiro — mas foi em vão. Centenas de peninsulares morreram em Guanajuato e depois ao longo de toda a rota desse exército desorganizado e descontrolado. E não apenas peninsulares: crioulos também morreram. A retórica patriótica de Hidalgo teoricamente traçava uma linha divisória entre os peninsulares e todos os outros, mas crioulos e peninsulares se assemelhavam. Muitos peninsulares tinham esposas e filhos crioulos. Além disso, os peninsulares encurralados pelos rebeldes geralmente alegavam ser crioulos. Os camponeses indígenas e mestiços oprimidos que seguiam Hidalgo careciam de disciplina militar e, para eles, crioulos e peninsulares pareciam igualmente arrogantes. À medida que a multidão de Hidalgo chegava a sessenta, setenta, oitenta mil, começou a parecer para muitos crioulos o seu pior pesadelo.

Poucos crioulos mexicanos, ou moradores de qualquer tipo de cidade, se juntaram a Hidalgo, e seus seguidores indisciplinados se dispersaram depois de apenas alguns meses. O próprio Hidalgo foi capturado, forçado a se arrepender publicamente e, em seguida, executado. Como lição exemplar, a cabeça de Hidalgo foi pendurada em uma gaiola de metal em um canto do celeiro de Guanajuato, onde tantos espanhóis haviam morrido. Mas o gênio revolucionário não voltaria para a garrafa. No sul do México, onde as comunidades indígenas mantinham suas identidades e terras ancestrais de antes da conquista, um dos oficiais de Hidalgo ainda mantinha acesa a chama da rebelião. Ele também era padre, mas modesto e pragmático, muito diferente do grandioso e visionário Hidalgo.

O padre José María Morelos não era crioulo, mas sim mestiço, e um líder muito mais capaz em todos os sentidos. Seu exército era bem organizado e

Seus principais objetivos eram claros: o fim da escravidão, do sistema de castas e do tributo pago pelos povos indígenas. Morelos proibiu o uso de classificações de castas. Todos os nascidos no México eram simplesmente “americanos”. Em 1813, ele declarou a independência total. Seu movimento ainda não atraía muitos crioulos, mas tinha força para se manter — pelo menos até que o Padre Morelos fosse capturado e executado em 1815. Nessa época, pequenos grupos de guerrilheiros patriotas lutavam há anos em várias regiões do México e, com a morte de Morelos, continuaram a desafiar o governo, causando pesados gastos militares, vivendo da terra como bandidos e corroendo gradualmente a estrutura do domínio colonial.

No Peru, a independência teve um início mais lento. Os crioulos peruanos já haviam vislumbrado seu pior cenário algumas décadas antes, na década de 1780, quando a grande rebelião indígena de Tupac Amaru II abalou os Andes. Isso lhes proporcionou uma compreensão vívida dos perigos inerentes à mobilização dos povos indígenas contra os peninsulares. Os crioulos de Lima, o principal centro administrativo espanhol da América do Sul, formaram*não*junta e teve o cuidado de fazer*não*Apelo ao estilo de Hidalgo junto à população indígena. Se os nativos andinos se inclinavam para um lado ou para o outro, era para a lealdade a Fernando VII. No entanto, em sua maioria, os indígenas preferiam ficar de fora do conflito. As tentativas dos patriotas crioulos de envolver os combatentes indígenas foram lentas e desiguais. Os patriotas, apenas um pouco menos violentos que os monarquistas, tratavam os indígenas com brutalidade casual. O diário de um jovem tocador de tambor patriota oferece um exemplo vívido:

> *Um casal de índios pobres, acompanhados de suas lhamas, foi trazido até nós como prisioneiros porque haviam abandonado seus animais e outros pertences quando nos aproximamos e foram encontrados escondidos. O Comandante Lira disse que provavelmente eram espiões e ordenou duzentas chicotadas para cada um até que falassem. Nesse momento, um deles saiu correndo, chorando, dizendo que eram inocentes e que estavam vindo à cidade para comprar coisas necessárias para suas famílias, pois tinham muitas crianças pequenas, e que sempre se escondiam dos soldados, de todos os soldados. Alguns dos nossos próprios*

> *Os índios perseguiram e mataram aquele que tentava escapar. Em seguida, Lira ordenou que o segundo prisioneiro fosse executado. O condenado olhou para cima e gritou furiosamente para os céus, depois ajoelhou-se diante de Lira, soluçando e dizendo: Comandante, veja os pássaros naquelas árvores que não sabem nem se importam com nossas guerras, buscando apenas alimentar a si mesmos e suas famílias. Nós também fazemos exatamente isso. O homem que você matou era meu irmão, um homem pobre. Você não tem motivo para nos fazer mal. A verdadeira Pátria deve proteger e perdoar seus filhos, especialmente aqueles tão inocentes quanto nós.*
>
> *Ao ouvirem essas palavras, muitos se comoveram e convenceram Lira a libertar o infeliz, que partiu expressando gratidão.*

Uma semana depois, os índios receberam a resposta do outro lado:

> *Esta manhã, o campo estava cheio de soldados realistas. Eles invadiram a cabana de um índio pobre chamado Fermín Mamani e o mataram com suas baionetas ali mesmo, enquanto ele cozinhava e comia batatas. Sem lhe dizer nada, entraram e o mataram com a boca cheia. Ele nem teve tempo de engolir.*

De modo geral, o Peru, juntamente com outras áreas andinas como a Bolívia e o Equador, permaneceu firmemente sob controle espanhol durante os anos de crise do início da década de 1810, enquanto grandes revoltas eclodiam em outros lugares.

Os principais crioulos em colônias “periféricas” como Venezuela e Argentina eram menos cautelosos. Eles se ressentiam das restrições comerciais imperiais que favoreciam a produção de prata nas áreas centrais do Peru e do México. E as vastas planícies gramadas da Venezuela e da Argentina eram abundantes em cavalos e cavaleiros, muito úteis na guerra pré-mecanizada. Ao contrário dos movimentos de Hidalgo e Morelos, que foram levantes populares, as juntas patriotas de Caracas e Buenos Aires começaram como *cabildos abiertos*, encontros dos homens mais influentes dos dois

cidades. Esta foi uma revolução de cima para baixo, liderada por crioulos confiantes e viajados, alguns dos quais haviam testemunhado os eventos europeus em primeira mão. Quando a crise de legitimidade começou na Espanha, os crioulos em Caracas e Buenos Aires reagiram como os de outros lugares. Gradualmente, porém, eles deixaram de lado seus protestos de lealdade ao rei, abraçaram a revolução liberal e caminharam rumo à plena independência. Seus críticos chamaram isso de "tirar a máscara de Fernando".

Na Venezuela, tudo isso já havia acontecido no início de 1811. O problema era fazer com que a situação se consolidasse. A primeira república venezuelana desmoronou quando um terremoto, prova incontestável da desaprovação divina, atingiu Caracas um ano depois. E o terremoto não era o único problema dos patriotas. No coração da Venezuela, além da costa montanhosa do Caribe com suas plantações de cacau, estendiam-se as planícies tropicais propensas a inundações da bacia do rio Orinoco, uma terra de gado e vaqueiros de pele escura chamados...*llaneros*que se alimentavam principalmente de carne bovina, carregavam lanças e cavalgavam como se tivessem nascido a cavalo. Para dizer o mínimo, os llaneros não tinham nenhuma simpatia pela elite revolucionária de Caracas, dona de plantações, que os considerava praticamente escória. Quando a junta de Caracas chegou ao ponto de negar a autoridade de Fernando VII, os llaneros optaram por defender seu rei, e os cascos de seus cavalos continuaram a tremer a terra muito depois do terremoto ter passado. Enquanto os llaneros se opusessem a eles, os patriotas jamais venceriam na Venezuela.

Na Argentina, a junta revolucionária teve mais facilidade em obter o domínio militar. A vantagem patriota começou em 1806 e 1807, quando espanhóis e britânicos eram inimigos. Durante esses anos, duas expedições britânicas desembarcaram no vice-reinado do Rio da Prata. Ambas foram derrotadas, não pelas forças peninsulares, mas pelas milícias locais. Assim, os patriotas crioulos locais detinham a vantagem militar quando a crise napoleônica na Espanha começou. Em maio de 1810, o controle peninsular havia terminado definitivamente em Buenos Aires. Outras regiões do vice-reinado do Rio da Prata, no entanto, mostraram pouca inclinação para seguir o exemplo de Buenos Aires. Fossem patriotas ou monarquistas, as pessoas

No interior, ressentiam-se os ares de superioridade dos aristocratas crioulos da capital. As guerras de independência no Rio da Prata, portanto, consistiram principalmente em combates entre exércitos de Buenos Aires, de um lado, e exércitos provinciais, fossem monarquistas ou patriotas, de outro.

Em 1815, com a execução de Morelos no México, as vitórias realistas na Venezuela (e em outros lugares, como Colômbia e Chile), o Peru ainda firmemente sob domínio espanhol e os patriotas lutando entre si no Rio da Prata, a luta pela independência da América espanhola encontrava-se em um momento de baixa. Os patriotas ainda não haviam conseguido angariar apoio suficiente. Afinal, o que eles realmente tinham a oferecer além de vagos sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade?

A VITÓRIA DOS PATRIOTS
ESTRATÉGIA: NATIVISMO

Afinal, era*não*A maioria explorada, como era de se esperar, foi quem iniciou os movimentos de independência. Doutrinas radicais como o republicanismo não atraíam muito os camponeses conservadores, que tinham pouco contato com essas ideias. Além disso, a maioria dos líderes crioulos dos movimentos não tinha interesse em ajudar as massas ou tornar a sociedade colonial mais igualitária. Em vez disso, simplesmente queriam governá-la. Os crioulos mexicanos e peruanos, em particular, temiam perder o controle das grandes populações de camponeses indígenas, que haviam demonstrado uma forte propensão à rebelião. Consequentemente, os crioulos mexicanos recuaram assustados ao verem a multidão desorganizada de Hidalgo em 1810, e os crioulos peruanos, lembrando-se de Tupac Amaru II, preferiram não arriscar declarar a independência. Os crioulos venezuelanos e argentinos, por outro lado, demonstraram mais confiança em sua capacidade de controlar a situação. Para isso, precisavam, de alguma forma, alcançar "o povo". Os crioulos eram poucos demais para conquistar a independência sem o apoio popular.

A estratégia vencedora para os crioulos que buscavam a independência foi *nativismo*O nativismo glorificava uma identidade americana definida pelo local de nascimento, algo que os crioulos compartilhavam com os povos indígenas, com aqueles de ascendência mista, até mesmo com os filhos de escravos africanos. *Americanos*era a palavra-chave nativista. Do México ao Brasil e à Argentina, os patriotas definiram o seu como o*americano*causa, e seus inimigos como todos os nascidos na Espanha ou em Portugal. O nativismo tinha muitas vantagens. o nome *Americanos*adaptavam-se com facilidade e conforto às populações hispano-americanas e brasileiras de múltiplas tonalidades, contrastando-as com os europeus. E o nativismo se baseava em emoções poderosas. O ressentimento está sempre no cerne das atitudes nativistas.

de estrangeiros e influência estrangeira. O ressentimento contra a ideia de inferioridade colonial e, mais particularmente, contra os espanhóis e portugueses residentes, agora estrangeiros aos olhos dos nativistas, era generalizado na América em todos os níveis sociais. Finalmente, o nativismo uniu-se à ideologia liberal de forma óbvia. “Quem deve governar? O povo! E quem é o povo? Os americanos!” Nenhum patriota poderia ignorar o apelo retórico do nativismo, e todos o utilizaram mais cedo ou mais tarde.

MORTE DE GIRARDOT. Bolívar promoveu as imagens heroicas de oficiais patriotas como Atanasio Girardot, morto ao tentar plantar a bomba.

Bandeira tricolor da República Venezuelana em Bárbula, em 1813. Mais tarde, no mesmo século, os heróis da independência tornaram-se tema central para comemorações da construção da nação, como esta pintura de 1883.

Para obter o máximo apelo em tempos de guerra, a definição de*Americanos*O conceito precisava ser o mais abrangente possível. No entanto, poucos líderes revolucionários realmente desejavam a igualdade social. A maioria simplesmente queria apoio popular para conquistar a independência, mantendo a hierarquia social mais ou menos intacta. Enquanto essa hierarquia permanecesse em vigor, os crioulos esperavam liderar as nações soberanas emergentes.

A independência do Brasil ilustra bem como isso funcionou. Enquanto a América espanhola passava por convulsões militares e mobilizações políticas em massa durante a década de 1810, o Brasil permaneceu relativamente tranquilo sob o reinado de João VI. É claro que havia algum descontentamento. Manter a corte real no Rio de Janeiro era caro, como as pessoas perceberam depois que a novidade passou. Uma guerra ruinosa e impopular com os vizinhos de língua espanhola começou na fronteira sul do Brasil. E João cedeu à pressão britânica e restringiu legalmente o tráfico de escravos, o que irritou os proprietários de escravos, embora as restrições fossem ineficazes. Navios britânicos já haviam participado ativamente do tráfico de escravos, mas o governo britânico posteriormente renunciou à prática e pressionou outras nações a fazerem o mesmo. A política respondia tanto a sentimentos humanitários antiescravistas quanto à esperança de expandir o mercado para produtos britânicos, transformando escravos em consumidores.

Estrangeiros, especialmente britânicos e franceses, afluíram aos portos brasileiros desde 1808. Aproveitaram-se do livre comércio, promoveram mudanças de mentalidade liberalizantes e estimularam a agitação política. O ano de 1817 testemunhou uma explosão política localizada, mas notável, na importante província nordestina de Pernambuco, uma tentativa de revolução liberal mais significativa do que qualquer outra anterior no Brasil. Durante algumas semanas efervescentes, os rebeldes pernambucanos proclamaram uma república, discutiram uma constituição e se autodenominavam "patriotas", claramente em consonância com a ideia de que eram uma república.

demonstrando a influência de ideias políticas modernas. Esse republicanismo liberal, em teoria, favorecia a grande maioria dos brasileiros, mas o liberalismo ainda era muito desconhecido para inspirar apoio em massa no Brasil. Portanto, a revolta de 1817 foi facilmente esmagada após algumas semanas, quando as forças de João chegaram a Pernambuco para reprimi-la.

As ações portuguesas aproximaram o Brasil da independência em 1820. Desde a derrota de Napoleão, Portugal desejava o retorno de seu rei a Lisboa, e a assembleia portuguesa começou a insistir na volta de João. A assembleia estava muito descontente com a declaração de João, de 1815, que elevava o Brasil do status legal de colônia ao de reino, assim como Portugal. Essa declaração tornava o Brasil e Portugal juridicamente iguais, com João rei de ambos. A antiga aspiração brasileira de não ser uma colônia finalmente fora atendida, mas agora a assembleia portuguesa queria reduzir o Brasil mais uma vez ao status colonial. João retornou a Lisboa em 1821, deixando seu filho, o Príncipe Pedro, no Rio de Janeiro para acompanhar a situação brasileira. O momento era repleto de incertezas. Diversas províncias brasileiras estabeleceram juntas liberais e enviaram seus próprios representantes a Lisboa, ignorando o Rio. Diante da ameaça de recolonização, o Brasil enfrentava uma situação delicada.*e*Diante da perda de controle sobre as províncias, a elite brasileira do Rio de Janeiro desfraldou a bandeira da origem indígena e da soberania popular.

Em 1822, a elite carioca formou um Partido Brasileiro que alegava representar o povo brasileiro contra a recolonização portuguesa. Embora definisse "o povo brasileiro" como incluindo todos (exceto escravos) nascidos no Brasil, o Partido Brasileiro também aceitava convertidos de origem portuguesa à causa do patriotismo brasileiro, e encontrou um convertido crucial no próprio príncipe Pedro, nascido em Portugal. Pedro havia sido preparado para essa eventualidade por seu pai, que previa que a independência do Brasil poderia se tornar inevitável. Se o próprio Pedro declarasse a independência do Brasil, a monarquia poderia ser preservada e o Brasil poderia ao menos permanecer sob o controle da família real Bragança. Quando a assembleia portuguesa exigiu que Pedro também retornasse a Portugal, o príncipe anunciou publicamente sua recusa da sacada de um palácio, e o povo carioca...

A celebração foi delirante nas praças públicas. No final do ano, Pedro declarou oficialmente o Brasil uma monarquia constitucional independente, com ele próprio como monarca, e convocou representantes do povo soberano para redigir uma constituição. Algumas guarnições do exército português no norte e no sul recusaram-se a reconhecer a independência brasileira, mas todas foram derrotadas ou se retiraram em poucos meses, sem a necessidade da mobilização militar em massa que se mostrara tão arriscada para as elites hispano-americanas. Uma mobilização em massa certamente teria ameaçado a instituição da escravidão no Brasil, onde metade dos potenciais combatentes eram escravos.

COROAÇÃO DE PEDRO I.A cerimônia de coroação do Imperador Pedro I do Brasil, em 1822, utilizou o tradicional esplendor da monarquia, uma fórmula consagrada que contrastava com as experiências republicanas inovadoras, porém difíceis e arriscadas, que então começavam na América espanhola.

No final de 1823, o Partido Brasileiro havia alcançado seu objetivo. Tornou o Brasil independente, mantendo a hierarquia social que mantinha a elite escravista no poder. Até mesmo as províncias que

As juntas liberais que haviam formado recentemente aceitaram a proposta de que o Príncipe Pedro — agora Pedro I, imperador do Brasil — personificava a causa do patriotismo brasileiro. O imperador não havia prometido uma constituição? Havia decepções pela frente, mas, por ora, a clonagem de uma monarquia legítima havia proporcionado ao Brasil uma unidade política que contrastava fortemente com a América espanhola.

VITÓRIAS PATRIOTAS EM AMÉRICA ESPANHOLA, 1815–25

Entretanto, os nativistas hispano-americanos recuperaram o ímpeto após 1815. Nessa época, Napoleão já havia sido derrotado na batalha de Waterloo. Fernando VII recuperara o trono, renunciara à constituição liberal de Cádiz e partira para esmagar os rebeldes patriotas na América. A resistência espanhola não deixou aos rebeldes outra opção senão avançar. Na América do Sul, as forças realistas espanholas ocuparam os Andes peruanos até serem finalmente derrotadas — em uma grande manobra de pinça continental — pelos exércitos patriotas originários das distantes planícies fronteiriças da Venezuela e da Argentina. No México, os crioulos aliaram-se aos herdeiros do movimento Morelos e, a contragosto, conquistaram a independência.

Os guerrilheiros seguidores do Padre Morelos mantiveram-se firmes na região acidentada ao sul da Cidade do México após a morte de seu líder em 1815, continuando sua luta obstinada, mas incapazes de derrotar os monarquistas. Então, os eventos europeus interferiram mais uma vez quando a Espanha teve sua própria revolução liberal em 1820. Os liberais espanhóis forçaram o tirano Fernando VII a restaurar a constituição. O prestígio da monarquia sofreu, e muitos crioulos mexicanos, antes monarquistas, sentiram-se traídos. Em poucos meses, um comandante crioulo do exército chamado Agustín de Iturbide começou a negociar com os guerrilheiros. Seu contato do lado patriota era Vicente Guerrero, um mestiço (em parte, ao que parece, de ascendência africana) e homem do povo. Quando Iturbide e Guerrero uniram forças, a independência do México estava próxima.

Iturbide e Guerrero formaram uma coalizão vitoriosa com garantias de uma monarquia mexicana independente e constitucional que preservasse os privilégios religiosos e militares tradicionais e oferecesse “união” social (implicando vagamente a igualdade de todos os americanos com os espanhóis peninsulares). De acordo com a hierarquia social tradicional, Iturbide e

Guerrero não era o candidato natural à monarquia. Em 1821, um triunfante Iturbide entrou na Cidade do México, onde multidões entusiasmadas clamavam por sua coroação no ano seguinte como Agustín I. Mas a solução monárquica não funcionou no México. Coroado ou não, Iturbide era um crioulo como os demais, sem uma gota de sangue real, e anos de luta patriótica haviam gerado convicções políticas e animosidades que não seriam facilmente apaziguadas por um monarca de fachada. Quando, após um curto período no poder, Iturbide encerrou o recém-formado congresso, composto por representantes do povo soberano, os líderes militares o depuseram e instauraram uma república.

Entretanto, exércitos patriotas da Venezuela e da Argentina, antigas áreas periféricas da América espanhola, convergiam para o segundo grande núcleo da colonização espanhola, o Peru.

Apesar de muitos fracassos anteriores, o tenaz homem que se tornou o líder mais importante da independência hispano-americana, Simón Bolívar, “o Libertador”, iniciou sua série de triunfos em 1817. Bolívar participou da luta pela independência da Venezuela desde o início. A derrota inicial das forças patriotas pelos llaneros realistas representou uma derrota pessoal para Bolívar. Ele aprendeu com isso e planejou atrair os llaneros para o lado patriota. Estabelecendo sua base nas planícies do Orinoco, longe de Caracas, Bolívar usou proezas físicas e o nativismo americano para atrair os llaneros. Quando os llaneros mudaram de lado, o ímpeto passou para a causa patriota. Em agosto de 1819, o exército de llaneros de Bolívar cruzou inesperadamente as planícies do Orinoco durante as cheias da estação chuvosa, escalou os Andes e atacou as forças espanholas pela retaguarda. A capital vice-reinal, Bogotá, caiu para Bolívar em um triunfo repentino e devastador. No final de 1822, as forças de Bolívar também capturaram Caracas e Quito, controlando agora toda a região norte da América do Sul.

Bem ao sul, durante aqueles anos, o brilhante general José de San Martín treinou um exército patriota argentino-chileno combinado no oeste da Argentina, cruzou os Andes inesperadamente, num ataque surpresa semelhante ao de Bolívar, e derrotou decisivamente os chilenos.

monarquistas. San Martín foi recebido como herói na capital chilena, onde seu movimento ganhou força por três anos antes de lançar uma expedição rumo ao norte contra Lima. O vice-rei do Peru retirou-se de Lima para os Andes peruanos. Então começaram as frustrações de San Martín. Um ano após capturar Lima e declarar a independência do Peru, seu exército atolou, incapaz de concluir a missão. Nesse momento, Bolívar convidou San Martín para um encontro pessoal na cidade portuária de Guayaquil. O que foi discutido entre os dois generais patriotas em Guayaquil é confidencial, mas seja o que for que tenha sido dito, San Martín retornou imediatamente ao Chile, depois à Argentina e, por fim, à Europa, deixando Bolívar liderar o ataque final ao poder espanhol na América do Sul.

CAMPAIGNS OF INDEPENDENCE WARS
Hidalgo
Morelos
Mexican Independence declared by Iturbide, 1821
Cabildo abierto in Caracas, April 1810
Bolivar
Amazon R.
Rebellion in Pernambuco, 1817
Battle of Ayacucho, 1824
ROYALIST STRONGHOLD IN THE ANDES
San Martin
Brazilian Independence declared by Prince Pedro, 1822
May Revolution in Buenos Aires, 1810

O mapa ilustra os seguintes detalhes: as campanhas de Hidalgo e Morelos percorreram o México, e, nesse intervalo, a Independência Mexicana foi declarada por Iturbide em 1821. Após o Cabildo Aberto em Caracas, em abril de 1810, Bolívar liderou uma campanha pela costa noroeste da América do Sul e encontrou-se com San Martín, que liderava uma campanha pela costa sudoeste após a Revolução de Maio em Buenos Aires, também em 1810. Eles se encontraram no reduto realista nos Andes, na Batalha de Ayacucho, em 1824. O mapa também mostra a Revolta de Pernambuco, em 1817, na costa leste do Brasil, e onde a Independência do Brasil foi declarada pelo Príncipe Pedro em 1822.

Bolívar levou dois anos para equipar um exército à altura da tarefa, mas as retumbantes vitórias de 1824 fizeram dele o libertador de mais dois países, um dos quais, a Bolívia, inclusive adotou seu nome. Na segunda dessas batalhas, Ayacucho, travada a uma altitude exaustiva de mais de três mil metros, os patriotas capturaram o último vice-rei espanhol na América. Tudo o que se seguiu à batalha de Ayacucho foi essencialmente uma operação de limpeza. As longas e sangrentas guerras hispano-americanas pela independência finalmente haviam terminado. Apenas Cuba e Porto Rico permaneceram sob controle espanhol, onde permaneceriam pelo resto do século XIX.

REVOLUÇÕES INACABADAS

Bandeiras tremulavam, multidões em festa lotavam as ruas e exércitos patriotas vitoriosos desfilavam por toda a América Latina, mas a independência significava menos do que aparentava. Os contornos gerais da cultura e da sociedade colonial latino-americana não sofreram mudanças profundas e repentinas. Afinal, as ideias liberais nunca foram a força motriz popular dos movimentos de independência, que derivavam mais energia do que poderíamos chamar de política identitária. E apesar de toda a conversa sobre “América para os americanos”, a antiga hierarquia de status e raça criada pela colonização, com os nativos americanos e africanos na base, permaneceu substancialmente inalterada. A língua e as leis dos colonizadores ibéricos tornaram-se as das novas nações, e os descendentes crioulos dos conquistadores continuaram a lucrar com o trabalho mal remunerado dos conquistados e escravizados. Nesse sentido, a independência não desfez o colonialismo nas nações latino-americanas. Em vez disso, tornou-as pós-coloniais — agora autogovernadas, mas ainda moldadas por uma herança colonial.

CHINGANAS.A música e a dança do povo comum gozavam de uma popularidade patriótica na esteira das lutas pela independência nacional. No Chile da década de 1820, soldados e pessoas de diversas classes sociais se misturavam em locais ao ar livre chamados*chinganas*dançar o *cueca*, a nova dança nacional.

Muitas coisas praticamente não mudaram. As mulheres latino-americanas, por exemplo, encontrariam nas novas repúblicas um ambiente quase tão patriarcal quanto o das antigas colônias, apesar de terem lutado arduamente pela independência e muitas vezes morrido por ela. As mulheres patriotas tornaram-se símbolos poderosos. As mulheres andinas já haviam liderado o movimento na década de 1780. Imagine Manuela Beltrán, uma mulher pobre, enfrentando um decreto real que anunciava novos impostos, derrubando-o e pisoteando-o enquanto uma multidão enfurecida aplaudia fervorosamente. Isso aconteceu durante a revolta dos Comuneros na Colômbia. Imagine Micaela Bastidas e Bartolina Sisa, torturadas e executadas diante de outra multidão, desta vez um grupo zombeteiro de

inimigos, ao lado de seus maridos, Tupac Amaru e Tupac Catari. Isso foi no Peru e na Bolívia.

El patriota D. Jose Olaya sirvió con gloria ala
PATRIA, y honrò el lugar de su nacimiento

O MÁRTIR JOSÉ OLAYA. Tanto o retratado quanto o pintor eram patriotas afro-peruanos. Esta pintura de 1813 foi feita logo após a captura e execução de Olaya por portar mensagens patrióticas (visíveis em sua mão). Observe o estilo ingênuo e didático, em contraste com o estilo florido e romântico da pintura empág. 110 .

Juana Azurduy, outra boliviana, ficou conhecida por usar uniforme masculino e liderar uma carga de cavalaria na qual capturou pessoalmente a bandeira inimiga, um feito que normalmente definia a superioridade masculina. Devido aos seus feitos, sabemos mais sobre Azurduy do que sobre algumas outras figuras indígenas. Ela era uma mestiça cuja mãe, falante de quéchua, aparentemente "casou-se com um homem de posição social mais elevada" e entrou para uma família rica. Nascida em 1780, Juana cresceu em Chuquisaca, uma cidade com tribunais, igrejas, conventos, uma universidade e muitos espanhóis peninsulares, um dos quais aparentemente matou seu pai, mas ficou impune — por ser peninsular. Órfã, Juana entrou para um convento, mas se rebelou e foi expulsa aos dezessete anos. Casou-se com um homem que compartilhava sua afinidade pela cultura indígena. Além do quéchua, Azurduy aprendeu a outra principal língua indígena da Bolívia, o aimará. A condecoração oficial após a carga de cavalaria a parabenizou por “atos heroicos nada comuns em mulheres”. Curiosamente, porém, durante esses mesmos anos, o nome das mulheres patriotas mártires de Cochabamba, cidade boliviana onde muitas morreram heroicamente em vez de se renderem aos espanhóis, tornou-se sinônimo de espírito guerreiro. Sempre que era necessária coragem especial em batalha, os oficiais patriotas desafiavam seus homens com um famoso lema: “As mulheres de Cochabamba estão presentes?”

Em 1816, no mesmo ano da gloriosa carga de Juana Azurduy, Policarpa Salavarrieta foi enforcada em Bogotá. Ela havia sido presa por transportar mensagens, uma atividade mais comum para as mulheres patriotas, como fornecer suprimentos — sem mencionar a manutenção da casa, o plantio das colheitas e o cuidado com os animais na ausência dos homens. Tanto Salavarrieta quanto a mexicana María Gertrudis Bocanegra de Lazo de la Vega tornaram-se mártires patriotas, apesar de sua nacionalidade espanhola.

herança – ambas as mulheres tinham pais peninsulares. Gertrudis Bocanegra viu seu filho e seu marido serem executados como patriotas. Então, como Policarpa, ela também foi presa com uma mensagem e executada. Como Policarpa, ela discursou em defesa da causa patriota nos momentos que antecederam sua morte.

As guerras de independência forneceram histórias de heroísmo patriótico para inspirar as gerações futuras. Mas, após a guerra, muitos líderes patriotas se desiludiram. O próprio Bolívar passou a acreditar que a democracia não funcionaria nas terras que ele havia libertado, e seu humor tornou-se cada vez mais autoritário. Antes de morrer, ele se queixou de ter "arado o mar", sem realizar nada.

A mudança imediata, porém, não era a medida da independência. A construção da nação, a consolidação dos hábitos cívicos e das instituições governamentais, é um trabalho prolongado. Esse trabalho foi dificultado pelo caráter dividido e pelo antagonismo histórico das populações latino-americanas. De alguma forma, esperava-se que exploradores e explorados apertassem as mãos patrioticamente e recomeçassem do zero. “Somos todos filhos da mesma mãe, poderíamos dizer, com pais diferentes, viemos de longe, variamos em sangue e origem geográfica, e por isso diferimos visivelmente na cor da nossa pele”, discursou Bolívar ao Congresso de Angostura, que se reunira para redigir uma constituição para a República da Venezuela. Ele insistia que os venezuelanos de todas as cores fossem considerados cidadãos iguais da nação. “Esse tipo de igualdade pode não ter sido consagrado em Atenas, nem mais recentemente na França ou na América do Norte”, explicou, “e, no entanto, devemos consagrar esse princípio na Venezuela”.

“Deve” é a palavra certa. Para conquistar a independência, a causa patriótica brandiu vigorosamente a bandeira da soberania popular. Ao jogar com a carta nativista, libertando escravos e recorrendo à mobilização em massa de mestiços, negros e indígenas, os líderes crioulos do México à Argentina comprometeram-se, na prática, a incluir americanos de todas as cores em futuras repúblicas de cidadãos iguais. Agora, eles tinham que governar em nome do “povo”: o brasileiro

povo, o povo chileno, o povo colombiano. Depois da derrota dos invasores espanhóis e portugueses, tornou-se muito mais difícil vender a ideia de um propósito político comum que unisse todos os brasileiros, chilenos ou colombianos, fossem eles poderosos latifundiários ou camponeses humildes. Ao contrário dos Estados Unidos, as novas nações latino-americanas definiram o conceito de povo incluindo grandes populações de ascendência indígena e africana, pelo menos em teoria. Na prática, porém, a igualdade de cidadania permaneceu uma promessa vazia por décadas, mas era uma promessa que jamais poderia ser revogada. Politicamente, ao menos, a soberania popular e a inclusão racial tornaram-se princípios fundamentais de todas as novas entidades políticas da América Latina, um precedente crucial no que ainda era, em grande parte, um mundo de reinos e impérios.

Infelizmente, porém, nações verdadeiramente inclusivas só surgiriam na América Latina no século XX. Enquanto isso, o antigo grito de guerra "Americanos" perdeu relevância à medida que a América espanhola se fragmentava em uma dúzia de nações. Somente o vice-reinado do Rio da Prata se dividiu em quatro países independentes: Bolívia, Uruguai, Paraguai e Argentina. Levaria anos para que essas novas nações adquirissem legitimidade perante a população. Apesar da conquista da independência, a luta pela descolonização da América Latina em um sentido mais profundo estava apenas começando.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

Revolução Haitiana ,pág. 98

Rei João ,pág. 101

crioulos ,pág. 103

Peninsulares ,pág. 103

Miguel Hidalgo ,pág. 104

José María Morelos ,pág. 106

Americanos ,pág. 106

Tupac Amaru II ,pág. 106

Simón Bolívar ,pág. 115

José de San Martín ,pág. 115

QUESTÕES DE ESTUDO

1. De que forma as guerras napoleônicas na Europa prepararam o terreno para a independência na América espanhola e no Brasil?

2. Você pode comparar os eventos em colônias periféricas como Venezuela e Argentina com os eventos em áreas centrais como Lima e Cidade do México?
3. De modo geral, qual foi o papel desempenhado nas Américas pelas ideias liberais derivadas da Revolução Francesa?
4. Qual foi o papel desempenhado pelos apelos nativistas à igualdade de todos os “americanos”?
5. Você poderia traçar um paralelo amplo entre o processo de independência no Brasil e na América espanhola?

Glossário

Revolução Haitiana
: A grande revolta de escravos liderada por Toussaint L'Ouverture, que começou na colônia francesa do Haiti em 1791 e resultou na eliminação da escravidão e na fundação da República do Haiti.

Rei João
: Rei do Brasil cuja corte no Rio de Janeiro se tornou o centro político do mundo lusófono em 1808. Ele foi o único monarca europeu a reinar na América.

Crioulo (equivalente a *crioulo* Spa.)
: Uma pessoa de ascendência espanhola nascida no Novo Mundo. Os brasileiros de ascendência portuguesa tendiam a ser chamados simplesmente de portugueses. *brasileiros* Veja também *Peninsular*.

Península (Spa.)
: Um espanhol residente no Novo Mundo durante o período da Independência. O conflito entre os peninsulares e os crioulos nativos tornou-se importante nessa época.

Miguel Hidalgo
: Liderou o primeiro levante pela independência do México em 1810.

José María Morelos
: Braço direito de Hidalgo e, posteriormente, o segundo grande líder da independência do México. Os objetivos de Morelos, assim como os de Hidalgo, eram verdadeiramente radicais. Ambos morreram bem antes do fim da luta.

Americanos (Espanha e Porto)

O termo nativista usado durante as guerras de independência para sugerir uma aliança natural entre todas as pessoas nascidas na América contra os espanhóis e portugueses.

Tupac Amaru II

Um peruano que alegava descendência de governantes incas e que liderou uma rebelião indígena fracassada na década de 1780.

Simón Bolívar

O maior líder das lutas pela independência da América Latina, chamado de "o Libertador" na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

José de San Martín

General argentino que criou um exército de patriotas argentino-chilenos que se tornou, juntamente com o de Bolívar, uma das forças militares mais importantes na luta pela independência da América do Sul.

CONTRACORRENTES

O OLHAR DOS ESTRANHOS

Viajante e carregador indígena nos Andes colombianos.

Após a independência, viajantes estrangeiros, especialmente norte-americanos, ingleses e franceses, afluíram à América Latina. Grande curiosidade cercava os misteriosos impérios que a Espanha e Portugal haviam mantido inacessíveis à maioria dos estrangeiros durante séculos. Muitos viajantes iam a negócios — mineração, comércio, finanças. Alguns eram missionários protestantes ou naturalistas que coletavam novos espécimes para classificar e nomear. Na esperança de expandir o comércio, a Inglaterra e os Estados Unidos reconheceram rapidamente as novas nações da América Latina e enviaram pessoal diplomático. Outros viajantes iam em busca de emoção ou, principalmente, para escrever um livro. Entre os primeiros escritores de viagens europeus a explorar a América Latina estava Alexander von Humboldt, que visitou Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e México. Cientista, Humboldt coletou informações cuidadosamente e escreveu muitos livros influentes sobre suas viagens. Livros de viagem como os seus tornaram-se um importante ramo da literatura popular no século XIX. Esses livros refletiam — e também moldavam — as atitudes em relação à América Latina no mundo anglófono.

A América Latina se apresentava no imaginário dos EUA e da Grã-Bretanha como uma terra exuberante e exótica de oportunidades, especialmente comerciais. Logo nos primeiros anos da independência, viajantes relataram a presença de sessenta empresas britânicas no Rio de Janeiro, vinte em Lima, trinta e quatro na Cidade do México e em Veracruz, entre outros lugares. Em 1833, o Brasil era o terceiro maior mercado ultramarino da Grã-Bretanha. Enquanto isso, no Rio, os residentes ingleses eram superados em número por comerciantes, professores e profissionais franceses, que ditavam o tom nos bairros elegantes da cidade. Uma invasão semelhante ocorreu nos principais portos da região. A viajante Maria Graham relatou em sua obra... *Diário de uma residência no Chile durante o ano de 1822*:

> *Alfaiates, sapateiros, seleiros e estalajadeiros ingleses exibem suas placas em todas as ruas; e a predominância do inglês sobre qualquer outro idioma falado nas ruas principais faria alguém imaginar Valparaíso como uma cidade litorânea da Grã-Bretanha.*

Comerciantes ianques dos Estados Unidos também visitavam com frequência portos da América Latina. No geral, porém, os primeiros empreendimentos comerciais foram decepcionantes, como veremos.

Investimentos perdidos, empréstimos inadimplentes e esperanças frustradas — sem mencionar o banditismo crônico no interior — agravavam a atitude desdenhosa e arrogante que muitos viajantes traziam consigo para a América Latina. Em seu*Diário de uma expedição: 1400 milhas rio acima no Orinoco, 300 milhas rio acima no Arauca.*Em 1822, um viajante britânico menciona "um grupo de seres corruptos, estúpidos, mendigos e desonestos, acorrentados à ignorância e influenciados pela superstição e pelo mais sombrio fanatismo". Infelizmente, tais atitudes eram típicas. "É o lugar mais vil que já vi", escreveu um importante diplomata britânico sobre as planícies do Rio da Prata, "e certamente me enforcaria se encontrasse uma árvore alta o suficiente para me pendurar". O lugar não tinha "nenhum teatro suportável", lamentou ele, "nada de bom além da carne". O viés desses escritores é difícil de ignorar. *Superstição*e*fanatismo sombrio*Eram códigos protestantes para "catolicismo", e as denúncias da "vileza" latino-americana eram claramente racistas. Os latino-americanos, em geral, não eram bem vistos nos guias de viagem em inglês. Henry Hill, cônsul americano no Rio, considerava o povo brasileiro "totalmente incapaz de autogoverno". Às vezes, viajantes sugeriam que os latino-americanos não mereciam a riqueza natural de seus próprios países. Segundo o cientista John Mawe,*Viagens pelo interior do Brasil* (1823): "Talvez nenhum território no mundo seja tão rico em produtos naturais e, ao mesmo tempo, tão negligenciado por falta de uma população esclarecida e industriosa."

As viajantes, por outro lado, muitas vezes escreviam sobre os latino-americanos com mais simpatia. Uma delas foi Frances Calderón de la Barca, uma escocesa casada com um diplomata espanhol na Cidade do México. Ela chamou a Cidade do México de "uma das cidades de aparência mais nobre do mundo". Ao contrário de muitos viajantes, ela considerou o fervor religioso mexicano extremamente sincero e frequentemente elogiava os hábitos pessoais das pessoas humildes. "Os índios comuns, que vemos todos os dias trazendo suas frutas e verduras para o mercado, são, geralmente

“Falando de forma muito simples, com uma expressão humilde e suave no semblante, muito gentis e maravilhosamente polidos em seus modos uns com os outros”, escreveu ela. “Ocasionalmente, nas classes mais baixas, vê-se um rosto e uma forma tão belos que poderíamos supor que tal pessoa fosse a índia [ela se refere a Malinche] que encantou Cortés.” Por outro lado, como muitos outros, ela criticava os limites tradicionais à educação feminina na América Latina. Mesmo as mulheres da elite, adornadas com joias, recebiam pouca educação: “Quando digo que elas leem, quero dizer que sabem ler; quando digo que escrevem, não quero dizer que sempre sabem soletrar.” De muitas maneiras, ela era tão tendenciosa quanto qualquer viajante do sexo masculino.

Apesar de suas atitudes negativas, as perspectivas dos viajantes são úteis, em parte justamente por serem as de forasteiros que notaram e comentaram coisas que os escritores locais consideravam óbvias. Veja o caso da escravidão. Somente os viajantes do sul dos Estados Unidos conheciam a escravidão em seus países. A maioria dos viajantes ficava fascinada e horrorizada com o espetáculo da servidão humana, o que também fornecia descrições sensacionalistas para vender seus livros. Por outro lado, o testemunho dos viajantes é impressionista. Muitas vezes, eles não compreendiam totalmente o que viam; sua visão também era parcial, pois nenhum viajante individual enxerga as coisas de todos os ângulos. Portanto, os relatos de viagem fornecem um excelente exemplo dos problemas sutis que surgem na interpretação de evidências históricas.

Considere as seguintes visões sobre amas de leite, mulheres que amamentavam os bebês de famílias ricas. No Brasil, muitas amas de leite eram escravas. Uma ama de leite escravizada era um símbolo de status, como deixa claro esta descrição de um viajante de 1862, do Rio de Janeiro: “A jovem negra, ricamente e esplendidamente vestida, aproximando-se de cabeça erguida, com um sorriso magnífico nos lábios, majestosa como uma deusa antiga, certamente demonstrará, com suas belas vestes e a roupa bordada da criança que carrega, a imensa riqueza de seus senhores.” Mas uma visão muito mais crua emerge neste anúncio de jornal de 1845, também do Rio:

PARA ALUGAR: Uma jovem de dezoito anos, ama de leite, saudável e com bastante leite materno nos últimos dois meses. Ela está disponível para aluguel porque seu filho faleceu. Informações no endereço: Rua Candelaria, 18A.

5 PÓS-COLONIAL BLUES

Liberdade. Igualdade. Soberania popular. América para os americanos. Essas ideias, vagamente agrupadas sob a bandeira do liberalismo, tornaram possível a independência da América Latina. Inspiraram sonhos patrióticos e justificaram revoltas, explicando por que os americanos deveriam se autogovernar. Solidificaram a aliança patriota com vagas promessas de igualdade futura e se tornaram premissas básicas para as constituições de uma dúzia de novas repúblicas. Em 1825, apenas o Brasil permanecia uma monarquia. Até mesmo o imperador brasileiro, Pedro I, se considerava um liberal.

Em toda a América Latina, liberais se apresentaram para colocar suas ideias em prática — com resultados desastrosos. Muitos governos liberais foram derrubados pela força em poucos anos, e então presidentes e constituições se sucederam em uma velocidade vertiginosa. Foi durante esses anos que a América espanhola (o Brasil teve mais sorte, como veremos) ganhou a reputação de instabilidade política, um período amargo.

A decepção dos sonhos patrióticos. O que aconteceu?

Em resumo, os primeiros governos da América espanhola independente possuíam poucos recursos e enfrentaram enormes obstáculos. Os sonhos liberais de novos países prósperos e progressistas logo se dissiparam em decepção e fracasso econômico. As esperanças de uma verdadeira democracia foram esmagadas pelos velhos hábitos da hierarquia conservadora. Padrões recorrentes de violência política e corrupção alienaram a maioria das pessoas dos governos que supostamente as representavam. A política tornou-se, acima de tudo, uma busca pelos benefícios pessoais do poder.

Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

Em resumo, a primeira geração pós-colonial (1825-1850) viu a América Latina sem perspectivas de futuro.

MULHERES ESCRAVIZADAS. Nesta foto, tirada por um turista francês no Brasil, mulheres escravizadas preparam a comida para o almoço dos trabalhadores rurais. Apesar da independência, as sociedades latino-americanas permaneceram modelos de desigualdade social, em que hierarquias de raça e classe definiam a vida das pessoas. A persistência da escravidão está entre os exemplos mais extremos. Mas somente no Brasil e em Cuba a escravidão explícita continuou muito tempo depois da independência. Em outras partes da América Latina, as desigualdades sociais assumiram uma forma mais sutil e duradoura.

1828

Espanhóis restantes expulsos do México

1829

Rosas assume o poder na Argentina

década de 1830

Tendência conservadora em toda a região.

década de 1840

Explosão de guano no Peru

1848

Tropas americanas ocupam a Cidade do México.

DECEPÇÃO LIBERAL

Desde o início, os liberais latino-americanos sofreram coletivamente de uma dupla personalidade. A liderança crioula dos exércitos patriotas brandia a bandeira do liberalismo, mas governar segundo princípios liberais não era tão fácil.

A ênfase liberal na igualdade perante a lei para todos os cidadãos teve implicações radicais e disruptivas em sociedades que ainda eram fundamentalmente hierárquicas. É importante observar que o liberalismo surgiu de transformações sociais e econômicas (como a ascensão do comércio capitalista, da indústria e da classe média) que ocorreram mais na Inglaterra e na França do que na Espanha e em Portugal. As novas repúblicas hispano-americanas e a monarquia brasileira herdaram sociedades fortemente tradicionalistas. Por gerações, pensadores espanhóis e portugueses enfatizaram a responsabilidade coletiva em detrimento das liberdades individuais e a ortodoxia religiosa em detrimento da liberdade religiosa. As sociedades hispano-americanas e brasileiras estavam muito mais distantes do modelo liberal do que a sociedade estadunidense na época da independência. A exceção foi o Sul dos EUA, que, com sua economia de plantação e sistema escravista, assemelhava-se bastante à América Latina. De qualquer forma, a visão liberal era mais difícil de implementar em sociedades fortemente hierárquicas com sistemas de trabalho exploratórios.

Um compromisso público formal com a igualdade racial perante a lei, por exemplo, foi o preço do apoio em massa aos movimentos de independência da América Latina. Na geração seguinte à independência, as diversas classificações de mestiços típicas do sistema de castas foram, otimisticamente, banidas dos formulários de recenseamento e dos registros paroquiais. Nas repúblicas, todos, exceto os escravos, deveriam ser cidadãos, iguais a todos os outros. A escravidão recuou em toda a América Latina, exceto no Brasil, em Cuba e em Porto Rico, países não republicanos. Na prática, porém, muito poucos membros da elite latino-americana, que permaneceram em posições de liderança em todos os lugares, conseguiam aceitar a ideia de ampla igualdade social. O básico

A contradição entre a teoria política e a realidade social minou fatalmente a estabilidade das novas repúblicas.

Teoricamente, os liberais buscavam um “governo do povo”, mas na América Latina, os líderes liberais, geralmente brancos e de classe alta, tinham sentimentos ambivalentes em relação ao “povo”. Consideravam os povos indígenas e suas terras um problema nacional, nunca um patrimônio nacional. A admiração pela Europa tornava os liberais eurocêntricos, e seu interesse por novas ideias políticas os tornava ideológicos. Apesar da importância do pensamento liberal nas recentes lutas pela independência, o liberalismo permaneceu uma planta exótica em solo latino-americano. Líderes conservadores logo surgiram para desafiar a agenda liberal. Em contraste com os liberais, os conservadores proclamavam abertamente que o povo comum deveria “conhecer o seu lugar” e deixar o governo para os seus “superiores”. Mesmo assim, a defesa conservadora dos valores tradicionais atraía muitos cidadãos comuns.

Os conflitos entre Igreja e Estado oferecem um excelente exemplo. A Igreja representava a reverência pelas tradições coloniais em geral. Assim, os liberais defendiam a liberdade de culto e a separação entre Igreja e Estado. Os conservadores, por outro lado, queriam que o catolicismo permanecesse a religião oficial das novas repúblicas. Os liberais acreditavam nas escolas públicas, enquanto os conservadores se contentavam em deixar a Igreja manter seu papel dominante na educação. E assim por diante. Os liberais contavam com o apoio de comerciantes protestantes e reformadores da educação nessa questão. Mas a defesa da Igreja Católica era extremamente popular entre os camponeses e latifundiários piedosos e tradicionalistas. A questão da Igreja tornou-se o principal critério para distinguir as perspectivas culturais liberais das conservadoras, e foi uma questão vencedora para os conservadores.

Gradualmente, toda a América Latina se dividiu entre liberais e conservadores: os liberais, orientados para modelos progressistas — especialmente os estadunidenses, ingleses ou franceses; os conservadores, apegados a modelos coloniais ou espanhóis. A soberania popular, consagrada pelas guerras de independência, era o princípio político predominante.

defendida, pelo menos publicamente, por todos. Mas como as pessoas se envolveriam no processo político? Organizações partidárias formais. — frequentemente, mas nem sempre, chamados de Partido Liberal e Partido Conservador — formaram-se lentamente. Afinal, a política partidária — com campanhas eleitorais, jornais e discursos — era novidade na América Latina (e no resto do mundo também, aliás). Sob o domínio colonial, havia poucos fóruns para debate público. Enquanto isso, havia muito o que debater. Essas novas nações enfrentavam enormes dificuldades, tanto econômicas quanto institucionais.

Uma devastação econômica horrenda ocorreu durante as guerras de independência. As minas de prata mexicanas e peruanas foram as mais afetadas. Seus poços foram inundados, suas máquinas caras destruídas e as minas precisavam de grandes injeções de capital. No entanto, havia apenas um punhado de bancos na América Latina antes de 1850. Os agiotas locais cobravam taxas de juros astronômicas e, após algumas falências iniciais, os banqueiros de Londres demonstraram pouco interesse. Eles tinham oportunidades de investimento mais seguras na Inglaterra e nos Estados Unidos, países em processo de industrialização, construção de ferrovias e expansão comercial. A América Latina colonial havia produzido grande parte da prata em circulação mundial, mas a região ficou com uma grande escassez de capital após a independência. Quanto ao comércio, as restrições coloniais haviam terminado e ninguém lamentou isso, exceto os comerciantes espanhóis que perderam seu antigo monopólio. Mas o controle do comércio de importação/exportação passou das mãos dos peninsulares diretamente para as mãos dos comerciantes britânicos, franceses e americanos. Os crioulos tinham pouca experiência em negócios comerciais e preferiam investir em terras.

Outro grande problema econômico era a falta de infraestrutura de transporte. Com poucos rios navegáveis — o México, por exemplo, praticamente não tinha nenhum — e muitas montanhas íngremes e florestas tropicais, o transporte era realmente muito caro. Os comerciantes coloniais reagiram mantendo as quantidades pequenas e as margens de lucro altas. Algumas mulas carregadas com prata ou com os bens de luxo que os donos de minas importavam não precisavam de muitas estradas. Transportar produtos agrícolas volumosos para o novo comércio de alto volume de meados do século XIX era uma questão diferente. Os comerciantes britânicos ofereciam aos consumidores

Mercadorias como tecidos de algodão e ferramentas de aço eram comercializadas a preços baixos. Esse comércio não pôde prosperar até que caixas de açúcar, pilhas de couro, rolos de tecido e sacos de café pudessem ser transportados a um custo menor. Instalações portuárias, estradas e pontes adequadas — sem falar das ferrovias, que pertencem a um período posterior do desenvolvimento da América Latina — ainda não existiam. Sem capital para construí-las, a América Latina teve que esperar meio século para concretizar seu potencial comercial. Enquanto isso, as economias latino-americanas cresceram lentamente ou, como no México e no Peru, chegaram a entrar em declínio.

Havia muito a ser feito, e os governos liberais incipientes dispunham de poucos recursos práticos. Em todos os lugares, exceto no Brasil, as instituições governamentais tiveram que ser reconstruídas do zero, uma empreitada dispendiosa. Enquanto isso, outra instituição, o exército, já estava superdimensionada.
— outro impacto negativo das prolongadas guerras de independência. Esses exércitos frequentemente tinham um excesso de oficiais assalariados que ficavam irritadiços quando seus pagamentos atrasavam. E os novos estados instáveis possuíam pouca legitimidade política para inspirar obediência em sociedades turbulentas pela guerra. A moda de instituições republicanas, como as constituições, era recente, sua eficácia não havia sido testada. A maioria das pessoas comuns já tinha ouvido falar de constituições, presidentes e legislaturas, mas os considerava importações modernas. Na hora da verdade, ninguém tinha certeza se as constituições seriam vinculativas. A lealdade ao rei levou gerações para se desenvolver, e o mesmo aconteceria com a lealdade às instituições republicanas.

Entretanto, as novas repúblicas eram frágeis. E governos frágeis e com poucos funcionários tinham dificuldade em administrar (ou seja, fazer as pessoas pagarem) impostos. Os estados latino-americanos dependiam de tarifas de importação/exportação, impostos de alto rendimento que podiam ser cobrados nos portos por alguns fiscais e um punhado de soldados. Mas as tarifas eram lucrativas apenas na medida em que o modesto comércio de importação/exportação que tributavam era insignificante. Para suprir as necessidades básicas, os governos liberais, carentes de receita, tomavam emprestado o dinheiro que podiam. Frequentemente, entravam em inadimplência.

De modo geral, as probabilidades estavam contra os liberais que detinham as rédeas do governo na América espanhola após a independência. Sua visão implicava mudanças radicais, mas eles não tinham os recursos nem os aliados necessários para concretizá-las. Governavam países devastados pela guerra — sociedades militarizadas onde muitos possuíam armas novas e antigas mágoas — e seus planos inovadores frequentemente ofendiam poderosos interesses estabelecidos e provocavam confrontos violentos. O período de ascensão liberal pós-independência terminou na maioria dos países após apenas alguns anos. Os conservadores bradavam "Anarquia!" e convocavam generais para impor a ordem e proteger a propriedade. A rápida queda dos primeiros governos republicanos da América Latina minou ainda mais sua legitimidade e estabeleceu um precedente trágico, com um presidente constitucional após o outro sendo deposto militarmente.

Entre a independência e a década de 1850, sucessivos presidentes permaneceram no cargo por apenas meses, ou até mesmo dias. Poucos governos conseguiram implementar seus programas. Os conservadores — em ascensão na década de 1830 — basicamente queriam coisas.*não*mudar. E muitos, conservadores e liberais, viam a política principalmente como um caminho para o poder e o enriquecimento pessoal — a abordagem colonial tradicional. Seu objetivo era tomar o governo e distribuir os chamados espólios de guerra, um padrão que também caracterizava a política americana da época. Pessoas no poder podiam distribuir os espólios a seus amigos e seguidores para recompensar sua lealdade. Esses espólios, também chamados de*patrocínio*

— empregos governamentais, pensões e obras públicas — tinham grande importância em sociedades com economias estagnadas. A distribuição de vantagens políticas alimentava a “política de clientelismo” e a “liderança caudilha” que caracterizavam a América Latina pós-colonial.

POLÍTICA DE PATROCÍNIO E LIDERANÇA CAUDILLO

A política de clientelismo tornou a corrupção (canalizar benefícios governamentais para familiares, amigos e clientes) uma parte necessária do sistema. O clientelismo fluía através de relações pessoais, por vezes substituindo completamente as plataformas partidárias. Um juiz de paz local — que podemos chamar de Dom Miguel, a título hipotético — usava seu cargo para garantir benefícios não só para sua família extensa, mas também para seus aliados políticos (em troca de favores passados e futuros), para seus "clientes" informais (por exemplo, seus afilhados e suas famílias) e para seus servos e funcionários fiéis. O apoio dessas pessoas a Dom Miguel e seu partido tinha pouco a ver com princípios abstratos de liberalismo e conservadorismo. O que importava era a lealdade. Em época de eleições, os clientes cumpriam sua parte do acordo de clientelismo votando da maneira que seu "patrono" desejava. Se o patrono se juntasse a uma revolução, esperava-se que seus clientes pegassem em armas e o seguissem. Dom Miguel, por sua vez, recebia favores e honras de um patrono mais rico e poderoso do que ele próprio — um ministro de gabinete, por exemplo, ou o governador do estado — e assim por diante, até chegar ao patrono mais importante de todos, o líder nacional do partido, ou *caudilho.*

Um caudilho no poder seria presidente; na oposição, era o segundo homem mais poderoso do país. Os caudilhos eram tipicamente grandes proprietários de terras que podiam usar seus recursos pessoais para obter vantagens políticas ou para manter exércitos particulares. Os primeiros caudilhos ascenderam à proeminência durante as guerras de independência e, em seguida, levaram sua fama de líderes de guerra para a política em tempos de paz, que não era particularmente pacífica, como veremos. Os caudilhos eram frequentemente heróis de guerra que personificavam qualidades masculinas ideais — bravura, lealdade, generosidade e charme sexual — aos olhos de seus seguidores. Uma série de conquistas amorosas e amantes apenas reforçava o prestígio de um caudilho.

reputação. A maioria dos caudilhos vinha de famílias abastadas, embora alguns tenham ascendido na hierarquia. De qualquer forma, geralmente cultivavam um "toque popular", a habilidade especial de se comunicar e manipular seguidores humildes, incluindo mestiços, negros livres e indígenas — uma afinidade frequentemente chamada de carisma. Os caudilhos podiam ser liberais ou conservadores, mas seu estilo popular se encaixava mais naturalmente com o tradicionalismo conservador. Os caudilhos eram definidos por seu exército de seguidores, não por patentes, cargos ou instituições formais. Às vezes eram generais do exército regular, outras vezes não. O foco na liderança pessoal se expressava na linguagem. Os partidários de Dom Miguel podiam ser conhecidos simplesmente como miguelistas.

Ou Rosistas, no caso do caudilho Rosas. Juan Manuel de Rosas, que dominou a Argentina de 1829 a 1852, exemplifica o governo caudilho. Rosas era um fazendeiro da grande região de fronteira pecuária chamada *pampa*e as milícias fronteiriças reforçaram seu controle sobre a cidade de Buenos Aires. Ele fazia uso rotineiro da violência contra seus oponentes políticos, mas também utilizava com astúcia imagens políticas e propaganda em massa. Rosas mandou colocar sua foto nos altares das igrejas e ordenou que os habitantes de Buenos Aires usassem fitas vermelhas como símbolo de apoio. Quem fosse flagrado sem a fita vermelha podia ser espancado na rua. Rosas se apresentava como um homem do povo, capaz de se identificar com os gaúchos rudes do pampa e com os trabalhadores negros pobres da cidade, enquanto retratava seus oponentes liberais como aristocratas eurocêntricos efeminados, alheios à Argentina real. Os poderosos fazendeiros do pampa viam Rosas como um dos seus, e ele protegia seus interesses. Por exemplo, os povos indígenas nômades do pampa permaneceram invictos em meados do século XIX. Eles haviam sido repelidos por uma linha de fortes, mas frequentemente atacavam rebanhos e fazendas. Rosas guerreou contra os povos indígenas para expandir o território aberto à pecuária, mas também negociou habilmente com eles, às vezes em sua própria língua. Por fim, Rosas conquistou a glória patriótica ao derrotar as intervenções britânicas e francesas nas décadas de 1830 e 1840.

JUAN MANUEL DE ROSAS,Caudilho argentino. O regime de Rosas mobilizou o apoio popular através do uso inteligente de imagens, como neste retrato do caudilho em trajes rurais.

Antonio López de Santa Anna, do México, foi outro famoso caudilho latino-americano e, segundo todos os relatos, um grande canalha e oportunista político. Eis um crioulo que lutou contra a causa patriótica.

De Hidalgo e Morelos, finalmente aceitou a independência com Iturbide e, em seguida, ajudou a derrubá-lo, tornando-se, curiosamente, um dos pais fundadores da república mexicana. Durante as décadas de 1830 e 1840, graças à sua influência sobre o exército e ao seu status de herói de guerra, Santa Anna parecia instalar e remover presidentes à vontade. Ele próprio se tornou presidente repetidas vezes, primeiro como liberal, depois como conservador. O oportunismo de Santa Anna foi demonstrado por muitos caudilhos. Eles transitavam em um mundo de amigos, inimigos, seguidores e facções, onde princípios abstratos ficavam em segundo plano. Uma das fontes da popularidade pública, de outra forma desconcertante, de Santa Anna parece ter sido suas vitórias militares contra uma invasão espanhola de última hora no México em 1829 e contra uma intervenção francesa de pequena escala em 1838. Assim como Rosas, Santa Anna tinha um apurado senso de teatro político. Quando perdeu uma perna lutando contra a invasão francesa de 1838, ele a enterrou com todas as honras militares.

José María Obando, da Colômbia, ascendeu de origens humildes para se tornar presidente de seu país por duas vezes. Filho de mãe solteira, foi adotado por uma família monarquista que lhe proporcionou uma boa educação, mas os talentos do jovem eram essencialmente militares. Quando começaram as lutas pela independência, Obando lutou por Fernando VII e depois por Bolívar, tornando-se um dos vários caudilhos regionais influentes na Colômbia independente dos primórdios. A principal preferência política de Obando era o federalismo, um princípio de governo que se adequava à geografia regionalmente fragmentada da Colômbia. O federalismo significava, na prática, controle local, e os caudilhos eram, acima de tudo, controladores locais. Para federalizar o governo nacional da Colômbia, Obando iniciou a chamada “Guerra dos Supremos”, uma espécie de disputa entre os caudilhos regionais que tendiam a se autodenominar “Chefe Supremo” desta ou daquela região. O pretexto para a guerra era a suposta preservação da liberdade religiosa na cidade de Pasto, parte da base regional de Obando no sul do país. Graças a uma isenção anterior, Pasto havia continuado a permitir o funcionamento de alguns pequenos mosteiros, cujo fechamento fora ordenado em outras partes da Colômbia. Em 1839, o povo de Pasto desafiou as ordens de fechamento desses mosteiros. Em 1840, Obando transformou essa disputa administrativa em uma espécie de guerra santa em miniatura, proclamando-se “Supremo”.

Diretor da Guerra em Pasto, General-em-Chefe do Exército Restaurador e Protetor da Religião de Cristo Crucificado.” Assim, a política caudilha enfraqueceu o governo central do país e instrumentalizou a piedade católica na Colômbia durante os cem anos seguintes.

ANTÔNIO LÓPEZ DE SANTA ANNA,O caudilho mexicano personificava o poder e a autoridade do exército, que ele mobilizava tanto para liberais quanto para conservadores, conforme a ocasião.

José Antonio Páez, da Venezuela, era típico de muitos caudilhos. De raça mista, ascendeu à liderança durante as guerras de independência. Páez havia sido o principal aliado de Bolívar nas planícies do Orinoco. Era um homem entre homens, mesmo entre os lanceiros llaneros, cujas cargas devastadoras ele liderava pessoalmente a galope. Não foi o prestígio social, mas a coragem física e a destreza no campo de batalha que o tornaram o primeiro presidente da Venezuela, que em 1825 figurava entre as regiões mais devastadas pela guerra e banhadas em sangue do continente. Como caudilho nacional — um*de facto* Função, não título — Páez governava uma coalizão de caudilhos regionais que, como ele, ascenderam na luta pela independência. Em sua autobiografia, Páez retrata seu domínio sobre a Venezuela em termos que lembram um rei feudal e seus barões. Os verdadeiros testes de poder, os confrontos políticos decisivos, aconteciam mais no campo de batalha do que nas urnas. O povo participava, inquestionavelmente, mas sempre sob a direção de seus "superiores" sociais, como combatentes em todos os lados de cada conflito. Portanto, quem quer que vencesse, o povo como um todo saía perdendo. A Venezuela era um caso extremo dessa política pela força das armas, mas era um fenômeno comum.

De fato, a história da América espanhola em meados do século XIX pode ser contada como uma sucessão de caudilhos. Curiosamente, isso se aplica até mesmo à América Central, que nunca se revoltou contra a Espanha, tornando-se independente, por assim dizer, às custas do México. A primeira geração liberal foi definida na América Central pelo caudilho hondurenho Francisco Morazán, cujas conexões com a França e convicções federalistas eram típicas dos liberais. Mas, também tipicamente, as reformas liberais de Morazán, como as medidas anticlericalistas e um código legal importado diretamente dos Estados Unidos, mostraram-se impopulares. No final da década de 1830, Rafael Carrera, um caudilho conservador, derrubou Morazán.

Morazán dominou a América Central durante o quarto de século seguinte. Carrera era o oposto social e ideológico de Morazán. Mestiço rural com fortes laços com os povos indígenas da Guatemala, Carrera protegeu o bem-estar deles — sobretudo suas terras comunitárias — como poucos outros líderes nacionais na história da América Latina. Assim como Rosas, Carrera protegeu a Igreja Católica dos ataques liberais e honrou a cultura popular local, o que causava repulsa nos liberais eurocêntricos. Absorto na administração da Guatemala, Carrera permitiu que as Províncias Unidas da América Central se desintegrassem, transformando-se no atual conjunto de minirrepúblicas independentes.

As minirrepúblicas eram especialmente suscetíveis ao governo de um só homem. Na América do Sul, o Paraguai foi governado de 1814 a 1840 por um caudilho bastante peculiar. O Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia era um erudito, doutor em teologia, e não um herói de guerra. Ditador conservador austero que não tolerava dissidência, El Supremo, como Francia se autodenominava, tentou isolar totalmente o Paraguai das influências culturais europeias. Ele permitia que apenas alguns mercadores europeus visitassem o Paraguai, e geralmente estes retornavam com os olhos arregalados, repletos de histórias sobre os onipresentes espiões de El Supremo. Alguns visitantes estrangeiros tornaram-se hóspedes permanentes de Francia, como o naturalista francês Aimé Bonpland, que passou dez anos em prisão domiciliar e nunca mais retornou à Europa. A estratégia de isolamento de Francia parece paranoica, mas funcionou, em grande medida. O Paraguai tornou-se independente, autossuficiente e relativamente próspero, sem qualquer dependência da Europa. Os caudilhos paraguaios que sucederam Francia atenuaram o isolamento do país, mas mantiveram a ênfase na autonomia nacional.

Francia e alguns outros ditadores aboliram os símbolos do constitucionalismo liberal, como as eleições, mas a maioria dos caudilhos não o fez. Durante a primeira geração de independência, a política tornou-se um jogo duplo na América Latina, diferindo marcadamente na teoria e na prática. As constituições eram o grande símbolo da soberania popular e, por isso, eram importantes o suficiente para que as pessoas continuassem a escrevê-las, repetidamente. A Colômbia parecia ter uma nova a cada dez anos.

Todos sabiam, por experiência própria, que cada nova constituição poderia ser anulada em breve, que cada novo presidente poderia ser deposto por uma revolução. Na prática política, o indivíduo permanecia mais importante que as leis, e a derrubada de governos por meio de revoluções deixou de ser uma exceção ao sistema e tornou-se o próprio sistema. Embora a eficácia das instituições republicanas na América Latina estivesse em baixa na década de 1840, poucos vislumbravam uma alternativa. As eleições, assim como as constituições, frequentemente fracassavam na prática, mas raramente eram eliminadas por completo. Em vez de serem medidas da opinião da maioria, as eleições se transformaram em disputas de força que demonstravam quem controlava cada localidade; o partido que conseguisse colocar o maior número de votos nas urnas — por quaisquer meios — era, por definição, o mais forte. Os governos frequentemente manipulavam a contagem de votos e utilizavam a polícia para determinar os resultados das eleições. Eleições fraudadas muitas vezes provocavam revoluções lideradas pelo caudilho do partido de oposição. Gradualmente, a maioria dos hispano-americanos perdeu a fé na promessa da democracia durante esses anos. Muitas vezes impedidos de votar, o povo comum raramente tinha voz na política. Na maioria das vezes, "o povo" exercia sua soberania por meio de ações nas ruas.

Em meados do século XIX, a maioria dos países da América Latina era governada por caudilhos conservadores, cujo único serviço público era manter a ordem e proteger a propriedade. Conflitos políticos haviam desmembrado completamente várias das novas repúblicas hispano-americanas. Quando os governos estaduais ou provinciais ganhavam poder sobre os governos centrais, o federalismo frequentemente se tornava o primeiro passo para a fragmentação. A Grande Colômbia, como o antigo vice-reinado de Nova Granada passou a ser chamado após a independência, começou como uma única república, mas se dividiu nos três países atuais: Colômbia, Equador e Venezuela. Como mencionado, a República Centro-Americana original se fragmentou em cinco partes — Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica — dividindo a América espanhola em um total de dezesseis fragmentos políticos soberanos, sem contar Cuba e Porto Rico, controlados pela Espanha. Colômbia, Venezuela, Peru, Argentina e México pareciam caminhar para uma maior fragmentação em meio a disputas entre centralistas e federalistas.

O CAMINHO DIFERENTE DO BRASIL

Seria este o preço necessário da descolonização? O exemplo contrastante do Brasil em meados do século XX sugere que a manutenção de instituições coloniais, como a monarquia, conferia estabilidade, embora a um preço elevado. O Brasil conservava uma dinastia europeia; uma nobreza de duques, condes e barões ostentando brasões; uma estreita relação entre Igreja e Estado; e um compromisso pleno com a instituição da escravidão, na qual algumas pessoas exploravam outras até a morte. Por outro lado, apesar de algumas tentativas de formar repúblicas separatistas, a América portuguesa permaneceu unida, e o governo brasileiro jamais fora derrubado violentamente. A elite brasileira tinha muito orgulho dessa conquista e gostava de contrastar o Brasil com a América espanhola assolada por revoluções.

O Império Brasileiro independente estendia-se grandiosamente por metade do continente sul-americano. Possuía um quadro especializado de governadores provinciais itinerantes, não eleitos, mas sim designados pelo Rio de Janeiro. A sociedade brasileira não havia sido militarizada na época da independência. Ao contrário da situação na América espanhola, onde caudilhos regionais proliferavam, o exército imperial brasileiro era inigualável em poder, com seus generais inabalavelmente leais ao imperador. As plantações brasileiras também escaparam do tipo de destruição que prejudicou a América espanhola republicana nos primórdios. O núcleo original da colonização portuguesa ao longo da costa nordeste ainda produzia toneladas e toneladas de açúcar para as sobremesas europeias, mas uma cultura de plantação mais recente, o café (um excelente acompanhamento para sobremesas), agora competia com o açúcar como o principal produto do trabalho escravo. Na década de 1840, o café emergiu vitorioso. O cultivo de café no Brasil prosperou à medida que a bebida escura substituía o chá nas mesas de café da manhã nos Estados Unidos e em muitas partes da Europa. O café seria para o Brasil independente o que o açúcar havia sido para o Brasil colonial. Também contribuiu diretamente para a economia.

e a força política da capital imperial, porque o boom do café começou na própria província do Rio de Janeiro.

Essa história de sucesso brasileira obscurece a saga das próprias esperanças e decepções liberais do Brasil. De fato, o liberalismo criou uma versão em miniatura da tempestuosa experiência hispano-americana durante as primeiras décadas da independência. Pedro I se considerava um liberal, mas tinha um temperamento autoritário. Depois de consentir com a criação de uma assembleia constituinte em 1822, ele a fechou impacientemente quando os representantes liberais levaram a noção de soberania popular a sério demais para o seu gosto. Na prática, Pedro almejava governar "pela graça de Deus".*não*Com a permissão do povo brasileiro, ele convocou alguns conselheiros para redigir uma constituição que, como ele zombou da assembleia, seria mais liberal do que qualquer outra que eles pudessem conceber. Mas sua constituição de 1824 previa um senado com membros nomeados vitaliciamente e colocava o suposto poder moderador do imperador acima dos demais poderes. Os verdadeiros liberais não se deixaram enganar, e a impetuosidade desastrada de Pedro — suas políticas inflacionárias, suas guerras impopulares no sul, seu adultério escandaloso e, pior de tudo, seu envolvimento contínuo na política portuguesa — deu vantagem aos seus inimigos.

BRITISH NORTH AMERICA
UNITED STATES
New York
San Francisco
Atlantic Ocean
Rio Grande
San Antonio
Gulf of Mexico
MEXICO
Havana
CUBA (still Spanish)
JAMAICA (Br.)
Mexico City
Veracruz
PUERTO RICO (still Spanish)
HAITI
Guatemala City
UNITED PROVINCES OF CENTRAL AMERICA
Panama City
Caracas
GREATER COLOMBIA
Bogotá
Amazon R.
Recife
EMPIRE OF BRAZIL
PERU
Lima
Salvador (Bahia)
BOLIVIA
Sucre
PARAGUAY
Rio de Janeiro
São Paulo
Pacific Ocean
CHILE
Santiago
Buenos Aires
URUGUAY
Montevideo
ARGENTINA
(Disputed between Argentina and Chile)
NEW NATIONS OF LATIN AMERICA, 1811–39

> Os detalhes do mapa são os seguintes: a América do Norte Britânica, ou Estados Unidos, inclui Nova York, Jamaica, Haiti e parte do nordeste da América Latina. Cuba e Porto Rico ainda são espanhóis. O México inclui São Francisco, San Antonio, o Rio Grande, a Cidade do México e Veracruz. As Províncias Unidas da América Central incluem a Cidade da Guatemala. A Grande Colômbia inclui a Cidade do Panamá, Caracas e Bogotá. O Peru inclui Lima. O Império do Brasil inclui o Rio Amazonas, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. A Bolívia inclui Sucre. O Paraguai é uma pequena área entre o Império do Brasil e a Argentina. O Chile inclui Santiago. O Uruguai inclui Montevidéu. A Argentina inclui Buenos Aires. A área ao sul da Argentina é disputada entre o Chile e a Argentina.

Os liberais encontraram seu tema mais popular na presença incômoda de muitos comerciantes, burocratas e oficiais do exército nascidos em Portugal, que ainda ocupavam posições de poder no Brasil independente. Os brasileiros comuns, que não se importavam com teorias políticas, identificavam-se com os gritos de "Brasil para os brasileiros". Tumultos antiportugueses tornaram-se frequentes. Pedro tendia a cercar-se de conselheiros nascidos em Portugal e, afinal, ele próprio era português de nascimento. Além disso, a morte de seu pai em 1826 o tornou herdeiro legal do trono de Portugal. Pedro renunciou ao trono português em favor de sua filha, mas permaneceu profundamente envolvido nos assuntos portugueses. E se as coroas de Portugal e do Brasil fossem reunificadas? Os liberais alertavam para uma possível recolonização. No início de 1831, o ressentimento antiportuguês no Rio atingiu o auge, e Pedro, sentindo-se profundamente desvalorizado, decidiu abdicar da Coroa brasileira e retornar a Portugal. Mas, assim como seu pai, João VI, Pedro I deixou seu filho assumir seu lugar no Brasil. Embora tivesse apenas cinco anos, o príncipe, batizado de Pedro em homenagem ao seu pai falecido, nascera no Brasil. Ninguém questionava sua autoridade. Contudo, até atingir a maioridade, o jovem imperador precisaria de guardiões adultos, chamados *regentes*, para governar em seu nome.

O*regência*Os anos de 1831 a 1840 foram os mais turbulentos da história brasileira. Os regentes representavam as forças liberais que haviam deposto o despótico Pedro I. Como desejavam limitar o poder do governo central, reduziram o tamanho do exército e concederam mais autoridade a funcionários locais e provinciais. Muito rapidamente, porém, começaram a querer recuperar o poder. A noção liberal de que "todos os homens são criados iguais" (excluindo até mesmo mulheres e escravos, como defendiam a maioria dos liberais da época) contradizia a organização social fortemente hierárquica do Brasil. Na maior parte do tempo, a igualdade permanecia um conceito abstrato, uma bela mentira, uma manobra retórica. Assim como os liberais hispano-americanos durante as guerras de independência, os liberais brasileiros agora precisavam de aliados entre o povo e também recorreram ao nativismo, exaltando a importância do nascimento no Brasil nativo e invocando a ameaça da recolonização portuguesa. Liberais em diversas províncias se rebelaram contra o governo central, que consideravam excessivamente tímido. No final da década de 1830, rebeliões liberais eclodiam simultaneamente em quatro províncias, do extremo norte ao extremo sul, e essas não seriam as últimas. Repúblicas efêmeras foram proclamadas. Escravos se envolviam aqui e ali. Os regentes entraram em pânico.

Os liberais da elite imperial deram uma guinada abrupta. Talvez os conservadores tivessem razão, admitiram. Talvez o Brasil precisasse de uma autoridade monárquica forte mais do que de democracia. A descolonização foi suspensa. Em 1840, embora o Príncipe Pedro tivesse apenas quatorze anos, a Assembleia Nacional votou por sua ascensão ao trono. Revogou reformas liberais anteriores, fortaleceu o exército imperial e instituiu uma força policial nacional centralizada. O liberalismo havia fracassado, e a história de sucesso conservadora brasileira de meados do século XIX — escravos, café e estabilidade monárquica — podia agora ser contada.

CONTINUIDADES NA VIDA COTIDIANA

Independentemente das alterações políticas após a independência, o cotidiano das pessoas — seu trabalho, suas famílias e demais relações sociais, seus passatempos e crenças — mudou menos do que se poderia imaginar. O grande motor econômico da transformação que acabaria por atingir a todos, o capitalismo, ainda funcionava de forma incipiente na maioria dos países (por razões já explicadas) e só ganharia força após 1850. Enquanto isso, porém, a situação não era tão ruim para a maioria dos latino-americanos.

Os povos indígenas cultivavam terras comunais pertencentes às suas aldeias, relativamente livres da interferência de forasteiros. Durante o período de 1825 a 1850, a desaceleração econômica aliviou a pressão sobre as terras e a mão de obra indígenas. Os recrutamentos de trabalho colonial, como a mita, haviam terminado — exceto em casos extremamente atrasados — e os povos indígenas preferiam, sempre que possível, evitar o trabalho assalariado e cultivar seus próprios alimentos. Especialmente no México, onde as aldeias indígenas se autogovernavam por meio de instituições espanholas desde o século XVI, os anciãos administravam suas próprias comunidades, o que lhes conferia voz independente em assuntos políticos. Mas a maioria dos indígenas pouco se importava com a política republicana. Eles queriam viver à parte, observando seus próprios costumes, falando sua própria língua e, em geral, cuidando de seus próprios assuntos.

Em alguns casos — na Colômbia, por exemplo — os camponeses livres mestiços superavam em muito o número de habitantes das comunidades indígenas. Às vezes, as pessoas do campo viviam como "trabalhadores vinculados", chamados de*peões*, na propriedade de um grande latifundiário e tornaram-se, na prática, seus clientes econômicos e políticos. Para os trabalhadores vinculados e suas famílias, o nome padrão para o latifundiário era, na verdade,*patrono*Ter um patrão proporcionava segurança, mas também acarretava obrigações. Normalmente, os peões da fazenda trabalhavam parte do tempo para o patrão e parte do tempo cultivando alimentos para si mesmos. Por outro lado, muitas virgens

Ainda existiam florestas aqui e ali, onde os camponeses podiam desmatar e cultivar suas próprias plantações sem ter que trabalhar como peões ou lutar por latifundiários. Em suma, durante o período de 1825 a 1850, a maioria dos latino-americanos rurais dependia, de uma forma ou de outra, da agricultura de subsistência em vez do mercado para obter seus alimentos.

Os africanos e seus filhos ainda trabalhavam como escravos nos campos das plantações, especialmente no Brasil e em Cuba. Eles também cultivavam seus próprios alimentos, mas passavam a maior parte do tempo, quando não estavam trabalhando como empregados domésticos, cultivando e processando a safra de exportação. De fato, os cafeicultores brasileiros importaram um número recorde de africanos no período de 1825 a 1850, apesar da proibição legal do comércio, inspirada pelos ingleses. Algumas leis existiam, segundo uma antiga expressão brasileira, apenas “para os ingleses verem”. Os proprietários de plantações cubanos, beneficiando-se particularmente da abolição da escravatura na Jamaica, em Barbados e nas outras ilhas produtoras de açúcar colonizadas pela Inglaterra, também importaram um grande número de trabalhadores escravizados. Cuba estava se tornando uma grande fábrica de açúcar, altamente capitalizada e implacavelmente produtiva, um prenúncio do que estava por vir em outros lugares.

Ricos ou não, os latifundiários detinham o poder na América Latina pós-colonial. Queixavam-se de bandidos e estradas intransitáveis, mas gozavam de maior prestígio social e influência política do que na geração de seus pais. Após a independência, os liberais eliminaram as poderosas guildas mercantis urbanas e instituíram o livre comércio. A importação maciça de tecidos estrangeiros produzidos em massa levou à falência os tecelões urbanos. Agora, a maior parte das oportunidades de exportação da América Latina era agrícola, colocando novos mercados em risco.*econômico*Influência nas mãos dos proprietários de terras. Proprietários de terras*político*A influência também aumentou. Os comerciantes urbanos e os burocratas tinham menos seguidores do que os donos de plantações e fazendas, e seus numerosos clientes eram contabilizados nas eleições e revoluções.

A transculturação, a criação mútua de novas culturas latino-americanas, foi incentivada pelo prestígio pós-colonial das nações.

Identidade e ascensão da classe latifundiária. Em meados do século XIX, os proprietários de terras tinham menos probabilidade de manter uma casa na cidade e se sentiam mais à vontade se considerando pessoas do campo. Anos de retórica nativista proclamaram a dignidade patriótica essencial dos “americanos”, e o campo, em vez das cidades, passou a ser considerado o definidor da identidade nativa. As danças folclóricas dos mestiços pobres, por muito tempo condenadas pelas autoridades coloniais como impróprias para qualquer pessoa, agora gozavam de ampla popularidade como representações de um espírito nacional. Mexicanos*jarabes* e colombiano *bambucos*Duas dessas danças eram ovacionadas no palco por plateias patrióticas que, por vezes, vaiavam atores com sotaques portugueses ou espanhóis. Mesmo na Cuba sob domínio espanhol, as pessoas dançavam — em festas de casamento rústicas, salões de dança decadentes ou clubes sociais de elite — ao som de músicas com um toque afro-cubano. O local de nascimento havia sido suficiente para definir a identidade nativa durante as guerras de independência e permaneceu um ponto de referência crucial. A definição do “nós” nacional ocorreu, em parte, por meio da oposição a um “eles” estrangeiro. Mas as identidades nacionais precisavam de mais do que fronteiras. Precisavam de substância, e a transculturação a forneceu.

Velez

COSTUMBRISMO,A representação de costumes e modos de vida foi importante nas artes gráficas latino-americanas, assim como na literatura, em meados do século XIX. Esta ilustração mostra o traje folclórico característico de uma das muitas regiões da Colômbia.

A literatura latino-americana de meados do século XIX desempenhou um papel fundamental na elaboração e promoção dessas novas identidades nacionais. A maioria dos escritores da época acreditava que a paisagem e os costumes distintivos das novas nações constituíam o tema apropriado para as novas literaturas nacionais. Uma forma literária específica, chamada*costumbrismo* (de *costumes*O costumbrismo (a palavra espanhola para "costumes") tornou-se popular em toda a região. Os escritores costumbristas criaram autorretratos nacionais descrevendo não apenas as danças, mas também as vestimentas, a fala e a vida das pessoas comuns, particularmente aquelas do campo, que acreditava-se personificarem a essência nacional. Os esboços costumbristas eram frequentemente publicados em jornais e adaptados para apresentações teatrais durante os intervalos dos dramas europeus "sérios" que constituíam a programação normal. Algumas obras do costumbrismo podem ser lidas quase como descrições etnográficas. Considere a seguinte imagem de uma jovem da classe popular, extraída de uma publicação de 1855 chamada*Um autorretrato mexicano*:

> *Mariquita mora num quarto alugado e mantém a porta aberta, pois a limpeza é o seu ponto forte, e isso se aplica a si mesma, às suas roupas (e não apenas à camada externa) e ao seu quarto. Seu quarto é pequeno, mas o chão é impecável. Há uma cama num canto, com lençóis simples, escrupulosamente limpos. Ao lado da cama, um baú de madeira onde guarda seus vestidos, anáguas, xale, cesto de costura e alguns romances. Seus colares podem ou não estar lá, dependendo do dia da semana, pois ficam regularmente na casa de penhores, exceto aos domingos, quando ela consegue dinheiro para resgatá-los temporariamente antes de penhorá-los novamente na segunda ou terça-feira.*

O espírito nativista, fundamental para a independência, manteve-se forte por várias décadas depois, antes de gradualmente se dissipar. Os peninsulares que permaneceram no México republicano, por exemplo, foram expulsos após uma ampla agitação nativista em 1828. Os conservadores, juntamente com os liberais e, eventualmente, mais do que eles, também utilizaram imagens nativistas. Os publicitários rosistas criaram personagens folclóricos para jornais, como Pancho Lugares, *O gaúcho*, que dava conselhos simples e zombava dos liberais eurocêntricos na Argentina da década de 1830. O nativismo permaneceu antiestrangeiro, mas perdeu sua ênfase liberal na igualdade social.

Em 1850, a maioria oprimida da América Latina, descendentes dos conquistados e escravizados, claramente não pretendia derrubar os descendentes dos conquistadores. De modo geral, as classes altas das novas nações ainda se assemelhavam às classes altas das colônias — com algumas faces mais escuras, agora, no retrato coletivo da elite. Houve apenas alguns casos isolados em que rebeliões em massa ameaçaram varrer a hierarquia social existente. O mais famoso foi a Guerra das Castas de Yucatán, em meados do século, na qual o povo maia se insurgiu, inspirado por mensagens religiosas proféticas de uma cruz falante, para purificar suas terras de intrusos brancos e mestiços. Eles se autodenominavam Cruzob, uma palavra de origem maia/espanhola que significa “povo da cruz”, mas sua visão de mundo era mais maia do que espanhola. Em geral, rebeliões verdadeiramente radicais ocorreram apenas onde os rebeldes, como esses maias, mantinham uma distância cultural da sociedade em geral. A conspiração baiana de escravos de 1835, talvez a mais famosa do Brasil independente, ocorreu entre escravos, muitos dos quais eram muçulmanos de língua árabe, os malês, resistentes à ideologia cristã da sociedade brasileira. Sua identidade muçulmana ajudou os malês a se organizarem, mas também os limitou, alienando os escravos cristãos, alguns dos quais revelaram a conspiração.

COSTUMBRISMO. Na busca por identidades nacionais distintas, a pintura costumbrista frequentemente se concentrava meticulosamente em roupas apresentadas como "típicas", neste caso, de várias classes sociais no México de meados do século XIX.

O domínio da minoria branca na América Latina ainda exercia o poder sutil e resiliente da hegemonia cultural. Enquanto antes os brancos governavam por representarem o poder colonizador e a verdadeira religião, agora representavam a “civilização”. O que era civilização? Uma pergunta tola! Civilização era Paris, Londres! Era o livre comércio, a energia a vapor e a poesia romântica. Era tudo o que o dinheiro podia comprar da Europa. Quem aceitasse essa definição escandalosamente eurocêntrica de civilização tinha, em maior ou menor grau, que aceitar a classe dominante branca “mais civilizada”. Os rebeldes muçulmanos negros da Bahia e os maias cruzob da cruz falante não precisavam da definição de civilização do homem branco, nem de seus valores, porque tinham a sua própria e podiam vislumbrar um mundo radicalmente diferente. Mas essas eram as exceções. Na maior parte da América Latina, a transculturação, ao longo do tempo, havia se consolidado.

Ao longo dos séculos, criaram-se sociedades que compartilhavam valores e atitudes básicas, apesar das enormes diferenças de riqueza. O resultado foi o controle hegemônico contínuo por parte da elite minoritária. Um exemplo disso é a admiração associada à escrita.

O espanhol e o português haviam sido as línguas do império, e a escrita nessas línguas continuava sendo o veículo do direito, da administração e de toda comunicação a longa distância. Embora as oportunidades educacionais tivessem se expandido ligeiramente após 1825, a maioria dos latino-americanos não sabia ler nem escrever. Enquanto isso, novas nações, bem como estados e províncias dentro delas, agora tinham legislaturas para elaborar leis e jornais para divulgar debates políticos. Aspirantes políticos de todos os tipos discursavam incessantemente em campanhas eleitorais e, se tivessem sorte, no plenário do Senado ou na sacada do palácio presidencial. Tão importante era a retórica e a oratória para a vida pública que muitos caudilhos semianalfabetos conquistavam uma capital apenas para retornarem às suas fazendas envergonhados e sem palavras, em meio a risinhos da elite intelectual. A política constituía o principal palco para esse tipo de linguagem, mas um glamour especial também era reservado ao jovem que conseguia escrever poesia com métrica e rima adequadas, recitar sabedoria clássica em latim ou demonstrar familiaridade com autores ingleses ou franceses não traduzidos. Na maior parte dos casos, apenas os homens podiam desfrutar desse glamour, pois o ensino universitário ainda era vedado às mulheres.

De fato, a tumultuada vida pública das novas nações — a maior transformação da independência — praticamente excluiu as mulheres. Os nomes femininos tornaram-se conhecidos ou por suas ligações com homens poderosos ou por quebrarem as regras de gênero — ou ambos. Domitila de Castro, por exemplo, conhecida na história como Marquesa de Santos, tornou-se a mulher mais famosa do Brasil depois da Imperatriz Leopoldina, por ser amante do imperador. Ela tinha fama de dar festas excelentes na luxuosa mansão que Pedro construiu para ela perto da praia do Rio. Pedro também concedeu títulos de nobreza a vários membros da família de Domitila e reconheceu oficialmente a paternidade de sua filha, a quem ele fez.

Duquesa de Goiás. Segundo a maioria dos relatos, seu comportamento praticamente matou a Imperatriz Leopoldina de humilhação. Pedro havia introduzido Domitila entre as damas de companhia de Leopoldina e, por um tempo, fez com que ela e a duquesa, ainda criança, vivessem no palácio imperial. Leopoldina era uma mulher vigorosa, inteligente e leal, que teve seis filhos e morreu devido a complicações de sua sétima gravidez. Nascida na Áustria, era muito querida no Rio, apesar de seus modos estrangeiros. Ela ajudou a persuadir Pedro a declarar o Brasil independente em 1822. Sua morte, em 1826, desacreditou Pedro aos olhos de muitos brasileiros, preparando o terreno para sua queda.

Encarnación Ezcurra, esposa do caudilho argentino Juan Manuel de Rosas, desempenhou um importante papel político, mas principalmente nos bastidores. Quando Rosas estava ausente de Buenos Aires, cuidando de sua fazenda ou liderando expedições militares, Ezcurra assumia seus assuntos políticos. Ela recebia e oferecia hospitalidade tanto a rosistas pobres quanto ricos. Lidava com outros caudilhos e escrevia ao marido relatórios políticos frequentes e detalhados. Sua correspondência revela uma rosista orgulhosa, forte e de fala firme. Ela rejeitava as calúnias dirigidas a ela pelos inimigos do marido: “Mas nada disso me intimida. Vou me colocar acima disso. E eles pagarão por isso.” *querido*Ainda assim, ela não assumiu nenhum cargo público, embora Rosas a tenha proclamado "Heroína da Federação". Quando morreu em 1838, a faixa em seu caixão colocava suas realizações de vida na ordem considerada apropriada para uma mulher: "Boa mãe, esposa fiel, patriota fervorosa".

Sua filha, Manuela de Rosas, logo assumiu o seu lugar. Manuela (mais conhecida como Manuelita) passou a administrar as relações públicas do governo de seu pai. Ainda menina, ela participou da famosa dança quando os negros de Buenos Aires prestaram suas homenagens a Rosas. Mais tarde, entreteve diplomatas visitantes, tocando piano e conversando com eles em francês. Mais de um deles queria se casar com ela, mas seu pai se opôs ao casamento: ele precisava dela. Assim, ela permaneceu "la Niña" para toda Buenos Aires, uma das figuras mais populares da vida pública. Ela finalmente se casou, contra a vontade do pai, depois que ele foi deposto.

Camila O'Gorman, amiga de Manuelita, ficou famosa por um escândalo terrível. Essa jovem de "família respeitável" apaixonou-se por um jovem padre. Quando fugiram juntos em 1847, houve uma enorme comoção, não só por parte da Igreja e do pai de Camila, mas também dos inimigos de Rosas, que denunciavam veementemente a corrupção moral da Argentina sob o governo de Rosas, e do próprio Rosas, que jurou encontrar e punir os amantes "mesmo que se escondessem na clandestinidade". Os amantes haviam mudado de nome e ido morar em uma aldeia distante, mas foram rapidamente encontrados. Manuelita Rosas tentou, sem sucesso, salvar a amiga. Camila agora simbolizava o perigo para a ordem social. Mesmo grávida, ela e o amado enfrentaram um pelotão de fuzilamento rosista, lado a lado.

MULHERES EM GUERRA. Os frequentes conflitos civis da América Latina no período pós-colonial envolveram tanto mulheres quanto homens. Embora as mulheres raramente fossem retratadas, elas viajavam com seus homens, cozinhavam para eles e cuidavam deles no campo de batalha.

Obviamente, o patriarcado ibérico permaneceu virulento na América Latina pós-colonial. As atividades políticas de uma Encarnación Ezcurra, embora não fossem exclusivas, eram raras. A exclusão das mulheres da nova arena política da vida pública apenas perpetuava uma prática colonial, mas encontrava nova justificativa nas teorias republicanas que atribuíam às mulheres especificamente a esfera doméstica. As mulheres carregavam todo o fardo das tarefas árduas, porém indispensáveis — cozinhar, limpar, costurar e criar os filhos — que aconteciam em casa. As mulheres pobres muitas vezes tinham que trabalhar fora de casa, na casa de outra pessoa, cozinhando, limpando e criando os filhos, chegando até a amamentar os filhos de outros. As mulheres também lavavam, engomavam e passavam roupa para seus superiores sociais, e era comum ver grupos de lavadeiras esfregando as pedras e estendendo as roupas para secar na grama em locais estratégicos às margens dos rios.

A prostituição também continuou sendo uma característica comum da vida urbana.

Eugenia Castro, uma mulher pobre trinta anos mais jovem que Rosas, nunca recebeu muito dele, nem ele jamais reconheceu publicamente os seis filhos que teve com ela. Ao contrário do Marquês de Santos, Eugenia Castro levava uma vida reclusa, escondida dos olhos do público. Rosas fora seu tutor legal, e ela fora criada como uma espécie de serva respeitável em sua casa. Eugenia cuidou da moribunda Encarnación Ezcurra e, à noite, ocupava seu lugar no quarto do “Ilustre Americano”, como Rosas permitia que seus admiradores o chamassem. Em particular, ela se sentava à mesma mesa que ele (relatou um visitante surpreso), e Manuelita era afetuosa com ela e seus filhos. Mas quando Rosas a convidou para compartilhar seu exílio na Inglaterra, ela permaneceu na Argentina.

As mulheres de status mais elevado continuaram a sofrer a tirania do sistema de honra que tanto limitava suas experiências e movimentos, mas a própria honra estava evoluindo. A honra sempre fora em parte atribuída pela hierarquia e em parte conquistada pelo comportamento. Canalhas com a linhagem correta podiam reivindicar honra, assim como pessoas mais humildes que demonstrassem virtude pessoal. Após a independência, a segunda definição de honra, mais moderna, ganhou importância, como convinha a sociedades de cidadãos supostamente iguais. Mulheres que alcançaram os ideais de castidade ou maternidade podiam exigir reconhecimento social como pessoas honradas, apesar de terem nascido na pobreza ou com a cor de pele "errada". O serviço militar podia compensar uma origem igualmente desonrosa nos homens, pelo menos hipoteticamente. À medida que o sistema de castas declinava após

A independência e a honra serviram como um princípio auxiliar de classificação para o novo sistema de classes.

A casta, geralmente determinada pela cor da pele ou alguma outra característica física, era um aspecto fixo da condição social das pessoas, mas a classe era um pouco mais fácil de mudar. A classe dependia especialmente da riqueza, e pessoas pobres às vezes enriqueciam. Pessoas negras, indígenas ou mestiças excepcionalmente prósperas eram oprimidas no período colonial por leis que as impediam de usar roupas de seda e ocupar cargos de alto status, a menos que comprassem uma isenção para se tornarem “legalmente brancas”. Essas leis de casta desapareceram após a independência. Além disso, a turbulência política do início do século XIX resultou, como vimos, em maior mobilidade social para líderes militares e políticos bem-sucedidos. Famílias brancas da classe alta se preocupavam com a ascensão social de seus concorrentes mestiços. E tinham motivos para se preocupar. Pessoas mestiças constituíam uma parcela cada vez maior da população. Indígenas que falavam espanhol e viviam fora de suas comunidades tradicionais abandonavam cada vez mais a identidade indígena e também se tornavam concorrentes.

As múltiplas categorias do sistema de castas estavam gradualmente se reduzindo a duas categorias básicas: as pessoas que se autodenominavam "decentes", em sua maioria brancas, no topo da hierarquia, e as pessoas comuns.*el*

*povoado*em espanhol,*o mentos*Em português, abaixo. As pessoas ditas decentes patrulhavam zelosamente os perímetros de seu espaço social privilegiado. Joias de diamantes ou uma carruagem ostentosa com cavalos combinando, conduzida por um criado uniformizado, podiam ajudar as filhas de um general mestiço a entrar no mundo da "decência", por assim dizer, mas aqueles que já estavam dentro exigiam dos recém-chegados padrões rígidos de comportamento e moda. As filhas do general mestiço podiam comprar os tecidos mais caros para seus vestidos, mas será que tinham o modelo parisiense mais moderno? Conheciam a etiqueta adequada para bailes? Sabiam tocar piano? Se sim, quão bem?

Assim como no período colonial, as normas europeias definiam o que era “civilizado”, “elegante” e, em última instância, “decente” aos olhos dos latino-americanos pós-coloniais. Aqueles no topo da hierarquia social e mais conectados com a Europa obviamente detinham as cartas vencedoras nesse jogo de hegemonia cultural. Estaria a América Latina simplesmente passando de um colonialismo formal e explícito para um tipo mais sutil? De certa forma, era exatamente isso que estava acontecendo.

De modo geral, os estados latino-americanos tiveram um início conturbado entre 1825 e 1850. Economicamente, foram anos de estagnação; politicamente, anos de instabilidade. Os liberais não conseguiram criar comunidades políticas inclusivas, estados governados pela lei e com cidadãos iguais. Em meados do século, os velhos hábitos de hierarquia pareciam ter triunfado na maior parte da América Latina sobre os sonhos liberais de transformação. A longo prazo, porém, a maré da história favoreceu a mudança. Quando os liberais recuperaram o fôlego após 1850, tiveram muito mais sorte.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

pós-colonialismo ,pág. 129

política de clientelismo ,pág. 134

liderança caudilho ,pág. 134

João Manuel de Rosas ,pág. 135

Antonio López de Santa Anna ,pág. 137

Francisco Morazán ,pág. 139

Pedro I ,pág. 142

regência (Brasil) ,pág. 144

costumbrismo ,pág. 147

Guerra de Castas de Yucatán ,pág. 149

Imperatriz Leopoldina ,pág. 151

Manuela de Rosas ,pág. 152

guano ,pág. 159

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Quais foram as dificuldades enfrentadas pelos países latino-americanos recém-independentes nas décadas de 1830 e 1840?
2. Por que a primeira geração de liberais não conseguiu atingir seus objetivos, o que levou a uma reação conservadora em meados do século?
3. De que forma a liderança caudilha explica a turbulência no início da República Espanhola?
4. Você pode comparar o cenário no início da independência do Brasil, que permaneceu uma monarquia?
5. Quais padrões sociais, econômicos e culturais apresentaram continuidade com os tempos coloniais, apesar das mudanças políticas?

Glossário

pós-colonialismo

O efeito persistente da colonização anterior em nações que conquistaram sua independência formal. Na América Latina, a língua, as leis, a religião e as normas sociais implantadas pelos colonizadores espanhóis e portugueses permaneceram praticamente inalteradas entre 1825 e 1850, tornando os novos países politicamente independentes... *pós-colonial*Em termos culturais. Veja*neocolonialismo*. João Manuel de Rosas

Um caudilho que dominou a Argentina de 1829 a 1852. Ele era um fazendeiro da fronteira pecuária cujas milícias se provaram um recurso valioso durante seu governo, quando usou meios violentos contra os oponentes e empregou imagens políticas e propaganda em massa para consolidar sua posição.

Antonio López de Santa Anna

Um caudilho mexicano extravagante e herói de guerra, ele tomou o poder político em 1834 e se autoproclamou presidente diversas vezes ao longo de sua carreira de quase quarenta anos.

Francisco Morazán

Caudilho nascido em Honduras, cujas ligações com a França e convicções federalistas eram típicas dos liberais centro-americanos do início do século XIX.

Pedro I

O primeiro monarca do Império do Brasil independente, que se separou de Portugal em 1822. Pedro nasceu príncipe da dinastia Bragança, que governava Portugal, e liderou a independência brasileira com o apoio de seu pai, o rei João de Portugal.

regência

Aqueles que governam em nome de um monarca incapaz de governar pessoalmente por qualquer motivo, geralmente idade ou doença. Os regentes governaram em nome do príncipe Pedro, ainda menor de idade, durante a década de 1830. Quando ele foi coroado Pedro I em 1840, a regência deixou de existir.

costumbrismo (Espanha)

Uma forma artística e literária dedicada a retratar (e, portanto, definir) os costumes e modos de vida nacionais em meados do século XIX.

Guerra de Castas de Yucatán

A rebelião indígena mais prolongada da América Latina no século XIX. O povo maia se levantou, inspirado por mensagens religiosas proféticas de uma cruz falante, para purificar suas terras de intrusos brancos e mestiços. Eles se autodenominavam Cruzob, um termo maia/espanhol que significa “povo da cruz”.

Imperatriz Leopoldina

Leopoldina, esposa de Pedro I, desempenhou um papel crucial em convencer Pedro a declarar a independência do Brasil. Sua morte, devido a complicações na gravidez, abriu caminho para a queda de Pedro I.

Manuela de Rosas

Filha do ditador argentino Juan Manuel de Rosas, que ajudou a gerir as relações públicas do regime do pai.

guano

Excrementos de morcegos e aves marinhas que servem como fertilizante de alta qualidade, famosos por impulsionar um "boom de exportação de guano" em meados do século XIX no Peru.

patrocínio

a concessão de benefícios por uma pessoa mais rica ou mais poderosa, um patrono (*patrono*em espanhol,*patrão*(em português), para uma pessoa

mais abaixo na hierarquia social. O patrocínio é retribuído com lealdade e diversos serviços. Veja *clientes*. caudilho (Espanha)

Um líder político forte que inspira lealdade pessoal em muitos seguidores. Meados do século XIX foi o auge de *caudilismo* Embora o Brasil também tenha tido líderes fortes, *caudilismo* teve uma atuação mais incisiva na América espanhola.

CONTRACORRENTES

O PODER DOS FORA DA CASA

As setas no mapa indicam as forças de invasão dos EUA avançando pelo território disputado e pelo México. A área a oeste dos estados de Iowa, Missouri, Arkansas e Louisiana está identificada como território não organizado dos Estados Unidos. A parte leste do atual Texas está identificada como estando em revolta contra o México. As forças de invasão dos EUA avançaram para sudoeste a partir do Texas e do Missouri por terra e encontraram forças que se deslocavam para oeste a partir do Golfo do México, no México. Outras forças avançaram diretamente do Texas para a Cidade do México por via marítima. Forças separadas viajaram para o norte ao longo da costa oeste da América Latina até a Califórnia. As forças que vieram do Missouri se dividiram em duas rotas, e uma seguiu para oeste em direção à Califórnia para encontrar as forças na costa. A área do território disputado era composta pelos atuais estados do Colorado, oeste do Texas e Novo México.

Apenas Cuba e Porto Rico permaneceram colônias declaradas, mas toda a América Latina continuou cultural e economicamente voltada para o mundo exterior, altamente receptiva à influência europeia, especialmente da França e da Inglaterra. Espanha e Portugal conservaram pouco prestígio e, em vez disso, atraíram o desprezo raivoso dos liberais latino-americanos, que culpavam a colonização ibérica pelos problemas que consideravam existir em suas sociedades. Os conservadores eram um pouco mais simpáticos às "metrópoles", mas não muito.

Por outro lado, tanto liberais quanto conservadores consideravam os Estados Unidos dignos de imitação. Mas sua admiração era cautelosa, e com razão, como veremos. Os comerciantes americanos começaram a operar na América Latina logo após a independência. Sua presença era, de fato, bem-vinda. Desde 1823, o governo americano também promovia uma visão diplomática de solidariedade hemisférica, em grande parte interesseira, a Doutrina Monroe, que defendia a “não interferência europeia” nas Américas. Inglaterra e França prestaram pouca atenção. Como a influência americana empalidecia diante do formidável poder comercial e naval da Grã-Bretanha no século XIX, a Doutrina Monroe permaneceu praticamente teórica por décadas. Tampouco as conquistas culturais da

Os Estados Unidos rivalizam com a Inglaterra ou, especialmente, com a França aos olhos da América Latina. Mas o comércio americano se fortaleceu com o passar dos anos, assim como a aura de tecnologia e prosperidade dos EUA.

Juntos, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França começaram a definir a nova relação da América Latina com o mundo exterior. Como personificações da Civilização e do Progresso, tornaram-se modelos de tudo aquilo que, pelo menos segundo os liberais, a América Latina deveria aspirar a ser. Além disso, os comerciantes desses países ofereciam de bom grado a aparência e a sensação de progresso, já prontas, bastando que os latino-americanos tivessem francos, dólares ou libras esterlinas suficientes para comprá-las. De modo geral, porém, as economias latino-americanas eram frágeis nas primeiras décadas após a independência, exportando e importando pouco.

Uma exceção famosa é o Peru.*guano*Boom. Outrora o poderoso centro da América do Sul hispânica, com seu próprio nome sinônimo de prata, o Peru havia sofrido uma série de turbulentos caudilhos militares após a independência. Mas já na década de 1840, um novo produto de exportação salvou a fortuna peruana ou, mais precisamente, a fortuna do "povo decente" de Lima. Esse produto era o guano, o antigo fertilizante dos tempos incas, excremento de aves marinhas, que se acumulara por milhares de anos em ilhas costeiras onde as aves nidificavam. Fácil — ainda que não exatamente agradável — de extrair, os depósitos de guano formavam grandes montes, prontos para serem carregados a bordo dos navios, e os agricultores europeus não se fartavam do fertilizante rico em nitrogênio. A exportação de guano exigia um capital substancial para navios, tripulações, instalações e trabalhadores, mas os capitalistas britânicos a viam como um investimento seguro. Os exportadores britânicos de guano operavam em alto-mar, chegando a trazer trabalhadores da China para manter o processo totalmente sob controle externo. O governo peruano, por sua vez, recebia uma parte direta dos lucros, geralmente mais da metade, porque as ilhas de guano eram propriedade do governo. À medida que as receitas de exportação do Peru dobravam repetidamente, o governo nacional, antes assolado pela pobreza, viu-se em uma verdadeira mina de ouro.

O dinheiro do guano foi imediatamente usado para construir uma das primeiras ferrovias da América Latina. Lima ganhou iluminação pública a gás e outras infraestruturas urbanas.

melhorias, sem falar nos empregos públicos para as “pessoas decentes”, um tipo de crescimento impulsionado pelas exportações que se tornou comum na América Latina como um todo apenas meio século depois. Mas agora (ou mais tarde), pouco dessa prosperidade chegou ao outro Peru — o*serra*As terras altas andinas que se elevam abruptamente atrás de Lima e a estreita planície costeira. Como o governo peruano não dependia mais da prata andina nem do imposto per capita pago pelos povos indígenas da serra, podia se dar ao luxo de negligenciar essa região. Isso também era um presságio do futuro. O progresso, quando finalmente chegasse, seria distribuído de forma muito desigual na América Latina.

Durante as décadas de 1830 e 1840, Inglaterra, França e Estados Unidos ocasionalmente enviavam canhoneiras e desembarcavam soldados nas costas da América Latina, às vezes para proteger seus cidadãos (a comunidade mercantil), outras vezes para "punir" os governos latino-americanos por algum motivo (como a falta de cooperação na cobrança de dívidas com cidadãos estrangeiros). Incidentes dessa "diplomacia das canhoneiras" tornaram-se comuns, especialmente em países indefesos do Caribe e da América Central. Algumas invasões de maior escala também ocorreram. Tanto Rosas quanto Santa Anna conquistaram glória patriótica ao derrotar as forças expedicionárias europeias, como vimos. De longe, a maior intervenção externa antes de 1850, no entanto, foi a guerra dos EUA contra o México, desencadeada por um território mexicano rebelde chamado Texas.

O governo mexicano cometeu um grande erro quando, logo após a independência, permitiu que sulistas americanos escravistas se estabelecessem no Texas. Quando os centralistas mexicanos tentaram limitar a autonomia do Texas, esses colonos, que eventualmente superaram em número os mexicanos, se rebelaram e, em 1836, declararam o Texas uma república independente. Eles estavam determinados a preservar a escravidão, que o México havia abolido formalmente em 1829. Embora derrotados na famosa batalha do Álamo, os anglo-texanos venceram a guerra e permaneceram independentes por quase uma década. O México, contudo, não reconheceu a independência do Texas, e assim, quando o Texas se tornou um estado americano em 1845, logo irromperam conflitos.

Mais uma vez. Os mexicanos temiam o desejo dos EUA de adquirir mais terras mexicanas, especialmente a Califórnia, mas o México era fraco demais para se defender dos Estados Unidos. Em 1848, as tropas americanas ocuparam a Cidade do México e tomaram grandes espólios de guerra: o controle total ou parcial dos futuros estados do Novo México, Arizona, Nevada, Colorado e Utah, além da Califórnia e, claro, do Texas. Embora pouco povoadas, essas terras representavam cerca de metade das reivindicações territoriais do México. A heroica (e suicida) resistência final dos cadetes militares mexicanos contra os soldados americanos tornou-se um poderoso símbolo patriótico no México, e a admiração inicial dos mexicanos pelos Estados Unidos assumiu os tons mais sombrios de uma relação de amor e ódio.

6 PROGRESSO

Em 1850, o conservadorismo latino-americano estava em seu auge. Então, ao longo do quarto de século seguinte, os liberais fizeram um retorno impressionante e lideraram um longo período de expansão econômica impulsionada pelas exportações. Finalmente, os países latino-americanos estavam plenamente integrados ao livre fluxo do comércio internacional. As transformações sociais e econômicas que os liberais tanto almejavam em 1825 finalmente ganharam impulso.

O retorno do liberalismo foi, em parte, um simples movimento de retorno do pêndulo. Qualquer ideologia oficial, qualquer grupo governante, tende a se descredibilizar após décadas no poder. A rejeição conservadora dos sonhos utópicos liberais havia prometido “um retorno à sanidade” na década de 1830, um restabelecimento tranquilizador da ordem, um apelo otimista aos valores tradicionais. Mas as virtudes da segurança se desvaneceram com o passar dos anos e os benefícios da paz pareceram cada vez mais escassos. Gradualmente, todos aqueles fora do círculo privilegiado do clientelismo oficial começaram a ansiar por uma mudança. Talvez, pensavam cada vez mais latino-americanos, os sonhos liberais de uma sociedade transformada não fossem tão insensatos, afinal. Os latifundiários queriam a oportunidade de vender café, couro ou tabaco no mercado internacional. As classes médias urbanas queriam ruas pavimentadas e bibliotecas, esgoto e parques. Muitos depositaram suas esperanças nas novas energias que surgiam na economia internacional após 1850.

A Revolução Industrial estava se acelerando na Europa e nos Estados Unidos durante o período de 1850 a 1875. Os industriais consideravam a América Latina um mercado potencial para seus produtos manufaturados. Os trabalhadores industriais europeus e americanos constituíam um mercado para o açúcar e o café cultivados na América Latina. Especialmente na Inglaterra, que, ao contrário dos Estados Unidos, não teve uma guerra civil para desviar seus investimentos nesses anos, os lucros industriais geraram mais capital do que podia ser reinvestido.

A seca de investimentos que assolava a América Latina havia chegado ao fim com uma chuva de capital internacional. Governos contraíram empréstimos, assim como empresários que desejavam construir ferrovias ou instalações portuárias. A Revolução Industrial, a mecanização da manufatura, ainda não havia começado na América Latina. Fábricas eram raras. Mas a tecnologia a vapor do século XIX revolucionou a conexão da América Latina com o mundo exterior.

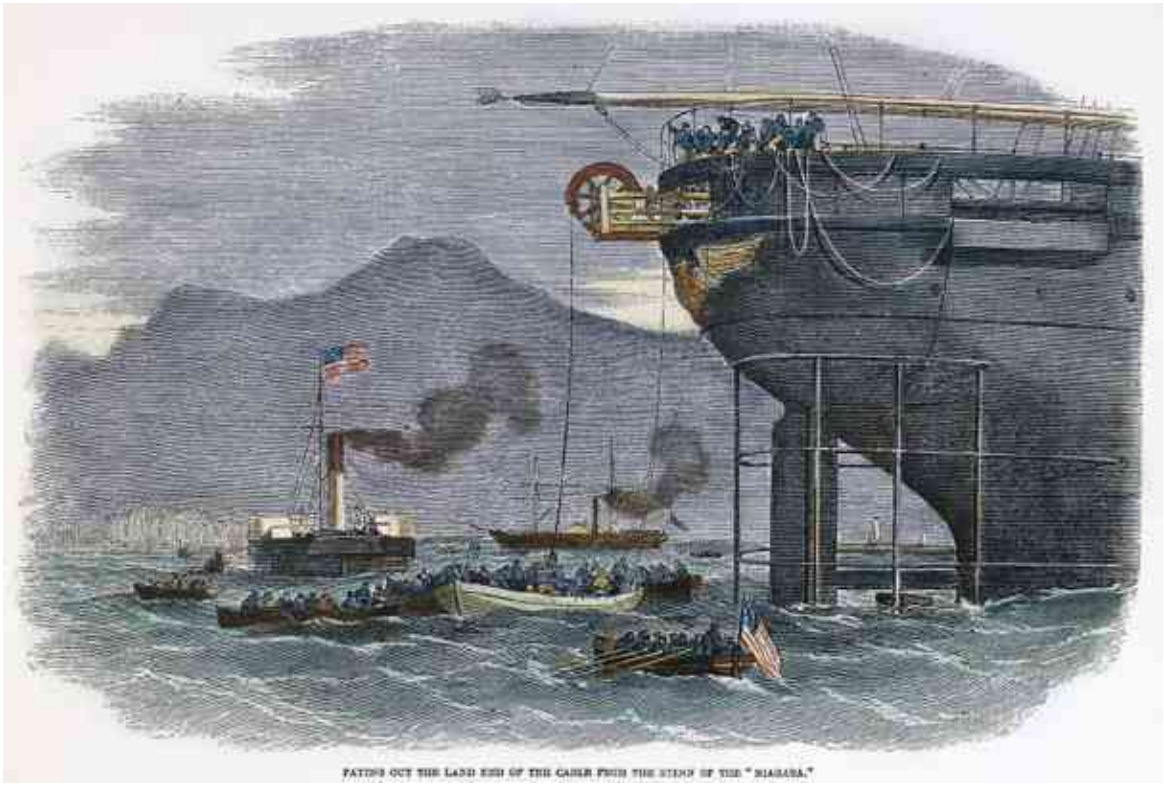
A revolução dos transportes na América Latina significou, acima de tudo, navios a vapor e ferrovias. Os veleiros de madeira estavam à mercê dos ventos inconstantes e transportavam menos carga do que os navios a vapor com casco de ferro que gradualmente os substituíram. Os vapores cortavam as ondas mais rápido e com mais segurança do que os veleiros. Os trens a vapor acabariam por transformar o transporte terrestre, que dependia principalmente de mulas ou carroças puxadas por bois. Em geral, mulas e carroças limitavam a agricultura de exportação lucrativa às planícies costeiras. As ferrovias custavam muito para serem construídas, mas, uma vez construídas, abriam o acesso a áreas enormes, criando pequenos polos agrícolas em praticamente todas as localidades ao longo de seus trilhos. Como se o vapor não bastasse, as linhas telegráficas, capazes de transmitir mensagens escritas instantaneamente, introduziram outra maravilha tecnológica do século XIX: a eletricidade. Instalar fios era mais fácil do que assentar trilhos, explodir túneis e erguer pontes, então as linhas telegráficas muitas vezes superavam as linhas férreas. Em 1874, um cabo telegráfico transatlântico já havia sido instalado no fundo do Oceano Atlântico, conectando o Brasil à Europa.

As novas tecnologias transformaram as comunicações perigosas, imprevisíveis e caras da América Latina com o resto do mundo. Esse mundo logo começaria a exigir atenção, e a elite latino-americana, para quem a Europa continuava sendo um farol cultural, começou a se sentir nervosa com essa perspectiva. Afinal, as “pessoas decentes” reivindicavam prioridade social por causa de sua origem e cultura europeias. Mas como se sairiam na presença da cultura europeia autêntica? Os europeus zombariam das tentativas das “pessoas decentes” de imitá-las? Encontrariam os países latino-americanos desprovidos de...*Progresso*?

FERROVIAS E CAVALETES Criou infraestrutura de transporte crucial para as economias de exportação da América Latina, no México e em outros lugares, em meados e no final do século XIX.

Progresso (com P maiúsculo) foi o grande tema do Ocidente no século XIX. As revoluções industrial e dos transportes reorganizaram drasticamente as sociedades e afetaram a vida de todos, de uma forma ou de outra. Mesmo quando as pessoas sofriam como consequência, elas se maravilhavam com a mudança. De alguma forma, a ideia de um avanço tecnológico inevitável e invencível — uma noção que ainda persiste hoje — já havia se apoderado do imaginário popular. Em uma celebração para inaugurar a ferrovia da Cidade do México até a cidade vizinha de Texcoco, as pessoas espalharam flores nos trilhos em frente à locomotiva que chegava. Eis uma nova ideia hegemônica para substituir a antiga versão colonial. Em um mundo

Onde o progresso parecia imparável, a elite latino-americana bem informada queria fazer parte dele. Como outras classes dominantes no Ocidente, eles se preocupavam com o materialismo moderno corroendo os valores tradicionais, mas mesmo assim o abraçaram. Exportar algo em troca de libras esterlinas, dólares ou francos era a maneira óbvia de satisfazer seu desejo de estarem atualizados em termos europeus. Afinal, os lucros das exportações podiam comprar arame farpado, máquinas de costura e motores a vapor. Em outras palavras, os lucros das exportações podiam literalmente importar o progresso, ou assim acreditava a elite.



O CABO TELEGRÁFICO TRANSATLÂNTICO. Juntamente com o advento dos navios a vapor, a instalação de cabos telegráficos no fundo do oceano constituiu outra inovação nas comunicações, ligando a América Latina à Europa e aos Estados Unidos em meados e no final do século XIX.

Em meados do século XIX, o Progresso estava se tornando uma espécie de religião secular, e os liberais eram seus profetas. Em 1810, a visão deles sobre o progresso era...

A ênfase era política: repúblicas, constituições, eleições. Como se viu, esse tipo de progresso atolou-se num emaranhado de interesses conflitantes. O progresso tecnológico, por outro lado, ainda gozava de uma reputação invencível, e os liberais latino-americanos colheram os frutos do enorme poder de persuasão dessa ideia. Os anos de 1850 a 1875 testemunharam uma profunda transformação política em toda a América Latina, à medida que a inevitabilidade do Progresso se tornou puro senso comum para a elite intelectual. As pessoas continuaram a seguir caudilhos e patronos. Os interesses econômicos ainda colidiam. Mas, em toda a América Latina, os liberais levaram vantagem ao surfar na onda do futuro.

Famílias em ascensão social tendiam a se filiar ao Partido Liberal, enquanto famílias com status social consolidado tendiam a se filiar ao Partido Conservador. A oposição à Igreja Católica — sua riqueza, seu poder e seus abusos — continuava sendo o critério decisivo para os liberais. Em essência, os liberais sempre representaram a mudança, e a Igreja simbolizava o passado colonial. Para os conservadores, que se lembravam dos tempos coloniais como uma era pacífica em que os mestiços arrogantes conheciam seu lugar, o passado era atraente. Mas o passado era o oposto do progresso. E, depois de meados do século, o progresso parecia imbatível. A sempre dramática história do México oferece um excelente exemplo disso.

BENITO JUÁREZ.O grande presidente liberal do México, contemporâneo e amigo de Abraham Lincoln, era um aldeão indígena zapoteca que aprendeu espanhol na adolescência. Juárez representa o triunfo arduamente conquistado pelo liberalismo mexicano em meados do século. O liberalismo havia incentivado a ascensão de alguns homens talentosos, mestiços e até mesmo indígenas, como Juárez, embora as classes altas permanecessem predominantemente brancas e o prestígio das ideias racistas estivesse em ascensão internacionalmente quando esta gravura foi feita, no século XIX.

1855

Lei Juárez no México

1861

Avanços liberais na Colômbia e no Chile

1868

Sarmiento torna-se presidente da Argentina.

1874

Cabo transatlântico conecta região à Europa

1888

A escravidão foi abolida no Brasil.

REFORMA LIBERAL DO MÉXICO

Em nenhum lugar a igreja colonial fora tão suntuosa, tão onipresente na vida das pessoas quanto no México. A Igreja mexicana possuía vastas propriedades, imóveis legados em testamentos ou tomados como garantia para empréstimos ao longo dos séculos, quando a Igreja era a principal instituição de empréstimo do México. Essa propriedade acumulou-se constantemente, porque a Igreja era uma proprietária de terras que nunca morria e, portanto, seus bens nunca eram divididos entre herdeiros. Em meados do século XIX, a Igreja possuía cerca de metade das melhores terras agrícolas do México, além de mosteiros, conventos e outros imóveis urbanos, sem mencionar os próprios edifícios da igreja. Especialmente no centro e sul do México, a sociedade rural era organizada em torno de aldeias agrícolas, e cada uma delas em torno de uma igreja. Geralmente, o padre era um líder local e, às vezes, um pequeno tirano. De acordo com a lei espanhola tradicional, ainda em vigor, o clero gozava de uma ampla isenção legal chamada de*fora*E os padres das paróquias muitas vezes se sustentavam cobrando taxas por seus serviços religiosos. Além disso, os mexicanos eram legalmente obrigados a pagar um décimo de sua renda à Igreja como dízimo.

LIBERALS VS. CONSERVATIVES AT MID-CENTURY
Wars of Reform and Intervention 1850s, 1860s
CONFLICTS THROUGHOUT REGION
Brazilian Regional Rebellions 1830s, 1840s
Wars against Rosas 1840s, 1850s

> As Guerras de Reforma e Intervenção das décadas de 1850 e 1860 ocorreram no México, na América Central e no noroeste da América Latina. As revoltas regionais brasileiras das décadas de 1830 e 1840 ocorreram ao longo da costa leste da América Latina. Há dois locais no Uruguai e na Argentina onde ocorreram as Guerras contra Rosas nas décadas de 1840 e 1850. Outros conflitos em toda a região ocorreram ao longo da costa oeste da América do Sul.

A era da independência foi um período de padres progressistas como Hidalgo e Morelos, mas estes pareciam ter desaparecido em meados do século, quando o próprio papa liderou um contra-ataque espiritual contra o evangelho do Progresso. Os europeus chamaram isso de conservadorismo eclesiástico. *ultramontano*porque emanava de além dos Alpes, ou seja, de Roma. O conservadorismo ultramontano tornou-se então política oficial da Igreja Católica, e clérigos assertivos, especialmente uma onda de padres militantes que chegaram da Espanha nesses anos, recusaram-se a aceitar o controle do governo sobre os assuntos eclesiásticos. Toda a América espanhola e o Brasil também sentiram o impacto do conservadorismo ultramontano, mas, novamente, em nenhum lugar o sentiram tanto quanto no México.

Religião e política sempre caminharam juntas no México. A linguagem das lutas pela independência mexicana, anos antes, era permeada pela religião, e mesmo a maioria dos liberais das décadas de 1830 e 1840 considerava a Igreja uma parte necessária da ordem social do país. Então, à medida que a Igreja de meados do século se tornou explicitamente antiliberal, os liberais se tornaram mais antiigreja. Isso não os tornou necessariamente irreligiosos — embora alguns o fossem. O proeminente liberal mexicano Melchor Ocampo, por exemplo, causou grande escândalo ao anunciar a inexistência de Deus. Em sua maioria, os liberais mexicanos direcionavam sua raiva contra a Igreja Católica como instituição; eles eram mais anticlericais do que antirreligiosos. A riqueza improdutiva da Igreja e as isenções do "fuero" (exílio religioso) de que gozavam os clérigos eram afrontas ao Progresso, argumentavam os liberais. A raiva do anticlericalismo liberal se manifesta em uma história (verdadeira ou não) que Ocampo gostava de contar sobre um

Um padre se recusou a enterrar um menino morto na igreja até que a família pagasse seus honorários. Questionado pelo pai do menino sobre o que deveria fazer, o padre respondeu: “Por que vocês não o salgam e o comem?”. Para os conservadores mexicanos, por outro lado, religião, igreja e clero eram a mesma coisa. “Religião e Fueros!” tornou-se seu grito de guerra.

Quando os liberais mexicanos iniciaram sua grande revolta de meados do século — o começo de um período inteiro chamado Reforma — o presidente era, mais uma vez, o velho caudilho Antonio López de Santa Anna, que havia trabalhado para impedir mudanças por uma geração. Santa Anna finalmente partiu para o exílio em 1855. Se Santa Anna representa a política mexicana tradicional no início do período pós-independência, os liberais que se uniram contra ele representam um México alternativo. À frente deles estava Juan Álvarez, um caudilho mestiço aguerrido das montanhas acidentadas do sul indígena. Álvarez era patriota desde a década de 1810, quando Santa Anna ainda era monarquista. Agora, um homem idoso e sem muita experiência política, Álvarez tornou-se o presidente figurativo após a partida de Santa Anna. Mas os verdadeiros cruzados liberais de meados do século eram homens mais jovens, instruídos, eloquentes e conhecedores das leis. Um deles era Melchor Ocampo, já mencionado. Assim como Álvarez, Ocampo era mestiço, um homem de origem humilde, mas de talento extraordinário — cientista amador, economista, linguista, dramaturgo e advogado. Ocampo exemplifica um tipo específico de liderança liberal: homens jovens, urbanos, mestiços e ambiciosos, para quem o progresso representava ascensão pessoal. Benito Juárez, a primeira pessoa de ascendência indígena a se tornar governador de um estado mexicano, também oferece um exemplo atípico, porém altamente simbólico.

Juárez, assim como Ocampo, era órfão e não tinha para onde ir na vida a não ser para cima. Aos doze anos, cansado de cuidar das ovelhas do tio nas montanhas, deixou sua aldeia zapoteca e viajou para a cidade de Oaxaca, onde sua irmã trabalhava como cozinheira. Lá, vestiu roupas europeias (tornando-se famoso, aliás, pela formalidade implacável de seu casaco preto), aperfeiçoou seu espanhol,

e, eventualmente, estudou direito no recém-criado Instituto de Artes e Ciências de Oaxaca, uma instituição pública que existia graças ao governo liberal mexicano pós-independência. Juárez exerceu a advocacia em Oaxaca, chegando a representar moradores pobres de vilarejos contra um padre supostamente abusivo, um caso que o levou à prisão por alguns dias. Posteriormente, foi eleito para a Assembleia Legislativa estadual e para o Congresso Nacional, servindo por cinco anos como governador de Oaxaca. Mas Juárez deixou sua identidade zapoteca para trás ao vestir seu casaco preto. Ele não representava os interesses dos zapotecas em particular, nem dos povos indígenas como um todo. Chamá-lo de*índio*Era para insultá-lo, e às vezes ele usava pó de arroz para clarear sua tez escura. No entanto, todos em Oaxaca — e, um dia, todos os mexicanos — sabiam de onde Benito Juárez vinha. Seus inimigos podiam chamá-lo de "um macaco vestido de Napoleão", mas para muitos mexicanos, a ascensão pessoal de Benito Juárez confirmou a promessa do liberalismo.

Entre os primeiros decretos da Reforma Liberal estava a Lei Juárez (1855), que atacou os fueros militares e eclesiásticos e colocou seu autor em evidência nacional. Poucos meses depois, os liberais decretaram a Lei Lerdo (1856), abolindo a posse coletiva de terras. A Lei Lerdo atingiu principalmente a Igreja, que agora teria que vender suas vastas propriedades, mas seu efeito secundário foi o de colocar em risco as terras comunais das aldeias indígenas. O credo da Reforma consagrava o esforço individual, a propriedade e a responsabilidade. Segundo os liberais, distribuir as terras das aldeias para famílias individuais como propriedade privada motivaria cada família a trabalhar mais devido ao egoísmo inerente à natureza humana. Mas os aldeões indígenas tinham sua própria visão e acreditavam que as terras comunais os beneficiavam. Por essa razão, alguns aldeões indígenas se uniram ao grupo "povo decente" e a outros conservadores sob a bandeira de "Religião e Fueros" e se opuseram à Reforma Liberal da década de 1850.

A Reforma durou apenas alguns anos antes que um general conservador assumisse a presidência e dissolvesse o Congresso em 1858. Uma guerra civil em grande escala eclodiu então. Os refugiados fugiram em direção aos redutos liberais no

Nas cidades mineiras mestiças do norte do México, os reformistas escolheram Benito Juárez para comandar suas forças. Fizeram uma boa escolha, pois até mesmo aqueles que não gostavam de Juárez respeitavam sua determinação. Os conservadores controlavam a maior parte do exército, mas os liberais agora gozavam de amplo apoio popular. O governo de Juárez logo retomou a Cidade do México, mas os problemas dos liberais não haviam terminado. A guerra civil havia levado o Estado mexicano à falência, e Juárez suspendeu o pagamento da dívida externa. França, Espanha e Grã-Bretanha retaliaram ocupando Veracruz em conjunto. A princípio, essa ocupação pareceu apenas mais um episódio da diplomacia das canhoneiras. Os franceses, no entanto, tinham um motivo oculto.

Em desespero, os conservadores mexicanos derrotados recorreram à sua arma secreta: um monarca. Napoleão III da França queria expandir a influência francesa na América Latina. De fato, os franceses inventaram o nome "América Latina" durante esses anos como uma forma de fazer com que sua influência parecesse natural. Antes de meados do século XIX, falava-se de México, Brasil ou Argentina, e também de "América", mas nunca de "América Latina". Como o francês, assim como o espanhol e o português, descende diretamente do latim, o termo "América Latina" implicava uma afinidade cultural com a França. Napoleão III prontamente forneceu aos conservadores mexicanos um potencial monarca obediente aos interesses franceses. O aspirante a imperador do México, Maximiliano, era um homem verdadeiramente bem-intencionado, pertencente a uma das maiores dinastias reais da Europa, os Habsburgos. Antes de aceitar o plano, Maximiliano perguntou sinceramente se o povo mexicano realmente queria um imperador. Os conservadores mexicanos, falsamente, asseguraram-lhe que sim.

Assim, as tropas francesas invadiram o México em 1862 e instalaram Maximiliano como imperador dois anos depois. Benito Juárez recuou para o norte para liderar a resistência. A invasão francesa alimentou uma reação nacionalista que ajudou Juárez. Numa tentativa de satisfazer os sentimentos patrióticos dos mexicanos, no seu primeiro dia de independência no México, Maximiliano fez uma peregrinação pública à igreja onde o Padre Miguel Hidalgo havia iniciado a luta pela independência em 1810. O imperador participou de

Um pouco de teatro político ao tocar o sino da igreja de Hidalgo e, em outras ocasiões, ao usar um poncho e exibir seu gosto pela comida mexicana. Mas o nacionalismo era uma questão perdedora para os conservadores neste caso. Juárez, zapoteca apesar do pó de arroz, era simplesmente um símbolo nacionalista mais convincente do que Maximiliano vestido de mariachi.

Além disso, Juárez encontrou um poderoso aliado nos Estados Unidos. A invasão francesa representava um desafio evidente à Doutrina Monroe. Napoleão III havia atacado durante a Guerra Civil Americana, quando havia pouco risco de interferência dos Estados Unidos. Em 1865, porém, essa guerra terminou, a ajuda americana a Juárez aumentou e Napoleão III decidiu retirar as forças francesas do que se tornara um empecilho dispendioso. Maximiliano permaneceu no México, onde foi capturado e executado. Ao enfrentar o pelotão de fuzilamento, entre suas últimas palavras estavam “¡Viva México!”. Sua esposa, a glamorosa Imperatriz Carlota, conseguiu escapar. Ela retornou à Europa, mas ficou insana pelo resto da vida.

Benito Juárez retornou à Cidade do México como presidente. Os conservadores mexicanos haviam se desonrado completamente ao convidar a invasão francesa. Eles jamais governariam o México novamente. Nem o catolicismo recuperaria sua antiga proeminência na sociedade mexicana.

OUTROS PAÍSES ADEREM À TENDÊNCIA LIBERAL

A Colômbia, o Chile e a América Central ilustram ainda mais a crescente popularidade do liberalismo em todo o hemisfério. A questão da Igreja foi especialmente crucial na Colômbia e no Chile.

Os liberais colombianos atacavam a Igreja desde os tempos de Bolívar. Depois veio a reação conservadora da geração pós-independência. Os governos da década de 1840 restauraram o fuero eclesiástico, que os liberais haviam eliminado, e até convidaram a ordem jesuíta a retornar à Colômbia. Os jesuítas, conhecidos por sua lealdade ao Vaticano, eram considerados católicos demais até mesmo para o Império Espanhol. Foram expulsos da América espanhola em 1767. Quando os liberais colombianos iniciaram seu retorno na década de 1850, expulsaram os jesuítas novamente e seguiram o protocolo anticlerical de sempre, abolindo o fuero, tornando o dízimo voluntário, insistindo no controle governamental sobre o clero católico e até legalizando o divórcio.

Em 1861, o caudilho colombiano Tomás Cipriano de Mosquera entrou em Bogotá à frente de um exército e inaugurou duas décadas sólidas de governo liberal. Mosquera era um caudilho hispano-americano clássico: um herói da independência, general aos trinta anos, sem qualquer idealismo político. Assim como Santa Anna, do México, Mosquera teve a peculiaridade de, eventualmente, ser presidente tanto de liberais quanto de conservadores.

No outro extremo da América do Sul, o Chile ostentava um ar majestoso e excepcional no século XIX. Numa época em que os palácios presidenciais pareciam ter portas giratórias e seus ocupantes raramente cumpriam um mandato completo, o Chile foi governado por apenas três presidentes, todos conservadores, cada um dos quais cumpriu dois mandatos consecutivos — dez anos completos — e nenhum dos quais foi deposto por uma revolução: Joaquín Prieto na década de 1830, Manuel Bulnes na década de 1840 e Manuel

Montt na década de 1850. O Estado chileno devia sua notável estabilidade principalmente ao seu excelente sistema de eleições fraudulentas. Ainda assim, os governos conservadores permitiam uma liberdade de pensamento e expressão incomum e supervisionaram um período de expansão das exportações. Este canto outrora remoto da América espanhola agora fervilhava com comerciantes europeus. E o que floresceu nessas condições? O liberalismo, é claro.

O Chile experimentou uma dose inicial de liberalismo revolucionário durante as lutas pela independência e na década de 1820, antes da ascensão dos conservadores ao poder, mas nada tão traumático quanto no México. O Chile era um lugar muito diferente do México. Sua pequena população indígena, hoje chamada Mapuche, descendentes dos Araucanos, que habitavam terras semissedentárias, vivia no extremo sul, além de uma linha de fortes. Os Mapuches não faziam parte da sociedade nacional. A principal classe proprietária de terras do Chile vivia em um vale central compacto, paralelo à costa. O trigo do vale central chileno encontrou um mercado de exportação vantajoso, assim como o cobre e a prata, logo após a independência, enquanto a economia mexicana continuava a definhar.

Assim como no México, os liberais chilenos fizeram da relação entre Igreja e Estado um tema central em meados do século XIX. Como a Igreja chilena nunca havia sido tão rica e poderosa quanto a mexicana, a questão não era tão acirrada no Chile. Ainda assim, a liberdade de culto constituía um valor fundamental do liberalismo. Uma religião oficial do Estado, segundo os liberais chilenos, era um resquício do colonialismo espanhol. Vários liberais chilenos escreveram veementes denúncias contra tudo o que fosse espanhol, que, a seu ver, era contrário ao Progresso e à Civilização.

O progresso já dava os primeiros sinais no Chile na década de 1850. Montt, o presidente da época, havia sido ministro da educação e liderou muitos projetos progressistas, incluindo ferrovias, telégrafos, sistemas de abastecimento de água e escolas. Gradualmente, a agenda conservadora foi se distanciando da vida chilena. Assim, quando a Igreja chilena sentiu a influência militante do conservadorismo ultramontano, surgiram problemas. O próprio presidente Montt se envolveu em um conflito.

Com o arcebispo, e, ao final de seu segundo mandato em 1861, Montt favoreceu um candidato liberal à presidência. A mudança foi pacífica, mas decisiva. Os liberais chilenos permaneceram no controle por trinta anos de administração ordenada e progresso, durante os quais reduziram a influência da Igreja, modernizaram Santiago, a capital, e fraudaram eleições com a mesma habilidade dos conservadores que os precederam.

Como já deve estar claro, o ressurgimento liberal na América Latina após 1850 tem um caráter repetitivo. Pode ter sido turbulento, como no México e na Colômbia, ou pacífico, como no Chile. Mas, mais cedo ou mais tarde, os liberais tomaram o poder em todos os lugares. A história particular de cada nação conferiu um caráter e um momento específicos à ascensão do liberalismo. A história da Nicarágua, por exemplo, retardou temporariamente o liberalismo ao dar ao movimento Progressista uma má reputação.

De modo geral, a América Central repetiu o padrão básico de triunfo liberal. Em 1850, todas as repúblicas centro-americanas tinham governantes conservadores, sendo o mais poderoso o grande caudilho guatemalteco Rafael Carrera, mencionado no capítulo anterior. Em seguida, os liberais triunfaram em um país centro-americano após o outro. El Salvador, o tradicional bastião liberal do istmo desde a independência, liderou o caminho na década de 1850. Costa Rica, Guatemala e Honduras seguiram, após um certo atraso, na década de 1870. Apenas a Nicarágua resistiu à onda liberal; os liberais nicaraguenses haviam se desonrado, assim como os conservadores mexicanos na mesma época, ao convidar a intervenção estrangeira.

A busca por um monarca como Maximiliano, contudo, não era um estilo liberal. Em sua busca por aliados externos, os liberais nicaraguenses importaram algumas dezenas de aventureiros mercenários daquele bastião do liberalismo mundial, os Estados Unidos. Esses aventureiros eram liderados por um certo William Walker, um nome que as pessoas nos Estados Unidos parecem nunca se lembrar, mas que os centro-americanos jamais esquecerão. Walker era um cristão fundamentalista visionário do Tennessee e, aos seus próprios olhos, um missionário do Progresso.

O plano liberal fracassou quando Walker tentou, por iniciativa própria, colonizar a Nicarágua para os Estados Unidos. Com o apoio dos liberais e a força das armas, Walker se autoproclamou brevemente presidente da Nicarágua. Ele proclamou o Progresso, incluindo a liberdade de culto, a adoção do inglês e a concessão de terras para imigrantes americanos. Walker também legalizou a escravidão, que havia sido abolida na Nicarágua anos antes. O aventureiro Walker foi capturado e executado em 1860 por um exército conjunto da América Central, mas o mau rastro que deixou na Nicarágua impediu o Partido Liberal de chegar ao poder por décadas. A Nicarágua só aderiu à tendência liberal do hemisfério na década de 1890.

OS LIMITES DO PROGRESSO PARA AS MULHERES

O progresso pode ser interpretado de muitas maneiras, obviamente. O que ele significou para as mulheres? A longo prazo, o liberalismo levou a caminhos positivos para as mulheres, expandindo sua educação e suas oportunidades de vida. No entanto, em meados do século XIX, poucas mulheres latino-americanas se beneficiaram dessas mudanças. A educação para meninas se expandiu com extrema lentidão, e as paredes domésticas ainda limitavam a vida das mulheres casadas "decentes". Poucas, muito poucas, mulheres conseguiram desempenhar papéis de liderança na vida pública durante o século XIX. Aquelas que conseguiram, porém, puderam agradecer ao progresso liberal. Hoje, as vemos como pioneiras. Em sua época, a maioria das pessoas as considerava estranhas.

As poucas mulheres que se tornaram famosas por mérito próprio o fizeram no mundo das letras. Gertrudis Gómez de Avellaneda, por exemplo, deixou sua Cuba natal aos 22 anos e escreveu sua célebre poesia, peças e romances na Espanha, onde viveu o resto da vida; a literatura latino-americana, no entanto, a reivindicou cedo. Em 1841, ela publicou um romance que foi proibido em Cuba. A principal protagonista do romance*Sab*Sab é um escravo cubano apaixonado pela mulher branca que o possui. Ele é obrigado a vê-la casar-se com um inglês de olhos azuis, que o trata com crueldade, mas mesmo assim o escravo sacrifica a própria vida por ela. No final do romance, a mulher percebe a superioridade moral de Sab, apesar de sua condição de escravo. Assim como no romance*A Cabana do Pai Tomás* nos Estados Unidos,*Sab*Foi um argumento literário a favor da abolição da escravatura.

Em meados do século, os escravos nas plantações do oeste de Cuba produziam quase um terço de todo o açúcar vendido no mercado mundial. E Cuba ainda era uma terra de oportunidades para os ambiciosos espanhóis da Península Ibérica, desde duques e duquesas opulentos a burocratas reais autoritários e soldados e balconistas mal pagos. O governador real espanhol de Cuba governava

com mão de ferro, e quando um espírito patriótico cubano surgiu na década de 1860, ele o reprimiu brutalmente. Então começaram as próprias e extenuantes guerras de independência de Cuba. A primeira delas foi a Guerra dos Dez Anos, de 1868 a 1878, que as forças espanholas conseguiram conter no leste de Cuba, longe das grandes plantações, em parte construindo uma linha fortificada que atravessava toda a ilha. Durante a guerra, um jornal revolucionário cubano em Nova York republicou*Sab*Para leitores patriotas.

SENHORA EM UMA FILHA.O papel tradicional de uma "dama" era o ócio imposto. Em algumas partes do Brasil, as mulheres da elite nem sequer caminhavam por conta própria. A tarefa mais árdua de uma dama da alta sociedade era comandar criados, como os carregadores escravizados mostrados aqui.

Hoje em dia, o*Sab*Embora a história possa parecer um "conto de lágrimas" melodramático, as pessoas de meados do século XIX consideravam o romantismo sentimental profundamente comovente. O tema de*Sab*permitiu que os leitores cubanos explorassem o

O significado das divisões raciais da sociedade e a possibilidade de superá-las através do amor eram temas centrais. O tema do amor interracial era considerado escandaloso, especialmente o amor de um homem negro por uma mulher branca. Avellaneda quebrou normas sociais em seus escritos, assim como em seus próprios casos amorosos notórios com diversos homens. Mulheres que se tornavam figuras públicas já transgrediam as normas de gênero, e muitas vezes também desafiavam as convenções sexuais. Dizia-se que o espírito de Avellaneda era "masculino demais" para uma mulher.

A argentina Juana Manuela Gorriti foi outra das poucas mulheres latino-americanas cujo talento lhe rendeu fama no século XIX. Os escritos de Gorriti eram “femininos” e instrutivos, em vez de escandalosos. Mais do que Avellaneda, Gorriti se preocupava com questões femininas. É a sua vida, e não seus escritos, que nos inspira hoje.

Gorriti tinha apenas oito anos quando ingressou em um colégio interno. A política argentina interrompeu seus estudos em 1831, quando o caudilho Facundo Quiroga forçou sua família, de espírito liberal, a emigrar para a Bolívia. Aos quinze anos, conheceu e casou-se com um jovem moreno, Manuel Isidro Belzú, que um dia se tornaria presidente da Bolívia. Belzú era um capitão pouco conhecido na época, e a alta, talentosa e loira Gorriti era considerada uma ótima pretendente. Ela teve três filhas e também lecionou enquanto a carreira de Belzú progredia, mas ele a abandonou após nove anos de casamento.

Gorriti mudou-se para o Peru, onde voltou a lecionar e também começou a publicar. Sua estrela brilhou em Lima, onde se tornou uma jornalista influente. Ela também organizava regularmente eventos chamados *tertúlias* ou “salões”. Eram encontros noturnos onde homens e mulheres da alta sociedade de Lima discutiam literatura e o Progresso. Também apreciavam música e teatro amador, mas não dança, o evento principal em outros salões. Gorriti achava que as mulheres já dançavam o suficiente — o Progresso exigia atividades mais sérias. O salão literário de Gorriti a tornou uma figura célebre da vida pública de Lima. Ao contrário de suas tertúlias, os escritos jornalísticos de Gorriti eram voltados principalmente para mulheres. Eram didáticos, instruindo suas leitoras sobre o comportamento e as ideias apropriadas de uma mulher.

mulher moderna, muitas vezes inspirando-se em exemplos dos EUA ou da Europa.

A vida de Gorriti foi menos convencional do que seus escritos. Em 1866, quando uma expedição naval espanhola realizava diplomacia das canhoneiras nas costas do Chile e do Peru, bombardeou o porto de Lima, e Gorriti serviu como enfermeira pioneira no campo de batalha, à semelhança de Florence Nightingale. Nessa época, ela já havia se divorciado de Belzú (um escândalo, mesmo que ele a tivesse abandonado) e tido um filho sem se casar novamente. De alguma forma, seu status de mulher excepcional permitiu que ela fosse aceita pela alta sociedade. Em 1878, Juana Maria Gorriti retornou à Argentina — não à região remota onde nascera, mas a Buenos Aires, a capital do Progresso Latino-Americano. Buenos Aires a recebeu com pompa pública como uma das mulheres latino-americanas mais notáveis de seu século.

Antes de deixar Lima, Gorriti ajudou a lançar a carreira de uma escritora mais jovem e ainda mais importante. Clorinda Matto de Turner já havia causado sensação na Escola Nacional Feminina do Peru, onde buscava instrução extracurricular em disciplinas “pouco femininas”, como física e biologia. Ela tinha quase quinze anos quando se casou, em 1871. Turner era o sobrenome do marido; no uso tradicional, o sobrenome do marido era acrescentado ao da esposa usando a preposição [-turner].*de.*Assim Clorinda Matto tornou-se Clorinda Matto de Turner.

Matto de Turner escreveu*Pássaros sem ninho*(1889), um dos mais importantes romances latino-americanos antigos sobre povos indígenas. As visões literárias anteriores dos povos indígenas da América Latina os apresentavam como “selvagens” românticos de um passado quase mítico, mas o livro de Matto de Turner os retratava como peruanos pobres que habitavam o presente. Assim como Avellaneda*Sab*O romance narrava a história de um romance interracial — neste caso, entre um homem branco e uma mulher indígena. A mulher é órfã e seus pais morreram tentando se defender de abusos cometidos por brancos. Mais uma vez, um romancista latino-americano explorava — e buscava superar —

a profunda divisão racial de seu país. Embora branca e “decente”, Matto de Turner era da serra, da antiga capital inca de Cuzco. Ela considerava os povos indígenas os peruanos mais autênticos e lutou jornalisticamente em sua defesa. Como uma boa liberal de sua época, ela também lutou contra o que considerava a influência corruptora de padres imorais. Padres maus aparecem em vários de seus romances. De fato, o jovem branco e a jovem indígena, predestinados ao infortúnio, não podem se casar em*Pássaros sem ninho*Porque o pai de ambos, como acabam descobrindo com horror e lágrimas, é o mesmo padre mulherengo.

Assim como sua mentora Gorriti, Matto de Turner organizou um salão literário e fundou um periódico para mulheres. Ela também publicou artigos tão controversos que seu jornal foi queimado e ela própria foi formalmente expulsa da Igreja Católica. Em 1895, o governo do Peru a deportou. Assim como Gorriti, ela viajou para a Argentina, onde viveu o resto da vida como uma educadora respeitada.

As vidas dessas mulheres excepcionais direcionam nossa atenção para a educação e o letramento, para a questão racial e para a importância dos modelos estadunidense e europeu nas visões liberais de progresso. Veremos essas mesmas forças impulsionando o retorno do liberalismo na Argentina e no Brasil.

MODELOS DE PROGRESSO

Os líderes liberais argentinos estavam entre os mais eurocêntricos e com maior inclinação literária de todos. Três, em particular, representam o liberalismo argentino: Alberdi, Mitre e Sarmiento. Todos passaram longos anos no exílio durante a reação conservadora das décadas de 1830 e 1840, uma reação personificada na Argentina por Juan Manuel de Rosas. Durante os anos de Rosas, os intelectuais liberais argentinos se reuniram nas proximidades, no Uruguai e no Chile, indignados com Rosas e escrevendo literatura política apaixonada. Eram, acima de tudo, homens de palavras. Suas vidas exemplificam tanto a fascinação liberal por tudo o que era europeu quanto a estreita ligação do liberalismo com a cultura escrita — educação, livros, jornais. Muito além da fé liberal habitual no Progresso, os liberais argentinos dedicaram-se a transformar o povo argentino culturalmente, por meio da educação, e fisicamente, por meio da imigração europeia em massa.

Juan Bautista Alberdi, um homem que passou a maior parte da sua vida adulta no exílio, influenciou o liberalismo argentino apenas com as suas palavras. Nascido no interior, Alberdi estudou direito em Buenos Aires e tornou-se uma espécie de radical literário nos salões da década de 1830. Mas mesmo os liberais literários corriam o risco de sofrer represálias sob o regime de Rosas. Assim, Alberdi fugiu para Montevidéu, atravessando o Rio da Prata, onde dedicou-se a lançar bombas literárias contra Buenos Aires. Montevidéu fervilhava de exilados liberais. Era, de fato, um bastião liberal internacional, protegido pelas marinhas britânica e francesa e defendido por cruzados internacionais como o herói italiano Giuseppe Garibaldi. Alberdi passou quase dez anos do seu longo exílio, em parte autoimposto, no Chile.

Quando Rosas foi deposto em 1852, Alberdi publicou um tratado intitulado “Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina” e enviou cópias aos delegados que se reuniam para redigir uma nova constituição. Mas, como inimigos liberais de

Rosas retornou em massa para a Argentina, enquanto Alberdi permaneceu no Chile, eventualmente servindo como diplomata argentino na Europa, onde faleceu mais de vinte anos depois. Dadas suas evidentes preferências pessoais por tudo que fosse europeu, suas recomendações para a Argentina não deveriam surpreender ninguém. Alberdi instou o governo a incentivar a imigração europeia, não apenas porque a população argentina era pequena (menos de dois milhões), mas também porque os imigrantes europeus eram supostamente pessoas superiores, repletas de virtudes morais e habilidades valiosas para o mercado de trabalho. *Gobernar es poblar* "Governar é povoar", tornou-se o lema liberal. Alberdi também recomendou a educação moderna para transformar a cultura argentina e abri-la às influências europeias. Em vez de estudar latim para decifrar a sabedoria dos antigos, argumentava Alberdi, os argentinos deveriam aprender inglês, a língua da tecnologia e do comércio.

Bartolomé Mitre era um homem de ação. Era também um escritor "liberal" em todos os sentidos. Escreveu história, biografias, poesia, um romance, traduções espanholas de clássicos europeus — esse tipo de coisa, além de inúmeros editoriais políticos. Ao contrário do tímido Alberdi, Mitre também se destacava na oratória formal. Era um líder militar e um estadista, e ambos os talentos eram necessários na política argentina da década de 1850.

Mitre e Alberdi acabaram em lados opostos durante a década turbulenta que se seguiu à queda de Rosas. Concordavam em relação à imigração europeia e à educação pública; o que os separava eram as rivalidades regionais dentro da Argentina. Em questão, acima de tudo, estava a relação entre Buenos Aires (cidade e província) e as demais províncias argentinas.

A cidade de Buenos Aires — rica, altiva e dominadora — era a antiga corte vice-real e a porta de entrada da Argentina para o mundo. Ela eclipsava todas as outras cidades argentinas em importância política, demográfica e econômica. Situava-se na foz do grande rio Paraná, mas carecia de um bom porto. As águas ao largo de Buenos Aires eram tão rasas, na verdade, que os navios tinham que parar a seis ou sete milhas da costa e descarregar seus passageiros e mercadorias em barcos menores.

Os barcos tinham que parar a quarenta ou cinquenta metros da costa e descarregar em carroças parcialmente submersas na água rasa. Muita mercadoria e muitos passageiros ficavam encharcados no processo. Os pastos ao redor de Buenos Aires eram os mais produtivos do país, mas não eram as únicas terras férteis da Argentina.

Na década de 1850, a energia a vapor tornou viável a navegação de navios pelo rio Paraná, contornando a inconveniente Buenos Aires. Os habitantes do norte do país aplaudiram a decisão, mas Buenos Aires estava determinada a não ser ignorada. As tensões com o resto do país impediram a entrada de Buenos Aires na nova Confederação Argentina, estabelecida em 1853. Em vez disso, a Confederação estabeleceu sua capital a 480 quilômetros rio acima. Enquanto Alberdi representava a Confederação Argentina na Europa, Mitre servia Buenos Aires. A grande cidade e a província circundante permaneceram separadas do resto da Argentina até 1860. Quando as forças de Buenos Aires, lideradas por Mitre, finalmente derrotaram a Confederação, Mitre tornou-se presidente de uma Argentina unificada.

Outro anti-Rosas que retornou do exílio para servir à Buenos Aires independente (como diretor de escolas) foi Domingo Faustino Sarmiento, o liberal latino-americano mais influente de todos. Seu panfleto anti-Rosas, *Civilização e Barbárie: A Vida de Facundo Quiroga e a Geografia e os Costumes da República Argentina* (1845), escrito no Chile, tornou-se a denúncia clássica do domínio caudilho na América espanhola. Sarmiento abraçou a cultura internacional disponível por meio da escrita e da educação. Seu livro favorito, que ele estudava com a mesma dedicação que qualquer filadelfiano ou bostoniano, era o*Autobiografia*de Benjamin Franklin. No Chile, onde viveu grande parte das décadas de 1830 e 1840, Sarmiento trabalhou como professor, escriturário, capataz de mina e editor de jornal antes de se envolver na organização das escolas públicas chilenas. Ele estudava inglês à noite e o praticava traduzindo os romances de Sir Walter Scott. Sarmiento criou pessoalmente o primeiro livro de ortografia e o primeiro instituto de formação de professores no Chile, e viajou para os Estados Unidos e a Europa para estudar técnicas educacionais. Quando Mitre

Após se tornar presidente, Sarmiento retornou aos Estados Unidos como seu representante diplomático. Em 1868, ele sucedeu Mitre na presidência. — eleito, aliás, enquanto ainda estava nos Estados Unidos — e desembarcou em Buenos Aires com dez mulheres de Boston, às quais encarregou da formação de professores em cada uma das dez províncias da Argentina.

Os governantes liberais da Argentina promoveram uniformemente a educação pública, mas Sarmiento, acima de todos, a matrícula escolar quase dobrou durante seu mandato presidencial. Quase cem bibliotecas públicas foram criadas. E Sarmiento, por sua vez, escolheu seu ministro da educação para ser o próximo presidente. Além disso, os esforços liberais para promover a imigração foram bem-sucedidos. Imigrantes chegavam da Europa às centenas de milhares. A cultura e os europeus transformariam Buenos Aires em uma cidade mais parecida com Milão ou Paris do que com Caracas ou Lima.

Voltando-se para os modelos europeus, especialmente os ingleses e franceses, os liberais rejeitaram a cultura tradicional argentina, particularmente a cultura rural, por considerá-la insuportavelmente “bárbara”. Rejeitaram também a herança racial não europeia. Pessoas do campo, como os gaúchos, frequentemente tinham ascendência indígena e africana, além da europeia. Os liberais consideravam a miscigenação uma desgraça. As principais teorias científicas do século XIX defendiam premissas racistas. Gostemos ou não, isso era o Progresso, segundo os maiores especialistas da época. E, gostemos ou não, a maioria dos países latino-americanos apresentava muita miscigenação, como vimos. Eis a “tragédia nacional” enfrentada por tantos liberais eurocêntricos. Como lidariam com isso?

Infelizmente, Sarmiento, o grande educador, também personifica o lado mais sombrio do liberalismo latino-americano em seu pensamento sobre raça. Sarmiento foi o primeiro de muitos argentinos a construir uma reputação literária escrevendo sobre gaúchos. Em suas famosas descrições, os gaúchos são personagens perigosos, capazes de feitos incríveis, mas, como dinossauros imponentes, claramente fadados à extinção. Em 1861, Sarmiento escreveu palavras arrepiantes em uma carta a Mitre, palavras que justificavam medidas severas contra os seguidores de um grupo rebelde.

Caudilho do sertão: “Não tentem economizar o sangue dos gaúchos. É adubo [como o sangue dos animais do matadouro] que deve ser aproveitado pelo país. O sangue deles é a única parte humana.” Na verdade, Sarmiento tinha pouca fé na massa do povo argentino. Seu governo mantinha eleições fraudulentas como prática comum na política liberal argentina.

O Brasil tinha seus próprios problemas, tipicamente brasileiros, com o liberalismo. Ainda era uma monarquia e uma sociedade escravista, duas contradições óbvias ao pensamento liberal. O Brasil também tinha uma grande população livre de ascendência africana e mestiça, o que fazia com que os liberais modernos, influenciados pelo “racismo científico” europeu, balançassem a cabeça tristemente, como se anunciassem uma doença terminal para todo o país. Se o Brasil podia se tornar liberal, qualquer lugar podia.

Como frequentemente acontece, a guerra tornou-se um catalisador para a mudança. A Guerra da Tríplice Aliança de 1865-70 foi a mais terrível já travada na América do Sul. Foi um fiasco até mesmo para os vencedores — Argentina, Brasil e Uruguai — e causou devastação total ao perdedor, o Paraguai. Governado por Francisco Solano López, um ditador que muitos consideravam insano, o Paraguai havia adquirido um poderoso exército e mantinha sua postura reservada em relação ao mundo exterior. Convencido de que Argentina, Uruguai e Brasil ameaçavam sua saída para o mar através do Rio da Prata, López atacou primeiro. Os aliados lutaram ostensivamente em legítima defesa, supostamente para derrubar o ditador, mas também buscavam vantagens comerciais, estratégicas e territoriais. Os exércitos dessa guerra usavam uniformes e armas semelhantes às da Guerra Civil Americana da mesma época. O número de mortos foi igualmente alto. Em uma série de batalhas sangrentas, os aliados massacraram os paraguaios. A população masculina adulta do Paraguai praticamente desapareceu durante a guerra. Tanto o Brasil quanto a Argentina ganharam território às custas do Paraguai. Mas a guerra também gerou um sentimento nacional de desilusão no Brasil.

O Império Brasileiro havia convocado centenas de milhares de voluntários para combater a “tirania” paraguaia em nome da civilização. Toda a nação brasileira, mais ou menos, havia sido alistada.

Retoricamente, defendia uma causa liberal — uma causa entusiasticamente apoiada na Europa, particularmente pelos britânicos, que esperavam obter melhor acesso comercial ao Paraguai. Mas a vitória sobre aquela pequena república hispano-americana havia sido tão lenta e a um custo tão alto que colocou em xeque a suposta superioridade da civilização brasileira. E para muitos brasileiros, uma cruzada contra a tirania paraguaia soava vazia diante da escravidão no Brasil. Quando a guerra começou, a escravidão havia sido abolida recentemente nos Estados Unidos, tornando o Brasil e Cuba, então sob domínio espanhol, as últimas sociedades escravistas das Américas. Negros livres, e até mesmo alguns escravos em busca de sua liberdade, juntaram-se às fileiras dos Voluntários Patrióticos do Brasil, que marcharam ao som de bandas marciais para lutar no Paraguai. A contradição era óbvia demais.

Após uma geração de letargia, o liberalismo brasileiro começou a recuperar sua voz durante a guerra. Os conservadores brasileiros haviam conquistado uma dominância decisiva na década de 1840, como o leitor deve se lembrar. As ideias liberais, segundo o consenso confortável de meados do século entre a classe dominante brasileira, eram simplesmente avançadas demais para a sociedade brasileira, uma sociedade fundada na escravidão e na hierarquia. Relutantemente — e sua decepção era real ou não, dependendo da pessoa — a elite brasileira havia se resignado a uma vida de privilégios em um país reconhecidamente atrasado, ainda não preparado para a democracia. O imperador Pedro II, já um homem alto e de barba espessa, deixou isso registrado.

Pedro II parece ter realmente acreditado—*e*De fato, seria lamentável a suposta falta de preparo do Brasil para viver sem ele. É difícil imaginar um imperador mais diferente de seu impetuoso pai. Pedro II era um homem de voz suave e estudioso, que se vestia com ternos sóbrios como um banqueiro inglês. Como monarca, levava suas responsabilidades a sério e trabalhava arduamente para cumpri-las, exercendo um poder considerável, mas não absoluto. Podia nomear governadores provinciais, ministros de Estado, senadores vitalícios e membros da nobreza imperial. Podia dissolver a Assembleia Nacional e convocar novas eleições à vontade.

Embora seu estilo pessoal fosse conservador, Pedro II era um liberal filosófico que não apoiava nenhum dos dois partidos do Brasil, Conservador ou Liberal, mas nutria uma fé inabalável na ciência, na inovação e no Progresso. Dizia-se que, se não fosse imperador, teria sido professor. Viajou extensivamente pela Europa e pelos Estados Unidos, onde conversou com cientistas como Louis Pasteur, filósofos como Ralph Waldo Emerson, romancistas como Victor Hugo e inventores como Alexander Graham Bell. Pedro II expressou abertamente a esperança de que o Brasil um dia não precisasse nem de monarquia nem de um sistema de trabalho escravo, e libertou seus próprios escravos em 1840. Quando os republicanos, propondo explicitamente o fim da monarquia, ressurgiram no cenário político brasileiro anos depois, Pedro chegou ao ponto de nomear um importante intelectual republicano como tutor particular de seu neto.

Assim como seu imperador, a elite brasileira endossava o liberalismo em princípio, mas adotava o conservadorismo na prática. Então, na década de 1860, os tempos começaram a mudar no Brasil, assim como em outros lugares. Diversos líderes conservadores, convencidos da necessidade de reformas — e pensando especialmente na escravidão — romperam com o partido e se uniram aos liberais. Em seguida, um primeiro-ministro liberal entrou em conflito com o comandante militar conservador do Brasil durante a Guerra da Tríplice Aliança, e Pedro ficou do lado do comandante, enfurecendo os liberais. Um manifesto liberal de 1869 clamava pela reforma do sistema imperial, tornando-o mais democrático, e pela emancipação gradual dos escravos. O documento terminava com a ameaça: “Reforma ou Revolução!”. Um grupo liberal ainda mais radical lançou um segundo manifesto no mesmo ano, exigindo limitações ao poder do imperador e a abolição imediata da escravidão. Em 1870, um terceiro manifesto também clamava pelo fim da escravidão e, além disso, pela deposição do imperador e a criação de uma república brasileira. Algo tinha que ceder.

Em 1871, o governo conservador cedeu à pressão liberal e promulgou uma lei de "nascimento livre": os escravos continuariam escravos, mas seus filhos nasceriam livres. Como o tráfico de escravos havia cessado por volta de 1850, a lei de "nascimento livre" sinalizava um compromisso público de acabar com a escravidão mais cedo ou mais tarde. Pedro II ficou satisfeito. Mas nos últimos anos

O tráfico de escravos nas décadas de 1830 e 1840 trouxe centenas de milhares de jovens africanos para o Brasil, garantindo que a escravidão durasse décadas. Enquanto isso, crianças nascidas oficialmente "livres" ainda eram obrigadas a trabalhar até a idade adulta para o dono de sua mãe.

Embora os conservadores brasileiros tenham governado durante a maior parte das décadas de 1870 e 1880, o Progresso gradualmente conquistou corações e mentes. Os cafeicultores mais progressistas (os de São Paulo) começaram a atrair e empregar trabalhadores agrícolas imigrantes italianos. Aos poucos, a economia da exportação de café impulsionou o crescimento das cidades. E os brasileiros urbanos — mais instruídos, mais cosmopolitas e não diretamente ligados à vida nas plantações — eram mais propensos a serem persuadidos pela visão liberal do Progresso. Os signatários do manifesto republicano de 1870, por exemplo, incluíam dez jornalistas, treze engenheiros e comerciantes e vinte e três doutores em direito ou medicina, mas apenas um que se autodenominava proprietário de plantação.

Na década de 1880, a escravidão tornou-se novamente uma questão política controversa. O principal porta-voz abolicionista era agora um liberal chamado Joaquim Nabuco. Nabuco tornou-se uma celebridade popular, cuja imagem aparecia em rótulos de charutos e cervejas. Até mesmo os participantes dos desfiles de carnaval do Rio de Janeiro adotaram temas abolicionistas. Nabuco e os outros abolicionistas da década de 1880 proferiram verdades morais sobre a escravidão, mas a condenaram, sobretudo, como um obstáculo ao progresso. Inquestionavelmente, a escravidão*era*Uma coisa do passado. Depois de 1886, quando os espanhóis aboliram a escravatura em Cuba, os brasileiros progressistas carregaram sozinhos a vergonha internacional. Nessa época, algumas províncias sem cafeicultura já haviam libertado os escravos, e nas lucrativas plantações de café, milhares de escravos começaram a fugir. Finalmente, a enorme pressão popular forçou a abolição total sem compensação financeira aos antigos proprietários de escravos. Pedro estava na Europa, então sua filha, a princesa Isabel, também abolicionista, assinou a “Lei de Ouro” da liberdade em 1888. Quatro séculos de escravidão americana haviam finalmente chegado ao fim.

No ano seguinte, outra instituição ultrapassada, a própria monarquia brasileira, entrou em colapso, seu tempo também acabou. A abolição havia ofendido anteriormente.

Monarquistas convictos e mudanças no ar. Oficiais de alta patente do exército tinham queixas contra o governo imperial, e os militantes republicanos viram sua oportunidade. Sempre fracos eleitoralmente, os republicanos tinham forte influência no exército. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, tutor republicano do neto do imperador, mencionado anteriormente, tornou-se um professor renomado na academia militar do Brasil, onde canalizou o descontentamento militar e o vinculou ao republicanismo. Em novembro de 1889, os militares proclamaram a república. Pedro e sua família partiram discretamente para a Europa, enquanto os fios telegráficos levavam a notícia para todo o país, provocando espanto, mas também aceitação imediata. Os brasileiros se curvaram unanimemente à “marcha inevitável do Progresso”, como se já soubessem há muito tempo que o imperador tinha que partir, mas tivessem sido educados demais para dizer isso.

PEDRO II.O segundo (e último) imperador do Brasil foi um governante moderado e esclarecido que discretamente se afastou do poder para permitir a ascensão de outros ao poder.

Formação da República Brasileira de 1889.

Ao final do século, o liberalismo servia, de uma forma ou de outra, como ideologia oficial de todos os países latino-americanos. Um forte consenso reinava entre as classes dominantes da região, secundado pelas classes médias urbanas. Um longo período de hegemonia liberal estável finalmente emergiu. O progresso, seguindo o modelo da Inglaterra, da França ou dos Estados Unidos, era a ordem do dia.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

fueros ,pág. 169

Catolicismo ultramontano ,pág. 169

Melchor Ocampo ,pág. 169

Benito Juárez ,pág. 170

Maximiliano e Carlota ,pp. 172–73

William Walker ,pág. 175

Juana Manuela Gorriti ,pág. 178

Bartolomé Mitre ,pág. 181

Domingo Faustino Sarmiento ,pág. 182

Guerra da Tríplice Aliança ,pág. 184

Pedro II ,pág. 185

lei do “nascimento livre” ,pág. 186

Joaquim Nabuco ,pág. 187

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Como o Progresso se tornou uma ideia hegemônica na América Latina e quais foram as consequências?
2. Você pode descrever elementos específicos da revolução dos transportes em meados do século XIX?
3. De que forma a revolução dos transportes alterou as perspectivas econômicas da América Latina e seu equilíbrio de poder político?
4. De que forma a Reforma Mexicana da década de 1850 e suas consequências incorporam temas de um retorno liberal em toda a região?
5. O que o Progresso significou para as mulheres latino-americanas de diferentes classes sociais?

Glossário

fueros (Espanha)
: um termo que designa privilégios legais especiais tradicionalmente concedidos ao clero e aos oficiais militares. No México do século XIX, *fueros* Tornou-se um importante ponto de discórdia, atacado pelos liberais e defendido pelos conservadores.

Melchor Ocampo
: Político liberal que personificou o espírito anticlerical da Reforma Mexicana de meados do século XIX. Ocampo escandalizou a nação ao declarar que Deus não existia.

Benito Juárez
: O grande presidente do México do século XIX, de ascendência totalmente indígena; sua luta mais famosa foi contra o imperador fantoche francês do México, Maximiliano.

Maximiliano e Carlota
: Imperador e imperatriz do México instalados pelas forças invasoras francesas em 1862. Maximiliano foi morto em 1865. Carlota fugiu de volta para a Europa, mas ficou insana pelo resto da vida.

William Walker

Cristão fundamentalista do Tennessee que tentou colonizar a Nicarágua para os Estados Unidos em meados do século XIX.

Juana Manuela Gorriti

Escritora argentina do século XIX, uma das poucas mulheres latino-americanas cujo talento lhe rendeu fama nos anos 1800. Os escritos de Gorriti eram instrutivos e frequentemente abordavam questões femininas, em vez de serem escandalosos.

Bartolomé Mitre

Primeiro presidente da Argentina unificada. Liderou com sucesso as forças de Buenos Aires contra a Confederação, unindo as duas regiões. Mitre (assim como seu colega Sarmiento) personifica o liberal intelectual do século XIX.

Domingo Faustino Sarmiento

Um dos liberais latino-americanos mais influentes do século XIX, ele trouxe modelos educacionais dos EUA para a Argentina e, em 1868, foi eleito presidente do país.

Guerra da Tríplice Aliança

A maior guerra internacional da história da América do Sul, que opôs o Paraguai ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai, de 1865 a 1870.

Pedro II

Imperador do Brasil que ascendeu ao poder quando seu pai, Pedro I, foi deposto em 1831. Pedro exerceu seu poder considerável, porém limitado, com moderação e uma visão progressista. Foi exilado por um golpe militar em 1889, o que levou à instauração da Primeira República Brasileira.

lei do “nascimento livre”

Uma lei aprovada no Brasil em 1871. Ela libertou as crianças nascidas de mães escravizadas após aquele ano, mas estipulou que as crianças "livres" ainda teriam que servir aos donos de suas mães até atingirem a idade adulta.

Joaquim Nabuco

Principal porta-voz abolicionista e liberal do Brasil na década de 1880.

ultramontanismo

Uma orientação dentro do clero católico que enfatizava a lealdade ao papa acima da lealdade às autoridades reais ou nacionais. Os jesuítas.

A ordem era famosa por sua *ultramontano* lealdade.

CONTRACORRENTES

GUERRAS INTERNACIONAIS

BOLIVIA
Area of fighting in Chaco War
Area of fighting in Triple Alliance War
Won by Paraguay in the Chaco War
CHACO
BRAZIL
Lost to Brazil in Triple Alliance War
PARAGUAY
Lost to Argentina in Triple Alliance War
ARGENTINA
Lost to Argentina in Triple Alliance War
PARAGUAY IN TWO WARS

A região sudoeste e sudeste do Paraguai, marcada em verde, foi perdida para a Argentina na Guerra da Tríplice Aliança. A região nordeste do Paraguai, marcada em verde-azulado, foi perdida para o Brasil na Guerra da Tríplice Aliança. O Paraguai conquistou uma vasta área territorial, marcada em amarelo, na Guerra do Chaco, que se estendia a noroeste em direção à Bolívia. O Paraguai manteve a região central do país, marcada em laranja. Os combates na Guerra do Chaco ocorreram principalmente em quatro áreas próximas à Bolívia. Os combates na Guerra da Tríplice Aliança ocorreram principalmente em três áreas no sul do Paraguai. Um mapa ampliado da América do Sul mostra a localização do Paraguai.

Apenas algumas grandes guerras foram travadas entre nações latino-americanas. No entanto, as guerras tiveram um impacto poderoso sobre os países beligerantes. O México perdeu vasto território em sua guerra contra os Estados Unidos (1846-1848). A Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) causou um grande choque nacional no Brasil, consolidou o Estado nacional argentino e praticamente liquidou o pobre Paraguai. Tanto a Argentina quanto o Brasil anexaram território paraguaio como forma de compensação pelas perdas sofridas durante a guerra.

Os paraguaios lutaram novamente e triunfaram em uma guerra contra a Bolívia, a Guerra do Chaco (1932-1935). O Chaco é uma região desolada de calor sufocante, alternando cheias e secas, a oeste do rio Paraguai. As disputas territoriais pela região já haviam gerado conflitos entre paraguaios e bolivianos, mas essas disputas se intensificaram repentinamente com a descoberta de petróleo na década de 1920. Os soldados das terras altas bolivianas sofreram particularmente no ambiente difícil e desconhecido do Chaco. A vitória paraguaia na Guerra do Chaco dobrou o território nacional e elevou consideravelmente o orgulho nacional. A Guerra do Chaco acabou sendo a única grande guerra travada entre países americanos no século XX.

A fronteira original entre Chile e Bolívia está demarcada entre o Chile e Antofagasta. A área de Antofagasta, ao longo do Deserto do Atacama, era território boliviano. As regiões de Tacna, Arica e Tarapacá pertenciam ao Peru. Todas essas áreas foram conquistadas pelo Chile da Bolívia e do Peru. O Peru fica ao norte de Tacna, e a Bolívia fica a leste, fazendo fronteira com o Peru, Tacna, Arica, Tarapacá e Antofagasta. Um mapa ampliado da América do Sul mostra a localização da área onde a guerra ocorreu.

A derrota da Bolívia na Guerra do Chaco foi mais um duro golpe para um país que já havia perdido duas guerras anteriores travadas na costa do Pacífico. A Guerra da Confederação Peruano-Boliviana (1836-1839) resultou da unificação do Peru e da Bolívia sob o comando do caudilho mestiço Andrés de Santa Cruz. O ministro do governo chileno, Diego Portales, mais poderoso que o presidente do Chile na época, recusou-se a tolerar a unificação e lançou seu país em um ataque em grande escala, que acabou derrotando Santa Cruz e pondo fim à Confederação Peruano-Boliviana.

O Chile repetiu sua vitória meio século depois, na Guerra do Pacífico (1879-1884). Essa guerra, de certa forma semelhante à Guerra do Chaco, girou em torno de uma zona desolada onde a descoberta de recursos minerais precipitou reivindicações territoriais conflitantes. A zona desolada, nesse caso, era o Deserto do Atacama, uma faixa de quase um quilômetro da costa do Pacífico onde praticamente nunca choveu. As fronteiras coloniais espanholas nunca foram claras nessa região. Na época da independência, a Bolívia reivindicou uma porção dessa costa, juntamente com o Peru e o Chile. Na década de 1870, os três países vendiam concessões para a exploração de depósitos de nitrato de sódio no Atacama. Em 1879, conflitos sobre essas concessões de mineração levaram a uma ofensiva chilena contra o Peru e a Bolívia. Tanto o Peru quanto a Bolívia perderam território, incluindo a única saída da Bolívia para o mar. O Chile, por outro lado, ganhou território rico em recursos minerais. Os nitratos da região do Atacama seriam a base da receita do governo chileno pelos quarenta anos seguintes.

UM TOUR
- DE-
AMÉRICA LATINA

Apesar das semelhanças, os países da América Latina também apresentam contrastes. Uma breve visita à região começará a revelar seus perfis distintos.

Colorado R.
Mississippi R.
San Diego
Rio Bravo del Norte
Atlantic Ocean
Gulf of Mexico
Haiti
Dominican Republic
Mexico
Mexico City
Belize
Cuba
Jamaica
Honduras
Caribbean Sea
Guatemala
El Salvador
Nicaragua
Caracas
Guyana
Venezuela
Suriname
Costa Rica
Panama
French Guiana
Bogotá
Colombia
Quito
Ecuador
Amazon R.
Manaus
Brazil
Peru
Andes
Highlands
São Francisco R.
Lima
Salvador
Pacific Ocean
La Paz
Brasília
Bolivia
Paraguay
Rio de Janeiro
São Paulo
Brazilian
Mountains
Parana R.
Chile
Santiago
Buenos Aires
Uruguay
Argentina
0 500 1000 miles
0 500 1000 kilometers

MÉXICO

MéxicoÉ um verdadeiro coração das Américas, um dos grandes centros mundiais de domesticação original de plantas, berço do milho, feijão, tomate, chocolate e abacate, para citar apenas alguns exemplos. Sua culinária moderna e singular serve como um lembrete dessa herança ancestral. Em parte como resultado desses recursos nutricionais, o centro do México era, sem dúvida, o local mais densamente povoado das Américas em 1492.

Na verdade, existem muitos Méxicos. Para começar, um esquema tripartite simples (norte, centro e sul) basta. O norte é a parte mais moderna e próspera do México antigo. A mineração de prata foi a primeira atividade a atrair mais população para o norte. Eventualmente, os principais atrativos econômicos da região passaram a estar associados aos Estados Unidos. Ferrovias, empresas de mineração, pecuária e, por fim, agricultura e manufatura conectaram o norte do México ao seu dinâmico vizinho do norte. O planalto central, que circunda a Cidade do México, compõe a segunda região. Ali, os altos planaltos montanhosos produziram ondas de povos indígenas construtores de impérios, mesmo antes da chegada dos espanhóis, e os recém-chegados fizeram dele o centro de seu próprio projeto de colonização. Como resultado, a população do planalto central é, na maioria dos lugares, marcadamente mestiça. O sul do México, a terceira região, é a mais fortemente indígena hoje. Portanto, carrega o legado mais pesado de opressão. No México, como em qualquer outro lugar, o legado de longo prazo da opressão é a pobreza. Os índices de desenvolvimento no sul são os mais baixos das três principais regiões do país.

Tijuana
Ciudad Juárez
Rio Bravo del Norte
Chihuahua
Gulf of California
Baha California
Pacific Ocean
Monterrey
Gulf of Mexico
Mexico
Zacatecas
León
Guanajuato
Guadalajara
Mexico City
Bay of Campeche
Yucatán Peninsula
Caribbean Sea
Veracruz
Puebla
Rio Balsas
Oaxaca
Gulf of Tehuantepec
0 200 400 miles
0 200 400 kilometers

AMÉRICA CENTRAL

Continuando para o sul a partir do México, encontramos as cinco repúblicas da América Central: Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. Essas cinco nações, do tamanho de províncias, formaram outrora uma única república, as Províncias Unidas da América Central. Os países vizinhos, Panamá e Belize, têm histórias distintas das antigas Províncias Unidas.***Panamá***Foi uma província da Colômbia que se tornou independente apenas em 1903, tornando-se o país mais novo da América Latina.***Belize***Foi colonizada pela Inglaterra e não é considerada centro-americana, nem mesmo latino-americana.

GuatemalaA Guatemala é conhecida como a "Terra dos Maias", pois as línguas maias ainda são faladas hoje por cerca de 40% da população do país. As extensas cidades antigas, em grande parte ainda inexploradas, no norte da Guatemala representaram o auge da civilização maia. Grandes populações maias, totalmente sedentárias, atraíram os conquistadores espanhóis do México logo após a destruição dos astecas naquela região, mas a Guatemala não possuía a riqueza em prata do México, permanecendo, portanto, uma colônia de segunda linha dentro do Império Espanhol. A riqueza da Guatemala não residia em metais preciosos, mas nos próprios maias. O Reino da Guatemala, como era conhecido durante o período colonial, abrangia toda a América Central, mas o território da atual Guatemala era o seu núcleo.

de El SalvadorA alta densidade populacional fez de El Salvador o principal rival da Guatemala na América Central colonial. Após a independência, El Salvador tornou-se um bastião liberal, competindo com o bastião conservador da Guatemala. Depois de 1870, El Salvador possuía a economia mais dinâmica da América Central, um exemplo de produção intensiva de café em plantações modernas.

HondurasA palavra "hondurenha" refere-se etimologicamente às águas profundas do Caribe. Os espanhóis encontraram algum ouro nas terras altas de Honduras durante o período colonial, mas não o suficiente para tornar o país um lugar rico. No final do século XIX, empresas bananeiras americanas criaram enclaves na costa caribenha de Honduras. Hoje, Honduras é um dos raros países da América Latina cuja população permanece predominantemente rural. Assim como El Salvador e Nicarágua, possui uma população predominantemente mestiça.

NicaráguaA Nicarágua tem sido frequentemente vista como um local potencial para um canal interoceânico, semelhante ao do Panamá. Durante o século XIX, os britânicos exerceram considerável influência na costa caribenha do país e competiram com os Estados Unidos por influência em toda a Nicarágua. A presença britânica teve um impacto duradouro, tornando o inglês uma língua comum nos arredores do porto caribenho de Bluefields. No entanto, os principais centros populacionais do país estão localizados na costa do Pacífico.

Costa RicaA República Centro-Americana, a última das cinco repúblicas da América Central, há muito parece uma exceção: o país com poucos indígenas.

A Costa Rica não é dominada por grandes propriedades rurais, nem devastada pela violência da ditadura, da revolução e da reação no final do século XX. Atualmente, seu sistema de parques e reservas florestais é um grande atrativo para o ecoturismo. Mais condizente com o padrão geral da América Central é a presença histórica de grandes plantações de banana de propriedade americana, cultivadas em grande parte por pessoas de ascendência africana, ao longo da costa caribenha. De fato, toda a costa leste da América Central parece culturalmente "caribenha".

O CARIBE

O Caribe é um turbilhão de influências, incluindo inglesa, francesa, holandesa e indiana, além da espanhola e africana. Os países latino-americanos do Caribe são os três países de língua espanhola das "Grandes Antilhas".

CubaCuba é de longe a maior das Grandes Antilhas, abrangendo metade da área terrestre do Caribe. Uma estreita relação comercial une Cuba e os Estados Unidos desde o início do século XIX. Durante a maior parte desse século, Cuba permaneceu uma colônia espanhola, mas o capital americano já fluía para as plantações de açúcar cubanas, e Cuba *habanera*A música já animava a cultura popular dos EUA. Os cubanos, por sua vez, substituíram as touradas pelo beisebol mesmo antes de romperem com a Espanha. A relação política entre Cuba e os EUA permanece intensa desde o envolvimento americano na guerra de independência de Cuba (1898).

O***República Dominicana***A República Dominicana e o Haiti, país francófono, compartilham a segunda maior ilha das Grandes Antilhas, Hispaniola, onde começou a colonização espanhola da América. A República Dominicana tem uma história nacional tipicamente caribenha, tendo estado frequentemente sob o domínio de potências imperiais. A República Dominicana, ainda em seus primórdios, era tão instável que a Espanha chegou a reivindicá-la por alguns anos na década de 1860. Uma relação conturbada com o Haiti tem sido outro tema recorrente na história dominicana.

Porto RicoPorto Rico, a última das Grandes Antilhas, possui um interior montanhoso com encostas íngremes e acidentadas que criam um isolamento considerável mesmo em curtas distâncias. San Juan, a capital, foi um bastião naval da Espanha durante o período colonial e, juntamente com Cuba, Porto Rico permaneceu sob controle espanhol até o século XIX, muito depois de o restante da América espanhola ter conquistado a independência. As forças americanas ocuparam Porto Rico e Cuba em 1898, mas, diferentemente de Cuba,

Porto Rico nunca se tornou um país independente. Em vez disso, acabou sendo anexado diretamente aos Estados Unidos como um "Estado Livre Associado", e não como um estado.

NORTE DA AMÉRICA DO SUL

VenezuelaA Venezuela foi o primeiro ponto de apoio espanhol na América do Sul continental. É um país caribenho em muitos aspectos. Ao contrário da capital andina da vizinha Colômbia, Caracas, a capital da Venezuela fica perto do Mar do Caribe, assim como suas regiões agrícolas historicamente importantes. A maioria dos sotaques venezuelanos tem uma sonoridade caribenha. A ascendência africana é tão comum na Venezuela quanto em outros países do Caribe. O beisebol é o esporte preferido dos torcedores venezuelanos, mais do que o futebol. Mas a Venezuela também tem outras faces. As últimas cordilheiras andinas, relativamente baixas, conferem ao país uma região montanhosa que faz fronteira com a Colômbia. As planícies aluviais do grande rio Orinoco constituem uma terceira região de importância histórica, unindo Venezuela e Colômbia. No entanto, existem tensões entre esses vizinhos com muito em comum. Por exemplo, a prosperidade da Venezuela, impulsionada pelo petróleo, atraiu por muito tempo imigrantes da Colômbia em busca de uma vida melhor, e muitos entraram na Venezuela sem o visto exigido, criando problemas de imigração semelhantes aos existentes entre o México e os Estados Unidos.

ColômbiaA Colômbia é bastante diversa regionalmente. Sua população se concentra na Cordilheira dos Andes, que se divide em três cordilheiras paralelas, criando vales longos e profundos que diferem marcadamente em clima, culinária, estilo de vida e sotaque. A região é uma referência fundamental na vida colombiana. De forma estereotipada, espera-se que os colombianos falem, se vistam e ajam de maneira diferente uns dos outros, de acordo com sua origem regional. Embora estereótipos regionais existam em toda a América Latina (e no mundo), sua profusão e intensidade na Colômbia são incomuns. Em parte, a geografia colombiana os criou, mas em parte, cada identidade regional se tornou um projeto em si, elaborado no folclore, reiterado no humor e reforçado pela política. O Estado nacional colombiano tem sido historicamente frágil, muitas vezes incapaz de unificar e controlar os territórios dispersos. Durante um período em meados do século XIX, regiões rebeldes se tornaram praticamente repúblicas independentes em uma confederação nacional frouxa. Esse contexto geográfico e histórico ajuda a explicar a proliferação de grupos armados capazes de resistir ao controle nacional no final do século XX.

PAÍSES ANDINOS

Equador(Assim como o Peru e a Bolívia, o Equador é fundamentalmente um país andino. Uma série de altos vales andinos abrigou a maior parte da população equatoriana desde os tempos incas até a década de 1960, e a língua inca ainda é amplamente falada na região. Geograficamente, os Andes dividem o Equador em três partes claramente contrastantes: o altiplano, com a capital Quito no centro do país; as terras baixas amazônicas a leste; e a região costeira do Pacífico a oeste.

PeruHistoricamente, o Peru ocupa o lugar central na América Andina. Antes da conquista espanhola, era o centro do vasto Império Inca, com sua capital nas terras altas em Cuzco, e posteriormente, o principal centro da colonização espanhola na América do Sul. Originalmente, o Peru também era a colônia espanhola mais rica. Contudo, às vésperas da independência, em 1800, o Peru já estava em declínio, eclipsado pela riqueza, população e prestígio do México. O Peru independente jamais recuperou a proeminência de seu auge colonial. A geografia peruana segue o padrão...

A configuração regional é semelhante à do Equador. No caso do Peru, a planície costeira do Pacífico é um estreito deserto de dunas de areia imponentes, interrompido ocasionalmente por pequenos vales onde rios correm para o oceano, criando leques aluviais planos e férteis, com oportunidades para irrigação. Esses verdadeiros oásis que pontilham a costa foram cenários de civilizações indígenas que antecederam em muito os Incas, e continuam sendo cenários importantes da agricultura peruana desde então. Mas a maioria dos peruanos vive nos vastos altiplanos andinos que se elevam abruptamente a partir da costa. Muitos ainda falam a língua inca, o quéchua. Finalmente, as terras baixas orientais do Peru, a região amazônica do país, foram a última parte a ser incorporada à vida nacional.

Densas populações de agricultores indígenas fizeram***Bolívia***um importante centro indígena da América. O aimará, principal língua indígena da Bolívia, só perde para o quéchua em importância entre as línguas andinas. A grande mina de prata de Potosí foi o lugar mais rico de todo o império espanhol no século XVII. Os altiplanos andinos da Bolívia constituem um planalto especialmente alto e extenso.*altiplano*A planície oriental da Bolívia concentra-se economicamente na próspera cidade de Santa Cruz, que gosta de se considerar uma terra à parte. A Bolívia lutou em diversas guerras internacionais e perdeu todas. Na década de 1880, o Chile anexou a estreita faixa de costa do Pacífico que ligava a Bolívia ao mar, deixando-a sem litoral. Hoje, a maior parte das importações e exportações da Bolívia precisa atravessar seu antigo território, com a permissão do Chile.

O CONE SUL

ChileO perfil geográfico do Chile é único no mundo. Sua extensão extraordinária conecta extremos climáticos, desde o deserto árido do norte até o sul chuvoso e esculpido por geleiras. A maior parte da população chilena sempre se concentrou no vale central, que se estende ao sul de Santiago, com um clima temperado propício para os famosos vinhos do país. Os Andes, que separam o Chile da Argentina, não deixaram muita marca na vida nacional chilena; o mar teve um papel mais importante. Após a independência em 1810, o isolamento colonial do Chile terminou abruptamente com a chegada constante de navios de diversas nações mercantes do Atlântico Norte. A relativa prosperidade do Chile e seu centro populacional compacto permitiram uma estabilidade política inicial. Apenas a cidade de Concepción, no extremo sul do vale central, ocasionalmente representou um desafio político para Santiago, no extremo norte.

ArgentinaCom um clima temperado semelhante ao do Vale Central do Chile, a Argentina tem sido chamada de “cidade e nação”. Buenos Aires, a capital e um dos maiores portos do Atlântico, tornou-se uma versão sul-americana de Chicago, extensa e repleta de imigrantes. Hoje, é muito, muito maior que Chicago. A região metropolitana de Buenos Aires concentra aproximadamente metade da população argentina. A Buenos Aires urbana lembra a Europa para os visitantes dos Estados Unidos, enquanto o interior argentino tem uma atmosfera mais latino-americana. Ali se estende o pampa, um horizonte plano e ilimitado de terras agrícolas férteis e bem irrigadas (um dos maiores celeiros do mundo) e, além, vastas planícies áridas que chegam até os Andes. O pampa foi lar de rebanhos de gado e pastores gaúchos, depois dos imigrantes italianos que cultivavam trigo e seus descendentes urbanos que dançavam tango e compõem o perfil internacional mais conhecido da Argentina. No período colonial, a região montanhosa do noroeste da Argentina era uma zona de apoio econômico.

Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

para as minas de Potosí. Portanto, o noroeste argentino tem um caráter andino, tanto fisicamente quanto culturalmente.

Paraguay
San Salvador de Jujuy
Asunción
San Miguel de Tucumán
Andes
PACIFIC OCEAN
Río Salado
San Juan
Córdoba
Rosario
Uruguay
Santiago
Mendoza
Pampas
Chile
Buenos Aires
Montevideo
Concepción
Argentina
ATLANTIC OCEAN
Andes
0 200 400 miles
0 200 400 kilometers
Falkland Islands
STRAIT OF MAGELLAN
Tierra del Fuego
Cape Horn

Uruguai O Uruguai, a pequena república ao norte de Buenos Aires, é como uma província perdida da Argentina. A capital uruguaia, Montevidéu, com seu excelente porto natural, é uma espécie de Buenos Aires em miniatura, tanto em arquitetura quanto em atmosfera. Da mesma forma, os rebanhos de gado do Uruguai, cuidados por gaúchos exatamente como os gaúchos argentinos, rivalizavam com os da província de Buenos Aires durante o século XIX. Fluxos semelhantes de imigração europeia transformaram ambas as regiões na virada do século XX.

Paraguai O Paraguai, país vizinho com nome semelhante, é na verdade bastante diferente do Uruguai. Populações relativamente grandes de indígenas guaranis motivaram a colonização espanhola inicial do Paraguai, no coração do continente, enquanto a maior parte da colonização na América do Sul se concentrou no litoral. O Paraguai tornou-se o posto avançado espanhol mais importante no interior do continente, uma terra onde quase todos eram mestiços e falavam guarani. Esse uso de uma língua indígena por toda uma sociedade colonial tem sido raro na América Latina. O Paraguai é o exemplo mais importante disso.

BRASIL

BrasilO Brasil é uma América portuguesa unificada que não se fragmentou após a independência, como ocorreu com a América espanhola. Sendo o maior país de língua portuguesa do mundo, o Brasil teve, historicamente, surpreendentemente pouco comércio direto e outros contatos com os países vizinhos de língua espanhola. Mesmo hoje, brasileiros e hispano-americanos, em geral, não ouvem a música uns dos outros nem leem os autores uns dos outros, estando muito mais sintonizados culturalmente com a Europa e os Estados Unidos. Assim como na Colômbia, os contrastes regionais são fundamentais para a compreensão do Brasil. O local mais atraente para os visitantes é a capital colonial e meca cultural afro-brasileira, Salvador (Bahia). A Bahia está localizada no Nordeste, uma das principais regiões do país. O Nordeste inclui longos trechos do litoral atlântico, onde as plantações de cana-de-açúcar deixaram seu amargo legado de riqueza e pobreza. Mas o Nordeste também abrange o árido litoral.*sertão*que ocupa uma vasta extensão do interior brasileiro, com sua economia pecuária e suas secas periódicas. O Nordeste era o centro econômico do Brasil colonial. Hoje, no entanto, o centro é o Sudeste. Em 1900, o Sudeste já havia se tornado o local das maiores cidades do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), suas principais indústrias e sua melhor infraestrutura — o que o tornou um polo de atração para imigrantes. O Extremo Sul, outra região de desenvolvimento tardio na vida nacional brasileira, compartilha índices favoráveis de desenvolvimento e uma população transformada pela imigração. Ainda mais tardias foram as regiões distantes do litoral, tanto o norte amazônico, onde vários novos estados foram criados nas últimas décadas, quanto o oeste, onde a expansão agressiva do agronegócio criou uma zona apelidada de “Soylândia”.

ATLANTIC
OCEAN
Negro R.
Amazon R.
Manaus
Amazon Basin
Madeira R.
Brazil
Belém
Fortaleza
Recife
São Francisco R.
Sertão
Salvador
Brasília
Belo Horizonte
São Paulo
Rio de Janeiro
Serra Geral
0 200 400 miles
0 200 400 kilometers

7 NEOCOLONIALISMO

O plano liberal de fazer com que a América Latina se assemelhasse à Europa ou aos Estados Unidos obteve sucesso parcial. Mas o Progresso teve um desfecho diferente na América Latina. É verdade que ocorreram mudanças drásticas, mudanças que afetaram a vida de todos, ricos e pobres, urbanos e rurais. As principais cidades latino-americanas perderam seus calçamentos de pedra, paredes rebocadas de branco e telhados de telha vermelha da era colonial. Tornaram-se metrópoles modernas, comparáveis a gigantes urbanos de qualquer lugar do mundo. Bondes balançavam, telefones tilintavam e filmes mudos eram exibidos de Montevidéu e Santiago à Cidade do México e Havana. As ferrovias se multiplicaram milagrosamente, assim como as toneladas exportadas de açúcar, café, cobre, grãos, nitrato, estanho, cacau, borracha, bananas, carne bovina, lã e tabaco. Instalações portuárias modernas substituíram as instalações espetacularmente inadequadas de Buenos Aires e de outros lugares.

Os latifundiários e a classe média urbana prosperaram, mas a vida da maioria rural da América Latina pouco melhorou, se é que melhorou. Pelo contrário, o capitalismo agrário devastou o campo e destruiu os modos de vida tradicionais, empobrecendo o povo rural espiritual e materialmente. E o Progresso trouxe uma nova forma de imperialismo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Os mesmos países que serviram de modelo para o Progresso na América Latina ajudaram a instalá-lo lá, por assim dizer — e às vezes o controlaram completamente. A influência estrangeira foi tão abrangente e poderosa que os historiadores latino-americanos chamam os anos de 1880 a 1930 de seu período de maior desenvolvimento.*neocolonial*período.

Apesar de muitas transformações, nem a relação de subordinação da América Latina aos países europeus, nem sua hierarquia social básica—

Criadas pela colonização, as relações hierárquicas de raça e classe, nas quais os que ocupavam o topo obtinham prestígio e vantagens decisivas por meio de suas conexões externas, permaneceram a norma. Onde antes espanhóis peninsulares e portugueses desembarcavam com seus irritantes ares de superioridade e seus cargos reais firmemente garantidos, agora era a vez de um povo de língua inglesa.*senhor* que chegaram com ares semelhantes de superioridade e somas principescas para emprestar ou investir em bancos, ferrovias ou instalações portuárias. Seja em 1790 ou 1890, a elite latino-americana reagiu engolindo em seco e dando uma festa para seus convidados. Em última análise, o próprio status e prosperidade do "povo decente" estavam ligados aos forasteiros, e eles sabiam disso. Noventa por cento de sua riqueza vinha do que vendiam para os mercados europeu e americano, e suas próprias pretensões sociais, seus próprios ares de superioridade em casa, vinham de sua tez portuguesa, de seu cristal austríaco, da familiaridade de seus filhos com Paris. O neocolonialismo era uma relação entre países, mas também um fenômeno interno — e um fenômeno familiar — na América Latina.

“A NOVA AULA DO TIO SAM SOBRE A ARTE DO AUTOGOVERNO.”Esta caricatura exemplifica a noção neocolonial de que apenas pessoas de ascendência europeia poderiam governar-se bem. Dois lutadores negros pela independência cubana são mostrados brigando como meninos, enquanto o grande lutador pela independência filipina, Emilio Aguinaldo, é retratado usando um chapéu de burro. O Tio Sam, que acaba de "libertar" essas crianças malcomportadas da Espanha em 1898, parece justificado (segundo o cartunista) em açoitá-las.

1880

Grande boom de exportações em andamento

1898

Os Estados Unidos intervêm em Cuba.

1900

Rodó publica*Ariel*

1912

Intervenção nicaraguense tem início

1922

Conferência Pan-Americana de Mulheres

O GRANDE BOOM DAS EXPORTAÇÕES

As elites e a classe média latino-americanas tinham muito a ganhar com o Progresso. Em primeiro lugar, lucravam com o grande boom das exportações, mais de meio século de crescimento econômico rápido e sustentado, nunca igualado na América Latina antes ou depois. Por exemplo, as exportações mexicanas, que ainda incluíam prata, além de açúcar, café e fibras, dobraram e dobraram novamente no final do século XIX. De fato, o valor total do comércio mexicano cresceu 900% entre 1877 e 1910. No início do século XX, o Brasil produzia dois terços do café consumido no mundo. O café agora dominava completamente as exportações brasileiras. Cuba dependia ainda mais de sua única cultura, mas que cultura! A produção cubana de açúcar atingiu a impressionante marca de cinco milhões de toneladas em 1929. Depois, houve a saga da produção mineral chilena — nitratos, cobre, ferro — avaliada em centenas de milhões de dólares em 1929. E assim por diante. O maior prodígio de todos foi a Argentina. A Argentina exportou 21 toneladas de trigo em 1876 e mais de mil vezes essa quantidade em 1900. E as exportações do país continuaram a crescer rapidamente na década de 1920.

Da Guatemala (café) e Honduras (bananas) ao Equador (cacau) e Bolívia (estanho), todos os países menores da América Latina tiveram suas próprias versões do grande boom de exportações de 1870-1930. A extensão das ferrovias na região — parte integrante desse boom, já que as ferrovias foram construídas principalmente para transportar exportações — passou de 3.200 para 95.000 quilômetros entre 1870 e 1900.

Os principais beneficiários desse boom de exportações foram os grandes proprietários de terras, cujos imóveis valorizaram muito com a chegada da ferrovia. Os moradores de classe média das cidades também se beneficiaram.
— profissionais, comerciantes e funcionários de escritório — que desempenhavam funções secundárias na economia de importação/exportação. Para essas pessoas, o Progresso abriu horizontes culturais e trouxe enriquecimento material. Ainda assim, elas constituíam apenas uma pequena fração da população latino-americana.

A classe média cresceu rapidamente entre 1880 e 1930, mas mesmo a classe média argentina, talvez a maior da região em 1930, representava apenas um quarto a um terço da população. A classe média mexicana, menor, era mais típica da América Latina. Por volta de 1900, cerca de um milhão de mexicanos de classe média trabalhavam em escritórios, andavam de bicicleta e ouviam ragtime americano. Uma pequena classe trabalhadora — um terço de milhão de cozinheiros, lavadeiras, sapateiros, policiais e assim por diante — compunha o restante da população urbana. Enquanto isso, oito milhões de camponeses, em sua maioria de origem indígena, com sorte se tivessem uma muda de roupa, suavam na terra ensolarada para produzir os produtos agrícolas do México. Graças ao Progresso, a situação deles estava piorando.

A chegada da ferrovia beneficiou os proprietários de grandes fazendas mexicanas, valorizando seus imóveis. Mas também expulsou muitos camponeses de suas terras, permitindo que os latifundiários expandissem suas propriedades, empregassem camponeses sem-terra e multiplicassem seus lucros. Apesar da abolição oficial da propriedade comunal nas aldeias na década de 1850, muitos aldeões indígenas conseguiram manter suas terras durante as décadas de 1860 e 1870. Mas agora parecia que, onde quer que os trilhos se estendessem e abrissem caminho para a passagem das locomotivas, expelindo vapor e fumaça, as aldeias camponesas perdiam suas terras para gananciosos proprietários de fazendas que podiam executar hipotecas ou subornar juízes. Embora o México ainda fosse um país predominantemente rural em 1910, apenas cerca de 3% da população possuía terras. A maioria dos mexicanos rurais vivia e trabalhava como peões em grandes fazendas, algumas delas realmente vastas. Para dar um exemplo extremo, mas ilustrativo, apenas três famílias eram donas de um terço do estado mexicano de Colima.

UM MUNDO COLONIZADO.O neocolonialismo latino-americano foi uma variante do colonialismo global. Embora os estrangeiros dominassem a América Latina apenas “informalmente”, transformaram enormes partes da Ásia e da África em colônias formais e declaradas, sendo a maior delas a Índia Britânica.

Os povos indígenas dos Andes também perderam suas terras comunitárias no período neocolonial. De modo geral, os camponeses sem-terra da América Latina, que durante séculos cultivaram seus próprios alimentos e supriram suas outras necessidades como agricultores de subsistência, agora não tinham onde plantar batatas, mandioca, milho e feijão. Com o atrativo dos lucros das exportações, os proprietários de fazendas e plantações adquiriram cada vez mais terras. Compraram terras que haviam sido propriedade pública e expulsaram as famílias que ali viviam sem título legal, às vezes por gerações. Como exploravam mais seus trabalhadores locais e plantavam mais culturas de exportação,

Os proprietários de terras deixavam seus trabalhadores com menos tempo e espaço para cultivar seus próprios alimentos. Os trabalhadores frequentemente recebiam salários insuficientes para sustentar uma família. Para complementar a renda, mulheres e crianças que antes ficavam perto de casa, cozinhando, consertando roupas e cuidando das galinhas e da horta da família, agora tinham que se juntar aos grupos de trabalhadores rurais que trabalhavam sob o olhar atento de um capataz. E, para piorar a situação, os latifundiários ávidos por mão de obra pressionaram e aprovaram leis contra a vadiagem para perseguir completamente as pessoas que viviam sem salário. Assim, o grande boom das exportações enriqueceu os latifundiários às custas dos pobres rurais.

Na Argentina, um grande número de imigrantes italianos realizou um trabalho prodigioso na produção de trigo, mas apenas em casos excepcionais conseguiram adquirir suas próprias terras. Que incentivo teriam os proprietários para vender? Alguns imigrantes retornaram à Itália, mas a maioria foi para as cidades, especialmente Buenos Aires. Os gaúchos, rudes e sem raízes, também desapareceram do campo à medida que cercas de arame e raças inglesas sofisticadas de gado e ovelhas transformavam a vasta pampa. Em 1876, o primeiro navio frigorífico levou carne bovina argentina para a Europa. O comércio de carne refrigerada era muito mais lucrativo do que o antigo comércio de carne seca dos tempos anteriores à refrigeração. Por volta de 1900, já existiam centenas de navios frigoríficos.

O cultivo do café prosperou nos trópicos, criando diversos tipos de paisagens neocoloniais. Nos solos vermelhos profundos de São Paulo, Brasil, imigrantes italianos cultivaram café após a abolição da escravatura, pois os escravos libertos não queriam ter nada a ver com as plantações. Para atrair imigrantes europeus para um trabalho recentemente realizado por escravos, os proprietários de plantações tiveram que fazer concessões especiais, como permitir que os trabalhadores cultivassem suas próprias plantações nos espaços entre as fileiras de cafeeiros. Os trabalhadores agrícolas italianos em São Paulo provaram ser excepcionalmente bem-sucedidos em aproveitar o boom das exportações. Mas, assim como os trabalhadores agrícolas imigrantes na Argentina, eles tenderam a migrar para a cidade eventualmente. O café também cresceu sob o sol tropical e o ar fresco das montanhas da Colômbia e da Venezuela, da América Central e do Caribe. Na Guatemala, em El Salvador e no sul do México, povos indígenas

Tornaram-se trabalhadores em plantações de café, muitas vezes pertencentes a estrangeiros, especialmente alemães. Embora geralmente seja uma cultura de plantação (o que sempre era uma má notícia para os trabalhadores agrícolas), o café também podia ser cultivado de forma lucrativa em fazendas familiares. Contribuiu para o crescimento de uma classe média rural nas áreas montanhosas da Colômbia, Costa Rica e Porto Rico. Tabaco
— assim como o café, uma cultura delicada que prospera na produção em pequena escala, beneficiou pequenos produtores no Brasil e em Cuba.

A produção e a mineração de açúcar, em contraste, sempre foram operações industriais massivas que dividiam impiedosamente as sociedades entre ricos e pobres. No final do século XIX, grandes e reluzentes refinarias de açúcar, com suas altas chaminés e depósitos ferroviários, erguiam-se como monstros industriais em meio aos canaviais do nordeste do Brasil, do litoral peruano e do Caribe. Os donos das refinarias, assim como os senhores de engenho brasileiros do século XVII, dominavam completamente a economia rural, e pelo mesmo motivo. A moagem imediata e confiável era crucial para a safra de açúcar. As refinarias estabeleciam seus preços, e os produtores não tinham escolha a não ser aceitá-los. As fábricas nos campos transformavam os cortadores de cana em operários industriais. Seus salários eram baixos e eles ganhavam apenas parte do ano. Os cortadores de cana passavam parte do ano desempregados — o que os cubanos chamavam de "tempo morto". A mineração no México, Peru, Bolívia e Chile constituía uma atividade igualmente intensiva em capital, realizada por poderosas empresas que empregavam milhares de trabalhadores com pouco poder de negociação. Devido aos altos custos de capital, instalações como refinarias de açúcar cubano, poços de petróleo que bombeavam petróleo bruto mexicano e venezuelano e minas subterrâneas nos altos Andes eram geralmente de propriedade estrangeira. No Peru, o enorme e moderno complexo de mineração da Cerro de Pasco Copper Corporation, dos EUA, se erguia a 3.659 metros de altitude, em meio a um conjunto de pequenas cabanas cor de terra onde viviam os mineiros indígenas.

— algo como uma versão de Potosí do século XX.

PERDENDO TERRENO. Os povos semissedentários remanescentes nas margens da colonização, como os mapuches do Chile, perderam território para o avanço da agricultura comercial na virada do século.

Nas florestas tropicais da Amazônia, o neocolonialismo trouxe um boom da borracha. O látex da seringueira era uma matéria-prima consumida principalmente nos Estados Unidos para a fabricação de pneus. Os seringueiros viviam isolados às margens dos rios, no coração da bacia amazônica, extraindo a seiva das seringueiras. No Brasil, os seringueiros eram principalmente refugiados das secas das terras áridas do sertão, no nordeste do país. Nas áreas colombianas, equatorianas e peruanas da bacia amazônica, muitos eram indígenas semissedentários, forçados ao trabalho assalariado que não precisavam nem queriam. Os seringueiros recebiam salários ínfimos, mal suficientes para pagar a comida e os suprimentos que lhes eram vendidos pelas empresas de borracha. Enquanto isso, o comércio da borracha gerava vastos lucros.

Os lucros eram expressivos para os comerciantes internacionais e para as empresas cujos barcos a vapor equipavam os trabalhadores e coletavam a borracha em visitas periódicas. Em 1910, a borracha representava um quarto das receitas de exportação brasileiras. Os barões da borracha literalmente não conseguiam encontrar uma maneira de gastar todo o seu dinheiro. (Então, por que não enviar camisas para Paris para serem devidamente lavadas?) Em Manaus, a única cidade brasileira a mil quilômetros rio acima, no meio da floresta impenetrável, os barões da borracha construíram uma casa de ópera e atraíram artistas de ópera em turnê — embora não, como diz a lenda, o imortal tenor Enrico Caruso. Enquanto isso, o boom da borracha devastava os povos indígenas, suas tribos dizimadas pelo álcool e pelas doenças. Então, na década de 1920, a borracha da Malásia reduziu definitivamente o preço da borracha amazônica. Os barões da borracha partiram rio abaixo, para nunca mais voltar, e os seringueiros buscaram outra maneira de sobreviver. Apenas a casa de ópera de Manaus permaneceu como um lembrete silencioso do Progresso.

As bananas representavam um pesadelo neocolonial para as costas caribenhas repletas de palmeiras. As empresas bananeiras americanas floresceram ali nas décadas de 1880 e 1890, tornando-se corporações multinacionais — entre as primeiras do mundo. No início do século XX, várias delas se fundiram na United Fruit Company, um império bananeiro que operava na Costa Rica, Honduras, Guatemala, Nicarágua, Panamá, Colômbia e Venezuela. As empresas bananeiras superavam em muito o poder econômico dos governos dos pequenos países anfitriões. A United Fruit transformou diversas nações da América Central em "repúblicas das bananas", onde podia manter governadores, ministros e até presidentes sob seu controle. As empresas bananeiras adquiriram milhões de hectares para suas plantações, milhões a mais para uso futuro e milhões a mais simplesmente para evitar possível concorrência. Às vezes, as construtoras de ferrovias usavam terrenos ao longo dos trilhos (concedidos às empresas como incentivo) para iniciar plantações de banana. Outras vezes, as próprias empresas bananeiras construíam suas ferrovias. De qualquer forma, o transporte rápido da fruta delicada era condição essencial para o negócio da banana.

As empresas bananeiras criaram cidades empresariais, habitadas por gerentes, engenheiros e agrônomos dos Estados Unidos, juntamente com seus...

Famílias, em miniaturas de bairros americanos com casas de varanda telada em gramados meticulosamente cuidados, praticamente isoladas do resto do país. Depois de entregar bananas aos Estados Unidos, os navios das empresas retornavam com jornais, roupas, filmes, veículos e comida, permitindo que esses novos colonizadores vivessem como se nunca tivessem saído de casa. Esses enclaves isolados de banana contribuíram pouco para o desenvolvimento dos países anfitriões. Empresas como a United Fruit reservavam cargos de gerência para funcionários brancos americanos e contratavam "nativos" para o trabalho braçal com facões. Governadores e ministros se beneficiavam de relações cordiais com os executivos das empresas, é claro. Quem vendia terras para as empresas bananeiras também lucrava. As empresas também pagavam alguns impostos, em condições invariavelmente favoráveis a elas. E quando se retiravam — por causa de uma praga nas bananeiras ou de uma nova estratégia corporativa — tudo o que essas instalações multinacionais deixavam para trás eram ex-cortadores de banana sem emprego, sem terra, sem educação e com muitos dedos amputados.

Não é de admirar que as populações rurais tenham migrado para as cidades à medida que o capitalismo agrário se consolidava no campo. Esse fluxo ainda não era tão intenso em 1900. A Cidade do México, hoje uma das maiores cidades do planeta, tinha apenas cerca de 350 mil habitantes na virada do século XX. Nem Bogotá nem Lima tinham muito mais do que cem mil. Toda a América Latina tinha uma população comparativamente pequena e predominantemente rural, de cerca de sessenta e três milhões de habitantes nessa época. Mesmo assim, as cidades cresciam de forma constante, e aquelas que atraíam novos habitantes tanto das áreas rurais quanto da Europa cresciam de forma espetacular. Na queda de Rosas, em 1852, a cidade de Buenos Aires tinha cerca de cem mil habitantes. Ao final do período neocolonial, por volta de 1930, já contava com dois milhões. Em 1900, já era a maior cidade da América Latina, com dois terços de milhão de habitantes. O Rio de Janeiro, um polo de atração para imigrantes portugueses, italianos e espanhóis, era a segunda maior cidade da região, com pouco menos de meio milhão de habitantes. Montevidéu, Santiago, Havana e São Paulo vieram a seguir, com cerca de um quarto de milhão cada. Nessa época, praticamente todas as capitais da região já contavam com eletricidade.

Telefones e bondes. Buenos Aires, Cidade do México e Rio estavam construindo avenidas esplêndidas seguindo o modelo parisiense.

Com exceção das quatro ou cinco principais, as cidades neocoloniais da América Latina não eram locais de fábricas e chaminés. A industrialização chegaria mais tarde à maior parte da região. Em vez disso, as cidades eram principalmente centros comerciais, administrativos e de serviços. Agora, elas fervilhavam de atividade, à medida que as famílias proprietárias de terras gastavam os lucros do boom das exportações.

AVENIDA DE MAIO. Concluída na década de 1890, a espaçosa avenida principal do centro de Buenos Aires era ladeada por edifícios impressionantes em diversos estilos modernos. Ela exemplificava a transformação das capitais na América Latina neocolonial.

O dinheiro proveniente das colheitas, da pecuária e das minas permitiu a compra de mansões, pianos, móveis finos, porcelana, obras de arte e, eventualmente, carros. Em toda a América Latina, as famílias proprietárias de terras iniciaram o século XX com uma sensação estimulante de novos horizontes culturais. Sua prosperidade permitiu que gradualmente se tornassem pessoas urbanas, deixando a fazenda ou plantação sob a supervisão de um administrador contratado ou de um primo do campo. Retornavam apenas ocasionalmente, para alguns dias de férias, para degustar iguarias rústicas e impressionar seus fiéis empregados com histórias do progresso urbano.

A educação era cada vez mais importante para os filhos e filhas de famílias proprietárias de terras urbanizadas. Alguns estudavam engenharia, arquitetura, agronomia e medicina, mas o curso preferido, de longe, continuava sendo o de direito. De fato, a imagem padrão do filho de proprietário de terras em 1900 era a do jovem doutor em direito, provavelmente destinado à política em vez da advocacia. (Todos os graduados universitários eram tratados com respeito como...) *doutor*Educação e vida urbana andavam juntas. Raramente se conseguia educação, mesmo que básica, no campo. Assim, a Argentina e o Uruguai, os países mais urbanizados da América Latina, eram também os mais alfabetizados. Em 1900, a maioria da população desses países sabia ler. Contudo, mais da metade da população da maioria dos países ainda era analfabeta. No Brasil, um país predominantemente rural que quase não tinha escolas rurais, não mais do que duas em cada dez pessoas sabiam ler.

Durante esses anos, pessoas talentosas de ascendência racial mista continuaram gradualmente a infiltrar-se na classe média branca. Como a educação era um bem escasso e prestigioso, os latino-americanos não pertencentes à elite raramente a tinham — mas quando a tinham, isso lhes abria portas.

Ocasionalmente, a pessoa que entrava pela porta era um gênio da literatura, como o romancista Joaquim Machado de Assis, ainda considerado o maior romancista brasileiro. Independentemente da opinião que tivessem sobre ele.*café com-leite*(café com leite) tez, a elite brasileira expressava admiração irrestrita por seu domínio da palavra escrita. A mãe de Machado de Assis havia sido lavadeira. Ele galgou posições como

Primeiro tipógrafo, depois jornalista. Em 1897, Machado de Assis tornou-se presidente da prestigiosa Academia Brasileira de Letras, onde presidiu uma distinta (e predominantemente branca) turma de poetas, estadistas e acadêmicos. O mexicano Ignacio Manuel Altamirano e o peruano Ricardo Palma, ambos negros, também se tornaram “decanos das letras nacionais” em seus respectivos países. Rubén Darío, um prodígio mestiço de pele escura de uma pequena cidade da Nicarágua, recebeu reconhecimento internacional por seu gênio literário. Mesmo em meio ao clima neocolonial geralmente racista, o respeito latino-americano pela arte, especialmente pela literatura, conferiu a homens como Darío, Palma, Altamirano e Machado de Assis um status então inigualável por qualquer pessoa negra nos Estados Unidos. Darío tornou-se um dos poetas mais influentes a escrever em língua espanhola. Pela primeira vez na história, pessoas em todo o mundo hispânico,*incluindo a Espanha*, reconheceu um poeta hispano-americano como o grande mestre cuja visão e estilo definiram a mais alta expressão artística de sua civilização.

NEOCOLONIAL EXPORT PRODUCTS
coffee
copper
cacao
cattle
silver
oil
bananas
henequen
cotton
rubber
guano
sugar
sheep
wheat
tin
yerba mate
nitrate
tobacco

O México exporta gado, prata, petróleo, bananas, algodão e henequém. Café e bananas são exportados da América Central. Açúcar e tabaco são exportados do Caribe. Petróleo e gado são exportados da Venezuela. Café e gado são exportados da Colômbia. Cacau é exportado do Equador. Borracha, açúcar, cobre e guano são exportados do Peru. Borracha, cacau, algodão, açúcar, gado e café são exportados do Brasil. Estanho é exportado da Bolívia. Nitrato, cobre e trigo são exportados do Chile. Óleo e erva-mate são exportados do Paraguai. Gado e ovelhas são exportados do Uruguai. Açúcar, trigo, gado e ovelhas são exportados da Argentina.

UM MERCADO DE RUA Na Cidade do México, durante a Revolução de 1910.

Esses escritores eram homens excepcionais cujas histórias não são típicas. Ainda assim, como parte de um processo lento e constante que ocorria em toda a América Latina, mestiços talentosos estavam se integrando às classes médias dos países latino-americanos, encontrando mais oportunidades e enfrentando menos preconceito do que os negros de classe média alta nos Estados Unidos. Na virada do século, a classe média mexicana havia se tornado notavelmente mestiça, e muitos outros países não estavam muito atrás.

Somente em meados do século XX a maioria dos países da região se tornaria predominantemente urbana. Até 1930, o equilíbrio populacional e de poder residia no campo, onde os latifundiários controlavam não apenas a riqueza nacional, mas também o sistema eleitoral. Esse fenômeno — pelo qual um latifundiário no Chile, no Brasil ou praticamente em qualquer lugar da América Latina levava seus clientes às urnas no dia da eleição para “votá-los” — era a espinha dorsal de todos os governos fortes da região. Tais “eleições controladas” eram essenciais para o sistema político do neocolonialismo. Nesse ponto, os liberais no poder realmente não faziam jus ao seu nome.

GOVERNO AUTORITÁRIO: OLIGARQUIAS E DITADURAS

Algo curioso aconteceu com os liberais da América Latina durante seu grande retorno ao poder nas décadas de 1860 e 1870. Uma vez no controle, eles se esqueceram das liberdades políticas que haviam exigido sob os caudilhos conservadores. A democracia passou a ocupar um distante segundo plano em seu pensamento, em relação ao progresso material associado ao crescimento das exportações. O crescimento econômico exigia ferrovias e produtos agrícolas para exportação, e para obter*eles*Você precisava de lei e ordem: um governo firme e qualificado, não a política de massas, mas um governo “científico” exercido pelos supostamente melhores e mais brilhantes da nação, que, na maioria dos casos, se resumiam aos mais ricos e brancos. A filosofia que justificava seu governo era*positivismo*O positivismo, doutrina social francesa que prescrevia medidas autoritárias para alcançar ordem e progresso e transformava normas europeias em padrões universais, foi um exemplo disso. A nova república brasileira adotou o lema positivista "Ordem e Progresso" na bandeira nacional na década de 1890.

A governança tornou-se mais organizada. À medida que os lucros do boom das exportações aumentavam, as receitas governamentais provenientes de impostos sobre importações e exportações também cresciam. Os exércitos e as forças policiais nacionais receberam armamento moderno e um novo nível de treinamento, conforme diversos países convidavam conselheiros militares europeus. Agora, os presidentes nacionais detinham muito mais poder de fogo do que qualquer caudilho regional. As ferrovias e os telégrafos agilizaram o deslocamento de tropas para sufocar rebeliões. As guerras civis tornaram-se menos frequentes, pois as famílias da elite se ocupavam com o boom das exportações. O aumento das receitas governamentais proporcionou novas oportunidades de emprego para a classe média nas crescentes burocracias e escolas. Maior estabilidade e prosperidade atraíram mais investimentos estrangeiros, intensificando o comércio e o ciclo.

repetiu-se. Na maioria dos países latino-americanos, as revoluções frequentes tornaram-se coisa do passado por volta de 1900. Em vez disso, houve períodos estáveis.*autoritário*Os governos caracterizam o período neocolonial.

E quanto àqueles — a enorme maioria — que ficaram de fora da euforia? O progresso tinha pouco apelo para eles — muitas vezes, na verdade, os prejudicava — então por que o aceitariam? Em sua maior parte, a maioria tinha pouca voz na questão. A influência política da maioria rural era limitada pelos requisitos de renda e alfabetização para votar, e ainda mais limitada pela prática de eleições controladas. Os governos autoritários da América Latina neocolonial transformaram a gestão eleitoral em uma arte.

As eleições manipuladas constituíam uma disputa de poder entre redes de clientelismo rivais, um teste de força em vários níveis. No âmbito da administração nacional, os que detinham o poder nomeavam funcionários eleitorais que favoreciam seu partido. Essa prática influenciava radicalmente a eleição desde o início. No âmbito local, uma eleição ainda era uma disputa sem limites entre facções que tentavam garantir o máximo de votos possível — por pessoa — enquanto impediam o outro lado de fazer o mesmo. O campo, onde os grandes latifundiários controlavam os votos e o poder de luta de muitos clientes, era o habitat natural das eleições manipuladas. Enquanto durou o grande boom das exportações, a maioria dos governos neocoloniais contou com o sólido apoio dos latifundiários, garantindo maiorias eleitorais confiáveis. Os juízes e as autoridades locais que administravam o processo também influenciavam a contagem final. Eles mantinham os cadastros eleitorais e podiam desqualificar os clientes de seus oponentes ("Desculpe, senhor, seu nome simplesmente não consta na lista"), permitindo até mesmo votos duvidosos para o candidato "certo".

Todos sabiam da fraude. Jornais e representantes da oposição a denunciavam frequentemente. Mas muitos sistemas eleitorais latino-americanos haviam sido sutilmente modificados para facilitar a manipulação por cima, tornando muito difícil impedi-la. Na maioria das vezes, as pessoas simplesmente...

Suportaram a fraude e aprenderam a conviver com ela, passando a encarar as eleições manipuladas como a normalidade do mundo.

Após 1880, os governos autoritários preservaram formas republicanas, mas na realidade funcionavam como ditaduras ou oligarquias. As oligarquias (do grego, que significa "governo de poucos") representavam uma classe dominante restrita. Dentro das oligarquias, as eleições serviam para medir a força das redes de clientes. Mesmo quando os votos não eram livremente depositados ou contados de forma justa, ainda assim mostravam quem controlava o quê e onde – informações que ajudavam a negociar a partilha do poder oligárquico. As ditaduras, por outro lado, centravam-se num indivíduo todo-poderoso. Os ditadores podiam realizar eleições puramente para criar uma aura de legitimidade ou para impressionar os seus aliados estrangeiros. Junte-se o apoio dos latifundiários e uma boa demonstração de legitimidade institucional, adicione-se receitas alfandegárias lucrativas e uma pitada de tecnologia militar moderna, e os governos neocoloniais não precisavam de mais nada para governar – exceto, claro, boas relações com a Europa ou os Estados Unidos, ou ambos.

Essa estrutura básica de poder facilitou meio século de transformação econômica que beneficiou um quarto da população em detrimento de todos os demais. Oligarquias e ditaduras proporcionaram *estabilidade*, a virtude sempre mais desejada pelos investidores estrangeiros. Essa era a virtude que um ex-secretário de Estado americano tinha em mente quando, num momento de ardor diplomático, chamou o ditador mexicano Porfirio Díaz de “um dos maiores homens a serem exaltados como heróis pela humanidade”.

O governo de Porfirio Díaz (1876-1911), conhecido como Porfiriato, foi o próprio epítome das ditaduras neocoloniais na América Latina. Díaz mantinha as aparências constitucionais, mas apenas seus candidatos venciam as eleições. Ele também contava com um círculo de assessores tecnocratas imbuídos da "ciência" positivista do governo — os Científicos, como eram chamados. À medida que o valor do comércio de importação/exportação do México aumentou cerca de dez vezes durante o Porfiriato, Díaz usou as novas receitas para fortalecer o Estado mexicano. Ele conteve os caudilhos regionais, esmagando-os ou subornando-os. Criou empregos públicos para a classe média.

Díaz ofereceu apenas duas alternativas:*pão ou palo,*que significa aproximadamente “cenoura ou vara”. Por exemplo, ele subsidiava a imprensa para mantê-la amigável e, em seguida, prendia jornalistas que se manifestavam contra ele. O México adquiriu um sistema ferroviário nacional e avenidas elegantes e repletas de monumentos em sua capital. Mas, à medida que o México se aproximava do centenário da revolta de Hidalgo em 1810, a polícia da Cidade do México recebeu ordens para expulsar os indígenas do centro da cidade, para que os visitantes estrangeiros não tivessem “uma impressão errada” do México.

Curiosamente, o próprio Díaz tinha ascendência mixteca. Ele era um homem do sul, região de forte presença indígena, um autêntico herói de guerra que ascendeu na hierarquia militar durante a luta contra os franceses, a quem derrotou de forma memorável no Cinco de Mayo (5 de maio de 1862), uma data marcante na história mexicana. Mas, assim como aconteceu com Benito Juárez, as raízes indígenas de Díaz contribuíram para sua imagem popular como líder nacional sem, contudo, torná-lo um defensor das identidades indígenas.

No campo, Díaz fundou a famosa*rurais*(Polícia Montada Nacional) para garantir um ambiente que inspirasse confiança nos investidores. Ele também supervisionou uma venda massiva de terras públicas, a maioria das quais foi para especuladores e outros que já possuíam grandes propriedades. Quase todas as terras restantes pertencentes a aldeias indígenas passaram para as mãos de empresas de topografia. Díaz acolheu bem o investimento estrangeiro em terras mexicanas, e estrangeiros logo detiveram cerca de um quarto delas, bem como a prata e o petróleo que jaziam no subsolo. O petróleo jorrava de poços recém-abertos na costa do Golfo do México. O champanhe também jorrava, enquanto taças eram erguidas para brindar o presidente exemplar do México neocolonial com elogios efusivos em uma variedade de sotaques estrangeiros. Ainda assim, Díaz sabia que a influência externa era uma bênção ambígua. "Pobre México", ele ironizou, "tão longe de Deus, tão perto dos Estados Unidos."

Com exceção do champanhe e das eleições controladas, o governo no Brasil neocolonial era uma questão muito diferente. Era altamente descentralizado, exemplificando as possibilidades de um governo oligárquico — em oposição a um governo ditatorial. Com a morte do imperador, como poderiam governos distantes...

Famílias latifundiárias controlavam o vasto território do Brasil? A Primeira República Brasileira (1889-1930) era uma federação de vinte estados com um governo central fraco. Seu princípio fundamental, em nítido contraste com o Porfiriato, era a autonomia local para cada oligarquia latifundiária. Pecuaristas, cafeicultores, canavieiros, barões do cacau e da borracha de todo o Brasil controlavam as eleições locais a seu bel-prazer. Diversas oligarquias regionais negociavam o controle de cada estado brasileiro. É importante ressaltar que a nova estrutura federal permitia que cada estado retivesse suas próprias receitas de exportação. Na prática, os governadores dos estados, em conjunto, determinavam quem seria o presidente. Os dois estados mais poderosos eram os atuais principais produtores de café, São Paulo e Minas Gerais, e alternavam a presidência entre si.

Como as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais almejavam autonomia acima de tudo — e já a possuíam —, seus presidentes federais pouco fizeram. Os republicanos abriram o Brasil para os negócios, por assim dizer, e depois se mantiveram afastados. Uma iniciativa do governo neocolonial brasileiro é uma exceção que confirma a regra. Em 1906, o governo federal brasileiro começou a comprar e estocar o excedente de café, milhões de toneladas, para evitar que a superprodução baixasse o preço. Ao fazer isso, os cafeicultores que controlavam o governo central usaram os escassos recursos federais para fortalecer seus interesses privilegiados. Enormes estoques de café foram queimados quando o sistema finalmente desmoronou.

Enquanto isso, o Nordeste do Brasil ofereceu diversos exemplos de resistência acirrada ao Progresso liberal. Em 1874-75, camponeses se revoltaram em mercados para desafiar a imposição do sistema métrico de pesos e medidas, que, segundo eles, os prejudicaria. As multidões enfurecidas queimaram os registros e arquivos oficiais que os advogados usavam para despejar famílias sem título legal de propriedade da terra. Na década de 1890, bandidos com reputação de Robin Hood, habitantes do sertão árido, tornaram-se heróis populares e temas de baladas no Nordeste brasileiro. Essa região extremamente pobre do Brasil também tinha uma tradição de homens santos itinerantes que restauravam igrejas em ruínas, reavivavam o fervor religioso tradicional e

Ocasionalmente, ganhavam fama como fazedores de milagres. Entre 1893 e 1897, milhares de fiéis fervorosos se reuniram em torno de Antônio, o Conselheiro, que pregava contra o materialismo moderno e a "república ímpia". Com uma velocidade surpreendente, Canudos, a base do Conselheiro no sertão baiano, tornou-se a segunda maior aglomeração populacional do estado, superada apenas pela capital. Horrorizado com o espectro de um profeta fanático — o oposto do Progresso —, o governo federal brasileiro lançou uma expedição militar após a outra contra a "cidade santa" de Canudos, aniquilando-a juntamente com a maioria de seus habitantes, pelo menos dez mil. Aqui, segundo*As Terras Selvagens* (1902), a famosa crônica do evento escrita por um engenheiro militar e brilhante escritor, Euclides da Cunha, foi mais uma batalha acirrada entre a civilização (defendida pelo exército moderno, um foco do positivismo brasileiro) e a barbárie (representada pelo Conselheiro e seus piedosos seguidores).

Da Cunha havia sido educado no racismo científico de sua época, mas, ao observar o povo de Canudos resistir às tropas bem armadas, suas ideias mudaram. Essas pessoas de mestiçagem tipicamente brasileira, concluiu ele, não eram inferiores. "Seus reveses só as fortaleceram. A fome endureceu sua determinação. A derrota as tornou duras como rochas." Da Cunha assistiu, com repulsa, ao exército usar dinamite, uma ferramenta do Progresso recém-inventada, para destruir o que restava da Cidade Santa. "Fazia todo o sentido", escreveu da Cunha, com palavras arrepiadas e carregadas de presságios de futuro: "O ataque final do exército atingiu a rocha sólida, o alicerce de nossa nacionalidade e de nossa raça."

Entretanto, as forças autoconfiantes do Progresso esmagaram impiedosamente os Canudos, assim como, durante esses mesmos anos, liquidaram definitivamente o povo Cruzob da cruz falante de Yucatán (1901). Opor-se ao Progresso e à Civilização era loucura, pensava da Cunha, embora também admirasse a espetacular resistência dos camponeses aos repetidos ataques do exército brasileiro. O livro de da Cunha tornou-se um grande clássico da literatura brasileira, lembrando em certa medida a obra de Sarmiento.*Facundo*, que contou maravilhosas

Histórias dos gaúchos, mesmo enquanto os condenavam à extinção. O progresso era o destino, pura e simplesmente — uma noção que da Cunha compartilhava com a maioria dos ocidentais instruídos por volta de 1900. Por volta de 1930, o café representava 80% das exportações colombianas.

HERÓIS GAÚCHOS. Alguns homens rurais resistiram à "lei e ordem", muitas vezes corruptas, que o Progresso trouxe para o campo. Por vezes, foras da lei tornaram-se heróis. A narrativa de "crime real" que glorifica o fora da lei argentino Juan Moreira gerou muitas dramatizações, como a retratada aqui.

A elite colombiana tendia a concordar. A geografia da Colômbia, contudo, significava que o país não tinha fácil acesso à economia internacional. A Colômbia neocolonial, portanto, emergiu muito mais lentamente como uma grande exportadora, e o liberalismo doutrinário tinha menos influência sobre a mentalidade colombiana. De resto, quase tudo sobre a Colômbia neocolonial lembra os padrões gerais já descritos. Eleições controladas eram a base do domínio oligárquico na Colômbia, como em outros lugares. Segundo o ditado local, “quem conta os votos, escolhe quem é eleito”. Depois que o caudilho colombiano Tomás Cipriano de Mosquera tomou Bogotá em 1861, seus liberais radicais impuseram medidas anticlericais abrangentes, expropriando quase todos os bens da Igreja, o que levou à excomunhão de Mosquera pelo Vaticano. Eles também mudaram o nome do país para Estados Unidos da Colômbia e estabeleceram uma forma extrema de federalismo. Promoveram a exportação de tabaco e quinina (uma substância medicinal derivada da casca da árvore de chichona), nenhum dos quais é particularmente pesado ou difícil de transportar. O transporte limitado sempre foi o maior obstáculo a ser superado. Até o início do século XX, a Colômbia montanhosa praticamente não tinha estradas rurais, exceto pelas estreitas trilhas usadas por mulas de carga. As ferrovias eram poucas, curtas e não interligadas. Em 1889, a ferrovia mais impressionante da Colômbia consistia em alguns quilômetros de trilhos que atravessavam o alto planalto andino ao redor de Bogotá. Quase tudo o que era necessário para essa ferrovia, incluindo todos os trilhos de aço e uma locomotiva desmontada, teve que ser transportado com dificuldade pela íngreme trilha de mulas até Bogotá, a partir de barcos fluviais no rio Magdalena. Na década de 1880, as exportações da Colômbia para o mercado mundial chegavam a 4-5 dólares per capita, um aumento em relação aos 3-4 dólares da geração anterior. Enquanto isso, a Venezuela (vizinha da Colômbia)

A China (um país vizinho, com acesso muito mais fácil ao mercado mundial) exportava o equivalente a 6-7 dólares; o Brasil, o equivalente a 8-9 dólares; e a Argentina, o equivalente a 32 dólares. Por volta de 1900, a população de Bogotá atingiu cem mil habitantes, num momento em que a população da próspera Buenos Aires se aproximava de um milhão de habitantes.

Nesse período, a oligarquia colombiana teve mais sucesso em governar do que em exportar. Em 1880, o Partido Liberal perdeu para o Partido Conservador, que manteve a preponderância do poder por meio século, contrariando a tendência regional. Os conservadores restauraram a influência da Igreja Católica, concedendo-lhe o controle da educação em todo o país. Também revogaram o federalismo ao estilo americano em favor de um sistema centralizado. Notavelmente, porém, os conservadores permitiram que as elites liberais tivessem alguma representação das minorias, o suficiente para evitar rebeliões (na maior parte dos casos), enquanto continuavam a expandir as exportações para o mercado mundial. A maior exceção foi a Guerra dos Mil Dias, de 1899 a 1902, que alterou pouco o cenário político. Por volta de 1900, o tabaco e a quinina foram ultrapassados pelo café como principal produto de exportação da Colômbia, seguidos, a uma distância considerável, pela banana e pelo petróleo. O café era cultivado em toda a região central da Colômbia, tornando-se um fator de unificação econômica, e ferrovias continuaram a ser construídas para transportar a safra até os portos. Por volta de 1930, o café representava 80% das exportações colombianas em valor, e o país havia se tornado, depois do Brasil, o principal exportador mundial de café.

Na América Latina neocolonial, nada importava mais do que os laços com o mundo exterior.

CONEXÕES COM O MUNDO EXTERIOR

A influência de exemplos externos foi, por vezes, útil. As mulheres latino-americanas que lutaram pelo direito ao voto nas décadas de 1910 e 1920 foram claramente inspiradas por exemplos da Europa e dos Estados Unidos. Os movimentos feministas modernos surgiram nas cidades, onde as influências externas eram mais fortes. Enquanto isso, nas cidades e vilas do interior, o patriarcado e o antigo código de honra permaneceram praticamente incontestados. As influências internacionais são evidentes na vida das líderes feministas, muitas das quais tinham sobrenomes não espanhóis nem portugueses: Gucovski, Scheiner, Laperriere, Moreau — todas da Argentina.

Ou considere Paulina Luisi, do Uruguai, a primeira mulher em seu país a obter um diploma de medicina (1909). Seu nome italiano era típico da população fortemente imigrante de Montevidéu. Em 1906, ainda estudante, a provocativa Luisi foi chamada de anarquista por defender o uso de um livro didático francês de educação sexual. Apesar da polêmica, ela conquistou respeito e logo passou a representar o Uruguai em conferências internacionais de mulheres e a viajar extensivamente pela Europa. Em 1919, iniciou a luta pelo direito de voto feminino no Uruguai. Sua perspicácia política ficou evidente quando foi entrevistada sobre o assunto e apresentou sua perspectiva feminista enquanto tricotava discretamente. Em 1922, tornou-se vice-presidente honorária da Conferência Pan-Americana de Mulheres, realizada nos Estados Unidos, e assessorou a principal feminista brasileira, uma mulher muito mais jovem chamada Bertha Lutz.

O pai de Bertha Lutz era suíço-brasileiro e sua mãe inglesa. Ela gostava de explorar e caçar rãs, tornando-se bióloga, algo impensável para uma brasileira da época de sua mãe. Ela cresceu em São Paulo, o centro progressista do Brasil, mas deixou a cidade ainda jovem para estudar na Europa por sete anos. Ao retornar ao Brasil em 1918,

Ela publicou um manifesto feminista incisivo. As mulheres brasileiras estavam "ficando para trás" em relação às mulheres europeias e americanas, escreveu ela. Se tivessem uma oportunidade, poderiam se tornar "instrumentos valiosos para o progresso do Brasil". Lutz também participou da Conferência Pan-Americana de Mulheres de 1922, onde fez amizade com a pioneira feminista americana Carrie Chapman Catt. Aliás, foi durante uma visita a Catt após a conferência de Baltimore que Lutz esboçou a constituição de uma organização para a Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Lutz e sua organização merecem crédito pela conquista do direito ao voto pelas mulheres brasileiras em 1932, antes das uruguaias, argentinas e da maioria das outras mulheres latino-americanas.

Poucos hoje questionariam a influência positiva do feminismo internacional sobre Paulina Luisi ou Bertha Lutz. De fato, a intensa influência externa que hoje chamamos de neocolonialismo raramente era identificada como prejudicial, mesmo em seu auge. A forte popularidade do Progresso parecia universal. Os liberais acreditavam que o Progresso era orientado para a Europa apenas porque começou na Europa e depois se espalhou para o resto do mundo. Essa ideia era difícil de refutar. Assim, em termos de ideologia e valores, assim como no comércio e nas finanças, o neocolonialismo significava a absorção da América Latina por um sistema internacional dominado pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. É aqui, no atrito com poderosos atores externos, que os latino-americanos começaram a sentir a... *colonial*em neo*colonialismo*.

VESTIDO PARA IMPRESSIONAR. Essa mulher mexicana não identificada claramente pertencia à pequena classe de pessoas suficientemente prósperas para imitar os estilos europeus com maior ou menor perfeição quando sua foto foi tirada no final do século XIX.

Até o final do século XIX, era inegável que a Grã-Bretanha dominava o cenário internacional na América Latina. O poder britânico pairava sobre a região desde a derrota da Espanha e de Portugal na década de 1820. Apesar do poderio naval avassalador da Grã-Bretanha por quase um século, as façanhas militares britânicas na América Latina foram raras. A Argentina foi a mais afetada, como durante o período da independência. Apenas a conquista britânica de algumas ilhas frias e isoladas do Atlântico Sul — as Malvinas — teve consequências duradouras. A Grã-Bretanha tinha pouca necessidade de colônias na América Latina. Controlava territórios suficientes em outros lugares: África do Sul, Índia, Austrália, Canadá e Jamaica, para citar apenas algumas das áreas sob domínio britânico na época. A expansão comercial e financeira britânica na América Latina, por outro lado, foi implacável. Em 1914, quando o investimento estrangeiro e a dívida da América Latina totalizavam quase US$ 10 bilhões, mais da metade pertencia à Grã-Bretanha, com investidores americanos e franceses em um distante segundo e terceiro lugares. Os diplomatas britânicos eram mais moderados em comparação com seus homólogos franceses e americanos, porque a libra esterlina britânica falava por si só.

A influência ideológica da Grã-Bretanha também era sutil, mas poderosa. Inegavelmente, a Grã-Bretanha era um centro do Progresso e da Civilização que tanto fascinava os liberais latino-americanos. Enquanto a França permanecia o ideal latino-americano de cultura literária e artística, e Paris a Meca da moda para mulheres "decentes" das classes média e alta, a Grã-Bretanha era imitada na economia e na política. Os partidos Liberal e Conservador do Parlamento Britânico, por exemplo, serviram de modelo para a maioria dos sistemas partidários latino-americanos. E enquanto as damas elegantes se inspiravam na moda francesa, os cavalheiros "decentes" adotavam os estilos britânicos. Ternos de lã escura, adequados para o clima frio e úmido da Grã-Bretanha, tornavam-se insuportáveis nos trópicos, mas elegantes.

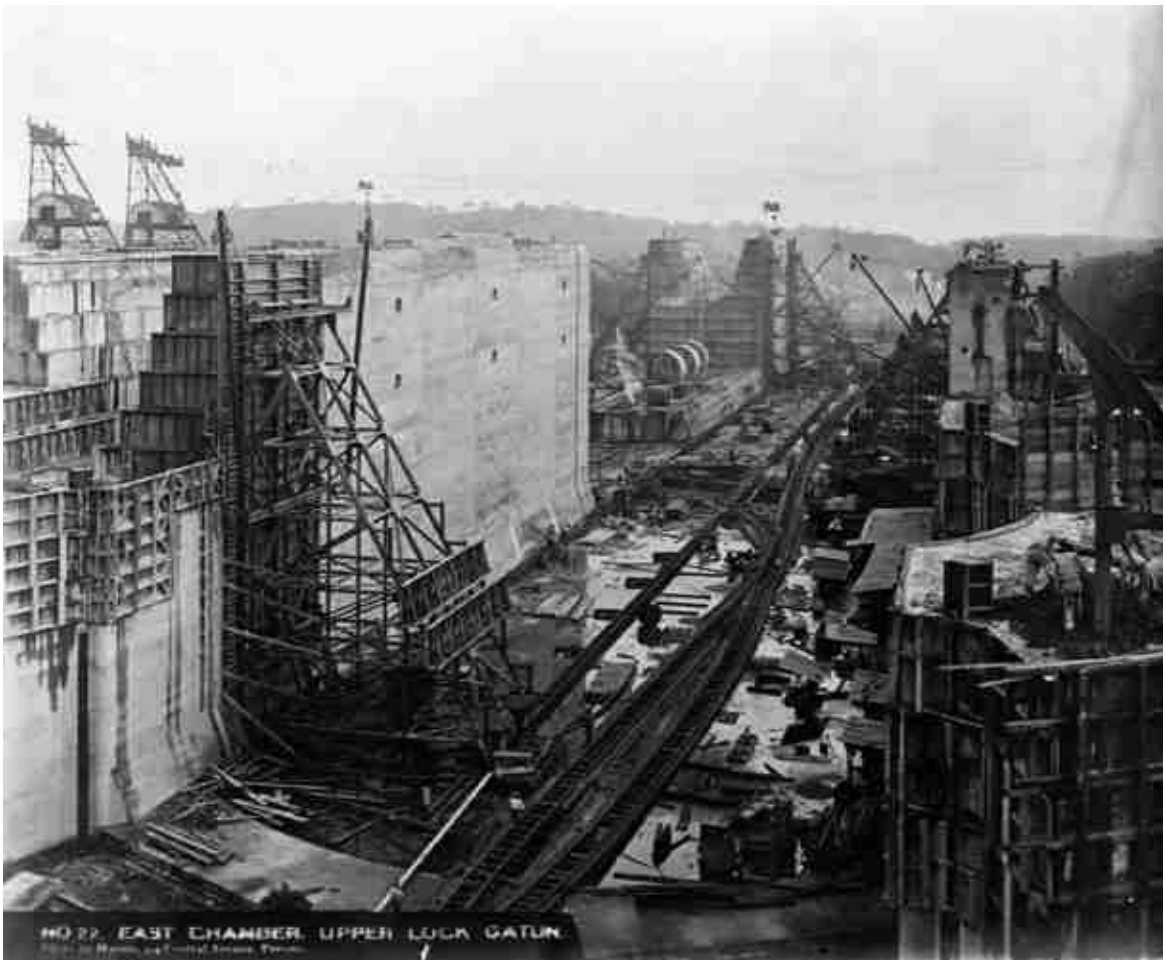
Os homens usavam-nas mesmo assim, o que demonstrava a sua devoção ao modelo europeu.

A influência dos EUA na América Latina começou a superar a influência britânica somente na década de 1890. É verdade que os Estados Unidos invadiram e desmembraram o México na década de 1840, e vários presidentes e secretários de Estado americanos cobiçaram as ilhas do Caribe. Mas as energias capitalistas dos Estados Unidos, em processo de industrialização, construção de ferrovias, guerra civil e conquista do Oeste, haviam sido voltadas principalmente para o mercado interno até que, na década de 1890, a fronteira americana se fechou oficialmente e o país entrou na pior depressão de seus cem anos de história, posteriormente superada apenas pela Grande Depressão da década de 1930. Segundo a visão convencional, as fábricas americanas haviam superado a demanda interna por produtos americanos, saturando o mercado. Assim como a Grã-Bretanha no início do século XIX, os Estados Unidos agora teriam que exportar produtos manufaturados para manter a saúde industrial interna. A Associação Nacional de Fabricantes dos EUA foi formada para buscar mercados no exterior, especialmente na América Latina e na Ásia. Ao mesmo tempo, alguns nos Estados Unidos defendiam a expansão militar. A Grã-Bretanha, a França e muitos outros países europeus, assim como a Rússia e o Japão, haviam adquirido recentemente colônias na África e na Ásia. Essas colônias forneciam matérias-primas e mercados cativos para nossos concorrentes, alertavam os imperialistas estadunidenses, e "nosso quintal", na América Latina, era o local natural para adquirirmos nossas próprias colônias. Também na década de 1890, o estrategista naval americano Alfred Thayer Mahan escreveu sobre a necessidade de uma marinha poderosa e de um canal transoceânico ligando o Atlântico ao Pacífico. Na campanha presidencial americana de 1896, o vitorioso Partido Republicano defendeu esse canal, a anexação das Ilhas Havaianas, estrategicamente localizadas a meio caminho do Pacífico, e a intervenção em Cuba, onde patriotas lutavam pela independência contra a Espanha.

US Military Interventions
Puerto Rico, 1898–
Panama, 1903
Cuba, 1898–1902, 1905–9, 1917–21
Haiti, 1915–34
Mexico, 1914, 1916–17
Nicaragua, 1909, 1912–25, 1927–32
Dominican Republic, 1916–24
UNITED STATES
MEXICO 1,329
HONDURAS 42
CUBA 471
DOMINICAN REPUBLIC 16
HAITI 11
PUERTO RICO 44
GUATEMALA 99
EL SALVADOR 19
NICARAGUA 12
COSTA RICA 61
PANAMA 28
VENEZUELA 161
COLOMBIA 77
ECUADOR 41
PERU 197
BRAZIL 1,913
BOLIVIA 59
PARAGUAY 27
CHILE 668
ARGENTINA 4,001
URUGUAY 475
Foreign Investment (in millions of dollars circa 1914)
Major European Immigration
NEOCOLONIAL INVESTMENTS AND INTERVENTIONS

Os investimentos estrangeiros eram medidos em milhões de dólares por volta de 1914. Os investimentos estrangeiros no México totalizaram 1,329 bilhão de dólares. Os investimentos estrangeiros na Guatemala totalizaram 99 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros em El Salvador totalizaram 19 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na Nicarágua totalizaram 12 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na Costa Rica totalizaram 61 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros em Honduras totalizaram 42 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros em Cuba totalizaram 471 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros no Haiti totalizaram 11 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros no Panamá totalizaram 28 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na República Dominicana totalizaram 16 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros em Porto Rico totalizaram 44 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na Venezuela totalizaram 161 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na Colômbia totalizaram 77 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros no Equador totalizaram 41 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros no Peru totalizaram 197 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros no Chile totalizaram 668 milhões de dólares. Os investimentos estrangeiros na Bolívia totalizaram 59 milhões de dólares. No Paraguai, o total foi de 27 milhões de dólares. No Brasil, o valor foi de 1 bilhão, 913 milhões de dólares. Na Argentina, o total foi de 4 bilhões e 1 milhão de dólares. No Uruguai, o total foi de 475 milhões de dólares. Houve grande imigração europeia para a Argentina, o Uruguai e o Brasil. A intervenção militar dos EUA em Porto Rico começou em 1898. A intervenção militar dos EUA no Panamá ocorreu em 1903. A intervenção militar dos EUA em Cuba ocorreu de 1898 a 1902, de 1905 a 1909 e de 1917 a 1921. A intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu de 1915 a 1934. A intervenção militar dos EUA no México ocorreu em 1914 e de 1916 a 1917. A intervenção militar dos EUA na Nicarágua ocorreu em 1909, de 1912 a 1925 e de 1927 a 1932. A intervenção militar dos EUA na República Dominicana ocorreu de 1916 a 1924. As setas no mapa indicam os caminhos dos Estados Unidos para cada um desses países.

Em 1898, os Estados Unidos declararam guerra à Espanha e invadiram Porto Rico e Cuba, bem como as Filipinas, outra colônia espanhola. A guerra durou apenas algumas semanas, em parte porque as forças espanholas, já debilitadas, estavam enfraquecidas por anos de rebelião patriota em Cuba e nas Filipinas. A rebelião cubana havia sido organizada por exilados cubanos em Nova York e coincidiu com uma longa disputa de circulação entre dois importantes jornais nova-iorquinos. Esses jornais criaram o termo*jornalismo sensacionalista*Utilizando histórias sensacionalistas de supostas atrocidades espanholas para impulsionar as vendas, a opinião pública americana favoreceu o "resgate" de Cuba da tirania espanhola. No entanto, o resultado da guerra beneficiou os interesses estratégicos e econômicos dos EUA, e não os do povo que foi "resgatado". Os Estados Unidos tomaram essas ilhas da Espanha e trataram os patriotas cubanos e filipinos como criminosos. Cuba permaneceu um protetorado dos Estados Unidos por trinta e cinco anos. Por meio de uma cláusula específica, a Emenda Platt, incluída na Constituição cubana, os fuzileiros navais americanos podiam intervir em Cuba sempre que o governo dos EUA considerasse necessário. As Filipinas, vistas como a porta de entrada comercial para a Ásia, foram governadas diretamente pelos Estados Unidos até a década de 1940. As Ilhas Havaianas também foram anexadas aos Estados Unidos em 1898. Somente elas e Porto Rico foram colonizadas permanentemente pelos Estados Unidos. Ainda assim, essa "pequena guerra esplêndida", como a chamou o secretário de Estado, projetou permanentemente o poder militar americano na bacia do Caribe.



CONSTRUÇÃO DO CANAL DO PANAMÁ Foi um triunfo da engenharia e um fiasco diplomático para os Estados Unidos na América Latina. Essas são as enormes eclusas que permitiriam aos navios se deslocarem para níveis mais altos ou mais baixos.

O futuro presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, apreciou a guerra com entusiasmo. Sua unidade especial de cavalaria, os "Rough Riders", impulsionou a carreira política de Roosevelt. Admirador de Alfred Thayer Mahan, Roosevelt havia sido secretário da Marinha durante a década de 1890. Como presidente, em 1903, ele adquiriu uma base militar americana — juntamente com os direitos de construir e controlar um canal — no Panamá. Mas sua audácia ao fazê-lo ofendeu muitos latino-americanos simpatizantes dos Estados Unidos. Até então, o Panamá fazia parte da Colômbia. Para concretizar a visão de Mahan, Roosevelt ajudou a separar o Panamá da Colômbia e, em seguida, comprou os direitos do canal do novo governo panamenho.

Alguns dias depois. Esse acordo obscuro, pelo qual o Congresso dos EUA posteriormente se desculpou, foi conduzido sem a presença de panamenhos nativos. Roosevelt não se preocupou muito com essa arrogância. Para ele, os latino-americanos, a quem costumava chamar de "dagoes", não mereciam a consideração devida a iguais.

As atitudes racistas de Teddy Roosevelt não eram incomuns. Na verdade, as atitudes dos EUA em relação aos povos da América Latina eram marcadas por preconceitos que se entrecruzavam. À medida que os soldados americanos subjugavam as reivindicações indígenas e mexicanas no oeste da América do Norte durante o século XIX, muitos nos Estados Unidos viam os triunfos americanos como predeterminados pela superioridade racial e cultural. No início do século XX, tendo consolidado seu poder militar no México, na América Central e na bacia do Caribe em geral, os Estados Unidos gradualmente suplantaram a antiga posição de domínio da Grã-Bretanha no comércio e na diplomacia latino-americana. Essa mudança de guarda foi completada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com seu custo devastador para a Grã-Bretanha. A hegemonia internacional dos EUA se espalhou para o sul, sobre a América do Sul, na década de 1920. Um dos romances latino-americanos mais conhecidos do período neocolonial apresentava um personagem americano ganancioso e malévolo, o "Sr. Danger", que considerava os llanos venezuelanos "prontos para serem tomados, por serem habitados por pessoas que ele considerava inferiores, por não terem seus cabelos loiros e olhos azuis". A distante Argentina permaneceu, por alguns anos, um último bastião da influência britânica no continente.

Diplomatas e empresários americanos, sem mencionar os missionários, tinham uma abordagem mais moralista do que seus homólogos britânicos, mas sua visão geral era semelhante. Rudyard Kipling, um respeitado escritor britânico da época, exortou os Estados Unidos a "assumirem o fardo do homem branco" de "civilizar" os não europeus durante sua expansão pós-1898. Os diplomatas americanos viam precisamente esse papel para si mesmos na América Latina. Nos Estados Unidos, a visão de um Destino Manifesto, de uma expansão irresistível e inevitável dos EUA na América Latina, havia despertado a imaginação de algumas pessoas por gerações. "O mexicano é um aborígine indígena e deve compartilhar o destino de sua raça", proclamou um senador americano na década de 1840. Ideias sobre a questão racial

A inferioridade dos indígenas, mestiços e negros latino-americanos, combinada com antigos preconceitos protestantes contra a Espanha católica, levou o reverendo Josiah Strong, visionário protestante estadunidense, a afirmar: “Essa poderosa raça [branca estadunidense] avançará pela América Central e do Sul”. Suas ideias de supremacia branca não eram incomuns. Segundo o senador Alfred J. Beveridge, figura-chave na política externa dos EUA, “Deus escolheu o povo americano como Sua nação para finalmente conduzir à regeneração do mundo”. Os imperialistas britânicos sempre foram mais pragmáticos e menos moralistas.

A arrogante sensação de superioridade dos EUA se intensificava em dobro em nosso quintal caribenho. Desde 1823, como o leitor deve se lembrar, diplomatas americanos proclamavam o Hemisfério Ocidental como área proibida para potências externas. A Doutrina Monroe permaneceu, em grande parte, bravata por meio século. Ainda assim, juntamente com uma atitude de superioridade, a ideia de que as Américas, do Norte e do Sul, compartilham uma relação especial tornou-se uma premissa duradoura da política americana em relação à América Latina. Em 1905, Theodore Roosevelt acrescentou um corolário à Doutrina Monroe. O Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe transformou os fuzileiros navais americanos em uma espécie de força policial hemisférica para impedir a intervenção militar europeia na América Latina. As potências europeias haviam usado repetidamente a diplomacia das canhoneiras para obter o pagamento de dívidas. Roosevelt acreditava que o governo americano não deveria mais tolerar intervenções europeias. Contudo, ele acreditava que governos latino-americanos incompetentes ocasionalmente precisariam de correção “por alguma nação civilizada”. Durante esses mesmos anos, charges em jornais americanos frequentemente mostravam o Tio Sam lidando com Cuba, Porto Rico, Nicarágua e outros países caricaturados como os travessos “pequenos Sambos negros”. O Tio Sam era, por vezes, retratado como um professor severo, porém benevolente, que, a contragosto, açoitava esses brincalhões infantis. Da mesma forma, sob o Corolário Roosevelt, tornou-se política dos EUA disciplinar militarmente os países latino-americanos quando “exigido” pelo comércio e pelas finanças internacionais. E isso era exigido com bastante frequência. Ao final do período neocolonial, em 1929, 40% de todos os investimentos internacionais dos EUA estavam na América Latina.

Entretanto, diplomatas estadunidenses haviam criado a União Pan-Americana, uma organização baseada no ideal do livre comércio — e na realidade da desigualdade neocolonial — entre os países. A União Pan-Americana era composta inicialmente por embaixadores latino-americanos nos Estados Unidos, que se reuniam como um órgão hemisférico com sede em Washington, D.C., e presidido pelo secretário de Estado americano. Em conferências pan-americanas periódicas, os secretários de Estado americanos promoviam o comércio, enquanto os representantes latino-americanos expressavam descontentamento com as intervenções estadunidenses na região. Seus protestos unânimes culminaram na Conferência de Havana de 1928.

REINVESTINDO A HISTÓRIA.A resistência às mentalidades neocoloniais começou entre os artistas. Esta pintura histórica de 1893 é um exemplo disso.*A Tortura de Cuauhtémoc*Estava à frente de seu tempo ao retratar os espanhóis como torturadores bárbaros e o líder asteca Cuauhtémoc como um herói nacional.

Naquela altura, os diplomatas latino-americanos tinham muitos motivos para protestar. Além das intervenções em Porto Rico, Cuba e Panamá.

Como já foi descrito, soldados americanos ocuparam a Nicarágua (1912-1933), o Haiti (1915-1934) e a República Dominicana (1916-1924). Às vezes, como na República Dominicana, essas ocupações consistiam principalmente em operações pacíficas de cobrança de dívidas, que incluíam algumas intervenções policiais problemáticas, mas também projetos de saúde pública e saneamento. Outras vezes, como na Nicarágua, eram intervenções militares mais violentas. No final da década de 1920, os fuzileiros navais americanos estavam em uma guerra armada de cinco anos com guerrilheiros patriotas nicaraguenses. O líder guerrilheiro, Augusto César Sandino, acusou os Estados Unidos de "imperialismo". Ele se tornou um herói para muitos latino-americanos, assim como Fidel Castro mais tarde, justamente por se opor aos Estados Unidos. Diversas intervenções americanas instalaram líderes que se tornaram ditadores de longa duração, tiranos corruptos e mesquinhos, conhecidos por sua ganância e obediência à política americana.

Chocados com a anexação de Cuba e Porto Rico pelos EUA, os maiores escritores da América Latina começaram a protestar. Rubén Darío vociferou poeticamente contra o “ímpio” Roosevelt. O poeta cubano José Martí iniciou um movimento literário em defesa de “Nuestra América” (Nossa América), que...*não*incluindo os Estados Unidos. O maior herói patriota de Cuba, chamado de "o Apóstolo" da independência cubana, Martí começou a lutar contra o colonialismo espanhol ainda jovem. Exilado de Cuba aos dezesseis anos, dedicou sua vida à causa da "Cuba Livre". Editou uma revista no México e lecionou na Universidade da Guatemala. De 1881 a 1895, escreveu e trabalhou pela causa patriota cubana na cidade de Nova York, enquanto fazia reportagens sobre os Estados Unidos para jornais latino-americanos até mesmo em Buenos Aires. Martí conhecia os Estados Unidos de perto, mas o alerta mais influente contra os Estados Unidos veio de longe — de um ensaísta uruguaio, José Enrique Rodó, cujo livro*Ariel* (1900) inspirou toda uma geração de professores e intelectuais latino-americanos. Assim como Martí, Rodó respeitava os Estados Unidos, mas considerava seus valores utilitaristas estranhos. Rodó acusava a cultura estadunidense de materialismo grosseiro e desafiava os latino-americanos a cultivar coisas mais refinadas.

— personificado pelo espírito Ariel.

O profeta literário exilado da Colômbia, José María Vargas Vila, foi mais sucinto e menos sutil em seu discurso de 1902, *Enfrentando os Bárbaros*, um aviso contundente sobre o "perigo ianque", que ele via como "uma raça arrogante e voraz, faminta por nosso território... e desdenhosa de nós, odiosa e convencida de sua própria superioridade". Vargas Vila vagava pelo deserto, sem ser ouvido. "Onde quer que eu pisasse", escreveu ele, "gritava minha mensagem da proa do meu navio ao chegar: Os bárbaros estão chegando! E ninguém me ouviu. E agora os bárbaros chegaram." Em suma, no início do século XX, algumas vozes respeitadas da América Latina começaram a questionar a lógica do neocolonialismo.

Eles tinham, no entanto, uma tarefa difícil. O cinema, com suas imagens em movimento que anunciavam uma nova era, uniria o imaginário latino-americano à Europa e aos Estados Unidos de forma mais firme do que nunca. As imagens em movimento chegaram à América Latina na década de 1890, com pouco atraso. Por exemplo, em 1902, seis anos depois que representantes dos pioneiros irmãos Lumière mostraram a Porfirio Díaz suas imagens cintilantes de Paris, o México já contava com duzentos cinemas. Apesar de algumas inovações iniciais, como o primeiro longa-metragem de animação do mundo, produzido na Argentina, as telas de cinema latino-americanas logo sucumbiram à invasão cinematográfica estadunidense que duraria até o século XX. A principal vantagem dos EUA era — e continuaria sendo — seu enorme mercado interno. Hollywood tinha acesso privilegiado a metade das telas de cinema do mundo, localizadas nos Estados Unidos. Hollywood dominava a forma de arte mais cara do mundo porque podia arcar com os mais altos valores de produção e as estrelas mais glamorosas. Logo, Hollywood começou a definir o que as pessoas esperavam de um filme. Assim como em outros aspectos, a influência dos EUA aumentou enquanto a Europa perdia terreno durante a Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, 95% dos filmes assistidos pelo público latino-americano eram de Hollywood.

Na década de 1920, porém, os alertas de Darío, Martí, Rodó e Vargas Vila surtiram efeito. Os latino-americanos admiravam amplamente Sandino em sua luta contra os fuzileiros navais dos EUA, e uma onda de nacionalismo cresceu em diversos países. Os sentimentos nacionalistas não se encaixavam no

molde neocolonial, e geraram energias políticas capazes de rompê-lo. As limitações do molde estavam se tornando desagradavelmente evidentes. Embora a América Latina neocolonial tivesse *crescido* economicamente, tinha *desenvolvido* muito menos. A agricultura de exportação havia prosperado por meio século, mas a indústria ainda era insuficiente. Proprietários de terras, investidores estrangeiros e as classes médias em geral lucraram, mas muitos latino-americanos comuns, especialmente os rurais, sofreram uma queda em seu padrão de vida. Os governos eram mais estáveis, mas raramente mais democráticos — e muitas vezes menos democráticos. Muitos deles pareciam totalmente subjugados, primeiro à Grã-Bretanha, depois aos Estados Unidos.

Então, o molde neocolonial foi totalmente destruído por um evento internacional de impacto semelhante ao das Guerras Napoleônicas. A Bolsa de Valores de Nova York entrou em colapso em 1929, o sistema internacional de comércio e finanças desmoronou ao redor de todos, e o mundo mergulhou gradualmente em duas décadas turbulentas de Depressão e guerra. A demanda por produtos de exportação latino-americanos despencou. Do México ao Brasil e à Argentina, a importação do Progresso parou abruptamente. Os apoios externos ao neocolonialismo desapareceram, e seus apoios internos logo ruiriam, à medida que nacionalistas derrubassem oligarquias e ditadores liberais do Rio Grande à Terra do Fogo.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

neocolonialismo ,pág. 196

o grande boom das exportações ,pág. 196

boom de borracha ,pág. 201

United Fruit Company ,pág. 202

Joaquim Machado de Assis ,pág. 205

Rubén Darío ,pág. 207

Porfirio Díaz ,Porfiriato ,pág. 210

rurais ,pág. 211

Canudos ,pág. 213

Paulina Luisi ,pág. 217

Bertha Lutz ,pág. 217

Guerra de 1898 ,pág. 221

Destino Manifesto ,pág. 224

Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe ,pág. 224

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Como o grande boom das exportações transformou a América Latina e de que maneiras isso aconteceu?*não*transformá-lo?
2. Que tipos de mercadorias a América Latina exportava e como eram produzidas? De que forma a nova imigração da Europa alterou o panorama demográfico?
3. Que tipos de governos surgiram para supervisionar a ordem neocolonial na América Latina?
4. Basicamente, como o racismo científico do século XIX funcionou para atualizar o sistema de castas?
5. De que forma a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos ajudaram a definir a experiência neocolonial da região?

Glossário

neocolonialismo

Uma espécie informal de “colonização” por potências externas, associada na América Latina ao período de 1880 a 1930. Embora politicamente independentes durante esses anos, os países latino-americanos sofreram intervenções militares ocasionais, bem como uma forte influência econômica e cultural da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. Veja*pós-colonialismo*. o grande boom das exportações

uma explosão nas exportações no final do século XIX, geralmente de uma única cultura por país, que levou a um crescimento econômico rápido e sustentado (mas*não*desenvolvimento industrial) na América Latina. boom de borracha

O aumento da extração de látex natural na região amazônica no início do século XX gerou grande riqueza para os comerciantes, mas pouco para a população da região.

United Fruit Company

Império comercial de bananas dos EUA que consolidou operações anteriores na Bacia do Caribe, tornando-se uma das primeiras corporações multinacionais do mundo no início dos anos 1900.

Joaquim Machado de Assis

Amplamente considerado o maior escritor brasileiro do século XIX, este neto de escravos tornou-se presidente da Academia Brasileira de Letras em 1897.

Rubén Darío

Um escritor mestiço nicaraguense que se tornou um dos maiores poetas de língua espanhola no início do século XX. Ele foi uma das principais vozes de protesto contra as intervenções dos EUA na América Latina neocolonial.

rurais (Espanha)

A polícia nacional montada do México, fundada por Porfirio Díaz para impor a ordem no campo.

Canudos

Canudos foi uma localidade no nordeste do Brasil, liderada pelo "profeta" Antônio Conselheiro, que resistiu à autoridade da nova República Brasileira na década de 1890. Em 1897, o governo federal destruiu Canudos para restabelecer a ordem, massacrando a maioria de seus habitantes. Paulina Luisi

A primeira mulher a receber um diploma de medicina no Uruguai (em 1909), ela também foi líder do movimento feminista do país e lutou para garantir o direito de voto às mulheres. Em 1922, tornou-se vice-presidente honorária da Conferência Pan-Americana de Mulheres, realizada nos Estados Unidos. Bertha Lutz

Principal feminista do Brasil, fundadora da Confederação Brasileira do Progresso Feminino (CBP), que desempenhou um papel fundamental na conquista do direito de voto pelas mulheres em 1932.

Guerra de 1898

Uma guerra declarada pelos Estados Unidos contra a Espanha que resultou na invasão de Porto Rico, Cuba e das Filipinas. A guerra durou menos de um ano devido à fragilidade das forças espanholas. Publicamente justificada como um resgate heroico do povo cubano, a

A guerra fazia parte de uma estratégia geopolítica mais ampla para garantir ligações navais transoceânicas.

Destino Manifesto

Uma visão do crescimento territorial dos EUA em meados do século XIX. De acordo com essa visão, era "manifesto" (totalmente óbvio) que, segundo as leis da história, os Estados Unidos se expandiriam (e deveriam) até o Oceano Pacífico, ocupando terras indígenas e mexicanas pela força, se necessário.

Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe

uma espécie de cláusula adicional acrescentada por Theodore Roosevelt em 1905, segundo a qual as forças armadas dos EUA funcionariam como uma espécie de polícia hemisférica na proteção dos interesses econômicos europeus e americanos.

Porfirio Díaz

governante autoritário do México no final do século XIX.

Porfiriato (Spa.)

O longo período de governo de Porfirio Díaz no México, de 1876 a 1911, é frequentemente citado como um exemplo primordial de neocolonialismo na América Latina. Díaz impôs um rígido controle político, incentivou o investimento europeu e estadunidense e conferiu especial influência a um grupo de pensadores positivistas chamados Científicos.

CONTRACORRENTES

NOVA IMIGRAÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA

BUENOS AIRES CONVENTILLO.

O período de 1870 a 1930 testemunhou uma parte da América Latina ser totalmente transformada por um novo tipo de imigração, aproximadamente equivalente, em

Em termos de tamanho e impacto, a imigração forçada de africanos escravizados teve um impacto significativo. A nova imigração foi principalmente um movimento em massa de trabalhadores do sul da Europa, deslocados por mudanças econômicas em seus países de origem, em busca de uma vida melhor no Novo Mundo. Esse fluxo migratório foi paralelo à imigração para os Estados Unidos, atingindo seu ápice nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. A nova imigração conferiu à Argentina, ao Uruguai e ao sul do Brasil uma identidade própria, tornando-os as sociedades mais europeizadas do continente.

PAÍS DE ORIGEM	MILHÕES DE IMIGRANTES
Itália	4.2
Espanha	3.0
Portugal	1.2
Alemanha	0,3
França	0,3
Rússia	0,3
Magnus Mörner,*Aventureiros e proletários: a história dos migrantes na América Latina*(Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985), 50.	

Os países do Cone Sul (os já mencionados, mais o Chile) receberam nove décimos dos imigrantes europeus. Por quê? Embora geralmente acabassem em cidades como Buenos Aires ou São Paulo, esses imigrantes, em geral, imaginavam-se inicialmente como agricultores. Ambientes tropicais desconhecidos — afinal, a maior parte da América Latina é tropical — não os atraíam como agricultores. As terras do Cone Sul, por outro lado, produziriam alimentos básicos europeus, como trigo e uvas. Além disso, como trabalhadores agrícolas, os imigrantes europeus tinham bons motivos para temer os sistemas latino-americanos de escravidão e servidão por dívida, e o extremo sul do continente estava relativamente livre disso. Sem povos indígenas totalmente sedentários e sem plantações lucrativas, as terras pouco povoadas do Cone Sul escaparam dos piores legados do colonialismo.

exploração. Agora, graças aos novos imigrantes, essas regiões mais pobres dos antigos impérios ibéricos se tornariam as mais ricas da América Latina no século XX.

A Argentina era o principal destino. Durante esses anos, mais de cinco milhões de imigrantes europeus afluíram para as férteis províncias ao redor de Buenos Aires. A própria cidade tornou-se uma versão sul-americana de Chicago, com metade de sua população composta por imigrantes europeus em 1914. Naquele ano, 30% da população argentina era de origem estrangeira, predominantemente italiana e espanhola, mas também irlandesa, judaica (da Rússia e do leste europeu), alemã, austríaca, francesa, inglesa e suíça. Os recém-chegados à cidade frequentemente viviam em *conventillos* mansões coloniais decadentes que haviam sido divididas em pequenos cômodos. Esses imigrantes tendiam a não formar bairros étnicos como os dos EUA, então os conventillos de Buenos Aires abrigavam uma diversidade de pessoas. Um historiador social da Argentina descreve as informações do censo de um conventillo da Rua Potosí no início do século XX:

> *Os 207 habitantes deste conventillo ocupavam trinta quartos, equivalentes ao espaço que uma família abastada de dez a quinze membros e cinco a dez empregados ocuparia. Algumas famílias nucleares viviam em quartos individuais: uma lavadeira espanhola de sessenta e poucos anos com quatro filhos, o mais velho viúvo, que morava ali com o filho argentino de seis anos; um sapateiro italiano com a esposa e três filhos, todos nascidos na Itália; um pedreiro francês e sua esposa francesa (lavadeira), com quatro filhos, todos nascidos em Buenos Aires; uma lavadeira espanhola viúva com cinco filhos, os três mais velhos nascidos no Uruguai e os dois mais novos em Buenos Aires. Mais comum era o grupo de homens, alguns solteiros e outros casados com mulheres que haviam deixado na Europa, que se juntavam para formar um único quarto.*

Muitos desses imigrantes haviam trabalhado na agricultura, como arrendatários ou meeiros, antes de decidirem que a região metropolitana de Buenos Aires oferecia melhores oportunidades.

oportunidades. No início agitado do século XX, eles estavam se tornando argentinos, dançando tango e inventando a gíria ítalo-espanhola chamada *lunfardo*onde se começaram a ser escritas letras de tango, conferindo um caráter especial à cidade de Buenos Aires — e à sua irmã gêmea uruguaia, Montevidéu.

O sul do Brasil foi o segundo maior destino de imigrantes entre 1870 e 1930, atrás apenas da Argentina. Acolheu muitos italianos, portugueses, espanhóis, alemães e judeus do leste europeu. As cidades brasileiras do Rio de Janeiro e, sobretudo, de São Paulo, atraíram fluxos migratórios semelhantes aos que chegavam a Buenos Aires e Montevidéu. Suas condições de vida também eram similares. Famílias inteiras ocupavam cômodos individuais em estruturas maiores chamadas de "colmeias". Um romancista brasileiro descreveu uma colmeia, onde muitos dos moradores trabalhavam como lavadeiras, acordando às cinco horas da manhã no Rio de Janeiro da década de 1880:

> *Logo, uma animada aglomeração de homens e mulheres se reuniu em torno das torneiras externas. Um após o outro, eles se abaixavam e lavavam o rosto nos fios de água que jorravam das torneiras baixas. Uma poça se formava gradualmente sob cada torneira, de modo que as mulheres tinham que prender as saias entre as coxas para mantê-las secas. Elas expunham os braços e pescoços bronzeados enquanto prendiam os cabelos no alto da cabeça para não molhá-los. Os homens não se preocupavam com isso. Pelo contrário, enfiavam a cabeça bem debaixo das torneiras, esfregando o rosto e assoando o nariz nas mãos. As portas das latrinas abriam e fechavam incessantemente. Ninguém ficava muito tempo lá dentro, e as pessoas saíam ainda abotoando calças e saias. As crianças não esperavam para usar a latrina e faziam suas necessidades no capim alto atrás das casas.*
>
> *O burburinho atingiu o auge quando a fábrica de massas começou a funcionar no quarteirão seguinte, acrescentando o som monótono de sua máquina a vapor à cacofonia. Ao redor das torneiras, um enorme aglomerado de*

> *Latas — especialmente as grandes de querosene — se acumularam, e o som de respingos se transformou em um gorgolejo constante à medida que as pessoas as enchiam com água. As lavadeiras começavam seu trabalho, enchendo tanques de lavar roupa e pendurando as roupas que haviam ficado de molho durante a noite. Algumas começaram a cantar.*

Alguns aspectos do cenário brasileiro eram peculiares. A chegada de muitos imigrantes japoneses foi exclusiva de São Paulo. O resultado final foi a maior população de ascendência japonesa fora do Japão. Um total de cerca de 250.000 japoneses chegaram entre 1908 e 1993. Mais ao sul, nos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, surgiram diversas colônias étnicas distintas no interior, onde os imigrantes receberam terras. Algumas permaneceram isoladas por muito tempo. Os alemães, por exemplo, frequentemente se mantinham separados, falando alemão, cultivando produtos europeus e construindo pequenos assentamentos bem cuidados que mantêm sua singularidade até os dias atuais. Apesar de sua...

Apesar de sua singularidade, esses imigrantes também se integraram à vida brasileira. Algo semelhante aconteceu com os imigrantes alemães no sul do Chile.

Imigrantes contratados chegaram a diversos países, transportados do outro lado do mundo colonizado. Em geral, sua chegada ocorreu após a abolição da escravatura, e eles tinham como objetivo substituir a mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar. Cuba foi o destino de centenas de milhares de trabalhadores chineses, em sua maioria cantoneses, quase todos homens, geralmente com contratos de oitenta anos. Por essa razão, Havana acabou por ter o bairro chinês mais importante da América Latina. O Peru recebeu possivelmente 100.000 trabalhadores chineses em meados do século XIX. Eles trabalharam em plantações de cana-de-açúcar no litoral e também extraíram guano em ilhas próximas à costa. Os descendentes desses imigrantes, caso não tenham retornado à China, integraram-se às diversas populações locais por meio de casamentos interétnicos. Imigrantes do outro lado do mundo colonizado também substituíram escravos libertos em plantações britânicas, francesas e holandesas.

Caribe. Por exemplo, a Jamaica recebeu 36.000 trabalhadores contratados da Índia entre 1845 e 1917.

Algumas outras correntes migratórias merecem ser mencionadas. A maior imigração europeia fora do Cone Sul foi a imigração espanhola para Cuba, que continuou a abastecer as cidades cubanas com balconistas, artesãos e operários espanhóis mesmo após a independência de Cuba. Enquanto isso, pessoas de ascendência do Oriente Médio (geralmente agrupadas como "turcos" ou "turcos", na gíria latino-americana) possuíam e administravam negócios de varejo em todo o continente. Em 2000, três de seus descendentes haviam se tornado presidentes da Argentina, Colômbia e Equador. Um homem de ascendência japonesa havia se tornado presidente do Peru.

Notas de rodapé

- Nota*: James R. Scobie,*Buenos Aires: Praça ao Subúrbio, 1870–1910*(Nova Iorque: Oxford University Press, 1974), 51.Voltar à referência *

8 NACIONALISMO

Para que as nações se unam internamente, precisam saber quem são; precisam de um senso claro e positivo de identidade nacional. Quatro séculos de transculturação latino-americana — o processo criativo de troca cultural — deram origem a uma infinidade de diferenças na fala, nos costumes e nas atitudes. Entrelaçado ao processo de transculturação, o processo de miscigenação criou populações nacionais também distintas.

Durante o período colonial, os governantes europeus atribuíram à diferença americana um significado negativo — um ato essencialmente "político". Em seguida, os crioulos independentistas inverteram essa atitude em sua retórica nativista de 1810-25 ("Americanos, vocês são os verdadeiros filhos da terra!"), novamente como uma manobra de poder, uma questão política. Mas o nativismo perdeu força após a expulsão dos espanhóis e portugueses, exceto quando intervenções estrangeiras ocasionais o reavivaram. O novo nacionalismo que varreu a região no século XX foi outra onda do espírito nativista anterior, agora com uma forte agenda econômica.

Quem eram os novos nacionalistas e o que buscavam? Os nacionalistas eram, em sua maioria, pessoas urbanas de classe média, imigrantes recentes ou de ascendência racial mista. Eles haviam se beneficiado menos do boom das exportações do que os latifundiários. Raramente podiam viajar para a Europa ou os Estados Unidos, raramente tinham condições de importar todo o Progresso que desejavam. As elites neocoloniais haviam criado bolhas de vidro da cultura europeia nos países latino-americanos, mas os nacionalistas de classe média, numerosos demais para caberem dentro dessas bolhas, se comprometeram com uma causa maior, mais ambiciosa e, acima de tudo,*mais inclusivo*visão de mudança. Os nacionalistas romperiam as bolhas neocoloniais, respirariam o ar latino-americano e sentiriam orgulho quando

As fábricas jovens produziam muita fumaça, porque a industrialização era o objetivo prático que elas mais desejavam.

Ao contrário das elites neocoloniais, eles também se sentiriam à vontade em peles latino-americanas. O nacionalismo fomentou o autorrespeito coletivo ao reinterpretar positivamente o significado da diferença racial e cultural latino-americana. Os nacionalistas declararam independência psicológica da Europa. Não mais escravos da moda europeia, os latino-americanos criariam estilos próprios, especialmente na pintura, música, dança e literatura. É verdade que ainda assistiriam a filmes de Hollywood e ouviriam jazz americano, mas também ensinariam Paris a dançar tango e Nova York a dançar rumba.

O amplo apelo do nacionalismo — que se estendia muito além de seu "núcleo eleitoral" de pessoas urbanas de classe média — conferia-lhe um poder especial. Quatro séculos de exploração colonial e neocolonial deixaram um legado amargo e divisivo na América Latina. A independência na década de 1820 criou os contornos dos países, mas não sociedades nacionais coesas. O neocolonialismo, com seu racismo oficial e suas ferrovias conectando recursos exportáveis a portos marítimos, mas não conectando as principais cidades entre si, pouco contribuiu para a integração nacional. As verdades simples dos nacionalistas — que todos pertenciam, que os benefícios do Progresso deveriam ser compartilhados e que o desenvolvimento industrial deveria ser a prioridade — ofereciam um importante princípio de coesão. As críticas nacionalistas ao imperialismo também forneciam um foco externo claro para o ressentimento — a intervenção estrangeira, tanto militar quanto monetária. E um inimigo comum é politicamente útil. Como toda retórica, a retórica nacionalista às vezes soava vazia, e o nacionalismo também tinha seu lado sombrio, como veremos. No entanto, os nacionalistas que rejeitaram a premissa da supremacia branca e direcionaram a atenção prática para questões de bem-estar público há muito negligenciadas tinham, sem dúvida, uma mensagem política nova e empolgante. O nacionalismo atraiu o apoio fervoroso de pessoas de todo o espectro social — algo que o liberalismo jamais havia conseguido. Não é de admirar que o advento do nacionalismo marque um divisor de águas na história da região.

O nacionalismo latino-americano celebra o que é único — uma experiência histórica particular, uma cultura particular.*étnico*O nacionalismo se assemelha mais à variante alemã ou francesa do que ao nacionalismo americano, que tende a se concentrar em um conjunto de regras e ideais políticos compartilhados. A versão americana às vezes é chamada de*cívico*nacionalismo. Consequentemente, os sinais de identidade étnica — trajes folclóricos, por exemplo, ou comidas tradicionais — assumem uma importância nacionalista na América Latina que não possuem nos Estados Unidos. Além disso, o nacionalismo étnico tende a enfatizar a ideia de raça — frequentemente, a ideia de pureza racial. O nazismo alemão da década de 1930 oferece um exemplo extremamente desagradável.

O nacionalismo latino-americano, por outro lado, enfatiza identidades mestiças. Os otimistas raciais do período neocolonial da década de 1890, persuadidos pelas doutrinas do "racismo científico" originárias da Europa e dos Estados Unidos, acreditavam que as populações nacionais poderiam — e deveriam — ser embranquecidas ao longo do tempo, por meio da imigração e do casamento interétnico. E esses eram os otimistas! Os pessimistas raciais afirmavam que a miscigenação inevitavelmente causava degeneração. Assim, as pessoas de cor, que constituíam a maioria da população latino-americana, deveriam ser excluídas ou, na melhor das hipóteses,*eliminado gradualmente*da visão neocolonial do futuro.

Em contraste, os nacionalistas latino-americanos celebravam a mistura de genes indígenas, europeus e africanos. O tipo físico único de cada país, argumentavam alguns nacionalistas, era uma adaptação ao seu ambiente. No período neocolonial de 1902, Euclides da Cunha chamou os mestiços do sertão brasileiro de "a base" da nacionalidade brasileira e começou a questionar sua suposta inferioridade. Uma geração depois, na década de 1930, a ideia de raças inferiores estava morrendo merecidamente na América Latina — oficialmente, se não nos corações racistas — e o nacionalismo mestiço fez a diferença. Por exemplo, o poeta cubano Nicolás Guillén celebrou dois avôs metafóricos, o escravo e o conquistador, em seu poema "Balada dos Dois Avôs" (1935). O poeta imaginou esses dois

contrastando os ancestrais como sombras que só ele podia ver, sempre ao seu lado:

> *Com sua lança com ponta de osso,*
>
> *seu tambor de madeira com pele crua*
>
> *— meu avô negro.*
>
> *Com sua gola franzida,*
>
> *sua armadura cinza e bélica*
>
> *— meu avô branco.*

O poeta reivindicava ambos os ancestrais e não se identificava mais com um do que com o outro. Imaginava os pés descalços e o "torso musculoso e pétreo" de seu avô negro. Imaginava as "pupilas de vidro antártico" de seu ancestral branco. O branco era certamente mais frio, mais distante. Mas as sombras de ambos os ancestrais eram aliadas do poeta. Nenhuma podia ser sua inimiga, porque ambas faziam parte dele. Portanto, a miscigenação havia resolvido o antagonismo histórico entre brancos e negros, ao menos parcialmente e subjetivamente, na pessoa do poeta. Como metáfora de sua ascendência mista, os dois avôs do poema de Guillén definiam sua identidade racial de forma positiva.

Em um sentido mais amplo, as metáforas da miscigenação forneceram um mito positivo de descendência para Cuba como uma nação mestiça (ou mulata). A poesia de Guillén tinha uma musicalidade que buscava ecoar os ritmos percussivos africanos, e alguns poemas imitavam foneticamente a fala dos cubanos negros. Essas escolhas sinalizavam uma profunda rejeição da estética eurocêntrica típica de períodos anteriores da história latino-americana. E Guillén, embora tenha se tornado o expoente mais aclamado da poesia afro-cubana, não era um caso isolado. Em vez disso, ele fazia parte de uma corrente literária e artística muito mais ampla que também incluía o movimento da Negritude no Caribe francês. Além disso, uma série de excelentes romancistas contemporâneos — o cubano Alejo Carpentier, o peruano Ciro

Alegría e o guatemalteco Miguel Ángel Asturias utilizaram temas africanos e indígenas para colocar seus países no mapa literário. Esses autores nacionalistas não apenas negaram a premissa da superioridade racial europeia, como também elevaram a ideia da miscigenação a uma posição especial de honra patriótica. E fizeram isso mesmo enquanto os nazistas de Hitler promoviam com sucesso a doutrina da supremacia branca na Europa.

Clareamento em três gerações.*Redenção de Cam*, de Modesto Brocos y Gomez. Esta tela brasileira de 1895 ilustra a ideia neocolonial ultrapassada de que o sangue de imigrantes europeus "embranqueceria" as populações latino-americanas. Três gerações — uma avó negra, uma mãe mulata e

A imagem da criança branca — que retrata o processo de embranquecimento da pele resultante da busca das mulheres por parceiros de pele mais clara — tem o intuito de ilustrar o processo. O pai da criança, um imigrante português, está sentado ao lado. O pensamento nacionalista sobre raça abandonou o objetivo oficial de embranquecimento e transformou as raízes africanas e indígenas em motivo de orgulho.

ORGULHO MARROM. *O produtor de café* (1934), do pintor brasileiro Cândido Portinari, reconhecido internacionalmente, é uma figura confiante e poderosa que não precisa de embranquecimento. Como muitos nacionalistas, Portinari celebrou artisticamente a dignidade da classe trabalhadora.

DISTRIBUIÇÃO DE ARMAS. Os movimentos nacionalistas transformaram a América Latina em meados do século XX. Este mural, pintado nas paredes do Departamento de Educação Pública do México em 1928 por Diego Rivera, exemplifica o espírito nacionalista militante. Rivera retratou sua esposa, Frida Kahlo, entre aqueles que distribuíam armas aos revolucionários mexicanos.

1910

Começa a Revolução Mexicana

1929

A quebra da bolsa de valores mina a ordem neocolonial

década de 1930

Industrialização por Substituição de Importações

1937–45

Estado Novo no Brasil

1945

Gabriela Mistral ganha o Prêmio Nobel

Nacionalistas tomam o poder.

Você provavelmente imagina onde começou a erupção nacionalista: um país onde o neocolonialismo havia feito seu pior, onde o nacionalismo se alimentava de repetidas invasões estrangeiras, onde pessoas mestiças eram agora a maioria, um país que já havia eleito um presidente sem ascendência europeia: o México. O centenário da rebelião de Hidalgo, em 1810, marcou o início da primeira grande revolução social do século XX, a Revolução Mexicana (com R maiúsculo).

Em 1910, Porfirio Díaz já dominava o México havia trinta e quatro anos e estava envelhecendo. Reformistas apoiaram a candidatura presidencial de Francisco Madero, um cavalheiro magro do norte do México. Madero queria apenas que Díaz compartilhasse mais poder com a elite mexicana, mas o ditador recusou. A popularidade de Madero aumentou quando Díaz o prendeu e depois o exilou. Foi então que Madero se radicalizou. Ele falava em devolver as terras injustamente tomadas das comunidades indígenas. Entre muitas outras, o povo da comunidade indígena Anenecuilco havia perdido terras para as plantações de cana-de-açúcar durante os anos do Progresso neocolonial. Um líder de Anenecuilco, Emiliano Zapata, aliou sua própria revolta ao movimento nacional de Madero. A imagem de Zapata — com seu largo sombrero e bigode preto, cintos de cartuchos cruzando o peito, montando um garanhão branco — tornou-se um ícone da Revolução Mexicana. Mas Emiliano Zapata representa apenas um dos muitos líderes locais das rebeliões que eclodiram por todo o México. Incapaz ou sem vontade de lutar contra eles, Díaz partiu para o exílio parisiense em 1911.

De repente, o México estava repleto de “revolucionários” com origens e objetivos muito diferentes. Eles concordavam apenas na necessidade de depor Díaz. Quem governaria agora? Madero tentou primeiro, mas fracassou. Ele foi deposto por um general — com a aprovação do embaixador dos EUA no México — e assassinado em 1913. Anos de convulsão.

Entre 1914 e 1920, ocorreram diversos conflitos, com várias forças lutando entre si, seus exércitos cruzando o interior do México, levando consigo mulheres e crianças. As novas armas da época da Primeira Guerra Mundial, especialmente as metralhadoras, acrescentaram seu som seco à dança da morte. No estado de Chihuahua, no norte do país, e posteriormente em nível nacional, Pancho Villa formou um exército de ex-vaqueiros, mineiros, ferroviários e trabalhadores de campos petrolíferos, muito diferente dos guerrilheiros camponeses de movimentos do sul, como o de Zapata. Um terceiro movimento, mais bem conectado, urbano e de classe média, finalmente ganhou força e elaborou uma nova constituição revolucionária em 1917. Esses chamados constitucionalistas, bastante típicos do núcleo nacionalista em toda a América Latina, podem ser considerados os vencedores da Revolução Mexicana. Seus herdeiros políticos controlaram o destino do México pelo restante do século XX.

A Constituição de 1917, ainda em vigor no México, demonstrava forte inspiração nacionalista. O Artigo 27 reivindicava para a nação todos os direitos minerais, por exemplo, sobre o petróleo, então nas mãos de empresas estrangeiras. Também abriu caminho para que as aldeias recuperassem as terras comuns (chamadas de terras comunitárias). *ejidos*e para que grandes propriedades fossem subdivididas e distribuídas a camponeses sem-terra. Em princípio, o Artigo 123 instituiu proteções visionárias (embora a prática tenha variado), como leis de salário e jornada de trabalho, pensões e benefícios sociais, o direito de sindicalização e greve. A nova constituição também limitou drasticamente os privilégios dos estrangeiros e, como legado de radicais mexicanos anteriores, restringiu os direitos da Igreja Católica. A Igreja mexicana perdeu o restante de sua outrora vasta riqueza. Não podia mais possuir imóveis. Seu clero, cujo número agora era limitado por lei, não podia usar vestes eclesiásticas nas ruas nem lecionar no ensino fundamental. As atitudes anticlericais exemplificam o compromisso dos revolucionários em destruir tradições associadas a antigos padrões de hegemonia cultural. Os líderes que emergiram do movimento constitucionalista fortaleceram seu poder na década de 1920. Eles se livraram de Zapata e Villa, esmagaram os últimos caudilhos renegados do México e repeliram um desafio de tradicionalistas católicos armados no campo. (Esses camponeses contrarrevolucionários devotos eram chamados de*Cristeros*por causa de seu hábito

(de gritar “Viva Cristo Rei!”) Finalmente, os constitucionalistas criaram um sistema de partido único que duraria, em várias configurações, até o final do século XX.

Inicialmente chamado de Partido Nacional, depois de Partido Mexicano e, finalmente, de Partido Institucional, permaneceu, porém, um Partido Revolucionário por sete décadas. Seus heróis oficiais eram Madero, Zapata e Villa, e sua retórica oficial era repleta de imagens revolucionárias e nacionalistas. Apesar da destruição incalculável e da horrenda perda de vidas (um milhão de pessoas morreram), a Revolução foi uma experiência nacional profundamente formativa. Criou novas e poderosas lealdades e marcaria o imaginário político mexicano por gerações. Duas intervenções dos EUA durante os anos de conflito — uma invasão punitiva contra Villa, que havia atacado uma cidade no Novo México, e a ocupação americana do porto de Veracruz — apenas reforçaram o brilho nacionalista da Revolução. O novo governo também trouxe alguns benefícios materiais para a maioria rural empobrecida. Um programa de construção de estradas diminuiu seu isolamento, e algumas terras foram distribuídas — embora insuficientes para todos. Grandes iniciativas na educação pública começaram a reduzir a taxa de analfabetismo do país, que chegava a 80%. O ministro da educação mexicano na década de 1920 era José Vasconcelos, um dos principais nacionalistas culturais do hemisfério, que celebrou o triunfo daquilo que ele chamava (de forma pitoresca, mas confusa) de Raça Cósmica, referindo-se aos mestiços.

Ambas as imagens retratam diversas pessoas envolvidas em várias tarefas, como a venda de mercadorias e o transporte de materiais em um mercado.

A HISTÓRIA DO MÉXICO. Duas vistas parciais do magnífico mural de Diego Rivera no Palácio Nacional do México.

Os grandes pintores mexicanos Diego Rivera e Frida Kahlo, que se casaram em 1929, ilustram o nacionalismo revolucionário do México. Diego Rivera era enorme, feio, magnético e brilhante. Era muralista, um pintor de espaços públicos cujas obras cobriam paredes e tetos. Pintava como um furacão por dias seguidos, comendo e até dormindo no andaime. Os murais repletos de vida de Rivera retratam, acima de tudo, a herança indígena do México. De 1923 a 1928, trabalhou pintando o Ministério da Educação Pública de Vasconcelos com cenas de escolas a céu aberto e camponeses indígenas dividindo as terras conquistadas pela Revolução. Em 1929-30, pintou o Palácio Nacional do México (construído pelos herdeiros dos conquistadores!) com imagens da vibrante Tenochtitlán asteca, imagens que mostram a conquista espanhola como um banho de sangue ganancioso e hipócrita. No mural de Rivera, Cortés, semelhante a um troll, observa os conquistadores massacrando, escravizando e contando ouro. A mensagem nacionalista de Rivera é vívida — e provavelmente continuará sendo: ele pintava ao ar livre, sobre gesso fresco, de modo que seus murais se tornavam parte das próprias paredes.

Frida Kahlo, por outro lado, pintava pequenos autorretratos, um após o outro. Pintava especialmente quando estava acamada. Sobrevivente da poliomielite na infância, sofreu um terrível acidente de trânsito que a levou a dezenas de cirurgias. Seu corpo, como o de Aleijadinho no Brasil colonial, estava literalmente se desintegrando enquanto ela criava. Suas pinturas exploram um mundo particular de dor, mas também de humor e fantasia. "Pinto a minha própria realidade", disse ela. Os surrealistas europeus começaram a admirá-la no final da década de 1930, mas o reconhecimento em outros lugares, incluindo o México, veio mais tarde. Frida expressava seu nacionalismo de maneiras pessoais — penteados tradicionais elaborados, joias pré-colombianas e o traje folclórico Tehuana.

Sul do México (comprimento até o chão, para esconder a perna atrofiada pela poliomielite). Ela gostava especialmente de usar essas roupas nos Estados Unidos, onde Diego pintou na década de 1930. Frida adorava a arte folclórica mexicana, como os esqueletos de papel machê que decoram as celebrações do Dia dos Mortos.

O nacionalismo de Diego Rivera e Frida Kahlo era amplamente compartilhado no México durante as décadas de 1920 e 1930. Tudo*nacional*tinha se tornado moda—a música folclórica (*corridos*) e dança (*jarabes*), pratos tradicionais (*tamales*e*toupeiras*), teatro de rua à moda antiga (*carpas*), e objetos artesanais (como os esqueletos de papel machê de Frida). Filmes mexicanos com temática musical machista.*charros*Assim como Jorge Negrete, uma versão mexicana do cantor country americano, que agora competia com Hollywood. O nacionalismo de muitos revolucionários mexicanos tinha nuances marxistas. Diego e Frida, por exemplo, filiaram-se ao Partido Comunista e ofereceram sua casa ao líder revolucionário russo exilado Leon Trotsky, que viveu com eles por vários meses.

Bem longe dali, na Argentina e no Uruguai, o nacionalismo mostrou uma face diferente. Nessa região mais urbanizada, alfabetizada e de classe média da América Latina, o núcleo do nacionalismo era mais forte do que no México. Assim, os nacionalistas da Argentina e do Uruguai conseguiram chegar ao poder sem uma revolução. O Uruguai, em particular, logo teve um dos governos mais progressistas do mundo.

Durante o século XIX, o Uruguai era apenas mais uma minirrepública devastada pela guerra e assolada por vizinhos mais poderosos. Suas lutas políticas estavam intrinsecamente ligadas às da vizinha Argentina. Então, o crescimento econômico do Uruguai durante o boom das exportações pós-1880 acompanhou o desempenho fenomenal da Argentina. Assim como na Argentina, a prosperidade vertiginosa do Uruguai era controlada por meio de eleições manipuladas. O grande reformador nacionalista do país, José Batlle y Ordóñez, começou como um político tradicional e austero. Batlle usou seu primeiro mandato presidencial (1903-1907) principalmente para derrotar rivais políticos. Mas, tendo conquistado amplo apoio na classe média, composta em grande parte por imigrantes,

Ele usou seu segundo mandato (1911-1915) para lançar o movimento reformista conhecido simplesmente por seu nome: Batllismo, representando as classes trabalhadoras de Montevidéu.

O Batllismo não tinha a ver com raça ou singularidade cultural. Era mais um movimento cívico e*econômico*O batllismo significava ação estatal concertada contra o "imperialismo econômico estrangeiro". Trouxe um nível sem precedentes de intervenção governamental para a economia uruguaia: tarifas para proteger as empresas locais; monopólio estatal sobre os serviços públicos, incluindo as ferrovias anteriormente britânicas e o porto de Montevidéu; propriedade estatal de hotéis turísticos e frigoríficos; e muitos bancos estatais para distribuir crédito. De acordo com a determinação de Batlle de que "a indústria moderna não deve destruir os seres humanos", o Uruguai tornou-se o primeiro Estado de bem-estar social do hemisfério, com salário mínimo, condições de trabalho regulamentadas, seguro contra acidentes, férias remuneradas e benefícios de aposentadoria. A educação pública, motivo de especial orgulho no Uruguai desde a década de 1870, recebeu ainda mais apoio, e a universidade foi aberta às mulheres.

O Batllismo transformou o Uruguai para sempre, mas as reformas dependeram, pelo menos em parte, de períodos de prosperidade para financiar seus ambiciosos programas sociais. Além disso, foi um movimento urbano que deixou o Uruguai rural praticamente intocado. O Batllismo também foi agressivamente anticlerical, tornando a sociedade uruguaia uma das mais seculares do hemisfério. A tradicional Semana Santa católica, antes um período solene de procissões religiosas, tornou-se a Semana do Turismo no Uruguai moderno. Para eliminar de vez o domínio caudilho, Batlle chegou a tentar abolir a presidência unificada em favor de um conselho executivo. Ironicamente, muitos viam o próprio Batlle como um caudilho — mas um "caudillo civil", diferente dos caudilhos militares do século XIX.

Do outro lado do Rio da Prata, na Argentina, outro "caudillo civil", representando os interesses urbanos, derrubou a oligarquia latifundiária do país por meio de (acredite ou não) uma eleição em 1916. "A revolução das urnas", como a chamaram. Hipólito Yrigoyen, o

Vencedor daquela eleição, liderou um partido reformista essencialmente de classe média com considerável apoio da classe trabalhadora, a União Cívica Radical. Quando os radicais venceram a eleição de 1916, multidões jubilantes puxaram a carruagem de Yrigoyen pelas ruas de Buenos Aires enquanto flores choviam das varandas.

Os radicais rapidamente se consolidaram, criando o primeiro partido político verdadeiramente de massas na história da América Latina. Sem se furtar a praticar o clientelismo político, a União Cívica Radical distribuiu generosas pensões e empregos públicos a seus apoiadores. Enquanto isso, as reformas implementadas foram menos expressivas do que as do Uruguai. Os radicais pregavam o nacionalismo econômico, mas a influência do capital estrangeiro na Argentina não diminuiu. O único ato significativo de nacionalismo econômico de Yrigoyen foi a criação de uma agência governamental para supervisionar a produção de petróleo.

Ainda assim, a presidência de Yrigoyen marcou uma mudança importante, não tanto pelo que ele fez, mas pelo que ele representava. Malvestido e sem tato social, Yrigoyen era um homem do povo. Ele detestava a elite elegante de Buenos Aires, e era retribuído pelo mesmo ódio. Yrigoyen enquadrava a política em termos morais, como uma espécie de religião cívica. Nunca se casou e viveu uma vida reclusa de lendária frugalidade em uma moradia simples que seus inimigos chamavam de "toca" presidencial. Uma anedota famosa exemplifica seu desprezo pelos símbolos do poder. Conta-se que um amigo lhe pediu uma lembrança pessoal. Yrigoyen gesticulou vagamente em direção a uma caixa de papelão repleta de medalhas e honrarias. "Sirva-se", respondeu.

Os argentinos comuns podiam visitar o presidente para pedir alguma pequena concessão. Yrigoyen pouco se importava com a Europa e também mantinha a tradição diplomática argentina de resistir às iniciativas hemisféricas dos EUA. Durante a Primeira Guerra Mundial, apesar da pressão dos EUA, ele insistiu na neutralidade argentina. A maior mancha em seu legado é a violenta repressão ao movimento sindical durante a "Semana Trágica" de 1919 e a greve dos pastores de ovelhas da Patagônia em 1921. Yrigoyen foi sucedido por outro membro da União Cívica Radical, mas

Ele próprio retornou à presidência em 1928, já senil, dificilmente capaz de conduzir a Argentina pela turbulenta década de 1930. Embora tenha perdido popularidade rapidamente e tido que deixar o cargo, toda Buenos Aires compareceu ao funeral de Yrigoyen alguns anos depois.

Batlle e Yrigoyen foram líderes individuais de importância imensa, não generais a cavalo, mas caudilhos mesmo assim. A política nacionalista era uma política de massas que frequentemente se concentrava em tais líderes. Outro foi Víctor Raúl Haya de la Torre, que liderou os nacionalistas peruanos principalmente do exílio.

Haya de la Torre foi exilado do Peru pela primeira vez em 1920 por liderar protestos estudantis contra o ditador pró-EUA. No México, cuja revolução o impressionou profundamente, o jovem intelectual radical fundou um partido internacional, a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), como uma espécie de autodefesa coletiva contra o imperialismo econômico na América Latina. Haya de la Torre preferia o termo “Indo-América” para destacar as raízes indígenas da região, exatamente como faziam muralistas mexicanos como Rivera. Essa ênfase nacionalista nas raízes indígenas é chamada de nacionalismo. *indigenismo*Outro jovem intelectual peruano da década de 1920, José Carlos Mariátegui, idealizou um socialismo indígena que combinasse modelos incas com a teoria marxista. Mas o Peru, em comparação com o México, permanecia mais dividido etnicamente: as terras altas predominantemente indígenas, o litoral mais negro e branco. Consequentemente, o indigenismo teve menos sucesso como força unificadora no Peru.

A APRA não alcançou grande projeção internacional. Ainda assim, ao ameaçar transformar o indigenismo em algo mais do que teoria ou ficção, o movimento teve um impacto poderoso no Peru. A APRA aterrorizava os conservadores. Os comícios de massa do partido enchiam as ruas de pessoas pobres e da classe média que bradavam seu desprezo pela oligarquia, sua fúria contra o imperialismo e sua lealdade ao “Líder Máximo”, Haya de la Torre. Em 1932, a APRA se revoltou após “perder” uma eleição manipulada. O exército esmagou a revolta com execuções em massa, e a APRA foi banida do país.

A política peruana. Mas a popularidade do partido ilegal e de seu líder perpetuamente exilado só aumentou com o passar dos anos.

Ciro Alegría, um fervoroso militante de alto escalão da APRA, foi um dos muitos nacionalistas que tiveram de fugir do Peru. Enquanto vivia no Chile, começou a escrever ficção inspirada pelo indigenismo. Romancistas peruanos exploravam o indigenismo há décadas, desde a época de Clorinda Matto de Turner. Ainda assim, é apropriado que o maior romance indigenista, de Alegría, seja considerado um exemplo disso. *O mundo é vasto e estranho*.(1941), surgiu das fileiras da APRA. Escritores como Alegría defendiam os povos indígenas, mas o principal objetivo prático do indigenismo era adaptar seus temas ao mundo em geral. Talvez não seja tão estranho que Alegría tenha escrito seu livro para um concurso editorial de Nova York. Ele venceu e se tornou um dos mais conhecidos entre os muitos escritores latino-americanos que cultivaram raízes não europeias nas décadas de 1930 e 1940.

O movimento populista foi ainda menos produtivo em outros lugares.

Os nacionalistas não chegaram ao poder em toda a América Latina, mas o nacionalismo demonstrou sua força política mesmo onde não governava. Foi o caso da Colômbia. Lá, as ideias nacionalistas emergiram principalmente no Partido Liberal, há muito tempo fora do poder. O primeiro sinal apareceu na adesão em massa ao fervoroso líder popular Jorge Eliécer Gaitán. Gaitán alcançou fama nacional em 1928, ao denunciar um massacre de trabalhadores em plantações de banana operadas por uma multinacional americana, a United Fruit Company. Em 1930, outro nacionalista liberal, Alfonso López Pumarejo, foi eleito presidente. Seu mandato não transformou a Colômbia, mas inspirou-se em transformações ocorridas em outros lugares, particularmente no México. As mudanças foram em grande parte simbólicas, mais retóricas do que práticas, mas ainda assim significativas. Pela primeira vez, os colombianos ouviram de seu presidente que as enormes desigualdades sociais do país constituíam um problema urgente a ser resolvido. Uma lei de reforma agrária distribuiu pouquíssima terra, mas estabeleceu um precedente e uma meta para o futuro. López Pumarejo deixou de usar o exército para reforçar o poder dos capitalistas em conflitos trabalhistas, como havia sido feito para apoiar a United Fruit Company.

Também concedeu proteção e incentivo oficiais aos sindicatos. Em 1936, uma reforma constitucional ampliou o direito ao voto, reduziu o controle católico sobre a educação e especificou que os direitos de propriedade implicavam certas obrigações sociais. A produção industrial colombiana, especialmente a indústria têxtil sediada em Medellín, cresceu lenta, mas seguramente.

INDIGENISMO. *O prefeito indiano de Chincheros* (1925) por José Sabogal, diretor do Peru *indigenista*. O pintor retrata um líder comunitário segurando seu bastão de autoridade, numa idealização da vida indígena tradicional. *José Sabagal Diéguez* (*Cajabamba, 1888–Lima, 1956*), Varayoc de Chinchero *1925, óleo sobre tela, 170,6 x 105,5 cm, Pinacoteca Municipal Ignacio Merino, Municipalidad Metropolitana de Lima. Fotografia: Daniel Giannoni.*

Entretanto, reformas nacionalistas efetivas tiveram que esperar em outros países também. Um deles foi a Venezuela, apesar (ou talvez por causa) da riqueza petrolífera do país — toda ela proveniente de concessões a empresas estrangeiras. Como resultado do petróleo abundante e da facilidade de acesso ao dinheiro, os governantes venezuelanos conseguiram evitar a mobilização popular que essencialmente definia os movimentos nacionalistas. Essa mobilização era frequentemente realizada por organizadores de base comunistas e socialistas, novos atores no cenário político da América Latina. O Chile, porém, presenciou bastante desse tipo de mobilização, especialmente durante a “República Socialista” de treze dias, associada a um líder extravagante conhecido como Marmaduke Grove, mas os nacionalistas chilenos de direita competiram com bastante sucesso com os de esquerda, e nenhum governo consolidou o poder. Em Cuba, a derrubada de um ditador impopular de estilo neocolonial em 1933 foi realizada por uma ampla coalizão nacionalista que incluía professores universitários inspiradores e estudantes de esquerda, bem como oficiais não comissionados e soldados do exército, liderados pelo sargento Fulgencio Batista. Batista era um homem pobre que havia sido cortador de cana e cuja aparência mulata representava, em certa medida, as mesmas aspirações nacionalistas simbolizadas pela "Balada dos Dois Avôs" de Nicolás Guillén. Mas Batista queria poder acima de tudo, e se curvou tão submissamente às instruções dos EUA que foi autorizado a governar Cuba como um estado cliente dos Estados Unidos por décadas, com seus gestos nacionalistas reduzidos a mera fachada.

O nacionalismo produziu as mudanças mais marcantes quando governos estáveis conseguiram combinar mobilização em massa com desenvolvimento econômico.

transformação. Essa transformação envolveu uma rejeição do modelo neocolonial básico de crescimento econômico orientado para a exportação, o que nos leva à Grande Depressão.

ISI E ATIVISTA GOVERNOS DA DÉCADA DE 1930

A Grande Depressão da década de 1930 consolidou a demolição do neocolonialismo e energizou os movimentos nacionalistas em toda a América Latina. Nos anos que se seguiram à quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, o volume do comércio internacional da América Latina contraiu-se pela metade em um violento espasmo. Governos que dependiam do boom das exportações ruíram em todos os lugares.

Com o avanço da década de 1930, no entanto, ocorreu um fenômeno importante, um efeito colateral positivo do colapso do comércio internacional. O nome desse fenômeno foi Industrialização por Substituição de Importações.
— é um termo extenso, e os historiadores geralmente preferem abreviar ISI. Mas o nome diz muito. Os lucros das exportações haviam despencado, despencado, despencado, e com eles, a capacidade de importar produtos manufaturados. O processo de ISI ocorreu quando os fabricantes latino-americanos preencheram os nichos de mercado deixados vagos pelo desaparecimento das importações. Aqueles que acreditam que o comércio é sempre mutuamente benéfico deveriam refletir sobre um fato surpreendente: a interrupção do comércio na década de 1930 — a interrupção que paralisou tantas fábricas nos Estados Unidos e na Europa —*teve o efeito oposto*Em partes da América Latina, onde a industrialização decolou nesses mesmos anos, o ISI forneceu aos críticos nacionalistas do imperialismo econômico um argumento convincente contra o antigo sistema de importação e exportação.

A industrialização começou de fato antes da década de 1930, principalmente quando a Primeira Guerra Mundial interrompeu o sistema de importação e exportação entre 1914 e 1918. Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Cidade do México já estavam se tornando importantes centros industriais. No entanto, de modo geral, as indústrias latino-americanas ainda eram de segunda linha. Até a década de 1930, elas não conseguiam competir com setores de exportação como a agricultura ou a mineração. Isso mudou, e a produção industrial latino-americana aumentou substancialmente. Os nacionalistas fizeram da industrialização um ponto central de suas ações.

orgulho. Para eles, a industrialização significava sair da sombra neocolonial e controlar o próprio destino nacional. Os governos nacionalistas das décadas de 1930 e 1940, portanto, engajaram-se em ativismo econômico ao estilo batista: fixando salários e preços, regulamentando os níveis de produção, manipulando as taxas de câmbio e aprovando leis trabalhistas protecionistas. Também promoveram a propriedade direta do governo sobre bancos, serviços públicos e indústrias-chave.

Infelizmente, nem todos os latino-americanos se beneficiaram da ISI (Indústria de Substituição de Importações). Como regra geral, quanto maior o mercado nacional, maior a probabilidade de as indústrias de substituição de importações prosperarem. Portanto, os países mais populosos da região — Brasil, México e Argentina — foram os principais beneficiários. Chile e Uruguai, apesar de suas pequenas populações, também passaram por uma ISI considerável. Seus padrões de vida relativamente altos proporcionaram um maior número de consumidores potenciais per capita. Mas países pequenos, com populações predominantemente rurais e pobres, não conseguiam absorver os produtos de muitas fábricas. Assim, a ISI teve pouco impacto no Equador ou na Bolívia, na Nicarágua ou em Honduras, no Paraguai ou na República Dominicana.

Nem mesmo a ISI trouxe todos os tipos de crescimento industrial, nem mesmo para os grandes países. A indústria leve (que produzia itens de consumo em massa como sabão, fósforos, cerveja, biscoitos, sapatos, aspirina e tecidos baratos) foi a que mais respondeu às oportunidades de mercado da ISI. A indústria pesada (que produzia bens duráveis como carros, rádios e geladeiras) respondeu menos. A indústria pesada exigia equipamentos que simplesmente tinham que ser importados. E exigia aço. Uma indústria siderúrgica nacional significava entrar para o grupo das grandes potências. Somente Brasil, México, Argentina e Chile conseguiram isso durante a década de 1940.

O Brasil — com mais que o dobro da população de qualquer outro país latino-americano em 1930, mas ainda predominantemente rural e dependente das exportações agrícolas — oferece um excelente exemplo de ISI em ação. Em duas décadas, a indústria ultrapassaria a agricultura como percentual do PIB brasileiro. Embora as forças de mercado expliquem a maior parte desse ganho, o nacionalismo econômico também desempenhou seu papel. A história de

A política nacionalista no Brasil centra-se mais uma vez em um líder individual, de longe o mais conhecido e amado de todos os presidentes brasileiros: Getúlio Vargas.

Aqueles que buscam analogias com os EUA poderiam muito bem chamar Getúlio Vargas de Franklin D. Roosevelt do Brasil. Observe que, de uma perspectiva latino-americana, FDR e seu parente, Theodore Roosevelt, são mundos à parte, jamais confundidos. O primeiro Roosevelt parecia um inimigo para os latino-americanos, o segundo, um amigo. O primeiro mandato de Vargas (1930-1945) é paralelo aos múltiplos mandatos de FDR, com a diferença de que Vargas retornou posteriormente, totalizando dezenove anos como presidente do Brasil. Vargas, assim como FDR, fez uso notável do rádio e expandiu enormemente o governo nacional. Ambos eram políticos magistrais, mas fisicamente pouco imponentes: FDR paralisado pela poliomielite, Vargas baixo e jovial. Ambos exalavam um otimismo contagiante. Ambos morreram no cargo — Vargas, de forma memorável, por suicídio.

O “reino do café” brasileiro, a maior república oligárquica da América Latina, começou a ruir durante a década de 1920. Considerando a política oligárquica brasileira irremediavelmente corrupta, jovens oficiais rebeldes do exército, conhecidos na história como os *Tenentes* (Tenentes), organizaram levantes simbólicos desesperados. Um deles foi um gesto sangrento de desafio na glamorosa praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, em 1922. Pouco depois, outros Tenentes formaram uma coluna armada de mil homens e marcharam por dois anos e incontáveis quilômetros pelo sertão brasileiro, tentando angariar apoio para sua visão nacionalista revolucionária. Enquanto isso, a economia cafeeira cambaleava de crise em crise, em um estado permanente de superprodução. Em 1927, o programa de valorização do café do governo travava uma batalha perdida. Seus vastos estoques de café não vendido continuavam a se acumular. Então veio a Grande Depressão, e o preço do café caiu para menos de um terço do seu já baixo preço no mercado mundial.

A ascensão de Vargas ilustra magnificamente as consequências políticas de 1929. O ano seguinte foi eleitoral, e Vargas, governador do Rio Grande do Sul, um estado em ascensão, mas não produtor de café, concorreu.

contra o candidato oficial de São Paulo, um representante dos interesses pró-café que dominavam o Brasil há duas gerações. Embora os organizadores eleitorais tenham declarado oficialmente a vitória do candidato do Rei Café, o velho magnata havia perdido o controle. Desta vez, as forças de oposição contestaram os resultados da eleição. Com o apoio do exército, Vargas assumiu a presidência. Essa "Revolução de 1930" tornou-se um ponto de virada decisivo na história brasileira.

Durante sete anos, Vargas governou como um presidente mais ou menos constitucional sobre um país subitamente repleto de novas energias políticas. O liberalismo conservador não mais se alternava com o conservadorismo liberal. Todos os tipos de novas ideologias estavam em voga. Os "revolucionários" de 1930 incluíam tanto liberais frustrados que se opunham ao Rei Café quanto os jovens tenentes idealistas, nacionalistas fervorosos que desprezavam os liberais. Os tenentes absorveram as novas ideologias radicais da época. Alguns dos tenentes mais famosos se juntaram ao Partido Comunista, tornando-o o núcleo da Aliança de Libertação Nacional (ALN). Com a ALN, a esquerda radical tornou-se, pela primeira vez, uma força política real no Brasil. Enquanto isso, na extrema direita, um grupo que se autodenominava integralista inspirava-se no fascismo europeu. Os integralistas se saudavam com os braços estendidos, usavam um símbolo (a letra grega sigma) que lembrava ligeiramente a suástica nazista e vestiam camisas coloridas, como as camisas pardas de Hitler ou as camisas negras de Mussolini, quando agiam com dureza nas ruas. Suas camisas eram de um verde patriótico brasileiro.

Vargas negociou habilmente os emaranhados políticos do início da década de 1930, jogando liberais, conservadores, comunistas, tenentes e integralistas uns contra os outros. Então, em 1937, assumiu o poder ditatorial com o apoio do exército e foi ao rádio anunciar uma reforma institucional nacionalista para o Brasil: a*Estado Novo,*ou Estado Novo. O Estado Novo foi um governo altamente autoritário, no qual todos os órgãos legislativos foram dissolvidos, os partidos políticos foram proibidos e os meios de comunicação foram censurados. Vargas abandonou o federalismo de inspiração liberal e enviou "intervenientes" nomeados pelo governo central para dirigir os governos estaduais. A polícia do Estado

Novo operava com brutal impunidade. Mesmo assim, Vargas continuava popular. Por quê?

Vargas era pragmático, flexível quanto aos seus meios, mais interessado em resultados do que em princípios básicos — outra característica que compartilhava com FDR. Além disso, sempre foi um nacionalista. O nacionalismo era o ponto em comum de sua aliança multiclasse e o espírito que animava o Estado Novo. Da extrema esquerda à extrema direita, todos, ao que parecia, eram nacionalistas agora. Afinal, eram os anos 1930, quando os movimentos nacionalistas estavam em plena ascensão em todo o mundo.

Tudo estava "*nacional*ista" e "*nacional*'Isso" no Estado Novo. Vargas chegou a queimar cerimoniosamente as bandeiras dos estados brasileiros para simbolizar a primazia incontestável do governo nacional. O Estado Novo gerou dezenas de conselhos, ministérios e agências governamentais, algo como a "sopa de letrinhas" das agências do New Deal de Roosevelt, para promover os objetivos comuns e o bem-estar da nação. Conselhos e comissões nacionais foram criados para supervisionar ferrovias, mineração, imigração, livros didáticos, esportes e recreação, energia hidráulica e elétrica, e assim por diante. O Estado Novo fundou uma Companhia Nacional do Aço e construiu uma enorme usina siderúrgica entre as duas cidades mais industrializadas, Rio de Janeiro e São Paulo. Sua Fábrica Nacional de Motores produzia motores para caminhões e aviões. Proibiu a propriedade estrangeira de jornais. E no extremo sul do Brasil, onde imigrantes alemães, italianos e de outros países europeus haviam estabelecido colônias agrícolas e mantido uma cultura e língua próprias, o Estado Novo exerceu novas pressões assimilacionistas. Os imigrantes foram orientados a falar português e a se integrar à sociedade nacional.

Assim como o Partido Revolucionário Mexicano, o Estado Novo celebrava a miscigenação e incentivava os brasileiros a abraçarem sua herança africana. Em 1933, as qualidades positivas da "fusão" racial e cultural foram promovidas em um estudo histórico.*Os Senhores e os Escravos*, por um jovem antropólogo chamado Gilberto Freyre. Freyre argumentou que a herança africana do Brasil, longe de constituir uma identidade nacional.

A ideia de que a negritude, assim como nas teorias racistas, havia criado a identidade nacional singular do Brasil e impregnado todos os brasileiros, conscientes disso ou não, com aspectos da cultura africana. Os brasileiros pareciam ávidos pela mensagem unificadora de Freyre, e todo um campo de estudos afro-brasileiros surgiu repentinamente com incentivo oficial. Durante esses anos, também, o vibrante samba afro-brasileiro foi aceito como a marca cultural do país, vigorosamente promovido pela mídia do Estado Novo.

GETÚLIO VARGAS. Entre 1930 e 1945, Vargas governou o Brasil como revolucionário, depois como presidente constitucional e, finalmente, como ditador. Em 1951, foi eleito para um último mandato, que teve seu mandato reduzido.

Carmen Miranda — cantora, dançarina e atriz cuja marca registrada era um adereço de cabeça aparentemente feito de frutas — surfou na onda nacionalista do samba para alcançar o estrelato no cinema, primeiro no Brasil, que agora tinha sua própria indústria cinematográfica, e depois nos Estados Unidos. Carmen Miranda personificava o paradoxo. No Brasil, seus papéis no cinema preenchiam o nicho —*nacional*musicais apresentando*nacional*música — como a que os charros cantavam no México. Mas sua imagem posterior de estrela de cinema nos EUA era uma caricatura genérica, gesticulante e "latina sensual" que hoje parece bem distante do nacionalismo. Ela criou essa persona para se adequar ao gosto americano, e não ao brasileiro. Ainda assim, seu figurino extravagante, frequentemente atribuído a Hollywood, era puro Rio de Janeiro; uma versão kitsch de carnaval do traje tradicional afro-brasileiro baiano. Seus passos de samba foram cuidadosamente estudados com professores baianos. Mas Miranda não era afro-brasileira. Na verdade, ela era portuguesa, embora tenha crescido no Brasil. Mesmo assim, sua dança a tornava brasileira — tanto segundo ela mesma ("Diga-me", dizia ela, "se eu não tenho o Brasil em cada curva do meu corpo!")*e*Segundo o público brasileiro que a aplaudiu na década de 1930, Miranda fez nove turnês sul-americanas com ingressos esgotados. Em 1940, após se apresentar para Franklin Delano Roosevelt na Casa Branca, ela retornou ao Rio de Janeiro, onde foi recebida como heroína. Mas sua popularidade no Brasil despencou quando os brasileiros a ouviram cantar em inglês.

Em todo o Brasil, um processo de autodescoberta cultural estava em curso. Um festival marcante, a Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922, inaugurou uma corrente nacionalista inovadora nas artes brasileiras. Entre os associados ao movimento modernista paulistano estava Heitor Villa-Lobos, que integrou melodias folclóricas brasileiras em suas composições clássicas, assim como Chopin e Liszt haviam feito com melodias folclóricas polonesas e húngaras por razões nacionalistas semelhantes um século antes. Sob a direção de Vargas, Villa-Lobos trabalhou em um programa nacional de enriquecimento musical, organizando grandes concertos para dezenas de milhares de pessoas. Hoje, Villa-Lobos é de longe o compositor clássico mais conhecido da América Latina. Outra figura importante da Semana de Arte Moderna de São Paulo foi o escritor Oswald de Andrade. “Tupi ou não tupi, eis a questão”, declarou Andrade, com seu típico humor brasileiro.

leveza, em sua influência*Manifesto Canibal*Em 1928, Andrade, relembrando certos costumes alimentares dos tupis, sugeriu que os artistas brasileiros, metaforicamente, "canibalizassem" a arte europeia — consumindo-a, digerindo-a e, em seguida, combinando-a com influências indígenas e africanas para inventar uma nova arte singular ao Brasil. Enquanto isso, contadores de histórias do Nordeste brasileiro criavam uma grande tradição narrativa com fortes raízes nacionalistas. Entre eles estava Jorge Amado, por muito tempo o romancista mais conhecido do Brasil. Os livros de Amado são quase sempre ambientados na Bahia, onde as raízes africanas do Brasil são particularmente profundas. Assim como Diego Rivera, Frida Kahlo e muitos outros artistas e escritores nacionalistas, Amado se comprometeu fortemente com uma visão marxista revolucionária durante a década de 1930.

O governo de Vargas também acabou se inclinando para a esquerda, como veremos. Nas décadas de 1930 e 1940, porém, as políticas de Vargas eram difíceis de enquadrar no espectro político esquerda-direita. O nacionalismo, e não o socialismo, era a visão que ele utilizava para conciliar as demandas dos industriais e dos operários. O Estado Novo priorizou a industrialização, e sua extensa legislação trabalhista disciplinava a força de trabalho, o que os donos de fábricas desejavam, mas também a protegia, o que os trabalhadores necessitavam. O Estado Novo criou centenas de sindicatos ligados ao governo, mas não permitia greves. Em vez disso, as queixas dos trabalhadores eram julgadas pelo governo. Era um sistema paternalista, não controlado pelos próprios trabalhadores. Ainda assim, representou uma melhoria em relação aos anos anteriores, quando os protestos operários eram simplesmente "assunto para a polícia". Um conjunto impressionante de legislação social — desde normas de saúde e segurança até salário mínimo, semana de trabalho de quarenta e oito horas, planos de aposentadoria e pensão e benefícios de maternidade — foi implementado para a classe trabalhadora industrial e a classe média urbana.

Assim como na Argentina e no Uruguai, o movimento nacionalista brasileiro tinha base e orientação urbana. Somente no México, onde camponeses armados ajudaram a fazer uma revolução, o nacionalismo transformou o campo.

sociedade também. O período de maior transformação foi, sem dúvida, de 1934 a 1940, durante a presidência de Lázaro Cárdenas.

Enquanto Vargas, assim como FDR, vinha de uma rica família de proprietários de terras, Cárdenas teve origens humildes em uma aldeia. Ele lutou bravamente na Revolução e depois se tornou governador de seu estado natal, Michoacán, no oeste acidentado e conservador do México. Com 39 anos quando se tornou o candidato presidencial do Partido Revolucionário, Lázaro Cárdenas era conhecido por sua lealdade à causa, mas não por sua iniciativa. Ele surpreendeu a todos ao assumir o poder e partir para infundir em todo o país sua visão de um México melhor e mais justo. Ele iniciou esse processo durante sua campanha eleitoral. Como candidato oficial do Partido Revolucionário, concorreu sem oposição, mas fez campanha como um azarão, percorrendo 26 mil quilômetros do interior do México, visitando aldeias remotas — a cavalo, se necessário — como nenhum candidato presidencial jamais havia feito. Cárdenas também não se esqueceu das aldeias do México depois de se tornar presidente.

Durante seus seis anos de mandato, ele distribuiu quase 45 milhões de acres de terra, o dobro da quantidade distribuída nos 24 anos anteriores juntos. Apoiou as organizações trabalhistas e, ao contrário de Vargas, defendeu o direito de greve dos trabalhadores. O apoio governamental aos grevistas levou inclusive a um grande confronto internacional em 1938. Esses trabalhadores eram empregados de companhias petrolíferas britânicas e americanas que operavam ao longo da costa nordeste do Golfo do México. Quando as empresas e os grevistas submeteram a disputa à arbitragem governamental, os árbitros concederam aos trabalhadores um aumento salarial e benefícios sociais. Os proprietários estrangeiros, porém, recusaram-se a pagar. A Suprema Corte do México revisou e confirmou a decisão, mas as empresas estrangeiras continuaram a obstruir o processo. Os proprietários estrangeiros ficaram chocados quando Cárdenas decretou a expropriação das companhias petrolíferas, de acordo com o Artigo 27 da Constituição Mexicana. Poucas medidas foram tão populares entre o povo mexicano, que voluntariamente contribuiu com parte de seus parcos rendimentos para ajudar o governo a indenizar os proprietários estrangeiros. Até mesmo os católicos apoiaram a medida.

A Igreja, apesar de seus longos e amargos conflitos com o governo revolucionário, tocou seus sinos em júbilo quando a expropriação do petróleo foi anunciada. A “declaração de independência econômica” do México, como ficou conhecida no país, deu origem a uma companhia petrolífera nacional, a PEMEX. As ferrovias já haviam sido nacionalizadas, de forma menos ruidosa, em 1937.

A Grã-Bretanha rompeu relações diplomáticas em consequência da expropriação do petróleo, e as companhias petrolíferas americanas clamavam por intervenção, mas Roosevelt tinha outros planos. O mundo parecia um lugar perigoso na década de 1930, e Roosevelt acreditava que os Estados Unidos precisavam urgentemente de aliados na América Latina. Com a iminência da Segunda Guerra Mundial, ele fez todo o possível para cultivar a boa vontade latino-americana. Em seu discurso de posse, anunciou uma política de "Boa Vizinhança" em relação à América Latina. A ideia não era totalmente nova em 1933. Os presidentes republicanos americanos da década de 1920 já haviam começado a abandonar o intervencionismo agressivo dos anos anteriores, constatando que ele criava mais problemas do que soluções. Em 1933, porém, no sétimo congresso do Movimento Pan-Americano, os representantes de Roosevelt juraram publicamente não realizar intervenções militares. Além disso, Cuba e Panamá deixariam de ser "protetorados" onde os fuzileiros navais americanos poderiam entrar e sair à vontade. O resultado foi uma mudança notável no clima das relações entre os Estados Unidos e a América Latina. FDR então aproveitou a melhora nas relações para promover acordos de segurança hemisférica em sucessivas conferências pan-americanas no final da década de 1930 e início da década de 1940. Carmen Miranda, que então vivia nos Estados Unidos, fez filmes da série "Good Neighbor", assim como Walt Disney; um exemplo é o longa-metragem de animação de 1945.*Os Três Caballeros*, em que o Pato Donald une forças com um papagaio brasileiro e um galo mexicano.

Se a nacionalização da indústria petrolífera mexicana em 1938 foi o teste decisivo da Política da Boa Vizinhança, ela foi aprovada. As relações entre a América Latina e os Estados Unidos tornaram-se mais amistosas do que nunca. Após a entrada dos Estados Unidos na guerra, todos os países da América Latina acabaram se unindo como aliados. Os pequenos estados da América Central e do Caribe, mais próximos dos Estados Unidos em todos os aspectos, também se uniram.

sentidos, alistaram-se imediatamente. Infelizmente, porém, alguns dos mais rápidos a se juntarem ao esforço de guerra eram antigos "beneficiários" da intervenção militar dos EUA, agora nas mãos de ditadores pró-EUA. Alguns deles eram tiranos mesquinhos e ultrajantes, como Rafael Trujillo, da República Dominicana, sobre quem FDR supostamente admitiu: "Ele pode ser um canalha, mas ele é*nosso* Desgraçado."*Nossas, e não do inimigo.*Esse era o ponto. Chile e Argentina — muito mais distantes dos Estados Unidos e diplomaticamente mais reservados, com muitos imigrantes do “outro lado”, Alemanha e Itália — foram os últimos a se juntarem ao esforço de guerra americano. O Brasil, em contraste, tornou-se o aliado mais útil de todos. A “protuberância brasileira”, que se estendia até o Atlântico, tinha grande importância estratégica na guerra do Atlântico, e Vargas permitiu a construção de bases militares e pistas de pouso americanas na região. Além disso, uma divisão de infantaria brasileira foi lutar na Itália ao lado das tropas americanas. Os pilotos de caça mexicanos, por sua vez, realizaram missões no Pacífico, contribuindo muito para a melhoria das relações entre o México e os Estados Unidos.

A Segunda Guerra Mundial também impulsionou ainda mais a indústria bélica — mais até do que a Grande Depressão —, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Os gastos governamentais com a produção bélica reativaram a indústria americana, embora agora produzindo tanques e bombardeiros em vez de carros e ônibus. A demanda americana por exportações agrícolas latino-americanas também se recuperou. Com os rendimentos estrangeiros em mãos, as classes médias latino-americanas estavam prontas para uma farra de compras, mas os bens de consumo não podiam ser adquiridos nos Estados Unidos ou na Europa devido à guerra. Assim, com a demanda em alta e a concorrência estrangeira ainda ausente, as indústrias latino-americanas continuaram a prosperar. Em 1943, por exemplo, as exportações brasileiras totalizaram cerca de US$ 445 milhões, um superávit comercial de US$ 135 milhões. Pela primeira vez na história, muitos países latino-americanos apresentaram balanças comerciais favoráveis com a Europa e os Estados Unidos.

Em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, os nacionalistas podiam se orgulhar de terem conduzido os principais países da América Latina com sucesso através de tempos turbulentos. Grandes coisas pareciam estar ao alcance. Se a industrialização desses países continuasse no ritmo da década anterior,

Brasil, México, Argentina e possivelmente outros países logo teriam as indústrias pesadas características dos países mais desenvolvidos do mundo.

Ao mesmo tempo, uma transformação radical da cultura pública sugeria que o amargo legado de hierarquia racial e exclusão política da América Latina estava se desintegrando rapidamente. Os corredores do palácio do governo mexicano — verdadeiros "corredores do poder" — agora exibiam com orgulho os enormes murais de Diego Rivera, retratando as conquistas do México indígena e os males da colonização espanhola. Os dançarinos negros de samba do Rio de Janeiro eram aclamados como expoentes da cultura nacional brasileira, e seus desfiles de carnaval recebiam subsídios estatais. De modo geral, os latino-americanos se orgulhavam de si mesmos e uns dos outros. O advento do fonógrafo, do rádio e do cinema transformou o grande cantor de tango argentino, Carlos Gardel, em um ídolo em toda a América Latina. O público amava tanto os tangos do belo Gardel que, às vezes, interrompia seus filmes para que o projecionista rebobinasse e repetisse uma música. Gardel estava em uma triunfante turnê internacional em 1935, quando seu avião caiu em uma montanha colombiana, encerrando tragicamente sua carreira ainda em ascensão. Então, em 1945, Gabriela Mistral, uma poetisa chilena, tornou-se a primeira latino-americana a receber um Prêmio Nobel. Na literatura, assim como na pintura e na música, a América Latina finalmente alcançou o status de referência mundial.

Contudo, grandes problemas persistiam. Para começar, o nacionalismo, a ISI (Insurance Industry System) e o crescimento de uma classe média urbana haviam deixado algumas partes da América Latina praticamente intocadas. A América Central é um bom exemplo. Os mercados internos dos países centro-americanos eram pequenos demais para sustentar uma industrialização significativa. Assim, as oligarquias latifundiárias tradicionais, em sua maioria, não haviam cedido o controle a coalizões nacionalistas mais progressistas no istmo entre o Panamá e a Guatemala. Nos anos em que nacionalistas como Cárdenas estavam enfraquecendo a classe latifundiária mexicana, as oligarquias cafeicultoras tradicionais ainda dominavam grande parte da América Central.

Na Guatemala, muitos produtores de café eram alemães com pouco interesse no desenvolvimento nacional do país. O governante da Guatemala durante os anos da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial foi um autoritário liberal de estilo neocolonial clássico, Jorge Ubico, que chegou ao poder prometendo “uma marcha rumo à civilização” e cuja principal preocupação era promover o cultivo e a exportação de café. Ubico queria que a Guatemala fosse o aliado mais próximo dos Estados Unidos na América Central e, durante sua presidência, a United Fruit Company tornou-se a principal empresa econômica do país. El Salvador, uma versão em miniatura do antigo império cafeeiro brasileiro, representava o pior cenário possível. Lá, um ditador implacável, Maximiliano Hernández Martínez, adepto do ocultismo, defendeu o Rei Café de El Salvador com tanta brutalidade que 1932 ficou conhecido na história salvadorenha como o ano do “Massacre”. A maioria das vítimas — mais de dez mil — eram indígenas. Ser “índio” tornou-se tão perigoso na década de 1930 que os indígenas salvadorenhos gradualmente se despediram de sua identidade étnica. Esconderam suas roupas características, passaram a falar apenas espanhol e tentaram se misturar à sociedade. Ironicamente, nos mesmos anos em que o indigenismo se tornou um credo oficial no México nacionalista e em outros lugares, a herança nativa do El Salvador, teimosamente neocolonial, praticamente deixou de existir.

Os Estados Unidos, de modo geral, reprimiram o nacionalismo na América Central e no Caribe. A apropriação, pelos EUA, do ímpeto nacionalista de Fulgencio Batista em Cuba já foi mencionada. Em diversos países, os governantes desse período deviam seus cargos à intervenção dos EUA. Anastasio Somoza, da Nicarágua, e Rafael Trujillo, da República Dominicana, foram colocados no poder, indiretamente, pelos fuzileiros navais americanos. Ambos utilizaram um pouco de simbolismo nacionalista, mas se destacaram, acima de tudo, por sua ganância, corrupção, obediência aos Estados Unidos e determinação em manter o poder a qualquer custo. Trujillo renomeou a capital em sua homenagem e ergueu um grande letreiro luminoso com o lema "Deus e Trujillo". Sua ação mais nacionalista foi o massacre de imigrantes haitianos.

Mesmo em países latino-americanos onde o nacionalismo era uma força mais significativa, a retórica muitas vezes se sobrepunha à realidade. Apesar da popularidade do indigenismo e do nacionalismo mestiço, atitudes racistas persistiam por toda a América Latina. A poetisa Gabriela Mistral jamais perdoou a elite chilena que a fez sentir-se inferior no início de sua vida por causa de sua ascendência mestiça. Além disso, a urbanização havia ultrapassado a capacidade de oferta de moradias e serviços públicos. Favelas, construídas por migrantes rurais em busca de empregos na indústria, proliferavam nos arredores das principais cidades latino-americanas. Esperava-se que fossem temporárias; entretanto, apagões e falta de água tornaram-se rotina. Fora do México, o campo latino-americano sentiu poucos dos benefícios trazidos pelo nacionalismo. Mais empregos na indústria eram necessários para os migrantes que chegavam diariamente às favelas. Enquanto isso, as indústrias latino-americanas permaneciam tecnologicamente muito atrás das da Europa e dos Estados Unidos. Elas prosperaram sob as condições especiais da ISI (Industrialização, Sustentabilidade e Inovação) durante a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, mas precisariam se modernizar rapidamente para serem competitivas no período pós-guerra.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

nacionalismo mestiço ,pág. 239

Emiliano Zapata ,pág. 243

Pancho Villa ,pág. 243

Diego Rivera ,pág. 246

Frida Kahlo ,pág. 246

APRA ,pág. 250

indigenismo ,pág. 250

ISI ,pág. 253

Getúlio Vargas ,pág. 255

Carmen Miranda ,pág. 259

Lázaro Cárdenas ,pág. 260

Política de Boa Vizinhança ,pág. 262

Rafael Trujillo ,pág. 262

QUESTÕES DE ESTUDO

1. De que forma a política nacionalista despertou amplo entusiasmo na América Latina após 1929? Em particular, qual era a nova ideologia nacionalista racial e como ela se materializou nas artes?

2. Por que a Industrialização por Substituição de Importações (ISI) desempenhou um papel tão central no pensamento econômico nacionalista?
3. Por que os nacionalistas frequentemente se apresentavam como revolucionários? O nacionalismo era de esquerda ou de direita no espectro político?
4. O que caracterizou o estilo político de líderes como Cárdenas, Vargas e, posteriormente, Perón?
5. De que forma a depressão da década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial afetaram a relação entre a América Latina e os Estados Unidos?

Glossário

nacionalismo mestiço
: Uma definição comum de identidades nacionais latino-americanas fundamentada na noção de miscigenação. Essa definição tornou-se oficial em muitos países da América Latina em meados do século XX.

Emiliano Zapata
: General revolucionário que liderou um exército de aldeões indígenas e se tornou um ícone da Revolução Mexicana.

Pancho Villa
: Um revolucionário mexicano inicialmente baseado no norte, que liderou um exército de mineiros, trabalhadores ferroviários, ex-vaqueiros e trabalhadores de campos petrolíferos.

Diego Rivera
: O mais importante dos muralistas revolucionários mexicanos que cobriram as paredes dos espaços públicos do México com representações da herança indígena do país em meados do século XX.

Frida Kahlo

Esposa politicamente engajada do famoso muralista Diego Rivera, ela foi uma importante pintora mexicana de meados do século XX por mérito próprio.

APRA

A Aliança Popular Revolucionária Americana foi um movimento político peruano que visava impedir o imperialismo econômico na América Latina. Embora não tenha obtido sucesso como movimento internacional, seu programa de resgate das raízes indígenas teve um impacto duradouro no Peru.

indigenismo (Espanha)

Um movimento literário, artístico e político que teve início no final do século XIX, mas que é mais característico do nacionalismo do século XX, que honrava a herança indígena, mas se concentrava na assimilação dos povos indígenas à vida nacional.

Getúlio Vargas

governante do Brasil nas décadas de 1930, 1940 e 1950, cujas tendências nacionalistas, populistas e pró-trabalhistas dominaram a democracia brasileira até o século XXI.

Carmen Miranda

Cantora, dançarina e atriz brasileira que acabou se tornando um ícone da beleza latina em Hollywood. Ela estrelou musicais com danças brasileiras e usava um icônico adereço de cabeça feito de frutas, derivado do kitsch afro-brasileiro do carnaval.

Lázaro Cárdenas

Presidente nacionalista revolucionário do México de 1934 a 1940, que conquistou o respeito da população ao percorrer o interior do país, sua terra natal. Durante seus seis anos no cargo, distribuiu terras, apoiou organizações trabalhistas e, mais notavelmente, supervisionou a nacionalização do petróleo mexicano em 1938.

Política de Boa Vizinhança

A abordagem não intervencionista do presidente Franklin Roosevelt em relação à América Latina durante a década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial. FDR acreditava que os Estados Unidos precisavam de amigos e aliados na América Latina para enfrentar a crise global da depressão e da guerra.

Rafael Trujillo

Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

Ditador pró-EUA da República Dominicana em meados do século XX, que, assim como Somoza na Nicarágua, foi colocado no poder por fuzileiros navais americanos.

ISI, Industrialização por Substituição de Importações

A criação de indústrias nacionais para fornecer produtos anteriormente importados. A ISI ocorreu na América Latina principalmente em meados do século XX, impulsionada por interrupções no comércio internacional e por políticas econômicas nacionalistas.

CONTRACORRENTES

LÍDERES POPULISTAS DO SÉCULO XX

JORGE ELIÉCER GAITÁN.

Meados do século XX foi uma época de líderes carismáticos na América Latina. Geralmente, eram oradores eletrizantes com uma mensagem nacionalista. Eles se tornaram*populistas*Ao direcionarem sua mensagem aos eleitores pobres e da classe média baixa, as versões populistas do nacionalismo dominaram o cenário político da América Latina após a Segunda Guerra Mundial. Os populistas invariavelmente cultivavam um estilo popular, muitas vezes paternalista; o paternalismo do tipo "o pai sabe tudo" é geralmente uma característica conservadora. Por outro lado, os populistas frequentemente utilizavam uma retórica radical, criticando duramente as oligarquias e o imperialismo econômico. Seu comportamento no poder é muito difícil de categorizar em um espectro político esquerda-direita. Mas, durante a Guerra Fria, entre 1948 e 1989, qualquer líder que falasse muito sobre os trabalhadores provavelmente seria visto como esquerdista, ou até mesmo como comunista, pelos diplomatas americanos. O resultado foi muita confusão. Reconhecer essa confusão é essencial para interpretar a turbulenta política da Guerra Fria na América Latina, nosso próximo destino.

Victor Raúl Haya de la Torre, do Peru Haya de la Torre, criador da APRA, se qualifica como populista. Quando se candidatou à presidência em 1932, a elite de Lima, assustada, o chamou de comunista, mas os comunistas peruanos o criticaram na mesma medida. As verdadeiras pautas de Haya de la Torre eram nacionalistas — orgulho cultural (“Indo-América”) e anti-imperialismo (“Empresas estrangeiras extraem nossa riqueza e a vendem fora do país”). Embora nunca tenha se tornado presidente do Peru, Haya de la Torre estabeleceu um forte vínculo com o eleitorado peruano que durou um quarto de século. Líderes populistas como Haya de la Torre despertaram o tipo de lealdade pessoal inspirada pelos caudilhos do século XIX.

José María Velasco Ibarra, do Equador Outro orador famoso, Velasco Ibarra, também fez um trabalho semelhante. Seu título autoatribuído de "Personificação Nacional" exemplifica a ideia, usada por muitos populistas, de uma identificação mística com as massas. "Deem-me uma varanda e eu voltarei à presidência", declarou ele, e não era uma bravata vazia. Das décadas de 1930 a 1960, a retórica nacionalista de Velasco Ibarra o elegeu presidente do Equador nada menos que cinco vezes, sempre a partir de uma posição ligeiramente diferente à esquerda.

espectro direito. Normalmente, o exército o expulsava antes do término de seu mandato.

Jorge Eliécer Gaitán, da Colômbia Talvez tenha sido o orador mais inflamado de todos, embora, assim como Haya de la Torre, do Peru, nunca tenha chegado à presidência. Quando Gaitán se dirigia ao microfone diante de uma multidão colombiana, frequentemente os lembrava de sua própria infância humilde e das humilhações que sofreu na juventude, e eles o adoravam por isso. Ele não precisava lembrá-los de sua pele escura de mestiço, pois era claramente visível e, de qualquer forma, jamais esquecida por ninguém — muito menos pela elite de pele clara. Suas condenações veementes ao poder e aos privilégios inseriram a palavra "oligarquia" no vocabulário cotidiano da Colômbia, e não de uma forma positiva. O assassinato de Gaitán em 1948 desencadeou um dos maiores levantes urbanos da história da América Latina — a Grande Revolta de 1948.*Bogotázo*, uma revolta que abalou a capital colombiana, ceifou duas mil vidas e ficou gravada na memória de todos os colombianos que viviam na época.

Lázaro Cárdenas, do México Roosevelt, que revitalizou a revolução institucional do México na década de 1930, era outro populista. Cárdenas era menos um orador público eloquente do que um incansável militante popular, que se misturava confortavelmente com o povo comum e recebia inúmeras cartas de humildes peticionários, assim como Franklin Delano Roosevelt fazia nos Estados Unidos. De fato, Cárdenas passava pouco tempo na Cidade do México, preferindo viajar incansavelmente pelo país, ouvindo as queixas e os pedidos dos humildes peticionários que chegavam de chapéu na mão, para então tomar suas decisões presidenciais em mesas montadas em praças empoeiradas de vilarejos.

Ex-ditador brasileiro Getúlio VargasO criador do Estado Novo, Vargas, retornou à cena política na década de 1950, como veremos. E retornou como um populista de esquerda, com grande apelo eleitoral. Vargas exemplifica o enigma do populismo. Ele era realmente um candidato operário, defendendo os mais vulneráveis, ou estava usando a retórica pró-trabalhista de forma oportunista? A resposta é sim, ou melhor, ambas as coisas. O Estado Novo havia perseguido o Partido Comunista. Tinha sido paternalista em muitos aspectos. Mas

As políticas nacionalistas de Vargas o tornaram verdadeiramente popular entre os pobres brasileiros. De fato, um Vargas radiante e sorridente, descrito como o “pai dos pobres”, tornou-se um tema central no Brasil.*literatura de cordal*(poemas narrativos populares vendidos em panfletos baratos nas ruas), um bom indicador de atitudes positivas da classe baixa.

Eva e Juan Perón, da Argentina Eles foram provavelmente os maiores e mais controversos populistas de todos os tempos. Sua história é contada no próximo capítulo. A base do movimento peronista era a lealdade dos trabalhadores argentinos à figura calma e paternal de Perón e à sua glamorosa esposa, uma lealdade que jamais se dissipou. Os Perón conquistaram essa lealdade, em parte, elevando o padrão de vida dos trabalhadores. Mas havia mais do que isso. Assim como Vargas, Perón tinha um sorriso famoso que parecia funcionar como uma tela em branco na qual as pessoas projetavam suas próprias esperanças e sonhos. Oficialmente, os Perón defendiam uma “terceira posição” política — nem a esquerda nem a direita —, mas seu movimento acabou se dividindo em linhas esquerda-direita.

9 REVOLUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, a industrialização da América Latina perdeu força. O sonho nacionalista de independência econômica da década de 1930 mostrou-se difícil de alcançar no mundo pós-guerra. Enquanto isso, o crescimento populacional acelerou, à medida que as melhorias no saneamento e na saúde reduziram drasticamente a taxa de mortalidade. Argentina, Cuba, Colômbia e Brasil eram os países de crescimento mais rápido do mundo desde 1900. Em 1900, havia 61 milhões de latino-americanos; em 1950, 158 milhões e, apenas dez anos depois, já 200 milhões. A população urbana disparou. Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Cidade do México, Havana e Santiago ultrapassaram um milhão de habitantes após a Segunda Guerra Mundial. Em 1960, Lima, Caracas, Bogotá e Recife também alcançaram essa marca. Logo, os países latino-americanos se tornaram alguns dos mais urbanizados do mundo. As economias latino-americanas também se expandiram, mas não o suficiente para atender às necessidades básicas — muito menos às esperanças e aos sonhos — dos milhões de habitantes adicionais.

MORADORES DE FAVELAS. Com a chegada em massa de migrantes às cidades latino-americanas em meados do século XX, muitos não encontraram moradia e, por isso, construíram barracos em terrenos baldios. Esta favela fica em uma área pouco glamorosa do Rio de Janeiro, Brasil.

Carolina Maria de Jesús tinha mais sonhos do que a maioria. Em 1947, quando construiu para si um barraco com madeira usada, papelão e latas amassadas em uma favela de São Paulo, ela tinha trinta e três anos. Ela havia ido para a cidade em busca de uma vida melhor. Mãe solteira, sustentava os filhos coletando papel usado, que carregava em um saco de estopa e vendia por cerca de vinte e cinco centavos de dólar por dia. Sua vida era semelhante à de seus vizinhos, exceto pelo fato de ter apenas o segundo ano do ensino fundamental. Ela sabia ler e escrever, e sua alfabetização dava asas à sua imaginação. Encontrava cadernos em bom estado no lixo e escrevia sobre sua vida e suas aspirações. Ela já havia preenchido vinte e seis cadernos quando, em 1958, um repórter a descobriu e publicou uma matéria sobre ela.

Um trecho de seu diário. Os leitores brasileiros de classe média ficaram chocados ao ler palavras escritas em uma favela. Seu diário tornou-se um best-seller no Brasil e acabou sendo traduzido para treze idiomas. Tornou-se seu passaporte para sair da favela. Mas milhões de outros permaneceram, comendo comida pútrida, morrendo de doenças evitáveis, miseráveis e desesperados.

Muitos na América Latina começaram a acreditar que uma mudança verdadeiramente revolucionária era necessária. Enquanto isso, os nacionalistas latino-americanos passaram a enxergar seu "bom vizinho" dos tempos de guerra como, mais uma vez, seu antigo adversário imperialista. O nacionalismo estava no cerne de sua postura anti-EUA. Frequentemente, o nacionalismo se unia, em uma poderosa combinação, a outra ideologia: o marxismo. Mas nem todos os nacionalistas latino-americanos se tornaram marxistas no período pós-guerra. Líderes nacionalistas que se aproximavam vigorosamente do povo sem serem marxistas eram frequentemente chamados de populistas.

REVOLUCIONÁRIOS CUBANOS DE 1959.A Revolução Cubana foi um movimento verdadeiramente popular que ajudou a dar uma inclinação marxista ao nacionalismo em toda a América Latina. A ideologia marxista ofereceu uma explicação convincente para os problemas latino-americanos, bem como uma prescrição clara para a ação revolucionária direta. Os líderes Che Guevara e Fidel Castro rapidamente se tornaram heróis para jovens revolucionários em muitos países.

1946

Perón eleito presidente da Argentina

1952

MNR assume o poder na Bolívia

1954

Derrubada de Arbenz na Guatemala

1959

Revolucionários cubanos marcham para Havana

1961

Invasão da Baía dos Porcos

PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

POPULISMO

O populismo era basicamente um estilo de liderança, focado na política de massas e na vitória em eleições. O período pós-guerra testemunhou avanços significativos na democracia latino-americana, com a abertura do voto às mulheres, a redução da idade mínima para votar para dezoito anos e a eliminação dos requisitos de alfabetização. Muitos países tornaram o voto obrigatório por lei. No Brasil, a maioria votou para reeleger Getúlio Vargas presidente em 1951 — apesar de suas claras tendências ditatoriais — porque seu governo havia alimentado a esperança de melhoria material para muitos. No período pós-guerra, os nacionalistas que chegaram ao poder em toda a América Latina dependeram, como poucos governos antes deles, do sufrágio livremente expresso por um grande número de pessoas — basicamente uma coalizão de pessoas da classe média e trabalhadores da indústria.

Agradar a essa coligação era mais difícil do que agradar a um punhado de latifundiários aqui, a um punhado de latifundiários ali, e confiar o resto à gestão eleitoral, como faziam os governantes neocoloniais. Para vencer as eleições no período pós-guerra, os nacionalistas adotaram táticas políticas populistas, como levar os candidatos de avião para realizar grandes comícios em todo o país e fazer amplo uso do rádio. Os populistas criticavam as antigas oligarquias rurais e seus cúmplices imperialistas fora do país. Os apelos populistas visavam atrair os eleitores da classe trabalhadora com uma visão de melhoria radical das condições de vida, sem afastar os eleitores da classe média com imagens de luta de classes. O nacionalismo ajudou a dar um senso de propósito unificado à nova coligação.

A política populista manteve o poder longe de *velho* coalizão — a combinação de interesses econômicos oligárquicos e estrangeiros — que governou a maior parte da região antes de 1930. O poder econômico de

Os latifundiários e os financistas internacionais haviam sido eclipsados quando o grande boom das exportações entrou em colapso, mas estavam prontos para retornar com força quando o sistema de importação e exportação fosse reativado. A antiga coalizão ainda exercia influência decisiva sobre as votações no campo. Portanto, os nacionalistas latino-americanos precisavam vencer — e vencer com folga — nas cidades em processo de industrialização.

Entretanto, a industrialização da América Latina começou a desacelerar alarmantemente após a Segunda Guerra Mundial. Com a volta dos bens de consumo importados às prateleiras, a janela de oportunidade se fechou para a ISI. Os bens de consumo dos EUA estavam novamente disponíveis para satisfazer a demanda reprimida. Para competir, os fabricantes latino-americanos precisavam *capital* bens: novas máquinas para suas fábricas. Os superávits comerciais durante os anos de guerra proporcionaram poder de compra para adquirir máquinas industriais da Europa e dos Estados Unidos. Mas a Europa estava reconstruindo suas próprias fábricas destruídas pela guerra, e essa reconstrução criou uma escassez de bens de capital no mercado mundial.

Economistas americanos, apoiados por pressão unânime do setor empresarial e diplomático dos EUA, recomendaram o retorno ao modelo de comércio de importação e exportação anterior a 1929. Os países latino-americanos, explicaram os economistas americanos, deveriam fazer o que faziam de melhor: concentrar-se em sua "vantagem comparativa" como produtores de matérias-primas e alimentos com baixos salários. Isso ajudaria os países industrializados do mundo, por sua vez, a fazer o que... *eles* O que melhor se destacou foi a produção de todos os dispositivos (como carros e eletrônicos) e bens culturais (como filmes e estilos de vestuário) que definiram a modernidade. Segundo a teoria econômica liberal, o resultado seria uma melhoria no padrão de vida para todos. Já para os nacionalistas latino-americanos, o resultado seria um retorno ao neocolonialismo. Para eles,

A industrialização havia se tornado o ponto crucial do desenvolvimento nacional, a única coisa que poderia equilibrar as condições econômicas entre a América Latina e os países já industrializados.

Essa interpretação "desenvolvimentista" encontrou uma voz influente na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), criada pelo

Nações Unidas. A figura central da CEPAL foi o argentino Raúl Prebisch, que se tornou o economista latino-americano mais influente de todos os tempos. Sua análise econômica focava na posição "periférica" da América Latina (exportadora de matérias-primas) dentro de uma economia global cada vez mais dominada por um "centro" já industrializado (os Estados Unidos e a Europa). Para a maioria dos economistas latino-americanos, a dicotomia centro-periferia de Prebisch, ou *dependência*O modelo substituiu a teoria liberal da vantagem comparativa como guia para a ação. O problema, acreditavam eles, não era como encontrar vantagens comparativas na periferia, mas como escapar dela e integrar-se ao centro industrializado.

Assim, durante o período pós-guerra, os nacionalistas latino-americanos enfrentaram uma série de desafios difíceis: necessidades sociais urgentes, uma contraofensiva de seus antigos adversários políticos, uma base econômica fragilizada e a hostilidade dos Estados Unidos. A política populista foi, em grande medida, uma resposta a esses desafios. Os eventos na Argentina, no Brasil e no México ilustram variantes do tema populista.

A Argentina, o país mais rico, industrializado, urbanizado e alfabetizado da América Latina naquela época, também abrigava o movimento nacionalista mais dinâmico: o peronismo. Os militares argentinos controlavam o país durante a década de 1930, atuando ora como nacionalistas de direita, ora como guardiões da antiga hierarquia social. Juan Perón, que dá nome ao movimento peronista, era um oficial do exército nacionalista que, como secretário do trabalho, conquistou forte apoio entre os trabalhadores argentinos. Temendo a influência de Perón, o governo o destituiu, mas em 17 de outubro de 1945, uma imensa manifestação de trabalhadores tomou as ruas do centro de Buenos Aires para exigir seu retorno. Desde então, os peronistas comemoram solenemente o dia 17 de outubro como o Dia da Lealdade Peronista, e seus inimigos o lamentam anualmente como o Dia de São Perón. Perón deu à elite argentina, assustada, muitos motivos para lamentar após sua eleição por ampla margem em 1946.

A presidência de Perón na Argentina (1946-1955) testemunhou a rápida sindicalização da força de trabalho industrial do país. Por décadas, a classe trabalhadora industrial permaneceria o pilar do movimento peronista. Perón e sua esposa, Eva Duarte — Evita para os milhões que a adoravam — protestavam, em típico estilo nacionalista, contra a oligarquia latifundiária tradicional, uma classe geralmente desprezada pela população urbana. Evita desempenhou um papel fundamental na mobilização do movimento peronista. Seus gestos marcantes em favor dos pobres da Argentina ajudaram o movimento a ampliar sua base popular para além do movimento sindical.

Atriz glamorosa de radionovelas quando conheceu Perón, Evita fora pobre e socialmente marginalizada na infância. Ela também viera do interior para Buenos Aires, assim como tantos outros trabalhadores peronistas. Sentia que os compreendia. Certamente falava a língua deles. Até mesmo seu guarda-roupa luxuoso, com um estilo euro-chique bem diferente das roupas camponesas de Frida Kahlo, agradava ao gosto dos trabalhadores argentinos. O estilo extravagante de Evita os convidava a saborear seu triunfo: “Sou uma de vocês. E não me esqueci de vocês. Minha glória também é de vocês.” Seu maior orgulho, declarava, residia em merecer “o amor dos humildes e o ódio dos oligarcas”. Criou uma Fundação de Assistência Social onde gostava de distribuir pessoalmente as doações.

JUAN E EVA PERÓNdiscursando para a multidão no centro de Buenos Aires em 17 de outubro, Dia da Lealdade Peronista.

Evita ajudou a conquistar o direito ao voto para as mulheres argentinas em 1947 e defendeu a igualdade salarial para trabalho igual. Mas sua adoração servil por Perón exalava tradição patriarcal, e ela acreditava que a maior aspiração de uma mulher deveria ser o casamento e a maternidade: “Nascemos para ser donas de casa, não para andar pelas ruas”. Evita nunca usou a palavra*líder*Para se descrever.*Ele*“Ele é o líder”, disse ela sobre o marido. “Eu sou apenas a sombra de sua presença superior.” Em seus discursos apaixonados, mais impactantes que os de Perón, Evita se apresentava como mediadora, uma “ponte de amor entre Perón e o povo”. Evita morreu repentinamente de câncer em 1952, em meio a comoventes manifestações públicas de luto.

O nacionalismo norteou a economia peronista, e os Estados Unidos protestaram veementemente. O governo peronista tentou acabar com a propriedade estrangeira de praticamente tudo na Argentina. Além dos serviços públicos, comprou ou expropriou importantes propriedades do país.

Frigoríficos, bancos e companhias de seguros e, mais notoriamente, o extenso sistema ferroviário de propriedade britânica. Ao mesmo tempo, expandiu os serviços sociais e a burocracia para administrá-los. O ponto central do programa peronista era uma campanha de cinco anos pela industrialização a qualquer custo, subsidiada às custas do setor de exportação agrícola. O que aconteceu, no entanto, foi mais colapso do que industrialização. Uma grave recessão econômica e um desentendimento impopular com o Vaticano minaram o apoio da classe média ao movimento.

Os militares exilaram Perón em 1955. Mas o peronismo, ao melhorar a vida dos trabalhadores, restaurar sua dignidade e, sobretudo, dar-lhes esperança, conquistou um lugar permanente no coração de muitos argentinos. Perón conseguia mobilizar a lealdade peronista mesmo no exílio. Em 1957, por exemplo, um quarto do eleitorado anulou seus votos em resposta ao seu controle remoto. Os peronistas não conseguiam governar plenamente, mas ninguém mais conseguiria governar sem eles. Um caminho árduo se anunciava para a Argentina.

A história do Brasil seguiu um curso mais ou menos paralelo, com a exceção de que a coalizão populista brasileira não era tão forte. As classes trabalhadoras e médias urbanas do Brasil, em um país mais rural e mais dependente da agricultura de exportação, permaneceram proporcionalmente muito mais fracas do que as da Argentina. Ainda assim, os anos de Vargas haviam criado um impulso — e os anos de Vargas não haviam terminado. Quando os militares brasileiros depuseram Vargas do poder em 1945, o líder nacionalista já havia preparado um retorno populista, fundando não um, mas dois partidos políticos. Vargas retornou à presidência em 1950 como o candidato vitorioso de um deles, o Partido dos Trabalhadores Brasileiros. Mas realizou pouco. Em 1954, cometeu suicídio presidencial, literalmente. Em sua carta de suicídio, ele vociferava contra as obscuras “forças e interesses” que “sugavam o sangue do povo brasileiro” e frustravam seus objetivos nacionalistas. A morte dramática de Vargas provocou uma enorme demonstração de luto público, semelhante à reação argentina à morte de Evita dois anos antes.

A coalizão populista do Brasil avançou sob outros presidentes. Mas a euforia pelo desenvolvimento ofuscou o compromisso com os mais pobres.

Milhões como Carolina Maria de Jesús. A nova capital, Brasília, concebida como um projeto ultramoderno de enormes blocos de apartamentos espaçados, foi construída com vastos investimentos de recursos governamentais, às custas da inflação galopante. Sua localização no interior pouco povoado do país sinalizava, de forma otimista, uma nova fronteira. Seu projeto foi decidido por um concurso internacional e refletia o planejamento urbano futurista de Le Corbusier. Os edifícios públicos de Brasília, de originalidade marcante, como a catedral parcialmente subterrânea, fizeram de seu criador, Oscar Niemeyer, o arquiteto latino-americano mais conhecido do século. Essa miragem urbana da "era espacial" tomou forma no final da década de 1950, durante os anos pungentes de dificuldades descritos no diário de De Jesús. Inaugurada em 1960, Brasília é o símbolo perfeito do momento pós-Vargas no Brasil.

Por outro lado, o símbolo perfeito do momento no México era o PRI: o Partido Revolucionário Institucional, com ênfase em *Institucional* em vez de *Revolucionário* As forças armadas haviam sido definitivamente subordinadas ao PRI, e o México possuía um sistema unipartidário de admirável estabilidade — mas de democracia questionável — no qual cada presidente cessante escolhia a dedo o próximo candidato do PRI. E o candidato do PRI nunca perdia. A única coisa “revolucionária” no PRI agora era uma devoção nacionalista aos heróis e slogans da Revolução Mexicana. Mas a Revolução Mexicana, se definida como uma luta por justiça social e uma reivindicação das massas oprimidas, estava morta no período pós-guerra.

O crescimento industrial mexicano, contudo, continuou. O poder dos latifundiários havia sido definitivamente destruído, e o PRI detinha a lealdade política de muitos que se beneficiaram da reforma agrária. Isso porque o governo comercializava alimentos cultivados nas terras comuns restauradas, chamadas de *ejidos* Isso poderia manter os preços dos alimentos baixos e, assim, subsidiar o padrão de vida urbano. Embora a Revolução Mexicana tenha sido em grande parte uma revolta rural, seus maiores vencedores foram os habitantes das cidades. A industrialização continuou. A moeda mexicana manteve-se estável, em contraste com a inflação galopante em outros lugares. Assim como no Brasil, a economia como um todo cresceu, mas a redistribuição de riqueza parou.

A maioria dos mexicanos não viu grandes melhorias em seu bem-estar durante o meio século de governo do PRI.

O movimento populista foi muito menos produtivo em outros lugares — na Colômbia, por exemplo. A Colômbia tinha um líder populista, Gaitán, mas não um movimento populista propriamente dito. Após o assassinato de Gaitán em 1948, as esperanças que ele havia despertado ficaram sem rumo. O resultado foi uma onda de violência no campo colombiano, uma violência tão generalizada e prolongada que os colombianos se lembram de todo o período como “La Violencia”. Formalmente, conservadores assassinavam liberais e vice-versa, mas a violência tinha pouco a ver com os programas partidários. Em vez disso, o longo confronto entre liberais e conservadores havia gerado o que um político colombiano chamou de “ódios hereditários”, e o movimento populista tornou esses ódios ainda mais graves. Teorias da conspiração absurdas proliferaram. A oligarquia conservadora havia assassinado a única esperança do povo, Gaitán, clamavam alguns. Os liberais estavam em conluio com o diabo e haviam se juntado à conspiração comunista internacional para escravizar o mundo, afirmavam outros. Muitas propriedades rurais mudaram de mãos, enquanto inúmeras famílias camponesas eram expulsas de suas terras. Outros compraram suas propriedades abandonadas a preços irrisórios, concentrando a posse de terras no campo. A retórica política de confronto incentivou atos violentos, e a maioria desses atos provocou represálias sangrentas. Os assassinatos generalizados canalizaram todo tipo de conflitos e rancores antigos, sem relação com a política. A violência se espalhou pelo interior da Colômbia no início da década de 1950 e continuou a causar estragos por anos. Refugiados da violência rural inundaram as cidades com histórias macabras para contar. Assassinatos políticos raramente ocorriam nas cidades, mas o tom predominante de violência também contaminou pequenos delitos de rua. De uma forma ou de outra, a violência afetou a todos e gradualmente se tornou, por muitas décadas, uma triste condição de fundo da vida colombiana.

A matança descontrolada conferiu amplo apoio ao chefe das Forças Armadas colombianas, Gustavo Rojas Pinilla, um populista de esquerda, que substituiu o presidente eleito em um golpe de Estado em 1953. Rojas Pinilla foi

Um imitador de Perón, particularmente em seu cultivo do movimento sindical, mas muito menos bem-sucedido. Ele não conseguiu conter a violência, que inclusive piorou, levando-o a renunciar à presidência em 1957. Nesse momento, a classe política colombiana retornou à partilha bipartidária do poder para restaurar a estabilidade e evitar uma escalada da violência. Então, por mais de 20 anos, liberais e conservadores dividiram os cargos políticos do país e se alternaram na presidência.

INÍCIO DA GUERRA FRIA

A década de 1950 foi um período de frustração para a maioria dos latino-americanos. Os Estados Unidos, que agora substituíam definitivamente a Europa como o modelo máximo de progresso, exibiam uma prosperidade pós-guerra brilhante, com padrões de vida antes inimagináveis. Revistas e filmes sofisticados mostravam aos latino-americanos o que lhes faltava. A boa vida, proclamava a mídia americana, significava ter uma geladeira, até mesmo um carro. Mas, para a maioria dos latino-americanos, ter uma geladeira era um luxo e um carro, algo absurdamente inatingível. Tendo apresentado o modelo de "boa vida" para esse público atento e ávido, os Estados Unidos ofereceram pouca ajuda para alcançá-la.

Agora uma superpotência, preeminente no mundo, completamente incontestável no hemisfério, os Estados Unidos já não pareciam um bom vizinho. O desencanto da América Latina com os Estados Unidos começou em 1947, com o anúncio do Plano Marshall. O Plano Marshall investiu vastas somas na reconstrução da Europa para impulsionar a prosperidade do pós-guerra e limitar o apelo do comunismo. Entre os principais beneficiários da ajuda do Plano Marshall estavam os inimigos dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Antigos aliados latino-americanos dos Estados Unidos, também lutando por prosperidade, acreditavam merecer ajuda semelhante, mas a América Latina recebeu apenas cerca de 2% da ajuda externa americana entre 1946 e 1959. Diplomatas latino-americanos levantaram a questão em reuniões hemisféricas, mas as prioridades dos EUA estavam em outro lugar. A Europa Ocidental, com os exércitos soviéticos nas proximidades e partidos comunistas atuantes em diversos países, foi considerada a zona de perigo, seguida pela Ásia. As questões latino-americanas praticamente não preocupavam os formuladores de políticas dos EUA.

Assim, em vez de ajuda, os latino-americanos receberam uma dose moderada de pressão diplomática dos Estados Unidos. Em 1947, os Estados Unidos convocaram as nações do hemisfério para assinar o Pacto do Rio, uma aliança defensiva pan-americana permanente. Em 1949, o Partido Comunista Chinês...

A revolução triunfou e a Rússia Soviética testou uma bomba atômica.
Agora, a Guerra Fria começou para valer.

A população dos EUA estava sedenta por café, ávida por bananas e pronta, tendo se afastado da produção de armamentos (embora o "complexo militar-industrial" tenha constituído um pilar permanente da economia do pós-guerra), para fornecer bens de consumo em troca. As poucas indústrias mais sofisticadas e pesadas que começaram a surgir na América Latina eram frequentemente subsidiárias de corporações multinacionais americanas. Elas rotineiramente instalavam máquinas usadas que haviam sido aposentadas de suas fábricas nos EUA, equipamentos já obsoletos nos Estados Unidos. O resultado, logicamente, foram fábricas planejadas *não*Para competir com os Estados Unidos, isso representava um fardo amargo para os nacionalistas empenhados na independência econômica. Segundo a análise da CEPAL, esse tipo de industrialização apenas reforçava a subordinação econômica da América Latina. Para os formuladores de políticas dos EUA, por outro lado, a expansão das corporações multinacionais era um desenvolvimento natural do capitalismo global. O capitalismo de livre mercado era visto como “americano”, e a prosperidade dos EUA dependia dele, tanto interna quanto externamente. Qualquer tipo de nacionalismo econômico latino-americano era, portanto, “anti-americano”, algo a ser combatido.

Em meio a uma caça às bruxas anticomunista em seu próprio país, o Departamento de Estado dos EUA passou a considerar praticamente qualquer oposição latino-americana como um sinal de "comunismo rastejante". O principal fórum da diplomacia anticomunista estadunidense foi a Organização dos Estados Americanos (OEA), uma versão ampliada da União Pan-Americana, que não era mais administrada exclusivamente pelos Estados Unidos, mas sempre dominada por eles. Notoriamente, uma série de ditadores controversos, como Rafael Trujillo na República Dominicana, "Papa Doc" Duvalier no Haiti e Anastasio Somoza na Nicarágua, seguiram a linha dos EUA na OEA, esmagando qualquer oposição (com base no princípio de um país, um voto) de nações maiores como México, Brasil e Argentina. Em 1954, a OEA emitiu a Declaração de Caracas, afirmando que toda ideologia revolucionária marxista era necessariamente estranha ao Hemisfério Ocidental. Portanto, os movimentos revolucionários marxistas, compostos

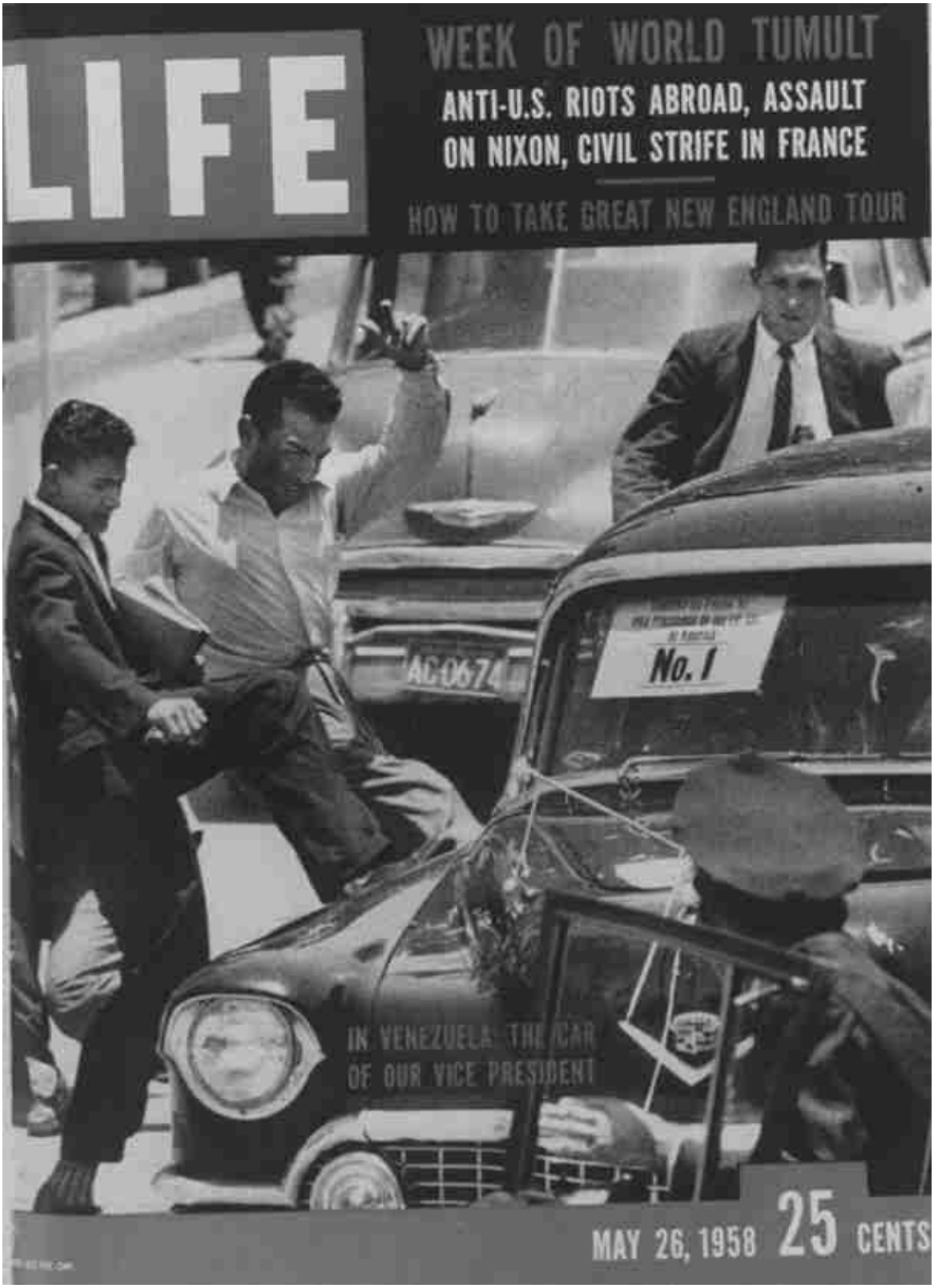
A presença de camponeses, operários e estudantes universitários seria tratada como uma invasão estrangeira. Os diplomatas americanos começaram a enxergar a América Latina estritamente através das lentes da Guerra Fria. Em todos os lugares, viam vermelho — ou, pelo menos, “rosa”.

Na Venezuela, por exemplo, diplomatas americanos apoiaram o ditador Marcos Pérez Jiménez, que havia sediado a reunião da OEA em 1954, porque o consideravam, no mínimo, melhor do que os nacionalistas do Partido da Ação Democrática (ADA) da Venezuela. A ADA havia vencido de forma convincente as eleições livres de 1947 na Venezuela, mas era considerada excessivamente conservadora pelo Departamento de Estado americano. Por outro lado, o ditador Pérez Jiménez, que tornou ilegais tanto a ADA quanto o Partido Comunista, parecia ser um aliado confiável das companhias petrolíferas americanas, que viviam um grande boom petrolífero na Venezuela. Assim como Trujillo, Duvalier e Somoza, Pérez Jiménez era uma figura controversa, mas, ainda assim, aceitável como um dos "nossos canalhas".

O representante da Guatemala na OEA votou sozinho contra a Declaração de Caracas, anticomunista, defendendo, em vez disso, a solidariedade latino-americana contra as pressões dos EUA. Ali estava — para a irritação dos diplomatas americanos — o governo latino-americano mais pró-comunista do hemisfério. Para combatê-lo, o Departamento de Estado americano abandonou sua promessa de 1933 de não intervenção nos assuntos internos dos países latino-americanos. Em vez de enviar fuzileiros navais, porém, inaugurou uma forma indireta de intervenção militar: a força “por procuração”, recrutada entre os inimigos locais do governo alvo. As forças por procuração eram armadas e treinadas, geralmente em segredo, por outro novo ator da era da Guerra Fria, a Agência Central de Inteligência (CIA).

Após uma série de ditadores cruéis, a Guatemala desfrutou de uma empolgante e promissora “década de primavera” entre 1944 e 1954. Duas eleições democráticas haviam levado presidentes nacionalistas, um após o outro, à presidência por ampla margem – eventos sem precedentes na história do país. O primeiro desses presidentes reformistas foi Juan José Arévalo, um professor universitário exilado que retornou ao país.

Supervisionou avanços legislativos como a previdência social, um novo código trabalhista e uma nova constituição. Embora dificilmente radical, ele descreveu sua filosofia como “socialismo espiritual”, palavras problemáticas para diplomatas americanos e para executivos da United Fruit Company, que possuía grandes plantações de banana no país. Quando o governo nacionalista defendeu melhores salários para os trabalhadores guatemaltecos, acusações de comportamento “comunista” ecoaram em Washington.


LIFE
WEEK OF WORLD TUMULT
ANTI-U.S. RIOTS ABROAD, ASSAULT ON NIXON, CIVIL STRIFE IN FRANCE
HOW TO TAKE GREAT NEW ENGLAND TOUR
No. 1
IN VENEZUELA THE CAR OF OUR VICE PRESIDENT
MAY 26, 1958 25 CENTS

Na capa, vemos dois homens chutando um carro, um policial saindo de outro carro e um terceiro homem correndo em direção a eles. Sobre a fotografia, lê-se a legenda: “Na Venezuela: O Carro do Nosso Vice-Presidente”.

NIXON EM CARACAS, 1958.A recepção hostil dada na Venezuela à visita de um vice-presidente dos EUA ilustra como as relações entre os EUA e a América Latina se deterioraram durante a Guerra Fria.

Em seguida, veio o segundo presidente reformista, um oficial do exército idealista de trinta e sete anos chamado Jacobo Arbenz. Arbenz foi além de discursos e leis para impulsionar grandes mudanças na prática. Neste país onde metade da população era composta por camponeses maias analfabetos, tratados praticamente como animais pelos donos das plantações de café, que detinham grande influência, Arbenz começou a confiscar grandes propriedades e dividi-las entre os pequenos agricultores. Além disso, seu governo expropriou terras da United Fruit, juntamente com a ferrovia de propriedade estrangeira da Guatemala. Os clamores contra o comunismo se intensificaram, tanto nos Estados Unidos quanto na Guatemala.

O governo Arbenz não estava fazendo nada além do que outros governos nacionalistas (e os Estados Unidos na década de 1930, com seu tom radical) haviam feito antes dele. Mas a Guatemala era pequena, unida e, até então, submissa aos Estados Unidos. Além disso, como suspeitavam os diplomatas americanos, as ideias marxistas estavam se tornando cada vez mais persuasivas para os nacionalistas na Guatemala. Arbenz as havia abraçado, assim como muitos dos ativistas de base que impulsionaram a sindicalização do país e os organizadores populares que realizaram a reforma agrária. Alguns se tornaram membros do Partido Comunista e muitos acreditavam, juntamente com milhões de outros nacionalistas latino-americanos, que os Estados Unidos eram seu inimigo imperialista, empenhado em explorá-los ao máximo. Diversos importantes formuladores de políticas dos EUA, incluindo o Secretário de Estado John Foster Dulles, tinham interesse pessoal no assunto.

O império das bananas da United Fruit Company. O mesmo aconteceu com Allen Dulles, chefe da CIA em 1954 e irmão de John.

A maioria dos generais guatemaltecos era muito mais conservadora do que Arbenz. Revolucionários dentro do governo Arbenz queriam armar uma milícia popular como contraforça ao exército. Eles providenciaram um carregamento de armas da Tchecoslováquia, então parte do bloco oriental controlado pelos soviéticos, a gota d'água para os formuladores de políticas dos EUA. Pouco depois, uma força interposta pelos EUA invadiu o país vinda de Honduras. Em vez de lutar contra a força invasora, que era insignificante, o exército guatemalteco juntou-se a ela, depondo Arbenz. O Departamento de Estado então anunciou uma vitória histórica para a "democracia" na Guatemala. Mas o regime militar pós-Arbenz na Guatemala revelou-se, segundo todos os relatos, absolutamente assassino. Com o passar das décadas e o aumento do número de mortes, os diplomatas americanos começaram a ver a intervenção de 1954 como uma reação exagerada e trágica. Para entender o porquê, comparemos a Guatemala com a Bolívia, outro país majoritariamente indígena com problemas semelhantes e população aproximadamente igual.

O Movimento Nacional Revolucionário (MNR) da Bolívia assumiu o poder em 1952, justamente quando o governo Arbenz entrava em sua fase final. O MNR era tão nacionalista quanto o governo Arbenz. Além disso, o MNR demonstrava claras influências marxistas. Mas, como a Bolívia fica mais distante dos Estados Unidos, os interesses comerciais americanos eram menos afetados pelas expropriações do MNR e o Partido Comunista, de orientação moscovita, claramente não tinha influência na Bolívia, o Departamento de Estado americano decidiu manter um "engajamento construtivo" com o MNR. Em vez de armar uma força por procuração, enviou ajuda americana.

A riqueza boliviana repousava na mineração de estanho, grande parte dela controlada por três famílias bolivianas incrivelmente opulentas que viviam na Europa. Dizia-se que o jovem herdeiro da família Patiño, o clã mais rico de todos, recebia uma mesada maior do que o orçamento do país para a educação pública. O MNR recebeu apoio dos sindicatos de mineiros e suas milícias, que faziam demonstrações ensurdecedoras de seus sentimentos atirando dinamites em cartuchos acesos, uma ferramenta de seu ofício, como meninos travessos fariam.

Em outros lugares, soltem fogos de artifício. O MNR nacionalizou as minas de estanho e concedeu melhorias substanciais nos salários e benefícios dos mineiros.

Os indígenas bolivianos, cujas comunidades camponesas vinham perdendo suas terras constantemente há gerações, tomaram a iniciativa, e o Ministério de Recursos Naturais (MNR) supervisionou uma substancial reforma agrária. Quase sessenta mil famílias pobres obtiveram o título de propriedade de um lote de terra para cultivar. Outra medida importante do governo revolucionário — sem dúvida atento aos acontecimentos na Guatemala — foi reduzir o poder do exército boliviano a uma sombra do que fora.

As mudanças revolucionárias, contudo, tiveram um impacto negativo no padrão de vida da classe média. Os camponeses com títulos de propriedade da terra passaram a alimentar melhor suas famílias, reduzindo o envio de alimentos para os mercados urbanos e, consequentemente, elevando os preços nesses locais. A melhoria das condições de trabalho dos mineiros afetou os lucros da principal fonte de renda de exportação da Bolívia. Além disso, como o refino de estanho continuou sendo realizado fora do país, onde as refinarias mantinham o preço do estanho o mais baixo possível, as minas começaram a operar no vermelho. Como consequência, elementos mais conservadores dentro do Ministério de Recursos Naturais (MNR) ganharam influência, e a ajuda dos EUA fortaleceu sua posição. A longo prazo, a política americana de "engajamento construtivo" com a revolução boliviana provou ser mais eficaz do que a intervenção nos moldes da intervenção guatemalteca. Os camponeses e mineiros bolivianos continuaram a receber as terras e os salários que mereciam, e o governo do país manteve-se afastado da União Soviética.

Com o avanço da década de 1950, as linhas de batalha da Guerra Fria começaram a afetar tudo o que acontecia na América Latina, inclusive a literatura. A literatura sempre foi política na região e, durante a Guerra Fria, a maioria dos autores se alinhou à esquerda.

Tomemos como exemplo o ganhador do Prêmio Nobel Pablo Neruda. O poeta mais popular da América Latina do século XX, Neruda era vigoroso, expansivo, democrático e franco. Seus poemas...*Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*(1924) estão entre as mais reconhecidas e recitadas em língua espanhola. As maiores obras de Neruda

O tema era a própria “América” — principalmente a América espanhola —, mas ele percorreu o mundo inteiro. Assim como Gabriela Mistral, poetisa chilena ganhadora do Prêmio Nobel, Neruda ocupou diversos cargos diplomáticos, atuando como cônsul na Ásia, Europa e Américas entre 1927 e 1945. Esse tipo de homenagem ao talento literário é uma tradição latino-americana. O coração de Neruda estava com “o povo”, o que significava, na América Latina de meados do século XX, estar ao lado dos revolucionários.

Após a Segunda Guerra Mundial, ele retornou ao Chile e dedicou-se à política revolucionária. Em 1945, Neruda foi eleito senador pelo Partido Comunista do Chile. A reputação do grande poeta atingiu seu auge com a chegada da Guerra Fria à América Latina nas décadas de 1950 e 1960.

O argentino Jorge Luis Borges, outro gigante da literatura com reputação internacional, oferece um contraste interessante com Neruda. Assim como Neruda e muitos outros autores latino-americanos, Borges tinha fortes laços internacionais. Passou alguns anos na Suíça, estudou brevemente em Cambridge e traduziu obras do alemão, francês e, sobretudo, do inglês. Borges amava a língua inglesa e chegou a escrever alguns poemas em inglês. Mas o Borges argentino era um homem reservado e estudioso, muito diferente do boêmio e errante Neruda. Nascido em Buenos Aires, Borges raramente se ausentava da cidade por muito tempo. E, durante a maior parte da sua vida, foi cego. Seu mundo era um teatro particular e sombrio de *Ficções* e *Tigres dos Sonhos*, os títulos de dois de seus livros. Para Borges, os gaúchos rústicos e os bairros pobres e violentos de Buenos Aires eram motivos literários. Ele os apreciava como temas para uma literatura nacional argentina, mas não era um “homem do povo” e simpatizava com os militares em sua longa luta contra Perón. Mesmo assim, Borges criou contos tão surpreendentemente inovadores e imaginativos que se tornou, se possível, ainda mais influente na literatura do que Neruda. Muitos acreditam que Borges nunca ganhou o Prêmio Nobel apenas por causa de suas opiniões de direita impopulares.

A REVOLUÇÃO CUBANA

Após a década de 1950, os nacionalistas latino-americanos adotaram cada vez mais uma perspectiva marxista sobre a história e uma visão revolucionária do futuro. Poetas, romancistas, artistas, cantores folclóricos e cientistas sociais influentes — sem mencionar os estudantes eloquentes das universidades públicas de toda a região — expressaram a visão revolucionária marxista. E fizeram isso justamente quando o anticomunismo se tornou o imperativo primordial da política dos EUA em relação à América Latina.

A ascensão da ideologia marxista entre os nacionalistas latino-americanos teve pouca relação com a Rússia Soviética, uma aliada distante, pouco útil e desinspiradora. Tampouco o sonho marxista de um futuro perfeito, sem desigualdades ou injustiças, era mais convincente na América Latina do que em outros lugares. Era a análise histórica marxista que fazia sentido para os nacionalistas latino-americanos empenhados em desmantelar o neocolonialismo. A visão marxista do capitalismo, que destacava a exploração de classe, parecia uma descrição adequada da experiência latino-americana. A teoria leninista do imperialismo — que sugeria que uma classe privilegiada dentro dos países dominados lucraria com a colaboração com o plano imperial dos estrangeiros — também parecia bastante precisa na América Latina. Na década de 1950, o marxismo passou a ser associado às lutas nacionalistas pela descolonização e autodeterminação em todo o mundo. E se os Estados Unidos imperialistas odiavam e temiam o marxismo, muitos latino-americanos encontraram nisso um incentivo adicional para estudá-lo.

O diagnóstico marxista dos grandes problemas da América Latina era a injustiça — não uma política errada aqui, uma decisão equivocada ali, mas a injustiça intrínseca a uma sociedade fundada na conquista e dedicada, ao longo dos séculos, a manter as desigualdades. O prognóstico era grave. O rápido crescimento populacional e a urbanização estavam criando uma enorme escassez das necessidades sociais mais básicas. Crianças nas ruas, bairros inteiros construídos sobre lixões — o preço a pagar era a diminuição da população.

A situação era (e é) indescritível. O tratamento recomendado era a revolução, não a reforma. E por revolução, os marxistas não entendiam simplesmente um novo governo, melhor, derrubando um antigo e corrupto, mas sim uma completa reorganização da sociedade, derrubando os ricos e poderosos que haviam desfrutado de seus privilégios por tanto tempo em meio à miséria — pior ainda,*às custas de*miséria — e redistribuir a riqueza entre todos. Os revolucionários sociais não hesitaram em confiscar fortunas extraídas de gerações de escravos e peões endividados. E acreditavam que as multinacionais americanas eram apenas uma nova versão dos impérios espanhol e português, drenando riquezas daquilo que um livro influente chamou de*As Veias Abertas da América Latina*Os revolucionários marxistas acreditavam que a aspirina não curaria esse câncer. A situação exigia uma cirurgia de grande porte.

Um estudante de medicina argentino, que mais tarde ficaria famoso como "Che" Guevara (seu nome verdadeiro era Ernesto), chegou a essa conclusão no início da década de 1950. O espírito rebelde corria no sangue da família de Che. Sua mãe, antes dele, havia conquistado uma reputação radical por fumar cigarros em público sem pudor. Che acreditava que a pobreza na América Latina estava ligada a, e era mantida por, um sistema econômico internacional imperialista de poder imenso. As vítimas desse sistema, entre as quais Che incluía todos os países da América Latina, só poderiam se libertar agindo em conjunto. Ele começou a demonstrar sua vocação "internacionalista" pedalando milhares de quilômetros para ver com os próprios olhos a pobreza e a opressão dos povos indígenas dos Andes. Então, ao ouvir falar de reformas inspiradoras em andamento na Guatemala de Arbenz, Che foi participar. Da Guatemala, ele fugiu para o México quando oficiais do exército apoiados pelos EUA derrubaram Arbenz em 1954. Che era agora um revolucionário marxista de fato, "um soldado da América", como disse ao pai quando saiu de casa, e considerava a luta contra o imperialismo capitalista como uma luta intransponível. *dele*batalha, em qualquer lugar do mundo.

No México, Che conheceu Fidel Castro, um revolucionário de um tipo diferente, um nacionalista fervoroso imerso nas tradições políticas e nas lutas de seu próprio país, Cuba. Castro era filho de uma família de produtores de cana-de-açúcar que, enquanto estudante de direito no final da década de 1940, foi inspirado

pelos temas idealistas, moderadamente socialistas e, sobretudo, intensamente anti-imperialistas do movimento estudantil. Em Cuba, assim como na América Latina como um todo, as atitudes anti-imperialistas da década de 1950 se concentravam quase exclusivamente nos Estados Unidos, e em nenhum lugar os sentimentos anti-imperialistas eram mais fortes do que entre os nacionalistas cubanos. Quando diplomatas americanos orquestraram a formação da OEA em 1948 em Bogotá, Colômbia, Castro viajou para lá para participar de uma reunião paralela de ativistas estudantis anti-imperialistas. Na oposição aos Estados Unidos, o internacionalista Che e o nacionalista Fidel compartilhavam a mesma visão.

Os dois se conheceram no México porque Fidel, junto com seu irmão Raúl e outros, havia sido exilado de Cuba. Seu crime foi resistir à ditadura militar apoiada pelos EUA de mais um de seus "bastardos", Fulgencio Batista. Em 1953, pouco depois da queda do governo cubano eleito por Batista, os irmãos Castro lideraram um ataque desastroso contra o exército do ditador. Mas seu gesto de desafio, que custou muitas vidas aos estudantes rebeldes, mostrou-se popular entre o povo cubano. Fidel e Raúl Castro foram libertados da prisão e enviados para o México como um sinal de benevolência ditatorial. Em poucos anos, no final de 1956, eles estavam prontos para lançar seu próximo ataque contra Batista, a quem consideravam — devido ao seu apoio dos EUA e à sua firme defesa do anticomunismo estadunidense na OEA — um agente do imperialismo.

Os oitenta e dois invasores — muitos deles jovens idealistas de classe média — amontoaram-se a bordo de um veículo de assalto incongruente, um velho iate com um nome pouco bélico, ironicamente em inglês, *Vovó.* O desembarque deles em Cuba não correu bem, em parte porque os camponeses locais alertaram o exército, e apenas um punhado dos *Vovó* A força de assalto de [nome do soldado] sobreviveu para fazer história. Enquanto isso, eles criaram lendas, a começar pelo número mágico de combatentes restantes — doze, o número dos discípulos de Cristo, simbolizando a vulnerabilidade física e a superioridade espiritual dos guerrilheiros. Fidel, Raúl e Che — que agora representavam individualmente um quarto da força de invasão — chegaram às montanhas da Sierra Maestra, no leste de Cuba, onde travaram com sucesso um jogo mortal de esconde-esconde com o exército.

pelos próximos dois anos. Uma série de artigos bastante simpáticos sobre eles apareceu no*New York Times*Até mesmo o governo dos EUA começou a condicionar seu apoio a Batista, e a resistência ao ditador dentro de Cuba tornou-se praticamente unânime. Sem vislumbrar futuro, Batista deixou o país repentinamente no último dia de 1958, e os guerrilheiros barbudos das montanhas foram recebidos com tumulto em Havana.

Para demonstrar que sua revolução estava apenas começando, eles não se barbearam nem tiraram seus uniformes cáqui. Os revolucionários aplicaram uma justiça sumária contra os capangas do ditador, julgando e executando 483 deles em três meses. Em intermináveis comícios de massa e discursos televisionados igualmente intermináveis, Castro explicou sua visão de uma nova Cuba. O governo revolucionário manteve um alto nível de apoio popular. Qualquer pessoa que tivesse acompanhado as revoluções nacionalistas que varreram a América Latina no século XX sabia o que esperar: medidas contra o "imperialismo econômico", possivelmente incluindo a expropriação de empresas estrangeiras e, sobretudo, a reforma agrária.
A reforma agrária começou quase imediatamente, em maio de 1959.

De que lado estaria o novo governo cubano na Guerra Fria? Essa era a principal questão do Departamento de Estado americano, ofuscando até mesmo o considerável interesse econômico dos EUA em Cuba. A criação de uma "cabeça de ponte comunista a noventa milhas de nossas costas" seria intolerável aos olhos deles. Castro era comunista?

Nunca — nem como estudante radical na década de 1940, nem como líder guerrilheiro na década de 1950 — Castro esteve próximo do Partido Comunista Cubano alinhado a Moscou. Tampouco o Partido Comunista desempenhou um papel substancial na derrubada de Batista. Mas quando Fidel apareceu na televisão para seu discurso de cinco horas sobre as mudanças estruturais de uma "revolução real", a inspiração marxista de sua visão ficou óbvia. A única coisa que poderia tranquilizar as pessoas nos Estados Unidos, ao que parecia, era uma demonstração de que a Revolução Cubana estaria alinhada aos Estados Unidos contra o comunismo internacional. Em seus próprios termos, os revolucionários cubanos estavam sendo solicitados a

Trair tudo aquilo pelo que lutaram: aliar-se ao “imperialismo econômico” contra as forças da “libertação nacional”. Fidel e Che jamais cogitaram essa possibilidade.

LOS BARBUDOS,“”“Os barbudos.” Para mostrar que a revolução estava apenas começando, os revolucionários cubanos não rasparam suas barbas após a vitória em 1959. No centro está Fidel Castro. Outro *Barbudo*, que não está retratado aqui, era Che Guevara.

E Castro tinha um jeito de reforçar essa ideia. Em uma viagem a Nova York em 1960, ele proferiu uma palestra de quatro horas nas Nações Unidas sobre o tema do imperialismo americano. Em um hotel no Harlem, ele se encontrou com Malcolm X e outros críticos das políticas americanas, tanto internas quanto externas. Em fevereiro do mesmo ano, ele começou a articular um mercado alternativo na Rússia para o açúcar cubano, que por muito tempo foi vendido quase exclusivamente nos Estados Unidos, e em junho comprou petróleo russo, oferecido a um preço vantajoso. Quando as refinarias de petróleo cubanas, de propriedade americana, se recusaram a processar esse petróleo “vermelho”,

Fidel expropriou-os. Em julho, veio a resposta do governo dos EUA: o fim das compras americanas de açúcar cubano, responsáveis por três quartos da receita de exportação de Cuba. Em agosto, o governo revolucionário retaliou expropriando mais propriedades americanas, de usinas e minas de açúcar a empresas de telefonia e eletricidade. No segundo semestre de 1960, os Estados Unidos declararam um embargo a todo o comércio com Cuba, e chegou a Havana a notícia de que uma força paramilitar estava sendo treinada e equipada pela CIA para invadir a ilha.

Desta vez, porém, a tática de usar intermediários falhou miseravelmente. Apesar das esperanças, os cubanos anticastristas que desembarcaram na Baía dos Porcos em 1961 não desencadearam nenhuma rebelião interna. O novo exército cubano era um desdobramento direto do exército revolucionário de Castro de 1956-58 e totalmente leal a ele. Derrotou rapidamente esses invasores. Mas parecia improvável que fossem os últimos. O alinhamento militar cubano com a União Soviética, o que os formuladores de políticas dos EUA tanto temiam, agora se consolidava como uma defesa contra novas invasões dos Estados Unidos.

Em meados de 1962, aviões espiões americanos de alta altitude, chamados U-2, começaram a fotografar instalações de mísseis nucleares em construção e, em outubro, obtiveram uma imagem nítida de um míssil. Poucos dias depois, o presidente americano John F. Kennedy deu um ultimato aos russos: retirem os mísseis "ou então". O mundo prendeu a respiração. A Crise dos Mísseis de Cuba foi um dos momentos mais perigosos da Guerra Fria. Finalmente, os soviéticos concordaram em remover seus mísseis em troca de um acordo americano de não invadir Cuba. Além de algumas pequenas provocações da CIA — envolvendo peripécias como um charuto explosivo e planos para fazer a barba de Fidel Castro cair —, a ameaça militar dos Estados Unidos havia terminado.

Os efeitos debilitantes do embargo americano, contudo, perdurariam por décadas. A intenção era cortar não apenas o comércio com os EUA, mas também todo o comércio entre Cuba e os países aliados dos Estados Unidos. O comércio cubano com o restante da América Latina foi estrangulado graças a

O domínio dos EUA sobre a OEA. As sanções aplicavam-se até mesmo ao comércio de Cuba com países neutros. Qualquer embarcação que atracasse em Cuba seria posteriormente mal recebida nos portos dos EUA. Como resultado, o comércio exterior de Cuba deslocou-se decisivamente para países distantes alinhados com a Rússia Soviética.

Cuba foi expulsa da OEA apesar da oposição dos maiores países latino-americanos. Aqui, mais uma vez, residia o poder dos muitos pequenos países que sempre votaram com os Estados Unidos na OEA. Gradualmente, Cuba tornou-se um centro de resistência à política estadunidense na América Latina e um campo de treinamento para revolucionários marxistas. Moscou havia decidido que, na maior parte da América Latina, as condições propícias para uma revolução social ainda não existiam. Mas Che Guevara havia desenvolvido uma nova teoria de guerra de guerrilha baseada na experiência cubana na Serra Maestra. As condições revolucionárias poderiam ser criadas, pensava Che, por pequenos grupos guerrilheiros comprometidos como os...*Vovó*expedição. Esses grupos estabeleceriam*focos*, pontos focais da atividade guerrilheira para impulsionar uma revolução maior. O próprio Che prometeu repetir a experiência da Sierra Maestra em escala continental — fazer dos Andes “a Sierra Maestra da América do Sul”. Sua malfadada missão boliviana, que começou em 1966, tinha como objetivo justamente isso.

Che viajou para a Bolívia disfarçado de empresário uruguaio calvo e lançou sua revolução continental com apenas cinquenta guerrilheiros — trinta bolivianos e vários voluntários internacionais (especialmente cubanos). Desta vez, porém, a pequena, mas idealista força revolucionária não triunfou. O próprio Che sofria de crises prolongadas de asma que o incapacitavam e desanimavam seus seguidores. Os camponeses bolivianos desconfiavam dos guerrilheiros e nenhum aderiu ao movimento. Enquanto isso, o exército boliviano os eliminava um a um, até que restasse apenas um punhado; ainda assim, quando foi finalmente capturado, interrogado e executado em 1968, Che já havia se tornado um herói em toda a América Latina, não tanto pelo que fez, mas por como morreu tentando.

Che havia deixado Cuba em parte devido às suas próprias frustrações no país. Ele era um teórico e visionário que acreditava que, para o verdadeiro socialismo funcionar, o dinheiro deveria ser abolido e as pessoas deveriam trabalhar por ideais. Mas, como presidente revolucionário do Banco Nacional de Cuba e, posteriormente, ministro da Indústria no início da década de 1960, descobriu que essas mudanças eram mais fáceis de idealizar do que de implementar. Che havia sido um dos principais defensores da diversificação e industrialização da economia cubana, fortemente dependente do açúcar. Ele havia moldado o primeiro ataque da revolução ao problema do subdesenvolvimento, um plano de industrialização acelerado e impaciente. Grandes promessas de ajuda vieram de países europeus alinhados à União Soviética e também da China. O governo soviético, sozinho, prometeu construir cem fábricas em Cuba, mas logo mudou de ideia. Assim como os Estados Unidos, a União Soviética preferia trocar seus próprios produtos manufaturados por açúcar cubano. Seria possível que a revolução utilizasse o açúcar — aquele velho dragão, devorador de gerações de escravos e outros trabalhadores empobrecidos — para o bem comum? Talvez sim, pensaram os revolucionários cubanos teimosamente otimistas no final da década de 1960. As plantações de cana-de-açúcar, assim como quase tudo o mais, agora pertenciam ao Estado cubano, tornando-se propriedade do povo cubano. Assim, nos anos que se seguiram à morte de Che, Castro perseguiu uma nova e surpreendente meta econômica: uma colheita de dez milhões de toneladas de açúcar.

Enquanto o governo revolucionário trabalhava freneticamente para aumentar a produção, a classe média, a contragosto, se oferecia para trabalhar nos fins de semana, sofrendo com as mãos calejadas pela cana-de-açúcar. A dissidência não era permitida. Quando um poeta renomado foi silenciado publicamente, a notícia gerou inquietação entre os simpatizantes da revolução dentro e fora de Cuba.

POLÍCIA VERSUS ESTUDANTES. Estudantes guatemaltecos enfrentam a polícia durante uma manifestação de rua em 1962. Muitos estudantes universitários, juntamente com artistas, intelectuais e trabalhadores sindicalizados, foram inspirados pela Revolução Cubana durante a década de 1960.

Muitos estrangeiros torciam pela Revolução Cubana. Na então Alemanha Oriental comunista, a estudante universitária Tamara Bunke, mais tarde conhecida pelo seu pseudônimo de guerrilheira, Tania, sentia que a Revolução Cubana também era a sua luta. Tania nasceu e cresceu em Buenos Aires, para onde a família Bunke havia fugido dos nazistas durante a década de 1930, retornando à Alemanha após a Segunda Guerra Mundial. Quando Che Guevara liderou uma missão comercial à Alemanha Oriental em 1960, Tania foi sua intérprete. Inspirada pelo projeto revolucionário de transformar a América Latina, ela viajou para Cuba e se dedicou às brigadas de trabalho, à milícia, à campanha de alfabetização — mas queria algo mais heroico. Em 1964, ela conseguiu, indo sozinha para a Bolívia como agente secreta para preparar o terreno para a última e fadada campanha de Che. Em 1967, ela morreu, junto com quase todos os outros. Na morte, ela se tornou um símbolo hemisférico de compromisso revolucionário e abnegação.

Assim como o próprio Che. Da Argentina ao México, meninas foram batizadas com o nome de Tania em sua homenagem.

Houve também reverberações musicais da revolução por toda a América Latina. A música folclórica com temas de protesto tornou-se a trilha sonora internacional da organização revolucionária. Disfarçada na Bolívia, Tania se fez passar por colecionadora de música folclórica. A mãe espiritual desse movimento da "nova canção" foi uma chilena, Violeta Parra. Parra não era da geração dos anos 60. Na verdade, ela era velha o suficiente para ser mãe dos jovens cantores de protesto que se reuniram ao seu redor na década de 1960. Vários deles eram, na verdade, seus filhos. Parra, uma letrista excepcional, era profundamente ligada à música folclórica chilena. Sua música era mais pessoal do que revolucionária, e o desespero pessoal a levou ao suicídio em 1967, o mesmo ano da morte de Tania. Mas para a geração dos anos 60, sua música representava um autêntico espírito de protesto latino-americano. Parra se matou com um toque característico em um*carpa*Uma tenda foi montada seguindo a tradição dos artistas folclóricos itinerantes. Os jovens músicos que ela havia inspirado logo se dispersaram. Por fim, Havana se tornaria o centro internacional do movimento da "nova canção".

No final da década de 1960, a Revolução Cubana havia se tornado um símbolo poderoso para os jovens de todo o hemisfério. Quase todos, exceto os anticomunistas latino-americanos mais convictos, sentiam imensa satisfação ao ver um Davi cubano enfrentar o Golias americano. Para os socialistas latino-americanos — incluindo um número crescente de estudantes, líderes sindicais e jovens em geral — a Revolução Cubana tinha muito a mostrar. Ela havia ampliado consideravelmente as oportunidades educacionais, dando passos decisivos rumo à alfabetização plena e a uma saúde pública exemplar. Havia melhorado as condições de moradia nas áreas rurais de Cuba, há muito negligenciadas. Havia defendido a plena igualdade dos cubanos negros, que antes da revolução eram legalmente proibidos de frequentar algumas praias para atender ao preconceito racial dos turistas americanos. Os filmes e cartazes cubanos, em particular, comunicavam a promessa de uma revolução vibrante e criativa por toda a América Latina. A Casa de las Américas, em Cuba, oferecia o prêmio literário mais prestigioso da região.

Os nacionalistas, há muito frustrados pelo longo domínio espanhol em Cuba e pela humilhante Emenda Platt, glorificaram a revolução. Para eles, a projeção internacional de Cuba ajudava a compensar o que a revolução havia feito.*não* oferecer.

A Revolução Cubana não ofereceu as liberdades individuais tão centrais ao liberalismo, como o direito de se manifestar contra o governo e de viajar para o exterior. Essas liberdades receberam baixa prioridade no pensamento revolucionário. De qualquer forma, apenas uma pequena minoria na América Latina tinha condições de viajar para fora do país, argumentavam os revolucionários. Se a revolução fosse uma cirurgia de grande porte, a sala de operação precisaria de disciplina rigorosa. Por que permitir que alguém perturbasse o espírito de equipe? Restaurar a esperança de uma vida digna para a maioria desamparada parecia justificar a violação das liberdades individuais dos cidadãos mais afortunados.

Para os anticomunistas, especialmente nos Estados Unidos, mas também na América Latina, a cirurgia da revolução social criou um monstro de Frankenstein — antinatural, poderoso e assustador. O comunismo desafiou não apenas as liberdades individuais, mas também valores mais antigos e tradicionais, como o patriarcado e a hierarquia social. Os anticomunistas consideravam a visão revolucionária como "lavagem cerebral" ou consequência de uma contaminação viral. E, de repente, da perspectiva dos anticomunistas estadunidenses, que só recentemente haviam se atentado aos eventos ao sul da fronteira, a contaminação estava aqui, "em nosso quintal" — "a apenas 145 quilômetros de nossas costas", na verdade. O cenário estava armado para o conflito.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

populismo ,pág. 273

ECLA ,pág. 275

Juan e Eva Perón ,pp. 275–76

Pacto do Rio ,pág. 281

Jacobo Arbenz ,pág. 284

Pablo Neruda ,pág. 286

marxismo ,pág. 287

Revolução Cubana ,pág. 287

Che Guevara ,pág. 288

Fidel Castro ,pág. 289

Baía dos Porcos ,pág. 292

Crise dos Mísseis de Cuba ,pág. 292

teologia da libertação ,pág. 298

QUESTÕES DE ESTUDO

1. Como as relações da América Latina com os Estados Unidos mudaram após a Segunda Guerra Mundial?
2. Em particular, quais grandes esperanças dos nacionalistas latino-americanos foram frustradas no mundo pós-guerra?
3. De que maneiras a intervenção dos EUA na Guatemala em 1954 exemplifica padrões da Guerra Fria emergente na América Latina? O que podemos aprender com a comparação com a Bolívia?
4. Que fatores tornaram a visão marxista da história persuasiva para muitos latino-americanos nas décadas de 1950 e 1960?
5. O triunfo da Revolução Cubana em 1959 apresentou um modelo plausível para potenciais guerrilheiros em toda a região?

Glossário

populismo

um estilo de política voltado para as classes trabalhadoras e médias urbanas, que, juntas, compunham o*coligação populista*Com maior vigor nos anos que se seguiram a 1945, o populismo geralmente empregava temas nacionalistas e promovia o ISI (Insurgência Estatal Islâmica).

ECLA

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) foi criada pelas Nações Unidas e liderada pelo economista argentino Raúl Prebisch no período pós-Segunda Guerra Mundial. A CEPAL defendeu uma política econômica "desenvolvimentista" em contraposição à teoria liberal clássica da "vantagem comparativa".

Juan e Eva Perón

Juan Perón foi presidente da Argentina de 1946 a 1955, e chegou ao poder com o apoio em massa da classe trabalhadora industrial. Os trabalhadores permaneceram seus apoiadores mais leais durante toda a sua presidência. Ele fundou um movimento nacionalista duradouro chamado Peronismo. Sua esposa, Eva, uma ex-atriz,

Desempenhou um papel crucial em sua presidência e se tornou uma figura nacional por mérito próprio.

Pacto do Rio

Uma aliança defensiva pan-americana permanente assinada em 1947. Ela perpetuou a aliança militar entre os EUA e a América Latina da Segunda Guerra Mundial e a estendeu para a Guerra Fria.

Jacobo Arbenz

Presidente da Guatemala que implementou reformas progressistas antes de ser deposto por uma força paramilitar apoiada pelos EUA em 1954.

Pablo Neruda

Vencedor do Prêmio Nobel e um dos poetas mais populares da América Latina do século XX. Ele também viajou pelo mundo como diplomata estrangeiro a serviço do governo chileno e, em 1945, foi eleito senador pelo Partido Comunista do Chile.

marxismo

Forma de socialismo científico criada por Karl Marx e Friedrich Engels, que tinha suas raízes em uma teoria materialista da história. Revolução Cubana

Liderada por Fidel Castro, com notável participação de Che Guevara, esta foi a revolução mais influente da América Latina no século XX. Logo após seu triunfo em 1959, a Revolução Cubana aliou-se à União Soviética, tornando Cuba a nêmesis latino-americana dos Estados Unidos pelo meio século seguinte.

Che Guevara

Um estudante de medicina argentino cuja participação na Revolução Cubana o tornou um dos mais famosos revolucionários latino-americanos. Em Cuba, Che desenvolveu uma teoria de guerra de guerrilha e morreu tentando implementá-la posteriormente na Bolívia.

Fidel Castro

Em 1959, seu regime comunista chegou ao poder em Cuba após dois anos de guerra de guerrilha contra o ditador Fulgencio Batista. Ele implementou programas de redistribuição de terras e nacionalizou todas as propriedades estrangeiras. Esta última ação, assim como seus julgamentos políticos e execuções sumárias, prejudicaram as relações entre Cuba e os Estados Unidos.

Baía dos Porcos

Operação fracassada da CIA que, em abril de 1961, mobilizou um grupo de rebeldes cubanos para derrubar o regime comunista de Fidel Castro. Crise dos Mísseis de Cuba

O impasse entre os EUA e a União Soviética durou treze dias em outubro de 1962, desencadeado pela descoberta de instalações de mísseis soviéticos em Cuba; a crise foi o momento em que o mundo esteve mais perto de uma guerra nuclear desde 1945.

teologia da libertação

Um movimento popular pequeno, porém influente, dentro da Igreja Católica Latino-Americana, que teve início no final da década de 1960. Em consonância com a teologia da libertação, a conscientização e a organização social entre os pobres tornaram-se missões centrais.

CONTRACORRENTES

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

LEONARDO BOFF, um dos fundadores do movimento Teologia da Libertação, participa de um protesto em 2020 contra práticas de mineração destrutivas no Brasil.

A Igreja Católica não desempenhou nenhum papel na Revolução Cubana, que marginalizou totalmente a religião e transformou as igrejas em auditórios públicos. Historicamente, a Igreja Católica havia sido, acima de tudo, um poderoso baluarte do status quo e, portanto, um alvo principal dos revolucionários. Mas os membros do clero também podiam ser revolucionários. O padre Miguel Hidalgo e o padre José María Morelos demonstraram isso durante a luta pela independência do México. Frei Bartolomé de Las Casas, um dos primeiros defensores dos povos indígenas, abriu caminho no século XVI.

Na década de 1960, os padres radicais da América Latina seguiram novamente o exemplo de Las Casas. O padre Camilo Torres foi um deles. Filho da classe alta colombiana, Torres lecionava sociologia, a disciplina acadêmica mais "subversiva" da América Latina, na Universidade Nacional. Os sociólogos eram vistos como "rosados" porque falavam muito sobre classe social, uma categoria de análise favorita dos marxistas. Torres de fato soava como os revolucionários cubanos quando exigia "mudanças fundamentais nas estruturas econômicas, sociais e políticas", algo que ele acreditava que os tradicionais partidos Liberal e Conservador da Colômbia jamais conseguiriam realizar. Torres almejava a revolução, que ele via como "o caminho para instaurar um governo que alimente os famintos, vista os nus, eduque os ignorantes e coloque em prática obras de caridade e amor fraternal". O padre Torres juntou-se a um exército guerrilheiro e morreu em combate em 1966.

Os revolucionários religiosos do início da década de 1960 viam os problemas da América Latina de maneira muito semelhante à dos revolucionários marxistas. No entanto, apenas alguns se juntaram a guerrilhas. A maioria acreditava que a fé e as boas obras eram mais poderosas do que as armas. Eles se inspiravam na obra de Paulo Freire, o maior alfabetizador da região, que então trabalhava com os camponeses do empobrecido Nordeste brasileiro. Freire argumentava que os camponeses eram adultos inteligentes, ávidos por se empoderar. Ele acreditava que os métodos usados com crianças em idade escolar não eram adequados para ajudar adultos pobres a aprender a ler. Para adultos analfabetos, aprender a ler e escrever significava assumir maior controle de suas próprias vidas. Assim, Freire desenvolveu um método de aprendizagem interativa e, para descrevê-lo, cunhou o termo “conscientização”.

Em 1968, quando a Conferência Episcopal Latino-Americana realizou um encontro histórico em Medellín, Colômbia, os bispos discutiram a utilidade da abordagem de Freire. Concordaram que a Igreja deveria assumir “uma opção preferencial pelos pobres” e debateram a formação de “comunidades de base” cristãs, nas quais os fiéis se reuniriam para ler e discutir a Bíblia, em algo semelhante aos grupos de alfabetização de Freire. Os bispos também falaram sobre libertar as pessoas da “violência institucionalizada” da pobreza. Essa violência não se referia ao contexto histórico da Igreja.

sentido comum. Em vez disso, os bispos católicos da América Latina começaram a enxergar a fome, a ignorância e as doenças desenfreadas como danos tragicamente evitáveis à vida humana. Governos que não conseguiam prevenir esses danos cometiam violência institucionalizada. Suas vítimas frequentemente viam o sofrimento como algo natural, uma parte inevitável da pobreza. A conscientização em comunidades cristãs poderia desmascarar a violência institucionalizada e eliminar sua aparente naturalidade. Eis que os ensinamentos católicos visavam minar, em vez de reforçar, os antigos padrões de hierarquia e hegemonia da América Latina. Essa nova mensagem não falava em sofrer pacientemente ao longo da vida para obter uma recompensa celestial. Em vez disso, clamava por cozinhas comunitárias, cooperativas de creches e organização comunitária. Exigia responsabilidade governamental. Em uma região conhecida por seu fervor religioso, o resultado poderia ser impactante. Essa, pelo menos, era a esperança dos padres e freiras que viviam e trabalhavam em bairros pobres.

A “teologia da libertação” tornou-se o nome genérico para o movimento que se cristalizou na conferência episcopal de 1968. A teologia da libertação despertou imediatamente enorme interesse, tanto a favor quanto contra. Os conservadores apontavam para o padre Camilo Torres e gritavam “Comunismo!”. De fato, os revolucionários religiosos tinham algo em comum com os marxistas. Compartilhavam um senso de urgência e a premissa básica de que a América Latina necessitava de mudanças profundas e fundamentais. Ambos estavam igualmente comprometidos em aliviar o sofrimento dos pobres. Ambos acreditavam que as estruturas de poder existentes estavam contra eles. Apesar das muitas divergências entre as ideologias marxista e cristã, esses revolucionários podiam logicamente se enxergar como potenciais aliados.

Uma reação conservadora começou imediatamente dentro da própria Igreja Católica. Os defensores da teologia da libertação foram apaixonados e eloquentes, mas nunca constituíram maioria. No final da década de 1970, um novo papa, João Paulo II, lançou todo o poder do Vaticano contra eles. A experiência formativa de João Paulo como líder católico na Polônia comunista o tornou inexoravelmente contrário ao marxismo, e ele acreditava que o cristianismo latino

Os revolucionários religiosos americanos haviam ultrapassado os limites. A campanha do Vaticano começou na Conferência Episcopal Latino-Americana de 1978, realizada na cidade mexicana de Puebla. Incluiu a nomeação sistemática de bispos latino-americanos hostis à teologia da libertação e até mesmo o "silenciamento" oficial de teólogos da libertação. Da mesma forma, o papa visitou a Nicarágua em 1983 para apoiar um arcebispo conservador contra os líderes revolucionários sandinistas, que eram clérigos católicos e defensores da teologia da libertação. (A revolução sandinista será discutida no próximo capítulo.) "Silêncio!", gritou o papa três vezes para a multidão pró-sandinista enfurecida, em um momento memorável de confronto direto. Gradualmente, o movimento da teologia da libertação perdeu força na década de 1980, antes mesmo de 1% dos latino-americanos terem participado de uma comunidade de base cristã.

10 REAÇÃO

Após a Revolução Cubana explodir como um clarão no céu noturno, um farol de esperança para alguns e um sinal de perigo para outros, a Guerra Fria chegou à América Latina com toda a sua força. O governo cubano fez o que pôde — não muito, oferecendo treinamento, mas raramente dinheiro ou armas — para ajudar revolucionários marxistas em outros países da região. A Rússia Soviética nunca desempenhou um papel importante fora de Cuba. Ainda assim, o Departamento de Estado dos EUA via qualquer movimento revolucionário marxista como uma força paramilitar soviética. A política dos EUA incentivava uma postura violenta. reação contrarrevolucionária que se espalhou pela região nas décadas de 1960 e 1970.

É inegável que o marxismo e o exemplo cubano eram muito proeminentes. Isso não era fruto da imaginação do Departamento de Estado dos EUA. Além disso, os marxistas latino-americanos acreditavam que a Rússia Soviética estava do seu lado. Mas as imagens da URSS pouco influenciavam o apelo do marxismo latino-americano. Quase nunca os revolucionários marxistas da América Latina se organizaram por instigação russa ou dependeram de ajuda russa, muito menos operaram sob instruções russas. Simplesmente não havia forças guerrilheiras soviéticas na América Latina equivalentes às criadas pelo governo dos EUA. O nacionalismo permaneceu a base do sentimento revolucionário. Para a maioria dos revolucionários latino-americanos da época, aceitar o marxismo significava basicamente uma coisa: ficar do lado das massas fracas e empobrecidas contra a minoria rica e as corporações multinacionais americanas.

Do outro lado estavam aqueles que acreditavam que a revolução significava desastre. Os latino-americanos adotaram essa posição por vários motivos. A classe alta e a maior parte da classe média estavam logicamente

Os anticomunistas se opunham ao movimento porque temiam perder seu status privilegiado. Mas as redes tradicionais de clientelismo também envolviam muitas pessoas pobres na causa anticomunista. Às vezes, os anticomunistas conseguiam rotular as ideias marxistas como estrangeiras à América Latina, exagerando incansavelmente as conexões internacionais dos movimentos revolucionários. Afinal, o marxismo, assim como o liberalismo no início do século XIX, era de fato uma ideologia importada, e as pessoas pobres e culturalmente conservadoras — que são muitas na América Latina, especialmente no campo — talvez não acreditassem que estudantes universitários radicais as representassem.

MÃES DA PRAÇA DE MAIO.O retorno de*crianças desaparecidas* “Crianças desaparecidas” era o que esses corajosos manifestantes exigiam, dia após dia, em frente ao palácio presidencial argentino, carregando faixas e fotos em tamanho pôster das crianças que queriam de volta com vida. Hebe de Bonafini

(ao centro), líder do famoso grupo de protesto argentino, conduz uma marcha em 1979.

1964

Golpe militar no Brasil

1973

Golpe militar no Chile

1978

Conferência Puebla dos bispos latino-americanos

1984

*Eu, Rigoberta Menchú*publicado

1990

derrota eleitoral sandinista

SEGURANÇA NACIONAL DOUTRINA

Os aliados anticomunistas mais importantes dos EUA, de longe, eram as forças armadas da América Latina. A aliança funcional entre os militares dos EUA e as forças armadas latino-americanas, que remontava à Segunda Guerra Mundial, tornou-se uma aliança explicitamente anticomunista após a guerra. Ela envolvia ajuda militar permanente dos EUA aos exércitos latino-americanos, bem como treinamento na Escola das Américas do Exército dos EUA, cujo currículo básico poderia ser resumido como contrainsurgência – como combater guerrilhas. A lógica geral da aliança anticomunista, às vezes chamada de "doutrina de segurança nacional", era a seguinte: as forças armadas latino-americanas são aliadas-chave dos EUA na defesa do "mundo livre", e a contrainsurgência é sua função especial. O poder naval e aéreo estratégico dos Estados Unidos lidaria com quaisquer invasores comunistas vindos de fora do hemisfério. Os exércitos latino-americanos, por sua vez, deveriam voltar suas armas para dentro, contra "os inimigos internos da liberdade": organizadores revolucionários em fábricas, bairros pobres e universidades.

É fácil perceber o que os generais latino-americanos apreciavam na sua aliança com as forças armadas dos EUA. Essa aliança aumentava o poder dos exércitos latino-americanos dentro dos seus próprios países. Além disso, a doutrina de segurança nacional oferecia uma missão gloriosa — defender o "mundo livre" ou mesmo a "civilização ocidental" — e essa missão lhes rendia amigos ricos e poderosos como benefício adicional.

A criação das alianças militares foi complementada na década de 1960 por uma nova política de ajuda dos EUA. Em clara reação à Revolução Cubana, o presidente americano John F. Kennedy anunciou — tardiamente, em 1961 — uma espécie de Plano Marshall para a América Latina, que seria chamado de Aliança para o Progresso. A ideia básica da Aliança para o Progresso era exatamente a do Plano Marshall: reduzir as pressões revolucionárias.

Estimulando o desenvolvimento econômico e a reforma política. "Aqueles que tornam a reforma impossível tornarão a revolução inevitável", declarou Kennedy, referindo-se ao perigo do comunismo na América Latina. A ajuda dos EUA à América Latina aumentou. Mas fazer mudanças substanciais em sociedades inteiras é mais difícil e muito mais caro do que fornecer armas e treinamento de contrainsurgência. A Aliança para o Progresso rapidamente perdeu força. Na década de 1970, os generais latino-americanos acreditavam que a região inevitavelmente cairia em uma revolução comunista, a menos que a impedissem.

Para os oficiais militares imbuídos da doutrina de segurança nacional, a Revolução Cubana havia sido um chamado à batalha e, em sua visão, a situação se tornou ainda mais grave com o avanço da década de 1960. Slogans revolucionários pintados com spray pareciam cobrir todas as paredes disponíveis. O marxismo estava se tornando a filosofia política predominante entre os artistas, cientistas sociais e intelectuais nacionalistas latino-americanos em geral. O Novo Cinema brasileiro e de outros países, na década de 1960, ganhou aclamação da crítica com filmes impactantes, concebidos, segundo um cineasta, “para conscientizar o povo sobre sua própria miséria”. A nascente indústria cinematográfica da Cuba revolucionária logo se tornou uma das melhores e mais influentes da América Latina. A influência do pensamento marxista era sentida com particular intensidade nas universidades públicas. Um “boom” literário havia tornado a literatura latino-americana famosa no mundo todo, e seus autores de prestígio defendiam a revolução. O colombiano Gabriel García Márquez, por exemplo, viajava frequentemente a Cuba e mantinha uma amizade calorosa com Fidel Castro. O romance de García Márquez *Cem Anos de Solidão* (1967), possivelmente o romance latino-americano mais conhecido do século, culmina com um massacre, quando metralhadoras do governo disparam contra multidões de trabalhadores em greve contra uma empresa bananeira americana. O evento real, envolvendo a United Fruit Company, ocorreu em 1928, perto da casa do autor colombiano. Outros autores do Boom, como o mexicano Carlos Fuentes e o peruano Mario Vargas Llosa, compartilhavam a admiração geral pela Cuba revolucionária da década de 1960. Até mesmo a Igreja Católica, por muito tempo um pilar da tradição e da hierarquia, desenvolveu uma ala dissidente que se alinhou aos revolucionários, como nós

Vi isso acontecer. Quando as rádios tocavam os Beatles cantando "De volta à URSS, você não sabe o quão sortudo você é", até mesmo a contracultura jovem parecia, aos olhos dos militares, conspirar contra a segurança nacional.

SANTO DOMINGO, 1965. As forças armadas latino-americanas geralmente travavam suas batalhas da Guerra Fria sem a presença de tropas terrestres aliadas dos EUA. A única intervenção militar direta dos EUA, mostrada aqui, ocorreu na República Dominicana.

Talvez uma mentalidade de cerco explique a violência brutal cometida entre as décadas de 1960 e 1980 pelos militares latino-americanos contra seus “inimigos internos”. Seja qual for a explicação, o uso de sequestros secretos, tortura e assassinatos como técnicas de contrainsurgência tornou-se generalizado entre os militares. Com o “mundo livre” dependendo deles para combater a “maré vermelha”, os militares latino-americanos visavam qualquer pessoa suspeita de simpatizar com a guerrilha — estudantes manifestantes, líderes sindicais, organizadores camponeses —, arrancando-os das ruas e fazendo-os “desaparecer” para sempre, sem deixar rastros legais. “Isto é guerra”, explicavam os generais. Estavam fazendo o que precisavam, diziam, para derrotar a guerrilha comunista.

Na década de 1960, esses grupos eram frequentemente guerrilheiros urbanos. Os guerrilheiros urbanos viviam e lutavam em grandes cidades, onde podiam ameaçar o governo, atacar quartéis-generais do exército ou sequestrar e extorquir um industrial para financiar suas operações. Da mesma forma, com seus inimigos literalmente ao virar da esquina, os guerrilheiros urbanos eram extremamente vulneráveis. Suas únicas proteções eram o sigilo e o anonimato. Para identificar os guerrilheiros e encontrar seus esconderijos, as forças de segurança latino-americanas submetiam os prisioneiros a uma série de horrores, incluindo estupros repetidos ao longo de semanas, choques elétricos nos mamilos e testículos, venda permanente e tortura psicológica, como serem forçados a testemunhar a tortura de um ente querido. Muitos na América Latina acreditam que essas técnicas eram ensinadas na Escola das Américas dos EUA. Uma coisa é certa: a doutrina de segurança nacional manteve o clima de emergência usado pelos torturadores para justificar seus atos.

A política dos EUA defendia a democracia, mas contribuiu para o surgimento de ditaduras. A doutrina de segurança nacional incentivou as forças armadas latino-americanas.

Assumir um papel cada vez mais ativo na vida nacional, promovendo o desenvolvimento econômico e a saúde pública, por exemplo. À medida que adquiriam esse tipo de experiência, alguns oficiais começaram a considerar os políticos civis um obstáculo desnecessário. Liberdades civis, como o direito de denunciar a tortura, reduziram a liberdade dos militares de esmagar seus inimigos por quaisquer meios necessários. Para salvar a democracia dos marxistas, os generais a destruíram eles mesmos em uma série de ataques preventivos.

O governo de um país latino-americano após o outro foi sendo assumido por comitês executivos compostos por generais e almirantes. Estes eram chamados de*juntas*Assim como os governos provisórios fundados na América espanhola após Napoleão aprisionar o rei da Espanha em 1808, as juntas militares das décadas de 1960, 1970 e 1980 tentaram manter a situação sob controle institucional coletivo, evitando a ascensão de um Perón imprevisível. A natureza não personalista das novas ditaduras militares levou os cientistas políticos a falar em “autoritarismo burocrático”. Em meados da década de 1970, uma onda de autoritarismo burocrático varreu a América do Sul, e governos civis constitucionais sobreviveram em apenas alguns países.

GOVERNO MILITAR

O Brasil oferece um exemplo perfeito. Os líderes militares brasileiros, que lutaram ao lado das forças americanas durante a Segunda Guerra Mundial, mantinham laços estreitos com os Estados Unidos. A resposta americana à Revolução Cubana colocou as Forças Armadas brasileiras em alerta máximo, e os generais viam perigo em todos os lugares. Para seu desespero, até mesmo o presidente brasileiro, eleito em 1960 e assumidamente pouco revolucionário, condecorou Che Guevara para sinalizar independência diplomática em relação aos Estados Unidos. Esse presidente acabou renunciando, mas seu vice-presidente, que estava em visita à China comunista na época da renúncia, era ainda pior aos olhos dos militares. Limitando seus poderes, eles vigiavam cada movimento seu.

Eles não gostaram do que viram. O novo presidente era João Goulart, um protegido político de Getúlio Vargas. Ministro do Trabalho no último governo Vargas, Goulart herdou a liderança da base eleitoral de Vargas, a coalizão nacionalista brasileira das classes média e trabalhadora urbanas. Mas essa coalizão se desfez após a Revolução Cubana, quando eleitores da classe média, assustados, migraram para a direita. Assim, Goulart intensificou seus esforços para conquistar o apoio dos trabalhadores urbanos, com uma retórica cada vez mais radical. Investidores estrangeiros temiam a expropriação. Em um clima de confrontos políticos acirrados e imprevisíveis, a economia estagnou completamente.

Entretanto, as Ligas Camponesas, ávidas por terras no nordeste brasileiro, região extremamente pobre, começaram a admirar o modelo cubano, e os latifundiários brasileiros resolveram lutar com unhas e dentes contra a reforma agrária. Os militares temiam que Goulart pudesse construir uma nova coalizão revolucionária de operários e camponeses, capaz de esmagar toda a resistência. Assim, com o conhecimento e a colaboração do embaixador e do adido militar dos EUA no Brasil, e com o apoio naval americano em prontidão, os generais brasileiros tomaram o controle do país. O embaixador americano interpretou o golpe como a “vitória mais decisiva para a liberdade em meados do século XX”. Mas

Após o golpe de Estado de 1964, os militares brasileiros governaram de forma antidemocrática por vinte anos.

O Brasil não tinha uma tradição de regime militar propriamente dita. Assim, os líderes militares mantinham cuidadosamente a aparência externa de um governo constitucional. Se as leis os atrapalhassem, eles decretavam uma mudança nas leis. Decretaram que seus inimigos não teriam direitos políticos por dez anos. Decretaram que existiam apenas dois partidos políticos legais, que os brasileiros chamavam jocosamente de Partido do "Sim" e Partido do "Sim, senhor". A oposição surgiu mesmo assim. Antes de dissolver o Congresso, um ato inconstitucional, os generais decretaram emendas que lhes permitiram dissolvê-lo legalmente. Quando guerrilheiros urbanos se organizaram no final da década de 1960 e início da década de 1970, os militares os atacaram — e qualquer pessoa ao redor ou suspeita de apoiá-los — com "esquadrões da morte" à paisana. Enquanto isso, mantinham arquivos meticulosos sobre prisioneiros oficiais, arquivos que registravam até mesmo seus interrogatórios sob tortura. Eventualmente, um arcebispo simpático à teologia da libertação e aos direitos humanos básicos conseguiu compilar cópias desses arquivos para documentar os abusos militares.

As Forças Armadas brasileiras apresentavam diversas correntes internas. Constitucionalistas moderados estiveram no poder de 1964 a 1967, mas, com o aumento dos protestos, linha-dura com inclinações mais ditatoriais assumiu o controle. A linha-dura dominou o governo de 1968 a 1974, após o que os protestos populares diminuíram temporariamente e o regime se tornou um pouco mais flexível. Além dos generais que seguiam o exemplo dos Estados Unidos, havia nacionalistas de direita que falavam abertamente sobre transformar o Brasil em uma potência mundial. Os nacionalistas dedicavam especial atenção à construção de estradas e projetos de desenvolvimento na bacia amazônica, por onde o Brasil passa pelas fronteiras, acreditando que, caso contrário, o país poderia perder esse vasto território.

As Forças Armadas brasileiras também tinham um compromisso nacionalista com a industrialização. Elas avançaram implacavelmente em direção a um novo nível de industrialização pesada, a fabricação de bens de consumo duráveis. Os protestos da classe média diminuíram no início da década de 1970, em parte porque...

A economia havia começado a crescer explosivamente. Por alguns anos, o governo falou com orgulho de um “milagre” econômico brasileiro. Crescimento, sem dúvida; milagre, definitivamente. O governo militar havia criado as condições para que novas indústrias prosperassem às custas da maioria pobre do Brasil. Sem estar vinculado a uma ampla coalizão eleitoral, os militares podiam conter os salários e “eliminar” qualquer um que reclamasse. Podiam atrair capital internacional com um “clima seguro para investimento estrangeiro”, ou seja, baixos salários, ausência de greves, poucas restrições e nenhuma expropriação. E podiam canalizar livremente recursos para prioridades de desenvolvimento como mineração, transporte, siderurgia e refino de petróleo.

As indústrias pesadas empregavam menos da abundante mão de obra não qualificada do Brasil, e seus produtos eram voltados principalmente para o mercado de classe média. Portanto, a maioria da população brasileira, onde a classe média era uma minoria expressiva, se beneficiou pouco ou nada do “milagre” do início da década de 1970. As políticas militares injetaram mais dinheiro e crédito não nas mãos dos pobres que mais precisavam, mas nas mãos das pessoas mais abastadas, que provavelmente comprariam carros, eletrônicos e eletrodomésticos. Em um país com metade da população desnutrida, essa metade recebeu apenas um décimo dos ganhos de renda entre 1964 e 1974. Em vez disso, a maior parte desses ganhos foi para o décimo mais rico da sociedade brasileira. Que milagre! O bolo tinha que crescer, diziam os generais, antes de ser fatiado. Mas eles realmente não tinham planos para distribuir essa prosperidade. Em vez disso, perseguiram sua visão de grandeza brasileira construindo algumas das maiores e mais devastadoras barragens hidrelétricas do mundo — além de rodovias, pontes e aeroportos.

Então o milagre acabou. Os preços do petróleo vinham subindo acentuadamente desde o início da década de 1970, e o Brasil importava muito petróleo. Por um tempo, lucros repentinos com o petróleo, os chamados petrodólares, fluíram de países ricos em petróleo, como Arábia Saudita e Iraque, para bancos internacionais, e depois saíram dos bancos na forma de empréstimos de curto prazo e juros baixos para países pobres em petróleo, como o Brasil. O governo militar brasileiro tomou emprestado bilhões de petrodólares para manter seu programa de desenvolvimento. Eles também tomaram empréstimos...

O uso de petrodólares para importar petróleo caro criava um círculo vicioso. Uma reação mais criativa foi o programa de produção de combustível à base de álcool de cana para automóveis, combustível que acabou abastecendo de um quarto a um terço dos veículos automotores brasileiros. Então, no final da década de 1970, veio o segundo golpe, com a disparada das taxas de juros internacionais. A dívida externa do Brasil cresceu exponencialmente. No início da década de 1980, o Brasil possuía a maior dívida externa do mundo.

As indústrias brasileiras agora produziam carros, ônibus e caminhões com componentes totalmente brasileiros. No entanto, quando o valor das exportações de produtos manufaturados do Brasil ultrapassou o valor das exportações de café no início da década de 1970 — um momento histórico para os sonhos nacionalistas econômicos —, essa tendência se transformou em um fenômeno.
— Isso aconteceu em parte porque muitos brasileiros não tinham condições de comprar os produtos exportados. Ironicamente, o Brasil, que sofria com a desnutrição, era agora um dos maiores exportadores de alimentos do mundo. A partir de 1978, greves massivas de trabalhadores em São Paulo, o coração industrial do país, anunciaram o ressurgimento da oposição popular às políticas sociais regressivas dos militares. Depois de salvar o Brasil da "ameaça cubana" logo no início, os militares usaram o crescimento econômico para justificar a continuidade do regime autoritário. Agora, no início da década de 1980, com um colapso econômico e uma oposição em ascensão, os militares finalmente estavam prontos para se retirar.

O legado do regime militar foi pior, muito pior, na Argentina e no Uruguai, palco de uma "guerra suja" travada pelas forças armadas contra guerrilheiros urbanos. A Argentina e o Uruguai não poderiam ser mais diferentes do Brasil naquela época, com seu alto padrão de vida geral e seus índices inigualáveis de alfabetização e expectativa de vida. Contudo, isso não os salvou da crise desencadeada pela Guerra Fria.

Enquanto no início da década de 1960 os generais brasileiros temiam o que poderia acontecer se operários e camponeses unissem forças, os generais argentinos temiam o que já estava acontecendo.*tive*Aconteceu — Perón. O líder exilado ainda dirigia pessoalmente o movimento peronista, agora ilegal, e os trabalhadores industriais da Argentina ainda o reverenciavam. Perón nunca fora marxista, mas

Durante a Guerra Fria, qualquer movimento da classe trabalhadora era visto com suspeita pelos anticomunistas. Poucos anos após a deposição de Perón em 1955, os militares argentinos se afastaram e permitiram a retomada do governo civil, mas sempre que permitiam que os peronistas concorressem às eleições (1962, 1965), os militares retornavam apressadamente para anular qualquer vitória peronista. Então, em 1966, dois anos após a tomada do poder pelos militares no Brasil, as Forças Armadas argentinas estabeleceram sua própria versão de um Estado autoritário burocrático, com objetivos semelhantes: eliminar a ameaça revolucionária, conter os salários e incentivar o investimento estrangeiro. O governo militar argentino também espelhava a repressão anticomunista oficial do Brasil, mas com uma intensidade macabra.

Difícil de reprimir, os revolucionários argentinos extraíam força de sua herança peronista e de raízes socialistas e anarquistas mais profundas. O exército argentino, por outro lado, não se beneficiou de um crescimento econômico comparável ao "milagre" brasileiro daqueles anos. Sem incentivos para distribuir, recorreu à força. Os assassinatos começaram no final da década de 1960 e se intensificaram ao longo da década de 1970, fazendo com que o histórico brasileiro de tortura e assassinatos cometidos pelas forças armadas parecesse brincadeira de criança em comparação. Diversos movimentos guerrilheiros marxistas tenazes, cujos membros eram frequentemente jovens, urbanos, de classe média e com formação universitária, lutaram contra o governo militar argentino. Muitos montoneros, os guerrilheiros mais conhecidos, vinham de famílias peronistas e ainda se consideravam peronistas, embora sua ideologia tivesse pendido para a esquerda. Os militares responderam com esquadrões da morte que "desapareceram" provavelmente mais de vinte mil pessoas, assassinaram-nas — após interrogatório e tortura — e se desfizeram de seus corpos secretamente, alegando qualquer conhecimento sobre o paradeiro das vítimas.

Essa guerra suja continuou mesmo depois que os militares finalmente permitiram o retorno de Perón à Argentina, onde ele se tornou presidente em 1973. Doente e com quase oitenta anos, o próprio Perón parecia agora menos perigoso do que os guerrilheiros supostamente peronistas. Infelizmente, ele morreu quase imediatamente. Sua segunda esposa, Isabel, uma ex-dançarina de boate que havia sido nomeada vice-presidente, assumiu então o poder.

Ela desempenhou o papel de Evita, como líder política por direito próprio, mas não possuía o carisma de Evita. O movimento peronista se fragmentou completamente e Isabel Perón foi substituída por um novo presidente militar em 1976. Agora, as operações de contra-insurgência intensificaram-se, com uma violência letal, e os militares finalmente conseguiram exterminar seus inimigos guerrilheiros. Os generais anunciaram com orgulho o triunfo da "civilização judaico-cristã", mas, enquanto a economia argentina continuava seu padrão de altos e baixos de vinte anos, apenas a vitória da seleção argentina na Copa do Mundo de futebol de 1978 impulsionou sua popularidade. Encorajada pelo sigilo do governo, a maioria dos argentinos tentava ignorar a guerra suja.

Mas, no final da década de 1970, mães carregando fotografias de seus filhos "desaparecidos" começaram a protestar na praça principal do centro de Buenos Aires, a Plaza de Mayo. Os militares as chamaram de loucas. Sem querer conhecer a verdade macabra, as pessoas fingiam não ver.*Las Madres da Praça de Maio*As Madres de la Plaza de Mayo, como ficaram conhecidas, não desistiram. Usavam lenços brancos bordados com os nomes de seus filhos desaparecidos como uma espécie de uniforme. Professoras de meia-idade, assistentes sociais, vendedoras — desesperadas para fazer algo, qualquer coisa — tornaram-se a consciência de uma nação, a prova viva da guerra secreta e suja dos militares. O exército argentino, que proclamava aos quatro ventos sua missão de defender valores tradicionais como o respeito à maternidade, não conseguiu alcançar Las Madres de la Plaza de Mayo, embora as chamasse assim.*las locas*"As loucas da Plaza". Gradualmente, o mundo inteiro reconheceu e honrou a verdade por trás de suas acusações insanas. Isso não trouxe seus filhos de volta, mas foi alguma coisa.

Do outro lado do Rio da Prata, no Uruguai, a repressão militar seguiu um caminho semelhante. Ao contrário de seus homólogos argentinos, os generais uruguaios não tinham um movimento peronista a temer. Comparado com a Argentina, o Uruguai havia se mostrado notavelmente pacífico desde a Segunda Guerra Mundial. Entre 1951 e 1966, os uruguaios chegaram a implementar a proposta anterior de Batlle de um comitê executivo em vez de uma presidência unipessoal. Apesar dos problemas econômicos, os padrões uruguaios de

A vida continuava sendo a inveja do hemisfério. Então, um grupo chamado Tupamaros tentou precipitar uma revolução, assim como Che tentou fazer na Bolívia.

Formado em 1964, o movimento guerrilheiro urbano Tupamaro foi diretamente inspirado pelo exemplo da Revolução Cubana. Os Tupamaros reconheciam a ausência de condições revolucionárias no Uruguai. Sem se apoiarem em uma combustão espontânea, esperavam acender uma chama de esperança, dar o exemplo e incendiar uma conflagração maior nos países vizinhos. Os Tupamaros realizaram operações ousadas e brilhantemente planejadas, concebidas para impressionar a opinião pública. Uma de suas façanhas mais extravagantes foi a abertura de um túnel em uma prisão para libertar camaradas capturados. Em 1967, o presidente uruguaio declarou lei marcial para combater os Tupamaros. Os militares iniciaram uma tomada gradual do poder, concluída em 1973. Em seguida, aniquilaram os Tupamaros que, como guerrilheiros urbanos em um país com apenas uma cidade de porte considerável (Montevidéu), foram rapidamente encurralados assim que a tortura penetrou sua identidade. A cortina escura do autoritarismo burocrático desceu sobre essa sociedade outrora privilegiada. No final da década de 1970, o Uruguai tinha mais presos políticos, em relação ao seu tamanho, do que qualquer outro país do mundo.

DITADURA QUASE

EM TODOS OS LUGARES

O triste destino do Uruguai, um país estável e democrático, demonstra como a Guerra Fria devastou até mesmo países não propensos à insurgência ou à ditadura. O Chile é o melhor exemplo disso. Nenhum outro país latino-americano se compara ao histórico de governo constitucional do Chile. Durante anos, a democracia chilena negociou grandes diferenças ideológicas. O Partido Comunista do Chile era um dos mais antigos e fortes do hemisfério. Participou de coligações eleitorais com diversos outros partidos de esquerda desde a década de 1930. Era o tipo de Partido Comunista que frustrava Che Guevara, pois não defendia a revolução armada.

Nas eleições presidenciais chilenas de 1958, uma coligação socialista-comunista obteve quase um terço dos votos. Seu candidato era Salvador Allende — assim como Che Guevara, médico e marxista. Allende, contudo, não era adepto da revolução armada. Ele era comprometido com as tradições constitucionais chilenas. Nas eleições de 1964, Allende candidatou-se novamente e obteve um resultado ainda melhor, apesar de a CIA ter financiado seu principal oponente. Alarmado com a popularidade de Allende, o Departamento de Estado dos EUA fez do Chile um modelo para o programa de ajuda Aliança para o Progresso — mas sem sucesso. Nas eleições presidenciais de 1970, Allende venceu. A coligação chamada Unidade Popular teve então sua chance constitucional de demonstrar o que entendia por “um caminho chileno” para o socialismo.

Mas os ambiciosos sonhos de transformação social — a nacionalização do cobre, do carvão e do aço chilenos, juntamente com a maioria dos bancos, sem falar na reforma agrária — superaram a força eleitoral da Unidade Popular. Allende havia vencido a eleição tripartida com 36% dos votos. Os dois candidatos derrotados, ambos mais conservadores que Allende, haviam conquistado 63% dos votos entre eles e agora estavam unidos.

Em geral, em oposição ao governo da Unidade Popular, os inimigos de Allende encontraram um poderoso aliado na CIA, que injetou dinheiro nas campanhas dos candidatos que se opunham à Unidade Popular. A CIA adotou então uma "política firme e contínua", como uma diretiva da agência explicitamente declarou, "de que Allende seja deposto por um golpe". O Departamento de Estado dos EUA usou toda a sua influência para cortar o crédito internacional ao governo de Allende. Enquanto a Unidade Popular impunha congelamento de preços e aumentos salariais para elevar o padrão de vida dos chilenos pobres, a inflação atingiu níveis recordes. Chilenos muito prósperos (industriais, advogados, médicos e arquitetos), assim como os moderadamente prósperos (comerciantes e vários pequenos empresários, como caminhoneiros autônomos), lutaram contra as iniciativas da Unidade Popular, às vezes com o apoio da CIA.

US military interventions
(directly or by proxy)
1980s
1980s
1954
1965
1961
CUBA
Cuban
Revolution
1959–
MEXICO
Tlatelolco
Massacre
1968
DOMINICAN
REPUBLIC
1983
GUATEMALA
Arbenz Gov.
1950–54
HONDURAS
HAITI
COSTA
RICA
EL SALVADOR
FMLN
1979–92
NICARAGUA
FSLN
1979–90
PANAMA
COLOMBIA
M-19
1970s–80s
ECUADOR
ELN, FARC
1960s–2023
Peasant Leagues
early 1960s
Military reformism
1968–80
BRAZIL
Shining Path
1980–92
PERU
MNR
1952–64
BOLIVIA
PARAGUAY
Urban guerrillas
late 1960s
CHILE
Popular
Unity
1970–73
URUGUAY
Tupamaros
1967–72
ARGENTINA
Montoneros
1970s
Right-wing dictatorships
at their high point
(late 1970s)
LATIN AMERICA
IN THE COLD WAR

Na Guatemala, a revolução do governo Arbenz durou de 1950 a 1954. O MNR na Bolívia atuou de 1952 a 1964. As Ligas Camponesas surgiram no Brasil no início da década de 1960. A Revolução Cubana começou em 1959 e não tem data de término definida. No Uruguai, o movimento Tupamaros durou de 1967 a 1972. Em 1968, ocorreu o Massacre de Tlatelolco no México e o reformismo militar teve início no Peru, perdurando até 1980. Na década de 1960, surgiram o ELN e as FARC na Colômbia. No Brasil, as guerrilhas urbanas começaram no final da década de 1960. Na Argentina, os Montoneros surgiram na década de 1970. O M-19 atuou na Colômbia das décadas de 1970 a 1980. A Unidade Popular governou o Chile de 1970 a 1973. A FMLN governou El Salvador de 1979 a 1992. A FSLN governou a Nicarágua de 1979 a 1990. O Sendero Luminoso governou o Peru de 1980 a 1992. Os países cujas ditaduras de direita atingiram o auge no final da década de 1970 foram Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Haiti, República Dominicana, Equador, Peru, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina. A intervenção militar dos EUA (direta ou indireta) ocorreu na Guatemala em 1954, em Cuba em 1961, na República Dominicana em 1965 e em Honduras e Nicarágua na década de 1980.

Entretanto, o governo da Unidade Popular manteve o forte apoio dos trabalhadores urbanos, cujas esperanças para o futuro haviam aumentado consideravelmente. Muitos apoiadores, aliás, consideravam a Unidade Popular tímida demais. Os trabalhadores partiram diretamente para ocupar as fábricas que o governo demorara a nacionalizar. Alguns defenderam medidas enérgicas contra organizações reacionárias. Mas Allende insistiu, como sempre, em trabalhar dentro dos limites constitucionais. Ele tinha alguns motivos para otimismo. A expropriação da indústria do cobre havia sido, de fato, amplamente popular, e nas eleições de meio de mandato de 1971, a Unidade Popular venceu com uma margem maior do que nunca.

Então, em 11 de setembro de 1973, tanques do exército chileno invadiram as ruas. Recusando salvo-conduto para sair do país, Allende foi para seu escritório e morreu sob ataque de suas próprias forças armadas. Aqui, no

A avaliação dos veteranos da Guerra Fria dos EUA foi mais uma vitória para a democracia.

O golpe chileno acabou sendo a tomada de poder mais sangrenta da história da América Latina. Milhares de apoiadores da Unidade Popular, de cantores folclóricos a organizadores camponeses e professores universitários, foram encurralados no estádio de futebol de Santiago, muitos dos quais nunca mais foram vistos, e seus corpos foram levados para valas comuns secretas. Assim como no Brasil, na Argentina e no Uruguai, milhares foram vítimas de um programa bem organizado de tortura e assassinatos, realizados por autoridades oficiais, porém clandestinas. Com o fechamento do legislativo, os militares governaram por decreto durante dezessete anos. Na maior parte desse tempo, contaram com o firme apoio do Departamento de Estado dos EUA. A exceção foi o mandato presidencial de Jimmy Carter, que enfatizou os direitos humanos como critério da política externa americana. Embora ridicularizada como irrealista pelos defensores da Guerra Fria, a política de Carter certamente inibiu o banho de sangue militar no Chile e na Argentina, e as juntas militares de toda a América Latina respiraram aliviadas quando Ronald Reagan, um defensor declarado da Guerra Fria, assumiu a presidência dos EUA em 1980.

O GOLPE NO CHILE. Posicionados em um telhado, soldados chilenos disparam contra o palácio do governo durante o golpe militar que depôs o presidente Salvador Allende em 1973. O líder do golpe, General Augusto Pinochet, assumiu o poder no Chile com o apoio dos Estados Unidos.

A ditadura chilena era basicamente um regime autoritário burocrático, com a exceção de que o líder original do golpe de 1973, o general Augusto Pinochet, desempenhou um papel de liderança sem paralelo no Brasil ou na Argentina. Infelizmente, o Chile, com seu caráter excepcional, havia se tornado, por uma vez, o epítome de uma tendência latino-americana.

O Peru, por outro lado, constitui uma exceção interessante à tendência, pois seu governo militar não foi impulsionado por uma reação anticomunista. Os oficiais peruanos anunciaram intenções revolucionárias que eram explicitamente não comunistas, mas também não capitalistas. Seu programa demonstrava um desejo sincero de servir à maioria pobre do Peru e se resumia, em grande parte, a um nacionalismo à moda antiga: uma reforma agrária verdadeiramente ambiciosa em um país de vasta pobreza rural.

A nacionalização do petróleo e de outras indústrias, bem como temas indigenistas, como a elevação do quéchua ao status formal de língua conacional com o espanhol, foram alguns dos aspectos mais inovadores, como a promoção de empresas de propriedade dos funcionários. No geral, o governo militar do Peru, que durou de 1968 a 1980, era difícil de categorizar em termos da Guerra Fria. Embora fosse uma ditadura, não foi culpado de violações hediondas dos direitos humanos.

O governo revolucionário de Cuba, que expressou forte apoio ao regime peruano, poderia ser descrito da mesma forma nas décadas de 1970 e 1980. Manteve-se autoritário, e o exército, por muito tempo liderado por Raúl Castro, irmão de Fidel Castro, constituiu um de seus principais pilares. Mas o Estado revolucionário trabalhou incessantemente para melhorar a vida da maioria pobre de Cuba e jamais cometeu a carnificina generalizada tão característica dos governos militares anticomunistas.

O MASSACRE DE TLATELOLCO.O massacre de estudantes que protestavam na Cidade do México em 1968, perpetrado pelo exército mexicano, foi o evento mais notório da Guerra Fria no país. Esses estudantes sobreviveram e foram presos.

O México, por outro lado, contrariou completamente a tendência militar. O marxismo havia influenciado uma geração de estudantes mexicanos tanto quanto em outros lugares. Mas o socialismo revolucionário não era novidade no México, então sua reação anticomunista foi menos temerosa, menos violenta. A retórica do PRI — oficialmente um “partido revolucionário”, afinal — empregava temas socialistas de forma intermitente há décadas. Na década de 1930, o México testemunhou uma verdadeira reforma agrária e a expropriação de grandes indústrias estrangeiras. Precisamente por essa razão, o PRI manteve uma considerável legitimidade revolucionária e, por meio de seu amplo apoio popular, manteve um controle firme sobre os trabalhadores industriais, as classes médias urbanas e os camponeses. Impulsionado também pelo boom do petróleo, o PRI pôde absorver qualquer desafio nas décadas de 1960 e 1970. Seu único sinal famoso de pânico momentâneo, quando o México se preparava para sediar os Jogos Olímpicos de 1968, foi um massacre indiscriminado de estudantes universitários que protestavam no bairro de Tlatelolco, na Cidade do México. Eles se reuniram aos milhares para entoar cânticos como “Fidel, Fidel, dê uma lição nos ianques!”. Carregavam cartazes com dizeres como “Não queremos Olimpíadas! Queremos Revolução!”. O número de mortos ainda é desconhecido. Quanto aos generais mexicanos, eles não eram figuras políticas importantes há décadas. E nos Estados Unidos, os alertas alarmantes sobre o México “vermelho” já tinham meio século e não eram mais tão assustadores. Os governos americanos já haviam aprendido há muito tempo a conviver com um México “revolucionário”.

AS ÚLTIMAS BATALHAS DA GUERRA FRIA: AMÉRICA CENTRAL

Em meados da década de 1970, a maré revolucionária havia virado na América Latina. As ditaduras anticomunistas reacionárias, por sua vez, começaram a recuar. Governos autoritários burocráticos entraram em colapso no final da década de 1970 e na década de 1980 devido a seus próprios erros e excessos — a criação de dívidas colossais, hiperinflação — mas também porque suas cruzadas anticomunistas já haviam sido bem-sucedidas. Que desculpa, então, para a ditadura? Na Argentina, o governo militar fez uma tentativa desesperada de obter glória nacionalista ao identificar um novo inimigo externo: a Grã-Bretanha. Inicialmente, os militares obtiveram considerável apoio público para a guerra de 1982 contra a Grã-Bretanha pelas Ilhas Malvinas. Mas a estratégia fracassou quando soldados argentinos mal equipados e mal treinados se renderam rapidamente. Nada desonra mais os governantes militares do que uma derrota militar. Em 1983, a Argentina realizou eleições legítimas e mandou as forças armadas de volta aos quartéis.

O Uruguai elegeu um presidente civil em 1984 e o Brasil em 1985. Peru, Equador e Bolívia já haviam retornado ao regime constitucional também nessa época. Enquanto isso, revolucionários e reacionários na América Central travavam o que se revelariam as últimas grandes batalhas da Guerra Fria, que durou trinta anos no hemisfério.

As insurgências guerrilheiras contra governos apoiados pelos EUA ocorreram na Guatemala e em El Salvador. Havia uma grande presença militar dos EUA em Honduras, e os Contras avançavam do sudeste de Honduras para a Nicarágua, onde o governo sandinista estava no poder. Também houve um ataque dos EUA em 1989 que se deslocou do Mar do Caribe em direção à Zona do Canal do Panamá.

A América Central, com seus vulcões, florestas tropicais e rios caudalosos, mal sentiu os efeitos da ISI. Todos os países centro-americanos dependiam fortemente de algumas exportações agrícolas, especialmente café e banana. Suas populações somavam apenas alguns milhões, e suas capitais tinham apenas algumas centenas de milhares de habitantes cada. Na América Central, os trabalhadores urbanos e as classes médias não haviam contido o poder dos latifundiários, que ainda controlavam a riqueza nacional. Portanto, as oligarquias rurais ainda dominavam a América Central na década de 1970, meio século depois de movimentos nacionalistas as terem derrubado em outros lugares. O destino do governo Arbenz na Guatemala, o

O primeiro grande campo de batalha hemisférico da Guerra Fria aponta para outra barreira ao nacionalismo centro-americano: o hábito de intervenção dos EUA em nossa região. Ao longo dos anos da Guerra Fria, a América Central foi assolada por tiranos gananciosos que contavam com o apoio dos EUA devido ao seu fervoroso anticomunismo.

Um forte anticomunismo certamente caracterizou os governantes da Guatemala. Os guatemaltecos sofriam sob governos militares ou controlados pelos militares implacáveis desde 1954. Os latifundiários da Guatemala e de El Salvador viviam com medo de levantes camponeses em massa. Nas décadas de 1970 e 1980, as forças armadas guatemaltecas travaram uma guerra suja contra guerrilhas rurais e opositores urbanos, como estudantes ativistas e líderes sindicais. Para privar as guerrilhas de apoio, os camponeses indígenas foram confinados em novas aldeias "modelo" que serviam como campos de concentração rurais. "Conflito de baixa intensidade" tornou-se o novo termo usado pelos estrategistas estadunidenses para descrever tudo isso. O termo tem sua lógica, da perspectiva de uma mesa no Pentágono, mas para as famílias dos estudantes universitários "desaparecidos" cujos corpos apareceram em lixões, para indígenas como Rigoberta Menchú, cuja mãe e irmão foram torturados e assassinados pelo exército guatemalteco, esses conflitos não deixaram de ser "intensos".

Rigoberta Menchú era uma mulher maia quiché cuja comunidade desejava apenas cultivar suas plantações e seguir seus costumes tradicionais. O pai de Rigoberta tornou-se organizador camponês e seus irmãos se juntaram à guerrilha. A própria Rigoberta foi influenciada pela teologia da libertação e tornou-se porta-voz de seu povo. Em 1992, ela ganhou o Prêmio Nobel da Paz por chamar a atenção do mundo para as atrocidades da guerra suja na Guatemala. A história de sua vida, *Eu, Rigoberta Menchú* (1984), tornou-se leitura essencial para qualquer pessoa interessada nos "conflitos de baixa intensidade" da Guerra Fria. Mais tarde, descobriu-se que ela havia mesclado sua própria história com a de outras pessoas, mas ninguém podia negar a existência dos horrores que ela descreveu. O número de mortos na Guatemala chegou perto de duzentos mil, e os militares perpetraram 95% das atrocidades, exatamente como sua história sugeria.

A Costa Rica, no extremo oposto da América Central em todos os sentidos — geográfico, social e político —, escapou em grande parte do fogo cruzado da Guerra Fria. Como a Costa Rica tinha poucos habitantes indígenas antes da conquista — e, mais importante, como esses poucos foram liquidados pelos conquistadores —, este país centro-americano, o mais branco de todos, estava menos sobrecarregado por hierarquias coloniais exploradoras. Consequentemente, também era menos explosivo politicamente. Além disso, um dos presidentes mais inovadores da Costa Rica tomou a precaução de abolir o exército na década de 1940.

Entre os extremos geográficos e demográficos da América Central estava a Nicarágua, terra do famoso anti-imperialista Augusto César Sandino, cuja guerra de guerrilha contra os fuzileiros navais dos EUA havia conquistado a atenção dos nacionalistas de toda a América Latina na década de 1920. Desde a década de 1930, a Nicarágua era governada por uma única família, os Somoza. Os Somoza personificavam os efeitos colaterais perversos do anticomunismo estadunidense na América Latina durante a Guerra Fria. A dinastia Somoza teve origem na intervenção dos EUA contra Sandino, quando o primeiro Somoza, Anastasio, cuja principal qualificação era falar inglês fluentemente, chefiou a Guarda Nacional da Nicarágua. Somoza convidou Sandino para negociar, mandou assassiná-lo e, em seguida, usou a Guarda Nacional para tomar o poder na Nicarágua. Vários membros da família Somoza governaram o país quase como uma propriedade privada, das décadas de 1940 a 1970. Eram aliados anticomunistas firmes que também preservavam o suficiente da fachada democrática para satisfazer os diplomatas estadunidenses. Simbolicamente, a mansão Somoza ficava perto da embaixada dos EUA, em uma colina com vista para Manágua, a capital nicaraguense. Corria o boato de que um túnel subterrâneo ligava os dois edifícios. O filho de Anastasio Somoza, também chamado Anastasio, que governou o país na década de 1970, era formado em West Point e chefe da Guarda Nacional da Nicarágua, treinada e equipada pelos EUA. Enquanto isso, a riqueza da família Somoza cresceu, passando a incluir cerca de um quinto das melhores terras da Nicarágua, a companhia aérea do país e outras benesses.

Em 1961, a Nicarágua já contava com um movimento revolucionário formado em Havana, mas também inspirado pelo forte movimento anti-imperialista nicaraguense do país.

tradições. Assim como Cuba e México, a Nicarágua sofreu por muito tempo com a intervenção dos EUA, e o ressentimento nacionalista era profundo no país. Lembrando-se da luta anti-imperialista anterior de Sandino, os revolucionários da década de 1960 se autodenominaram Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Por quase duas décadas, os sandinistas resistiram sozinhos aos Somoza. Então, em 1978, o ditador Anastasio Somoza exagerou, assassinando Joaquín Chamorro, editor de um jornal conservador de oposição. A morte de Chamorro finalmente uniu nicaraguenses de esquerda e de direita contra os Somoza. Uma rebelião generalizada começou, e os sandinistas veteranos assumiram a liderança. Eventualmente, a revolta derrubou a Guarda Nacional, apesar de seu armamento e treinamento. Somoza fugiu da Nicarágua para Miami. Seu destino ilustra as dimensões internacionais do conflito. Em busca de um exílio confortável, o impopular Somoza aceitou a hospitalidade do ditador anticomunista do Paraguai, Alfredo Stroessner, um dos ditadores mais duradouros e repressivos do mundo. Mas Somoza mal havia desfeito as malas em Assunção quando guerrilheiros argentinos, que também o consideravam inimigo, o encontraram e dispararam um foguete antitanque contra o para-brisa de sua Mercedes-Benz blindada.

De volta à Nicarágua, os sandinistas assumiram o poder, deixando de lado Violeta Chamorro, viúva do editor assassinado, que representava as forças anti-Somoza da direita, que surgiam tardiamente. Os sandinistas tinham planos revolucionários inegociáveis. Sua inspiração cubana se refletia em suas campanhas pela alfabetização plena e pela saúde pública. Centenas de professores, profissionais da saúde e engenheiros sanitários cubanos chegaram para ajudar. França, Espanha e Alemanha Ocidental também enviaram ajuda substancial. O presidente americano Jimmy Carter também ofereceu apoio cauteloso, mas logo foi substituído por Ronald Reagan. Da perspectiva de Reagan, a Nicarágua era apenas mais uma casa no tabuleiro da Guerra Fria. Enquanto os sandinistas se identificassem como amigos revolucionários de Cuba, nada mais importava. A linguagem da Guerra Fria de Reagan encontrou um reflexo na retórica sandinista sobre aquele “flagelo da raça humana”, os Estados Unidos. O confronto era inevitável.

Após a derrota em 1979, a Guarda Nacional de Somoza, fiel ao seu comando, reagrupou-se em Honduras sob supervisão da CIA. O governo militar argentino, triunfante em sua guerra suja, enviou instrutores para essa nova força paramilitar apoiada pelos EUA, chamada Contras.
*contador*revolucionários. Ao longo da década de 1980, os Contras atacaram a Nicarágua a partir de bases no lado hondurenho da fronteira nicaraguense. Reagan os chamava de "Combatentes da Liberdade" e os apoiava incondicionalmente. Honduras ficou repleta de militares americanos, depósitos de suprimentos e bases aéreas. Os Contras recrutaram nicaraguenses descontentes com a revolução sandinista. Os invasores Contras podiam causar estragos e prejudicar a economia, mas não conseguiam manter o território nicaraguense.

A devastação, porém, foi suficiente. Os sandinistas tiveram que concentrar seu tempo e dinheiro na defesa. As forças americanas minaram os portos da Nicarágua para interromper seu comércio com outros países. Gradualmente, a economia nicaraguense se desintegrou. Em 1988, a Nicarágua registrava inflação de cinco dígitos. Em 1990, os sandinistas perderam uma eleição na qual haviam apostado tudo. Em uma derrota surpreendente, o jovem líder guerrilheiro sandinista Daniel Ortega ficou em segundo lugar, atrás de Violeta Chamorro, que se tornou a primeira mulher eleita presidente na América Latina. Na década de 1990, a Nicarágua permaneceu dividida, uma circunstância dramatizada pela própria família de Chamorro, que incluía vários sandinistas proeminentes, bem como líderes da oposição. Em certo momento, dois dos filhos de Chamorro editaram os dois principais jornais do país, ambos sandinistas.*Barricada*e o anti-sandinista *Imprensa*.

A revolta contra Somoza e, posteriormente, a guerra contra os Contras, mataram dezenas de milhares de nicaraguenses. El Salvador sofreu ainda mais. Assim como a Nicarágua sob o regime Somoza, o pequeno El Salvador teve um governo anticomunista totalmente antidemocrático durante as décadas de 1960 e 1970. Se a Nicarágua tinha uma ditadura clássica, El Salvador tinha uma oligarquia latifundiária igualmente clássica, chamada de “as quatorze famílias” ou, às vezes, “as quarenta famílias”. O número exato importa menos do que o fato geral do domínio oligárquico exercido por poucos.

A miséria dos pobres rurais transformou El Salvador em uma panela de pressão social na década de 1970. Muito antes do café, a conquista e a colonização espanholas expulsaram os povos indígenas de El Salvador de suas terras agrícolas planas, levando-os para encostas vulcânicas então indesejadas, onde restabeleceram suas comunidades. Mas essas encostas férteis, antes terraçadas, eram perfeitas para o cultivo do café. Assim, quando o cultivo do café começou na década de 1870, os futuros cafeicultores também cobiçavam as encostas. Reformas liberais privatizaram as terras comunitárias indígenas, agora valiosas, e, pouco a pouco, em negociações justas e injustas, os cafeicultores as compraram. Os indígenas salvadorenhos se tornaram peões agrícolas em propriedades que antes lhes pertenciam. Havia muitos trabalhadores — o pequeno El Salvador está entre os países mais densamente povoados das Américas — e os salários eram baixos. Gradualmente, os pobres rurais começaram a passar fome. Durante a década de 1920, o Partido Comunista Salvadorenho tornou-se um dos mais fortes da América Latina, mas sua tentativa de liderar uma grande revolta foi brutalmente esmagada no "Massacre de 1932". Governos militares e controlados pelos militares sucederam-se em El Salvador por quase meio século, todos firmemente anticomunistas e aliados aos Estados Unidos. Na década de 1960, El Salvador tornou-se um exemplo da Aliança para o Progresso, mas a situação pouco melhorou no interior do país.

Então, na década de 1970, a Igreja salvadorenha começou a adotar a “opção preferencial pelos pobres” da teologia da libertação. Na prática, a mais alta autoridade católica do país decidiu que o próprio anticomunismo era uma causa profana. O arcebispo Oscar Romero era um homem discreto, escolhido para chefiar a Igreja salvadorenha por parecer conservador ao Vaticano. Mas os esquadrões da morte anticomunistas o fizeram mudar de ideia, atacando padres e freiras que trabalhavam com os pobres. “Seja patriota, mate um padre” era o lema anticomunista. Comovido pelo massacre de seu clero e fiéis, o arcebispo se manifestou contra o exército. Os anticomunistas consideraram isso uma heresia perigosa. Certo dia, em 1980, um assassino político matou a tiros o arcebispo Romero em frente ao altar enquanto ele celebrava a missa.

Assim como a FSLN da Nicarágua, os revolucionários salvadorenhos se inspiraram na história ao nomear a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). Farabundo Martí foi um herói mártir da esquerda salvadorenha, um organizador comunista da revolta indígena de 1932. Além disso, Martí havia lutado ao lado de Sandino na Nicarágua contra as forças americanas. Na década de 1980, a FSLN tentou retribuir o favor ajudando a FMLN contra o exército salvadorenho apoiado pelos EUA. Mas os sandinistas, lutando para manter viva a revolução nicaraguense, só puderam oferecer algumas caixas de munição à FMLN. O governo Reagan aproveitou essa conexão para anunciar que o comunismo estava se espalhando por contágio de Cuba para a Nicarágua e para El Salvador. Nessa visão, os salvadorenhos famintos jamais pensariam em se rebelar de outra forma. Os críticos da política de Reagan, por sua vez, falavam como se a FSLN, por algum motivo, jamais cogitasse ajudar a FMLN. Nenhuma das versões capturava a verdade com exatidão. O assassinato de quatro freiras pelos militares dos Estados Unidos trouxe à tona as questões da América Central para os observadores da política externa americana. Estariam nossos impostos financiando essas balas que ceifaram a vida de padres e freiras em nome da democracia? Uma enorme oposição pública à política dos EUA na América Latina, liderada principalmente por grupos religiosos, surgiu agora pela única vez na Guerra Fria.

Durante a década de 1980, a guerrilha FMLN controlava grandes porções do interior de Salvador. Contava com forte apoio, especialmente entre os moradores de áreas remotas e montanhosas ao longo da fronteira com Honduras. A FMLN explodia pontes e linhas de energia e impunha "impostos de guerra" aos veículos que transitavam por seu território. Mas não conseguia derrotar o exército. O exército salvadorenho, por sua vez, tinha treinamento e equipamentos dos EUA. Suas tropas sobrevoavam o território guerrilheiro de helicóptero em missões de busca e destruição. Escalavam vulcões em busca de unidades da FMLN perto da capital. Às vezes, quando pensavam que ninguém estava olhando, o exército realizava execuções em massa de camponeses suspeitos de auxiliar a guerrilha. Certo dia, em 1981, por exemplo, um batalhão de elite treinado pelos EUA entrou na pequena vila de El Mozote e massacrou sistematicamente quase todos os seus habitantes, centenas de pessoas.

Homens, mulheres e crianças desarmados e sem resistência. Ironicamente, sua inteligência militar não era muito boa: El Mozote, descobriu-se, não era uma base guerrilheira. Na verdade, muitas das famílias em El Mozote haviam se convertido recentemente ao protestantismo evangélico alinhado aos EUA e provavelmente favoreciam o governo em detrimento da guerrilha. El Mozote ilustra a violência brutal e indiscriminada do anticomunismo militar na América Central. Compreensivelmente, salvadorenhos fugiram de seu país às dezenas e depois às centenas de milhares, muitos para os Estados Unidos.

GUERRILHEIRO SALVADOR. Uma combatente da FMLN, uma das muitas mulheres nas fileiras da guerrilha, faz guarda em 1983. Na parede atrás dela está um dos slogans revolucionários que cobriram paredes por toda a América Latina das décadas de 1960 a 1980.

Como a FMLN se recusava a participar das eleições, receosa de uma “gestão” fraudulenta, os anticomunistas invariavelmente venciam, garantindo a ajuda dos EUA ao governo eleito. À medida que a guerra se arrastava e o número de mortos aumentava — quarenta, cinquenta, sessenta mil —

A força eleitoral anticomunista cresceu. O país estava farto da guerra e, em 1990, o conflito chegou a um impasse. O otimismo obstinado que sustentara a visão revolucionária se esvaía dia após dia. As eleições nicaraguenses de 1990 puseram fim à revolução sandinista. Na Europa, o desmoronamento dramaticamente rápido do bloco soviético havia começado. Uma vitória da FMLN parecia mais distante do que nunca. E, mesmo que alcançada, uma vitória da FMLN não traria a paz; a experiência nicaraguense demonstrava isso. Assim, em 1992, a FMLN assinou um tratado de paz e depôs as armas. Enquanto isso, os insurgentes guatemaltecos também estavam perdendo força. Uma paz nascida do esgotamento se instalou na América Central.

A Guerra Fria havia terminado. Mas na América Latina, ninguém havia vencido; só havia perdedores. Em todo o hemisfério, o fervor revolucionário das décadas de 1950 e 1960 se extinguiu nas décadas de 1970 e 1980. Em alguns lugares, como o Uruguai, movimentos guerrilheiros levaram ao colapso de governos democráticos. Em muitos outros, como o Brasil e o Chile, generais inspirados por doutrinas de segurança nacional precipitaram o terror. De qualquer forma, as grandes esperanças de finalmente desfazer o pecado original da América Latina, a injustiça social, afogaram-se em sangue e desilusão. A América Latina havia sido completamente militarizada, ocupada por suas próprias forças armadas. Durante a década de 1990, movimentos guerrilheiros permaneceram ativos em alguns pontos — Colômbia, Peru, sul do México —, mas a sensação de uma onda revolucionária continental havia evaporado totalmente. Como no resto do mundo, o fim da Guerra Fria marcou claramente o fim de uma época. Um novo período da história estava prestes a começar, ou assim parecia.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

Mães da Praça de Maio ,pág. 302

Aliança para o Progresso ,pág. 305

João Goulart ,pág. 309

“Milagre” brasileiro, p. 310

Tupamaros ,pág. 314

Unidade Popular ,pág. 315

Salvador Allende ,pág. 315

Rigoberta Menchú ,pág. 322

“conflito de baixa intensidade”, p. 322

Anastasio Somoza ,pág. 323

Sandinistas ,pág. 323

FMLN ,pág. 326

Oscar Romero ,pág. 326

El Mozote ,pág. 327

QUESTÕES DE ESTUDO

1. De que forma o contexto da Guerra Fria definiu as relações entre os EUA e a América Latina desde a década de 1950 até a década de 1980?
2. Você consegue traçar a origem da aliança anticomunista entre as forças armadas dos EUA e as forças armadas da América Latina?
3. Enquanto isso, o que aconteceu com os governos eleitos, por exemplo, no Brasil e no Chile?
4. Você pode definir guerra de guerrilha, foco, força por procuração, junta militar e guerra suja?
5. Quais outros países da América Latina se tornaram campos de batalha da Guerra Fria?

Glossário

Mães da Praça de Maio

Um grupo de mães argentinas que conscientizou as pessoas sobre a guerra suja travada pelos militares contra guerrilheiros durante a Guerra Fria. Elas conquistaram reconhecimento internacional por seus esforços.

Aliança para o Progresso

Proposto pelo presidente Kennedy, este foi um programa de ajuda concebido para conter a agitação revolucionária na América Latina após o sucesso da Revolução Cubana. No entanto, na década de 1970, o programa fracassou.

João Goulart

Presidente do Brasil, seguindo a tradição Vargas de populismo trabalhista, deposto por um golpe militar em 1964. Tupamaros

guerrilheiros urbanos extravagantes do Uruguai nas décadas de 1960 e 1970.

Unidade Popular

A coligação de partidos de esquerda que garantiu a presidência do Chile para Salvador Allende em 1970. Allende foi deposto por um golpe de Estado apoiado pelos EUA em 1973.

Salvador Allende

Eleito presidente do Chile em 1970, Allende propôs um "caminho chileno" para o socialismo, bastante diferente da luta armada proposta por Che Guevara. Allende acabou sendo deposto por um golpe militar apoiado pelos Estados Unidos.

Rigoberta Menchú

Uma mulher indígena maia da Guatemala que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1992 por expor a guerra suja do país. Sua história de vida foi publicada como*Eu, Rigoberta Menchú*(1984) e tornou-se leitura essencial para qualquer pessoa interessada nos “conflitos de baixa intensidade” da América Central.

Anastasio Somoza

Governante autoritário da Nicarágua, deposto pelos sandinistas na década de 1970. A dinastia Somoza governava a Nicarágua desde que um Anastasio Somoza anterior foi colocado no poder por fuzileiros navais dos EUA na década de 1920.

Sandinistas

revolucionários da FSLN (Frente Sandista de Liberación Nacional) que chegaram ao poder na Nicarágua em 1979.

FMLN

A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) foi o exército guerrilheiro que desafiou o governo durante a guerra civil de El Salvador na década de 1980. Em 1992, a FMLN assinou um tratado de paz, desmobilizou-se e tornou-se um partido político de esquerda que existe até hoje. Oscar Romero

Arcebispo de El Salvador que pregou a teologia da libertação depois que a causa anticomunista começou a perseguir padres e freiras. Ele foi assassinado em 1980 enquanto celebrava a missa.

El Mozote

Uma pequena vila em El Salvador que foi palco de um ataque anticomunista, com apoio dos EUA, durante a revolta da FMLN na década de 1980. A vila foi erroneamente considerada uma base guerrilheira. Os moradores massacrados eram, na verdade, cristãos evangélicos.

“Milagre” brasileiro

O boom econômico do Brasil no final da década de 1960 e início da década de 1970, durante o período de regime militar, foi impulsionado pelo aumento do investimento estrangeiro, canalizado pelos militares para projetos de desenvolvimento como mineração, transporte, siderurgia e refino de petróleo.

“conflito de baixa intensidade”

A estratégia dos EUA para combater os exércitos guerrilheiros na América Central incluía privar os guerrilheiros de apoio, forçando civis rurais a entrar no que eram essencialmente campos de concentração.

CONTRACORRENTES

INSURGÊNCIAS PÓS-GUERRA FRIA

APOIADORES DA NOVA INSURGÊNCIA ZAPATISTA Organizar um protesto em 2020 na Cidade do México.

Eleições regulares, em sua maioria livres e abertas, caracterizam a América Latina desde a Guerra Fria. Confrontos e episódios políticos violentos tornaram-se excepcionais, onde antes eram rotina. Os movimentos guerrilheiros que surgiram por toda a América Latina durante a década de 1960, em sua maioria, depuseram as armas na década de 1990.

A primeira a desaparecer foi a insurgência do Sendero Luminoso, que surgiu nos Andes peruanos na década de 1980.

A implacável campanha de terror devia-se mais à visão mística de seu líder carismático, Abimael Guzmán, do que às suas raízes ideológicas marxistas tradicionais. Inspirou-se fortemente no indigenismo peruano, buscando inspiração na iconografia de uma espécie de renascimento inca. Os militantes do Sendero Luminoso possuíam um raro espírito de corpo que manteve a força do movimento mesmo durante anos de prisão. Infelizmente, sua coragem e dedicação estavam atreladas a uma visão quase religiosa que tolerava a violência catastrófica. Acreditavam que somente as piores condições provocariam uma transformação revolucionária total e inaugurariam uma nova ordem. O Sendero Luminoso obteve avanços notáveis no planalto andino, região de grande população indígena, onde as insurgências marxistas ortodoxas jamais haviam encontrado muitos adeptos. E o movimento fluiu, juntamente com a enorme migração interna de indígenas das terras altas, para Lima. Ao mesmo tempo, expandiu-se de seus redutos nas terras altas na direção oposta, descendo as encostas orientais dos Andes em direção à bacia amazônica, para áreas de produção de coca ao longo do Vale do Huallaga. Ali, o Sendero Luminoso passou a apoiar e proteger o cultivo de coca para financiar suas operações em todo o Peru. O Sendero Luminoso, contudo, perdeu força após a captura de seu líder visionário em 1992.

Os guerrilheiros mexicanos do pós-Guerra Fria, os novos zapatistas, eram bem diferentes, uma organização recém-formada que envolvia principalmente povos indígenas no extremo sul do país, Chiapas. Essa revolta foi um protesto direto contra o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) e contra a guinada neoliberal do PRI, que será discutida no próximo capítulo. Por ora, basta saber que os neoliberais estavam repudiando elementos da Revolução Mexicana de 1910. O PRI, que governava o México perpetuamente, estava reabilitando a imagem de Porfirio Díaz e minimizando antigos heróis revolucionários como Zapata. Os rebeldes acreditavam que as novas políticas do PRI arruinariam suas chances econômicas como pequenos produtores. No dia em que o NAFTA entrou em vigor, em 1994, rebeldes indígenas que se autodenominavam zapatistas declararam sua oposição. Esses novos zapatistas eram maias de aldeias próximas à fronteira com a Guatemala, longe do antigo território de Zapata, mas eles

Eu havia aprendido na escola sobre as antigas reivindicações dos zapatistas por reforma agrária. Os novos zapatistas tinham suas próprias reivindicações por reformas agrícolas. Eles também tinham uma visão mais ampla. Adotaram o nome de Zapata para lembrar o México de sua herança revolucionária. O Subcomandante Marcos, o misterioso porta-voz zapatista de máscara de esqui e cachimbo, logo apareceu em camisetas por todo o país.

A nova revolta zapatista foi isolada, mais simbólica e inspiradora do que ameaçadora. Não conseguiu ameaçar o PRI militarmente, mas manchou a imagem de abertura do país para negócios. A liderança zapatista demonstrou habilidade com a mídia. Foi a primeira insurgência latino-americana a ter um site capaz de mobilizar simpatizantes na Europa e nos Estados Unidos. Centenas deles foram a Chiapas como observadores internacionais de direitos humanos. Viram o exército mexicano em aldeias maias suspeitas de apoiar os rebeldes. Embora o governo mexicano tenha fingido negociar, dedicou-se principalmente a deportar os observadores de direitos humanos e esmagar a rebelião. Para isso, armou milícias anti-insurgentes e usou outras técnicas comprovadas de guerra de "baixa intensidade". Pode-se dizer que os novos zapatistas nunca tiveram uma chance, mas, na verdade, eles tinham. *fez*A causa dos povos indígenas ainda era, em certa medida, a causa da Igreja Católica em Chiapas, onde o Frei Bartolomé de Las Casas havia sido bispo por alguns anos no século XVI. Assim como Las Casas quatrocentos anos antes, os indígenas zapatistas assombravam a consciência de toda uma sociedade. Representavam uma força moral potente, e não militar. Nunca derrotados, acabaram por desaparecer.

A Colômbia foi o grande exemplo da insurgência pós-Guerra Fria na América Latina. Com o fim da Guerra Fria e a retirada dos revolucionários ao redor do mundo, os exércitos guerrilheiros colombianos continuaram e até expandiram suas operações. De certa forma, isso foi uma extensão lógica da violência generalizada que invadiu a vida colombiana a partir da década de 1950. Na década de 1970, a criminalidade nas ruas atingiu níveis alarmantes nas principais cidades, onde mulheres de classe média tiravam seus brincos e homens, seus relógios de pulso, antes de se estabelecerem.

No centro da cidade, terroristas de direita assassinaram milhares de ativistas, juízes, líderes sindicais e organizadores comunitários. Por volta de 1980, a taxa de mortes violentas na Colômbia começou a bater recordes mundiais para um país que não estava em guerra.

Foi nesse contexto que Pablo Escobar, por alguns anos o colombiano mais famoso, inaugurou um novo negócio: o contrabando de maconha e, posteriormente, de cocaína para os Estados Unidos. Escobar tornou-se um poderoso chefão da máfia, muito parecido com Al Capone em um período anterior da história americana. A versão de Escobar para a Chicago de Capone era a cidade colombiana de Medellín, e sua máfia ficou conhecida como o Cartel de Medellín. A presença do lucrativo tráfico internacional de drogas foi como gasolina nas chamas das insurgências na Colômbia pós-Guerra Fria.

Três grupos guerrilheiros continuaram a operar em solo colombiano na década de 1990. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, ou FARC, tinham origens camponesas e sua liderança remontava a La Violencia. O líder das FARC, cujo*nome de guerra*O grito de guerra “Tirofijo”, ou “Atirador de Elite”, era conhecido por todos os colombianos há duas gerações. Após décadas de atuação em campo, invictas, mas longe da vitória, as FARC expandiram suas operações nos últimos anos do século XX. Em seguida, surgiu o Exército de Libertação Nacional (ELN), fundado na década de 1960, inspirado pela Revolução Cubana. Operava no campo, mas sua liderança e muitos de seus combatentes eram intelectuais urbanos, sendo o mais famoso deles o Padre Camilo Torres. Por fim, havia um grupo guerrilheiro urbano, o Movimento 19 de Abril (M-19), fundado na década de 1970. Os jovens do M-19 empunhavam a espada de Simón Bolívar, retirada de uma vitrine de museu, para simbolizar sua nova revolução. Assim como os Tupamaros no Uruguai, o M-19 realizava ataques espetaculares com grande impacto em relações públicas. Por exemplo, em 1980, ocuparam a embaixada da República Dominicana, que estava repleta de diplomatas em festa, incluindo o embaixador dos EUA. Os guerrilheiros urbanos mantiveram seus reféns por dois meses antes de fugirem para Cuba. Em 1985, o M-19 tomou o prédio da Suprema Corte da Colômbia. O governo se recusou a negociar e enviou um tanque para dentro do prédio, seguido por

tropas com armas em punho. Noventa e cinco civis — entre eles, todos os juízes da Suprema Corte do país — morreram no fogo cruzado.

Então a situação piorou ainda mais. As FARC e o ELN começaram a obrigar os latifundiários a pagar "impostos de guerra" como forma de financiar suas operações de guerrilha. Para proteger suas propriedades e ajudar o exército a combater a guerrilha, os latifundiários ricos começaram a criar suas próprias forças paramilitares. Os camponeses comuns se viram no fogo cruzado. Se ajudassem a guerrilha, corriam o risco de morrer nas mãos dos paramilitares ou do exército. Mas a guerrilha podia retaliar contra aqueles que se recusassem a ajudá-la. A guerrilha então começou a sequestrar membros de famílias de narcotraficantes com dinheiro de sobra. Os traficantes revidaram com violência desenfreada. Medellín, em particular, tornou-se uma zona de guerra onde adolescentes eram recrutados diariamente como assassinos de aluguel. Sob pressão da polícia e dos tribunais colombianos, os narcotraficantes escapavam da justiça assassinando qualquer juiz disposto a assinar um mandado de prisão contra eles.

Quando ameaçado de extradição para os Estados Unidos, Escobar e seus associados detonaram caminhões carregados de dinamite nas ruas de cidades colombianas. Em troca da garantia de não ser extraditado, Escobar se entregou em 1991 e se mudou para um presídio privado perto de Medellín, cercando-se de móveis luxuosos de gosto duvidoso, típicos da máfia, e supervisionando seus negócios ilegais por telefone celular. Em menos de um ano, ele havia fugido. Depois disso, viveu como foragido. A polícia colombiana encontrou Escobar rastreando uma ligação telefônica que ele fez para seu filho. Ele ainda estava ao telefone quando a polícia chegou. O criminoso mais famoso do mundo morreu ignominiosamente enquanto fugia pelos telhados de um prédio em Medellín.

Entretanto, o tráfico de drogas que ele havia pioneiro se tornara outra fonte de renda para paramilitares e guerrilheiros, ameaçando uma escalada ainda maior do conflito. Nessa época, o M-19 havia deposto as armas e começado a participar da política, embora muitos de seus membros tenham sido assassinados em poucos meses. O ELN e as FARC, muito maiores, percorriam o interior da Colômbia e

Controlaram partes do país durante décadas. Milhares de jovens, homens e mulheres, cresceram nessa insurgência, lutando contra o exército, sequestrando para obter resgate, extorquindo dinheiro de traficantes de drogas e latifundiários — essas atividades se tornaram um modo de vida, e alguns guerrilheiros não conheciam outra realidade. Seus vídeos promocionais os mostravam vestindo uniformes novos e com uma aparência perturbadoramente limpa e bem alimentada. Durante um período na década de 1990, famílias colombianas de classe média temiam tanto os sequestros que formaram comboios com escolta militar para transportar seus carros entre as principais cidades. Diversas tentativas de negociações de paz não prosperaram.

Os colombianos estavam cansados da guerra e, em 2002, elegeram Álvaro Uribe, um populista de direita que prometeu uma vitória militar. Uribe provou ser meticuloso, trabalhador, eficaz e extremamente popular. O imparcial Uribe era*não* Na verdade, ele pertencia a uma família de grandes latifundiários profundamente envolvidos na criação de forças paramilitares para combater os insurgentes. Sob o governo de Uribe, esses exércitos particulares agiram de forma descontrolada, mas também trabalharam em estreita colaboração com as Forças Armadas da Colômbia para repelir as FARC e o ELN a qualquer custo. Os custos incluíam o envolvimento do exército e dos paramilitares em violações dos direitos humanos. O ministro da Defesa de Uribe o sucedeu na presidência e iniciou o longo processo de reconstrução após a carnificina da vitória. Os guerrilheiros haviam sido repelidos, mas não destruídos. As negociações de paz com as FARC foram retomadas em 2012, e o resultado foi ratificado pelo Congresso colombiano em 2016. Até então, mais de 220 mil pessoas haviam morrido e cinco milhões de pessoas da zona rural haviam sido deslocadas de suas casas pelo conflito.

11 NEOLIBERALISMO E ALÉM

Após a Guerra Fria veio o neoliberalismo. Por um tempo, pareceu que o socialismo e o nacionalismo estavam fora de jogo.

Ambos pareciam ultrapassados na América Latina dos anos 1990, primos de países diferentes constrangedores, atitudes desacreditadas da geração dos anos 1960. Os revolucionários latino-americanos (fora de Cuba) sempre receberam pouco apoio da União Soviética, mas sempre gostaram da ideia de pertencer a um poderoso movimento internacional. De fato, os revolucionários marxistas sempre se viram como a maré da história, mas agora a maré havia recuado. O colapso da União Soviética deixou os Estados Unidos, o campeão mundial do capitalismo, como a única superpotência militar remanescente. O colapso do comunismo na Europa e a liberalização da economia chinesa fizeram com que o capitalismo não fosse mais seriamente desafiado por nenhum modelo econômico alternativo. O capitalismo era o único jogo em jogo, ou melhor, no planeta. Os Estados Unidos, devido à sua influência então predominante na economia internacional, ditavam as regras do jogo. E qual é a ideologia política que surgiu com o capitalismo e geralmente o acompanha? O liberalismo, obviamente. É por isso que o liberalismo, naturalmente, voltou a ganhar força em toda a América Latina pós-Guerra Fria. A nova geração de liberais é chamada *neo*liberais porque são novos, não porque sua ideologia difira da dos liberais anteriores. Para o bem ou para o mal, o neoliberalismo — com sua já conhecida ênfase no livre comércio, na produção para exportação e na doutrina

A vantagem comparativa — reinava suprema na América Latina na virada do terceiro milênio.

AS DELÍCIAS DA GLOBALIZAÇÃO.A cultura de consumo está por toda parte na América Latina hoje em dia. Para a minoria abastada, a maior acessibilidade a produtos importados traz satisfações há muito esperadas. Para a maioria pobre, como os moradores deste bairro pobre de Lima, onde as pessoas têm pouco a consumir, o fascínio da cultura de consumo produz principalmente frustração.

---

década de 1990

Reformas neoliberais em toda a região

2001

A Argentina deixa de pagar suas dívidas externas.

2006

Lula reeleito presidente do Brasil

2010

Repressão e recessão diminuem a imigração para os EUA

2022

Bórico, Petro, Lula

NEOLIBERALISMO

Em meados da década de 1990, parecia que todos os presidentes da região eram neoliberais. Veja o caso de Fernando Henrique Cardoso, um ex-professor de sociologia marxista, famoso teórico da dependência que inspirou uma geração de cientistas sociais radicais na América Latina e nos Estados Unidos durante as décadas de 1970 e 1980. Quando foi eleito presidente do Brasil em 1994, Cardoso não governou como um professor radical. Se o capitalismo era a única opção viável, argumentava ele, as nações latino-americanas teriam que adotá-lo e vencer. O líder peronista, eleito duas vezes presidente da Argentina nesses anos, governou como um neoliberal, assim como os presidentes do PRI no México, supostos herdeiros de outra grande tradição nacionalista. De fato, Carlos Salinas e Ernesto Zedillo, que lideraram o Partido Revolucionário Institucional (PRI) na década de 1990, ambos tinham formação em economia neoliberal em universidades da Ivy League americana. Os neoliberais receberam o incentivo do governo dos EUA e içaram as velas para aproveitar os ventos da globalização do início do século.

Os neoliberais abandonaram todos os traços do nacionalismo econômico e abraçaram uma fé exagerada no livre mercado. Assim, venderam ou privatizaram as empresas estatais e os serviços públicos que os nacionalistas haviam criado por toda a América Latina como declarações de “independência econômica”. A burocracia estatal costuma ser ineficiente em todo o mundo, e as empresas estatais de telefonia e petróleo provaram ser, em maior ou menor grau, fracassos na América Latina. Os neoliberais defensores do livre comércio reduziram drasticamente as tarifas de importação que os nacionalistas haviam aumentado para proteger as indústrias latino-americanas. Desregulamentaram os fluxos de capital, por exemplo, removendo os limites de lucro inspirados pelo nacionalismo que as empresas multinacionais podiam levar livremente para fora de um país a cada ano. Reduziram ou eliminaram os subsídios inspirados pelo nacionalismo que tornavam os alimentos básicos e os serviços públicos acessíveis aos pobres. Os neoliberais também iniciaram ataques totais à inflação, o que

Isso mina substancialmente o funcionamento do mercado. Tudo o que os neoliberais recomendavam já havia sido experimentado na América Latina antes de 1930. Suas ideias produziram um crescimento econômico extremamente desigual, o que acabou provocando uma reação contrária.

Ainda assim, os neoliberais ganharam alguma credibilidade ao superar a crise da dívida que começou na década de 1980. Durante essa década, muitos países latino-americanos lutaram para honrar os pagamentos de suas dívidas externas. Essas dívidas cresceram repentinamente, graças aos altos preços mundiais do petróleo e aos vultosos empréstimos de curto prazo na década de 1970. Sobrecarregados, México e Brasil suspenderam temporariamente os pagamentos em 1982. Com a forte alta das taxas de juros mundiais na década de 1980, os grandes empréstimos de curto prazo tiveram que ser refinanciados a taxas muito mais altas. As dívidas nacionais da América Latina dispararam, assim como a dívida nacional dos EUA na mesma época. A diferença: as dívidas latino-americanas eram “externas”, devidas principalmente a bancos estrangeiros. As dívidas externas da região como um todo aumentaram de US$ 105 bilhões (1976) para US$ 397 bilhões (1986), sendo México e Brasil os países com as maiores dívidas. Os países que deixassem de pagar suas dívidas externas se veriam internacionalmente falidos e isolados.

Instituições financeiras estrangeiras, como o influente Fundo Monetário Internacional (FMI), acreditavam que a solução para a insolvência da América Latina residia em políticas de livre mercado. Assim, promoveram com entusiasmo as políticas neoliberais do chamado Consenso de Washington. Para incentivar o neoliberalismo na América Latina, essas instituições foram gradualmente "rolando" as dívidas externas de um país após o outro em títulos de longo prazo. Essas dívidas continuaram a aumentar na década de 1990, mas agora os países devedores conseguiam efetuar os pagamentos. O FMI, tipicamente, insistia em cortes nos gastos sociais, e os pobres da América Latina sentiram o impacto dessa austeridade. Ainda assim, a crise passou e a região pareceu ter dado a volta por cima.

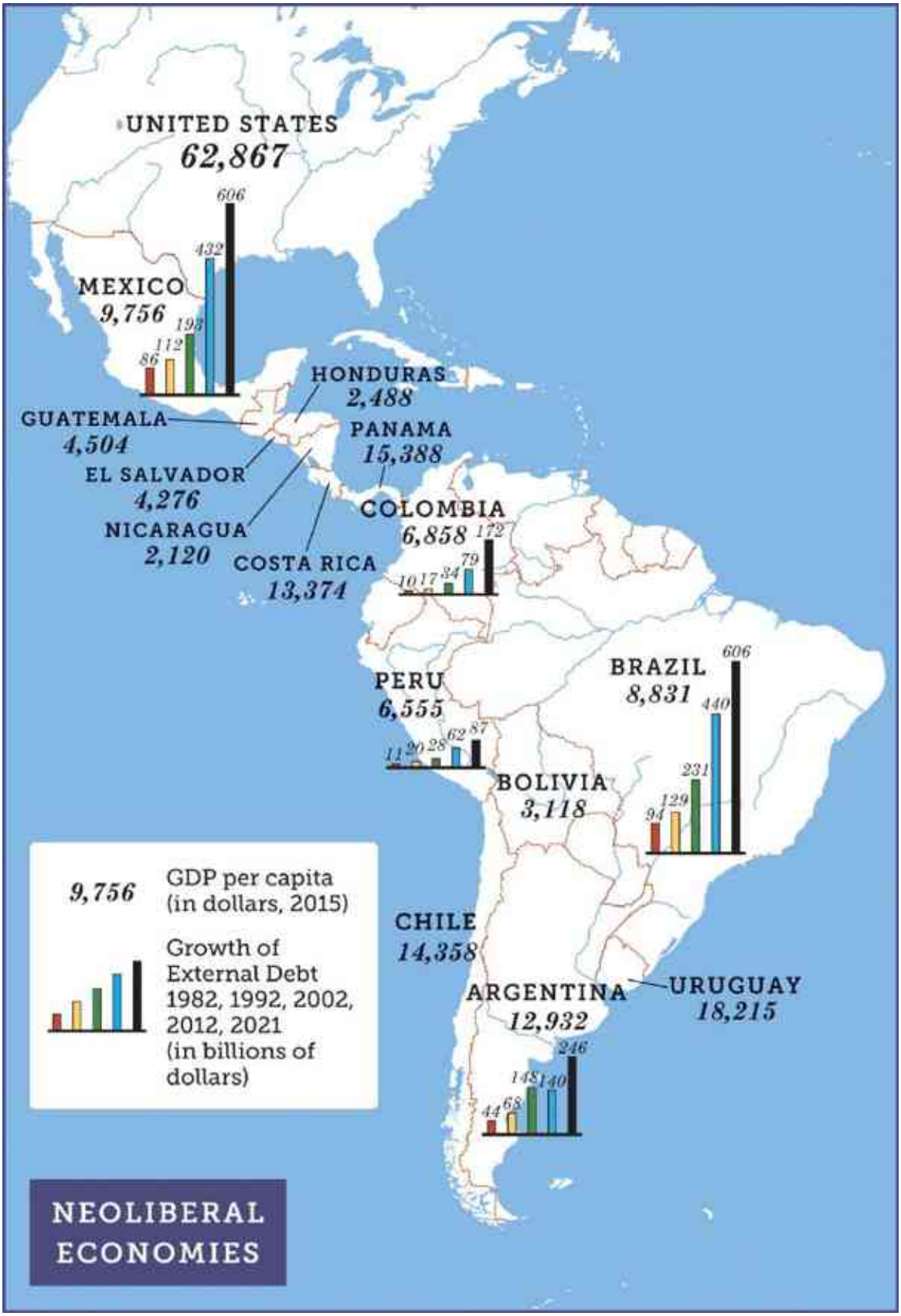
O neoliberalismo também obteve grande sucesso ao conter a hiperinflação. A hiperinflação que assolava o Brasil

e a Argentina, por décadas, foi interrompida de forma bastante espetacular. Durante a década de 1990, a América Latina foi saudada pelos investidores americanos como um grande mercado emergente, oferecendo vastas oportunidades de investimento. As políticas neoliberais incentivaram o capital estrangeiro na América Latina — e *em* Chegou, em bilhões de dólares. Franquias americanas de fast-food surgiram nas principais cidades, do Chile ao México. Em 1994, a criação do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), pilar do neoliberalismo mexicano na década de 1990, pareceu um presságio para pessoas de ambos os lados da fronteira. Um ano depois, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai inauguraram sua própria zona de livre comércio, chamada MERCOSUL. O livre comércio da década de 1990 permitiu que moradores de apartamentos de classe média, da Cidade do México a Santiago, tivessem acesso à internet, sintonizassem canais de televisão americanos ou europeus via satélite e se tornassem ávidos consumidores em uma economia transnacional. As reduções neoliberais nas barreiras tarifárias trouxeram preços mais baixos e maior variedade em tudo o que era importado, de carros a videocassetes e telefones celulares.

Os neoliberais também atraíram novas corporações transnacionais para a América Latina, mas o impacto dessa estratégia foi misto. Uma das operações transnacionais mais comuns era, e ainda é, a*maquiladora*Uma fábrica de montagem utiliza muita mão de obra barata, na maioria das vezes feminina, para montar peças importadas. As baixas tarifas alfandegárias facilitam a produção das maquiladoras. Por exemplo, as maquiladoras no lado mexicano da fronteira com os EUA podem receber peças da Ásia, montá-las e, em seguida, enviar os produtos acabados para venda nos Estados Unidos. Os trabalhadores das maquiladoras tinham pouca importância para as empresas que os empregavam. Mulheres que engravidavam, por exemplo, eram demitidas rapidamente na maioria dos casos. Os baixos custos de mão de obra constituíam a principal razão para a presença das maquiladoras na América Latina. Assim, os governos neoliberais tentaram conter os salários, mesmo enquanto os subsídios para alimentação e transporte eram retirados dos mais pobres.

O Chile se destacou como o exemplo perfeito do neoliberalismo. As reformas econômicas neoliberais chilenas começaram durante os anos da ditadura, notavelmente aconselhadas por economistas da Universidade de Chicago, a quem os chilenos chamavam de "Chicago Boys". Na década de 1990, o Chile ostentava baixos índices de desenvolvimento econômico.

Inflação, bom crédito, crescimento constante e exportações diversificadas, distribuídas de forma praticamente igualitária entre países europeus, asiáticos e americanos. A expansão da economia chilena foi tão constante e vigorosa que beneficiou todos os chilenos em alguma medida — mas, como em outros lugares, as classes médias foram as mais beneficiadas. Enquanto isso, a distribuição de riqueza no Chile permanecia entre as mais desiguais da América Latina e, portanto, entre as mais desiguais do mundo. O melhor cenário do neoliberalismo, em outras palavras, ainda prometia menos aos mais necessitados.


UNITED STATES
62,867
606
432
MEXICO
9,756
198
112
86
HONDURAS
2,488
GUATEMALA
4,504
PANAMA
15,388
EL SALVADOR
4,276
NICARAGUA
2,120
COSTA RICA
13,374
COLOMBIA
6,858
172
79
84
17
10
PERU
6,555
87
62
28
20
11
BRAZIL
8,831
606
440
231
129
94
BOLIVIA
3,118
9,756
GDP per capita (in dollars, 2015)
Growth of External Debt 1982, 1992, 2002, 2012, 2021 (in billions of dollars)
CHILE
14,358
ARGENTINA
12,932
URUGUAY
18,215
246
148
140
68
44
NEOLIBERAL ECONOMIES

O mapa apresenta o PIB per capita (em dólares, 2003) de diferentes países e, em seguida, um gráfico de barras mostra o crescimento da dívida externa (em bilhões de dólares) em 1982, 1992 e 2002. O PIB per capita, em dólares, de diferentes países é o seguinte: os EUA têm um PIB de 36.924. O México tem um PIB de 5.945 e uma dívida de 86.112.141 bilhões de dólares nos anos mencionados (1982, 1992 e 2002). A Guatemala tem um PIB de 1.963. El Salvador tem um PIB de 2.302. Honduras tem um PIB de
Cuba tem um PIB de 2.762. A República Dominicana tem um PIB de 2.408. A Nicarágua tem um PIB de 750. A Costa Rica tem um PIB de 4.189. O Panamá tem um PIB de 3.400. A Colômbia tem um PIB de 1.744 e dívidas de 10, 17 e 34 bilhões de dólares. A Venezuela tem um PIB de 2.994 e dívidas de 32, 38 e 32 bilhões de dólares. O Equador tem um PIB de 2.108. O Peru tem um PIB de 2.238 e dívidas de 11, 20 e 28 bilhões de dólares. O Brasil tem um PIB de 2.700 e dívidas de 94, 129 e 228 bilhões de dólares. A Bolívia tem um PIB de 878. O Paraguai tem um PIB de 1.001. O Chile tem um PIB de 4.523 e dívidas de 17, 19 e 42 bilhões de dólares. O Uruguai tem um PIB de 3.274. A Argentina tem um PIB de 3.375 e dívidas de 44, 68 e 132 bilhões de dólares.

Em resumo, os consumidores, principalmente da classe média, se beneficiaram muito das políticas econômicas neoliberais. "Comprar pelo mundo", sem barreiras comerciais, é obviamente uma vantagem para quem tem renda suficiente. As classes médias da América Latina viveram melhor e cresceram consideravelmente devido à sua participação na globalização econômica pós-Guerra Fria. Mas a maioria dos latino-americanos ainda não pertence à classe média. Definir e mensurar classe social é complexo, mas, em termos gerais, pode-se dizer que hoje cerca de um terço dos latino-americanos pertence à classe média, a maior proporção já registrada. Ainda assim, um terço vive na pobreza, segundo qualquer padrão, e outro terço está cheio de esperanças e sonhos, mas ainda muito longe de uma vida segura de classe média, que inclui emprego com salário digno, assistência médica, educação para os filhos e, possivelmente, um carro. Medido em dólares e corrigido pelas diferenças no custo de vida, o PIB per capita dos EUA é superior a US$ 68.000; o da América Latina é inferior a US$ 1.000.

De acordo com as estatísticas de 2023, os países, em geral, geram menos da metade desse valor. Por exemplo, o Brasil gera US$ 20.000 por pessoa, a Colômbia US$ 21.000, o México US$ 25.000 e a Argentina US$ 31.000. Países mais pobres, como Bolívia, Guatemala, Nicarágua e Honduras, geram apenas cerca de US$ 15.000 ou menos por pessoa.

Os latino-americanos pobres se beneficiaram muito menos da virada neoliberal do que as classes médias. Como pequenos consumidores, eles não conseguiam aproveitar as vantagens das compras internacionais. A maior parte dos salários recebidos pelos numerosos pobres da América Latina era gasta com o essencial, como arroz e passagem de ônibus, dia após dia, mês após mês. Esses custos estavam aumentando. Com o que sobrava, os pobres compravam roupas baratas vendidas em caixas, produtos de higiene pessoal expostos na calçada, um balde de plástico esta semana, um relógio digital barato na semana seguinte. Para eles, a globalização significava, mais provavelmente, a perda do emprego, com o colapso de fábricas em toda a região, devastadas pela concorrência estrangeira que os nacionalistas haviam mantido afastada. Milhões de trabalhadores enfrentavam o desemprego de longa duração ou

subemprego no chamado setor de serviços informais. Eles vendiam Chiclets em pontos de ônibus, lavavam para-brisas em cruzamentos e coletavam materiais recicláveis em carrinhos precários.

Entretanto, as reformas neoliberais reduziram os gastos governamentais, um passo rumo ao equilíbrio das finanças públicas e à redução da dívida, mas a um custo social altíssimo. Os subsídios, as indústrias protegidas, as empresas estatais e as grandes burocracias que os nacionalistas e socialistas haviam criado na América Latina eram, sem dúvida, ineficientes. Mas também garantiam o sustento de milhões de pessoas que os neoliberais deixaram desempregadas. Da mesma forma, os serviços públicos perderam dinheiro, em parte porque forneciam eletricidade ou água encanada aos mais pobres. As empresas de telefonia privatizadas, por exemplo, melhoraram as telecomunicações para aqueles que podiam pagar por um telefone, mas o acesso a um aparelho tornou-se mais difícil.

Em muitos aspectos, o impacto das reformas neoliberais assemelhou-se ao impacto das reformas liberais de 1870 a 1930. A América Latina tornou-se mais

Traduzido do Inglês para o Português - www.onlinedoctranslator.com

“Moderno” no sentido tecnológico. Capital estrangeiro e produtos estrangeiros afluíram. A vida das pessoas mais abastadas melhorou, mas a maioria pobre ficou para trás. A expansão capitalista na América Latina após a Guerra Fria baseou-se em indústrias extrativas, como a mineração, e na exportação de matérias-primas e produtos agrícolas, tal como entre 1870 e 1930. Não se trata de um plano, mas sim de uma simples resposta ao mercado global, no qual o grande novo ator é a China. O crescimento industrial acelerado da China, o boom da construção civil e o despertar do consumidor exigiram vastas quantidades de matérias-primas e produtos agrícolas, particularmente após 2000. A exportação de produtos agrícolas e matérias-primas gerou considerável riqueza na América Latina, é claro, mas pouco dessa riqueza chega aos mineiros e trabalhadores rurais. Além disso, as economias extrativas são notoriamente incapazes de se diversificar, industrializar ou desenvolver.

A “NOVA CONVERSÃO À ESQUERDA”

Por volta do ano 2000, os latino-americanos se lembravam do porquê de terem amado líderes nacionalistas como Cárdenas, Vargas e Perón, que se destacaram acima de tudo pela ideia de que o povo comum não deveria ser deixado para trás. O ímpeto neoliberal já havia se dissipado em 11 de setembro de 2001, quando um ataque terrorista derrubou as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. O presidente neoliberal do México, Carlos Salinas, já havia conquistado a vergonha universal pela corrupção generalizada de seu governo. Os anos de 1994 e 1995 testemunharam a pior crise econômica em décadas. A delinquência urbana atingiu níveis alarmantes em muitas das maiores cidades da região. No México, provocou algumas das maiores manifestações de protesto já vistas. O otimismo da década de 1990 evaporou-se posteriormente, na maior parte da América Latina, apesar dos carros e computadores novos que a classe média desfrutava, já que a globalização falhou notavelmente em produzir prosperidade universal. A Argentina, país que havia implementado todas as rigorosas recomendações do Fundo Monetário Internacional, entrou em colapso econômico em dezembro de 2001, declarando moratória em sua dívida externa. A indigência e a privação social atingiram níveis talvez nunca antes vistos na América Latina.

Gradualmente, em diversos países da América Latina, os eleitores começaram a rejeitar a visão neoliberal da supremacia do livre mercado, elegendo presidentes que personificavam as tradições nacionalistas e socialistas de meados do século XX. Entre essas tradições, havia referências ocasionais à revolução, mas todos os presidentes da “nova guinada à esquerda” mantiveram seus países firmemente integrados à economia capitalista mundial. Eles não queriam derrubar e substituir o capitalismo, mas sim utilizá-lo para fins sociais. Ao contrário de seus adversários neoliberais, esses líderes não consideravam o livre mercado uma bênção incondicional. Em vez disso, viam o capitalismo como uma poderosa ferramenta.

Uma ferramenta perigosa, como a dinamite, ideal para alguns fins, mas absurdamente inadequada para outros. Acima de tudo, a nova geração de líderes procurou colocar o bem-estar das pessoas vulneráveis acima da lógica do mercado capitalista. Essa foi a principal base de seu apelo e a razão pela qual foram eleitos. E eles se uniram em fóruns internacionais, demonstrando com veemência sua recusa em seguir qualquer linha política dos Estados Unidos. Em 2010, presidentes que se encaixavam mais ou menos nessa descrição governavam a maioria dos países da região.

Em 2002, os brasileiros elegeram Luiz Inácio da Silva, Lula, um ex-metalúrgico e líder sindical, para governar a maior, mais populosa e economicamente mais dinâmica nação da América Latina. Antes de se tornar presidente, Lula passou vinte anos forjando um partido sindical coeso e democrático de base, o PT, concorrendo sem sucesso à presidência repetidas vezes. Ele finalmente venceu em sua quarta tentativa. O objetivo mais urgente de Lula era garantir que nenhum brasileiro fosse dormir com fome, mas essa iniciativa de “fome zero” provou ser difícil de alcançar, dadas as enormes dívidas do Brasil. Lula prometeu honrar esses compromissos e avançou em direção a seus objetivos sociais com uma cautela que decepcionou muitos de seus apoiadores mais radicais. No entanto, o programa de bolsas de estudo para famílias, instituído pelo governo do PT, que oferecia apoio financeiro a famílias pobres enquanto mantivessem seus filhos na escola, começou a reduzir a pobreza e incentivou os eleitores mais pobres a reeleger Lula em 2006. A economia brasileira apresentou um crescimento expressivo, demonstrando notável resiliência durante a recessão global iniciada em 2008. De modo geral, o novo governo socialista democrático do Brasil ofereceu um contraexemplo sólido e substancial à governança neoliberal, em consonância com o Consenso de Washington.

Lula concluiu seu segundo mandato triunfantemente, com amplo reconhecimento internacional, e foi sucedido por sua escolhida a dedo, Dilma Rousseff, a primeira mulher presidente do Brasil. Rousseff era versada em questões políticas, mas não era uma líder carismática das massas nem uma política habilidosa em negociações. A oposição brasileira, então, vingou-se das derrotas anteriores, iniciando um processo de impeachment e condenando-a por corrupção.

atos que mais tarde se provaram insubstanciais ou fraudulentos. No final de 2016, ela foi destituída do cargo. No ano seguinte, Lula foi condenado por outros atos supostamente corruptos, mesmo ele estando cinco anos fora do cargo. As condenações de Rousseff e Lula foram posteriormente anuladas pelo Supremo Tribunal, mas não antes de Lula passar quase dois anos na prisão.

O presidente brasileiro que emergiu dessas águas turbulentas foi Jair Bolsonaro, um obscuro oficial do Exército que habitualmente expressava nostalgia pelo regime militar. Bolsonaro imediatamente se estabeleceu como o "Trump dos Trópicos" e imitou o presidente dos EUA em muitos aspectos. O homem que arquitetou a prisão de Lula tornou-se o primeiro Ministro da Justiça de Bolsonaro. Bolsonaro era abertamente depreciativo em relação a negros, indígenas e pessoas de orientação sexual não tradicional. Ele preferia ver seu filho morto a vê-lo gay, disse. Deu importantes cargos políticos a membros despreparados de sua família e nomeou diretores que se opunham pessoalmente à missão das agências federais que deveriam dirigir. Bolsonaro não tinha interesse em diplomacia. Revogou proteções que o PT havia concedido para limitar o desmatamento da Amazônia. Fez piadas sobre a pandemia e promoveu tratamentos fraudulentos como a hidroxicloroquina, na qual ele próprio havia investido dinheiro, resultando em um dos piores números de mortes pela pandemia no Brasil em todo o mundo. Enfrentando a reeleição, ele trabalhou para minar a confiança pública no sistema eleitoral exemplar e arduamente conquistado do Brasil e começou a pedir repetidamente por intervenção militar. Quando perdeu a eleição, recusou-se a reconhecer a derrota e incentivou seus apoiadores a resistir. Em 8 de janeiro de 2023, ainda seguindo a cartilha trumpista, seus seguidores invadiram o Capitólio brasileiro e o depredaram, totalmente convencidos de que sua reeleição havia sido roubada e ainda clamando pelo retorno do regime militar.

O populismo de direita de Bolsonaro já era, naquela época, um fenômeno comum no cenário mundial, mas era excepcional na América Latina. Em um mundo onde líderes autoritários pareciam estar por toda parte, os latino-americanos, em geral, pareciam preferir a democracia.

socialistas. Apesar da irresponsabilidade de Bolsonaro, ele conseguiu ser extremamente popular entre uma base fiel que admirava seu estilo rude e se identificava com sua coalizão “Carne, Bíblias e Balas” (em referência a grandes fazendeiros, evangélicos e forças armadas). Ele utilizou a política nacionalista moderna de gestos e polarização que se tornou uma parte cada vez maior do mundo contemporâneo. Outro líder latino-americano a fazer isso, muito antes de Bolsonaro, foi Hugo Chávez, da Venezuela.

Chávez era uma espécie de Bolsonaro da esquerda e levou seu país a um colapso catastrófico. Ele também era um ex-oficial do exército, imprudente e franco, que demonstrava sua maior eloquência em discursos nacionalistas agressivos. Sua primeira tentativa de tomar o poder na Venezuela, em 1992, foi um golpe de Estado orquestrado dentro das Forças Armadas. Ele se tornou presidente eleito em 1999 e permaneceu no cargo durante a maior parte do tempo até sua morte, em 2013. Nacionalista e populista acima de tudo, Chávez canalizou recursos para seus apoiadores venezuelanos mais pobres, principalmente na forma de clientelismo, em troca de apoio às suas iniciativas políticas. Essa abordagem, digamos, questionável, ainda era melhor do que o que os venezuelanos pobres haviam recebido da maioria dos governos anteriores, e eles apoiaram Chávez. Por outro lado, sua retórica inflamada e o uso autoritário da autoridade governamental contra seus adversários políticos lhe renderam a hostilidade implacável da classe média venezuelana. Em 2009, Chávez venceu um referendo que eliminou os limites de mandato e lhe permitiu ser reeleito indefinidamente. Além disso, ele foi o presidente latino-americano do pós-Guerra Fria com maior projeção internacional, atuando em diversos projetos de integração regional. Seu uso extensivo de imagens e citações “bolivarianas” celebrava a solidariedade latino-americana contra os Estados Unidos.

O populismo chavista dividiu profundamente a Venezuela. Após sua morte em 2013, seu movimento perdeu força, os conflitos sociais se intensificaram, a situação se desintegrou e a Venezuela começou a se assemelhar a um Estado falido, incapaz de manter serviços básicos. Um exemplo notório foi um arranha-céu inacabado no centro de Caracas que carecia de serviços básicos, elevadores e, em alguns casos, de infraestrutura.

Apesar de ter paredes e espaços, o prédio estava lotado até o vigésimo oitavo andar com milhares de moradores de rua ocupando terras. Com a economia em colapso, seis milhões de venezuelanos deixaram o país, principalmente rumo à Colômbia e ao Brasil. Se o Brasil havia demonstrado as mudanças que um movimento social-democrata disciplinado poderia alcançar, a Venezuela mostrou os resultados desastrosos a longo prazo da má gestão populista, mesmo considerando a substancial base de recursos nacionais proporcionada pelo petróleo venezuelano.

A “nova guinada à esquerda” da Bolívia em 2006 foi notável e transformadora, mas longe de ser perfeita. Seu líder icônico foi Evo Morales, um indígena aimará, o primeiro a governar este país de maioria indígena desde a época da Conquista Espanhola. Quando menino, pastoreava lhamas e, quando jovem, liderou um sindicato de cultivadores de coca, produtores das folhas consumidas pelos povos indígenas da Bolívia desde tempos imemoriais – mas também consumidas como matéria-prima pelos refinadores de cocaína. Morales, portanto, iniciou sua carreira política resistindo aos esforços, inspirados pelos EUA, para erradicar a cultura que garantia o sustento de seus seguidores. Como presidente, Morales tinha sua base de apoio eleitoral nas terras altas andinas, de maioria indígena. Ele enfrentou oposição sistemática na região leste, de terras baixas, em torno de Santa Cruz, o principal polo de crescimento econômico do país. Sua maior conquista foi reconhecer e empoderar a maioria indígena na Constituição de 2009. Morales era um anti-imperialista, ambientalista e crítico do neoliberalismo declarado. Mas a governança de seu Movimento para o Socialismo (MAS) tornou-se mais peculiar e personalista com o passar do tempo. Ele foi reeleito duas vezes, mas sua popularidade sofreu um baque quando não conseguiu abolir os limites de mandato presidencial e, em 2016, candidatou-se a um quarto mandato mesmo assim. Renunciou sob pressão em 2019, mas foi sucedido (após um governo interino) por um antigo aliado do MAS.

As outras repúblicas andinas, Peru e Equador, também vivenciaram uma ascensão da esquerda, associada ao empoderamento político dos povos indígenas, mas nada tão forte e transformador quanto o que aconteceu na Bolívia. Em vez disso, elas têm

Oscilou entre governos de esquerda e governos mais centristas, sem nada parecido com a predominância constante do MAS na Bolívia. No Peru, essas oscilações tornaram-se cada vez mais instáveis e violentas ao longo do tempo.

A “nova guinada à esquerda” do México tem sido um ziguezague. Quando Morales foi forçado a sair da Bolívia, seu primeiro destino foi o México, sob o governo do presidente de esquerda Andrés Manuel López Obrador, conhecido pelas iniciais AMLO. Em típico estilo populista, AMLO formou seu próprio partido, chamado MORENA, uma sigla que alude às massas de pele morena do México e também à Virgem de Guadalupe, popularmente chamada de “la Morena”. Em 2006, AMLO perdeu a eleição presidencial, mas alegou fraude e sugeriu que comandaria um governo paralelo na oposição. Em 2018, ele finalmente foi eleito presidente, após uma série de tecnocratas neoliberais. Assumiu o poder bem a tempo da pandemia e, talvez sem surpresa, rapidamente realizou muito pouco. Seu ponto forte é a retórica populista anti-imperialista e antineoliberal, mas no México esses são clichês desgastados, não transformadores como na Bolívia. A política de AMLO, baseada em gestos e posturas, pouco adiantou diante de uma economia estagnada e do crime organizado desenfreado. Os narcotraficantes mexicanos tomaram o lugar dos cartéis colombianos como pilar do tráfico internacional de drogas, ganhando uma proeminência lamentável na vida nacional. Os cartéis mexicanos passaram por uma assustadora paramilitarização, investindo em expertise de forças especiais em uma espécie de corrida armamentista entre si. Até o momento, não há perspectiva de melhora.

No extremo sul do hemisfério, a esquerda predominou (com algumas interrupções) após a Guerra Fria. Primeiro, no Chile, a socialista Michelle Bachelet foi eleita presidente em 2006, substituída em 2010 por um empresário neoliberal, mas retornou à presidência em 2014. Bachelet é uma das muitas líderes progressistas da região cuja história pessoal fala por si só. Seu pai era um funcionário do governo da Unidade Popular de Salvador Allende. Ele foi detido e torturado repetidamente pelo governo Pinochet, apoiado pelos EUA. Bachelet e sua mãe também foram torturadas. (Dilma)

Rousseff, já mencionada, também foi uma jovem revolucionária durante a Guerra Fria. Bolsonaro gostava de alardear sua admiração por seus torturadores. No Cone Sul, as histórias pessoais de ex-insurgentes têm grande peso. Em seguida, no Uruguai, o ex-guerrilheiro tupamaro José Mujica sobreviveu à tortura e a quatorze anos de prisão para se tornar presidente em 2010. Sua austeridade pessoal como "o presidente mais pobre do mundo" era lendária. Ele continuou a viver em sua modesta casa e recusou toda a pompa e a maior parte de seu salário. A história de Mujica era poderosa, mas sua política evitava o simbolismo de punhos cerrados em favor de uma legislação cuidadosa e resultados práticos. Inequivocamente democrático e socialista, o governo de Mujica também inovou, legalizando o casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2013 e a maconha medicinal em 2015. Para privar os traficantes de drogas de todos os lucros da maconha, o governo uruguaio adotou a abordagem mais radical possível, assumindo o controle exclusivo da produção e venda. Por fim, na Argentina, vários presidentes peronistas lideraram governos peronistas pós-Guerra Fria pouco transformadores. Sem histórias pessoais impactantes, mobilizaram as ainda potentes tradições nacionalistas do peronismo. Essas tradições são notoriamente heterodoxas e sempre foram permeáveis à corrupção personalista.

No início da década de 2020, uma nova geração de líderes latino-americanos começou a emergir. A maioria era social-democrata e falava uma linguagem política inédita na América Latina, dando destaque a temas como igualdade racial, direitos das mulheres e das minorias, e a necessidade de abandonar os combustíveis fósseis e coordenar uma resposta internacional ao aquecimento global.

O primeiro desses novos presidentes social-democratas que romperam com os padrões estabelecidos foi Gabriel Bóric, do Chile. Bóric emergiu como líder durante os grandes protestos estudantis de 2011, sendo eleito para a Câmara dos Deputados em 2014. Jovem, bonito e apaixonado por rock, Bóric tinha aversão a trajes formais, o que se tornou motivo de queixa entre os conservadores. Ele também rompeu com a tradição ao discutir publicamente suas vulnerabilidades pessoais, particularmente o tratamento que recebeu por...

Transtorno obsessivo-compulsivo. Seu foco era a justiça social e os direitos humanos (especialmente dos povos indígenas), o meio ambiente e o feminismo. Outra grande onda de protestos em 2019-2020 o impulsionou à presidência, e Boric se tornou o segundo chefe de Estado mais jovem do mundo. Seu primeiro gabinete incluiu uma maioria de mulheres, a primeira vez que isso aconteceu em qualquer república americana. Sua ascensão na política nacional esteve intimamente ligada ao projeto de dar ao Chile uma constituição mais progressista. A derrota desse projeto em um plebiscito em 2022, no entanto, interrompeu o ímpeto inicial de Boric.

Naquela época, a Colômbia havia eleito seu primeiro presidente de esquerda de fato, Gustavo Petro. Petro pertencia cronologicamente a uma geração mais antiga. Ele havia se juntado ao extinto movimento guerrilheiro M-19 da Colômbia aos dezessete anos e, desde então, dedicou sua vida à política progressista, principalmente no Congresso Nacional e como prefeito de Bogotá, a capital do país. Os tumultuosos protestos nacionais de 2019-2020 se tornaram seu trampolim para a presidência. O programa de Petro, desenvolvido durante a campanha eleitoral de 2022, era estritamente do século XXI, diferente de qualquer outro na história colombiana. Ele escolheu como vice-presidente uma jovem líder afro-colombiana dos movimentos ambientalista e feminista, Francia Márquez, e prometeu nomeá-la a primeira ministra da Igualdade Social do país. Ele enfatizou a necessidade de uma grande mudança de paradigma, abandonando os combustíveis fósseis e adotando fontes de energia renováveis, e propôs interromper toda nova exploração de petróleo na Colômbia. Ele também prometeu uma grande reforma tributária para conter a sonegação fiscal desenfreada e crônica no país e adotou uma linha dura contra a corrupção, principalmente contra os assassinatos políticos de centenas de ativistas e líderes sindicais colombianos. Tanto Petro quanto Márquez receberam ameaças de morte de seus adversários enfurecidos, mas conquistaram uma vitória eleitoral convincente e incontestável. No dia de sua posse, um drama simbólico se desenrolou quando Petro solicitou que a espada de Simón Bolívar (outrora símbolo da guerrilha M-19) fosse levada ao palco onde aguardava para prestar juramento. Seu pedido foi negado pelo presidente em exercício, após o que Petro prestou juramento e, em seguida, ordenou que a espada fosse trazida antes de proferir seu discurso de posse.

Em poucos meses, o governo de Petro assinou um acordo de paz com o ELN (o último exército guerrilheiro remanescente) e aprovou um impressionante conjunto de importantes reformas legislativas. Os objetivos ambiciosos de Petro exigiriam que esse ritmo fosse mantido, e ele logo se viu cercado por protestos da oposição, mas o fim do longo tormento da Colômbia parecia finalmente estar próximo.

PETRO E MARQUEZ.A eleição do novo presidente e vice-presidente da Colômbia em 2022 marcou um novo e dramático começo na longa e conturbada história política da terceira maior nação da América Latina, o primeiro governo da esquerda socialista democrática e a primeira mulher de ascendência africana a chegar à liderança nacional.

Cuba, o avô dos regimes socialistas latino-americanos, também se manteve de pé por uma geração inteira após o fim da Guerra Fria. Fidel Castro deixou o poder em 2008, e o governo revolucionário que ele liderou por quase cinquenta anos não entrou em colapso, apesar de muitas previsões de que não sobreviveria por muito tempo.

O desaparecimento de seu líder icônico. Quando Castro morreu em 2016, a estabilidade do regime parecia garantida. Durante a presidência de Obama, uma reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos parecia finalmente possível, mas o governo Trump a vetou. Enquanto isso, os cubanos haviam conquistado acesso à internet. O Facebook logo se tornou um espaço para expressões políticas e artísticas não autorizadas, incluindo críticas ao regime. Diante das tensões renovadas com os Estados Unidos, essa expressão foi rapidamente reprimida e os críticos mais insistentes foram presos.

Simbolismo e histórias pessoais à parte, os presidentes da "nova guinada à esquerda" na América Latina fizeram uma diferença real. Enquanto o boom da extração mineral impulsionava as economias nacionais, os presidentes socialistas canalizaram parte dos benefícios diretamente para os cidadãos mais pobres por meio de programas de transferência de renda condicionada, como o programa de bolsas de estudo para famílias no Brasil. Isso explica, em parte, por que a América Latina parece ter uma classe média mais alta e menos empobrecida, no geral, do que nunca. Mas não vamos exagerar. Presidentes progressistas e inovadores são figuras de destaque que, muitas vezes, têm pouco controle nos níveis estadual e local, onde os interesses empresariais continuam dominantes. No Brasil, as tentativas do Partido dos Trabalhadores de governar por meio de pagamentos a máquinas políticas estaduais e locais resultaram em um grande escândalo de corrupção. Além disso, algumas pequenas nações latino-americanas contrariaram a tendência geral de esquerda. Antigos aliados anticomunistas dos EUA, como Guatemala, Nicarágua e Paraguai, se enquadram nessa categoria. O Haiti, por sua vez, tornou-se gradualmente um Estado falido, dominado pela violência de gangues sem qualquer orientação ideológica discernível. A lógica do mercado capitalista mundial continua a reinar na América Latina. As perspectivas futuras também não são claras. A relativa prosperidade atual da região deve-se em parte a uma melhor governança, mas também, é preciso reconhecer, à globalização do mercado. Um elemento importante dessa relativa prosperidade tem sido a ascensão econômica da China.

AMÉRICA LATINA NO MUNDO

A relação da América Latina com o resto do mundo a definiu desde o início. Antes de 1492, não existia América Latina. Somente a conquista e a colonização europeias tornaram a Indo-América "latina". Em seguida, as línguas e religiões europeias, sem mencionar o domínio imperial, integraram a região ao Ocidente. A interação da América Latina com o mercado mundial nos últimos 200 anos definiu sua economia extrativista e sua sociedade desigual. As ideologias ocidentais moldaram a política da região. A globalização contemporânea definirá seu futuro.

A ascensão econômica da China caracterizou de forma notável a experiência recente da América Latina com a globalização, após séculos de domínio da Espanha, Portugal, Inglaterra, França e Estados Unidos. O novo papel da China data do início de sua (re)abertura para a economia mundial na década de 1990. Os produtos manufaturados chineses de baixo custo, especialmente vestuário e eletrônicos leves, contribuíram para elevar o padrão de vida em toda a região. Para se tornar o polo manufatureiro mundial, crescendo a uma taxa de 10% ao ano entre 1978 e 2008, a China precisou importar grandes quantidades de alimentos e matérias-primas. Diferentemente dos produtos manufaturados chineses, as importações chinesas de alimentos e matérias-primas tiveram um impacto desigual, beneficiando principalmente meia dúzia de produtores sul-americanos de minério metálico, combustíveis fósseis, madeira, soja e farinha de peixe. A China tornou-se, de longe, a principal compradora de soja no mercado internacional, e a maior parte dessa produção veio do Brasil e da Argentina. A China também passou a comprar frações significativas de todo o minério de ferro e cobre disponível no mercado mundial, grande parte proveniente da América Latina. O Brasil, um dos maiores exportadores mundiais de soja e minério de ferro, foi o mais beneficiado. Os esforços do Brasil para tirar milhões de cidadãos da pobreza sob o governo do Partido dos Trabalhadores provavelmente não teriam sido tão eficazes.

teriam sido bem-sucedidas mesmo sem o novo comércio com a China. O cobre chileno, o petróleo venezuelano e a farinha de peixe peruana também encontraram importantes novos mercados na China. No geral, as importações chinesas da América Latina aumentaram 26 vezes entre 2000 e 2020.

Embora inegavelmente benéfico, o comércio chinês não transformou a América Latina. Vender alimentos e matérias-primas em troca de produtos manufaturados não é nenhuma novidade. Trata-se, na verdade, do padrão histórico de comércio da região, um desequilíbrio que impede o desenvolvimento e a diversificação econômica. A recente globalização impulsionada pela China elevou os padrões de vida na América Latina, mas tornou a região menos industrializada e menos autossuficiente. Essas são as consequências inescapáveis das políticas econômicas neoliberais focadas no mercado. Além disso, embora a China tenha se tornado um dos principais parceiros comerciais da América Latina, o inverso não é verdadeiro. O comércio latino-americano é uma gota no oceano chinês. O comércio chinês modificou significativamente, mas dificilmente transformou, o domínio esmagador do comércio dos EUA na região. Por fim, as empresas chinesas seguiram outro padrão já conhecido. Assim como as primeiras multinacionais americanas na América Latina (impérios bananeiros como a United Fruit Company, por exemplo), as empresas chinesas internacionais tendem a criar enclaves isolados na América Latina e em outros lugares fora da China. Frequentemente, eles trazem seu próprio pessoal para desempenhar funções essenciais além do trabalho braçal, e os funcionários chineses no exterior normalmente interagem pouco com a sociedade do país anfitrião.

FEITO NA CHINA. Um carregamento de automóveis chineses em Valparaíso, o principal porto do Chile, menos de um ano depois de o país ter assinado o primeiro acordo de livre comércio da América Latina com a China, em 2005. Poucos anos depois, o gigante asiático havia se tornado um importante parceiro comercial de muitos países do hemisfério.

A mudança repentina nas relações sino-americanas iniciada durante o governo Trump provavelmente alterará o cenário. A globalização certamente desacelerará se a China, os Estados Unidos e outras grandes potências não encontrarem uma maneira de coexistir sem conflitos em um mercado global. A alternativa será a criação de esferas de comércio mutuamente exclusivas, como ocorreu na década de 1930. Nesse cenário, a América Latina será, sem dúvida, novamente cortejada por seu vizinho, os Estados Unidos, que naturalmente desejarão que a região faça parte de sua esfera de comércio exclusiva. Se o passado serve de exemplo, os latino-americanos provavelmente aceitarão.

A identidade da América Latina está mudando. Recentemente, os latino-americanos têm revisitado algumas narrativas antigas sobre quem são. O desafio geral de criar sociedades diversas, porém inclusivas, não é tão diferente do que enfrentamos nos Estados Unidos. Quem pertence legitimamente à nação? Todos devem ser incluídos, e aqueles que não pertencem devem ser deportados! História, raça e religião sempre fazem parte dessa "discussão". E é uma discussão importante, porque nossa identidade nacional definirá quem somos no mundo.

Na América Latina, a história mais relevante para a identidade nacional é a da conquista e da escravidão. Os europeus representavam uma influência superior e civilizadora quando chegaram no século XVI, trazendo consigo tudo aquilo que as nações latino-americanas valorizam em si mesmas? Se sim, seus descendentes poderiam plausivelmente reivindicar um lugar de destaque na nação. No período pós-Guerra Fria, os povos indígenas da América Latina rejeitaram essa ideia com impressionante unanimidade. De insurreições como a dos novos zapatistas no México a convenções constitucionais em toda a região, os povos indígenas têm exigido reconhecimento de uma nova maneira. Isso se tornou um aspecto importante da construção nacional contemporânea.

Em 1992, o quinquagésimo aniversário da primeira viagem de Colombo tornou-se a ocasião específica para encontros e declarações indígenas. Compreensivelmente, o clima era de luto, e não de comemoração alegre. Em um encontro internacional em La Paz, Bolívia, representantes de povos indígenas amplamente dispersos — maias, Ñañú-Otomí, kuna, cherokee, quéchua, tarahumaras, aimarás, guaymí e nahuas, entre outros — declararam, sobre a gloriosa Descoberta da América: "Nossos sábios foram perseguidos, torturados, massacrados. Nossos livros e símbolos sagrados foram destruídos. Nosso ouro e prata, roubados. Nosso território, usurpado." Eles tinham razão. E era uma razão que poucos latino-americanos poderiam deixar de reconhecer.

Quer se reunissem no México, no Equador ou na Bolívia, os líderes indígenas exigiam terras suficientes para cultivar e uma parte justa dos benefícios governamentais. Mas, acima de tudo, pediam permissão para...

permanecerem eles mesmos, preservando sua língua, seus modos de vida e aspectos de sua autonomia política. Essas demandas colidiram com *mestiçagem*, a ideia de mistura racial e cultural que havia sido usada para formular identidades nacionais em torno da região no século XX.

Na década de 1930, a mestiçagem parecia uma ideia avançada em comparação com a supremacia branca. Como ideologia nacionalista, a mestiçagem era muito poderosa. Na primeira década do século XXI, gerações de ensinamentos nacionalistas haviam incutido na maioria dos latino-americanos um forte respeito pelos símbolos de suas origens mestiças. O nacionalismo mestiço, com sua ênfase na fusão racial e cultural, permaneceu a pedra angular das identidades nacionais onde quer que pessoas de ascendência indígena tivessem peso demográfico.
— especialmente México, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Os brasileiros também permaneceram extremamente entusiasmados com a ideia de *mestiçagem* (a versão deles da mesma coisa) como uma ideia nacional. Isso explica, pelo menos em parte, por que o Movimento Negro Unificado (MNU) do Brasil ainda não conseguiu mobilizar muitos negros brasileiros em torno da conscientização de sua identidade compartilhada como vítimas do racismo. Apontar a discriminação racial parecia "antipatriótico" em países que se declararam prematuramente democracias raciais.

O nacionalismo mestiço, em sua pior forma, funciona como uma negação ou encobrimento da discriminação. As frequentes alegações de que as sociedades latino-americanas transcenderam o racismo simplesmente não são verdadeiras. A pele escura, seja indígena ou africana, continua sendo uma desvantagem social. E mesmo em sua melhor forma, o nacionalismo mestiço ainda coloca a raça no centro, ou próximo ao centro, da ideia nacional. De acordo com a ideologia nacionalista no México e em outros lugares, por exemplo, um mestiço poderia ser considerado de alguma forma “mais mexicano”, racialmente, do que outros nascidos no México. A imagem do mestiço descreve muitos, talvez a maioria, dos latino-americanos, mas marginaliza outros. Na República Dominicana, por exemplo, a imagem da raça mista exclui pessoas de forte ascendência africana, especialmente imigrantes do Haiti, que parecem “negros demais para serem dominicanos”. No México, na América Central e nos Andes, exclui...

Os povos indígenas foram pressionados a “deixar de ser índios”, adotar uma identidade mestiça e se integrar à cultura dominante nacional. Os zapatistas maias e outros líderes indígenas do novo milênio resistiram à pressão para se aculturarem com renovada determinação. Na América Latina como um todo, contudo, em 2020, as pessoas que mantinham uma identidade indígena representavam apenas uma pequena porcentagem da população.

A América Latina sempre foi um prisma para as visões estadunidenses sobre raça, como este livro exemplificou. No período pós-Guerra Fria, as políticas raciais e étnicas na América Latina mostraram uma influência multiculturalista que refletia o clima geral no Ocidente. Mas o multiculturalismo mina o conceito básico de nacionalidade na maioria dos países latino-americanos. As identidades nacionais da região no século XX, organizadas em torno da ideia de mestiçagem racial e cultural, foram*não* multicultural, mas, na verdade, o oposto. A mestiçagem visava criar unidade.*não*sobre o fomento da diversidade. As identidades indígenas ou africanas eram honradas retrospectivamente, como ingredientes originais da mistura, mas não deveriam ser defendidas no presente nem preservadas para o futuro. O mestiço do século XX evocava uma espécie de estereótipo étnico nacional, “o mestiço”, cuja música, sotaque, culinária e fenótipo supostamente representavam toda a nação. Reduzida a essa caricatura, a ideia parece um tanto absurda.

Na prática, porém, a mestiçagem não é tão ruim quanto outros conceitos nacionais. Sua genialidade, aliás, reside em sua inclusão. Quando não reduzida a uma caricatura, a mestiçagem significa mais um processo contínuo do que um tipo racial específico. Na prática, resume-se à ideia de que todos fazem parte da mistura e que origens não brancas são aceitáveis. Apesar de suas desvantagens, o nacionalismo mestiço representou um avanço popular na política racial latino-americana durante a década de 1930 e ainda hoje exerce grande influência entre ricos e pobres, negros, brancos, indígenas e mestiços.

Assim, embora as sociedades latino-americanas estejam reconhecendo e valorizando mais a diversidade, elas não abandonaram as ideias nacionais baseadas em raça.

Quando uma nação é definida racialmente, alguém sempre será marginalizado. O pecado original da exploração social ainda não foi desfeito na América Latina. A hegemonia da raça e da cultura europeias permanece intacta. Caricaturas e estereótipos raciais repugnantes ainda mantêm uma surpreendente força.

Enquanto isso, a transculturação, esse motor dinâmico das identidades nacionais latino-americanas, continuou. Por exemplo, a capoeira, uma combinação afro-brasileira de dança e arte marcial, agora tem adeptos de todas as raças no Brasil e no mundo todo. Enquanto isso, na Bahia, um dos principais centros de desenvolvimento da capoeira, jovens negros brasileiros adotaram tanto o reggae jamaicano quanto a soul music americana como suas, enquanto no Rio de Janeiro, os jovens das favelas têm sua própria versão do rap. Variantes de religiões da África Ocidental, incluindo o Candomblé brasileiro e seu primo, a Santería cubana, conquistaram muitos novos fiéis, negros e brancos, desde o final do século XX. Essas religiões incluem um panteão de deuses, cada um associado a qualidades específicas, de forma semelhante à religião da Grécia Antiga. Por exemplo, surfistas adolescentes na Bahia, Brasil, agora costumam se colocar nas mãos de Iemanjá, deusa do mar, enquanto remam em direção às ondas. Outra religião em rápido crescimento, a Umbanda, combina livremente elementos africanos e europeus para produzir algo exclusivamente brasileiro. As cerimônias de Candomblé e Umbanda incluem momentos de possessão espiritual, quando os praticantes se sentem possuídos por forças invisíveis. No Candomblé tradicional, essas forças são interpretadas como deuses da África Ocidental. Na Umbanda, no entanto, a maioria são espíritos brasileiros, incluindo os espíritos de povos indígenas e escravos africanos. Muitos novos convertidos, especialmente à Umbanda, são de classe média e brancos.

Outra onda de mudança religiosa que transforma a América Latina hoje, muito maior em termos numéricos, é a ascensão do protestantismo, notadamente no Brasil, mas também em outros lugares, do Chile à Guatemala. Entre os grupos protestantes que mais crescem estão os pentecostais e outras denominações cristãs evangélicas originárias dos Estados Unidos. Após quatro séculos em que praticamente todos na América Latina estavam na fé, o protestantismo finalmente se expandiu.

Embora pelo menos nominalmente católicos, alguns países em breve terão um quarto ou mais de sua população protestante. Apenas cerca de 70% dos latino-americanos se identificam atualmente como católicos. Enquanto os missionários plantaram a semente original desse crescimento, o cristianismo evangélico está agora totalmente integrado e atuante na América Latina. A Igreja Mórmon envia provavelmente as ondas mais consistentes e persistentes de jovens missionários de boa aparência. A teologia da libertação continuou a perder força após a Guerra Fria, mas não há sinais de que a energia religiosa dos católicos latino-americanos vá diminuir, eles que canonizam informalmente ídolos da cultura pop falecidos e deixam oferendas de faróis em altares à beira da estrada. E agora o papa é um argentino conhecido por sua modéstia, tolerância e lealdade inabalável ao time de futebol San Lorenzo.

Não, não é mais a América Latina dos seus pais, como eu disse emcapítulo 1 , citando o quanto mudou desde a Guerra Fria. No geral, a vida na América Latina se assemelha mais à vida nos Estados Unidos do que antes. Houve uma notável americanização de atitudes, práticas, instituições e cultura material. Além disso, existe uma interconexão hemisférica muito maior do que antes e a sensação de que tanto o Norte quanto o Sul enfrentam desafios globais.

Consideremos os desafios ambientais da América Latina. Praias intocadas, florestas primárias e inúmeras espécies estão desaparecendo, assim como em todos os outros lugares. E o maior desafio, o aquecimento global, é justamente aquele que todos enfrentamos. A devastação ambiental é o resultado inevitável do desenvolvimento capitalista, aparentemente, e é pior nos países em desenvolvimento do que nos desenvolvidos, porque evitá-la ou solucioná-la é caro. Além disso, permitir que as fábricas poluam é uma forma de atrair corporações multinacionais para a América Latina. A área de produção maquiladora ao longo da fronteira do México com os Estados Unidos constitui um exemplo bem conhecido.

A questão ambiental mais notória da América Latina desde a Guerra Fria diz respeito à floresta amazônica. Uma parcela significativa da floresta já havia sido destruída antes mesmo de se tornar um problema.

No final da década de 1980, a Amazônia era enorme, ocupando atualmente cerca de um terço do território nacional brasileiro, além de partes da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Continua sendo, de longe, a maior floresta tropical do mundo. A atividade humana praticamente não afetou a floresta amazônica até a década de 1960. Ela permaneceu lar de povos indígenas dispersos, com alguns colonos ao longo dos principais rios, muitos deles descendentes de seringueiros que chegaram por volta de 1900. Então, nas décadas de 1960 e 1970, o governo militar brasileiro lançou um grande projeto de desenvolvimento financiado pelo Banco Mundial após o outro na floresta amazônica, explorando-a para extração de madeira, abrindo rodovias, promovendo projetos de mineração em larga escala (ferro, ouro, manganês, níquel, cobre, bauxita) que a devastaram e construíram gigantescas barragens hidrelétricas que inundaram milhares de quilômetros quadrados da floresta. A poluição por mercúrio, um subproduto altamente tóxico da mineração de ouro, chegou aos cursos d'água da Amazônia em quantidades enormes. O governo militar brasileiro estava particularmente interessado em povoar as remotas fronteiras amazônicas do país, que considerava um risco à segurança, com "brasileiros de verdade" em vez de indígenas. Na Amazônia equatoriana, a perfuração de petróleo causou devastação. As tribos indígenas foram dizimadas por doenças. Algumas desapareceram completamente em poucos anos.

RESÍDUOS DE MINERAÇÃO. Uma onda de lama tóxica invadiu esta vila brasileira quando uma barragem se rompeu em 2015. A devastação associada à mineração afeta muitos países da América Latina. A mineração de ouro, que contamina os cursos d'água com mercúrio, está entre as mais devastadoras.

Ainda assim, os governos brasileiro e equatoriano estavam determinados a explorar os recursos da Amazônia. Afinal, como salientaram, as ricas terras agrícolas do Centro-Oeste dos Estados Unidos já haviam sido, em sua maioria, florestadas e habitadas por povos indígenas. Mas as florestas tropicais não são como outras florestas. Um dos habitats mais antigos do mundo, as florestas tropicais desenvolveram uma biodiversidade inigualável em qualquer outro lugar do planeta. Mais do que em qualquer outro lugar, as extensas redes de relações simbióticas tornam os organismos das florestas tropicais superespecializados e intrincadamente interdependentes.

A interdependência, por sua vez, torna os ecossistemas das florestas tropicais particularmente frágeis. Quando grandes áreas da floresta são desmatadas, algumas espécies de árvores voltam a crescer, mas a biodiversidade original se perde permanentemente.

Outro tipo de fragilidade provém do solo fino da Amazônia, que é rapidamente erodido pelas chuvas torrenciais quando desprovido da cobertura vegetal protetora. Como resultado, a terra desmatada sofre erosão rapidamente e torna-se praticamente inutilizável.

UM COLONO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA. Queimar a floresta tropical é uma forma de desmatá-la para a agricultura ou, mais frequentemente, para a criação de gado. É improvável que as terras desmatadas na Bacia Amazônica mantenham sua fertilidade por mais de alguns anos. Outras ameaças à floresta incluem a mineração e a exploração madeireira, geralmente para exportação.

Na década de 1980, quando cerca de 15.500 quilômetros quadrados da floresta desapareciam anualmente em nuvens de fumaça do tamanho da Bélgica, as consequências desastrosas do desenvolvimento da Amazônia tornaram-se evidentes. Rondônia, um estado do oeste brasileiro que faz fronteira com a Bolívia, era o grande modelo de colonização agrícola do governo brasileiro. Mas mesmo quando as terras eram destinadas a colonos pobres de outras partes do Brasil, que chegavam às centenas de milhares a cada ano, a colonização da Amazônia raramente funcionava. Os aspirantes a colonos

Havia grandes expectativas, mas pouco preparo, e menos de um décimo de Rondônia acabou se revelando terra cultivável adequada. Sob os governos democráticos do pós-Guerra Fria, a destruição diminuiu, mas não cessou. A maioria dos colonos agrícolas desistiu após apenas dois ou três anos. Seus lotes foram frequentemente comprados por fazendeiros ricos.

A pecuária, que utiliza grandes extensões de terra e emprega poucas pessoas, é responsável por grande parte do desmatamento na Amazônia. Os pecuaristas são frequentemente especuladores em larga escala para quem a pecuária é um empreendimento comercial, e não um modo de vida. Geralmente, vivem em cidades, trabalham em escritórios com ar-condicionado e deixam a administração da fazenda a cargo de funcionários terceirizados. Compram enormes extensões de terra, desmatam-nas com tratores, criam gado até que o solo degradado e a vegetação rasteira não consigam mais sustentar nem mesmo o gado, depois vendem a terra e vão embora. Afinal, o objetivo deles é ganhar dinheiro.

Entretanto, todas as empresas extrativistas em expansão recente deixam uma pegada ambiental considerável e levantam questões de sustentabilidade. Mesmo o notável crescimento do cultivo de soja no Brasil é uma "revolução verde" que parece consumir recursos em excesso para durar muito tempo. O capitalismo global opera em uma perspectiva de curto prazo na América Latina, como em qualquer outro lugar.

Se compreender a América Latina sempre foi um desafio para nós nos Estados Unidos, talvez esse desafio esteja se tornando mais fácil. Afinal, cada vez mais latino-americanos estão*nós*Nos Estados Unidos, um país com maior índice de imigração desde o início do século XX, os latino-americanos são os imigrantes mais numerosos. Pessoas de ascendência latino-americana compõem hoje o maior grupo minoritário do país, representando quase um quinto da população total. Mexicanos e mexicano-americanos no sudoeste, porto-riquenhos e dominicanos em Nova York e cubanos na Flórida formam comunidades grandes e influentes. Bem mais da metade de todos os latinos nos EUA são de ascendência mexicana, mas latino-americanos de muitos outros países podem ser encontrados em todo o território americano. É importante reconhecer que os latinos nos EUA estão divididos por nacionalidade, raça e origem.

linhas étnicas. Na verdade, o termo abrangente*Latino*Isso significa pouco fora dos Estados Unidos. Somente aqui mexicanos, porto-riquenhos e bolivianos, unidos pela língua espanhola, começam a se enxergar como latinos. E os brasileiros, em geral, não se identificam como latinos, nem mesmo nos Estados Unidos.

A imigração da América Latina está mudando a cultura dos EUA. Publicações em espanhol são abundantes. Existem canais de televisão em espanhol. Supermercados por todo o país vendem tortillas, coentro e banana-da-terra. Pequenas "tiendas mexicanas", frequentadas por trabalhadores rurais, pontilham o sul rural. O gosto de todos está mudando. As vendas de salsa picante ultrapassaram as de um antigo favorito americano, o ketchup. Outro tipo de salsa, a música de dança fabulosamente polirrítmica, nasceu de pais cubanos em Nova York e se disseminou de lá por toda a bacia do Caribe. A salsa ainda está além da capacidade da maioria dos dançarinos americanos. Felizmente, a imigração dominicana trouxe o merengue e a bachata e, depois (do Panamá e de Porto Rico), veio o reggaeton, músicas com ritmo mais direto, mais fáceis para os dançarinos americanos aprenderem. Mais recentemente, temos aprendido a mais difícil das danças latino-americanas, o tango.

A imigração em larga escala também traz desafios. À medida que dezenas de milhares de pessoas atravessavam o deserto em busca de trabalho e uma vida melhor para si e suas famílias nos Estados Unidos, diversos problemas surgiam durante a travessia e no destino. Grande parte da recente onda migratória se dirigiu a locais que antes recebiam poucos imigrantes, especialmente estados do sudeste como Carolina do Norte e Carolina do Sul, transformando drasticamente o panorama cultural de muitas pequenas cidades despovoadas. Em um mundo conflituoso e repleto de incertezas, as transformações provocadas pela imigração acelerada geram reações de medo, e oportunistas políticos de diversas matizes exploram esses temores. O resultado não é nada bonito. Inclui apelos por uma cerca de fronteira gigantesca para impedir a entrada dos imigrantes. Inclui leis que determinam a deportação sistemática daqueles que já estão aqui. Às vezes, inclui a busca por bodes expiatórios entre os imigrantes (como se eles fossem culpados).

eram pessoalmente responsáveis pelas realidades econômicas globais que impulsionam sua migração) e tentavam limitar o acesso à saúde e à educação a eles e a seus filhos. Fanáticos se voluntariam para patrulhar a fronteira pessoalmente e manter a vigilância por meio de câmeras remotas que podem ser monitoradas pela internet, no conforto de suas salas de estar. Tudo isso parece antiamericano. Mas, é claro, não é. Afinal, o que poderia ser mais americano do que ser imigrante e, depois de algumas décadas, temer a imigração e reagir contra ela? É um processo conturbado, mas nenhum lugar consegue fazê-lo funcionar, no fim das contas, como os Estados Unidos da América.

WE BELIEVE
IN AMERICA
DOES AMERICA
BELIEVE
IN US?
YOU
IMMIGRANT

A FAVOR DA IMIGRAÇÃO. Manifestações pró-imigração em massa, como esta em Chicago, foram uma resposta às iniciativas anti-imigração na primeira década do novo milênio. Elas cessaram à medida que a reação anti-imigração se tornou um tema central do populismo de direita nos Estados Unidos e em outros lugares.

Devido à Grande Recessão de 2008-2010, a imigração líquida da América Latina praticamente zerou. Alguns migrantes chegaram, mas muitos outros partiram. Além disso, imigrantes indocumentados que antes viajavam anualmente para visitar familiares passaram a permanecer nos Estados Unidos. Após 2014, a principal questão imigratória passou a envolver menores desacompanhados que começaram a migrar em grande número de Honduras, Guatemala e El Salvador, atravessando o México principalmente pulando em trens de carga, como faziam os andarilhos durante a Grande Depressão nos Estados Unidos.

O principal fator que impulsionou essa estranha migração foram as gangues de rua violentas nos países de origem dos jovens.*maras*As maras, como são chamadas, são gangues de rua que traficam drogas e usam tatuagens características. Jovens imigrantes as formaram nos Estados Unidos anos atrás, adotando o estilo e a ética de gangues já existentes no país. Deportados dos Estados Unidos, levaram consigo suas identidades de gangue, e as maras se espalharam rapidamente. Em Honduras, Guatemala e El Salvador, as maras extorquiam dinheiro ameaçando crianças com violência e, em seguida, organizando, por milhares de dólares, sua árdua fuga para os Estados Unidos. Os jovens que sobreviviam à odisseia eram detidos e presos indefinidamente pelo crime de entrar no país sem visto (ou passaporte). Às vezes, eram mantidos em centros de detenção privados que tinham interesse em mantê-los presos. Em alguns casos, os centros de detenção até mesmo usavam esses menores como mão de obra barata para gerar ainda mais lucro.

O tráfico criminoso que dinamizou as maras da América Central também tem causado estragos no México. Basicamente, trata-se de uma luta para abastecer o voraz mercado americano de drogas ilícitas, incluindo o fentanil.

Metanfetamina, maconha, cocaína e heroína. Vários cartéis competem pelos direitos de distribuição e, como seus negócios são ilegais, a disputa se dá com balas e bombas. A violência se intensificou à medida que diversos cartéis contrataram mercenários com treinamento de forças especiais, incluindo guerra "psicológica". Decapitações tendem a intimidar a concorrência, entende? Os lucros exorbitantes são o que alimentam a violência, e o mercado ilegal é o que gera esses lucros. Em toda a América Latina, as leis antidrogas estão sendo flexibilizadas para reduzir a lucratividade do tráfico.

NA FRONTEIRA. Migrantes que buscam entrar nos Estados Unidos aguardam em Ciudad Juárez em 2023. O número de potenciais imigrantes aumentou drasticamente em 2020, após ter diminuído nas duas décadas anteriores.

Focar em particularidades locais não é a melhor maneira de compreender as questões migratórias. Na década de 2020, a migração é um fenômeno global com causas globais. A principal causa do aumento da migração é a própria globalização. A criação de um mercado global tem

Isso levou, mais ou menos automaticamente, à movimentação de capital, informação, bens e mão de obra. É verdade que alguns dos milhões de emigrantes da América Latina estão fugindo de calamidades políticas. As maras da América Central já foram mencionadas nesse sentido. A Venezuela e o Haiti, a caminho de se tornarem estados falidos, produziram milhões de refugiados nos últimos anos. O mesmo ocorreu com a guerra contra as drogas na Colômbia. Assim como a enorme maioria dos migrantes globais, porém, a enorme maioria dos migrantes latino-americanos busca emprego.

MIGRANTES QUE BUSCAM ASILO. As pessoas que buscam asilo nos Estados Unidos são processadas e enviadas para centros de detenção caso consigam chegar em território americano. Nos últimos anos, muitas vêm de países mais distantes que o México.

A maior parte dos migrantes latino-americanos se deslocou em direção aos Estados Unidos, onde, apesar da raiva alimentada pela retórica nacionalista, sua mão de obra é muito necessária. Milhões de outros foram em busca de melhores condições de vida na Europa. Espanha, Portugal e Itália têm sido seus principais destinos. Esses migrantes são

Incentivado por semelhanças culturais, incluindo idioma e religião, e também por suas próprias histórias familiares, muitos migrantes para a Espanha, Portugal e Itália estão refazendo os passos de seus bisavós que imigraram para a América Latina vindos desses países no início do século XX. Uma vez que obtêm a cidadania em um país da União Europeia, eles também podem buscar emprego em outros. Outro fluxo migratório interno de longa data, que leva trabalhadores, começa em países andinos como o Peru ou a Bolívia e alimenta economias mais desenvolvidas como as da Argentina e do sul do Brasil.

A emigração latino-americana disparou na véspera da pandemia de coronavírus de 2020, despencou quando o vírus se espalhou pelo Hemisfério Ocidental e voltou a disparar depois. A única certeza sobre o futuro da migração latino-americana é que as perturbações econômicas causadas pelas mudanças climáticas tendem a aumentá-la. Fora isso, o futuro dessa região do mundo culturalmente rica e economicamente dinâmica provavelmente nos surpreenderá a todos. Os acontecimentos políticos na América Latina, quando comparados à disfunção, ao autoritarismo e à demagogia nacionalista desenfreada em outras regiões do mundo, dão motivos para otimismo. Mas precisamos torcer para que isso aconteça.

REVISÃO DO CAPÍTULO

TERMOS E VOCABULÁRIO PRINCIPAIS

FMI ,pág. 339

NAFTA ,pág. 340

maquiladora ,pág. 340

MERCOSUL ,pág. 340

“nova curva à esquerda” ,pág. 343

Lula ,pág. 344

Evo Morales ,pág. 347

Gustavo Petro ,pág. 350

Banco Mundial ,pág. 359

Amazônia ,pág. 359

latinos ,pág. 362

maras ,pág. 365

QUESTÕES DE ESTUDO

1. O que é neoliberalismo e qual a sua relação com o liberalismo tradicional?
2. Como o neoliberalismo obteve tamanha aceitação após a Guerra Fria?
3. Como as economias latino-americanas evoluíram na nova era da globalização?
4. Quais são os novos desafios que os países da América Latina enfrentarão nos próximos anos?
5. O que caracterizou os presidentes da “nova guinada à esquerda” do início do século XXI?

Glossário

NAFTA

O Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) eliminou as barreiras comerciais em 1994 entre os Estados Unidos, o Canadá e o México, tornando a América do Norte a maior zona de livre comércio do mundo.

maquiladora

Uma fábrica de montagem que utiliza mão de obra barata, principalmente mulheres pobres, para montar peças importadas. Tarifas baixas facilitam a produção nas maquiladoras.

MERCOSUL

Uma zona de livre comércio inaugurada na década de 1990 pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

“nova curva à esquerda”

Uma tendência geral na política latino-americana, no alvorecer do século XXI, de afastamento das políticas neoliberais de supremacia do livre mercado, revivendo as tradições nacionalistas de meados do século XX.

Lula

Luiz Inácio da Silva, também conhecido como “Lula”, foi presidente do Brasil de 2003 a 2011. Metalúrgico e líder sindical antes de fundar o Partido dos Trabalhadores (PT), ele venceu a presidência na quarta tentativa.

Evo Morales

Presidente da Bolívia eleito em 2006, o primeiro indígena a ocupar a presidência desse país de maioria indígena. Morales iniciou sua carreira política combatendo os esforços, inspirados pelos EUA, para erradicar o cultivo ancestral da coca no país.

Gustavo Petro

Um guerrilheiro urbano em sua juventude, foi eleito democraticamente o primeiro presidente socialista da Colômbia em 2022.

Amazônia

A bacia do rio Amazonas, que contém a maior floresta tropical do mundo, ocupa partes da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e, principalmente, do Brasil.

latinos

Um termo abrangente que designa a população de língua espanhola dos Estados Unidos. Os latinos constituem a maior população imigrante dos EUA, sendo que mais da metade de todos os latinos são de ascendência mexicana.

maras

Gangues de rua violentas de Honduras, Guatemala e El Salvador que traficam drogas e são identificáveis por suas tatuagens características. Durante a recente queda na imigração para os Estados Unidos, as maras foram responsáveis por um aumento na chegada de jovens que fogem da violência das gangues na América Central.

FMI e Banco Mundial

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial são instituições importantes que ajudaram a reorganizar o financiamento internacional após a Segunda Guerra Mundial. Eles foram fundamentais para as políticas neoliberais conhecidas, na América Latina, como "Consenso de Washington".

FMI e Banco Mundial

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial são instituições importantes que ajudaram a reorganizar o financiamento internacional após a Segunda Guerra Mundial. Eles foram fundamentais para as políticas neoliberais conhecidas, na América Latina, como "Consenso de Washington".

GLOSSÁRIO

de
Língua estrangeira
Termos e conceitos-chave

Guerra de 1898Guerra Civil Americana: uma guerra declarada pelos Estados Unidos contra a Espanha que resultou na invasão de Porto Rico, Cuba e das Filipinas. A guerra durou menos de um ano devido à fragilidade das forças espanholas. Publicamente justificada como um resgate heroico do povo cubano, a guerra fez parte de uma estratégia geopolítica mais ampla para garantir ligações navais transoceânicas.

Salvador AllendeAllende foi eleito presidente do Chile em 1970. Ele propôs um "caminho chileno" para o socialismo, bastante diferente da luta armada proposta por Che Guevara. Allende acabou sendo deposto por um golpe militar apoiado pelos Estados Unidos.

Aliança para o ProgressoProposto pelo presidente Kennedy, este foi um programa de ajuda concebido para conter a agitação revolucionária na América Latina após o sucesso da Revolução Cubana. No entanto, na década de 1970, o programa fracassou.

AmazôniaA bacia do rio Amazonas, que contém a maior floresta tropical do mundo, ocupando partes da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e, principalmente, do Brasil.

Americanos(Spa. e Port.): termo nativista usado durante as guerras de independência para sugerir uma aliança natural entre todas as pessoas nascidas na América contra os espanhóis e portugueses.

APRAA Aliança Popular Revolucionária Americana foi um movimento político peruano que visava impedir o imperialismo econômico na América Latina. Embora não tenha obtido sucesso como um movimento internacional.

O movimento, com seu programa de resgate das raízes indígenas, teve um impacto duradouro no Peru.

Jacobo ArbenzPresidente da Guatemala que implementou reformas progressistas antes de ser deposto por uma força paramilitar apoiada pelos EUA em 1954.

Império AstecaImpério mesoamericano que se estendia pelo Vale Central do México, unindo numerosos pequenos estados independentes sob um único monarca. No final do século XV, o Império Asteca pode ter governado até 25 milhões de pessoas. Em 1521, foi conquistado pelo conquistador Hernán Cortés.

bandeirantes(Port.): os saqueadores nômades da fronteira do Brasil colonial, baseados principalmente em São Paulo. Sua principal atividade era a caça de escravos.

Baía dos PorcosOperação fracassada da CIA que, em abril de 1961, mobilizou um grupo de rebeldes cubanos para derrubar o regime comunista de Fidel Castro.

Simón Bolívar: o maior líder das lutas pela independência da América Latina, chamado de "o Libertador" na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

Reformas Bourbon e PombalinaReformas iniciadas pela dinastia Bourbon da Espanha e pelo ministro real Marquês de Pombal em Portugal, que buscavam reforçar o controle sobre suas colônias no Novo Mundo no século XVIII.

"Milagre" brasileiroO boom econômico do Brasil no final da década de 1960 e início da década de 1970, durante o período de regime militar, foi marcado pelo aumento do investimento estrangeiro, canalizado pelos militares para projetos de desenvolvimento como mineração, transporte, siderurgia e refino de petróleo.

Cabeza de VacaExplorador espanhol do início do século XIX que descreveu povos não sedentários que viviam no Texas e no norte do México.

Cabildo (Spa., equivalente a *Isso acontece* em Port.): o conselho municipal, uma das instituições mais importantes do governo colonial. Por volta de 1810, no início das guerras de independência da América espanhola, reuniões abertas do conselho municipal (*cabildos abiertos*) constituíram passos iniciais rumo à autoridade independente.

Canudos Canudos foi uma localidade no nordeste do Brasil, liderada pelo "profeta" Antônio Conselheiro, que resistiu à autoridade da recém-formada República Brasileira na década de 1890. Em 1897, o governo federal destruiu Canudos para restabelecer a ordem, massacrando a maioria de seus habitantes.

Lázaro Cárdenas Presidente nacionalista revolucionário do México de 1934 a 1940, que conquistou o respeito da população ao percorrer o interior do país, sua região de origem. Durante seus seis anos no cargo, distribuiu terras, apoiou organizações trabalhistas e, principalmente, supervisionou a nacionalização do petróleo mexicano em 1938.

sistema de castas Casta: uma hierarquia social codificada em lei e baseada em características herdadas, reais ou imaginárias. O sistema de castas colonial da América Latina correspondia, em linhas gerais, ao que chamamos de raça. Casta pode ser utilmente contrastada com classe, que se baseia mais em fatores socioeconômicos.

Guerra de Castas de Yucatán A mais longa rebelião indígena da América Latina no século XIX. O povo maia se insurgiu, inspirado por mensagens religiosas proféticas de uma cruz falante, para purificar suas terras de intrusos brancos e mestiços. Eles se autodenominavam Cruzob, um termo maia/espanhol que significa "povo da cruz".

Fidel Castro Em 1959, seu regime comunista chegou ao poder em Cuba após dois anos de guerra de guerrilha contra o ditador Fulgencio Batista. Ele implementou programas de redistribuição de terras e nacionalizou todas as propriedades estrangeiras. Esta última ação, assim como seus julgamentos políticos e execuções sumárias, prejudicaram as relações entre Cuba e os Estados Unidos.

caudilho (Spa.): um líder político forte que comanda a lealdade pessoal de muitos seguidores. Meados do século XIX foi o auge de *caudilismo* Embora o Brasil também tenha tido líderes fortes, *caudilismo* teve uma atuação mais incisiva na América espanhola.

Científicos: ver *Porfiriato*.

clientes Em termos políticos, *clientes* receber benefícios (como proteção ou emprego governamental) de um *patrono* em troca de sua lealdade (em guerras civis ou eleições, por exemplo).

vantagem comparativa: um conceito promovido por economistas liberais de livre mercado. Se cada produtor se especializa naquilo que produz com *vantagem comparativa* Teoricamente, o livre comércio cria benefícios máximos para todos os envolvidos. Os economistas nacionalistas tinham uma contra-estratégia, a ISI (Industrialização por Substituição de Importações).

núcleo/periferia: um conceito analítico usado para avaliar a geografia de grandes sistemas sociais. As áreas centrais das colônias espanholas e portuguesas (por exemplo, México, Peru e nordeste do Brasil) eram definidas por suas grandes populações e produtos de exportação lucrativos. As áreas periféricas eram mais pobres e atraíam menos colonos. Um conceito análogo, *centro/periferia*, é aplicada à geografia das relações econômicas internacionais.

costumbrismo (Spa.): uma forma artística e literária dedicada a retratar (e, portanto, definir) os costumes e modos de vida nacionais em meados do século XIX.

crioulo (equivalente de *crioulo* (Spa.): uma pessoa de ascendência espanhola nascida no Novo Mundo. Os brasileiros de ascendência portuguesa tendiam a ser chamados simplesmente de portugueses. *brasileiros* Veja também *Peninsular*.

Hernán Cortés O conquistador espanhol que conquistou o Império Asteca e estabeleceu o precedente para outros conquistadores saqueadores.

Crise dos Mísseis de CubaO impasse entre os EUA e a União Soviética durou treze dias em outubro de 1962, desencadeado pela descoberta de instalações de mísseis soviéticos em Cuba; a crise foi o momento em que o mundo esteve mais perto de uma guerra nuclear desde 1945.

Revolução CubanaLiderada por Fidel Castro, com notável participação de Che Guevara, esta foi a revolução mais influente da América Latina no século XX. Logo após seu triunfo em 1959, a Revolução Cubana aliou-se à União Soviética, tornando Cuba a nêmesis latino-americana dos Estados Unidos pelo meio século seguinte.

Rubén Darío: um escritor mestiço nicaraguense que se tornou um dos maiores poetas de língua espanhola no início do século XX. Ele foi uma das principais vozes de protesto contra as intervenções dos EUA na América Latina neocolonial.

Porfirio Díaz: governante autoritário do México no final do século XIX.

pessoas decentes: a frase*gente decente*(Spa.) foi usado especialmente no século XIX para separar famílias prósperas de sangue e cultura europeias da maioria pobre de pessoas indígenas, africanas ou de ascendência mista (coletivamente chamadas de*povoado*na América espanhola e*povo*no brasil).

guerra suja: o*guerra suja*(Espanha) foi uma campanha de terror conduzida pelos militares argentinos contra guerrilheiros de esquerda e seus simpatizantes (reais e imaginários) na década de 1970. Campanhas semelhantes, porém de menor escala, foram realizadas simultaneamente pelos militares chilenos, uruguaios e brasileiros.

ECLAA Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) foi criada pelas Nações Unidas e liderada pelo economista argentino Raúl Prebisch no período pós-Segunda Guerra Mundial. A CEPAL defendeu uma política econômica "desenvolvimentista" em contraposição à teoria liberal clássica da "vantagem comparativa".

dependência econômica Uma teoria que afirma que a economia global está dividida em duas partes: o centro e a periferia. O centro (principalmente a Europa e os Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960) era industrializado e rico, enquanto a periferia era pobre e economicamente dependente do centro.

ejido (Spa.): terras comuns pertencentes a uma cidade ou vila. A Revolução Mexicana restaurou e criou, notoriamente, terras comuns. *ejidos* durante a reforma agrária das décadas de 1920 e 1930.

El Mozote Uma pequena vila em El Salvador que foi palco de um ataque anticomunista, com apoio dos EUA, durante a revolta da FMLN na década de 1980. A vila foi erroneamente considerada uma base guerrilheira. Os moradores massacrados eram, na verdade, cristãos evangélicos.

enclave: uma área isolada, de alguma forma, do seu entorno. Na história da América Latina, a mais famosa *enclaves* foram criadas por interesses econômicos externos, como empresas de mineração e de banana.

encomienda (Spa.): uma instituição pela qual grupos de povos indígenas eram legalmente "confiados" a um conquistador espanhol com a obrigação de lhe pagar trabalho e/ou tributo. Em troca, o detentor da encomienda (o *encomendero*) tinha como objetivo fornecer instrução na religião cristã.

Encontro Anteriormente chamado de "A Descoberta da América", o Encontro marca o momento em que o mundo dos nativos americanos colidiu com o mundo dos europeus, afetando e mudando ambos os mundos para sempre.

Estado Novo (Port. de "Estado Novo"): o regime brasileiro criado por Getúlio Vargas, 1937–45. O programa de industrialização e a expansão geral das atividades governamentais do Estado Novo foram típicos dos movimentos nacionalistas de meados do século XX.

FMLN A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, o exército guerrilheiro que desafiou o governo na guerra civil de El Salvador.

Década de 1980. Em 1992, a FMLN assinou um tratado de paz, desmobilizou-se e tornou-se um partido político de esquerda que existe até hoje.

focos Pontos focais da atividade guerrilheira destinados a criar condições revolucionárias em áreas adjacentes. Che Guevara foi o principal expoente dessa estratégia (chamada de *foco*) na América Latina.

lei do "nascimento livre" Lei aprovada no Brasil em 1871. Ela libertou as crianças nascidas de mães escravizadas após aquele ano, mas estipulou que as crianças "livres" ainda teriam que servir aos donos de suas mães até atingirem a idade adulta.

fueros (Spa.): um termo para privilégios legais especiais tradicionalmente concedidos ao clero e aos oficiais militares. No México do século XIX, *fueros* Tornou-se um importante ponto de discórdia, atacado pelos liberais e defendido pelos conservadores.

PNB, PIB Existem duas medidas semelhantes da atividade econômica nacional total: o Produto Nacional Bruto e o Produto Interno Bruto. O primeiro é uma medida mais abrangente, que inclui os lucros das empresas que operam no exterior.

Política de Boa Vizinhança A abordagem não intervencionista do presidente Franklin Roosevelt em relação à América Latina durante a década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial. FDR acreditava que os Estados Unidos precisavam de amigos e aliados na América Latina para enfrentar a crise global da depressão e da guerra.

Juana Manuela Gorriti Escritora argentina do século XIX, uma das poucas mulheres latino-americanas cujo talento lhe rendeu fama na década de 1800. Os escritos de Gorriti eram instrutivos e frequentemente abordavam questões femininas, em vez de serem escandalosos.

João Goulart: presidente do Brasil, seguindo a tradição Vargas de populismo trabalhista, deposto por um golpe militar em 1964.

o grande boom das exportações: uma explosão nas exportações no final do século XIX, geralmente de uma única cultura por país, que levou a um crescimento econômico rápido e sustentado (mas*não*desenvolvimento industrial) na América Latina.

guanoExcremento de morcegos e aves marinhas que serve como fertilizante de alta qualidade, famoso por impulsionar um "boom de exportação de guano" em meados do século XIX no Peru.

Che GuevaraChe Guevara foi um estudante de medicina argentino cuja participação na Revolução Cubana o tornou um dos mais famosos revolucionários latino-americanos. Em Cuba, Che desenvolveu uma teoria de guerra de guerrilha e morreu tentando implementá-la posteriormente na Bolívia.

fazenda(Spa.): uma grande propriedade pertencente a uma família, geralmente de ascendência espanhola. Em contraste com*plantações*(como as plantações de cana-de-açúcar brasileiras, por exemplo), muitas fazendas não produziam culturas lucrativas para exportação.

Revolução HaitianaA grande revolta de escravos liderada por Toussaint L'Ouverture, que começou na colônia francesa do Haiti em 1791 e resultou na eliminação da escravidão e na fundação da República do Haiti.

hegemoniaHegemonia é um princípio básico de controle social, no qual uma classe dominante exerce domínio ideológico sobre as demais, com o mínimo de força física, fazendo com que seu domínio pareça natural e inevitável. A hegemonia geralmente envolve algum grau de negociação.

Miguel HidalgoLiderou o primeiro levante pela independência do México em 1810.

IbériaA península que define o extremo sudoeste da Europa, separada da França pelos Pirenéus. Tanto os espanhóis quanto os portugueses são *ibéricos*, portanto, esse termo é frequentemente usado para discutir a presença colonial combinada deles na América.

FMI e Banco Mundial O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial são instituições importantes que ajudaram a reorganizar o financiamento internacional após a Segunda Guerra Mundial. Eles foram fundamentais para as políticas neoliberais conhecidas, na América Latina, como "Consenso de Washington".

Império Inca Império de governantes de língua quéchua no vale andino de Cuzco, que abrangia uma população de 4 a 6 milhões de habitantes. Eles foram conquistados pelo conquistador Francisco Pizarro em 1533.

indigenismo (Spa.): um movimento literário, artístico e político que começou no final do século XIX, mas que é mais característico do nacionalismo do século XX, que honrava a herança indígena, mas se concentrava na assimilação dos povos indígenas à vida nacional.

Isabel de Castela Rainha de Castela, um reino localizado no centro da atual Espanha. Na década de 1490, ela financiou as explorações de Cristóvão Colombo.

ISI, Industrialização por Substituição de Importações A industrialização industrial (ISI, na sigla em inglês) consistiu na criação de indústrias nacionais para fornecer produtos anteriormente importados. A ISI ocorreu na América Latina principalmente em meados do século XX, impulsionada por interrupções no comércio internacional e por políticas econômicas nacionalistas.

Rei João Rei do Brasil, cuja corte no Rio de Janeiro se tornou o centro político do mundo lusófono em 1808. Ele foi o único monarca europeu a reinar na América.

Benito Juárez O grande presidente do México no século XIX, de ascendência totalmente indígena; sua luta mais famosa foi contra o imperador fantoche francês do México, Maximiliano.

Frida Kahlo Esposa politicamente engajada do famoso muralista Diego Rivera, ela foi uma importante pintora mexicana de meados do século XX por mérito próprio.

Bartolomé de Las Casas: um missionário católico que renunciou à prática espanhola de conversão coercitiva de indígenas e defendeu um tratamento melhor para eles. Em 1552, ele escreveu*Breve relato da destruição das Índias* , que descrevia o tratamento cruel que a Espanha dispensava aos índios.

latinosLatinos: um termo abrangente que designa a população de língua espanhola dos Estados Unidos. Os latinos constituem a maior população imigrante dos EUA, sendo que mais da metade de todos os latinos são de ascendência mexicana.

legitimidade: uma qualidade dos governos geralmente reconhecida como adequada e legal por aqueles que eles governam.

Imperatriz LeopoldinaLeopoldina, esposa de Pedro I, desempenhou um papel crucial em convencer Pedro a declarar a independência do Brasil. Sua morte, devido a complicações na gravidez, abriu caminho para a queda de Pedro I.

liberalismo: um conjunto de ideias políticas, com ênfase em*liberdades*de diversas naturezas civis, políticas e econômicas. O liberalismo latino-americano focou-se em modelos europeus e, posteriormente, estadunidenses.

teologia da libertaçãoUm movimento popular pequeno, porém influente, dentro da Igreja Católica Latino-Americana, que teve início no final da década de 1960. Em consonância com a teologia da libertação, a conscientização e a organização social entre os pobres tornaram-se missões centrais.

"conflito de baixa intensidade"Estratégia dos EUA para combater guerrilheiros na América Central. Incluía privar os guerrilheiros de apoio, forçando civis rurais a entrar no que eram essencialmente campos de concentração.

Paulina LuisiA primeira mulher a receber um diploma de medicina no Uruguai (em 1909), ela também foi líder do movimento feminista do país e lutou para garantir o direito de voto às mulheres. Em 1922,

Ela tornou-se vice-presidente honorária da Conferência Pan-Americana de Mulheres realizada nos Estados Unidos.

Lula Luiz Inácio da Silva, também conhecido como “Lula”, foi presidente do Brasil de 2003 a 2011. Metalúrgico e líder sindical antes de fundar o Partido dos Trabalhadores (PT), ele venceu a presidência na quarta tentativa.

Bertha Lutz A principal feminista do Brasil, fundadora da Confederação Brasileira do Progresso Feminino (CBP), que desempenhou um papel fundamental na conquista do direito de voto pelas mulheres em 1932.

Joaquim Machado de Assis Amplamente considerado o maior escritor brasileiro do século XIX. Neto de escravos, tornou-se presidente da Academia Brasileira de Letras em 1897.

eleições gerenciadas Eleições, pelo menos em parte, manipuladas pelo governo para influenciar o resultado. Essas eleições eram um elemento comum da vida rural em toda a América Latina até meados do século XX. Gerenciar eleições urbanas é mais difícil e exige um governo especialmente poderoso (como o PRI do México).

Destino Manifesto Uma visão do crescimento territorial dos EUA em meados do século XIX. De acordo com essa visão, era "manifesto" (totalmente óbvio) que, segundo as leis da história, os Estados Unidos se expandiriam (e deveriam) até o Oceano Pacífico, ocupando terras indígenas e mexicanas pela força, se necessário.

maquiladora Uma fábrica de montagem que utiliza mão de obra barata, principalmente mulheres pobres, para montar peças importadas. Tarifas baixas facilitam a produção nas maquiladoras.

maras Gangues de rua violentas de Honduras, Guatemala e El Salvador que traficam drogas e são identificáveis por suas tatuagens características. Durante a recente queda na imigração para os Estados Unidos, as maras foram responsáveis por um aumento na chegada de jovens que fogem da violência das gangues na América Central.

marxismo Forma de socialismo científico criada por Karl Marx e Friedrich Engels, que tinha suas raízes em uma teoria materialista da história.

Maximiliano e Carlota Imperador e imperatriz do México, instalados pelas forças invasoras francesas em 1862. Maximiliano foi morto em 1865. Carlota conseguiu fugir de volta para a Europa, mas sofreu de insanidade pelo resto da vida.

Maias Civilização totalmente sedentária que governou grandes extensões da Mesoamérica; o território maia era composto por uma série de reinos, cada um construído em torno de centros rituais em vez de cidades.

Melchor Ocampo Político liberal que personificou o espírito anticlerical da Reforma Mexicana de meados do século XIX. Ocampo escandalizou a nação ao declarar que Deus não existia.

Rigoberta Menchú Uma mulher indígena maia da Guatemala que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1992 por expor a guerra suja do país. Sua história de vida foi publicada como *Eu, Rigoberta Menchú* (1984) e tornou-se leitura essencial para qualquer pessoa interessada nos "conflitos de baixa intensidade" da América Central.

MERCOSUL: uma zona de livre comércio inaugurada na década de 1990 pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Mestiço (Spa.): de raça mista, especialmente indígena americana e europeia. O equivalente português, *mestiço*, que muitas vezes se refere a uma mistura afro-europeia. (Para simplificar, apenas a versão em espanhol é usada no texto.) *Mestiçagem*, a forma substantiva, significa "mistura racial".)

Carmen Miranda Cantora, dançarina e atriz brasileira que acabou se tornando um ícone da beleza latina em Hollywood. Ela estrelou musicais com danças brasileiras e usava um icônico adereço de cabeça feito de frutas, derivado do kitsch afro-brasileiro do carnaval.

mita: um recrutamento forçado de mão de obra exigido pelo Império Inca e, após a conquista, pelos governantes coloniais espanhóis dos Andes. Mita colonial

Os trabalhadores deslocavam-se para trabalhar, sobretudo, nas minas de prata, sendo a mais famosa delas a de Potosí.

Bartolomé Mitre Primeiro presidente da Argentina unificada. Ele liderou com sucesso as forças de Buenos Aires contra a Confederação, unindo as duas regiões. Mitre (assim como seu colega Sarmiento) personifica o liberal intelectual do século XIX.

Moctezuma Líder do Império Asteca que perdeu o poder ao ser feito refém por Cortés durante a invasão de Tenochtitlán em 1521.

Doutrina Monroe Política externa americana (anunciada pela primeira vez pelo presidente dos EUA, James Monroe, em 1823) pela qual os Estados Unidos proclamavam que a Europa deveria "não interferir" no Hemisfério Ocidental, reservando-o para a influência americana. A doutrina foi raramente invocada até a expansão do poder naval dos EUA na década de 1890.

Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe Uma espécie de cláusula adicional proposta por Theodore Roosevelt em 1905, segundo a qual as forças armadas dos EUA funcionariam como uma espécie de polícia hemisférica na proteção dos interesses econômicos europeus e americanos.

Evo Morales Presidente da Bolívia eleito em 2006, o primeiro indígena a ocupar a presidência desse país de maioria indígena. Morales iniciou sua carreira política combatendo os esforços, inspirados pelos EUA, para erradicar o cultivo ancestral da coca no país.

Francisco Morazán Caudilho nascido em Honduras, cujas ligações com a França e convicções federalistas eram típicas dos liberais centro-americanos do início do século XIX.

José María Morelos Braço direito de Hidalgo e, posteriormente, o segundo maior líder da independência do México. Os objetivos de Morelos, assim como os de Hidalgo, eram verdadeiramente radicais. Ambos morreram bem antes do fim da luta.

Mães da Praça de MaioUm grupo de mães argentinas que conscientizou o público sobre a guerra suja travada pelos militares contra guerrilheiros durante a Guerra Fria. Elas conquistaram reconhecimento internacional por seus esforços.

Joaquim Nabuco: principal porta-voz abolicionista e liberal do Brasil na década de 1880.

NAFTAO Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) eliminou as barreiras comerciais em 1994 entre os Estados Unidos, o Canadá e o México, tornando a América do Norte a maior zona de livre comércio do mundo.

nacionalismoNacionalismo latino-americano: um movimento político (dominante em meados do século XX) que defende um Estado forte, o orgulho nacional e o desenvolvimento econômico. Os nacionalistas latino-americanos se opõem à influência externa "imperialista". Frequentemente, mas nem sempre, demonstram um compromisso genuíno com a defesa da maioria pobre.

nacionalismo mestiçoUma definição comum de identidades nacionais latino-americanas, fundada na noção de miscigenação. Essa definição tornou-se oficial em muitos países da América Latina em meados do século XX.

nativismoNativismo é uma atitude política que coloca todos os nativos contra os nascidos em outros lugares. As atitudes nativistas, promovidas pelos patriotas durante as guerras de independência, fizeram parte do desenvolvimento inicial do nacionalismo. O nativismo também pode ser uma atitude de preconceito contra imigrantes pobres, como na história da Argentina e dos Estados Unidos.

neocolonialismo: uma espécie informal de “colonização” por potências externas, associada na América Latina ao período de 1880 a 1930. Embora politicamente independentes durante esses anos, os países latino-americanos sofreram intervenções militares ocasionais, bem como uma forte influência econômica e cultural da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. Veja*pós-colonialismo*.

neoliberalismo Uma versão atualizada do liberalismo que varreu a América Latina na década de 1990, após o período de reação à Guerra Fria e regime militar.

Pablo Neruda Vencedor do Prêmio Nobel e um dos poetas mais populares da América Latina no século XX. Ele também viajou pelo mundo como diplomata a serviço do governo chileno e, em 1945, foi eleito senador pelo Partido Comunista do Chile.

"nova curva à esquerda" Uma tendência geral na política latino-americana, no alvorecer do século XXI, de afastamento das políticas neoliberais de supremacia do livre mercado, revivendo as tradições nacionalistas de meados do século XX.

oligarquia (Do grego, "governo de poucos"): um conjunto de famílias poderosas capazes de dominar um governo local, estadual ou nacional devido à sua influência social e econômica. Na América Latina, oligarquias de grandes latifundiários exerceram influência em muitos países entre 1880 e 1930, quando a alternativa mais comum era *ditadura*.

Pampas: um povo indígena não sedentário que, antes de desaparecer, deu nome aos campos férteis e bem irrigados da Argentina, ao sul da capital, Buenos Aires.

patriarcado: um princípio geral de superioridade masculina segundo o qual "os pais mandam", tanto nos lares quanto na sociedade em geral. Era mais proeminente nas sociedades espanholas e portuguesas do que nas sociedades indígenas antes do Encontro, mas o domínio colonial o implantou fortemente na América Latina.

patrocínio: a concessão de benefícios por uma pessoa mais rica ou mais poderosa, um patrono (*patrono* em espanhol, *patrão* (em português), para uma pessoa de posição inferior na hierarquia social. O mecenato é retribuído com lealdade e diversos serviços. Veja *clientes*.

Pedro IPedro foi o primeiro monarca do Império do Brasil independente, que se separou de Portugal em 1822. Nascido príncipe da dinastia Bragança, que governava Portugal, Pedro liderou a independência brasileira com o apoio de seu pai, o rei João de Portugal.

Pedro IIImperador do Brasil que ascendeu ao poder quando seu pai, Pedro I, foi deposto em 1831. Pedro exerceu seu poder considerável, porém limitado, com moderação e uma visão progressista. Foi exilado por um golpe militar em 1889, o que levou à instauração da Primeira República Brasileira.

Peninsular(Spa.): um espanhol residente no Novo Mundo durante o período da Independência. O conflito entre os peninsulares e os crioulos nativos tornou-se importante nessa época.

peãoPeão: um trabalhador agrícola que vive e trabalha em uma grande propriedade, como uma fazenda hispano-americana. Os peões não eram escravos, mas geralmente não tinham liberdade de movimento, estando vinculados à fazenda, às vezes por dívidas. A situação do peão é chamada de*servidão por dívidas*.

Juan e Eva PerónJuan Perón foi presidente da Argentina de 1946 a 1955, e chegou ao poder com o apoio massivo da classe trabalhadora industrial. Os trabalhadores permaneceram seus apoiadores mais leais durante toda a sua presidência. Ele fundou um movimento nacionalista duradouro chamado Peronismo. Sua esposa, Eva, uma ex-atriz, desempenhou um papel crucial em sua presidência e se tornou uma figura nacional por mérito próprio.

Gustavo Petro: um guerrilheiro urbano na juventude, foi eleito democraticamente o primeiro presidente socialista da Colômbia em 2022.

Francisco Pizarro: um conquistador espanhol que liderou a expedição que conquistou o Império Inca na década de 1530.

Unidade PopularA coligação de partidos de esquerda que garantiu a presidência do Chile para Salvador Allende em 1970. Allende foi

derrubado por um golpe de Estado apoiado pelos EUA em 1973.

populismo: um estilo de política voltado para as classes trabalhadoras e médias urbanas, que, juntas, compunham o*coligação populista*Com maior vigor nos anos que se seguiram a 1945, o populismo geralmente empregava temas nacionalistas e promovia o ISI (Insurgência Estatal Islâmica).

Porfiriato(Spa.): o longo período de governo de Porfirio Díaz no México, de 1876 a 1911, frequentemente citado como um exemplo primordial de neocolonialismo na América Latina. Díaz impôs um rígido controle político, incentivou o investimento europeu e estadunidense e conferiu especial influência a um grupo de pensadores positivistas chamados Científicos.

positivismo: uma filosofia social (associada especialmente ao pensador francês Auguste Comte) de grande influência na América Latina neocolonial. *Positivistas*Cultivou-se uma "ciência da sociedade", tendo o "Progresso" como elemento central. Na prática, o positivismo definiu seus supostos princípios científicos em termos altamente eurocêntricos. Um elemento do pensamento positivista, por exemplo, era o "racismo científico".

pós-colonialismoO efeito persistente da colonização anterior em nações que conquistaram sua independência formal. Na América Latina, a língua, as leis, a religião e as normas sociais implantadas pelos colonizadores espanhóis e portugueses permaneceram praticamente inalteradas entre 1825 e 1850, tornando os novos países politicamente independentes...*pós-colonial*Em termos culturais. Veja*neocolonialismo*.

PotosíPossivelmente a mina de prata mais produtiva da história do mundo, foi inaugurada (no que hoje é a Bolívia) na década de 1540.

Progresso: no sentido comum nos séculos XIX e XX (indicado no texto pelo uso de maiúsculas), *Progresso*Qualquer aplicação de tecnologia avançada, qualquer importação de cultura material europeia ou estadunidense, ou qualquer transformação que tornasse as sociedades latino-americanas mais semelhantes aos seus modelos europeus ou estadunidenses, era considerada progresso. Especialmente antes de 1930, o progresso era equiparado à civilização, o oposto da barbárie (um termo pejorativo para "barbárie").

Termo usado para rotular as culturas africanas e indígenas americanas como primitivas.

força por procuração Uma força militar que representa os interesses de um país que não está formalmente envolvido no conflito. *Contras* Os que atacaram a Nicarágua na década de 1980 são um exemplo notório de uma força interposta pelos EUA na América Latina.

quilombo (Porto: um assentamento onde escravos fugitivos viviam fora do controle dos proprietários de escravos brasileiros. O maior e mais famoso quilombo do Brasil foi Palmares. Tais assentamentos também existiram na região do Caribe, onde eram chamados de *palenques* (Espanha).

Reconquista da Península Ibérica: o processo pelo qual o Rei Fernando e a Rainha Isabel expulsaram os mouros da Espanha, concluído em 1492.

regência Regentes são aqueles que governam em nome de um monarca incapaz de governar pessoalmente por qualquer motivo, geralmente idade avançada ou doença. Os regentes governaram em nome do príncipe Pedro, ainda menor de idade, durante a década de 1830. Quando ele foi coroado Pedro I em 1840, a regência deixou de existir.

Pacto do Rio: uma aliança defensiva pan-americana permanente assinada em 1947. Ela perpetuou a aliança militar entre os EUA e a América Latina da Segunda Guerra Mundial e a estendeu para a Guerra Fria.

Diego Rivera: o mais importante dos muralistas revolucionários mexicanos que cobriram as paredes dos espaços públicos do México com representações da herança indígena do país em meados do século XX.

Oscar Romero Arcebispo de El Salvador que pregou a teologia da libertação depois que a causa anticomunista começou a perseguir padres e freiras. Ele foi assassinado em 1980 enquanto celebrava a missa.

João Manuel de Rosas Um caudilho que dominou a Argentina de 1829 a 1852. Ele era um fazendeiro da fronteira pecuária cujas milícias se provaram um recurso valioso durante seu governo, quando ele usou a violência.

Ele utilizou meios contra os oponentes, empregando imagens políticas e propaganda em massa para consolidar sua posição.

Manuela de RosasFilha do ditador argentino Juan Manuel de Rosas, que ajudou a gerir as relações públicas do regime do pai.

quinto real: um imposto de 20% que a Coroa Espanhola impôs sobre a mineração.

boom de borrachaO aumento da extração de látex natural na região amazônica no início do século XX gerou grande riqueza para os comerciantes, mas pouco para a população da região.

rurais(Spa.): a polícia nacional montada do México, fundada por Porfirio Díaz para impor a ordem no campo.

Sandinistas: revolucionários da FSLN (Frente Sandista de Liberación Nacional) que chegaram ao poder na Nicarágua em 1979.

José de San MartínGeneral argentino que criou um exército de patriotas argentino-chilenos que se tornou, juntamente com o de Bolívar, uma das forças militares mais importantes na luta pela independência da América do Sul.

Antonio López de Santa AnnaUm caudilho mexicano extravagante e herói de guerra, ele tomou o poder político em 1834 e se autoproclamou presidente diversas vezes ao longo de sua carreira de quase quarenta anos.

Domingo Faustino SarmientoUm dos liberais latino-americanos mais influentes do século XIX, ele trouxe modelos educacionais dos EUA para a Argentina e, em 1868, foi eleito presidente do país.

sedentárioPadrões de vida indígena que ocorriam com maior frequência em ambientes de altitude. Povos sedentários praticavam agricultura totalmente sustentável, o que permitia a criação de cidades e grandes e complexas comunidades sociais.

organizações. Em alguns casos — os astecas, incas e maias — povos sedentários construíram grandes impérios.

semi-sedentário Padrões de vida indígena típicos de ambientes florestais. Povos semissedentários praticavam agricultura itinerante e mudavam suas aldeias a cada poucos anos. Organizavam-se em tribos e clãs que raramente ultrapassavam alguns milhares de indivíduos. Exemplo: o povo tupi do Brasil (e também do Paraguai).

não sedentário Padrões de vida indígena típicos de pradarias, especialmente as áridas. Povos não sedentários dependiam da coleta e da caça para obter alimento. Eles se deslocavam constantemente e, portanto, suas organizações sociais eram simples. Exemplos: os Chichimecas do México e os Pampas da Argentina.

senhor de engenho ((Port.): literalmente, “senhor de um engenho”, referindo-se a um engenho para processamento de cana-de-açúcar. Os senhores de engenho, que também possuíam plantações de cana-de-açúcar, eram figuras dominantes na sociedade do Brasil colonial.

mineração de prata: a espinha dorsal da economia de exportação colonial hispano-americana, com os principais centros extrativistas no norte do México e no Peru.

Anastasio Somoza: governante autoritário da Nicarágua, deposto pelos sandinistas na década de 1970. A dinastia Somoza governava a Nicarágua desde que um Anastasio Somoza anterior foi colocado no poder por fuzileiros navais dos EUA na década de 1920.

Sor Juana Inés de la Cruz Uma freira mexicana do século XVII que se tornou uma das principais intelectuais de sua época. Ela acabou sendo silenciada por atividades consideradas impróprias para mulheres.

estado Em análise política, o termo "governo" refere-se ao conjunto de instituições que detêm o poder governamental, incluindo tribunais, escolas, burocracia, polícia e forças armadas. *estado* pode ser utilmente contrastado com o

nação, a identidade compartilhada (idealmente, mas nem sempre) sentida pelas pessoas que vivem dentro de um estado.

plantações de cana-de-açúcar: a espinha dorsal da economia de exportação do Brasil colonial, análoga ao cultivo da prata na América espanhola.

TenochtitlánA capital do Império Asteca. A cidade foi construída em ilhas pantanosas na margem oeste do Lago Texcoco, onde hoje se encontra a Cidade do México.

transculturaçãoA transculturação é a interação criativa entre duas culturas, resultando em uma nova cultura. A transculturação entre europeus, africanos e indígenas criou culturas latino-americanas distintas.

Guerra da Tríplice AliançaA maior guerra internacional da história da América do Sul, que opôs o Paraguai ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai, de 1865 a 1870.

Rafael TrujilloDitador pró-EUA da República Dominicana em meados do século XX, que, assim como Somoza na Nicarágua, foi colocado no poder por fuzileiros navais americanos.

Tupac Amaru II: um peruano que alegava descendência de governantes incas e que liderou uma rebelião indígena fracassada na década de 1780.

Tupamaros: guerrilheiros urbanos extravagantes do Uruguai nas décadas de 1960 e 1970.

Tupi, TupinambáPovo semissedentário, habitante das florestas, que ocupava grande parte do Brasil na época da chegada dos portugueses. Estritamente relacionado ao povo Guarani do Paraguai.

ultramontanismoUma orientação dentro do clero católico que enfatizava a lealdade ao papa acima da lealdade às autoridades reais ou nacionais. A ordem jesuíta era famosa por sua...*ultramontano*lealdade.

United Fruit CompanyImpério comercial de bananas dos EUA que consolidou operações anteriores na Bacia do Caribe, tornando-se uma das primeiras corporações multinacionais do mundo no início dos anos 1900.

Getúlio Vargas: governante do Brasil nas décadas de 1930, 1940 e 1950, cujas tendências nacionalistas, populistas e pró-trabalhistas dominaram a democracia brasileira até o século XXI.

vice-reinado: a maior subdivisão administrativa dos impérios espanhol e português na América, governada por um*vice-rei*que atuava no lugar do rei.

Pancho Villa: um revolucionário mexicano inicialmente baseado no norte, que liderou um exército de mineiros, trabalhadores ferroviários, ex-vaqueiros e trabalhadores de campos petrolíferos.

William WalkerCristão fundamentalista do Tennessee que tentou colonizar a Nicarágua para os Estados Unidos em meados do século XIX.

Emiliano ZapataGeneral revolucionário que liderou um exército de aldeões indígenas e se tornou um ícone da Revolução Mexicana.

AVANÇAR AGRADECIMENTOS

Desde a concepção original até a seleção final do título e da capa, o editor da WW Norton, Jon Durbin, teve um envolvimento intelectual ativo na primeira edição deste projeto em todas as etapas. Ele é, simplesmente, o cocriador deste livro. Karl Bakeman teve um papel semelhante na segunda edição. Jon Durbin voltou à equipe para a terceira edição. Desde então, ele me convenceu da necessidade de um livro de leitura complementar e ajudou a integrar mais recursos pedagógicos ao texto e ao material didático. Também sou grato pelos esforços de Allen Chen e Emma Freund, que ajudaram a gerenciar o manuscrito; Amla Sanghvi, que cuidou da pesquisa fotográfica; Michael Fauver, que atuou como editor do projeto; e Richard Bretan, que atuou como gerente de produção. Além disso, seis revisores contratados pela WW Norton contribuíram substancialmente para o manuscrito, graças tanto à sua especialização profissional quanto à sua compreensão geral do que constitui uma boa introdução à história da América Latina para leitores estadunidenses. Permitam-me, portanto, expressar minha gratidão a Peter Beattie, da Michigan State University; Lisa Pinley Cover, do College of Charleston; Alan Durston, da York University; Sarah Franklin, da Universidade do Norte do Alabama; Beau DJ Gaitors, da Universidade do Tennessee, Knoxville; Frank Guridy, da Universidade do Texas, Austin; Mark Healey, da Universidade da Califórnia, Berkeley; Cheryl Ana Jiménez Frei, da Universidade de Wisconsin, Eau Claire; Edward Murphy, da Universidade Estadual de Michigan; Juan J. Ponce Vázquez, da Universidade do Alabama; e Miriam Riggs, da Universidade Estadual da Califórnia, San Marcos. Sou grato também a todos os revisores que contribuíram para a elaboração da segunda edição do livro de leitura complementar.*Nascidos em Sangue e Fogo: Vozes Latino-Americanas*Marjon Ames, do North Carolina Wesleyan College; Patrick Barr, da Universidade de Ohio; Peter

Blanchard, da Universidade de Toronto; Sharika Crawford, da Academia Naval dos Estados Unidos; Steve DePasquale, do Kankakee Community College; Sarah Franklin, da Universidade do Norte do Alabama; Kevin Funk, da Universidade da Flórida; Susan Gauss, da Universidade de Albany; Steven M. George, do Columbus State Community College; Alistair Hattingh, da Universidade de Muskingum; Catherine LeGrand, da Universidade McGill; Tia Malkin-Fontechhio, da Universidade de West Chester; Jan McCauley, do SUNY Broome Community College; Marc McLeod, da Universidade de Seattle; Okezi Otovo, da Universidade Internacional da Flórida; Kim Richardson, da Universidade da Carolina do Sul, Lancaster; Heather Roller, da Universidade Colgate; Thomas Saylor, da Universidade Concordia; Kirsten Schultz, da Universidade Seton Hall; e Carolina Zumaglini, da Universidade Internacional da Flórida.

CRÉDITOS

Capítulo 1

Página xiv John Charles Chasteen.

Capítulo 2

Página 16 :Granger;**pág. 21** :Granger;**pág. 23** :Alexandra Draghici/ iStockphoto/Getty;**pág. 24** :Jeremy Horner/Corbis/Getty;**pág. 33** :Granger; **pág. 41** :Biblioteca Newberry;**pág. 50** :Recursos de álbuns/arte, NY.

Capítulo 3

Página 54 :DEA/G. Dagli Orti/Getty Images;**pág. 57** :Granger;**pág. 59** : Granger;**pág. 65** :DEA/M. Seemuller/Getty Images;**pág. 71** : Leemage/ Corbis/Getty;**pág. 73** :akg-images/Nicholas Saunders;**pág. 81** :iStock/ Getty Images Plus;**pág. 88** :DEA/G. DAGLI ORTI/Getty Images.

Capítulo 4

Página 96 : Arquivo Hulton/Getty Images;**pág. 98 :**Centro Schomburg, NYPL/ Recurso Artístico;**pág. 110 :**Coleção de Arte Ilustrada/Foto de arquivo da Alamy;**pág. 113 :**Niday Picture Library/Alamy Stock Photo;**pág. 118 :** Álbum/ Oronoz/Superstock;**pág. 119 :**fotostock/Alamy;**pág. 124 :** Imagens de livros antigos/Foto de arquivo da Alamy.

Capítulo 5

Página 128 :Coleção de Arte Ilustrada/Foto de arquivo da Alamy;**pág. 136** : Coleção de Arte Ilustrada/Foto de arquivo da Alamy;**pág. 138** :Everett Collection Inc./Alamy Stock Photo;**pág. 148** :Pecuaristas da região de Vélez. Tipografia branca [recurso eletrônico]: Província de Vélez/Carmelo Fernández. 1850 FC. Corográfica 134. Acervo da Biblioteca Nacional da Colômbia;**pág. 150** :Biblioteca Nacional do México/Bridgeman Images;**pág. 153** :agefotostock/Alamy Stock Photo.

Capítulo 6

Página 162 :Prisma Archivo/Alamy Stock Photo;**pág. 165** : Bettman/Corbis/Getty Images;**pág. 166** :Granger;**pág. 177** :Hi-Story/Alamy Stock Photo;**pág. 188** :Foto 12/Alamy Stock Photo.

Capítulo 7

Página 194 :Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias;**pág. 198** :Arquivos de imagens North Wind/Alamy;**pág. 201** :Coleção de História/ Foto de arquivo da Alamy;**pág. 204** :Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias;**pág. 207** :Hum Images/Alamy Stock Photo; **pág. 214** :Arquivo Geral da Nação, Dpto. Doutor. Fotográficos, Argentina;**pág. 218** :Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias;**pág. 222** :Corbis/Getty Images;**pág. 225** :© NPL – DEA Picture Library/Bridgeman Images;**pág. 230** :Icom Images/Alamy Stock Photo.

Capítulo 8

Página 236 :© 2023 Banco de México Diego Rivera Frida Kahlo Museums Trust, México, DF/Artists Rights Society (ARS), NY. Foto: Schalkwijk/Art Resource, NY;**pág. 241 :**Coleção de Arte Ilustrada/Foto de arquivo da Alamy;**pág. 242 :**© 2023 Artists Rights Society (ARS), NY/AUTVIS, São Paulo. Foto: © NPL – DEA Picture Library/Bridgeman Images;**pág. 245 (principal) :** © 2023 Banco de México Diego Rivera Frida Kahlo Museums Trust, Cidade do México/Artists Rights Society (ARS), Nova Iorque. Foto: The Photo Source/Superstock;**pág. 245 (fundo) :**© 2023 Banco de México Diego Rivera Frida Kahlo Museums Trust, México, DF/Artists Rights Society (ARS), NY. Foto: Schalkwijk/Art Resource, NY;**pág. 251 :**Museu de Arte de Lima. ARQUI. Arquivo Digital de Arte Peruano, Peru;**pág. 258 :**Leonard Mccombe/ The Life Picture Collection/Shutterstock;**pág. 267 :**Edelmiro Franco/ Notimex/Newscom.

Capítulo 9

Página 270 **:**Lester Cole/Corbis/Getty Images;**pág. 272** **:**Granger;**pág. 276** **:**Keystone-France/Gamma-Keystone via Getty Images;**pág. 283** **:** Paul Schutzer/The Life Picture Collection/Shutterstock;**pág. 291** **:** Popper Foto/ Getty Images;**pág. 294** **:**Associated Press;**pág. 298** **:** Cristiane Mattos/ Reuters/Redux.

Capítulo 10

Página 302 :Associated Press;**pág. 306** :Daily Express/Fotos de arquivo/ Getty Images;**pág. 318** :Associated Press;**pág. 319** :Associated Press;**pág. 327** :Bettmann/Corbis/Getty;**pág. 330** :NurPhoto SRL/Alamy Stock Photo.

Capítulo 11

Página 336 :Mariana Bazo/Reuters/Redux;**pág. 351** :Federico Rios/The New York Times/Redux;**pág. 354** :Reuters/Alamy Stock Photo;**pág. 360** : Douglas Magno/AFP/Getty Images;**pág. 361** :Michael Harvey/Panos Pictures;**pág. 364** :Steve Schapiro/Corbis/Getty Images;**pág. 366** :Getty Images;**pág. 367** :John Lamparski/Sipa EUA/Newscom.

ÍNDICE

Nota: Os números de página em itálico indicam figuras.

abolicionistas,187

Acapulco, México,62

aculturação, resistência a,357

governos ativistas,253–65

África,22–23 ,26 ,*27* ,29 ,34–38 ,221

atividade de cruzada em,28

escravidão em,35

cultura africana,74

Ritmos africanos,240

transculturação e,69–70

Herança africana,3–4 ,257 ,259

religião africana,67–68

transculturação e,70

Religião da África Ocidental,358

Africanos,9

Cristianização de,36 ,64 ,68

escravizados,9 ,25 ,34–38 ,39 ,52 ,53 ,74 ,79 ,83 ,146 ,186 (*Veja também* escravidão)

Dança afro-brasileira,257 ,259 ,263 ,358

Estudos afro-brasileiros,257 ,259

Música afro-cubana,147

Poesia afro-cubana,240

capitalismo agrário,196 ,203

agricultura,18–19 ,20

produtos agrícolas,343

no México,197

“agricultura itinerante”,19

“corte e queima”19

agricultura de subsistência,146 ,199

agronomia,205

Aguinaldo, Emílio,*194*

o Álamo,161

Alberdi, Juan Bautista,180–81 ,182

Alegria, Ciro,240–41 ,250

Aleijandinho,82 ,246

Afonso, o Sábio,25

Allende, Salvador,315 ,317 ,318 ,349

Aliança de Libertação Nacional (ALN) (Brasil),256

Aliança para o Progresso,305 ,315 ,325

Alpes,169

Altamirano, Ignacio Manuel,207

Álvarez, Juan,170

Amado, Jorge,260

religião amazônica,67–68

floresta tropical amazônica,19 ,80 ,201–2 ,310

biodiversidade de,360–61

desmatamento de,346

destruição de,346 ,359–62 ,*361*

indústrias extrativas e,362

perfuração de petróleo em,360

pessoas semissedentárias em,61

colonos em,361–62

Americanização,359 ,362–63

Americanos,109 ,111 ,115 ,121 ,122 ,147 ,237

Revolução Americana,10

terras altas andinas,78–79 ,160 ,331

Repúblicas andinas,348

Andinos,106

Andes,22 ,47 ,77 ,94–95 ,288

durante os anos de crise do início da década de 1810,106–7

deslocamento de camponeses indígenas em,199

Povos indígenas em,199 ,356–57

massa em,*298*

Mestizonacionalismo em,356–57

mineração em,56–57 ,200–201

forças monarquistas espanholas em,114

Andrade, Oswald de,259–60

Manifesto Canibal,260

Anecuilco,243

Anglo-texanos,161

Angola,38

Língua angolana,75

anticlericalismo,169–70 ,215 ,244

anticomunismo,281–82 ,287–89 ,295 ,296 ,303–8 ,312 ,319 ,320 , 352

na América Central,321–22

Em El Salvador,325 ,326–28

na Guatemala,321–22

na Nicarágua,323–24

Estados Unidos e,287–89

iniciativas anti-imigração,363 ,*364* ,365 ,367

anti-imperialismo,268 ,289 ,295 ,347

Antilhas,78

Antônio, o Conselheiro,213

APRA,268

Arábia,29

Árabe,25

Aragão,26

Araucanos,78 ,174

Povo Arawak,39 ,56

Arbenz, Jacobo,284 ,285 ,288 ,321

arcebispos,58

arquitetura,205

Arévalo, Juan José,282 ,284

Argentina,2 ,3 ,4 ,46 ,58 ,77 ,122 ,141 ,149 ,235

rebelião anti-espanhola em,103 ,107–9

exportações de carne bovina de,199

Igreja Católica em,277

liderança caudilho em,135–37

China e,353

cinema em,227

Guerra Fria e,312

Crioulos em,107–9

ditaduras em,317 ,320

“guerra suja” em,302 ,312 ,324

implosão econômica em 2001,344

educação em,183

fim do regime militar em,320

Eurocentrismo em,149 ,180–84

Imigração europeia para,180–81 ,231–32

exportações de,197 ,199 ,215 ,216

movimento feminista em,216

dívida externa de,344

Grã-Bretanha e,219 ,223 ,320

movimentos de guerrilha em,324

violações dos direitos humanos em,313–14

hiperinflação e,340

imigração para,180–81

industrialização e,263 ,277

ISI e,254

Imigrantes italianos em,199 ,200

liberalismo e,180–84

alfabetização em,205

movimentos revolucionários marxistas em,313

MERCOSUL e,340

migrantes para,368

regime militar em,312–14 ,317 ,320

Mães da Praça de Maio em,*302*

nacionalismo em,247 ,248–49 ,260 ,263–64 ,275–77

nacionalização em,277

neoliberalismo em,338

neutralidade na Primeira Guerra Mundial,249

“nova curva à esquerda” em,349

pessoas não sedentárias em,18

OEA e,281

trabalho organizado em,249

juntas patriotas em,108–9

rebeldes patriotas em,114 ,115

Movimento peronista em,338 ,349 (*Veja também*Movimento peronista)

crescimento populacional em,271

populismo em,269 ,275–77

revolucionários em,312–13

Rosistas dentro,135–37

“Semana Trágica” de 1919,249

Guerra da Tríplice Aliança de 1865-70 e,184–85 ,192

Estados Unidos e,262 ,277

guerrilheiros urbanos em,312

produção de trigo em,199

mulheres em,152–53 ,178–79

Segunda Guerra Mundial e,262

Confederação Argentina,182

Literatura argentina,286–87

militares argentinos,312–14

Arizona,161

forças armadas,*306* .*Veja também*militarização; regime militar;*militares específicos*

modernização de,133 ,209

pós-Segunda Guerra Mundial,304–8

violência cometida por,307

arte,207 ,*236* ,246–47 ,295–96 .*Veja também*cinema; literatura;*artistas específicos*

Indígena,*251*

Marxismo e,305 ,307

nacionalismo e,259–60 ,263–64

resistência ao neocolonialismo em,*225* ,226–27

revolução e,295

artesãos,74

Ásia,5 ,62 ,221 .*Veja também países e regiões específicos.*

assimilacionismo,257

Astúrias, Miguel Ángel,240–41

asilo,366 ,*366*

Deserto do Atacama,192 ,193

Atahualpa,40 ,42 ,43

Austrália,219

Imigrantes austríacos,232

autoritarismo,121 ,142 ,208–16 ,308 ,309–15 ,318 ,319 ,320 , 346

autoridade, religião e,63–65 ,*64*

Avellaneda, Gertrudis Gómez de,176–78

Avenida de Mayo,*204*

Ayacucho, batalha de,117

Aymara,3 ,75 ,120 ,347 ,355

Império Asteca,20 ,22 ,38–43 ,*41* ,43 ,44 ,45

colapso de,40

queda de,38–43

ouro e,56

história de,51

Cidades-estado de língua náuatle em,43

religião asteca,70

Azurduy, Juana,120

bachata,363

Bachelet, Michelle,348–49

Bahia, Brasil,32 ,70 ,82 ,94 ,150 ,358

Conspiração baiana de escravos de 1835,150

bambucos,147

empresas bananeiras,202–3 ,252

plantações de banana,252

“repúblicas de bananas”202

bananas,195 ,197 ,202 ,216 ,281 ,284–85

bandeirantes,79 ,80 ,82

Barbados,146

barbárie versus civilização,213

Bárbula, Venezuela,*110*

Barricada,325

Bastidas, Micaela,120

Batista, Fulgencio,253 ,265 ,289 ,290

Batlle y Ordóñez, José,247–48 ,249 ,314

Batllismo,247–48 ,254

Baía de Todos os Santos, Brasil,32 ,58

Baía dos Porcos,292

Beatles,307

carne bovina,195 ,199

Bell, Alexander Graham,186

Beltrán, Manuela,118 ,120

Belzú, Manuel Isidro,178

Beveridge, Alfred J.,224

Peste Negra,44

apagões,265

Negros,121 ,155 .*Veja também*africanos

Negros livres,74 ,185

nos Estados Unidos,208

Conselho de Consciência,36

Bocanegra de Lazo de la Vega, María Gertrudis,120

Bogotá, Colômbia,2 ,3 ,72 ,115 ,173 ,203 ,215–16, 271 ,289

o*Bogotázo*,268

Bolivans,363

Bolívar, Simón,96 ,*110* ,115 ,117 ,121 ,137 ,139 ,173 ,333 ,350–51

Bolívia,3 ,122 ,192 ,197 ,294

Constituição de 2009,347

floresta tropical amazônica em,359

A missão de Che Guevara era,293 ,295

Partido Comunista em,285

política de “engajamento construtivo” e,286

durante os anos de crise do início da década de 1810,107

fim do regime militar em,320

exportações de,197

Movimento pela independência em,120

Povos indígenas em,285 ,347

ISI e,254

Mestizonacionalismo e,356

classe média em,285–86

migrantes de,368

mineração em,200 ,285

nacionalismo em,285–86

“nova curva à esquerda” em,347–48

Estados Unidos e,285–86

Guerra do Pacífico e,192–93

Bolsonaro, Jair,345–46 ,349

títulos, longo prazo,339

Bonpland, Aimé,140

Literatura do “boom”,307

Borges, Jorge Luis,286–87

Boric, Gabriel,349–50

Dinastia Bourbon,83

Reformas Bourbon,83 ,85–86 ,93

Família real Bragança,112–13

Brasília, Brasil,278

Brasil,2 ,3 ,4 ,44 ,100 ,133 ,273 ,338 ,347

Herança africana e,257 ,259

floresta tropical amazônica em,359 ,360

ressentimento anti-português em,144

exército em,142

assimilacionismo em,257

tentou revolução liberal em,112

cacau em,212

Candomblé em,358

Catolicismo em,70 ,141

pecuaristas em,212

China e,353

cinema em,307

café e,146 ,199–200 ,212 ,255–56 ,311–12

Guerra Fria e,309–12

colapso da monarquia de,187 ,189

em comparação com as colônias espanholas,61

constitucionalismo em,310

contraexemplo de,29–34

Pandemia de COVID-19 e,346

dívida e,311 ,339 ,345

socialismo democrático em,344–45 ,346

ditaduras em,310 ,328

caminho diferente da América espanhola,141–45

“milagre” econômico em,310–11

sistema eleitoral em,212

elites em,142 ,145 ,186

Estado Novo em,256–59 ,260 ,269

Imigração europeia para,231 ,233 ,257

exportações de,146 ,197 ,199–200 ,212 ,215 ,255–56 ,263 ,311–12

bolsa de estudos familiar em,352

movimentos feministas em,217

estrangeiros em,111

livre comércio,111

Conspirações “ao estilo francês” em,94

corrida do ouro em,82 ,83

hierarquia em,144–45

violações dos direitos humanos em,310

hiperinflação e,340

imigração em,257

movimento de independência em,97 ,111–14

industrialização e,263 ,310–12

ISI e,254–55

Imigrantes italianos em,199–200

Imigração japonesa para,234

classe proprietária de terras em,309

liberalismo e,142 ,144–45 ,184–87

alfabetização em,205

“eleições gerenciadas” em,212

exportações manufaturadas de,311–12

MERCOSUL e,340

*mestiçagem*e,356

classe média em,311

migrantes para,368

regime militar em,309–12 ,328

mineração em,82–83

moradores mestiços do interior,239

nacionalismo e,255–59 ,260 ,263 ,273 ,277–78 ,309–12 ,346

nativismo em,144–45

neoliberalismo em,338

Novo cinema em,307

“nova curva à esquerda” em,344–45

pessoas não sedentárias em,28–29

OEA e,281

oligarquias em,212

rebeldes patriotas em,112

plantações em,142

crescimento populacional em,271

populismo em,269 ,275 ,277–78 ,345–46

Portugal e,28–34 ,144

Colonização portuguesa de,28–34

Progresso e,186–87 ,189 ,212–16

Protestantismo em,358

anos da regência,144–45

religião em,141 ,213

manifesto republicano em,186–87

resistência ao progresso em,212–15

retenção de instituições coloniais em,141–45

barões da borracha em,212

borracha de,201 ,202

pessoas semissedentárias em,28–29 ,47

favelas em,272–73 ,*272*

escravidão em,34 ,*128* ,131 ,142 ,146 ,150 ,185 ,186

escravos em,145

ataques em,312

cultivo de cana-de-açúcar em,31–32 ,34 ,44

usinas de açúcar em,59 ,*59* ,60

plantações de cana-de-açúcar em,58–62 ,72 ,74 ,212

refinarias de açúcar em,200

produção de tabaco em,200

comércio com os britânicos,125

tradicionalismo em,141–42

Guerra da Tríplice Aliança de 1865-70 e,184–85 ,186 ,192

Umbanda em,358

Estados Unidos e,262–63

guerrilheiros urbanos em,310

Visitantes dos EUA para,126

amas de leite em,126

mulheres em,151–52

classe trabalhadora em,309

Segunda Guerra Mundial e,262–63

iniciativa “fome zero” em,345

Academia Brasileira de Letras,207

dança brasileira,257 ,259

Federação Brasileira para o Progresso Feminino,217

Literatura brasileira,259–60 ,269

Militares brasileiros, na Segunda Guerra Mundial,309

monarquia brasileira, colapso da,187 ,189

Música brasileira,259

Assembleia Nacional do Brasil,145

Partido Brasileiro,112–14

República do Brasil,212

Brasileiros, nos Estados Unidos,363

Partido dos Trabalhadores Brasileiros,278

árvore “pau-brasil”,30

árvores de pau-brasil,30

capitalistas britânicos,160

Colonizadores britânicos, na África Ocidental,38

Império Britânico,219

Imigrantes britânicos,232

Índia Britânica, *198*

Companhias petrolíferas britânicas, expropriação de, 261–62

companhias ferroviárias britânicas, 277

Comerciantes britânicos, 132, 133

Brocos e Gomez, Modesto, *241*

"vaqueiros," 78

Buenos Aires, Argentina, 2, 58, 72, 77, 108, 179, 181–82, 195, 199, 216, 230, 275–76, *276*, 287

Avenida de Mayo, *204*

Conventillo em, *230*

Imigração europeia para, 231–32

industrialização e, 254

modernização de, 203, *204*

Mães da Praça de Maio, *302*

crescimento populacional em, 271

população de, 203

Bulnes, Manuel, 174

Bunke, Tamara (Tania), 294–95

burocracias, 209, 343

"autoritarismo burocrático" 308, 309–15, 318, 320

burocracia estatal,338–39

sistemas de ônibus de trânsito rápido,5

poder de compra,3

Cabeza de Vaca,18

cabildos abiertos,103 ,108

Cabral, Pedro Álvares,29

cacau,79 ,93 ,195 ,197 ,212

caciques,44 ,44 *n*

Cádiz, Espanha,103

Calderón de la Barca, Frances,126

Califórnia,161

Cambionianos,62

Caminha, Pero Vaz de,29–30 ,45

Canadá,219

Candomblé,358

Imigrantes cantoneses,234

Canudos, Brasil,213

fluxos de capital, desregulamentação de,339

bens de capital,274

capitalismo,10 ,14 ,145 ,221 ,288 ,338 ,344 ,352 ,362

agrário,196 ,203

ascensão de,337–38

devastação ambiental e,359

livre mercado,9 ,10 ,281 ,338–39 ,344

global,281 ,362 (*Veja também* globalização)

expansão pós-Guerra Fria de,343

capoeira,358

Capone, Al,333

Caracas, Venezuela,108 ,115 ,271 ,*283* ,347

Cárdenas, Lázaro,260–61 ,264 ,269 ,343

Cardoso, Fernando Henrique,338

o Caribe,3 ,39 ,40 ,77 ,78 ,160 .*Veja também países específicos*

bananas de,202

Catolicismo em,70

produção de café em,200

africanos escravizados em,34

Francês,240

nacionalismo em,265

Movimento da Negritude,240

cultivo de cana-de-açúcar em,31

refinarias de açúcar em,200

Estados Unidos e,221 ,223 ,224–25 ,265

Carlos IV,99 ,101

Carlota, Imperatriz,173

Carnaval,66

Carpentier, Alejo,240–41

Carrera, Rafael,139–40 ,175

Carter, Jimmy,317 ,324

cartagineses,25

Caruso, Enrico,202

Casa das Américas,296

pinturas de castas,*88* ,89

sistema de castas,87–88 ,89 ,131 ,155

Guerra de Castas de Yucatán,149–50

Castela,26

Castro, Domitila de (Marqueza de Santos),151–52

Castro, Eugenia,154

Castro, Fidel,226 ,270 ,289–92 ,*291* ,294 ,319 ,351

Castro, Raúl,289 ,319

Igreja católica,167 ,180 ,261 .*Veja também*catolicismo

na Argentina,277

no Chile,174

na Colômbia,216

Em El Salvador,326

teologia da libertação e,298–301

movimentos revolucionários marxistas e,307

no México,167 ,169–70 ,244 ,332

Semana Santa Católica,248

Catolicismo,2 ,7 ,12 ,45–47 ,51 ,53 ,54 ,68 ,126 ,131 ,140 ,224 , 358 ,359

no brasil,70 ,141

no Caribe,70

hegemonia cultural e,64–66

hierarquia masculina e,66

no México,70 ,173

patriarcado e,66

vs. Progresso,169

transculturação e,70

monarcas católicos,26 ,28 ,64

Católicos,28

Catt, Carrie Chapman,217

gado,78–79

liderança caudilha,134–41 ,*136* ,151 ,208

na Colômbia,173

contenção de,211

na Guatemala,175

no México,170

no Uruguai,248

telefones celulares,6

teoria centro-periferia,14 ,275

América Central,39 ,141 ,160 .*Veja também países específicos*

na década de 1980,*321*

anticomunismo em,321–22

bananas de,202

liderança caudilho em,139–40

produção de café em,200

exportações de,321

imigração de,6 ,365–66

Povos indígenas em,356–57

ISI e,321

últimas batalhas da Guerra Fria em,320–28

excluídos da industrialização,264

liberalismo em,173 ,175

Mestizonacionalismo em,356–57

nacionalismo em,265 ,321 ,356–57

oligarquias em,264 ,321

Progresso em,175–76

Estados Unidos e,223 ,265

Agência Central de Inteligência (CIA),282 ,284 ,292 ,315 ,317

centralistas,141

Central*Junta*,102

cerimônias,72

Guerra do Chaco,192

Chamorro, Joaquín,323

Chamorro, Violeta,324 ,325

mudar,4

Chávez, Hugo,346–47

Che Guevara, Ernesto,8

Cherokee,355

Baía de Chesapeake, áreas originais de,59 ,61

Chiapas, México,331–32

Garotos de Chicago,340

Chihuahua, México,243

Chile,2 ,3 ,46 ,77–78 ,109 ,*118* ,179 ,180 ,181 ,182–83 ,192

Igreja Católica em,174

China e,353

CIA e,315 ,317

Guerra Fria e,317

Partido Comunista em,315

conservadorismo em,174–75

indústria de cobre em,315 ,317

golpe em,317–18 ,*318*

democracia em,315

ditadura em,315 ,317–18 ,328 ,340 ,342

reformas econômicas em,340 ,342

educação em,183

exportações de,197

Imigrantes alemães em,234

violações dos direitos humanos em,317–18

Povos indígenas em,*201*

ISI e, 254

liberalismo em, 173 , 174–75

regime militar em, 317–18 , 328

mineração em, 197 , 200

nacionalismo em, 252

nacionalização em, 315

neoliberalismo e, 340 , 342

“nova curva à esquerda” em, 348–49

rebeldes patriotas em, 117

Progresso em, 174–75

Protestantismo em, 358

liberdade religiosa em, 174

social-democratas em, 349–50

“República Socialista” de treze dias em, 252

Estados Unidos e, 262

Departamento de Estado dos EUA e, 315 , 317–18

Guerra do Pacífico e, 192–93 , *193*

desigualdade de riqueza em, 342

Segunda Guerra Mundial e, 262

Exército chileno, 317–18

música folclórica chilena,295

Literatura chilena,264 ,286

pimentas malagueta,62

China,5 ,29 ,62 ,281 ,293 ,309 ,343

Argentina e,353

Brasil e,353

Chile e,353

liberalização de,337

Peru e,353

ascensão de,352 ,353

negociar com,353–54 ,*354*

Venezuela e,353

“Galeões da China”62

chinampas,20

Imigração chinesa,234

chinganas,*118*

Cholula,40

Cristandade.*Veja também*Catolicismo; Protestantismo

evangélico,7 ,358

Marxismo e,300

Cristianização,36 ,47 ,64 ,68

Reis cristãos,25

Chuquisaca, Bolívia,120

sacramentos da igreja,66

conflitos entre Igreja e Estado,131

Científicos,211

Cinco de Mayo,211

cidades

Povos indígenas em,72 ,74

Mestiço*s*em,72 ,74

transculturação e,70 ,72–73

cidadania

igualdade e,121–22

raça e,131

vida na cidade, educação e,205

Ciudad Juárez, México,366

conflitos civis,*153* ,209

Civilização,150–51 ,155–56 ,159 ,174 ,213 ,219

liberdades civis,308

aula,3 ,6 ,7–8 ,14 ,149 ,155 ,196 .*Veja também*castas;*classes específicas*

consciência de classe,8

Definindo e medindo,342

hierarquias de,128

liberalismo clássico,9–10

clima,2–3

mudanças climáticas, migração latino-americana e,368

Cochabamba, Bolívia,120

café,142 ,146 ,187 ,195 ,196 ,197 ,200 ,281

no brasil,199–200 ,212 ,255–56 ,311–12

na Colômbia,216

Em El Salvador,264–65 ,325

queda de preços durante a Grande Depressão,255–56

na Guatemala,264 ,284

Guerra fria,4 ,5 ,8–9 ,14 ,267 ,302–35 ,*306*

Argentina e,312

Brasil e,309–12

América Central e,320–28

Chile e,317

Cuba e,290 ,292

El Salvador e,325 ,326–28